



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

**Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares:
proposta de etiquetagem em marcação dupla**

São José do Rio Preto - SP

2022

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

**Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares:
proposta de etiquetagem em marcação dupla**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto. (Área de Concentração: Linguística Aplicada).

Agência Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Zavaglia

**São José do Rio Preto / SP
2022**

B547m	Bertonha, Fábio Henrique de Carvalho Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares : proposta de etiquetagem em marcação dupla / Fábio Henrique de Carvalho Bertonha. -- São José do Rio Preto, 2023 333 p. : il., tabs., fotos Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientadora: Claudia Zavaglia 1. Metalexiconografia. 2. Marcas de uso. 3. Dicionários escolares. 4. Marcação dupla. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

**Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares:
proposta de etiquetagem em marcação dupla**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto. (Área de Concentração: Linguística Aplicada).

Agência Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Claudia Zavaglia (orientadora)
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Michelle Machado de Oliveira Vilarinho
UnB – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

São José do Rio Preto / SP
02 de setembro de 2022

À minha esposa, Vanessa,
À minha filhinha, Maria Giulia,
À minha mãe, Cidinha,
mulheres da minha vida que têm me dado ânimo para seguir adiante.

Ao meu pai, Celso (*in memoriam*), e a meu avô, Alberto (*in memoriam*),
Às minhas saudosas avós, vó Odete e vó Dita (*in memoriam*),
cuja luz e alegria agora são eternas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter permitido e me dado condições para aproveitar as oportunidades que têm passado pela minha vida.

À minha família, meu irmão, Gustavo, meu(s) sogro(a), tio(a)(s), primo(a)(s), pelas lições de vida, e sobretudo, por me ensinarem a não desistir diante das dificuldades.

Particularmente, à minha mãe, Maria Aparecida, carinhosamente conhecida por Cidinha, pelo apoio incondicional. À minha avó, Catarina (D. Odete, *in memoriam*), que viu minha alegria ao entrar na pós-graduação, mas, infelizmente, deixou-nos antes de ver a conclusão dessa etapa, onde quer que ela esteja, sei que está feliz por mim. Ao meu pai, Celso (*in memoriam*) apesar de nem ter me visto entrar na faculdade, sempre soube do meu gosto pelos estudos e por isso sempre me incentivou a continuar me esforçando e acreditando; também sei que onde estiver, torce por mim... saudades infinitas!

À minha esposa, Vanessa, quero agradecer pela compreensão e paciência, principalmente, nos meus vários momentos de ausência devido a viagens acadêmico-científicas e também pelo isolamento, por vezes, em casa, para a escrita da tese, em muitas madrugadas em claro. Ela sempre me apoiou, incentivando-me a seguir em frente.

À minha filhinha, Maria Giulia, uma grata surpresa que Deus me proporcionou no meio desse meu percurso. Com ela, meus dias são ressignificados, são mais coloridos e felizes.

Meus mais sinceros e profundos agradecimentos à minha orientadora, Profa. Dra. Claudia Zavaglia, pela paciência e pelas palavras de incentivo, sempre certas, sem as quais eu não teria alcançado meu modesto conhecimento acadêmico-científico. Suas orientações, direcionamentos e apoio foram imprescindíveis durante todo o período do doutorado, resultando, finalmente, na construção desta tese. Desde 2008, quando eu frequentava o segundo ano da graduação, ela vem me orientando pelas trilhas das Ciências do Léxico, sobretudo ensinando-me as especificidades da Lexicografia. Pela sua dedicação e comprometimento, a Claudia segue sendo minha inspiração como profissional. Considero que ela tenha suscitado muito de todo o esforço científico que investi para concretizar minha pesquisa de doutorado, passo mais importante na minha carreira profissional.

Serei eternamente grato às Profas. Dras. Angélica Simão e Maria Angélica Deângeli, pelos conselhos acadêmicos ao longo desses anos de pesquisa.

Aos gentis Prof(a)s. Dr(a)s. Margarita Correia (*Universidade de Lisboa*), Maria C. Parreira (Unesp-Ibilce), Angélica Simão (Unesp-Ibilce), Michelle Vilarinho (UnB), Celina Abbade (UNEB), Renato Rodrigues (UFMS), Márcio Santiago (UFRN) e Aderlande Ferraz (UFMG), pelos comentários, pelas correções, pela leitura atenta e contribuição para com este trabalho.

Aos professores do Programa de Estudos Linguísticos da Unesp-Ibilce (Edson Rosa, Douglas Consolo, Érika de Moraes, Lauro Amorim, Vivian Orsi, Angélica Simão, Maria C. Parreira e Claudia Zavaglia), da Unicamp (Sheila Oliveira e José Horta) e do Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Unesp-

Araraquara (Odair Nadin, Regiani Zacarias e seus professores convidados, Ligeia Lugli, da *University of London*, Renato Rodrigues, da UFMS, María Teresa Fuentes, da *Universidad de Salamanca*), com quem tive a oportunidade de ter aulas, de ser guiado, de refletir e de criticar, minha gratidão pelo encorajamento, pelas ideias frescas, pela contribuição à minha formação.

Aos funcionários da seção de pós-graduação e da biblioteca, agradeço a paciência e a disponibilidade para esclarecer diversas dúvidas.

Aos colegas do Programa, sou grato pelo clima de solidariedade entre todos, mantendo um diálogo constante e promissor. Em particular, à Karina Rodrigues, uma amiga-irmã que a vida me presenteou, que participa da minha caminhada bem de perto, que sempre me inspirou e me motivou com suas palavras e seu acolhimento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, à qual agradeço imensamente, pois seu apoio financeiro permitiu dedicar-me à realização deste trabalho e, sem o qual, não teria sido possível.

RESUMO

Um aspecto que diferencia os dicionários escolares de outras obras dicionarísticas corresponde ao seu caráter pedagógico. Logo, a ocorrência de contextualização nos verbetes é muito produtora para seus consulentes, uma vez que coloca em evidência o uso das palavras-entrada. É por meio do registro de marcas de uso na microestrutura dos dicionários que o emprego de suas unidades lexicográficas é ressaltado, por exemplo, em termos de localização espaço-temporal, além de seus níveis sociais e de registro. Essas indicações sobre a restrição ou ressalva de um uso específico de determinada unidade, ou de sua acepção, ocorrem em razão de suas características particularmente culturais, compartilhadas por seus falantes nativos. À vista disso, este trabalho se concentra em uma perspectiva analítico-reflexiva sobre oito dicionários escolares inseridos no *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), mais precisamente na ramificação intitulada *PNLD 2012: Dicionários*, subdividida em quatro grupos de dicionários voltados ao Ensino Fundamental e Médio. Desse agrupamento, interessou-nos examinar as marcas de uso em acepções dos dicionários do Tipo 2, 3 e 4, quais sejam: (i) Tipo 2 – *Fala Brasil!* (BRAGA; MAGALHÃES, 2011), *Aurélio* (FERREIRA, 2008), *Palavrinha Viva* (BORBA, 2011) e *Biderman* (2009); (ii) Tipo 3 – *Saraiva Jovem* (2010) e *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011); (iii) Tipo 4 – *Novíssimo Aulete Lexicon* (GEIGER, 2011) e *Dicionário Houaiss Conciso* (VILLAR, 2011). Nosso objeto de pesquisa (marcas de uso) nas obras escolares foi comparado em seis dicionários de língua geral, a saber: *Michaelis* (1998), *Dicionário Unesp* (BORBA et al., 2004), *Aurélio* (FERREIRA, 2010), *Houaiss* (2009), *Caldas Aulete* (2021) e *Houaiss* (2021). Baseando em Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004), Pontes (2008; 2009) e Gutiérrez Cuadrado (2011), investigamos como as marcas de uso estão registradas nesses dicionários, examinando como estão inseridas nos verbetes em que figuram, assim, analisamos as marcas de uso (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004) distribuídas na microestrutura de 55 unidades léxicas existentes nesse *corpus*, coletadas manualmente. Como resultado, constatamos a ausência de uma padronização metodológica em relação à escolha de uma etiqueta em detrimento a outra na inserção da marcação desses lemas, essa não sistematização gera controvérsias acerca dos significados de uma mesma unidade lexicográfica nas diferentes obras consultadas. Em vista dessa constatação, propusemos uma nova forma de etiquetagem: a marcação dupla. Destacamos que diferentes etiquetas são empregadas em uma mesma acepção a depender do tipo de dicionário e tencionamos sugerir algumas melhorias para futuras inclusões de marcas de uso para essa tipologia de dicionários, visto que a descrição lexicográfica deveria ser realizada de modo mais claro e apropriado às necessidades dos consulentes (Apoio: CAPES – DS/CNPq – PD 2).

Palavras-chave: Metalexicografia. Marcas de uso. Dicionários escolares. Marcação dupla.

ABSTRACT

One aspect that differentiates school dictionaries from other dictionaries corresponds to its pedagogical character. Thus, the contextualization in the articles is very productive for its users, since it highlights use of entries. And it is through integration of labels in the microstructure of dictionaries that use of its lexicographical units is highlighted, for example, in terms of spatial-temporal location, in addition to social and register levels. These indications about restriction or exception of a specific use of a particular lexis, or of its meaning, occur due to its particularly cultural characteristics, shared by its native speakers. In view of this, this study focuses on an analytical-reflective perspective on eight school dictionaries included in the Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), more precisely in the ramification entitled PNLD 2012: Dictionaries, subdivided into four groups of dictionaries aimed at Elementary and High Education. From this grouping, we were interested in examining labels in meanings of the dictionaries of Type 2, 3 and 4, namely: (i) Type 2 – Fala Brasil! (BRAGA; MAGALHÃES, 2011), Aurélio (FERREIRA, 2008), Palavrinha Viva (BORBA, 2011) and Biderman (2009); (ii) Type 3 – Saraiva Jovem (2010) and Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011); (iii) Type 4 – Novíssimo Aulete Lexicon (GEIGER, 2011) and Dicionário Houaiss Conciso (VILLAR, 2011). Our research object (labels) in school dictionaries was compared to six general language dictionaries, namely: Michaelis (1998), Dicionário Unesp (BORBA et al., 2004), Aurélio (FERREIRA, 2010), Houaiss (2009), Caldas Aulete (2021) and Houaiss (2021). Based on Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004), Pontes (2008; 2009), and Gutiérrez Cuadrado (2011), we investigate how labels are registered in these dictionaries, examining how they are inserted in the entries in which they appear; thus, we analyse the labels (HAUSMANN, 1977 apud WELKER, 2004) distributed in the microstructure of 55 lexical units in this corpus, manually collected. As a result, we verified absence of a methodological standardization regarding the choice of a label in detriment of another one in the insertion of the labelling of these lemmas, and this non-systematization still generates controversies about meanings of the same lexicographic unit in the different dictionaries consulted. In view of this finding, we proposed a new form of tagging: double labelling. We emphasize that different labels are used in the same meaning depending on the type of dictionary and we intend to suggest some improvements for future inclusions of labels in this typology of dictionaries, since the lexicographical description should be carried out in a clearer and more appropriate way to users' needs (Support: CAPES – DS/CNPq – PD 2).

Keywords: *Metalexicography. Labels. School dictionaries. Double labelling.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Parâmetros de constituição de dicionários	61
Figura 2. Tipologia de dicionários	69
Figura 3. Pedra de roseta	104
Figura 4. Obras italiana (à esquerda) e francesa (à direita)	105
Figura 5. Verbete “gaudio”	106
Figura 6. Verbete “chat”	107
Figura 7. Lista de abreviaturas	112
Figura 8. <i>Dicionario Lusitânico – Latino</i> , de Jerônimo Cardoso	114
Figura 9. <i>Vocabulario Português e Latino</i>	115
Figura 10. Entradas “faraota” e “cachaça”	116
Figura 11. Entradas “Abroquelhar-se”, “Cumpridouro”, “Sofrença”, “Absorver” e “Deleterio”	119
Figura 12. Verbete “ouvir”	122
Figura 12. Entradas “abacaxi”, “bexiga”, “macaxeira”, “maduro” e “quadra”	197
Figura 13. Entradas “a ² ”, “abafar”, “pau” e “salva-vidas”	198
Figura 14. Entradas “escuridão”, “escuro”, “esfinge”, “esfirra”, “esforço”, “esfriar”, “ferrar”, “jerico”, “jerimum”, “jesuíta”, “tuberculose” e “síndrome de Down”	200
Figura 15. Entradas “coisa”, “costume”, “cravo-da-índia”, “drive”, “driver”, “gráfico”, “grama ² ” e “idoso”	201
Figura 16. Entradas “acarajé”, “bombachas”, “jogo” e “raiz”	203
Figura 17. Entradas “perereca”, “porquinho-da-índia”, “porra” e “saci-pererê”	204
Figura 18. Entradas “bosta”, “caralho”, “harpa”, “harpia” e “hássio”	205
Figura 19. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “ ² calar”	206
Figura 20. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”	207
Figura 21. Entrada “macaco”	208
Figura 22. Entradas “bedegüeba”, “bedel”, “chegue!”, “fissurado”, “golda”, “off-line”, “pantanal”, “patanisca”, “patão”, “pentelhar” e “pentelho”	209
Figura 23. Entrada “golda”	210
Figura 24. Entradas “agito”, “baianada”, “cocô”, “cu”, “cuada”, “defensor”, “mercúrio”, “mouse”, “peidar”, “peido”, “peido-mestre”, “peignoir” e “peiole”	211
Figura 25. Entradas “acarajé” e “bombachas”	213
Figura 26. Entradas “jogo” e “raiz”	213
Figura 27. Entrada “macaco”	215
Figura 28. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “ ² calar”	216
Figura 29. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”	217
Figura 30. Layout da versão <i>on-line</i>	218
Figura 31. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “ ² calar”	218
Figura 32. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”	219
Figura 33. Verbete “apagar”	224
Figura 34. Verbetes “biruta” e “troço”	224

LISTA DE GRÁFICOS, INFOGRÁFICOS E ORGANOGRAMAS

GRÁFICOS

Gráfico 1. Ocorrência dos termos <i>electronic dictionary</i> , <i>digital dictionary</i> e <i>online dictionary</i>	63
Gráfico 2. Comparação entre os itens lexicais “borrar” e “cagar”	140
Gráfico 3. Renda e deslocamento social	161
Gráfico 4. Circulação das unidades “informal” e “coloquial” no <i>Google</i>	165
Gráfico 5. Circulação das unidades “familiar” e “popular” no <i>Google</i>	166
Gráfico 6. Circulação das unidades “depreciativo” e “pejorativo” no <i>Google</i>	175
Gráfico 7. Circulação das unidades “chulo” e “vulgar” no <i>Google</i>	181

INFOGRÁFICOS

Infográfico 1. Esquema da Educação Básica	30
Infográfico 2. Breve percurso lexicográfico brasileiro	118

ORGANOGRAMAS

Organograma 1. Classificação dos dicionários pedagógicos	56
Organograma 2. Possibilidades de armazenamento dos dados em dicionários	88
Organograma 3. Dicionários do <i>corpus</i> e o armazenamento de seus dados... ..	88
Organograma 4. Aspectos identificadores de um dicionário escolar	99
Organograma 5. Heterogeneidade do português brasileiro	133
Organograma 6. Marcas de uso de sentido mais geral (salvo “exterior” e “figurado”)	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Divisão das práticas da linguagem	28
Quadro 2. Tipologias estabelecidas pelo PNLD	37
Quadro 3. Lexicógrafos e suas tipologias	65
Quadro 4. Informações sobre espaço e acesso referentes a dicionários digitais	86
Quadro 5. Divisão dos dicionários escolares	93
Quadro 6. Entradas “arveja” e “alma”	108
Quadro 7. Destaque para a marca de uso “Fig.” nas acepções das entradas “borrar” e “cagar”	141
Quadro 8. Acepções marcadas por “fig.”	142
Quadro 9. A presença metalexicográfica das marcas de uso na nomenclatura	148
Quadro 10. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	150
Quadro 11. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	151
Quadro 12. Entrada “informal” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	152
Quadro 13. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais	152
Quadro 14. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	154
Quadro 15. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	155
Quadro 16. Entrada “familiar” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	156
Quadro 17. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais	157
Quadro 18. “coloquial” não aparece como entrada, nem como marca em dicionários Tipo 2	157
Quadro 19. Entrada “coloquial” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	158
Quadro 20. Entrada “coloquial” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	158
Quadro 21. Entrada “coloquial” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais	159
Quadro 22. Entrada “popular” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	160
Quadro 23. Entrada “popular” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	162
Quadro 24. Entrada “popular” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	163
Quadro 25. Entrada “popular” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	164

Quadro 26. Entrada “gíria” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	168
Quadro 27. Entrada “gíria” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	168
Quadro 28. Entrada “gíria” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	169
Quadro 29. Entrada “gíria” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	170
Quadro 30. Entrada “depreciativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	171
Quadro 31. Entrada “depreciativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	171
Quadro 32. Entrada “depreciativo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	172
Quadro 33. Entrada “depreciativo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	172
Quadro 34. Entrada “pejorativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	173
Quadro 35. Entrada “pejorativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	173
Quadro 36. Entrada “pejorativo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	173
Quadro 37. Entrada “pejorativo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	174
Quadro 38. Comparação entre “pejorativo” e “grosseiro”	175
Quadro 39. Entrada “chulo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	176
Quadro 40. Entrada “chulo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	176
Quadro 41. Entrada “chulo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	177
Quadro 42. Entrada “chulo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	177
Quadro 43. Entrada “vulgar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	178
Quadro 44. Entrada “vulgar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	178
Quadro 45. Entrada “vulgar” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	179
Quadro 46. Entrada “vulgar” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	180
Quadro 47. Entrada “tabu” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2	182
Quadro 48. Entrada “tabu” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4	183

Quadro 49. Entrada “tabu” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos	184
Quadro 50. Entrada “tabu” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais	185
Quadro 51. Marcas propostas e respectivas conceituações	189
Quadro 52. Marcas de uso que também são palavras-entrada	222
Quadro 53. Abreviaturas das marcas de uso analisadas	222
Quadro 54. Marcas encontradas nas acepções de “abacaxi”	225
Quadro 55. Marcas encontradas nas acepções de “abafado”	226
Quadro 56. Marcas encontradas nas acepções de “bafo”	226
Quadro 57. Marcas encontradas nas acepções de “boneca”	228
Quadro 58. Marcas encontradas nas acepções de “criança”	229
Quadro 59. Marcas encontradas nas acepções de “dicionário”	230
Quadro 60. Marcas encontradas nas acepções de “família”	231
Quadro 61. Marcas encontradas nas acepções de “galera”	231
Quadro 62. Marcas encontradas nas acepções de “galho”	232
Quadro 63. Marcas encontradas nas acepções de “parasita”	233
Quadro 64. Marcas encontradas nas acepções de “pintar”	234
Quadro 65. Marcas encontradas nas acepções de “pinto”	235
Quadro 66. Marcas encontradas nas acepções de “pipa”	236
Quadro 67. Marcas encontradas nas acepções de “povo”	236
Quadro 68. Marcas encontradas nas acepções de “traçar”	237
Quadro 69. Palavras-entrada que podem figurar como marcas de uso	241
Quadro 70. Marcação dupla	242

LISTA DE ÍCONES E ABREVIATURAS

	Indicação para um determinado sentido isento
	Alerta para um determinado sentido positivo
	Alerta para um determinado sentido negativo
	Alerta para um determinado sentido negativo intermediário
	Alerta para um determinado sentido muito negativo
AU	<i>Aurélio</i>
AUjr	<i>Aurélio Júnior</i>
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAv	<i>Dicionário Caldas Aulete virtual</i>
DAI	<i>Dicionário Aurélio Ilustrado</i>
DIP	<i>Dicionário Ilustrado de Português</i>
DUPC	<i>Dicionário Unesp do Português Contemporâneo</i>
FB	<i>Fala Brasil!</i>
HO	<i>Houaiss</i>
HOc	<i>Houaiss Conciso</i>
HOv	<i>Houaiss virtual</i>
MI	<i>Michaelis</i>
NAu	<i>Novíssimo Aulete</i>
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PV	<i>Palavrinha Viva</i>
SJ	<i>Saraiva Jovem</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1 DOCUMENTOS OFICIAIS, LÉXICO E DICIONÁRIO	27
1.1 Documentos oficiais e ensino do léxico brasileiro	27
1.1.1 BNCC e o léxico do português do Brasil	27
1.1.2 PCN e o léxico do português do Brasil	32
1.1.3 <i>Programa Nacional do Livro Didático (PNLD): Dicionários</i>	33
Capítulo 2 ARCABOUÇO METALEXICOGRÁFICO	41
2.1 Considerações acerca do léxico: objeto de descrição lexicográfica	41
2.2 Considerações acerca da Lexicografia	46
2.2.1 O lexicógrafo e a identidade do dicionário	49
2.2.2 Lexicografia, Lexicografia Pedagógica e dicionários escolares	52
2.3 Considerações acerca do produto lexicográfico: o dicionário	58
2.3.1 Tipologia e características gerais	61
2.3.2 Etapas de elaboração de obras lexicográficas: primeiros passos	74
2.3.3 Lema, lematização e nomenclatura	75
2.3.4 Megaestrutura	77
2.3.5 <i>Front matter, middle matter e back matter</i>	77
2.3.6 Entrada, macroestrutura e microestrutura	77
2.3.7 Dicionários gerais	80
2.3.8 Dicionários infantis e escolares	91
2.4 Considerações acerca da etiquetagem	100
Capítulo 3 PANORAMA LÉXICO-HISTORIOGRÁFICO DA ETIQUETAGEM	103
3.1 Marcas de uso em dicionários	127
3.1.1 Marcas temporais (diacrônicas)	134
3.1.2 Marcas espaciais (diatópicas)	135
3.1.3 Marcas semânticas	139
3.1.4 Marcas terminológicas (diatécnicas)	143
3.1.5 Marcas de registro: formalidade (diafásicas) e estrato social (diatráticas)	144
3.1.5.1 Marcas diafásicas: “formal” X “informal”	148
3.1.5.2 Marcas diastráticas: “familiar” X “coloquial” X “popular”	153
3.1.5.3 Marcas diastráticas: “gíria”	167
3.1.5.4 Marcas diastráticas: “depreciativo” X “pejorativo” X “chulo” X “vulgar”	171
3.1.5.5 Marcas diastráticas: “tabu”	181

Capítulo 4 METODOLOGIA	191
4.1 Procedimentos metodológicos	191
4.1.1 Passo 1: levantamento do arcabouço teórico	191
4.1.2 Passo 2: seleção do <i>corpus</i>	191
4.1.3 Passo 3: coleta das marcas de uso	193
4.1.4 Passo 4: análise e contraste das marcas de uso	193
4.1.5 Passo 5: proposta de marcação dupla em nosso modelo de verbetes	194
4.2 Informações sobre o <i>corpus</i>	196
4.2.1 <i>Dicionário Fala Brasil</i> (FB)	196
4.2.2 <i>Dicionário Aurélio Ilustrado</i> (DAI)	198
4.2.3 <i>Dicionário Palavrinha Viva</i> (PV)	199
4.2.4 <i>Dicionário Ilustrado de Português</i> (DIP)	200
4.2.5 <i>Dicionário Aurélio Júnior</i> (AUjr)	202
4.2.6 <i>Dicionário Saraiva Jovem</i> (SJ)	203
4.2.7 <i>Dicionário Houaiss Conciso</i> (HOc)	205
4.2.8 <i>Dicionário Novíssimo Aulete</i> (NAu)	208
4.2.9 <i>Dicionário Michaelis</i> (MI)	209
4.2.10 <i>Dicionário de Usos do Português Contemporâneo</i> (DUPC)	211
4.2.11 <i>Dicionário Aurélio</i> (AU)	212
4.2.12 <i>Dicionário Caldas Aulete virtual</i> (CAv)	214
4.2.13 <i>Dicionário Houaiss</i> (HO)	215
4.2.14 <i>Dicionário Houaiss virtual</i> (HOv)	217
 Capítulo 5 RESULTADOS ALCANÇADOS A PARTIR DA ANÁLISE DAS MARCAS DE USO	 220
5.1 Discussões acerca da presença ou ausência das marcas de uso	221
 Capítulo 6 PROPOSTA DE MARCAÇÃO DUPLA COMO ETIQUETAGEM PARA DICIONÁRIOS ESCOLARES	 240
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 266
 REFERÊNCIAS	 272
DICIONÁRIOS DO <i>CORPUS</i>	293
 ANEXO I – Verbetes para o levantamento inicial da pesquisa	 294
ANEXO II – Verbetes contendo nossa proposta de inserção da marcação dupla	325
ANEXO III – Entradas selecionadas para destacar aceções com marcas de uso	333

Introdução

No conto “Pierre Menard, Autor do Quixote” (*Pierre Menard, Autor Del Quijote*, em espanhol, de 1939), do escritor argentino contemporâneo Jorge Luis Borges, Menard¹ deseja ser o escritor da obra de Cervantes, o que o leva a copiar palavra por palavra, linha a linha, “dos capítulos nono e trigésimo oitavo da primeira parte do Dom Quixote e de um fragmento do capítulo vinte e dois” (BORGES, 1970, p. 32), de modo idêntico. Interessa-nos destacar que Borges, em seu texto, ressalta a questão de que as palavras da época do Quixote já não possuem o mesmo significado séculos depois, pois “compor o Quixote no início do século dezessete era uma empresa razoável, necessária, quem sabe fatal; nos princípios do vinte, é quase impossível” (BORGES, 1970, p. 35). Por quê? Porque as palavras têm história, elas têm sua existência em um contexto sócio-histórico-cultural e o mundo é a praça por onde elas circulam.

E nesse movimento contínuo, elas promovem a elaboração do conhecimento, cujo simbolismo vem sendo retratado por diversos escritores, dentre eles, Borges que, no conto intitulado “Do Rigor na Ciência” (*Del rigor en la ciencia*, em espanhol, de 1946), traz a relação mapa/território ao apresentar, em tamanho real, a geografia de um antigo império, estendendo-se por todo o Estado. Metaforicamente, o território corresponde ao conhecimento e o mapa à língua (um complexo sistema de uma comunidade linguística). Percebe-se que, quanto maior for o domínio, ou o monopólio, do conhecimento, maior será a influência de uma língua sobre o mundo, pois favorece a ampliação da comunicação humana nas relações globais; por consequência, o fortalecimento dessa língua trará impactos na interação e poderá se tornar, de modo temporário, franca, hegemônica, conforme afirmam Gil e Aranha (2017, p. 845), “devido a inúmeros fatores históricos e econômicos”.

A título de exemplificação, contemporaneamente, podemos reconhecer o inglês com essas características em função da expansão do poderio colonizador britânico (principalmente ao final do século XIX) e ao fortalecimento e influência mundial dos Estados Unidos (durante o século XX e ainda no XXI). Além de ser falado em diversos países como primeira língua ou uma das línguas oficiais, também é visto com interesse por muitos falantes ao redor do mundo que o estudam por razões variadas (enriquecimento cultural, realização de negócios, turismo, entre outras), o que representa um elemento fortemente significativo para a hegemonia do inglês.

¹ Um escritor francês.

Nesse contexto, Gil e Aranha (2017) destacam que, em âmbito acadêmico, a divulgação de pesquisas científicas, imersas em um contexto globalizado, ocorre por meio de publicações em língua inglesa a fim de que elas tenham um raio de alcance maior na sociedade. Em termos de dominação, o inglês ocupa essa posição entre as atuais línguas; entretanto, se voltarmos para o nosso sistema linguístico, de fato, não há somente uma única língua portuguesa, há variedades linguísticas em português. Esse nosso sistema se tornou muito diverso, haja vista que ao falarmos ou escrevermos é flagrante situações em que ele não é falado, nem escrito, da mesma maneira por todos seus falantes.

O léxico da língua portuguesa é muito vasto e é o conjunto das palavras que constrói a memória dele, considerado por Biderman (1981, p. 132) o “tesouro vocabular” de um sistema linguístico. O arcabouço lexical é tão precioso que precisa ser registrado de modo ordeiro, lógico e racional para que, assim, seja preservado. À vista disso, a Lexicografia se apresenta como ciência que busca sistematizar o léxico, quer dizer, preservar o conhecimento humano consubstanciado em palavras, almejando espelhar a língua com o máximo de minúcias possíveis, pois, alcançar o registro da totalidade do léxico de uma língua viva é uma pretensão utópica de um lexicógrafo em razão de seu dinamismo, é um inventário infinito. Muitas pessoas, talvez, a maioria delas acredite que é possível ter em mãos um produto lexicográfico que contemple todas as palavras de uma língua e, conseqüentemente, aquilo que não se encontra no dicionário é porque não exista.

Os registros feitos em dicionários são um recorte lexical de um momento particular da língua (como se fosse uma fotografia histórica do sistema linguístico), assim, ocorre uma inserção ou retirada de vocábulos a depender da perspectiva lexicográfica de revisão e atualização do lexicógrafo. Da mesma maneira como nenhuma biblioteca do mundo terá em seu acervo todos os livros já escritos, nenhum museu do mundo terá todas as obras de arte já produzidas, também um produto lexicográfico não será capaz de abranger a totalidade do acervo de uma língua, isso é uma utopia, principalmente se estamos tratando de léxico.

As relações de significado proporcionadas pela língua não são imutáveis, por isso não é possível prever como cada indivíduo irá lidar com eles ou mesmo como os sentidos afetam cada pessoa. Somando-se a isso é preciso ter no horizonte como o ecossistema lexicográfico (espaço envolvendo lexicógrafos, seus produtos e o processo para elaborá-los) sofreu alterações graças aos avanços tecnológicos e à expansão da internet. Há evidentes casos de que o público consulente mudou e, por isso, os lexicógrafos precisam se adaptar e alcançar esse público.

Conforme as relações estabelecidas pelos (e entre os) consulentes em situações comunicativas, ocorrem determinadas identificações por meio das palavras e sentidos que, não

raro, são rotulados. Em tempos de redes sociais, manifestações públicas influenciam movimentos de diversas ordens, inclusive linguisticamente. Podemos mencionar como exemplo disso as polêmicas envolvendo os sentidos dicionarizados de “cigano” e “patroa”. No primeiro caso (2012), o Ministério Público Federal (MPF) entrou com ação para que o sentido marcado por “pejorativo” fosse retirado dos dicionários, visando aquilo que essa instituição entendia como tratamento politicamente correto a ser adotado, ao final, a patrulha linguística não obteve êxito e teve de aceitar que os dicionários apenas cumprem o papel de registrar os sentidos circulantes em sociedade.

Essa expressão (“patrulha linguística”) passa a ser utilizada principalmente ao final do século XX, porém, suas origens remontam a um caso norte-americano (Chisholm vs. Georgia), de 1793, em que um juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, James Wilson, fez o seguinte comentário:

Os estados, e não o Povo, por quem os Estados existem, são frequentemente os objetos que atraem e prendem nossa principal atenção. (...) Sentimentos e expressões desse tipo impreciso prevalecem em nossa linguagem comum, mesmo em nossa convivência. É levantado um brinde? “Os Estados Unidos”, ao invés do “Povo dos Estados Unidos”, é o brinde dado. Isso não é politicamente correto² (FINDALAW, 1793, *on-line*).

Depois disso, nos anos seguintes, os meios de comunicação incorporam o “politicamente correto”, que passou a sofrer ataques de uma forma de expressão contrária: o movimento politicamente incorreto. Nos discursos, sobretudo os de direita, essa oposição passou a banalizar preconceitos sociais cotidianos, utilizando-o em ataque às pautas da esquerda. E desse embate, como apontam Bizzocchi (2008) e Possenti (2009), surge o patrulhamento linguístico a fim de defender suas perspectivas e atacar aquelas contrárias, o que, segundo Mapurunga e Matos (2020), “criou uma patrulha para salvaguardar o uso de palavras consideradas não ofensivas e não marcadas por uma carga histórica pejorativa” (MAPURUNGA; MATOS, 2020, p. 195).

De acordo com Kasama (2015, p. 136),

com relação à polêmica que se instaurou em torno da definição pejorativa associada ao item lexical “cigano” no dicionário Houaiss, o juiz federal substituto, Marcelo Aguiar Machado, julgou, em 27 de junho de 2014, o pedido do procurador federal improcedente, alegando não verificar “qualquer

² Tradução nossa para: “The states, rather than the People, for whose sakes the States exist, are frequently the objects which attract and arrest our principal attention. (...) Sentiments and expressions of this inaccurate kind prevail in our common, even in our convivial, language. Is a toast asked? ‘The United States,’ instead of the ‘People of the United States,’ is the toast given. This is not politically correct.”

justifica [sic] ou base constitucional para a censura que se pretende impor ao Dicionário Houaiss” (BRASIL, 2014, p. 5). O magistrado ainda argumenta em favor do dicionário ao “registrar e informar ao leitor” sobre uma “definição catalogada” (*op. cit.*, p. 5-6). No que se refere, especificamente, à definição de “cigano”, o juiz ainda informa que o dicionário Houaiss não faz “qualquer conceituação ou juízo de valor”, cabendo aos receptores “da informação discutir ou debater” sobre o descabimento de tal uso social (KASAMA, 2015, p. 136).

Já no segundo caso, ocorrido em 2020, a cantora brasileira Anitta, indignada ao ler na definição de “patroa” os sentidos “dona de casa” e “mulher do patrão” (diferentes do masculino “patrão”)³ e manifestando-se em redes sociais, promoveu uma alteração no dicionário virtual da Universidade de Oxford (produto que mantém convênio com o *Google*).

Também em 2020, uma ação sobre questões linguísticas ocorreu nos Estados Unidos quando a CNN (canal televisivo, retuitado pela versão brasileira) publicou uma recomendação da *American Cancer Society* reforçando a necessidade de se passar por exames de detecção de câncer do colo do útero não mais aos 25 anos, mas aos 21⁴. No entanto, todas as palavras referentes ao sexo feminino foram substituídas pela expressão genérica “indivíduos com colo de útero”, isso para não ofender pessoas que não se identificam com o destino anatômico.

Como se constata, a língua é um marcador de dominação cultural e, de certo modo, sua variante padrão é introduzida e disseminada na população por meio da escola, quer dizer, a forma linguística ensinada nas instituições educacionais é aquela referente à norma culta, não há escolha para não aprendê-la em detrimento de uma não padrão. Hoje, muitos estudiosos discutem acerca da inserção desta junto àquela variante para demonstrar sua relação com a realidade, pois, fora da sala de aula, o que predomina é a língua não padrão.

Nesse contexto, a temática deste estudo se configura em um recurso lexicográfico extremamente útil para indicar a circulação dos sentidos dos vocábulos: as marcas de uso⁵. Para que a percepção das marcas tenha resultados mais efetivos, é preciso que as pessoas entrem em contato com elas o mais cedo possível, por isso acreditamos que devam figurar nos dicionários escolares, mediante um tratamento mais aprimorado, porque eles são produtos lexicográficos que contribuirão para o processo de alfabetização e para o desenvolvimento do letramento dos estudantes.

³ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/anitta-reage-ao-descobrir-significado-de-palavra-em-dicionario-do-google_a300982/1. Acesso em: 15 jul. 2022

⁴ Disponível em: <https://www.estudosnacionais.com/27411/cnn-troca-mulheres-por-individuos-com-colo-de-uterio-em-nome-da-neutralidade-de-genero/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵ Na literatura, também chamadas de “rubricas”, “etiquetas” e “rótulos”.

No campo da Metalexicografia, cujo objeto de exame é o dicionário já finalizado, investigamos o emprego das marcas de uso para a descrição em obras lexicográficas monolíngues brasileiras, não descuidando do fato de que o dicionário se apresenta como um livro diferente dos outros.

Esse produto lexicográfico, ao descrever um sistema linguístico, tende a constituir-se em uma autoridade no que concerne a essa língua e à cultura que a abriga, como nos lembra Zavaglia (2012, p. 240): “a palavra dicionário suscita nos usuários confiança e credibilidade. Com efeito, dicionários são vistos como detentores da verdade e da sabedoria, em detrimento de outras obras que abordam o léxico de uma língua”. Entretanto, ocasionalmente, essa descrição não se revela a mais atualizada ou a mais meticulosa, pois, conforme Souto e Pascual (2003, p. 57), “não é casual que em muitas obras se encontre o nome dicionário estampado na capa, uma vez que os editores já perceberam a ‘garantia’ de crédito e de vendagem certa”. De fato, descrições não muito precisas (que não sanam dúvidas que tenham levado o consulente ao dicionário) ou mesmo definições que não retratam usos contemporâneos não são raras.

Neste trabalho, refletimos sobre a visão e a utilização do dicionário na sociedade brasileira, uma vez que pode ser uma perspectiva interessante para esclarecer conflitos extralinguísticos. Essas questões podem se apresentar caso o indivíduo não faça o uso esperado dos vocábulos, quer por ignorância ou propositadamente, para qualquer um desses casos, a presença das marcas de uso será capaz de auxiliar o falante.

Podemos considerar o dicionário como sendo um universo particular, no qual se procura explicitar a relação entre língua, sujeito e história na constituição do discurso lexicográfico, obra essa em que as marcas de uso apontam, destacam, demarcam chamam a atenção sobre o uso de determinada unidade lexical⁶. Este estudo é, pois, relevante uma vez que fornece expedientes linguísticos de demarcação lexical em verbetes de dicionários escolares que circunscrevem determinados empregos de itens lexicais em uma comunidade linguística. Em razão desse aspecto, os dicionários tornam-se obras de referência ao fazer os registros sócio-histórico-culturais de um povo.

Sob essa perspectiva, realizamos uma análise que pode contribuir para a revisão dos estudos das marcas de uso utilizadas em dicionários escolares, sobretudo no que se refere aos trabalhos contrastivos com dicionários monolíngues.

Para o usuário comum, que consulta uma obra dicionarística não com um olhar científico, mas por uma necessidade corriqueira, buscando sanar rapidamente uma dúvida e/ou

⁶ Nesta tese, iremos considerar vocábulo(s), lexia(s), unidade(s) léxica(s), unidade(s) lexical(is) e item(ns) lexical(is) como sinônimos, da mesma maneira que obra(s) lexicográfica(s) e obra(s) dicionarística(s).

curiosidade, a presença de marcas de uso pode passar despercebida ou mesmo não ser, claramente, entendida. No mínimo, essa perspectiva superficial do consulente pode levá-lo a não compreender, totalmente, uma unidade lexicográfica.

A maneira como nos comunicamos tem mudado em função dos novos meios de comunicação (*smartphones*, *tablets*, computadores, redes sociais); entretanto, ainda temos muitos (inevitáveis) ruídos que interferem no processo comunicativo. Poderíamos dizer que há uma certa ilusão de comunicação quando as pessoas se atêm a apenas um dos elementos desse processo, por exemplo, ignorando diferentes significados relevantes que podem auxiliá-las a entender algo profundamente.

Esses ruídos, no Brasil contemporâneo, se revelam frequentemente pelo discurso de ódio que traz consigo uma aparência de pertencimento a um grupo, a uma tribo. Equivocadamente, assim que é identificado, surgem seus defensores evocando liberdade de expressão. No entanto, qualquer vocábulo (ou sua acepção) que seja utilizado para violentar ou causar medo não deve ser protegido constitucionalmente, pois se mostra fora dos limites da Lei.

Vivendo em sociedade, vamos moldando nossa realidade por meio das palavras (e dos significados que lhes atribuímos), pois elas movimentam pessoas, condicionam as identidades, determinam lugares, formam imagens, por conseguinte, é muito frequente que as pessoas se iludam na crença de uma pretensa neutralidade dos vocábulos.

Com relação à não sistematicidade a respeito da inclusão das marcas de uso, Borba (2003, p. 315) também verifica que “os dicionários costumam incluir este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”. A relação entre a etiquetagem e os componentes do verbete, frequentemente, pode gerar ambiguidades caso a marca se refira a uma única ou a várias acepções e não seja claramente identificável pelo consulente, logo, Welker (2004, p. 134) não apenas ressalta a importância das marcas de uso, mas também sua disposição na constituição do verbete para posterior consulta, pois,

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto (WELKER, 2004, p. 134).

Esses apontamentos podem ajudar a justificar nossas motivações para esta pesquisa. Assim, como objetivo geral desta tese, desejamos investigar o registro das marcas de uso em

obras lexicográficas monolíngues escolares brasileiras, procurando verificar de que forma estão inseridas na descrição dos itens lexicais que as recebem.

Especificamente, com este estudo, objetivamos:

- (i) analisar a designação dada para as marcas na *front matter* desses dicionários;
- (ii) identificar a palavra-entrada referente a cada marca de uso utilizada nos dicionários presentes no *corpus* de pesquisa;
- (iii) averiguar se e como são registradas as marcas de uso nos verbetes desses dicionários;
- (iv) propor uma sistematização das marcas visando o público escolar.

Tendo em vista nossos objetivos, somos levados pelas seguintes indagações norteadoras, visto que as obras lexicográficas não oferecem uma marcação padronizada:

- Na visão do pesquisador, as abreviaturas das marcas de uso seriam facilmente identificáveis pelo público a quem se destina? Se sim, sua decodificação é clara?
- De que forma são apresentadas e explicitadas as informações sobre os significados das marcas? Onde o consulente as encontra?
- Os lexicógrafos se valem das marcas de uso intencionalmente para sinalizar uma ideologia em suas obras?
- A ausência de marcas de uso pode ser, igualmente, indício de alguma intenção?
- Em que medida a inclusão de marcas de uso se faz presente nos dicionários do Brasil⁷?

E, se comparando-as, é possível observar uma convergência ou divergência em seu emprego?

Nesse sentido, levantamos a hipótese de que os variados tipos de restrição contextual nem sempre contribuem para o entendimento das descrições registradas nos dicionários, dificultando o entendimento das acepções; logo, dada a importância das marcas de uso para uma melhor compreensão do público escolar, propomos, segundo os objetivos estabelecidos, uma sistematização a partir de uma nova perspectiva: a dupla marcação. Essa proposta visa identificar a restrição da unidade lexical partindo de um sentido geral (âmbito mais abrangente) para um sentido particular (contexto singular).

Ao se confeccionar uma obra, um lexicógrafo, influenciado por seu contexto sócio-histórico, também pode deixar transparecer o modo como enxerga o mundo, bem como sua comunidade linguística, o que torna esse indivíduo um legitimador de usos, perpetuando conceitos que deveriam ser revistos. O lexicógrafo deveria procurar elaborar seus verbetes de

⁷ Sempre que forem mencionados os dicionários, deve-se considerar apenas aqueles de língua portuguesa (variante brasileira).

modo a não se deixar influenciar por sua ideologia (suas crenças, seus valores etc.), procurando usar uma linguagem mais isenta e imparcial possível, mas também objetiva e pormenorizada a fim de alcançar os consulentes de seu dicionário de maneira produtiva e “imparcial”. Essa pretensa imparcialidade é um desiderato inalcançável, porém, é preciso que seja levantada na tese para alertar os leitores leigos ou mesmo aqueles desavisados que possam acreditar nessa utopia.

Sob essa perspectiva, analisamos as unidades lexicográficas levando em consideração que, em matéria de Lexicografia, “a neutralidade é somente aparente”, demonstrando que as marcas de uso indicam uma valorização social ou não, transmitindo-se a intencionalidade com a qual foi escrita a definição (GUTIÉRREZ CUADRADO, 2011, p. 34). Desse modo, esperamos estar contribuindo junto a pesquisadores, estudantes, tradutores e demais consulentes interessados na língua portuguesa no que diz respeito ao fazer lexicográfico, sobretudo para o processo de ensino-aprendizagem. Sabendo-se que o nível de uso pode compreender várias faixas linguísticas (um campo científico, uma região geográfica, um registro formal, entre outros), é oportuno pretendemos oferecer uma proposta de padronização das marcas de uso, formulando um quadro que possa agrupar e sistematizar a grande quantidade de marcas utilizadas em dicionários escolares.

Esta tese almeja proporcionar um maior entendimento de/sobre marcas de uso visando a sua melhor caracterização em dicionários escolares. Para tanto, encontra-se dividida em seis capítulos, além da introdução, das considerações finais, referências e anexos. Iniciamos o capítulo de abertura propondo uma verificação a respeito do léxico sob a perspectiva dos documentos oficiais brasileiros, quais sejam, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), materiais necessários que podem nos auxiliar a entender como estão, atualmente, estabelecidos os parâmetros de ensino da língua portuguesa no Brasil. Nosso intuito é levantar questões sobre a forma como o Estado considera o léxico, pois, a partir disso é que se estabelecem políticas públicas de incentivo, ou não, acerca dos dicionários.

No segundo capítulo, refletimos sobre conceitos metalexicográficos norteadores do processo e do produto final, traçamos um panorama sobre as tipologias das obras dicionarísticas, observando-se como tem ocorrido o fazer lexicográfico, percorrendo sobre a presença do lexicógrafo e sua identidade no dicionário com o intuito de apresentar as diferentes perspectivas percebidas nas várias obras, acima de tudo quanto às questões de sua microestrutura em virtude das características subjacentes à concepção e à constituição de um dicionário escolar.

No terceiro, apresentamos um panorama histórico-teórico sobre o fenômeno das marcas de uso (nosso objeto de estudo), destacando como têm sido tratadas e agrupadas até então. Nesse mesmo capítulo, refletimos sobre esse fenômeno linguístico em referência às marcas encontradas nos dicionários do *corpus* e evidenciamos quais são as dez etiquetas que compõem nosso recorte de estudos em razão de nosso interesse por discorrer acerca da marcação (conceito, função, presença) nos dicionários do *corpus*, a fim de que o leitor desta tese possa compreender o conjunto de critérios teóricos que levam os lexicógrafos a propor a categorização das marcas.

No quarto capítulo, dedicamo-nos a descrever o percurso metodológico adotado, desde à seleção e coleta das acepções marcadas a questões relacionadas à Pragmática e à Lexicologia, levando em consideração as motivações de uso das marcas.

No quinto, discorreremos sobre a descrição e a análise dos dados obtidos, bem como os resultados alcançados. Por sua vez, no capítulo seis, dissertamos sobre a recomendação da marcação dupla que concebemos e propomos para serem utilizadas em dicionários escolares.

Por fim, expomos nossas considerações finais com comentários sobre as discussões que conduziram esta tese e esboçamos encaminhamentos para pesquisas futuras, fornecendo as referências utilizadas nesta investigação científica, bem como seus anexos.

Capítulo 1

Documentos oficiais, léxico e dicionário

*As palavras são boas. As palavras são más. As palavras ofendem.
As palavras pedem desculpa. As palavras queimam. As palavras acariciam.
As palavras são dadas, trocadas, oferecidas, vendidas e inventadas.
As palavras estão ausentes.
Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: são como carraças: vêm nos livros, nos jornais, nos «slogans» publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes.
As palavras aconselham, sugerem, insinuem, ordenam, impõem, segregam, eliminam.
São melífluas ou azedas.
O mundo gira sobre palavras lubrificadas com óleo de paciência.
Os cérebros estão cheios de palavras que vivem em boa paz com as suas contrárias e inimigas.
Por isso as pessoas fazem o contrário do que pensam, julgando pensar o que fazem.
Há muitas palavras.
(José Saramago)*

1.1 Documentos oficiais e ensino do léxico brasileiro

Neste primeiro capítulo, iniciamos nossas reflexões partindo de documentos oficiais que tratam sobre a língua portuguesa do Brasil em termos de seu ensino, ou seja, a Base Nacional Comum Curricular e Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante BNCC) e de sua descrição no Programa Nacional do Livro Didático (doravante PLND) em obras lexicográficas. Esses documentos trazem destaque para os dicionários e sua produção como recursos didático-pedagógicos que contribuem durante o processo de ensino-aprendizagem, principalmente no PNLD, que produziu uma obra à parte voltada a esses produtos lexicográficos dado o reconhecimento de seu impacto e importância, sendo que este último propõe distinções referentes àqueles escolares, que são discutidas no decorrer deste capítulo.⁸

1.1.1 BNCC e o léxico do português do Brasil

Um dos documentos oficiais do Brasil é a BNCC, cujo caráter normativo corresponde a uma determinação referencial nacional obrigatória para que se elaborem e se adéquem os currículos e as propostas pedagógicas. A partir das habilidades a serem desenvolvidas pelos

⁸ Em linhas gerais, podemos distinguir os documentos orientadores para o ensino da seguinte maneira: (i) os PCN correspondem a recomendações para a Educação Básica; (ii) a BNCC é um documento que propõe uma determinação como referência nacional obrigatória com o intuito de elaborar ou adequar os currículos, além da recomendação para incorporar aos currículos a abordagem de temas contemporâneos que afetam nossa vida social em termos locais, regionais e globais, mas que ainda passa por discussões; (iii) e o PNLD se destina a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, mas não é um material de orientação, embora se produzam, por exemplo, manuais a partir dele, quer dizer, possui uma função diferente dos PCN e da BNCC.

componentes curriculares, a BNCC recomenda incorporar-lhes a abordagem de temas hodiernos que influenciam “a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (BRASIL, 2017, p. 19).

Até a década de 1980, consideravam-se dois momentos educacionais: a fase pré-escolar e a escolarização, evidenciando-se que o momento pré- estaria fora da educação formal. Portanto, tínhamos uma educação voltada ao público infantil e, posteriormente, seria fornecido um ensino escolar.

Com a Constituição Federal de 1988 (doravante CF/1988), o Estado passa a ser responsável pela escolarização das crianças de 0 a 6 anos. Mais tarde, em 1996, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (doravante LDB/1996), incorpora a Educação Infantil aos Ensinos Fundamental e Médio na Educação Básica e, assim, o Estado passa a atender a faixa etária de 0 a 5 anos.

Nessa transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, o ensino oferecido requer atenção para integrar-se e dar continuidade aos processos de aprendizagem das crianças, pois é um público que também necessita de ter respeitadas suas singularidades e sua relação com o conhecimento. Logo, é preciso que sejam estabelecidas estratégias de adaptação para crianças e educadores a fim de que a construção desse conhecimento siga “em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo” (BRASIL, 2017, p. 53).

A BNCC ainda orienta a organização das práticas da linguagem por uma divisão em campos de atuação, tanto no Ensino Fundamental Anos Iniciais quanto no Ensino Fundamental Anos Finais, conforme se vê no Quadro 1:

Quadro 1. Divisão das práticas da linguagem

Anos Iniciais	Anos Finais
Campo da vida cotidiana	---
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida política

Fonte: Elaborado pelo autor com base na BNCC (BRASIL, 2017, p. 84).

A partir dessa divisão das práticas da linguagem, diante das orientações de uma documentação oficial, abrangente a todo o país, os lexicógrafos podem aprimorar suas obras dicionarísticas para melhor atender seu público, não apenas em termos de faixa etária ou de volume de entradas, mas também em função dos conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula pelos professores. A partir de uma divisão nacional proposta, os dicionários podem ser elaborados como instrumentos didáticos ainda mais potentes e inovadores à prática escolar

cotidiana (BÉJOINT, 1981; HARTMANN, 1981; BORBA, 2003; WELKER, 2003; FARIAS, 2009; PONTES, 2009; TARP, 2011; BUGUEÑO MIRANDA, 2019).

Por um lado, ao se considerar o “campo da vida cotidiana”, os pequenos aprendizes de 0 a 5 anos precisam desenvolver a habilidade de “construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias)” (BRASIL, 2017, p. 96-97); logo, dicionários infantis podem auxiliar em muito os educadores, uma vez que dispõem de uma riqueza multimodal bastante ampla em termos de figuras, cores, fotos, estruturação gráfica, anexos etc.

Por outro lado, já no 8º e 9º anos, sobre o “campo de atuação na vida pública”, almeja-se que os estudantes, por exemplo, realizem uma “reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos legais e normativos” (para avançar na produção oral) e uma “estratégia de produção: planejamento de textos reivindicatórios ou propositivos” (para avançar na produção escrita). Esses objetivos podem ser alcançados por atividades que envolvam dicionários escolares, por exemplo, visto que a descrição do léxico neles tende a ser mais abrangente ao indicar um número maior de acepções, mais detalhadas, com possíveis limitações (pelas marcas de uso).

Ao final da década de 1980, Hernández (1989) já afirmava que as obras lexicográficas tinham como propósito oferecer informações aos consulentes com o intuito de favorecer a comunicação linguística e, por conseguinte, introduzir os estudantes em um ambiente rico em conhecimentos da língua e de sua cultura, o que, hoje, é preconizado pela BNCC para desenvolver integralmente os estudantes (BRASIL, 2017, p. 14).

Na BNCC, busca-se determinar, como referência nacional obrigatória, a promoção da competência comunicativa durante o processo de ensino-aprendizagem do português pela “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8).

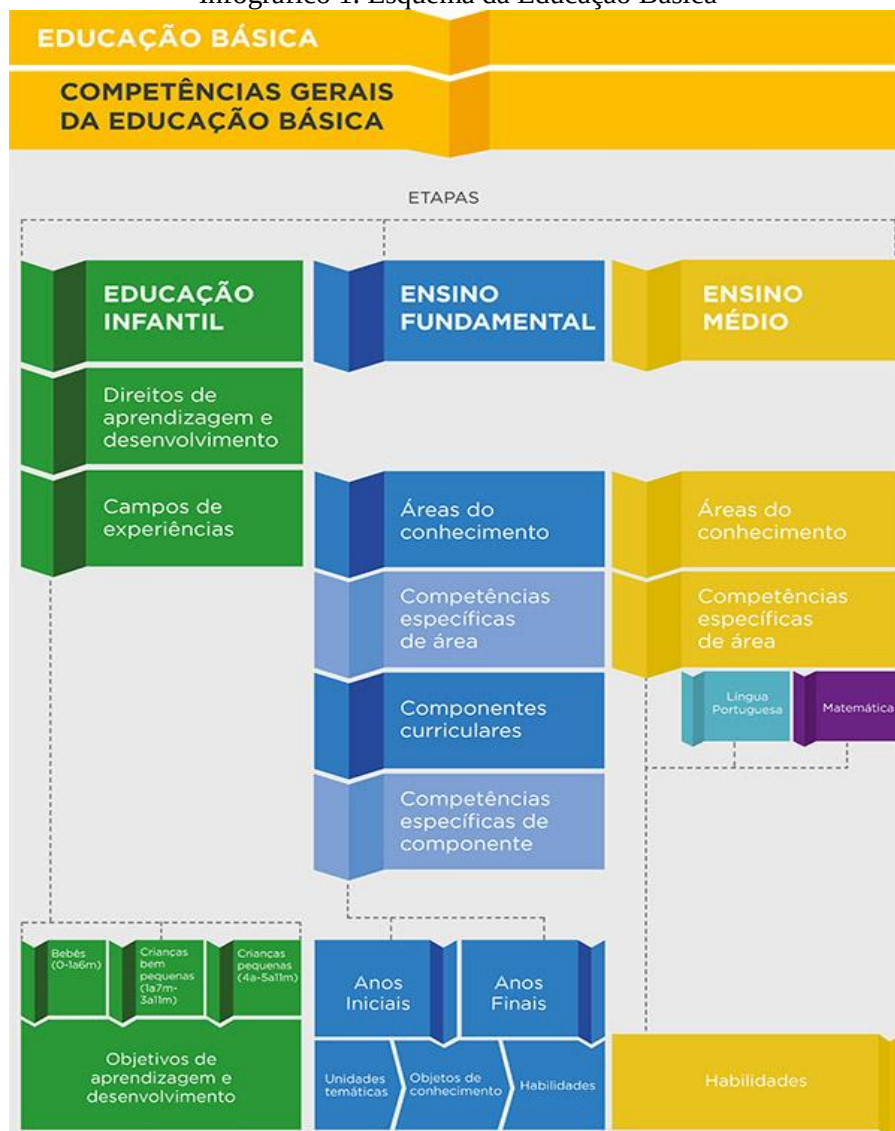
Ao reger a Educação Básica, a BNCC se preocupa com a formação integral do estudante a fim de garantir-lhe uma educação de qualidade e com equidade. Sendo assim, é preciso que o uso que se faz do léxico esteja no centro da questão, dado que o desenvolvimento de competências só poderá se concretizar se houver direcionamento apropriado do estudo lexical aos estudantes, quer dizer, se eles puderem conhecer como a língua é constituída e, consequentemente, como fazer uso do léxico em diferentes contextos comunicativos.

A Base está de acordo com os preceitos do Plano Nacional de Educação (PNE), outro documento normativo que se aplica

exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2017, p. 7).

De caráter normativo, a BNCC define um conjunto progressivo de aprendizagens fundamentais que todo o corpo discente precisa desenvolver no decorrer das etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), sendo que há uma preocupação, implícita, com o léxico por todo o percurso de estudos, que é dividido em etapas, conforme se observa no Infográfico 1:

Infográfico 1. Esquema da Educação Básica



Fonte: BNCC (BRASIL, 2017, p. 24).

Observando o Infográfico 1, verificamos que há uma divisão esquemática para ser seguida na Educação Básica; consequentemente, o léxico a ser ensinado terá de estar adequado a essas etapas, por isso os lexicógrafos precisam estar conscientes das áreas temáticas e de seu conteúdo para melhor produzir suas obras conforme as necessidades do público-alvo de cada fase educacional.

Para o Ensino Fundamental, a BNCC propõe que o léxico seja estudado conforme o ano em que o aluno se encontra. Assim, no segmento dos Anos Iniciais, as crianças que estão do 3º ao 5º ano devem “recorrer ao dicionário para esclarecer dúvida sobre a escrita de palavras, especialmente no caso de palavras com relações irregulares fonema-grafema” (BRASIL, 2017, p. 115), além de conseguirem realizar substituições lexicais, por exemplo, de substantivos por seus sinônimos ou mesmo por pronomes. Particularmente, para aqueles que se encontram no 4º ano, o dicionário é utilizado para esclarecer significados mais adequados ao contexto que originou sua busca; já para aqueles do 5º ano, espera-se que compreendam os verbetes, identifiquem informações gramaticais, semânticas, sejam capazes de reconhecer as abreviaturas e também de produzir com autonomia seus próprios verbetes “digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto”⁹ (BRASIL, 2017, p. 129).

Enquanto isso, no segmento Anos Finais, estudantes do 6º ao 9º ano utilizam os dicionários para “identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical” e “analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido (BRASIL, 2017, p. 163).

Por fim, na última etapa da Educação Básica, os alunos do Ensino Médio precisam ter contato com os dicionários para levantar questões que visem a

analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 508).

⁹ É preciso salientar que, a princípio, a BNCC propõe que o corpo discente seja estimulado a desenvolver uma escrita compartilhada e autônoma, estimulando que as crianças produzam seus próprios verbetes a fim de que sejam familiarizados ao gênero textual “verbe”.

Como se nota, existe uma sistematização promovida pelo Estado que ressalta a importância de se utilizar as obras dicionarísticas no processo de ensino-aprendizagem. A princípio, verifica-se que o governo busca ampliar e assumir uma perspectiva enunciativo-discursiva do léxico por meio dos dicionários, sendo que isso já se encontra em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). É o que trataremos na próxima seção.

1.1.2 PCN e o léxico do português do Brasil

Como recomendações para a Educação Básica, os PCN são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal (BRASIL, 1998, p. 50) que levantam temas que deveriam atravessar as mais variadas disciplinas de maneira tal que, por exemplo, trazem situações didáticas a fim de estimular a prática de produção textual por meio de projetos (produção contextualizada), textos provisórios (distanciamento e retorno à produção textual), produção com apoio (atenção a variáveis propostas pelos educadores) e de situações de criação (com consulta a diferentes materiais, entre eles, dicionários e enciclopédias).

Do ponto de vista da gramática normativa, a aprendizagem da ortografia pode avançar por meio da consulta ao dicionário, pois é preciso que os itens lexicais mais frequentes sejam aprendidos para auxiliar no processo de ensino. Obviamente, não se trata de ensinar um conjunto de unidades lexicais em detrimento às outras, mas sim de contribuir para que a escola possa cumprir com uma de suas funções: ensinar a norma culta da língua materna. Quanto mais cedo o estudante conseguir dominar sua língua materna, de modo automático, mais possibilidades terá em se aprofundar em seu sistema linguístico.

Na complexa tarefa de produzir um texto, os aprendizes precisam articular aquilo que desejam dizer às decisões a respeito de como escrever, por isso quanto mais amplo for o vocabulário individual maiores serão suas chances de êxito no processo comunicativo. Como desdobramentos dos conteúdos referentes à língua portuguesa, levantados pelos PCN, o uso apropriado do léxico é recomendado para o tratamento didático e aprofundado durante a inclusão de novos gêneros textuais (BRASIL, 1998, p. 80).

Os dicionários também são recursos propostos nesse documento oficial para que contribuam na produção textual, por exemplo, estimulando que os estudantes promovam substituições lexicais para aprimorarem sua escrita (BRASIL, 1998, p. 84) e que se apropriem, cada vez mais, da língua portuguesa na variante brasileira.

Até meados da década de 1990, a escola se limitava a oferecer o ensino dos itens lexicais isoladamente ou por frases curtas e descontextualizadas. A partir das discussões movimentadas pelos PCN, o estudo e ensino do léxico passaram por mudanças, como, por exemplo: as unidades lexicais começaram a ser contextualizadas nos textos durante o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, é uma modificação ainda distante para assegurar sucesso no desenvolvimento da competência lexical dos estudantes, visto que essas unidades lexicais se apresentam em uma ampla rede de associações que relaciona umas às outras, o que evidencia que o léxico não é um agrupamento de unidades isoladas, mas sim coordenadas.

De acordo com Costa (2016),

o falante deve fazer associações em relação ao conteúdo semântico que as palavras desempenham, para que tenha a oportunidade de construir seu conhecimento, para que teça relações semânticas entre as palavras e, dessa forma, verifique a função das unidades lexicais no estabelecimento da coesão do texto. Necessita, ainda, observar o funcionamento dos itens lexicais no texto para se construir uma unidade de sentido e fazer associações e inferências. O ensino do léxico deve, ainda, considerar os contextos sociais nos quais as palavras estão inseridas, pois dependendo da situação em que são empregadas, apresentam sentidos diferentes (COSTA, 2016, p. 115).

Para essa autora, os estudantes precisam perceber que (re)conhecer um item lexical significa compreender sua posição no sistema linguístico, associando-o a outros e, assim, conhecer diversos outros sentidos. A respeito do ensino de léxico no ambiente escolar, os PCN (BRASIL, 1998, p. 79) estimulam o educador a criar meios que possam auxiliar na ampliação do repertório lexical do corpo discente de maneira tal que seja capaz de utilizar as unidades aprendidas em situações reais de comunicação.

Portanto, por meio de obras lexicográficas, os educadores podem obter êxito no ensino do léxico, fazendo com que os estudantes saibam utilizar de maneira apropriada os diversos significados das unidades e consigam percebê-los, contextualmente, em efetiva situação comunicativa.

1.1.3 Programa Nacional do Livro Didático (PNLD): Dicionários

O “PNLD: Dicionários” é um desdobramento de políticas públicas (deliberações governamentais que visam resolver questões sociais por meio de ações direcionadas a determinadas áreas, tais como, educação, saúde, segurança etc.), dentre as quais, a partir do Plano Nacional de Educação (PNE), destaca-se o PNLD, que avalia, seleciona e distribui materiais

(livros) didáticos que atendam às necessidades educativas que norteiam as instituições educacionais públicas brasileiras.

Esse é um Programa que abrange toda a Educação Básica (Ensino Fundamental Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio), relacionando diretamente os livros ao processo de ensino-aprendizagem esperado. Em 2000, quinze anos após sua criação, o PNLD incorporou as obras dicionarísticas a seu rol de livros didáticos, o que estimulou um avanço na produção de dicionários voltados ao público escolar. Tendo em vista que há tipos variados de dicionários escolares e que, de acordo com Gomes (2011, p. 145) – um mesmo dicionário não é suficiente para atender a todo o percurso educacional em razão das diferentes necessidades de consulta lexicográfica –, encontramos no PNLD uma proposta de classificação de materiais didáticos.

Rangel (2011) relembra que,

de acordo com um conjunto de princípios e critérios estabelecidos por uma comissão de especialistas, foram avaliados todos os títulos inscritos em duas oportunidades: 2002 e 2004. Os aprovados foram resenhados no *Guia do livro didático* (volume *Dicionários*) e constituíram-se em objeto de escolha dos professores e/ou secretarias de educação, para distribuição individual aos alunos. Diferentemente do que sempre aconteceu com os LD [livros didáticos]¹⁰, utilizados por alunos diferentes de uma mesma série ao longo de três anos consecutivos, os dicionários foram, nessas ocasiões, doados aos alunos, que puderam fazer um uso privado do material (RANGEL, 2011, p. 43-44).

Esse autor ainda ressalta que o aumento da produção lexicográfica gerou preocupação acerca da qualidade dos dicionários escolares e, conseqüentemente, foram estabelecidos critérios e princípios de avaliação para a compra governamental que abrangeram ensino de léxico nos livros didáticos de língua portuguesa, sobretudo àqueles voltados aos Anos Iniciais, o que fez com que mais atividades referentes ao uso de dicionários fossem incluídas neles. Essa circulação entre escola e casa desperta a atenção de professores e pais que passam a notar a presença do dicionário em suas vidas, interrogando-se sobre sua efetiva contribuição nas práticas escolares cotidianas.

Em decorrência dessa presença nesses ambientes (instituição educacional e lares das famílias), da experiência avaliativa das edições anteriores (de 2002 e 2004), das respostas das redes municipais e estaduais de ensino, ocorreram modificações acerca do perfil e dos procedimentos para a edição de 2006. Durão e Bolzan (2011, p. 183) reforçam que é um programa “além de retomar o valor pedagógico de gramáticas e dicionários, propondo

¹⁰ Acréscimo nosso.

remodelá-los da forma mais próxima possível das situações e demandas do ensino e aprendizagem formais, também induziu à inclusão da consulta a dicionários como objeto de ensino e aprendizagem escolar”.

Rangel (2011, p. 45) aponta para dois fatores que podem ter contribuído para essas alterações: (i) desuso generalizado dos dicionários; (ii) sua inadequação pedagógica. É preciso mencionar que os produtos lexicográficos oferecidos eram minidicionários concebidos para um público adulto, já escolarizado, cuja preocupação correspondia mais ao volume de verbetes do que ao letramento e proficiência em leitura do público-alvo. Entre os problemas detectados por esse autor estão arcaísmos em processo de desuso, omissão de unidades do cotidiano, ausência de siglas de amplo emprego na sociedade, inserção de lusitanismos, desmotivando alunos e professores a usarem-no.

Esses pontos supramencionados serviram para que o Ministério da Educação (MEC) organizasse uma comissão que estabeleceu parâmetros para a constituição de produtos lexicográficos mais voltados ao público escolar, cuja pretensão seria estimular a prática industrial lexicográfica a elaborar dicionários que atendessem às necessidades do alunado. Sob essa nova perspectiva, além da influência dos documentos oficiais, foram estabelecidos o português brasileiro e a língua contemporânea como pontos essenciais a comporem os dicionários escolares no PNLD (2006).

Krieger (2006a) recorda o espaço privilegiado para (re)conhecimento da língua em que se encontram os dicionários e essa percepção foi fundamental para sua inclusão no PNLD. Segundo a autora, o “PNLD: Dicionários” (2006) promoveu um progresso notável em se tratando da adoção de novas diretrizes para seleção e aquisição de produtos lexicográficos, além de inserir o manual didático *Dicionários em sala de aula*, contendo atividades concebidas pelos professores Marcos Bagno (UnB) e Egon de O. Rangel (PUC/SP). Não nos interessa discorrer sobre os aspectos políticos que tenham sido considerados para que o governo federal voltasse sua atenção para os dicionários; entretanto, é possível supor que, à época, possa ter havido pressão significativa indireta internacional de programas que avaliam os avanços de proficiência e de letramento de estudantes da Educação Básica do Brasil.

Bugueño Miranda e Farias (2013) explicam o papel que o PNLD vem exercendo ao longo do tempo a respeito da classificação das obras dicionarísticas escolares:

Criado em 1985, o PNLD avalia, desde 1996, os livros didáticos que devem subsidiar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de Ensino Fundamental e Médio em todo o país. A partir de 2000, esse programa teve seu escopo de atuação ampliado, passando a avaliar também os dicionários

destinados aos estudantes de ensino fundamental. A metodologia de avaliação dos dicionários escolares empregada no âmbito do PNLD vem sofrendo alterações periódicas a cada dois anos, desde sua primeira versão, de tal forma que hoje abrange também os dicionários destinados a estudantes do Ensino Médio (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2013, p. 2).

Em 2006, surge o “PNLD: Dicionários” a partir do Programa original de 1985 e passa por sua última atualização em 2012, momento em que propõe a categorização dos dicionários em quatro tipos distintos, incluindo desde os dicionários infantis para crianças de 6 anos, na Educação Infantil (Tipo 1), até aqueles para crianças mais velhas (de 7 a 11 anos), no Ensino Fundamental Anos Iniciais (Tipo 2), depois para adolescentes de 12 a 14 anos (Tipo 3) e, por fim, estudantes do Ensino Médio de 15 a 17 anos (Tipo 4). Bugueño Miranda e Farias (2013 p. 2) ainda enfatizam a importância significativa dessa obra voltada a categorizar os dicionários:

É inquestionável o impacto positivo do PNLD na produção dicionarística nacional de cunho escolar, uma vez que a necessidade de submissão dos dicionários escolares a avaliações periódicas contribuiu, em primeira instância, para o aperfeiçoamento progressivo dessas obras e, em segunda instância, para a manutenção de um padrão mínimo de qualidade. Não obstante, a metodologia de avaliação do PNLD não está completamente isenta de críticas (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2013, p. 2).

Considerando-se o panorama brasileiro, é um avanço que tenhamos tido um olhar governamental para os dicionários; porém, identificamos uma estabilidade perturbadora uma vez que esse Programa voltado aos dicionários completa dez anos de existência sem nenhuma outra atualização. Temos claro que os dicionários são produtos de alta complexidade que retratam questões sócio-histórico-culturais da sociedade em que são produzidos e que são, pois, passíveis de constantes modificações e/ou renovações para melhor oferecer as informações lexicográficas a seus consulentes. Por isso os estudos metalexicográficos são fundamentais para estimular que os dicionários sigam cumprindo seu papel.

Em meio à categorização proposta pelo “PNLD: Dicionários”, foram adotados os seguintes critérios para tal: (i) grau de escolarização do consulente (relação entre dicionários e seu público-alvo); (ii) quantidade de verbetes apresentados e suas propostas lexicográficas (BRASIL, 2006; 2012). A partir desses critérios, temos quatro subdivisões que podem ser verificadas no Quadro 2 com as características dos tipos das obras, para cada um dos anos de publicação:

Quadro 2. Tipologias estabelecidas pelo PNLD

Tipo de dicionário	Fase educacional em que o estudante se encontra	Características
Tipo 1 (2006)	1º ao 3º ano do EF	Turmas em fase de alfabetização; proposta lexicográfica apropriada à introdução do alfabetizando ao gênero dicionário; de 1.000 a 3.000 verbetes.
Tipo 1 (2012)	1º ano do EF	Proposta lexicográfica apropriada às demandas do processo de alfabetização inicial; de 500 a 1.000 verbetes.
Tipo 2 (2006)	Período entre o 4º e o 5º ano do EF	Turmas em processo de desenvolvimento da língua escrita; proposta lexicográfica apropriada a estudantes em fase de consolidação do domínio tanto da escrita; de 3.500 a 10.000 verbetes.
Tipo 2 (2012)	Período entre o 2º e o 5º ano do EF	Proposta lexicográfica apropriada a estudantes em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário; de 3.000 a 15.000 verbetes.
Tipo 3 (2006)	Segundo segmento do EF (6º ao 9º ano)	Turmas em processo de desenvolvimento da proficiência em leitura e escrita; proposta lexicográfica direcionada pela caracterização de um dicionário padrão, porém, apropriada aos estudantes que se encontram nos últimos anos do Ensino Fundamental; de 19.000 a 35.000 verbetes.
Tipo 3 (2012)	Segundo segmento do EF (6º ao 9º ano)	Proposta lexicográfica direcionada pela caracterização de um dicionário padrão de uso escolar, porém, apropriada aos estudantes que se encontram nos últimos anos do Ensino Fundamental; de 19.000 a 35.000 verbetes.
Tipo 4 (2012)	1º ao 3º ano do EM	Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém, apropriada às demandas escolares do Ensino Médio, inclusive o profissionalizante; de 40.000 a 100.000 verbetes.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no PNLD (BRASIL, 2006, p. 133; 2012, p. 19).

A partir do Quadro 2, podemos notar as mudanças propostas da versão de 2006 para a de 2012, entre elas a inserção de obras que atendam aos estudantes do Ensino Médio (com destaque em fundo azul). A respeito da reformulação do “PNLD: Dicionários” – implantada em 2006, preservada em sua edição posterior, de 2012 –, o oferecimento das obras deixa de ser realizada individualmente, para cada aluno matriculado, sendo adotada a distribuição por acervos lexicográficos, de três a sete títulos, conforme as turmas. Como resultado, as obras dicionarísticas (antes disponibilizadas como material exclusivo a cada estudante, para uso na escola ou em casa), limitam-se somente a serem manuseadas na instituição educacional, em quantidade reduzida para uso comum, dificultando o trabalho do educador para desenvolver atividades com todos os estudantes de uma mesma turma ao mesmo tempo, a nosso ver, uma decisão equivocada do Ministério da Educação (MEC).

Levando em consideração a proposta de alteração, no PNLD (2006), foram organizados três acervos (denominados de A, B e C, respectivamente, compostos por 7, 9 e 6 títulos, de editoras diferentes), os quais poderiam ser escolhidos por cada instituição, já chegando prontos às escolas. Segundo Krieger (2006a, p. 238), “não há uma categoria específica de dicionário escolar, mas dicionários adequados para a escola”, o que ampliou o quadro tipológico de

dicionários disponíveis aos estudantes e contribuiu para reverter o pensamento absoluto de que os minidicionários seriam a única opção de produto lexicográfico para alunos em idade escolar.

Seguimos a concepção de dicionário escolar, encontrada no “PNLD 2012: Dicionários”, como fundamento para atingir o escopo deste estudo, cuja proposta lexicográfica de suas obras

não só se mostra compatível com essas atividades como é pensada para propiciar o seu desenvolvimento; e, entre eles [os dicionários]¹¹, são ainda mais adequados os que foram concebidos e elaborados para atender a essas demandas específicas. Como uma dessas demandas [de ensino e aprendizagem]¹² é exatamente a da adaptação do que se quer ensinar/aprender ao nível de ensino e aprendizagem visado, podemos acreditar que os dicionários orientados para faixas específicas serão mais eficazes em seus propósitos pedagógicos. Na medida em que os dicionários escolares disponíveis no mercado livreiro visam diferentes públicos, obedecem a diferentes propostas e são realizados com graus variados de rigor, podem se revelar mais ou menos adequados para a consecução dos objetivos pedagógicos visados (BRASIL, 2012, p. 18).

Pelo Quadro 2, notamos que cada Tipo de dicionário é destinado a um determinado grupo de consulentes, dependendo de sua fase educacional, quer dizer, são obras que podem ser utilizadas como instrumentos didáticos se melhor direcionadas; pedagogicamente, é uma estratégia para o ensino e desenvolvimento da produção e compreensão orais e escritas do aluno. Sobre a tipologia proposta por Bugueño Miranda e Farias (2013 p. 3), esses autores comentam que aquela

apresentada [...] faz corresponder a cada etapa específica da educação básica um tipo de dicionário. Em outras palavras, cada tipo de dicionário destina-se a um usuário específico, com conhecimentos linguísticos específicos, bem como necessidades e habilidades de consulta específicas (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2013 p. 3).

Com isso, visando atender às necessidades dos consulentes, os lexicógrafos poderiam selecionar informações mais pertinentes e funcionais para cada tipo específico de dicionário, excluindo, então, informações aleatórias que pudessem levar a um inchaço da obra, confundindo o consulente em sua busca.

Concernente às marcas de uso, embora saibamos que foram inseridas, inicialmente, em dicionários gerais, posteriormente, passaram a ser utilizadas em dicionários escolares em função de interesses, durante o percurso histórico, para a elaboração dessas obras. Nesta tese,

¹¹ Acréscimo nosso.

¹² Acréscimo nosso.

destacamos sua importância desde seu título a fim de (i) ressaltar nossa perspectiva de análise (“em dicionários escolares”), pois, assim, levamos nosso leitor a focar no nosso *corpus* de análises, além de (ii) estimular uma marcação mais padronizada, cuidadosa, precisa e coerente nessas obras, levando em consideração a evolução escolar dos estudantes brasileiros.

Assim, após a exposição das características dos variados tipos de dicionários e de trazermos documentos oficiais que apresentam orientações durante o itinerário de escolarização dos estudantes brasileiros, ressaltamos que nossa pesquisa se voltará para os dicionários escolares, os quais representam nosso arcabouço de pesquisa para nosso objeto de estudo: as marcas de uso. Os dicionários gerais nos servirão de suporte constrastivo levando em consideração que deles surgiu a etiquetagem que nos interessa nos escolares e que serão, na sequência, aqueles utilizados pelos estudantes no decorrer das etapas escolares.

A importância de se analisar esses documentos diz respeito à influência que tal estudo possa ter em aprimorar os futuros PNLD, o que esperamos que ocorra, tendo em vista que, neste ano (2022), a versão mais recente completa seu décimo aniversário sem previsão para uma nova edição, a qual precisa ser atualizada em função da nova realidade escolar pós-pandêmica.

Com vistas a esses documentos, constatamos que quanto maior for a consonância entre lexicógrafos e os documentos oficiais, melhor será o uso das obras lexicográficas e com isso poderá haver uma maior contribuição ao processo de ensino-aprendizagem, visto que esse processo ocorre, nacionalmente, com base nas orientações oficiais. Portanto, se não houver um bom diálogo entre esses atores (Governo, lexicógrafos e público escolar), será um processo deficitário que se inicia na elaboração dos dicionários.

Por meio do atendimento por faixa etária, o lexicógrafo pode aprimorar sua obra e, conseqüentemente, o consulente será melhor atendido e poderá ter um avanço em sua aquisição vocabular e seu desempenho na língua, quer dizer, é possível potencializar o uso dos dicionários. Por exemplo, recursos multimodais podem ser variados e poderão atrair mais interesse de um determinado consulente do que outro, podendo estimular uma maior produção textual, um reconhecimento mais amplo dos efeitos de sentido.

Além disso, é preciso que haja uma maior inserção das marcas de uso nos dicionários dos Tipos 1, 2 e 3, uma vez que esses documentos preconizam o contato com a variação linguística apenas no Ensino Médio (em dicionários do Tipo 4). É preciso que, ao se elaborar as obras dicionarísticas, os lexicógrafos alertem, sempre, seus consulentes acerca das restrições de uso. Desse modo, se oficialmente não há essa preocupação em advertir os consulentes mais jovens sobre a variação linguística, cumpre ao lexicógrafo fazê-lo, porque faz parte do cotidiano deparar-se com sentidos que devem se apresentar marcados.

Portanto, para a formulação do próximo “PNLD: Dicionários”, a articulação entre esses atores no cenário brasileiro se faz necessária, principalmente para promover o avanço lexicográfico nacional de obras escolares que contribuam para otimizar o processo de ensino-aprendizagem. O verbete é um território em que devemos encontrar as marcas de uso, as quais precisam ser exploradas e estar presentes em todas obras escolares.

O que se verifica na versão de 2012 é uma dispersão desse recurso a depender do dicionário, por exemplo, ao comentar sobre os do Tipo 1, não há menção sobre marcas, as quais são mencionadas, muito brevemente, em dois do Tipo 2 (*Palavrinha Viva* e *Caldas Aulete*); por outro lado, nesse documento não consta nenhuma informação sobre o uso das marcas nos dicionários do Tipo 3. Somente quando são tratados aqueles do Tipo 4 (voltados para o Ensino Médio), há um destaque para esse recurso, pois “informam, por meio de rubricas ou marcas de uso, o domínio a que a palavra entrada ou uma de suas acepções está associada, assim como o nível de linguagem envolvido: formal; informal; coloquial; pejorativo; chulo... vocábulos ou acepções regionais também são indicados” (BRASIL, 2012, p. 35).

Essa perspectiva advinda da documentação oficial contribui para as questões teóricas levantadas no próximo capítulo, uma vez que influenciam na elaboração dos dicionários, os quais participam no processo de desenvolvimento escolar dos consulentes. Dessa maneira, os expedientes lexicográficos tratados a seguir trazem os conceitos que embasam esta pesquisa, seus principais estudiosos, teorias, características e aspectos que entendemos como relevantes.

Capítulo 2

Arcabouço metalexicográfico

*“O dicionário é uma espécie de pomar.
Só que as suas árvores, em vez de serem árvores de frutas,
são árvores de palavras.”
(A revolta das palavras, de José Paes Leme)*

2.1 Considerações acerca do léxico: objeto de descrição lexicográfica

Iniciemos por compreender como alguns lexicógrafos vêm definindo “léxico” no decorrer dos anos. Vilela (1979, p. 133) entende léxico como sendo a representação de um sistema de possibilidades que abarca itens lexicais documentados e aqueles possíveis de serem constituídos a partir de suas bases de formação. Para Biderman (1981, p. 132), o léxico de uma língua representa o tesouro vocabular de um sistema linguístico, cuja nomenclatura se compõe por conceitos linguísticos e não linguísticos utilizados pelo indivíduo contemporâneo e do passado. Mais tarde, essa autora (1996, p. 27) retoma esse conceito e afirma que “é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”.

Na primeira década do século XXI, Borba (2003, p. 81) advoga que léxico corresponde à conexão entre a abstração da língua e a realidade em si, de forma tal que “o léxico fisionomiza a cultura” (BORBA, 2006, p. 82). Sob a perspectiva de Antunes (2007),

léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. [...] É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo (ANTUNES, 2007, p. 42).

Basílio (2006) destaca a dupla função do léxico, uma referente à classificação e a outra acerca da comunicação:

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar (BASÍLIO, 2006, p. 9).

Segundo Zavaglia (2009, p. 7), “o léxico é, pois, o conjunto de todos os itens lexicais existentes em uma língua natural, incluso aí expressões, fraseologismos, itens gramaticais. É

um conjunto aberto, em contínua expansão, impossível de ser delimitado em sua totalidade”. Assim como ressaltado por Zavaglia (2009), Cavalcante (2015 p. 23) também reconhece o léxico como o conjunto das unidades lexicais de uma dada língua sujeito a expansões e atualizações. Essas autoras nos auxiliam a não ignorar que esse complexo agrupamento é aberto e serve para caracterizar o perfil de seus usuários como um reflexo de sua língua, o que revela variados aspectos culturais, comportamentais e ideológicos, os quais são influenciados pelo tempo, pelo espaço por onde circulam esses indivíduos e também por sua situação socioeconômica. Portanto, o acervo lexical de cada língua retrata a experiência humana de cada povo, em termos de seus pensamentos e suas ações.

Ao final da segunda década deste século, pesquisadores brasileiros e estrangeiros reforçam a amplitude extralinguística do que é o léxico; assim, para Battaner Arias e López Ferrero (2019),

o léxico é objeto de atenção desde a etnografia, da filosofia analítica, da história, especialmente da história das ideias; existe o interesse pelas denominações em todas as ciências e em todas as artes. [...] A reflexão sobre o léxico e sua manifestação no vocabulário das línguas implica, com efeito, ao conhecimento do mundo e do que somos e, naturalmente, ao saber sobre essa língua que sustenta todos esses variados conhecimentos¹³ (BATTANER ARIAS, LÓPEZ FERRERO, 2019, p. 12).

Por fim, em consonância a esses autores espanhóis, Rodrigues-Pereira, Zacarias e Nadin (2019, p. 20) entendem que “o léxico, como inesgotável elemento linguístico e aberto às mais diversas intempéries linguístico-histórico-culturais, nos proporciona possibilidades de aproximação por meio das mais variadas miradas teórico-metodológicas”.

Nesta tese, entendemos que o léxico de uma língua corresponde ao conjunto das palavras de um sistema linguístico – aberto e em constante ampliação – que está à disposição de todos os falantes, subordinando-se às constantes transformações sócio-histórico-político-culturais, as quais trazem novos itens lexicais a essa língua ou mesmo podem retirá-los de circulação. Portanto, constata-se que são os falantes que determinam o léxico de uma língua.

Em nossa definição de léxico, trazemos um termo discutido por linguistas, entre outros itens lexicais especializados: a palavra. É preciso atentarmos para esse item, pois, a depender da perspectiva teórica adotada, pode gerar conceituações diferentes. Biderman (2001a, p. 140)

¹³ Tradução nossa para: “El léxico es objeto de atención desde la etnografía, desde la filosofía analítica, desde la historia, especialmente desde la historia de las ideas; hay interés por las denominaciones en todas las ciencias y las artes. [...] La reflexión sobre el léxico y su manifestación en el vocabulario de las lenguas implica a la razón, al conocimiento del mundo y de lo que somos y, naturalmente, al saber sobre esa lengua que sostiene todos esos variados conocimientos”.

salienta que “a definição de palavra levanta vários problemas teóricos com consequências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico”; sem adentrarmos em discussões mais aprofundadas, por não ser o escopo desta tese, apenas lembramos que, para linguistas cognitivistas, ela terá um significado diverso daquele que serve para um analista do discurso que será distinto para um fonólogo e assim por diante, visto que ela não é capaz de abranger a totalidade daquilo que cabe na conceituação de léxico.

Para Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 34), os estudos morfológicos não podem se satisfazer com a definição de que palavra é “o conjunto de letras que fica entre dois espaços em branco”. Essa discordância também é manifestada em estudos acerca da morfologia do português, variante brasileira, por Basílio (2004) e Biderman (1998; 2001), juntamente com Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 36), salientando que a “verdadeira marca da delimitação vocabular é a pauta prosódica”. Esse reconhecimento se legitima pelo fato de que os princípios de sintagma, de lexia (simples, composta, complexa), originam-se dessa constatação e alcançam sua autonomia em razão de sua reunião natural na produção (oral ou escrita) discursiva, fator decisivo para a elaboração de dicionários.

Pottier (1974) defendia sua teoria das lexias e enfatizava que seria mais apropriado tratarmos de unidade lexicográfica ou lexia por se referirem a todo plano de expressão que dá suporte material para um conteúdo, estabelecendo-se a relação do signo linguístico (constituído de significante e significado) e categorizando-a em quatro tipos (lexia simples, complexa, composta ou textual).

De outro ponto de vista, Bakhtin (1986, p. 36) entende que os significados produzidos não decorrem apenas de sua materialidade físico-sonora, mas aliam-se à realidade sócio-histórica, dado que, para ele, “a palavra é o signo ideológico por excelência”. Note-se que é um pensamento que instaura “uma ponte entre mim e o outro” (p. 36) de modo tal que as palavras se mostram circunscritas em variadas ordens espaço-temporais, conseqüentemente, novos conceitos traduzem a relação de diversos significantes a um mesmo significado, que podem ser evidenciados nos dicionários por meio da presença das marcas de uso.

Em linhas gerais, Teixeira (1991) lembra que o vocábulo não corresponde a uma unidade fonética, dado que as línguas sempre realizam suas construções em blocos, submetendo-se à tonicidade de uma única sílaba; além disso, pode ocorrer homografia (mesma escrita e pronúncia diferente, por exemplo, “colher” – verbo; “colher” – substantivo) e, ainda, esse termo não é uma unidade morfossintática, pois pode ser substituída por outros vocábulos, por fim, afirma que pode ocorrer polissemia. Esse autor, a partir desses apontamentos,

principalmente este último, conclui que é um termo que não corresponde a uma unidade semântica monolítica.

Casares (1992, p. 51) destaca que os gramáticos nunca estiveram em concordância sobre a definição do termo “palavra”; por outro lado, Werner (1982, p. 222) ressalta que essa definição pouco influenciou na prática lexicográfica. Iriarte Sanromán (2001) nos alerta para a utilização de meios automáticos de extração de unidades para a elaboração de dicionários, pois “a unidade lexicográfica não poderá ser qualquer fragmento delimitado aleatoriamente. Deverá ter, na medida do possível, um mínimo de autonomia estrutural que permita distingui-la como unidade lexicográfica” (2001, p. 154). Segundo Bizzocchi (1999, p. 90), assim como para Pottier (1974, p. 266-267), os itens lexicais devem ser classificados em relação ao grau de combinação entre seus lexemas constituintes a partir da grafia (lexias simples, compostas, complexas e textuais).

De acordo com Basílio (2004), o conceito de palavra é opaco nas gramáticas clássicas, ressaltando que defini-la, com precisão, tem sido uma tarefa sem sucesso de várias perspectivas linguísticas. Para o estruturalista norte-americano Bloomfield (1926, p. 48-49),

uma palavra é, portanto, uma forma que pode ser enunciada sozinha (com significado) mas não pode ser analisada em partes que podem (todas elas) ser enunciadas sozinhas (com significado). A palavra *feliz* não pode ser analisada; a palavra *felizmente* pode ser analisada em *feliz* e *–mente*, mas a última parte não pode ser enunciada sozinha (BLOOMFIELD, 1978 [1926], p. 48-49).

Já o estruturalista europeu Saussure (1916) procura definir palavra, a princípio, convidando seu leitor a refletir sobre o seguinte exemplo:

basta pensar na palavra *cheval* (“cavalo”) e em seu plural *chevaux*. Diz-se correntemente que são duas formas da mesma palavra; todavia, tomadas na sua totalidade, são duas coisas bem diferentes, tanto pelo sentido como pelos sons (SAUSSURE, 1970 [1916], p. 122).

Esse autor prossegue com outros exemplos equiparando unidades concretas a palavras, o que leva seus leitores a um impasse: considerar *cheval* e *chevaux* palavras diferentes, ignorando a evidente relação, ou reconhecer as formas que reúnem as palavras.

Se por um lado, Bloomfield (1978 [1926]) define palavra conforme sua função no enunciado por considerá-la uma forma mínima livre, por outro, Saussure (1970 [1916]) entende o conceito dela a partir de um sistema mental de valores, pois

uma teoria assaz difundida pretende que as únicas unidades concretas sejam as frases: só falamos por frases, e depois delas extraímos as palavras. Em primeiro lugar, porém, até que ponto pertence a frase à língua? Se é coisa exclusiva da fala, não poderia nunca passar por unidade linguística (SAUSSURE, 1970 [1916], p. 123).

Basílio (2004) afirma que, sobretudo no Estruturalismo (tanto americano quanto europeu), a definição desse termo é dialógica porque

os dois conceitos refletem dois pontos de enfoque do estruturalismo: a estrutura do enunciado e a estrutura do sistema linguístico; e dois pontos cruciais de desafio a definições: a relação lexema-vocabulo-palavra e a questão da identificação da palavra na corrente da fala e sua distinção com a palavra enquanto unidade linguística (BASÍLIO, 2004, p. 77).

Sob a perspectiva de Biderman (1984, p. 141), a palavra é uma “unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do universo dos sujeitos”, possibilita a nomeação (1998b) e referência a uma determinada realidade, além de representar o arranjo do mundo sensorial coletivo do ser humano (1981), caracterizando-se como uma “unidade operacional básica” (2001d, p. 105). Mesmo possuindo esses atributos, é impossível estabelecer um conceito exato, visto que ela agrega, em todo sistema linguístico, uma carga conotativa distinta, uma vez que “a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante” (2001d, p. 100). Portanto, nos trabalhos dessa autora, “palavra” é entendida como unidade (i) psicolinguística basilar, (ii) significativa de articulação do discurso humano e (iii) operacional básica; e ainda considera que as palavras possuem fronteiras entre o linguístico e extralinguístico, pois “o referente e o universo de que ele procede geram o fenômeno da significação”, em que pese a variação presente nas línguas (1998b, p. 117).

Nesta tese, entendemos palavra como um signo linguístico, ideologicamente arbitrário, pertencente a um complexo sistema, em que seres (concretos ou abstratos) são associados a coisas (concretas ou abstratas); indivíduos são ligados a sua sociedade e experiências são conectadas, quer dizer, a “palavra” expressa a realidade extralinguística por meio de inúmeras relações, seu poder de influência é capaz de proporcionar mudanças (quer avanços ou retrocessos) na sociedade; é uma entidade armazenada no cérebro a partir das vivências histórico-sociais de cada pessoa, cuja franca expansão vocabular registra a perspectiva e o comportamento de um povo ao usar sua língua. Logo, para entendermos como ocorre a sistematização da “palavra”, é preciso tomarmos os conceitos científicos da Lexicografia.

2.2 Considerações acerca da Lexicografia

Sendo uma ciência, a Lexicografia está sujeita à teoria e a etapas metodológicas. Essa ciência, que adquiriu uma maior potencialidade neste século graças aos imensos avanços tecnológicos, tem contribuído não apenas para produzir um volume maior de obras lexicográficas, como também alcançar um maior número de consulentes, pois o dicionário tem se mostrado cada vez mais presente na vida cotidiana. Conforme Rodriguez Barcia (2016, p. 135), os motores de busca em qualquer dispositivo móvel (celulares, *tablets*, *laptops* etc.) rapidamente trazem uma definição às mãos de seu usuário e, obviamente, não estamos versando sobre a qualidade do produto, apenas de seu maior alcance social.

Como preconizado por Biderman (1984, p. 3), ainda na década de 1980, um “objeto de consumo de primeira necessidade” que, produzido pelos lexicógrafos, aproximou-se enormemente dos cidadãos consulentes. Embora a prática lexicográfica tenha se feito presente há séculos, desde a Antiguidade (principalmente para as línguas clássicas – grego e latim), foram os avanços teórico-metodológicos da Lexicografia das últimas quatro décadas que proporcionaram um amplo acesso aos dicionários.

Várias foram as motivações para a feitura dos dicionários, entre as quais, em razão da expansão territorial, processos colonizadores, intercâmbio de mercadorias, pois os povos tinham a necessidade de se entenderem por meio da compreensão das diferentes línguas, quer dizer, era preciso elaborar algo que proporcionasse essa comunicação, cuja demanda levou à produção de dicionários. De acordo com Oliveira e Nadin (2018, p. 283), “foi a partir da necessidade de interagir com o outro que [no século XVI] os dicionários bilíngues começaram a ser elaborados” (OLIVEIRA; NADIN, 2018 p. 283) e, em alguns casos, eram, inclusive, plurilíngues.

Posteriormente, registra-se a elaboração de obras dicionarísticas monolíngues (no século XVII), conforme atesta Biderman (1984, p. 2): “a lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII, aperfeiçoando, aos poucos, as suas técnicas”. Hwang (2010, p. 35) confirma essas informações sobre o advento dos produtos lexicográficos ao apontar que

[...] o desenvolvimento das relações comerciais e culturais entre povos de diferentes línguas criou uma necessidade objetiva de comunicação e entendimento nos diversos âmbitos das relações sociais. Dessa necessidade prática surgem listas lexicais bilíngues ou multilíngues [...]. O caráter geralmente bilíngue desses repertórios lexicais autoriza alguns autores a dizer, de uma forma generalizada, que os dicionários bilíngues são os ancestrais dos dicionários monolíngues (HWANG, 2010, p. 35).

Biderman (1984) acentua que os primeiros produtos eram elaborados somente para auxiliar no processo comunicativo, sendo que alguns repertórios lexicais almejavam proporcionar o entendimento de textos literários antigos, como é o caso das glosas. Também reconhecidos como listas de palavras, esses repertórios focavam em trazer uma interpretação dos itens lexicais desconhecidos da língua. Sucessivamente, essas listas lexicais foram substituídas por glossários, assim, “[...] considera-se tradicionalmente que os ancestrais dos dicionários modernos são os glossários, que historicamente preparam o caminho para o desenvolvimento da Lexicografia moderna” (HWANG, 2010, p. 35). A passagem dos glossários às obras lexicográficas bilíngues marcou o século XVI e, a partir dessa transição, o dicionário passa a ser visto como um instrumento organizado com o objetivo de oferecer uma descrição do léxico de uma língua.

Ainda segundo Biderman (1984, p. 2),

quando o homem renascentista começou a ampliar os seus horizontes culturais abandonando de vez a sua reclusão medieval dentro de sua própria cultura, descobriu a necessidade de aprender línguas, evidentemente as línguas europeias mais faladas na época (século XVI). Além da consciência adquirida da distância entre o latim e as línguas vernáculas do seu tempo, o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico num mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre as jovens nações europeias. Assim, multiplicam-se os dicionários bilíngues na Espanha, na França, na Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas que se tornaram oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI (BIDERMAN, 1984, p. 2).

Mesmo tendo surgido no ambiente ocidental do século XVI, o produto lexicográfico bilíngue só passou a ser estudado quatro séculos mais tarde (século XX), bem como a promoção dos princípios teórico-metodológicos que definiram a Lexicografia como, de fato, uma ciência.

Alguns estudiosos ainda destacam que esse desenvolvimento ocorreu na segunda metade desse período. De acordo com Hwang (2010), apenas ao final da década de 1960 se encontram trabalhos de relevância para a área, sendo que se verificam “as bases dos conhecimentos teórico-metodológicos e históricos em Lexicografia, procurando construir um objeto de estudo e uma problemática coerente” (HWANG, 2010, p. 43). Lara (2004, p. 134) também salienta os valorosos trabalhos de três estudiosos na década de 1970. Para esse autor,

somente a partir dos imprescindíveis livros de Josette Rey-Debove, de Alain Rey e de Bernard Quemada, na década de 70, é que o dicionário começou a merecer uma atenção que fosse além do método e o submetesse a um questionamento linguístico (LARA, 2004, p. 134).

Nem sempre a Lexicografia foi considerada ciência. Na verdade, por um longo período, foi compreendida ora como arte, ora como técnica. Seabra (SEABRA; WELKER, 2011, p. 29) sublinha que

ainda que o fazer dicionarístico remonte às culturas mais antigas do Oriente, até a metade do século XX, definia-se o termo lexicografia como “a arte de compor dicionários”. A partir desse período, com o interesse crescente de linguistas, essas obras, tradicionalmente consideradas como meros instrumentos práticos, passam a ser objeto de estudo da linguística moderna (SEABRA; WELKER, 2011, p. 29).

Constata-se que, antes da implantação dos princípios teóricos da Metalexicografia, a produção de dicionários não se evidenciava como uma preocupação por meio de estudos linguísticos, ao contrário; por vezes, não era constituída por lexicógrafos, como ainda hoje se detecta, nem se embasava em preceitos teóricos alicerçados.

Em virtude dos estudos concebidos por Rey (1970), Rey-Debove (1971), Quemada (1972), Casares (1984), em meio a outros contemporâneos e também a seus sucessores, a Lexicografia passou a ser respeitada como teoria, estabelecendo-se como a ciência que estuda e produz obras dicionarísticas. Com essa perspectiva, os lexicógrafos começaram a se inquietar para definir, de maneira apropriada, o labor de elaborar dicionários, além de estudar, examinar e promover pesquisas que aprimorassem, continuamente, esses produtos. Com isso,

os primeiros trabalhos de tipologia, descrição, análise e crítica lexicográficas marcam um outro momento importante na história da Lexicografia. Eles vão dar origem à metalexicografia, que surge para preencher uma dívida epistemológica da Lexicografia, visto que, ao lado de uma diversidade e um dinamismo em termos de produção lexicográfica desde as origens da Lexicografia moderna, o lexicógrafo decidido a conceber e produzir um dicionário se via, até recentemente, diante da dificuldade de constituir um referencial teórico que lhe fornecesse explicitamente modelos e métodos de descrição, além de um aparelho metalinguístico que formulasse as implicações teóricas e práticas de seu trabalho (HWANG, 2010, p. 43).

Para elaborar dicionários, os lexicógrafos se baseiam em trabalhos produzidos pelos metalexicógrafos, estudiosos responsáveis por examinar as obras dicionarísticas existentes e, por conseguinte, desenvolver teorias que amparam a confecção de novos dicionários, indicando formas de aprimorar seus constituintes e sua estrutura. Assim, de acordo com Welker (SEABRA; WELKER, 2011, p. 30), “em geral, a palavra lexicografia refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos lexicografia prática e lexicografia teórica [ou

Metalexigrafia]”. Portanto, a Lexicografia pode ser entendida sob duas perspectivas complementares: (i) elaboração e o desenvolvimento de dicionários; e (ii) estudo, análise e exame de fundamentos que envolvem as obras. É esse olhar teórico da Metalexigrafia (Lexicografia teórica) que fundamenta a elaboração das obras dicionarísticas, tipologias, suas arquiteturas e determinação de seu público-alvo (WELKER, 2004; RODRIGUEZ BARCIA, 2016).

Sob a perspectiva de Welker (2011, p. 30), “na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários. Essa atividade foi considerada – por certos autores – uma “ciência”, “uma técnica”, uma “prática” ou mesmo uma “arte””. Com relação à lexicografia teórica, esse autor complementa que “cada vez mais chamada de metalexigrafia, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários” (p. 31).

Nos estudos metalexigráficos, almeja-se a criação ou desenvolvimento de teorias que deem base à elaboração de dicionários, os quais vêm se modificando em decorrência das transformações nas sociedades, em termos de adaptações acerca do suporte, do conteúdo informacional descrito e em sua concepção. Tendo em vista essas mudanças, os dicionários, que antes eram vistos apenas como obras de consulta, passaram a ser confeccionados em função das demandas dos consulentes, sobretudo, graças ao progresso teórico-tecnológico da Metalexigrafia.

Com o avanço nas pesquisas, a Metalexigrafia tem permitido vários caminhos de pesquisa, pois, dependendo das particularidades dos dicionários e seu público-alvo, os estudos podem seguir por áreas ou subáreas específicas que abordem temáticas relacionadas: (i) à organização das obras lexicográficas; (ii) ao estabelecimento de preceitos que regem as obras mono-, bi- e multilíngues; (iii) a pesquisas acerca de maneiras para aperfeiçoar o labor dos lexicógrafos e suas obras. A partir disso, na seção seguinte, apresentamos discussões referentes à Lexicografia Pedagógica e aos dicionários escolares.

2.2.1 O lexicógrafo e a identidade do dicionário

Ao se pensar na figura do lexicógrafo, materializa-nos um indivíduo que labuta árdua e profissionalmente com as unidades lexicais, que pouco reconhecimento recebe, mas que avança de modo heroico para garantir seu fazer profissional. Além disso, é preciso também evidenciar a função pedagógica que é pensada por muitos lexicógrafos ao elaborarem seus dicionários, principalmente aqueles direcionados ao público escolar.

O primeiro passo para a elaboração de um dicionário é considerar quem será seu consulente, ou pelo menos, vislumbrar um possível grupo a ser contemplado para que, em

seguida, seja possível delimitar sua nomenclatura e seguir para o levantamento e interpretação dos dados, selecionando as prováveis unidades lexicográficas para decidir quais informações serão necessárias para compor seu verbete.

Na década de 1980, Haensch *et al.* (1982) já se atentavam para destacar as funções que competiam ao lexicógrafo, advogando pela exigência de requisitos inerentes a tal profissional, dentre os quais ter domínio vasto do arcabouço teórico acerca dos percursos metodológicos a serem instanciados durante o fazer lexicográfico. É durante esse processo que ressoam as informações das diversas áreas da Linguística, bem como as condições de trabalho, práticas sócio-econômico-tecnológicas.

Xatara (2008) esclarece que

o lexicógrafo não seria apenas um técnico, um “fazedor” de dicionários, um dicionarista. O lexicógrafo elabora, sim, dicionários, seja de que tipo for, mas o produto que apresenta ao público, é substancialmente embasado em estudos lexicológicos e metalexicográficos, ou seja, o lexicógrafo só chegará à elaboração de um dicionário, após ter refletido e analisado, com critérios claramente científicos, o tipo de unidade lexical ou palavra que ele escolherá para compor a nomenclatura de sua obra, e após ter estabelecido com rigor como será a macro e microestrutura desta obra (XATARA, 2008, p. 123).

Para Dal Fabbro (2007, p. 230), os lexicógrafos são profissionais que precisam levar em consideração os mais variados aspectos pragmáticos, visto que, segundo essa autora, ao defrontar um sentido desconhecido, o consulente será levado a pensar sobre determinado contexto de uso. E, para auxiliá-lo nessa empreita, é preciso adotar medidas para organizar o melhor possível o dicionário, cabendo diretamente ao lexicógrafo tomar essa decisão. Essa autora ainda ressalta que os lexicógrafos precisam se inteirar a respeito do que é necessário ou conveniente ao seu público-alvo e, por conseguinte, ao volume e à complexidade de informações que irão compor os verbetes a fim de se evitar uma sobrecarga de demasiados detalhes a seus consulentes. Também menciona que é muito frutífera a relação dos lexicógrafos com outros profissionais, como linguistas e tradutores (2007, p. 231).

Humblé (2005) define o labor do lexicógrafo como um trabalho enfadonho, demasiadamente meticuloso e, não poucas vezes, infundável. Já Borba (2006, p. 16) salienta a tecnicidade desse ofício contrariamente a seu esmero acadêmico-científico, até mesmo afirmando que o lexicógrafo nada mais seria do que um dicionarista que necessita de preparo técnico na leitura dos textos de orientação, além de perspicácia e receptividade para uma coleta produtiva dos dados a serem analisados e consequente registro no dicionário, excepcional memória para cruzar os verbetes de outras dicionarísticas (é essencial voltar-se a dicionários do

passado) e conservar o que interessa e amadurecimento para distinguir, recusar, selecionar, adequar e produzir definições.

Sob o ponto de vista de Zavaglia (2009),

o lexicógrafo vale-se de estudos da morfologia, da sintaxe, da semântica, da pragmática para fundamentar sua obra. De fato, a ele é dada a tarefa de classificar um item léxico quanto a sua classe gramatical (estamos no ramo da Morfologia), de contextualizá-lo e combiná-lo (Sintaxe), de identificar relações semânticas entre as unidades, tais como a sinonímia, a polissemia, a homonímia (Semântica Lexical), de descrevê-lo discursivamente, e, conseqüentemente, de analisar esse discurso (adentramos na Análise de Discurso), de descrever as unidades lexicais no que diz respeito a sua pronúncia (Fonética), de precisar a sua origem e a evolução (Etimologia). E as fronteiras de estudo entre a Lexicografia e a Lexicologia confundem-se, na medida em que tocam linhas limítrofes de interesse de estudo. Com efeito, a Lexicologia interessa-se e toca também nessas áreas fronteiriças em seus estudos, a sua origem e a evolução (ZAVAGLIA, 2009, p. 9-10).

Nessa perspectiva levantada por Zavaglia (2009), somos alertados para as fronteiras de várias áreas, por isso é preciso não perder de vista que, por mais que se busque evitar, os dicionários acabam por ser atravessados pelas ideologias de seus lexicógrafos, visto que são indivíduos que possuem visões teóricas, por vezes, opostas. A divergência teórica, em si, não é algo negativo, ao contrário, leva a novos olhares e avanços científicos.

Em se tratando de questões ideológicas, é flagrante também nos dicionários manifestações preconceituosas que refletem a época de um povo sob diversos fatores: religioso, sexual, racial, étnico, entre outros. Essas variadas ordens de discriminação podem ser verificadas e refletidas via léxico, quer pelo significado que os indivíduos atribuem às palavras e o uso efetivo que fazem delas para especificar grupos que apresentam características particulares, quer pelo significado dicionarístico concedido aos itens lexicais.

Sobre essas questões ideológicas que revelam preconceitos, Correia (2006) afirma que podem se exteriorizar por dois caminhos: (i) pelo significado atribuído às palavras pelos usuários; e (ii) pelas escolhas dos lexicógrafos ao selecionarem os elementos que irão compor sua obra. Com isso, o posicionamento tomado pelo lexicógrafo é essencial para a constituição ou perenização de certos preconceitos, pois, seja pela lematização ou não, seja pela elaboração das definições, decide-se o modo como os consulentes reconhecem as palavras.

Não nos furtamos a destacar que fatores sócio-político-raciais são, na verdade, perpetradores de estigmas e intolerância ainda correntes; logo, a história intervém na significação atribuída às palavras. À vista disso, o lexicógrafo opta por dar ênfase a aspectos

sociais negativos que podem não ser condizentes com a realidade presente, postura essa crucial para perpetrar ou não preconceitos.

Por isso Zavaglia (2022) advoga sobre o ofício dos lexicógrafos, pois,

partindo-se da premissa de que os dicionários não são obras neutras e refletem as ideias e as ideologias de seus autores, logo, o lexicógrafo deveria se familiarizar àquelas da maioria e não apenas às particulares e inerentes a ele para adaptá-las na redação de seus verbetes, diante da impossibilidade de eliminá-las (BARCIA, 2011). Resta saber, entretanto, onde o lexicógrafo irá buscar (e tentar encontrar) esse “meio do caminho” (ZAVAGLIA, 2022, p. 14).

Já sabemos que não são fáceis, nem mesmo óbvios os caminhos a serem percorridos para oferecer obras dicionarísticas de impacto relevante à sociedade. O que fazer? Como agir? Como buscar coerência no nosso fazer lexicográfico? Uma atitude proativa é ampliar o diálogo com os pares. Ressaltamos que o lexicógrafo se baseia em ciência e metodologia, os dicionaristas não necessariamente se baseiam nelas, quer dizer, todo lexicógrafo é um dicionarista, mas nem todo dicionarista é um lexicógrafo.

2.2.2 Lexicografia, Lexicografia Pedagógica e dicionários escolares

De acordo com Haensch *et al.* (1982), percebe-se que a sistematização do léxico, anteriormente intuitiva, na contemporaneidade, ocorre de modo eficaz e competente graças à Lexicografia, sendo que os repertórios lexicográficos são elaborados com base: (i) no número de línguas; (ii) na extensão material da obra (exaustivos, representativos ou reduzidos); (iii) no eixo temporal (diacrônico ou sincrônico); (iv) na ordenação da nomenclatura (semasiológica ou onomasiológica); (v) nos aspectos linguísticos (descritivos ou prescritivos); e (vi) no suporte (impresso, eletrônico, virtual, por aplicativo, com hipermídia).

Werner (1982, p. 93) define Lexicografia como “todo domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e na descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos”¹⁴, sendo que os monemas são unidades mínimas de significado¹⁵ e os

¹⁴ Tradução nossa para: “todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos”.

¹⁵ Na Linguística Estrutural, “monema” é o termo adotado por Martinet (1908-1999) como uma unidade significativa elementar, podendo ser uma palavra simples (“hoje”, “depressa”), um radical (“contra”, “flor”), um afixo (“des-”, “re-”), uma desinência (“-ar”, “-o”), quer dizer, uma unidade significativa mínima (DUBOIS *et al.*, 1998, p. 417).

simonemas são os variados monemas que compõem os significantes. Esse mesmo linguista ainda destaca que, ao serem lexicalizados, passam a compor o léxico e sua descrição deve figurar nos produtos lexicográficos, conseqüentemente, precisam ser lematizados. Entretanto, o que se verifica na prática lexicográfica é que os simonemas não são encontrados como lemas próprios, mas sim localizados, na maioria das vezes, na microestrutura de uma das unidades lexicográficas que os compõem.

Diante disso e sobre princípios que regem a elaboração de dicionários, seguimos para compreender suas características. Já na década de 1980, tanto Haensch *et al.* (1982) quanto Biderman (1984) defendiam a Lexicografia como uma ciência, dado que o lexicógrafo deve possuir vasto conhecimento teórico acerca das possibilidades metodológicas de seu ofício em que se fazem presentes noções das diversas áreas da Linguística e, conseqüentemente, suas circunstâncias práticas. Como objeto da Lexicografia, temos a unidade lexical, a qual possui significado, apresenta propriedades gramaticais e estilísticas e seu registro ocorre por meio das obras dicionarísticas.

No período correspondente ao final do século XIX e meados do XX, houve várias mudanças no processo de ensino-aprendizagem de línguas acerca do modo de ensinar não só seu vocabulário, mas também sua gramática, resultando, mais tarde, em modificações na Lexicografia. Na percepção de professores de língua inglesa, havia a necessidade de uma produção de dicionários que sanassem as dúvidas dos estudantes, a partir disso, deu-se início ao desenvolvimento de uma subárea da Lexicografia: a Lexicografia Pedagógica.

De acordo com Molina García (2006):

[...] os avanços pedagógicos e as novas tendências didáticas que revolucionaram o ensino de línguas no começo do século XX tiveram também uma influência notável no terreno da lexicografia. Uma mudança na forma de tratar a apresentação da gramática e do léxico ao estudante devia resultar, inevitavelmente, em uma mudança na forma de apresentação desses temas nas obras de referência. Dessa união de ideias, nasce a lexicografia pedagógica, uma disciplina que, como aponta Zgusta, deve ser contemplada como a interação da lexicografia e da metodologia do ensino de línguas [...] ¹⁶ (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 9).

¹⁶ Tradução nossa para “[...] los avances pedagógicos y las nuevas tendencias didáticas que revolucionaron la enseñanza de las lenguas a comienzos del siglo XX tuvieron también una influencia notable en el terreno de la lexicografía. Un cambio en la forma de tratar la presentación de la gramática y el léxico al estudiante debía redundar a su vez, inevitablemente, en un cambio en la forma de presentación de dichos temas en las obras de referencia. De esta unión de ideas, nace la lexicografía pedagógica, una disciplina que, tal y como señala Zgusta, debe ser contemplada como la interacción de la lexicografía y de la metodología de la enseñanza de lenguas [...]”.

Dessa maneira, pode-se atrelar o surgimento da Lexicografia Pedagógica às modificações de paradigma ocorridas para atender aos anseios do ensino de línguas e com o intuito de elaborar, cada vez mais, obras dicionarísticas que auxiliassem consulentes próprios, quer dizer, são dicionários que passam a ser concebidos para “[...] se adaptar e se moldar ao seu nível [de aprendizagem do usuário] e às suas necessidades linguísticas [...]” (ZAVAGLIA; NADIN, 2018, p. 1922).

Assim, no século XX, sob a Teoria das Funções Lexicográficas ou Teoria Funcional da Lexicografia (BERGENHOLTZ; TARP, 2003; 2005), as obras dicionarísticas, desde seu surgimento (há mais de quatro mil anos), continuam sendo instrumentos que visam satisfazer necessidades próprias de tipos específicos de consulentes em situações sociais extra-lexicográficas particulares, quer dizer, para cada perfil de consulente e de contexto social, irá equivaler uma função lexicográfica peculiar.

Segundo Tarp (2006, p. 307-309), uma forma eficiente para se determinar a natureza das necessidades lexicográficas corresponde a estabelecer um perfil do grupo de usuários previstos e determinar a situação social correspondente, por exemplo, a partir de situações: (i) comunicativas (para resolver um problema de comunicação acerca da produção, recepção, tradução e revisão de textos); (ii) cognitivas (para se obter conhecimentos acerca de algum tema ou disciplina, tais como, a economia ou a teoria linguística); (iii) operativas (para conseguir instruções a fim de realizar uma ação física, cultural ou mental); (iv) interpretativas (para interpretar e compreender um signo, sinal, símbolo ou som que não é linguístico). É necessário destacar que, pela análise realizada dos verbetes do *corpus*, constatamos que os dicionários escolares não abarcam todas essas situações em razão de suas propostas lexicográficas. A propósito, o quadro de categorização das obras encontrado no “PNLD 2012: Dicionários” não corresponde ao perfil do atual usuário; portanto, é preciso que se volte a realizar estudos lexicográficos que contemplem as necessidades estudantis da terceira década do século XXI, altamente tecnológica, com usuários de dicionários que são nativos digitais.

Frente a isso, Krieger (KRIEGER; WELKER, 2011, p. 106) aponta como princípios norteadores da Lexicografia Pedagógica a adequação do dicionário e o seu uso produtivo de acordo com cada projeto de ensino e aprendizado de línguas, além da compreensão de que o dicionário constitui um produto textual com regras próprias de organização, abarcando informações linguísticas, culturais e pragmáticas. Em vista disso, partindo do princípio de que existem livros didáticos adequados aos variados níveis de ensino, da mesma forma, é preciso escolher um dicionário adequado às necessidades particulares de aprendizagem dos alunos. Welker (KRIEGER; WELKER, 2011, p. 109) ainda destaca que, ao se trabalhar com

dicionários pedagógicos, é necessário levar em conta tanto as necessidades quanto as habilidades dos consulentes, quer dizer, é preciso que se produzam dicionários diferentes para públicos-alvo de níveis diferentes de competência linguística.

Em Tarp (2011, p. 218-219), vemos uma preocupação acerca da variação terminológica para determinar um mesmo fenômeno, sendo que essa não sistematização leva a confusões terminológicas acerca de produtos lexicográficos, por exemplo, entre dicionários escolares e de aprendizes, variando de país para país, de autor para autor; por isso acreditamos que seja prudente esclarecer a terminologia adotada nesta pesquisa para demonstrar nossa perspectiva teórica. Esse autor levanta a discussão de que dicionários escolares são feitos para estudantes de sua língua materna e que os de aprendizes são voltados para aprendizagem de uma segunda língua estrangeira.

Hartmann e James (1998, p. 107) dizem que a tradicional “distinção feita entre um dicionário para falantes nativos (dicionários escolares) e um para aprendizes não-nativos (dicionário de aprendizes) é inútil”¹⁷. Por outro lado, Welker (2008a, p. 19) traz uma discordância acerca dessa definição afirmando que “essa distinção é muito útil e necessária”¹⁸.

Tarp (2011, p. 222) reitera que as necessidades lexicográficas de cada público são a principal diferença entre essas obras e, ainda, sobre os dicionários escolares ressalta que há dois tipos fundamentais (p. 225): (i) aquele que é uma versão reduzida de um dicionário geral; (ii) aquele que é elaborado, desde o início, como uma ferramenta lexicográfica concebida para atender um público em idade escolar. Por fim, esse autor define o dicionário escolar como um “dicionário de aprendiz (ou dicionário pedagógico) particularmente construído para auxiliar as crianças em idade escolar (de língua materna ou estrangeira) e disciplinas científicas e práticas”¹⁹.

Para nossa pesquisa, interessa-nos mais especificamente as diferenças apontadas entre dicionários infantis e escolares sobre as quais Tarp (2011, p. 226) levanta algumas reflexões acerca da atenção dada mais às características lexicográficas do que para a finalidade dos dicionários ou para capacidade conceptual dos estudantes e sua faixa etária. Sob essa perspectiva, esse autor defende que deva haver uma distinção, a qual deve separar dicionários pré-escolares dos escolares em subcategorias segundo o desenvolvimento cognitivo e linguístico dos estudantes e seu conhecimento de mundo em expansão. Portanto, Tarp (2011,

¹⁷ Tradução nossa para: “distinction usually made between a dictionary for native speakers (school dictionary) and one for non-native learners (learner's dictionary) is not helpful”.

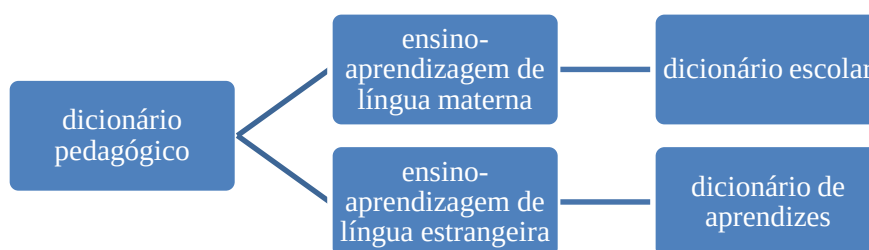
¹⁸ Tradução nossa para: “this distinction is very useful and necessary”.

¹⁹ Tradução nossa para: “a learner's dictionary (or pedagogical dictionary) especially designed to assist school children in learning languages (whether a native or a foreign language) and scientific and practical disciplines”.

p. 227) sugere que um dicionário pré-escolar deve ser entendido como hipônimo de um dicionário de aprendiz, especialmente concebido para auxiliar crianças em idade pré-escolar a aprenderem a sua (primeira) língua materna (ou, hipoteticamente, uma língua estrangeira). Esse dicionário pré-escolar defendido por Tarp (2011) é considerado, nesta pesquisa, como Dicionário Infantil, tendo em vista o público-alvo brasileiro ao qual se destina. Entendemos que é a usualidade do dicionário que deva contribuir para estabelecer limites a essas obras.

Com relação ao usuário, Bugueño Miranda (2018, p. 71) defende que a elaboração de obras lexicográficas sejam apropriadas a públicos específicos, visando atingir suas necessidades, os requisitos do processo de ensino-aprendizagem, além de estimular a consulta e entendimento aos dicionários. Sobre uma possível categorização dessas obras, não obstante as críticas de Tarp (2011) a respeito das propostas de classificação de Hartmann e James (1998) e Welker (2008a), Bugueño Miranda e Borba (2019a) propõem sua classificação:

Organograma 1. Classificação dos dicionários pedagógicos



Fonte: Bugueño Miranda e Borba (2019a, p. 141).

Com essa classificação, simples e prática, Bugueño Miranda e Borba (2019a) apontam que as características comuns a um tipo de dicionário representam o genótipo dessa obra, de modo tal que não podem ser apartados os dicionários escolares (foco na língua materna) e de aprendizes (ênfase em línguas estrangeiras) durante as etapas de ensino estabelecidas em um programa curricular. Eles ressaltam que os dicionários escolares se centram sobre a língua materna, portanto, sua classificação deve se amparar em diretrizes curriculares nacionais e, no Brasil, correspondem aos PCN (BRASIL, 1997).

Nessa relação entre dicionários e ensino de língua portuguesa, é preciso que os lexicógrafos elaborem suas obras pautadas nas etapas educacionais, desde a alfabetização até o Ensino Médio, conforme os documentos oficiais, uma vez que serão o norte a ser seguido teórica e nacionalmente nas escolas. Por outro lado, em se tratando de dicionários de aprendizes, com foco sobre uma segunda, terceira etc. língua, sua classificação dependerá do programa de

ensino adotado para as línguas estrangeiras, que poderá seguir uma escala de níveis de aprendizagem – conforme o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (*Common European Framework of Reference for Languages* – CEFR), que reconhece o conhecimento que um indivíduo possui acerca de uma língua em três categorias com duas subdivisões cada (A1, A2, B1, B2, C1 e C2)²⁰. Considerando-se a realidade brasileira, a Lexicografia Pedagógica prevê quatro agrupamentos de usuário: (i) estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais; (ii) estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais; (iii) estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais; (iv) estudantes do Ensino Médio. No entanto, não são evidenciados esses quatro perfis (escolares) durante a elaboração dos dicionários.

Bugueño Miranda (2019a, p. 32) defende que uma tipologia que proporciona a inclusão de um maior volume possível de obras, partindo do princípio da prototipicidade – um traço que também se evidencia na classificação de Tarp (2011) –, segue na direção de refletir sobre a prática lexicográfica. No entanto, Bugueño Miranda e Borba (2019b, p. 147), ao mencionarem a ocorrência de uma variação organizacional do sistema educativo, que varia de país para país, criticam as etapas de ensino sugeridas por Tarp (2011), visto que não necessariamente poderão corresponder àquelas de diferente tradição lexicográfica. Assim, defendem que haja uma classificação mais objetiva dos produtos dessa área, aplicável a variadas tradições produtoras de dicionários, segundo critérios de organização.

Por fim, verifica-se que, ao tratarmos de obras dicionarísticas escolares, seja frutífera uma abordagem que inclua a Lexicografia Pedagógica, que é um dos campos da Lexicografia, pois “inclui dicionários destinados a aprendizes tanto de línguas estrangeiras quanto da língua materna” (WELKER, 2008a, p. 18). Hartmann (2001) considera o dicionário como uma obra de referência, portanto, destaca que é importante focar no público-alvo, levando em consideração as demandas dos aprendizes, bem como aquilo que pensam a respeito da língua e dos dicionários. Contudo, alerta que “nós [lexicógrafos] não sabemos o bastante sobre os consulentes e seus variados hábitos, necessidades e estratégias”²¹ (p. 102) para fazer uso das obras dicionarísticas. Espera-se que um dicionário de uso escolar seja um instrumento que contribua para a ampliação vocabular e no processo de ensino-aprendizagem, conforme as propostas educacionais do país.

²⁰ Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>.

²¹ Tradução nossa para: “we do not know enough about dictionary users and their diverse habits, needs and strategies”.

2.3 Considerações acerca do produto lexicográfico: o dicionário

Como produto lexicográfico, o dicionário registra o conjunto de unidades lexicais de uma língua, armazenando conceitos, sentidos e usos que podem ser expressos em determinado sistema linguístico, constituindo, assim, a memória lexical de um povo que não é capaz de memorizar todas as significações possíveis desse acervo lexical.

Em razão de sua extensão, um produto lexicográfico tende a ser produzido por um grupo variado de indivíduos, por isso é possível que haja desencontros nas definições e/ou também na padronização dos verbetes, cuja velocidade e tempo de elaboração podem deixar a obra mais ou menos defasada em comparação à dinâmica da língua. Como há uma gama ampla de obras lexicográficas, cabe ressaltar qual tipo de dicionário monolíngue nos interessa nesta pesquisa; por isso, em linhas gerais, trataremos de algumas variáveis que servem para a classificação dessas obras.

Segundo Lara (2004, p. 135), somente a partir das décadas de 1960 e 1970, mediante trabalhos de Josette Rey-Debove, Alain Rey e Bernard Quemada (a respeito de questões tipológicas, descritivas, analíticas e críticas lexicográficas), “o dicionário começou a merecer atenção que fosse além do método e o submetesse a um questionamento linguístico”, elevando-o a um patamar de fenômeno linguístico complexo e não simplesmente como resultado da aplicação dos métodos lexicográficos. Para Bertonha e Zavaglia (2017b),

foram trabalhos que conduziram a uma Metalexicografia (saberes lexicográficos visando a explicar condicionamentos técnicos, históricos, sociais, lógicos, linguísticos, bem como sistematizar suas relações – esclarecendo vínculos – e avaliar resultados e aplicações), assim, aliando-se essa Metalexicografia e a tradicional prática de se produzir dicionários, tem-se a completude do fazer lexicográfico, pois unem-se teoria e prática (BERTONHA; ZAVAGLIA, 2017b, p. 116).

Em seus estudos, Rey-Debove (1984, p. 45), ao ressaltar que o dicionário buscava descrever a competência linguística natural do indivíduo ideal de determinada língua, afirmava que o dicionário representaria a imagem do léxico. Dessa forma, um dos modos – artificial, nesse caso – para aprender uma língua corresponderia ao uso da gramática e da consulta aos dicionários, uma vez que são “dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares”.

Parreira (2002, p. 133) aponta que essa perspectiva se mostra desatualizada em virtude dos avanços metodológicos que estimulam o ensino de línguas sob uma base comunicativa, quer dizer, é preciso que o consulente entenda os itens lexicais em contexto de uso e não

isoladamente como se poderia supor no passado. Portanto, essa autora revisita a afirmação de Rey-Debove (1984), destacando a necessidade da descrição de determinada língua em gramáticas e dicionários, porque o indivíduo pode aprendê-la, quer materna ou estrangeira, quando conhece certo volume de elementos significativos e, acrescenta ainda, que consegue empregá-los na estrutura desse sistema linguístico por compreender o contexto comunicativo. Ao final, Parreira (2002, p. 134) complementa que “o lugar ideal onde encontrar os elementos lexicais é o dicionário, seu uso deve contribuir para a expansão do domínio desses elementos”.

Quase duas décadas após esses estudos franceses, Biderman (2003, p. 54) ressalta a memória coletiva de uma sociedade no dicionário, refletindo “o conjunto dos usos sociais da língua”. Borba (2006) sustenta-o como uma obra de cunho normativo, uma vez que faz uma recolha de usos de acordo com critérios de clareza, adequação e compreensibilidade que, além de descrever o léxico, considerando um modelo ideal de língua (norma padrão escrita), eventualmente faz registros das variações linguísticas.

De acordo com Parreira (2007, p. 284), “o dicionário é uma obra que representa a língua e a cultura de uma coletividade, em um certo período, concebido com objetivos determinados”, relação já defendida por Borba (2003, p. 309), que diz: “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”, sendo que as entradas selecionadas, bem como as definições corroboram para essa ligação, dado que o paradigma definicional traz a descrição que auxilia a sociedade a entender, em recorte, o mundo.

Considerando que a descrição lexical é estabelecida com base em variáveis, Porto Dapena (2002, p. 42) afirma a inexistência de tipos puros de obras dicionarísticas, isto é, uma mesma obra pode pertencer a mais de uma classificação ao mesmo tempo. Além disso, vale a pena mencionar que, no mercado editorial, há uma vasta gama de obras chamadas de dicionários, todavia, conforme aponta Hartmann (1985, p. 5 *apud* BÉJOINT, 2000, p. 108-109), nessas obras, nem sempre são observadas as funções esperadas para um dicionário, tais como: (i) constituir autoridade de uso; (ii) ser um arcabouço de itens lexicais variados; (iii) funcionar como ferramenta para ampliação comunicativa, fortalecendo o idioma; (iv) estimular a reflexão sobre a língua; (v) auxiliar na aprendizagem de um idioma estrangeiro; (vi) ser uma arma ideológica.

Voltando a Porto Dapena (2002, p. 43-46), sob a perspectiva de ampliação lexical, as obras dicionarísticas podem ser classificadas como gerais e especiais. À vista disso, Edo Marzá (2012, p. 100) aponta que dicionários gerais se ocupam das relações polissêmicas e homônimas

de uma unidade lexical, da origem e derivação etimológica, do conteúdo morfológico e gramatical pertinente à unidade, além de sua ordenação, geralmente, semasiológica, podendo haver marcas sobre a restrição de uso. Já Béjoint (2000, p. 38) considera que os dicionários classificados como gerais abarcam “todos, ou uma parte representativa dos elementos de um léxico, mesmo que a macroestrutura contenha uma porção muito menor do léxico, com ênfase especial nas palavras usadas na época da publicação”. Esse autor ainda ressalta a impossibilidade de se classificar as obras dicionarísticas de forma ampla e ordenada para todas as sociedades; assim, propõe a seguinte tipologia: (i) dicionário geral ou especializado; (ii) monolíngue ou bilíngue; (iii) enciclopédico ou de língua; (iv) para aprendizes estrangeiros ou para falantes nativos; (v) para adultos ou para crianças.

É a obra dicionarística que, ao registrar e descrever as unidades lexicais, informa, mas ainda determina “qual” é o arcabouço léxico das línguas; logo, esse produto lexicográfico se estabelece como um tipo de chancela de autoridade, exercendo a função de obra de referência àquilo que é dito e consagrado em termos de sentidos socialmente compartilhados. Como resultado, o dicionário se revela como uma espécie de cartório de registro das unidades lexicais, concedendo-lhe a “certidão de nascimento” e, assim, institucionaliza o repertório léxico das línguas (KRIEGER, 2012, p. 44).

Conforme Coroa (2011, p.62), o dicionário é uma obra que, pelas consultas realizadas, evidencia uma relação de correspondência com os objetos do mundo, quer dizer, ele seria um acervo de nomes para “coisas” do mundo, um instrumento de intermediação simbólica para a construção de significados linguísticos nas esferas morfossintática, semântica, pragmática e discursiva. Para Lara (1996, p. 15), é “um catálogo de palavras, seguido de indicações acerca da sua escrita, pronúncia, categoria gramatical, uso social, regional ou especializado, o seu significado, e uma pequena coleção de exemplos, que ensinam a usá-las em diferentes contextos sintáticos”²². Já Correia (2009) amplia o significado de dicionário para

1. obra impressa, de dimensão significativa, constituída fundamentalmente por uma lista de entradas, apresentadas a negrito e ordenadas alfabeticamente, tendo, para cada uma delas, um pequeno texto com informação sobre a sua categoria, significado, itens da realidade que pode nomear, ou sobre o seu uso; cf. *dicionário de língua*; *glossário*.
2. qualquer descrição de um acervo significativo de unidades lexicais, para ser usada por humanos ou como base para o funcionamento de programas de processamento de linguagem natural.
3. tipo de catálogo de informações em que os diferentes itens são introduzidos

²² Tradução nossa para: “un catálogo de palabras, seguido de indicaciones acerca de su escritura, su pronunciación, su categoría gramatical, su uso social, regional o especializado, su significado, y una pequeña colección de ejemplos, que enseñan a manejarlas en diferentes contextos sintáticos”.

por uma palavra ou expressão, e estas são ordenadas alfabeticamente (CORREIA, 2009, p. 130).

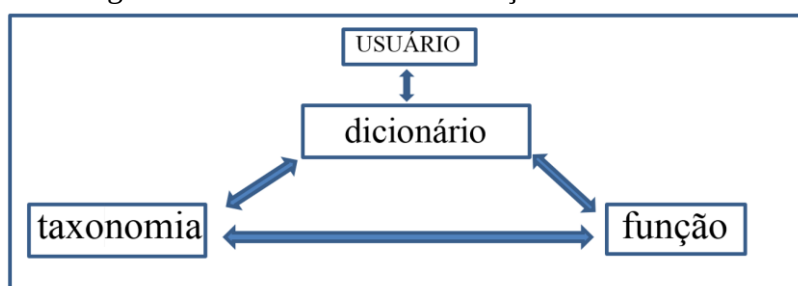
Portanto, nota-se que o dicionário é um “labirinto de palavras” (ZAVAGLIA, 2019b, p. 34) que fornece informações linguísticas aos consulentes, além de esclarecer dúvidas que eles venham a ter e auxiliar na aprendizagem, seja na própria língua materna ou em uma estrangeira, facilitando o processo comunicativo entre os interlocutores.

2.3.1 Tipologia e características gerais

O dinamismo linguístico influencia o léxico de maneira tal que o novo e o velho se apresentam lado a lado; um uso específico e um uso geral se colocam frente a frente, entre outras associações que ocorrem ao se procurar por sentidos nos dicionários. Se por um lado esse gênero textual promove uma renovação lexical, por outro lado, esse arcabouço lexical testemunha a memória de um povo em virtude do compartilhamento semântico-pragmático das unidades lexicográficas entre os indivíduos de uma mesma sociedade, visto que são “armazenadas na memória, em forma verbal” (BIDERMANN, 1981, p. 136), “como parte da língua que cada um recebe de sua comunidade linguística” (LARA, 2006, p. 143).

Tendo em vista as variadas classificações sobre os dicionários, Welker (2004) propõe a sua, estabelecendo algumas distinções: (i) obras impressas ou eletrônicas; (ii) monolíngues ou bi-, multilíngues; (iii) dicionários gerais ou dicionários especiais. A respeito das obras especiais, Farias (2013, p. 39-40) aponta para uma subdivisão relacionada a: (i) nomenclatura (lemas tabuísticos, gírios, de falsos cognatos etc.); (ii) tipo de informação (de antônimos, expressões idiomáticas etc.); (iii) variações linguísticas (termos técnicos, regionalismos etc.); (iv) grupos de consulentes (escolar, tradutores etc.). Bugueño Miranda e Borba (2019b, p. 12), ao identificarem três parâmetros para a constituição de obras dicionarísticas, sugerem que o consulente deve se inter-relacionar com a classificação (taxonomia) e com a função para a qual esse dicionário visa servir, como vemos pela Figura 1:

Figura 1. Parâmetros de constituição de dicionários



Fonte: Bugueño Miranda e Borba (2019b, p. 12).

Tendo em vista esses parâmetros, seus autores destacam que esse expediente auxilia a elaboração de diferentes produtos lexicográficos. Não apenas sua constituição, mas também sua classificação vem sendo proposta diferentemente conforme variados estudiosos.

Neste trabalho, examinamos dicionários monolíngues, ou seja, aqueles que descrevem somente um sistema linguístico. A respeito da organização da macroestrutura, podemos encontrar dicionários semasiológicos, quer dizer, que partem do significante para o significado ou onomasiológicos, ou seja, que partem do significado para o significante. Outros pontos a serem considerados dizem respeito ao eixo temporal (podem ser sincrônicos ou diacrônicos), aos critérios linguísticos (descritivos ou prescritivos) e também sobre sua matéria léxica registrada.

No caso desses últimos, existem dicionários de língua geral, especializados ou especiais, sendo que os primeiros contêm o léxico correspondente à língua geral; já os especializados trazem uma descrição do léxico de um campo técnico-científico específico do saber e, por fim, os especiais registram um microssistema do léxico (gírias, expressões idiomáticas etc.) ou tratam uma determinada questão linguística (por exemplo, regência verbal e nominal). É importante lembrar que um dicionário de língua geral também pode abranger as informações dos especiais, mas estes últimos o fazem de forma mais minuciosa.

Em termos de suporte, os dicionários se apresentam impressos, eletrônicos e virtuais (na Website e/ou em aplicativos), possibilitando um amplo avanço na extensão de informações desejada pelos lexicógrafos. Além dessas variáveis, há outras que poderiam ter sido listadas.²³

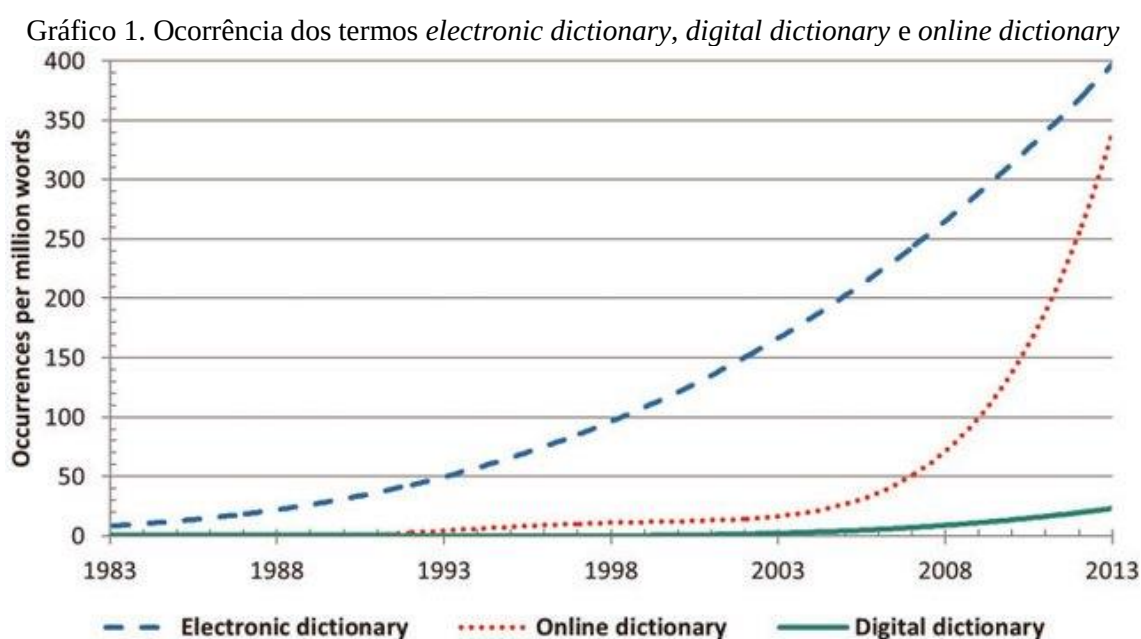
De acordo com Lew e De Schryver (2014), *eletrônico* é um termo que alcançou maior popularidade em virtude da alta produtividade que vem sendo notada do prefixo *e-* que, em inglês, sublinha e acentua uma era de expansão de termos dessa língua (por exemplo, *e-mail*, *e-learning*, *e-book*, *e-commerce*, entre outros). Esses autores observam que esse prefixo suscita uma amplitude maior do que somente referir-se a circuitos eletrônicos, portanto, apontam que

dicionários modernos, sob o formato de aplicativos ou serviços *on-line*, provavelmente são melhor vistos como coleções de dados e códigos estruturados, ao invés de *hardware*. Por essa razão, pode-se questionar se o termo *eletrônico*, embora de certa forma estabelecido neste contexto, é realmente o melhor termo. Ao invés disso, o adjetivo *digital* (como em *humanidades digitais*), pode ser visto como uma melhor descrição do conceito. Talvez, faça sentido adotar *dicionários digitais* como termo guarda-chuva, e reservar *dicionários eletrônicos* para dispositivos autônomos onde o

²³ Para uma revisão aprofundada acerca da tipologia dos dicionários, remetemos a Welker (2004, p. 35-54).

hardware hospeda apenas aplicações lexicográficas²⁴ (LEW; DE SCHRYVER, 2014, p. 342-343).

Pretendendo verificar, sob um olhar quantitativo, os termos utilizados na e-Lexicografia Lew e De Schryver (2014) pesquisaram a frequência de *electronic dictionary* (dicionário eletrônico), *digital dictionary* (dicionário digital) e *online dictionary* (dicionário *on-line*) em um *corpus* de 5000 artigos sobre Lexicografia, livros e outros produtos acadêmicos (totalizando cerca de 30 milhões de palavras, ao longo de três décadas), cujos resultados foram sistematizados no Gráfico 1:



Esses pesquisadores refletem que “dicionário digital”, comparado aos outros dois, tenderia a ser o mais apropriado para se tratar as produções lexicográficas, porém, fica evidente, pelo gráfico, que “dicionário eletrônico” possui um uso constante e crescente na Lexicografia Eletrônica. Enquanto isso, o terceiro termo – dicionário *on-line* – se evidencia quase no mesmo patamar do eletrônico, em termos de ocorrência verificada, sobretudo desde meados deste século.

À vista dessas considerações, nesta pesquisa, entendemos que a partir do dicionário digital – produto lexicográfico desenvolvido no âmbito da e-Lexicografia (quer dizer, acessível

²⁴ Tradução nossa para “modern dictionaries in the form of apps or online services are probably better seen as collections of structured data and code, rather than hardware. For this reason, it may be questioned whether *electronic*, although somewhat established in this context, is really the best term. Instead, the adjective *digital* (as in *digital humanities*), may be seen as better describing the concept. Perhaps it makes sense to adopt *digital dictionaries* as the cover term, and reserve *electronic dictionaries* for autonomous devices where the hardware only hosts lexicographic applications”.

em dispositivos portáteis ou remotamente pela internet) –, surgem dois novos tipos de dicionários: os eletrônicos (*off-line*) e os virtuais (*on-line*). Pretendemos trazer questões de ordem tipológica e terminológica nessa área em progresso para evidenciar nosso posicionamento e contribuir às nossas análises.

Como nos lembra Landau (2001),

cada projeto de dicionário é único e fala por si mesmo sobre seu conjunto de regras específicas, mas o vasto alcance das tarefas demanda uma organização rigorosa de fazer o melhor uso possível das fontes e da equipe. A crença comum de que a elaboração de um dicionário começa com a definição de palavras é tão ingênua como a idéia de que a construção de um prédio começa com a compra de materiais de construção²⁵ (LANDAU, 1984, p. 226).

No decorrer do século XX, vários lexicógrafos propuseram diferentes tipologias de dicionários, cujas classificações variam a depender de suas convicções pessoais, conforme se observa pelo Quadro 3:

²⁵ Tradução nossa para “Each dictionary project is unique and calls for its own set of specific rules, but the vast reach of the task demands rigorous organization to make the best possible use of one’s resources and staff. The common belief that the making of a dictionary starts with defining words is as naïve as the idea that the erection of a building starts with the purchase of construction materials”.

Quadro 3. Lexicógrafos e suas tipologias

Lexicógrafo	Características de suas tipologias
Sčerba (1940)	Seis contrastes: (i) normativo vs. descritivo; (ii) enciclopédia vs. dicionário; (iii) dicionário comum vs. “concordância” geral; (iv) dicionário comum vs. dicionário ideológico; (v) dicionário com definições (monolíngue) vs. dicionário com traduções (bilíngue ou multilíngue); (vi) dicionário histórico vs. dicionário não histórico (p. 35)
Sebeok (1962)	Três conjuntos de tipos de relações: a) dicionário é elaborado pelo próprio lexicógrafo ou os lexemas são retirados de <i>corpus</i> ; b) nos verbetes, pode haver formas simples ou múltiplas; c) sobre o arranjo das entradas (p. 36)
Malkiel (1959; 1962)	Apoia-se em três critérios: (i) abrangência (densidade das entradas, número de línguas, concentração em dados lexicais); (ii) perspectiva (dimensão fundamental, formas de arranjo, níveis); por fim, (iii) apresentação (de acordo com as definições, exemplos, ilustrações gráficas, características especiais) (p. 36)
Rey (1970)	Propõe sete “campos de decisão” lexicográfica sobre os dados lingüísticos, as unidades lexicográficas, o volume lexical, o ordenamento dos verbetes, a análise, a informação não semântica e os exemplos (p. 37)
Hausmann (1977)	Diferencia entre dicionários para aprendizes (objetivam auxiliar o estudante de línguas estrangeiras não especificamente na aprendizagem do vocabulário e sim nas suas diversas atividades, especialmente na produção de textos) e dicionários de aprendizagem (são dicionários especiais que devem ajudar o aluno na aprendizagem do vocabulário, de preferência, têm uma macroestrutura onomasiológica, chamados de primários, enquanto os semasiológicos são chamados de secundários) (p. 215)
Haensch <i>et al.</i> (1982)	Defendem a divisão de sua tipologia em duas partes: a) do ponto de vista da linguística teórica; b) segundo critérios histórico-culturais e práticos (p. 38)
Biderman (1984)	Propõe diferenciar os dicionários em: (i) dicionários padrões ou dicionários de uso da língua; (ii) dicionário ideológico; (iii) dicionário histórico; (iv) dicionário especial; (v) dicionário inverso (p. 11-16)
Hausmann (1985)	Apresenta uma classificação ampla e com oposições e subdivisões tanto para os dicionários gerais quanto para os especiais ou especializados (p. 39-41)
Martínez de Sousa (1995)	Explica cerca de 150 tipos de dicionários, apresentando uma exaustiva classificação com base em critérios lexicais, sintagmáticos, paradigmáticos, terminológicos, enciclopédicos, entre outras classificações (por exemplo, traz uma subdivisão acerca de dicionários infantis e escolares) (p. 41)
Béjoint (2000)	Concentra-se nas seguintes oposições: dicionário geral vs. especializado, monolíngue vs. bilíngue, enciclopédico vs. “de língua”, para aprendizes estrangeiros vs. para falantes nativos, para adultos vs. para crianças (p. 42)
Welker (2004)	Preconiza sua categorização diferenciando entre obras impressas e eletrônicas, entre monolíngues e bilíngues/multilíngues, entre dicionários gerais e especiais (p. 43)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Welker (2004).

A partir do Quadro 3, traçado acerca do panorama histórico, notamos que, independentemente do lexicógrafo ou de sua época, todos propõem algum tipo de divisão a ser realizada para se elaborar uma obra dicionarística. Dentre eles, Sčerba (1940), Hausmann (1977; 1985), Haensch *et al.* (1982), Béjoint (2000) apontam contrastes dicotômicos, sendo que Welker (2004), ao apresentar essas perspectivas, enquadra-se também nesse grupo. Por outro lado, Sebeok (1962), Malkiel (1959; 1962), Biderman (1984) e Martínez de Sousa (1995) acreditam em conjuntos de relações a serem consideradas para se produzir os dicionários, o que Rey (1970) nomeia de “campos de decisão” lexicográfica.

Haensch (1982, p. 136) discorre sobre a classificação das obras lexicográficas de acordo com a seleção lexical que registram. Com isso propõe uma divisão que leva à formulação de dicionários gerais ou especiais a depender do interesse pelo léxico geral, especial ou especializado de uma língua.

A respeito desse critério (descrição ou prescrição), à época, Zgusta (1989) reconhecia quatro tipos de dicionários: (i) *standard-creating dictionaries* (dicionários geradores da norma); (ii) *modernizing dictionaries* (dicionários modernizantes); (iii) *antiquating* ou *archaizing dictionaries* (dicionários arcaizantes); (iv) *standard descriptive dictionaries* (dicionários descritores da norma). Por conseguinte, os dicionários que criam a norma (i) são fundamentais para o estabelecimento da norma de um sistema linguístico. Esses são projetos que pretendem as unidades lexicais sem a tradição escrita, por exemplo, para contribuir à integração das variedades regionais. Já os dicionários modernizantes (ii) visam a modernizar a norma, por exemplo, pela inserção de neologismos ou termos técnico-científicos. Com relação aos dicionários arcaizantes (iii), almeja-se reprimir mudanças ou até mesmo retroceder a elas a fim de reincorporar significados já outrora reconhecidos como obsoletos. Para completar, os dicionários que descrevem a norma (iv) objetivam descrever a norma atual (entendida como a variedade padrão a ser seguida), ascendendo-a a patamares mais acessíveis aos usuários por meio de recursos que envolvam a seleção da nomenclatura, presença da variação linguística marcada pela etiquetagem. Portanto, constatamos que esse autor oferece uma perspectiva tipológica esquemática complexa resultante de um processo histórico em evolução.

Nas décadas posteriores, muito se avançou em termos teóricos e práticos no campo lexicográfico. Em se tratando de dicionários, é preciso destacar a figura daquele(a) que o elabora, pois é quem irá imprimir sua concepção de mundo em seu trabalho (ORLANDI, 2000). Não julgamos suas escolhas, apenas jogamos luz sobre esse indivíduo que é atravessado pelo contexto sócio-histórico-político-cultural em que está inserido, cuja relação é muito particular com as palavras, selecionando-as e que, conseqüentemente, produz um discurso sobre elas, quer seja (in)formal, regional, domesticador, técnico, identitário etc. Assim, é o lexicógrafo que insere abonações, textos populares, discursos midiáticos e, dessa maneira, pode optar por não registrar certo item lexical, silenciando um determinado sentido.

Com relação às suas outras classificações, Martínez de Sousa (1995) propõe “formas satélites” como uma de suas subdivisões, referindo-se aos dicionários infantis e escolares. Ainda sobre esses dicionários, Béjoint (2000) destaca uma proposta com elementos mais relacionados ao uso real das informações que se encontram no verbete em detrimento à tipologia

mais limitada defendida por Biderman (1984), uma vez que diferencia as obras dicionarísticas mais pela sua estrutura do que pelo público-alvo a quem se destina.

Seria muito produtivo e enriquecedor se a busca por sentidos nos dicionários fosse realizada de maneira consciente, porém, parece que o procedimento comum é mais automático do que reflexivo. Neste estudo, não nos interessa focar sobre como se dá o manuseio dessas obras, mas sim na informação oferecida aos consulentes; entretanto, há estudos – dentre os quais citamos Gomes (2006) e Höfling (2006), acerca do uso efetivo dos dicionários, também Conceição (2004a; 2004b), Durão e Zacarias (2007) a respeito do efeito do uso de produtos lexicográficos em sala de aula, além de Araujo (2007a; 2007b) referente ao efeito do ensino do uso de obras dicionarísticas para estudantes e professores, Welker (2008a), sobre o uso de dicionários (e eles próprios), Carvalho e Bagno (2011) em relação às necessidades dos aprendizes no início da aquisição e consequente consolidação tanto da leitura quanto da escrita e, por fim, Ferraz (2017) reunindo trabalhos que discorrem sobre o ensino do léxico via dicionários – que apontam a pouca familiaridade das pessoas para lidar com os materiais lexicográficos e como, a fim de reverter isso, os estudiosos poderiam contribuir para sanar tal dificuldade. Levantamos esse ponto apenas para reforçar que quanto melhor for a reflexão do consulente diante dos variados significados descritos no verbete, maior será sua ampliação vocabular e contextual, e melhor será sua interpretação de mundo, pois “de espelho do mundo, o dicionário passa a ser visto como participante ativo do mundo da linguagem” (COROA, 2011, p. 70).

A heterogeneidade das línguas dicionarizadas evidenciam variados fatores (temporais, espaciais, profissionais, políticos, culturais etc.), os quais determinam e estimulam os diversos tipos de etiquetagem como se nota pelo emprego abundante de marcas de uso (recurso que indica condicionantes para se utilizar os itens lexicais), além de permitirem que ocorra uma transculturalidade no processo comunicativo em uma mesma comunidade linguística (FIORIN, 1993).

Borba (2003, p. 309), sob essa perspectiva cultural, lembra-nos que “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”, portanto, a informação descrita testemunha a intrínseca relação entre dicionário e cultura, dado que conseguimos reconhecer a maneira como o corpo social compreende os seres do mundo e seus objetos em uma determinada época.

Conforme Hartmann e James (1998, p. 41), o dicionário corresponde a uma obra de referência que dispõe o léxico de uma língua sob uma ordenação alfabética, comumente

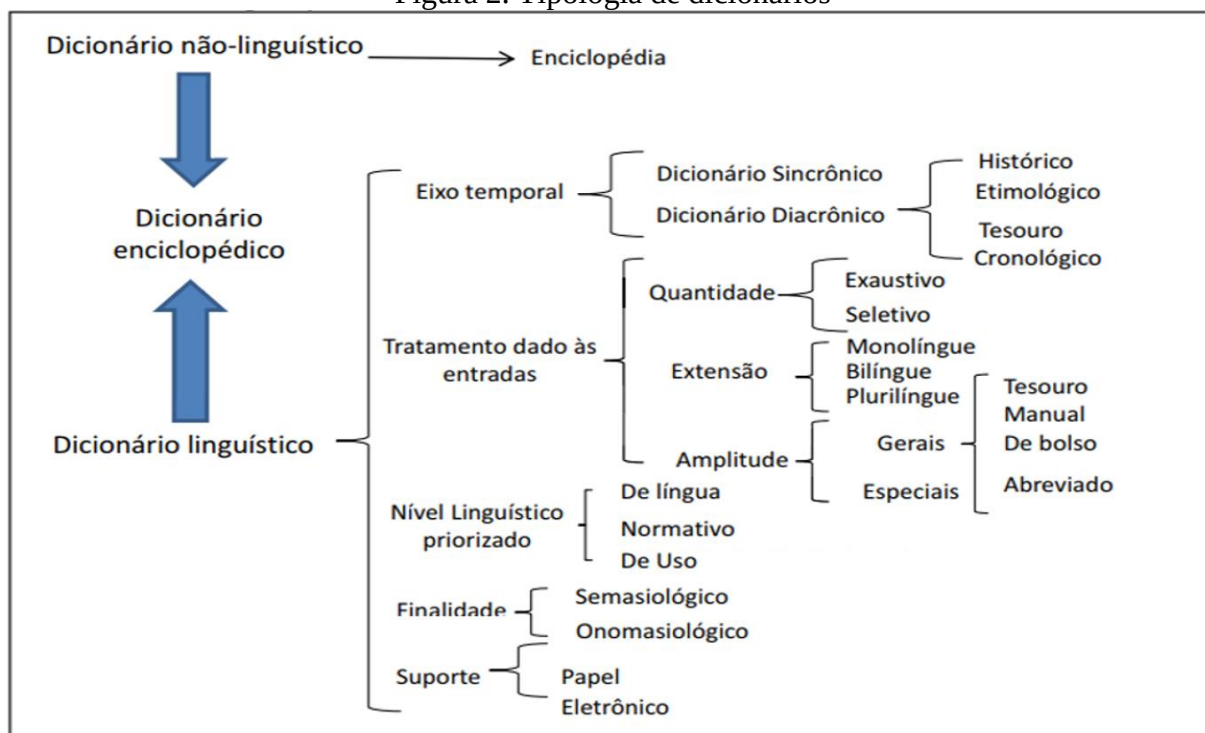
abarcando a explicação dos significados das unidades. Uma década mais tarde, Atkins e Rundell (2008, p. 2) destacam que “um dicionário é uma descrição do vocabulário usado por membros de uma comunidade linguística”, considerado como obra de autoridade, de cunho prescritivo, podendo ser visto por alguns com certo viés autoritário, por determinar o uso correto da língua a ser feito pelas pessoas, ponto que, para esses autores pode causar algum incômodo para os lexicógrafos.

Sob a perspectiva de Borba (2003, p. 309), “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”, portanto, não apenas as entradas escolhidas, mas também suas definições são testemunhas da relação entre a cultura de um povo e o dicionário, uma vez que, em um dicionário de língua, a definição corresponde ao elemento essencial, que leva seu consulente a se defrontar com a descrição referente ao uso da entrada. Biderman (2003, p. 54) defende que “o dicionário é também e, sobretudo, um produto linguístico”; nessa mesma esteira, Lara (1992, p. 20) afirma que é uma obra que constitui “o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, desligaram-se de seus atores”, passando a compor o patrimônio cultural coletivo, sobretudo ao que foi considerado como algo de relevância intelectual no interior de determinada sociedade, sendo que o conjunto dos usos sociais da língua devem estar presentes no dicionário.

Servindo como obras de consulta, os dicionários descrevem o léxico de uma comunidade linguística, cuja descrição ocorre via quatro variáveis (volume de entradas, maneira de serem estudadas, ordenação proposta e suporte capaz de receber a descrição e propiciar sua veiculação). À vista disso, Porto Dapena (2002, p. 42-43) afirma que não há tipos puros de dicionários, quer dizer, toda obra dicionarística pode pertencer, ao mesmo tempo, a várias classificações.

A respeito dessas classificações, Porto Dapena (2002, p. 42) propõe a seguinte tipologia teórica:

Figura 2. Tipologia de dicionários



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Porto Dapena (2002).

Ao propor uma primeira divisão entre dicionários linguísticos (ocupam-se de unidades lexicográficas de uma ou mais línguas) e não-linguísticos (ocupam-se sobre o estudo da realidade representada pelas unidades lexicográficas), Porto Dapena (2002) segue subcategorizando os dicionários de acordo com o recorte temporal, o tratamento de suas entradas, o nível de uso, escopo e meio, sendo que poderia ser acrescentado a este último o suporte virtual. E ainda, os dicionários podem ser categorizados no que diz respeito ao número de línguas em mono-, bi- ou multilíngues. Esse mesmo autor, com relação à faixa temporal, propõe uma subdivisão entre dicionários que coletam os itens lexicais durante um percurso histórico segundo o desenvolvimento semântico e fonético da língua (diacrônicos) e as unidades de um recorte pontual no tempo (sincrônicos); sobre o tratamento dispensado às entradas, entende que os dicionários devem ser divididos por sua quantidade, extensão e amplitude, sendo que é possível encontrarmos uma obra com muitas entradas, porém, de proporções reduzidas, registrando poucas unidades, ou ao contrário, uma obra de alguns volumes pode conter uma gama lexical mais restrita; em termos do foco linguístico priorizado, o autor também destaca que os dicionários refletem, em maior ou menor dimensão, tanto norma quanto uso linguístico, quer individual ou coletivo; com relação à sua finalidade, temos dicionários que contribuem para a decodificação do léxico (semasiológicos), caracterizados por sua ordem alfabética, ou para a codificação (onomasiológicos); por fim, ele destaca o suporte que é estimulado de acordo

com o avanço tecnológico, quer seja o tradicional papel (formato que lembra um livro) ou o eletrônico (o CD-ROM é um suporte magnético que proporciona uma consulta mais rápida entre outras possibilidades de pesquisa).²⁶

Krieger (2006b) destaca que não podemos prescindir dos critérios classificatórios, por serem variáveis, para propor uma diversidade tipológica. Por exemplo, os dicionários técnico-científicos (também chamados de terminológicos) repertoriam termos de uma área específica do conhecimento, aspecto que os colocam em oposição ao dicionário geral (por ser uma obra com pretensão a cobrir a quase totalidade das unidades lexicais de uma língua, tarefa inglória aos lexicógrafos e terminógrafos, visto o dinamismo lexical).

Para um dicionário geral, a frequência de uso é de fundamental relevância para a maior abrangência para cobrir os itens lexicais de um sistema; já o dicionário especializado utiliza outros critérios para a seleção de sua nomenclatura, uma vez que a importância conceitual é primordial e se sobrepõe à frequência, fundamentando-se na onomasiologia (KRIEGER, 2006b).

A partir disso, Krieger (2006b) reforça que ocorrem os registros que definem a macroestrutura, bem como sua nomenclatura, cuja extensão é um dos parâmetros tipológicos. Em se tratando da exaustividade, ela considera como *thesaurus* as obras que registram desde as unidades lexicais antigas aos neologismos modernos, podendo alcançar cerca de 400.000 verbetes (em obras francesas, espanholas e inglesas, de ampla tradição lexicográfica). Além disso, lembra-nos acerca de sua simbologia como portador do tesouro de uma língua, remetendo-se à etimologia de “dicionário” (indica o lugar onde se guardam as palavras). E também inclui a presença de abonações (referentes a escritores), o que ajuda a reafirmar o dicionário como obra de autoridade normativa (referente à norma culta padrão), primando, assim, pela qualidade e não somente pela quantidade.

Por fim, Krieger (2006b) ressalta que tempo, espaço e registro determinam a complexa elaboração do conjunto léxico de uma língua de maneira tal que, sobre a variação diacrônica, unidades antigas coabitam com neologismos no mesmo acervo, assim como itens lexicais distintos, mas de mesmo teor de significado caracterizam os diferentes usos das palavras em mais de uma região geográfica (variação diatópica). Essa autora finaliza mencionando a constituição do léxico resultante dos estratos horizontais, em que há restrição com relação aos usos das unidades (variação diastrática), conjunto em que se encontram as áreas de especialidade (Zoologia, Matemática, Direito etc.), componentes que “ilustram a

²⁶ O autor não faz menção aos dicionários virtuais, pois, à época, não eram ofertados nesse tipo de suporte.

heterogeneidade constitutiva do léxico, que, em primeiro plano, cumpre a função de nomear os seres, os objetos, as ações e processos que identificam o mundo fenomenológico e aquele percebido pelos homens” (KRIEGER, 2006b, p. 145). Com isso ela conclui que esses são fatores que evidenciam o caráter dinâmico e multifacetado do léxico. Segundo Pontes (2010, p. 201), “um dicionário é, por natureza, produto poliédrico, porque são múltiplos os pontos de vista sob os quais se pode descrevê-lo”.

Aos consulentes que, por necessidade ou curiosidade, se interessam sobre informações acerca da elaboração do dicionário que os serve para consulta, Nunes (2006a) aponta que, na parte introdutória desse tipo de obra, encontram-se dispostas as condições de sua produção. Em meio às considerações informadas na edição, podem ser encontradas aquelas que se refiram à concepção de língua adotada pelo autor, além de outros fatores, tais como: (i) decisões editoriais (tomadas a partir de questões mercadológicas de editoras, como o grupo Positivo); (ii) autoria lexicográfica (informações referentes ao responsável pelo projeto lexicógrafo, por exemplo, Borba, Biderman); (iii) projetos institucionais (trabalhos encomendados por instituições, como o dicionário da Academia Brasileira de Letras); (iv) programas governamentais (objetivos a serem atingidos pelo Governo e disponibilização de obras por meio do Ministério da Educação).

Zavaglia (2009) ressalta que é indispensável que a elaboração de qualquer obra que se intitule “dicionário” precisa ter como base fundamentos que correlacionem as unidades lexicográficas, quais sejam: (i) arranjo das entradas (semasiológico ou onomasiológico); (ii) seleção lexical (dicionários podem ser exaustivos, representativos ou reduzidos); (iii) recorte sincrônico (considerando um intervalo de tempo) ou diacrônico (quando há interesse em se descrever a “evolução” histórica de uma língua); (iv) quantidade de línguas envolvidas; (v) critérios linguísticos, pois podem ser normativos (prescrição de regras para a língua) ou descritivos.

No imaginário coletivo, por contribuírem para a preservação da língua nacional, segundo Nunes e Lagazzi-Rodrigues (2008), os dicionários produzem um modo de dizer da/sobre a comunidade linguística, o qual terá grande influência na compreensão lexical durante todo o percurso de formação de seu consulente que não se restringe somente ao ambiente escolar. Lembramos que esse modo de se expressar, que se apresenta pelo paradigma definicional, surge de uma sedimentação histórica dos sentidos, o que endossa uma condição legitimadora de significados das palavras a tais instrumentos lexicográficos, resultando em um enaltecimento ou silenciamento das possibilidades de dizer.

Para Zavaglia (2012, p. 239), dicionário é um produto lexicográfico que

apresenta uma relação de unidades lexicais organizadas e classificadas segundo critérios e princípios definidos, dependendo do seu objetivo ou escopo de criação e/ou uso. Assim, a convenção da ordem das unidades léxicas pode obedecer a um critério semasiológico ou onomasiológico; as informações contidas nos verbetes, em seus paradigmas, podem ser de caráter morfossintático, valencial, fonético, semântico, pragmático, discursivo, entre outras; sua grandeza será definida em estreita relação com a sua tipologia: tesouro (mais de 100.000 entradas), padrão (cerca de 50.000 entradas), médio ou escolar (de 10.000 a 30.000 entradas), básico (cerca de 5.000 verbetes); a sua direção pode ser uni, bi ou plurilíngue; os seus exemplos serão autênticos, abonados ou forjados; a sua nomenclatura será baseada em *corpus* ou não; seu suporte será *on-line*, eletrônico ou impresso, dentre outras possibilidades (ZAVAGLIA, 2012, p. 239).

A variedade de tipos de dicionários no mercado editorial é resultado de diferentes fatores, a saber: número de línguas envolvidas, público-alvo, eixo temporal, ordenação das entradas, seleção da nomenclatura (seus critérios) etc. A neutralidade presumida, portanto, não se concretiza na prática, dado que a posição social do lexicógrafo é evidenciada pela elaboração de suas definições, que são feitas a partir de uma posição discursiva, correspondente ou não ao posicionamento ocupado por seu consulente. Aliás, os paradigmas definicionais se desatualizam, isto é, tornam-se defasados a respeito dos discursos em circulação, particularidade que é minimizada pela presença de marcas de uso, pois auxiliam o consulente a compreender as restrições de uso das unidades lexicográficas e/ou de seus sentidos. Por fim, a presença ou ausência de contextualizações demarca a concepção da obra dicionarística (testemunha linguística de uma época).

Conforme apontam Correia e Ferreira (2013, p. 5),

muitas têm sido as propostas de tipologia apresentadas, construídas em função dos mais variados critérios (número de línguas tratadas, quantidade e qualidade do acervo lexical, funções do dicionário, perspectiva diacrônica ou sincrônica, entre outros) (CORREIA; FERREIRA, 2013, p. 5).

Embora os esforços venham sendo maximizados a cada dia, não é tarefa fácil determinar sem hesitação a descrição tipológica de um dicionário. Dentre as razões para essa dificuldade, podemos citar que, por vezes, os dicionários são produzidos para o mercado consumidor, portanto, procuram delimitar seu público-alvo, determinando nichos que ainda precisam ser alcançados por esse produto, além de combinar características variadas que atinjam um público mais amplo possível a fim de contemplar metas mercadológicas.

Correia e Ferreira (2013) destacam que os dicionários podem ser classificados conforme a relação com a norma linguística, além do modo como esse produto influencia na norma. A

partir disso, podem ser elaboradas obras descritivas (ênfase sobre o uso efetivo das unidades, tendendo a querer regular a língua) e prescritivas (voltam-se para a orientação dos usos dos itens lexicais, adequando-os à norma em vigor). Esses autores ainda destacam que

os dicionários de língua portuguesa atuais não apresentam em geral introduções nem prefácios que nos indiquem quais os seus objetivos e metodologia, nem qual a sua posição relativamente à descrição ou à prescrição linguísticas. No entanto, se olharmos para o seu interior, verificamos que os dicionários disponíveis são normalmente híbridos, na medida em que, se, por um lado, são cada vez mais complexos e exaustivos na descrição das entradas, das suas características e usos diversos, por outro, dado que o público espera deles um papel regulador, recorrem a estratégias de normalização linguística, tais como, por exemplo, a seleção dos registos a tratar e das fontes, a exclusão do que não integra o padrão, ou o recurso a marcas de uso (CORREIA; FERREIRA, 2013, p. 6-7).

Nota-se que esses estudiosos reforçam as dificuldades em satisfazer tanto a perspectiva descritiva quanto a prescritiva. Para atender o viés descritivo, os dicionários tendem a omitir lexias, marcas de uso, ou mesmo acepções frequentes, mesmo que essa frequência possa representar mudanças lexicais em curso. Sobre o caráter prescritivo, nem sempre as pessoas entendem da mesma maneira o cunho normativo, o que faz com que o dicionário siga se modificando de acordo com o avanço da (concepção de) língua da sociedade. No entanto, assim que são dicionarizadas, as unidades recebem o estatuto de referência, passando a ser pertencentes à norma, principalmente se não houver o registro de nenhuma marca de uso a seu(s) sentido(s).

Como reforçam Bertonha e Zavaglia (2017a),

o dicionário não é uma simples descrição (linguística) nem apenas um convite a explorar suas características reais (social). O dicionário deve ser visto como obra e como fenômeno verbal complexo, como um instrumento de memorização de movimentos culturais, sociais e históricos por meio de itens lexicais repletos de significados e conceitos (BERTONHA; ZAVAGLIA, 2017a, p. 415).

Sob essa perspectiva, nesse universo discursivo das obras dicionarísticas, o lexicógrafo acrescenta novas unidades lexicográficas e ainda novos sentidos identificados uma vez que reconhece a língua como um ente vivo e em “evolução”. Ele possui o papel de atualizador de seu sistema linguístico, levando em consideração as mudanças sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais ocorridas em sociedade. Mesmo ansiando por englobar todos os sentidos na microestrutura, ao final, verifica-se que é uma batalha inglória na medida em que, ao se dar

por encerrado um dicionário, imediatamente, já será considerado desatualizado por não abarcar novas unidades e/ou sentidos que acabam por surgir. No entanto, o empenho desse profissional para resgatar e preservar o arcabouço lexical de seu povo é louvável.

2.3.2 Etapas de elaboração de obras lexicográficas: primeiros passos

No decorrer deste capítulo, desejamos evidenciar o quão laboriosa é a produção de um dicionário, qualquer que seja sua tipologia. Devido a isso o lexicógrafo deve debruçar-se e refletir sobre questões teórico-metodológicas que possam auxiliá-lo a planejar cada etapa do processo de execução (JACKSON, 2002) de seu dicionário, que, segundo Fuertes-Olivera e Tarp (2014), perpassa por três fases:

(I) pré-compilação: o lexicógrafo deve (i) verificar os potenciais consulentes; (ii) identificar as deficiências ou dificuldades lexicograficamente substanciais; (iii) elaborar uma proposta lexicográfica que satisfaça essas deficiências ou dificuldades;

(II) fase de compilação: o lexicógrafo (i) arquiteta o esboço do dicionário, acerca dos dados etc.; (ii) organiza o material para o decorrer do projeto; (iii) estabelece e compila seu *corpus*; (iv) sistematiza um plano de execução das tarefas e seus prazos; (v) segue para a elaboração prática do projeto; (vi) finaliza o dicionário para publicá-lo;

(III) fase de pós-compilação: o lexicógrafo (i) viabiliza o dicionário aos consulentes; (ii) verifica seu uso; (iii) examina situações que atenderam às necessidades dos consulentes.

Como se pode perceber, durante a segunda fase, encontram-se os critérios que determinam e direcionam a produção do dicionário, os quais irão inseri-lo dentro da tipologia das obras dicionarísticas. Para Haensch *et al.* (1982), os produtos lexicográficos são classificados sob duas perspectivas:

(I) da Linguística Teórica, que abarca: (i) fatores de descrição linguística; (ii) cenários de descrição linguística, considerando a função do emissor linguístico (obras onomasiológicas – direcionam aos significantes) ou do receptor linguístico (obras semasiológicas – direcionam ao significado); (iii) número de línguas envolvidas;

(II) da perspectiva histórico-prática, que abrange: (i) seleção das unidades lexicais; (ii) ordenação da macroestrutura; (iii) extensão e formato do dicionário; (iv) natureza linguística, enciclopédica ou mista; (v) finalidade da obra; (vi) quantidade de línguas; (vii) suporte de divulgação.

A essas decisões, de acordo com Jackson (2002), devem ser acrescidas (i) a delimitação do perfil do futuro consulente, além das (ii) demandas do mercado editorial (tempo dispensado à execução da obra e gastos necessários, uma vez que as editoras se preocupam com o retorno

financeiro). Souto e Pascual (2003) ainda adicionam mais critérios referentes (i) à riqueza de conteúdo na microestrutura; (ii) à natureza pedagógica; e (iii) ao suporte.

Independentemente do tipo, segundo Atkins e Rundell (2008), a elaboração de dicionários requer que se conheça o perfil de possíveis consulentes e sua correspondente competência linguística, ponto fulcral para atingir o objetivo da obra lexicográfica. Para esses autores, é preciso considerar os fatores relacionados ao conteúdo do dicionário: (i) letramento lexicográfico para manusear a obra; (ii) faixa etária dos consulentes; (iii) interesse pela obra (produzir textos, aprender uma língua, traduzir); (iv) conhecimento acerca da(s) língua(s) envolvida(s) na produção.

Já Kwary (2011) considera que as demandas dos consulentes devem ser divididas em quatro tipos: (i) *fuzzy needs* – necessidades nebulosas, quer dizer, difíceis para serem definidas; (ii) *real needs* – necessidades reais, aquelas verificadas pelo lexicógrafo após o estabelecimento do perfil consulente; (iii) *ancillary needs* – necessidades auxiliares, que surgem ao se consultar a obra; (iv) *ultimate needs* – necessidades últimas, aquelas constatadas ao término do processo de ensino-aprendizagem, que abrange a consulta ao dicionário.

Portanto, compreender melhor os elementos constituintes dos dicionários irá auxiliar os lexicógrafos em sua empreitada, seja para produzir suas obras, seja para propor reflexões metalexicográficas, com mais eficiência e precisão, por isso levantamos os primeiros passos para a feitura de dicionários. A seguir, elencamos alguns conceitos referentes à estruturação dessas obras.

2.3.3 Lema, lematização e nomenclatura

De início, para uma melhor compreensão do que é um dicionário, necessário se faz entender a terminologia empregada. Dessa forma, *lema* corresponde à entrada (cada unidade lexical definida no dicionário) que faz parte da macroestrutura, por meio da *lematização*, ou seja, ao processo que reduz um item lexical à sua forma canônica, quer dizer, ao lema (com isso substantivos, adjetivos, artigos, entre outros, são representados na sua forma singular e masculina, enquanto os verbos apresentam-se no infinitivo). O conjunto das entradas (ou lemas) que compõem a *macroestrutura* de um dicionário corresponde à sua *nomenclatura*, comumente estrutura sob uma ordenação semasiológica. Mais adiante, trataremos a respeito das entradas com mais detalhes. Como já comentado anteriormente, as variáveis direcionadoras da constituição de um dicionário constituem as diretrizes norteadoras à elaboração da macroestrutura e da microestrutura com o intuito de aprimorar a competência lexical do consulente.

A nomenclatura de um dicionário consiste no conjunto de entradas desse tipo de obra, isto é, corresponde à junção de todos os lemas ou entradas que compõem a macroestrutura. O que indica a presença ou a ausência de unidades lexicais no dicionário é o fato de essas unidades terem passado, primeiramente, pelo processo de lexicalização e, posteriormente, pelo processo de lematização para, enfim, passarem a compor a nomenclatura. É importante ressaltar que todas as unidades lexicais deveriam se tornar unidades lexicográficas, ou seja, unidades pertencentes à nomenclatura de um dicionário. E referente a isso, Krieger (2014), resgata Lara (2006) para esclarecer que

sem desconhecer tudo o que envolve a determinação dos sentidos, retomamos o destacado pensamento de Lara (2006) que traz na base a compreensão das condições de reconhecimento de uma palavra como unidade do léxico de um idioma. A palavra, compartilhada, fixada na memória coletiva, é também a palavra a ser dicionarizada. Reside aí o critério de frequência de uso, fundamento maior do registro das palavras em dicionários. A estabilidade do léxico de um idioma está associada, de modo particular, a esses componentes: a memória coletiva e a frequência de uso, fatores que respondem pela representatividade da palavra da língua. Delineia-se, dessa forma, o princípio dos registros lexicais dos dicionários gerais de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas (KRIEGER, 2014, p. 326).

Logo, unidades que possuem frequência representativa em *corpora* utilizados para a elaboração de dicionários podem se revelar como um indício de que estão fixadas na memória coletiva de seus usuários e, portanto, podem ser candidatas a comporem a nomenclatura de um dicionário.

Zavaglia (2019, p. 18) defende que

é fundamental a necessidade de existir uma relação harmônica e a real produção lexical existente em um sistema linguístico na compilação da nomenclatura de um dicionário de língua geral, para que ele espelhe os ensejos de uma comunidade de falantes em relação ao momento social e político no qual se encontra inserida em um determinado eixo do tempo (ZAVAGLIA, 2019, p. 18).

O descompasso entre unidades que são procuradas nos dicionários e, de fato, encontradas pelos consulentes no momento em que realizam sua busca pode levá-los a desacreditar na existência de seu significado e de suas concepções, ou mesmo a considerá-las de pouca relevância social. Para que se possa compilar uma nomenclatura voltada a um determinado público, faz-se necessário estabelecer critérios claros para evitar que o consulente cometa equívocos linguísticos ao manusear as obras lexicográficas (BERTONHA, 2020b).

2.3.4 Megaestrutura

Corresponde ao conjunto das partes que constituem um dicionário, quer dizer, a nomenclatura somada aos textos externos, sendo que esses últimos abarcam a *front matter*, a *middle matter* e a *back matter* (HARTMANN; JAMES, 1998; ZAVAGLIA, 2012).

2.3.5 *Front matter, middle matter e back matter*

Parte do dicionário que antecede a nomenclatura – *front matter* –, serve como espaço para constar os direcionamentos de manuseio da obra, cujos componentes podem ser: apresentação, prefácio, tabela de abreviaturas utilizadas, comentários do editor e lista de colaboradores. Nesse momento, antes do corpo do dicionário, alguns fatores podem vir expressos, tais como: (i) número de línguas oferecidas na obra; (ii) língua do público-alvo; (iii) componente cultural, visto que podem ser apontadas diferenças entre os sistemas linguísticos; (iv) competência linguística do possível consulente. Já a *middle matter* diz respeito ao conjunto de elementos complementares às informações da microestrutura que se intercalam na macroestrutura (por exemplo, mapas, notas, tabelas, ilustrações etc.). Por fim, a *back matter* é a parte do dicionário que sucede à nomenclatura, entre os quais tabelas de verbos, apêndices, siglas etc. (JACKSON, 2002; ATKINS; RUNDELL, 2008; BÉJOINT, 2010; PEREIRA, 2018).

2.3.6 Entrada, macroestrutura e microestrutura

Se por um lado a *microestrutura* “é formada pelo conjunto de informações que compõem os verbetes; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a entrada”, por outro a macroestrutura é o “conjunto da obra, todos os aparatos de ordenação”, configurando-se, assim, os elementos constituintes de uma obra lexicográfica, quais sejam, parte introdutória, informações acerca da organização da obra, prefácio, referências bibliográficas etc. (FAULSTICH, 2011, p. 169).

Para Rey-Debove (1971, p. 21) *macroestrutura* é o “conjunto das entradas”, quer dizer, a soma das entradas alocadas espacialmente sob uma leitura vertical parcial no dicionário. Mais tarde, Welker (2004) definiria *macroestrutura* remetendo-se ao modo como o corpo do dicionário se mostra organizado, entretanto, Béjoint (2000, p. 13) afirma que

alguns usam *macroestrutura* como sinônimo de *nomenclatura*, mas é preferível usar este último termo como equivalente de *word-list*, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários (BÉJOINT, 2000, p. 13).

Nota-se que, para se tratar da macroestrutura, é necessário refletir sobre as entradas (ou palavras-entrada) que compõem o dicionário; por conseguinte, sobre seu volume e sua disposição (CARBALLO, 2003). Para tanto, Porto Dapena (2002, p. 136-140) define *entrada*, em sentido estrito, como “unidade que é objeto do verbete” e, em sentido lato, como “qualquer unidade léxica que ofereça informação no dicionário, seja em sua macroestrutura ou microestrutura”, assim, conseguimos distinguir dois tipos: (i) as unidades sujeitas à lematização; e (ii) as subentradas, que pertencem à microestrutura, mas não estão sujeitas à lematização.

Carballo (2003) salienta que, em razão da variedade da composição do item lexical, podem surgir dúvidas ou dificuldades para inseri-lo como entrada de um dicionário, principalmente para as unidades fraseológicas (colocações, locuções e fraseologismos), pois ainda não há consenso sobre qual componente dessa estrutura lexical complexa deveria ser feito o registro no dicionário. Verifica-se que, para o levantamento da macroestrutura, pode ocorrer desde uma cópia literal de outras obras lexicográficas/terminológicas, passando por comentários de profissionais especialistas acerca dos itens que poderiam constituir uma nomenclatura, até uma obra que ofereça um determinado volume de verbetes com base na frequência identificada em um *corpus* (de especialidade ou não).

Ainda sobre as entradas, todo dicionário evidencia suas limitações, em alguma medida, aspecto esse que impõe aos lexicógrafos estabelecerem parâmetros de corte aos quais ele é submetido.

A despeito do verbete, Biderman (1984, p. 144) o define como “o texto de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria” e lembra-nos que “os dicionários são formados de sequências de verbetes”.

De acordo com Finatto (1996),

a dimensão microestrutural corresponde ao verbete ou entrada, resultado do processo de lematização sofrido pelo signo linguístico. E nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, podemos chamar “signo-verbete”, ou a unidade constituinte do arrolamento de signos linguísticos. Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe. A microestrutura do dicionário, ou estrutura do verbete, corresponde a toda a construção do verbete, incluídas eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado (FINATTO, 1996, p. 56).

Para Silva (2006, p. 20), “o verbete é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada

verbetes se compõe de um lema, ou palavra-entrada, que é sua parte enunciativa”. Tanto para Welker (2004) quanto para Pontes (2009), verbete é um item lexical lexicográfico que corresponde ao texto consultado em dicionários, abarcando a unidade pesquisada e seu conjunto de informações apresentadas referentes a ela. No PNLD (BRASIL, 2012, p. 113), evidencia-se uma perspectiva lexicográfica que discordamos, dado que considera verbete como sinônimo de microestrutura, equivocadamente ao que oferece como definição: “unidade básica de organização do dicionário, o verbete compõe-se de uma entrada e uma sequência padronizada de informações sobre a própria entrada”.

Por fim, consideramos que o verbete corresponde ao conjunto composto pelo lema e sua microestrutura (cuja definição, clara e direcionada a um público-alvo, pode oferecer informações morfosintáticas, semântico-pragmáticas, culturais etc.).

Em se tratando de macroestrutura, neste trabalho, entendemos que diz respeito à nomenclatura (lista de palavras) e sua disposição estabelecida pelo lexicógrafo no dicionário, podemos dizer que é tudo aquilo que se relaciona com a progressão temática vertical do dicionário, ou seja, o corpo do dicionário, formado pelo conjunto de entradas organizadas e ordenadas, geralmente, em ordem alfabética.

E ainda consideramos que

por *microestrutura*, entendemos que se constitui de toda informação, após a palavra-entrada, isto é, a parte interna da macroestrutura, a ordenação dos elementos que compõem o verbete, normalmente formada por informações gramaticais, etimologia, definição, marcas de uso, sinônimos, antônimos, abonações e exemplos (BERTONHA, 2020c, p. 89).

Verifica-se que, em um dicionário, a microestrutura oferece significativas informações linguísticas benéficas, por exemplo para o processo de aprendizagem de uma língua, uma vez que é o conjunto de informações ordenadas que compõem o verbete, em seguida à entrada, normalmente, formada por: cabeça do verbete (todas as informações que antecedem a definição: grafia, classe gramatical, etimologia, marcas de uso), definição (conteúdo pragmático indispensável para a compreensão do público-alvo), contextualização, expressões idiomáticas, sinônimos, antônimos, informações semânticas, remissivas, gráficos, símbolos, abonações e exemplos.

Como se nota, para que um produto lexicográfico seja eficiente, é preciso que seus elementos estejam em harmonia, assim, por exemplo, em se tratando do arranjo, com muita frequência e em maior número, as entradas são dispostas semasiologicamente, Jackson (2002) salienta que a listagem alfabética poderia ser a mais utilizada pela impressão que seu consulente

possui de que seja uma busca mais ágil, enquanto Rey (1977) a rechaça, pois a considera um “absurdo conceitual e linguístico reconhecido universalmente”. Por outro lado, esse arranjo também pode ocorrer onomasiologicamente, estabelecendo a localização do conceito de cada item lexical dentro de uma cadeia sistematizada de modo hierárquico.

No que se refere à extensão da nomenclatura dependerá dos objetivos do lexicógrafo, pois o tamanho do dicionário está intimamente ligado ao tipo de obra que deseja produzir e ao tratamento que dará às unidades homônimas e polissêmicas. Sobre sua origem, na Lexicografia moderna, a nomenclatura advém de grandes *corpora*, pois neles pode-se verificar a frequência de ocorrências de um determinado item lexical. Obviamente, a simples realização de um levantamento estatístico não é capaz de garantir que um item lexical possa ser selecionado como lema, é preciso seguir quatro preceitos (HAENSCH *et al.*, 1982; ZAVAGLIA, 2012): finalidade da obra lexicográfica; público-alvo; extensão; e método de seleção.

Na próxima subseção, seguimos para reflexões acerca das características dos dicionários gerais.

2.3.7 Dicionários gerais

Esse tipo de obra lexicográfica almeja contemplar o repertório lexical na completude de uma língua apresentando nos verbetes informações morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas da lexia. Como exemplo de dicionário da língua geral no português do Brasil, temos o dicionário Aurélio, Houaiss, Caldas Aulete, entre outros.

Vale a pena mencionar como avançaram os estudos lexicográficos, assim, ao verificarmos como eram compreendidos os dicionários gerais, para Rey-Debove (1970), seriam obras que descreveriam que

o mesmo conjunto [de itens lexicais] difere um do outro por uma maior ou menor seletividade. Um dicionário geral da língua pode apresentar 200.000 ou 100.000 ou ainda 50.000 palavras – de qualquer maneira, não deixa de ser um dicionário geral (REY-DEBOVE, 1970a, p. 14).

Sob esse prisma, a questão do volume de entradas destaca, segundo Rey-Debove (1970b), o fato de que a quantidade de verbetes não é determinante para indicar que um dicionário é ou não geral, assim, o que faz a diferença é a presença ou não de uma parte representativa do arcabouço lexical de um povo.

Segundo Biderman (2002, p. 93), para que uma obra seja abrangente e representativa do léxico de um povo (o que se espera de um dicionário geral), é necessário que seu lexicógrafo

elabore-a partindo de um *corpus* para a seleção das entradas de sua nomenclatura, o que implica em grandes vantagens, a saber:

1) confiabilidade dos dados como representação da língua realmente usada pelos falantes tanto em sua modalidade escrita como oral; 2) possibilidade de registro e identificação das fontes e de sua datação; 3) possibilidade de identificação dos registros ou níveis de linguagem; 4) abundância de dados e possibilidade de manipulação rápida desses dados; 5) contextualização das palavras, o que permite a extração dos valores semânticos e sintáticos das palavras com base em dados autênticos (BIDERMAN, 2002, p. 93).

Utilizando-se *corpora* do português brasileiro contemporâneo, é possível garantir uma maior representatividade não apenas do acervo lexical, mas também do uso que se faz dele, o que faz de um dicionário geral, impresso e/ou eletrônico, de fato, uma obra de vulto.

A respeito da conceituação, Welker (2004, p. 77), afirma que “um dicionário geral é aquele que tende a apresentar a totalidade dos lexemas de uma língua”, além de ser “aquele em que o usuário pensa quando se fala em dicionário, a saber, um dicionário cujos verbetes estão organizados em ordem alfabética e consistem em, pelo menos, lema e definição”, com cerca de 100.000 verbetes, valor que se aproxima daquele considerado por Biderman (1984)²⁷.

Biderman (1998a, p. 129) propõe uma distinção entre dicionário geral e dicionário padrão, sendo que o primeiro é aquele capaz de “aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua. Ainda assim, esse ideal é sempre inatingível, já que o léxico cresce em progressão geométrica”, enquanto isso, o segundo tipo realiza os registros de uma parcela reduzida do léxico cuja abrangência varia de 50.000 a 70.000 verbetes (hoje, considera-se um volume ultrapassado).

O alcance do adjetivo “geral”, para Béjoint (2000), por vezes, é falho ao identificar uma obra cuja macroestrutura abarca uma parcela reduzida do léxico. Esse autor entende que o dicionário geral “inclui como palavras de entrada todos, ou uma parcela representativa dos elementos de um léxico, mesmo os obsoletos e arcaicos, e também todas as suas variedades na sincronia” (*apud* SEABRA, WELKER, 2011, p. 33). Hartmann e James (1998, p. 61) definiram o dicionário de língua, a partir da perspectiva de obra para fins gerais advinda da tradição inglesa, como “um tipo de obra de referência que pretende fornecer uma descrição abrangente de toda a língua, com atenção especial para o vocabulário”²⁸, entretanto, é uma definição que

²⁷ À época, um volume de grande expressividade, hoje, por exemplo, temos o dicionário Aulete Digital (2022, *online*) que oferece “mais de 818 mil verbetes, definições e locuções”. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 01 maio 2022.

²⁸ Tradução nossa para “a type of reference work intended to provide a comprehensive description of the whole language, with special attention to vocabulary”.

não se sustenta por não ser possível uma descrição total de uma língua, mas sim uma parte de seu léxico.

Welker (2004; 2011) lembra-nos de que um dicionário de língua geral registra as palavras e as expressões da língua comum e devem descrever não apenas os usos lexicais considerados mais frequentes, ao contrário, na medida do possível, todos os itens lexicais precisam ser descritos; além disso, ele propõe que essas obras de língua geral devem ser constituídas em oposição aos dicionários de língua de especialidade (aqueles que se ocupam da descrição de termos técnico-científicos) e aos dicionários especiais (obras que fazem um recorte particular da língua comum).

De acordo com Bugueño Miranda (2014), as obras lexicográficas de língua geral se configuram por serem monolíngues, semasiológicas, produzidas para consulentes nativos, possuem ênfase no discurso livre e no significado. São assim chamadas em razão de sua pretensão em catalogar a maior parte dos itens lexicais que constituem o léxico de uma língua. Rodriguez Díez (2003, p. 140) menciona que são dicionários considerados pelos consulentes como *thesaurus* e “seus criadores os apresentam como dicionários de certa forma completos, que vão evoluindo pela adição de neologismos, integrados já na língua geral”.

Anocíbar (2016) reforça que é preciso que os dicionários gerais evoluam, não em função da retirada desta ou daquela parcela do léxico, mas como obras de referência em que o registro seja precedido por reflexões teóricas fundamentadas sobre todos os fenômenos linguísticos a serem descritos na obra, bem como a pertinência do registro ao usuário.

No final do século XX, Correia (1996) trouxe variados conceitos sobre Lexicografia Computacional para contribuir à terminologia desse campo, dentre eles encontramos Dicionário Legível com Máquina (DLM, traduzido do corresponde inglês *Machine-readable dictionary*), além de propor também a implementação dos seguintes termos: Dicionário Tratável por Máquina (para *Machine-Tractable dictionary*), Base de Dados Lexical (para *Lexical Database*) e Base de Conhecimento Lexical (para *Lexical Knowledge Base*). Segundo Zavaglia (2002, p. 138), os DLM “são aqueles que possuem uma versão publicada em papel e outra com suporte informático (em CD-ROM ou em disquete), elaborados por lexicógrafos”. Essa autora ainda afirma que são obras que não são manipuláveis por Sistemas de Processamento Automático das Línguas Naturais.

Na perspectiva de Correia (1996),

a microestrutura destes dicionários é, no essencial, semelhante à dos dicionários impressos, embora o facto de serem armazenados em bases de dados contribua para potenciar toda uma rede de relações morfológicas,

sintagmáticas, semânticas e paradigmáticas entre diferentes unidades lexicais, possibilitando o acesso à informação por outras vias que não apenas a entrada, perdendo a ordenação alfabética das entradas – único meio para a sua localização nos dicionários impressos – parcialmente a sua validade nos dlms. Estes dicionários não são susceptíveis de ser utilizados directamente em sistemas de pln, devido fundamentalmente a serem concebidos para uso humano, ao índice de formalização da informação ser bastante baixo e à descrição das unidades ser sempre feita em linguagem natural (CORREIA, 1996, p. 2).

Essa autora define os Dicionários Tratáveis por Máquina (DTM) como semelhantes aos DLMS, entretanto, modificados por possuírem um formato que favorece sua aplicação em sistemas computacionais em Processamento Automático das Línguas Naturais (PALN), quer dizer, o léxico é manipulável pela máquina.

Voltando a Zavaglia (2002, p. 139), uma Base de Dados Lexicais (BDL) corresponde a uma estrutura computacional construída para suportar informações variadas e diversas acerca de cada unidade lexicográfica da nomenclatura, o que possibilita o estabelecimento das relações entre diferentes itens lexicais, bem como várias formas de análise, sendo que seu objetivo principal é auxiliar “sistemas computacionais em PALN²⁹” (2002, p. 140), podendo ser configurada para a manipulação humana. Correia (1996, p. 2) afirma que uma BDL tem a tendência onomasiológica dado que “se parte do estabelecimento da definição das propriedades (morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas) das unidades lexicais, para, seguidamente, se proceder ao estabelecimento das correspondências entre essas propriedades e as unidades correspondentes”.

Com o avanço da informática no início do século XXI, notamos que vários dicionários gerais impressos ganharam versões eletrônicas e, com a expansão da internet, também versões virtuais ao ponto de, até mesmo, surgirem obras apenas na versão *on-line*, o que pode configurar uma tendência lexicográfica. Como se pode verificar, a obra lexicográfica eletrônica possui distinções básicas em comparação à obra impressa em papel, quais sejam: apresentação dos dados, possibilidade de busca imediata, além de seu uso e aspectos técnicos (MOREIRA, 2009, p. 39). A respeito da funcionalidade dos dicionários eletrônicos, Leffa (2006, p. 323) atesta que

por ser um arquivo digital, o dicionário eletrônico é extremamente maleável: pode ser facilmente compactado, ampliado e atualizado, sem grandes custos de produção. Além de textos e imagens pode incluir também animação, som e vídeo. Tem finalmente a característica da invisibilidade, só aparecendo ao usuário quando solicitado e mesmo assim mostrando apenas o verbete ou o

²⁹ Processamento Automático das Línguas Naturais.

dado solicitado, ocultando todo o resto dentro do computador ou no suporte que o sustenta (LEFFA, 2006, p. 323).

Em decorrência dessas vantagens, Moreira (2009, p. 40) sugere que haja uma tendência de se substituir o dicionário impresso por um em suporte eletrônico, sobretudo em virtude do produto eletrônico possuir “uma arquitetura/estrutura mais dinâmica, interativa e que facilita o acesso à consulta, sendo a busca da informação quase instantânea”. No entanto, embora as vantagens, de fato, sejam várias (condensação de dados, custo de produção, diminuição do espaço físico, periodicidade de edição, entre outros fatores), esse mesmo autor considera que o valor econômico da obra eletrônica ainda é um aspecto que interfere em sua aquisição.

Se por um lado seja notório que o avanço tecnológico tenha proporcionado a elaboração de vários dicionários eletrônicos disponíveis em CD-ROM para plataformas eletrônicas, por outro lado, ainda há dificuldades de acesso por variados motivos (por exemplo, disponibilidade financeira para arcar com custos, manutenção, conectividade). Mesmo havendo maior possibilidade de serem acessados, por meio de dispositivos móveis digitais (*laptops, netbooks, smartphones*), como é o caso do dicionário Houaiss, que possui as versões impressa, eletrônica e virtual (cujo acesso se dá por uma assinatura mensal/anual), ainda sim se restringe a quem pode pagar por esse acesso.

De acordo com Fuertes-Olivera e Niño-Amo (2011, p. 172), é preciso levar em consideração as seguintes demandas acerca dos dicionários virtuais (aqueles acessíveis em rede): “custos gerenciáveis e soluções já em funcionamento (ou seja, aquelas utilizadas em alguns projetos lexicográficos)”³⁰. Esse segundo elemento se refere ao atendimento das necessidades do consulente não apenas pela teoria lexicográfica, mas também pelos recursos tecnológicos e custos que este esteja disposto a pagar pelo acesso ao dicionário virtual.

De Schryver (2012, p. 145) destaca o percurso pelo qual ocorreu o desenvolvimento das obras eletrônicas, apontando que

a princípio, os produtores de dicionários grandes criaram bases de dados genuínas para armazenar e manusear os dados de seus trabalhos de referência, o que significa que os pesquisadores da NLP³¹ pudessem utilizá-los (inclusive das primeiras fitas magnéticas) para popularizar os componentes lexicais de seus sistemas de NLP. O desenvolvimento destas bases de dados somado aos avanços do hardware, logicamente levou ao primeiro dicionário eletrônico,

³⁰ Tradução nossa para “we have focused on demands for manageable costs and solutions already in operation (i.e. they are used in some lexicographic projects)”.

³¹ Sigla em inglês para *Natural Language Processing* (em português, Processamento das Línguas Naturais). De modo breve, corresponde a uma subárea da Linguística Computacional que versa sobre as questões relacionadas à geração e compreensão automática das línguas humanas naturais.

para leitura humana, voltado para o público em geral. De fato, do fim dos anos de 1980 até hoje, os dicionários eletrônicos têm sido acessados online (por assinatura ou não), em CD-ROM e outros discos, ou em aparelhos portáteis³² (DE SCHRYVER, 2012, p. 145).

A respeito do fator econômico, Bernardo (2013, p. 148) afirma que

uma quantidade ilimitada de aplicativos (APPs) estão disponíveis, gratuitamente ou a pequenos custos, grande parte representando recursos prodigiosos e indispensáveis para a prática pedagógica, sejam para conhecimentos de línguas com tradutores simultâneos e dicionários eletrônicos assim como acervos de e-books, demonstradores de mapas geográficos, informativos de meteorologia, noticiários online entre várias centenas de outros (BERNARDO, 2013, p. 148).

Constata-se que a praticidade da obra lexicográfica virtual supera a eletrônica, visto que pode ser adquirida de maneira gratuita, é de fácil transporte e proporciona uma rápida consulta. Como afirma Pereira (2017, p. 118),

é inegável que os dicionários impressos possuem uma sobrevida no mercado editorial, seja pelo fascínio que exercem sobre os amantes da lexicografia ou pela satisfação sentida por aqueles que preferem folhear um livro a manusear um equipamento eletrônico. Não acreditamos, portanto, que tais obras sejam totalmente substituídas pelos dicionários eletrônicos. No entanto, considerando o fato de vivermos numa era multimidiática, cercada de facilidades tecnológicas, até mesmo as obras consideradas cânones da lexicografia precisam ser adaptadas a essa nova realidade digital, a fim de continuarem a ser difusoras de conhecimento e não apenas itens de colecionador ou mais um livro empoeirado e abandonado nas prateleiras das escolas e bibliotecas espalhadas pelo país (PEREIRA, 2017, p. 118).

Interessa-nos discorrer sobre dicionários em CD-ROM (considerados por nós como dicionários eletrônicos) e aqueles *on-line* (que tratamos como dicionários virtuais) por termos exemplares que compõem nosso *corpus* de estudo. Os dicionários em CD-ROM possuem características muito semelhantes àsquelas dos dicionários virtuais, diferenciando-se (i) pela impossibilidade de serem atualizados e (ii) pela possibilidade de o consulente elaborar seu próprio dicionário a partir dos verbetes que lhe interessam. Vejamos o Quadro 4:

³² Tradução nossa para “before long dictionary publishers created genuine databases for storing and manipulating the data of their reference works, which means that NLP researchers could use these (instead of the earlier typesetting tapes) to populate the lexical components of their NLP systems. The development of these databases, coupled to hardware advances, logically led to the first humanreadable electronic dictionaries available for the public at large. Indeed, from the late-1980s onwards, electronic dictionaries have been available online (whether or not by subscription), on CD-ROM and other disks, or in handheld devices”.

Quadro 4. Informações sobre espaço e acesso referentes a dicionários digitais

Tipo		Espaço	Acesso
Dicionário digital	Dicionário eletrônico	Limitado à capacidade de armazenamento do dispositivo	Dispositivos tecnológicos (CD-ROM) sem acesso à internet
	Dicionário virtual	Ilimitado (no ciberespaço não se aplicam limites de espaço físico ³³)	Em rede

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebemos que o virtual supera as concepções de tempo e espaço, proporcionando ao usuário um desprendimento desses conceitos. Não significa desconsiderar a existência física do dicionário, visto que é necessário um servidor de internet e cabos para que haja conexão, bem como um canal de acesso (*laptops, tablets*, celulares), o que se nota é que os produtos virtuais esboçam um potencial enorme de recursos tecnológicos que a eles podem ser agregados.

No início da terceira década do século XXI, testemunhamos um grande avanço tecnológico que tem levado inúmeros consulentes a utilizarem frequentemente os dicionários virtuais, sobretudo pela facilidade de serem encontrados em seus aparelhos celulares. Consequentemente, vê-se uma diminuição na produção impressa e eletrônica de obras dicionarísticas no Brasil, ao passo que os produtos virtuais se mostram em franca expansão.

Segundo Pontes (2009), os dicionários se classificam, com base no suporte em que são ofertados, da seguinte maneira: (a) analógicos, convencionais ou estáticos (impressos); (b) eletrônicos ou dinâmicos (categorizados como *on-line* e *off-line*). Não apenas pelo meio em que é veiculado, mas também pelo trato virtual e automatizado que é oferecido ao consulente, conforme aponta o autor, pode-se definir um dicionário eletrônico. É verdade que o impresso se apresenta, fisicamente, mais pesado e de busca manual mais prolongada, apresentando uma inclinação de uso para aquele em detrimento deste. No entanto, como afirma De Schryver (2012), os dicionários são obras de um alto valor simbólico, sendo que os impressos não necessitam de energia elétrica para seu uso e servem para anotações particulares de seus consulentes (trechos destacados, acréscimo de comentários etc.), quer dizer, ainda oferecem outro tipo de relação consulente/dicionário.

Reforçando ainda que os modelos lexicográficos informatizados contribuem para a criação de dicionários modernos em virtude de sua capacidade de atualização e de armazenamento dos dados, Lendl (2019) entende que deva haver uma divisão entre dicionários *on-line* e *off-line*, em função da possibilidade de acesso ao produto lexicográfico com ou sem conectividade em rede.

³³ A depender da máquina virtual, sim.

Em referência ao mercado editorial, Rundell (2013) declara que as obras lexicográficas Macmillan vêm obtendo receitas expressivas a partir da publicidade no site. Vale mencionar que essa casa editorial foi a primeira a sentenciar o fim da produção dessas obras em papel em favor da versão *on-line* (RUNDELL, 2012). Seu editor-chefe, responsável pelos dicionários, relatou que houve uma revolução na elaboração e avanços significativos no produto lexicográfico final a partir das pesquisas com *corpora*. Welker (2004, p. 225) considera que, ao se referir a dicionários eletrônicos, abrangem-se aqueles: 1) usados no processamento computacional da linguagem natural; 2) em CD-ROM; 3) *on-line* (acessíveis na internet); 4) portáteis. Esse autor ainda complementa que “nem sempre os autores explicitam claramente a que tipo estão se referindo; por outro lado, há concepções divergentes, de modo que, para alguns, o termo se restringe aos mencionados em (1), enquanto outros justamente excluem esses, e há quem esqueça os portáteis”, com isso se verifica a abertura de um novo campo a ser explorado, que está em franca expansão o da e-Lexicografia ou Lexicografia eletrônica.

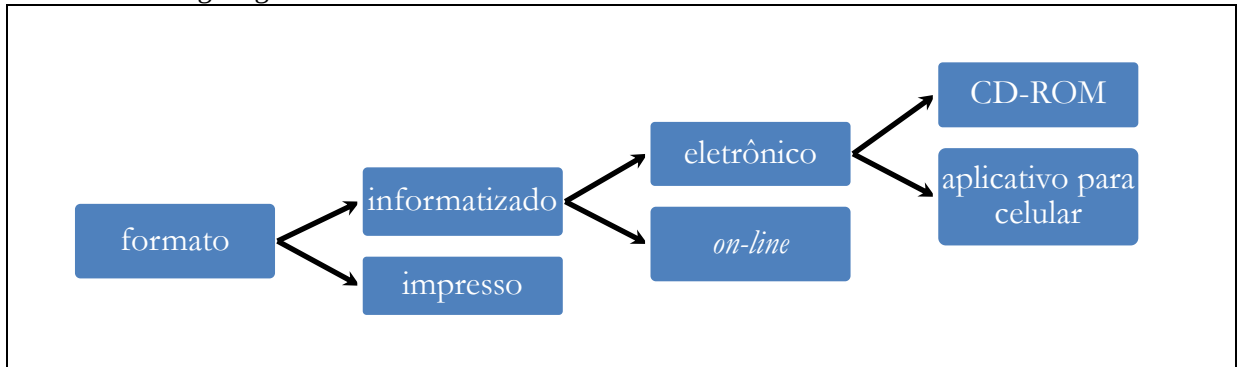
Como se percebe, por um lado, há estudiosos que separam os dicionários entre impressos e eletrônicos, por outro lado, há quem os subdivida em outras categorias. Provavelmente, haja dúvidas que levam a essas divergências em razão de estarmos no início de uma era virtual à qual os dicionários passaram a fazer parte, cujo armazenamento e a transmissão de informação, dados e conhecimento mudaram de modo a não mais depender exclusivamente do papel, mas sim de variados equipamentos eletrônicos com características próprias. O dicionário virtual não é um dicionário de papel *on-line*, nem um dicionário impresso em formato eletrônico, é uma obra que leva em consideração portabilidade, acessibilidade, velocidade de recuperação de dados, custo, preço, potencial circulação, além de economia em tamanho. Logo, Fuertes-Olivera e Niño-Amo (2011) apontam que

os dicionários da internet não devem ser comparados a versões digitalizadas e legíveis automaticamente de dicionários impressos, mas devem ser considerados como obras de mérito próprio, apenas limitados por restrições tecnológicas, econômicas ou práticas (isto é, “senso comum”). [...] O conceito de acesso rápido e fácil aplica-se a todos os tipos de dicionários, considerando que os usuários não leem dicionários de uma ponta à outra, mas consultam o tipo específico de dados que abarcam um tipo específico de necessidade específica do consulente numa situação específica de utilização. Consequentemente, o primeiro elemento definidor de um dicionário de Internet trata do processo de acesso³⁴ (FUERTES-OLIVERA; NIÑO-AMO, 2011, p. 170).

³⁴ Tradução nossa para “Internet dictionaries must not be compared with digitized, machine-readable versions of printed dictionaries, but must be considered as works in their own right, only limited by technological, economical, or practical (i.e. ‘common sense’) constraints. [...] The concept of quick and easy access applies to all types of dictionaries, considering that users do not read dictionaries from one end to the other but consult the specific type

A respeito dessas considerações, a seguir, vejamos um esquema representativo de alguns formatos de dicionários.

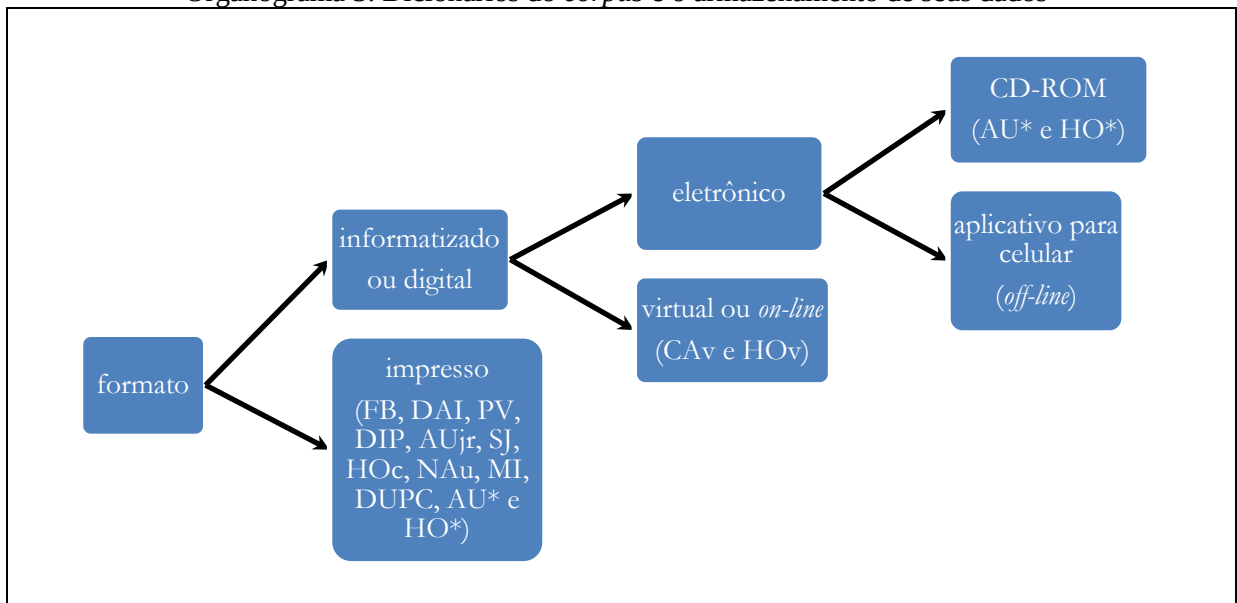
Organograma 2. Possibilidades de armazenamento dos dados em dicionários



Fonte: Bertonha (2020c, p. 90).

Considerando os dicionários de nosso *corpus*, eles se enquadrariam da seguinte forma:

Organograma 3. Dicionários do *corpus* e o armazenamento de seus dados



Fonte: Adaptado pelo autor com base em pesquisa anterior (BERTONHA, 2020c).

No Organograma 3, temos uma primeira divisão entre os formatos impresso e informatizado (tratado como sinônimo de digital), sendo que aquele primeiro tipo abarca a maior parte de nosso *corpus* e este último se subdivide em produtos opostos³⁵, quais sejam: eletrônicos (sem acesso à internet) e virtuais (somente conectados à rede). Destacamos que os

of data that cover a specific type of user's specific type of need in a specific type of use situation. Consequently, the first defining element of an internet dictionary deals with the access process".

³⁵ Do ponto de vista do formato de acesso aos dados, não são sinônimos.

dicionários AU e HO estão indicados por asterico (*), porque apresentam os dois formatos, os quais foram utilizados nesta pesquisa.

A subdivisão proposta se baseia em termos de organização dos dados lexicográficos com o intuito de agrupar os dicionários conforme a conexão à internet em: a) dicionários *on-line*; b) dicionários *off-line*. Neste estudo, consideramos esses últimos como eletrônicos, dado que podem funcionar sem que haja conectividade disponível, portanto, fora da rede; dicionários em CD-ROM ou em aplicativos instalados nos aparelhos celulares permitem que o consulente realize sua busca. Dessa maneira, cada repositório (*on-line* ou eletrônico) pode desempenhar diferentes funções se estiverem conectados em rede.

Em se tratando dos variados suportes de armazenamento do léxico, a divisão entre impressos e informatizados não gera dúvidas, mas a respeito desses últimos alguns estudiosos entendem que a subdivisão em eletrônicos e *on-line* não deveria ocorrer pelo fato de que dicionários *on-line*, em CD-ROM ou em aplicativos teriam todos uma base, direta ou indiretamente, eletrônica, quer dizer, seriam uma interface em que os dados se encontram armazenados em uma máquina virtual. Nossa proposta de separação visa destacar tanto o suporte quanto a maneira como essas obras são disponibilizadas aos consulentes, portanto, acreditamos que seja uma subdivisão didática para a compreensão do consulente ou de pesquisadores mais jovens, visto que a e-Lexicografia está com estudos iniciais e promissores.

Esse campo que se expande também surge para atender uma necessidade dos lexicógrafos em elaborar um produto capaz de proporcionar uma individualização do conteúdo descrito no dicionário de interesse ao consulente em termos de customização da busca. Por exemplo, em produtos virtuais (neste estudo, aqueles acessíveis somente *on-line*), deveriam constar *hiperlinks*, referências a páginas da internet, combinações de busca por hiperonímia e por imagens, entre outros.

Neste momento, levantamos algumas reflexões sobre o estado da arte dos dicionários virtuais, advogando que são obras em construção contínua que seguem se adaptando aos avanços lexicográficos e limites da rede, o que, para Fuertes-Olivera e Niño-Amo (2011, p. 185), configuram-se como elementos que os identificam:

- (i) o processo de acesso a dicionários virtuais permite aos lexicógrafos estimular os usuários a acessarem fácil e rapidamente dados lexicográficos não preparados; (ii) a construção de dicionários virtuais é limitada pela tecnologia disponível na Internet e por considerações econômicas; (iii) a elaboração de dicionários virtuais deve dar lugar a uma distinção fundamental

entre bases de dados e ferramentas de informação³⁶ (FUERTES-OLIVERA; NIÑO-AMO, 2011, p. 185).

Ao serem apontadas essas características identificadoras, os lexicógrafos conseguem ter parâmetros para discorrer sobre essas obras virtuais, por exemplo, como a necessidade de novas teorias que abarquem a elaboração desse tipo de produto (chamados também de *e-dicionários*). Segundo Samaniego Fernández e Cabello de Alba (2011), a teoria lexicográfica deve ser “adaptável às diferentes possibilidades de acesso e à apresentação de dados dos meios de comunicação”, consequentemente, “a e-lexicografia é vista como uma mudança de meio, o que obrigará os lexicógrafos a conciliar os pressupostos teóricos lexicográficos com as características do novo meio, e a questionar se precisamos mais do que usuários, acesso e dados para definir os dicionários virtuais”³⁷ (SAMANIEGO FERNÁNDEZ; CABELLO DE ALBA, 2011, p. 306).

Em uma era em que se discute “internet das coisas”, “conexão 5G” etc., poderíamos entender que o acesso digital seria amplo e irrestrito, entretanto, muitos consulentes não possuem, de fato, acesso à internet. Diante disso, não havendo a possibilidade de se conectar, o formato *on-line*, por enquanto, pode não ser tão eficiente quando comparado a formatos eletrônicos, dado que estes últimos já possuem uma forma de consulta mais rápida do que no impresso. Embora ainda haja desafios a serem superados em termos socioeconômicos para que se possa atender às diversas demandas, há uma tendência à elaboração de obras lexicográficas informatizadas.

Os apontamentos acerca das diferenças não implicam em nosso juízo de valor sobre o suporte em que as obras são ofertadas de maneira tal que não iremos adentrar em considerações do senso comum que comparam as obras em circulação e espalham perspectivas de que as obras virtuais seriam menos confiáveis do que as impressas ou que os recursos tecnológicos irão substituir os dicionários impressos.

³⁶ Tradução nossa para “(i) the access process in internet dictionaries allows lexicographers to nudge users into accessing lexicographically unprepared data easily and quickly; (ii) the construction of internet dictionaries is constrained by available internet technology and economic considerations; (iii) the elaboration of internet dictionaries must make room for a key distinction between information databases and information tools”.

³⁷ Tradução nossa para “adaptable to the different access to, and data presentation possibilities of, the media [...] e-lexicography is viewed as change of medium, which will force lexicographers to reconcile lexicographic theoretical assumptions with the characteristics of the new medium, and to ask whether we need more than users, access and data for defining e-dictionaries”.

2.3.8 Dicionários infantis e escolares

Haensch (1982, p. 127) conceitua um dicionário escolar como “uma obra de consulta que não deve afligir um aluno com excesso de informações e que, além disso, tem de ser econômico”, isto é, deve preponderar uma extensão reduzida. Soma-se a isso o fato de que “geralmente, os dicionários escolares (monolíngues ou bilíngues) que são usados nos colégios e/ou nas universidades são insuficientes tanto no que diz respeito à extensão quanto ao recrutamento das entradas”.

Ao determinar o tipo de dicionário que deseja produzir, o lexicógrafo será levado, necessariamente, a estabelecer o tamanho de sua nomenclatura, logo, nesses termos, para Biderman (1984), os dicionários infantis possuem cerca de 5.000 verbetes e os escolares de 10.000 até 30.000 verbetes, volumes esses que se assemelham àqueles defendidos por Martínez de Sousa (1995): dicionários infantis possuem entre 2.500 e 5.000 entradas; e os escolares, entre 5.000 e 25.000. Esses dados se apresentam, hoje, defasados, conforme veremos mais adiante.

A respeito do conjunto de fatores que abrangem o dicionário no contexto escolar, Krieger (2006a) o compreende como parte da Lexicografia Didática, pois

como uma produção direcionada à escola, é de extrema importância sobretudo porque há uma tendência geral de identificar como escolar os dicionários tipo mini. No entanto, a compreensão do caráter escolar costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que à sua efetiva adequação ao ensino/aprendizagem da língua. Por isto, apesar de práticas, as versões sintéticas nem sempre são as melhores para uso escolar (KRIEGER, 2006a, p. 247).

Esse ramo da Lexicografia se ocupa do público escolar a fim de repertoriar os itens lexicais particulares e predominantes na esfera dos consulentes estudantis, quer dizer, pretende compilar dicionários orientados ao universo escolar que, do mesmo modo, merecem uma avaliação crítica expressa pelos lexicógrafos com relação à Lexicografia Escolar.

Em pleno século XXI, os dicionários infantis se evidenciam como prestimosos produtos para auxiliar no percurso de ensino-aprendizagem, podendo expandir o vocabulário infantil e, conseqüentemente, a criatividade lexical do aprendiz consulente. A esse propósito, Zavaglia (2011) diz:

a Lexicografia para o público infantil pode ser entendida, *grosso modo*, como a técnica de se registrar e repertoriar aquela fatia do léxico geral de uma língua que abarca itens lexicais próprios e singulares ao universo infantil, ou seja, de se compilar dicionários dirigidos ao público infantil (ZAVAGLIA, 2011, p. 4).

Como características dos dicionários infantis, observamos que, geralmente, são monolíngues, recorrem a uma disposição semasiológica das entradas, apresentam caráter sincrônico e, com frequência, utilizam ilustrações, fotos e/ou desenhos. Logo, tendo em vista seu potencial pedagógico, entendemos que cada unidade lexical que integra a microestrutura está (ou deveria estar) contemplada como lema da nomenclatura, dado que o aprendiz consulente deve assimilar a palavra-entrada por uma definição que contemple unidades lexicais compreensíveis. Entretanto, a não lematização de um item lexical utilizado na elucidação de um conceito não significa a sua não existência e desconhecimento dele por parte do consulente.

Ao tratarmos de dicionários voltados para atender os interesses das crianças, descobrimos que a terminologia empregada para a tipologia desse público é variada, ou seja, não há uma fixidez acerca do emprego do termo. Parece que há uma tendência a se usar dicionário escolar para abarcar obras referentes ao universo infantil e escolar.

Sob a perspectiva de Damim e Peruzzo (2006, p. 99-100), há cinco tipos de dicionários que podem ser considerados como “escolares” (de 500 a 50.000 verbetes) em função de seu “trabalho didático desenvolvido em sala de aula”, opondo-se aos dicionários de língua geral (com mais de 100.000 verbetes). Vejamos o Quadro 5:

Quadro 5. Divisão dos dicionários escolares

Dicionário	Características gerais
Dicionário Escolar Infantil	Para crianças pré-alfabetizadas ou em fase de alfabetização, o que pode corresponder a alunos de pré-escola, 1ª e 2ª séries; consultas a partir de campos de significação, como a família, animais, esportes e partes do corpo (orientação onomasiológica), mas pode ocorrer da palavra para a ideia (semasiológica); sua extensão chega, no máximo, a 3.000 entradas (p. 101)
Dicionário Escolar para Iniciantes	Para crianças em fase de alfabetização; abrange uma faixa que vai da pré-escola à quarta série; definições são simples, e as informações microestruturais, limitadas, oferecendo, em geral, separação silábica, exemplos e classe gramatical; alguns apresentam apenas uma acepção por verbete, outros admitem mais de uma; número de verbetes fica entre 1.500 e 10.000 aproximadamente; organizado semasiologicamente (p. 102)
Dicionário Escolar Padrão	Possui muitas das características de um dicionário geral, porém, com um claro propósito didático; informações microestruturais são bastante similares àquelas oferecidas pelo dicionário geral; a diferença essencial de um e outro é o tratamento dado às definições; organizado semasiologicamente; em geral, tem entre 8.000 e 50.000 verbetes; público-alvo já é alfabetizado, a partir da quarta série (p. 103)
Dicionário Escolar Mini	Tende a ser uma versão reduzida dos grandes dicionários gerais; a forma de acesso é semasiológica, e seus itens microestruturais, à exceção da definição, são praticamente os mesmos; assim como o Dic. Escolar Padrão, sua estrutura varia entre 8.000 e 50.000 verbetes; suas características se voltam mais ao público do Ensino Médio, estudantes universitários e profissionais (p. 104)
Dicionário Escolar Enciclopédico	Apresenta as mesmas características do minidicionário; varia quanto ao tipos de apresentação de informações que podem ser: uma parte do dicionário com informações enciclopédicas que independe da nomenclatura linguística; a inclusão de entradas do tipo enciclopédica, tais como nomes próprios, de organizações, símbolos químicos; tratamento enciclopédico às definições; inclusão de quadros com informações enciclopédicas para complementar a macroestrutura (p. 105)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Damim e Peruzzo (2006).

O Quadro 5, elaborado a partir dos estudos de Damim e Peruzzo (2006), demonstra que esses tipos não configuram categorias herméticas, quer dizer, um mesmo dicionário pode apresentar características próprias de outro. Todavia, é uma categorização que serve ao consulente (professores, pais e/ou responsáveis de alunos) preocupado com relação à escolha por um produto lexicográfico apropriado às condições do processo de ensino-aprendizagem.

É importante termos à vista variados estudos, pois almejamos sempre atender, com excelência, nosso público-alvo e, no caso dos aprendizes, não se pode desprezar o fato de que os estudantes do início deste século, talvez, não sejam os mesmos de hoje, dado que passamos por uma revolução digital e que o público escolar tende a ser de uma geração de nativos digitais. Note-se que houve mudanças em termos de não mais se considerar “série” e sim “ano” escolar, o que implica em outra distribuição de materiais didático-pedagógicos. Será que a mesma quantidade de verbetes ainda condiz com a necessidade dos mesmos alunos? Sabemos que, do ponto de vista dos documentos oficiais, não. E isso pode ser comprovado pela verificação das

características dos dicionários estabelecidas no “PNLD 2012: Dicionários”; assim, é necessário que os lexicógrafos estejam atentos ao público que pretendem alcançar.

Vários autores determinam, de modo arbitrário, o que consideram como dicionários infantis e, com isso, espalha-se uma imprecisão terminológica. Dentre os quais Hausmann (1990 *apud* WELKER, 2008b) reitera a inexistência de uma fronteira marcante entre dicionários infantis e escolares (por vezes, os títulos das obras não contemplam o conteúdo disponibilizado pela obra); já para Welker (2008b) tanto os dicionários escolares como os infantis fazem parte dos dicionários pedagógicos de língua materna; já Corbin (2001 *apud* WELKER, 2008b) e Climent de Benito (2005), respectivamente, tratam os dicionários para o público infantil como Pré-dicionários e Dicionário de Iniciação. Como podemos perceber, há divergências terminológicas acerca dessa parcela de produtos lexicográficos.

Bugueño Miranda e Farias (2008) apontam que, para um bom resultado no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que o dicionário escolar apresente informações claras e pertinentes a seu público escolar específico ao mesmo tempo em que deve retratar sua língua materna contemporânea, caso contrário, implicaria em falhas na aprendizagem lexical de seu consulente. Conforme destacado por Farias (2009), os dicionários escolares carecem de expedientes lexicográficos que discorram sobre problemas referentes à concepção e elaboração dessas obras, que são dirigidas aos consulentes nativos, apontando para soluções proativas, quer dizer, eficientes à ampliação e disseminação do conhecimento.

É uma difícil tarefa a pretensão de se explicar significados lexicais, sobretudo ao público escolar; acerca disso, Rossi (2000) afirma que

uma descrição completa e acessível do sentido lexical num dicionário elaborado para um público escolar apresenta-se como uma conquista difícil: a heterogeneidade constitutiva do léxico é um obstáculo à elaboração de um modelo de definição unívoco, universalmente válido (ROSSI, 2000, p. 5)³⁸.

Com relação ao público-alvo – alunos em idade escolar – sob a perspectiva de Pontes (2009, p. 40), “espera-se que, no futuro, os dicionários escolares venham adequar-se aos critérios propostos pelo [...] PNLD”, quer dizer, ao serem elaborados, possam ser consideradas as “características do usuário ideal do dicionário”. Esse autor observa ainda que “o didatismo do dicionário faz que este seja um instrumento pedagógico da maior importância, desde que

³⁸ Tradução nossa para: “une description complète et accessible du sens lexical dans un dictionnaire élaboré pour un public scolaire se présente donc comme une conquête difficile : l’hétérogénéité constitutive du lexique fait obstacle à l’élaboration d’un modèle définitionnel univoque, universellement valable”.

cumpra convenientemente suas funções, entre tantas, a de auxiliar o aluno no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e comunicação oral” (PONTES, 2009, p. 25).

Pontes (2009, p. 32) ainda defende que os dicionários escolares são “obras monolíngues usadas por escolares que se encontram em fase de aprendizagem de sua própria língua”, destacando que possuem características próprias, sendo que seus verbetes contêm (e precisam conter) informações que ultrapassam suas definições – explorando a compreensão paradigmática e sintagmática –, mas que nem sempre vinculam imagens ao texto lexicográfico.

Para Climent de Benito (2005, p. 280), os dicionários infantis almejam

introduzir a criança menor de oito anos no mundo da palavra e no da estrutura (não necessariamente alfabética) do dicionário, embora de maneira suficientemente atrativa (por exemplo, com imagens abundantes) para que o livro se converta em um jogo; constituem, portanto, dicionários de iniciação³⁹ (CLIMENT DE BENITO, 2005, p. 280).

A partir dessa variação terminológica entre Dicionário Infantil, Dicionário Escolar, Dicionário Escolar Infantil, Dicionário de Iniciação e Pré-dicionário, reconhecemos que os dicionários Tipo 1 (conforme “PNLD 2012: Dicionários”) são Dicionários Infantis por atenderem o público da Educação Infantil (até 5 anos de idade). No entanto, para as análises e reflexões desta pesquisa, adotamos Dicionário Escolar, visto que mais da metade do nosso *corpus* (oito obras) está enquadrada na faixa etária escolar de 6 a 14 anos (Ensino Fundamental) e de 15 a 17 anos (Ensino Médio)⁴⁰.

Considerando-se que a Metalexicografia escolar explora dicionários voltados ao público estudantil e seus objetivos particulares, podemos levantar pontos críticos acerca das obras já existentes com o intuito de estimular uma reflexão linguístico-metodológica sobre o dicionário escolar.

Ao se propor uma definição, assume-se uma complexa tarefa de delimitação; dessa maneira, para conceituar “dicionário escolar”, Martinez de Sousa (1995, p. 143), primeiramente, afirma se tratar de um dicionário de língua particularmente elaborado para ser empregado em escolas de educação primária (hoje, Ensino Fundamental) e, ainda em uma segunda acepção, também considera-o uma obra que define termos que são usados em certos livros de textos escolares. Esses produtos lexicográficos, como destacado por Pontes (2009),

³⁹ Tradução nossa para “introducir al niño (menor de ocho años) en el mundo de la palabra y en el de la estructura (no necesariamente alfabética) del diccionario, aunque de una manera lo suficientemente atractiva (por ejemplo, con abundantes imágenes) como para que el libro se convierta en un juego; constituyen, pues, diccionarios de iniciación”.

⁴⁰ Mais adiante, trataremos desse programa governamental.

não devem apresentar uma grande extensão, porque dificultaria a busca das informações pelo consulente aprendiz.

Referindo-se a esse tipo de obra, Farias (2014) ainda lembra que

empregou-se a designação “dicionário escolar” até o momento, em consonância com o senso comum e para fins de simplificação, como uma denominação genérica para todos os tipos de dicionários utilizados no contexto escolar. Entretanto, deve-se ressaltar que, por um lado, o termo “dicionário escolar” serve como um “hiperônimo” para uma série de obras comercializadas como “pedagógicas”, que incluem títulos que vão desde “dicionário escolar”, “dicionário didático” e “dicionário ilustrado”, até mesmo “micro” e “minidicionário”; por outro lado, o estudante, ao longo de sua trajetória escolar, ao menos em uma situação ideal, deveria utilizar diferentes tipos de obras, cada uma das quais adequada ao seu desenvolvimento cognitivo e às demandas de aprendizagem às quais está submetido (FARIAS, 2014, p. 4).

Essa autora ressalta o aspecto de que “dicionário escolar” é um termo que abarca as outras obras dicionarísticas designadas às distintas etapas educacionais, uma vez que, para cada ciclo escolar, é destinado um tipo específico de dicionário com o intuito de melhor atender às demandas de seus consulentes. Nessa perspectiva, o Ministério da Educação propôs uma divisão dos dicionários em quatro tipos: Tipo 1, 2, 3 e 4.

Santiago (2012, p. 7) lembra-nos que

um dicionário indicado para o uso escolar deve contribuir também para a produção de textos, já que seus usuários estão em fase de aprendizagem da língua escrita. Dessa forma, os exemplos ajudam na compreensão do significado, como também mostram as formas como as palavras são empregadas no uso, constituindo-se em um auxílio a mais na aprendizagem (SANTIAGO, 2012, p. 7).

Ressaltando o termo “dicionário escolar” como hiperônimo de obras pedagógicas, Farias (2014) reforça o aspecto didático-pedagógico desse tipo de dicionário, que se acresce a Moraes (2007, p. 19), o qual afirma que “quando pensamos em Lexicografia Pedagógica automaticamente associamos o léxico a sua aprendizagem”, pois esses produtos lexicográficos tendem a adotar itens lexicais e propostas voltadas para seus consulentes aprendizes.

Rangel (2011), em meio ao ambiente escolar no Brasil, complementa que

desde o ano 2000, os minidicionários escolares de língua portuguesa têm sido objeto de intenso interesse no Brasil. Nessa ocasião, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC), passou a avaliar obras desse tipo, com o objetivo de prover as escolas do ensino fundamental

público das melhores, entre as disponíveis no mercado editorial. Uma decisão política como essa legitimou imediatamente esses minidicionários como um tipo específico de material escolar – e ao lado do já consagrado livro didático (LD). Em consequência, especialmente se considerarmos que a decisão se deu em detrimento de outras [...] conferiu-lhes, oficialmente, um caráter de recurso *didático-pedagógico fundamental* (RANGEL, 2011, p. 39).

Pontes (2009) lembra-nos de que esses dicionários, entre outras funções, devem auxiliar os estudantes na produção e compreensão de textos e esclarecer dúvidas gramaticais e de pronúncia, por isso, além da definição são encontradas informações paradigmáticas (por exemplo, sinônimos) e sintagmáticas (por exemplo, regência e valência verbal). Por isso, Silva e Santiago (2018) afirmam que o dicionário “deve ser encarado como um rico instrumento de informações sobre a língua, que utilizado de forma estratégica pode ser um grande aliado durante as aulas, considerando que é um material acessível nas escolas” (SILVA; SANTIAGO, 2018, p. 211).

Sobre a utilização de obras dicionarísticas escolares em sala de aula, Krieger (2007) afirma que,

considerando-se o número de informações as quais podem ser exploradas através do dicionário, torna-se incontestável sua importância como instrumento didático – uma vez que se configura como um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de competências elementares para todo o aprendizado (KRIEGER, 2007, p. 298).

Com vistas ao alerta dessa autora, é preciso que os lexicógrafos não diminuam sua avaliação crítica ao compilarem obras que se voltem ao âmbito escolar, ao contrário, deve-se intensificar o cuidado com relação à coleta e ao repertório das unidades lexicais próprias ao universo dos consulentes escolares.

Bugueño Miranda (2004a) sugere que os critérios que designam os dicionários escolares sejam agrupados em macroparâmetros, delimitados por Damim (2005) como linguísticos (baseados nas características da língua), fenomenológicos (baseados na percepção do consulente) e de funcionalidade (com base na relação entre o consulente e o uso que faz da obra). Tendo em vista esses macroparâmetros, Damim e Peruzzo (2006) adaptaram-nos para propor sua descrição dos dicionários escolares e, conseqüentemente, uma divisão em cinco tipos: dicionário escolar infantil; dicionário escolar para iniciantes; dicionário escolar padrão; dicionário escolar mini; dicionário escolar enciclopédico. Por fim, Biderman (1984) considera Dicionário Escolar como Dicionário Infantil.

Como já discutido anteriormente, o fato de encontrarmos um dicionário intitulado escolar em função do número reduzido de verbetes não necessariamente irá corresponder a uma obra que servirá a todo e qualquer estudante, dado que há outros elementos que a Metalexigrafia nos oferece para a caracterização desse tipo de obra. Lexicógrafos como Biderman (2001d), Landau (2001) e Zgusta (1971), com critérios para designar esse um produto lexicográfico de cunho escolar, levam em consideração o número de línguas, o volume da nomenclatura, o propósito da obra, a faixa etária dos consulentes, dentre outros.

O caráter pedagógico dos dicionários, destacado por Krieger (2006a), aliado ao didatismo do dicionário escolar, especificado por Sousa (2014), leva-nos a ressaltar o potencial dessa obra durante o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo para crianças na fase de compreensão da leitura e produção da escrita e para adolescentes na etapa de consolidar e aperfeiçoar suas habilidades e competências linguísticas.

Para se defender que um dicionário é escolar, é necessário verificar seu caráter pedagógico, “preparado especialmente para alunos do Ensino Fundamental ou Médio” (WELKER, 2008a, p. 302). Welker (2008a) resgata Climent de Benito (2005) para argumentar que os dicionários escolares devem atender às especificidades de seu público, respeitando as divisões educacionais propostas pela sociedade, sendo que, no Brasil, a proposta mais recente formulada pelo Ministério da Educação diz respeito à oferta de obras dicionarísticas de acordo com a etapa de ensino em que o estudante se encontra.

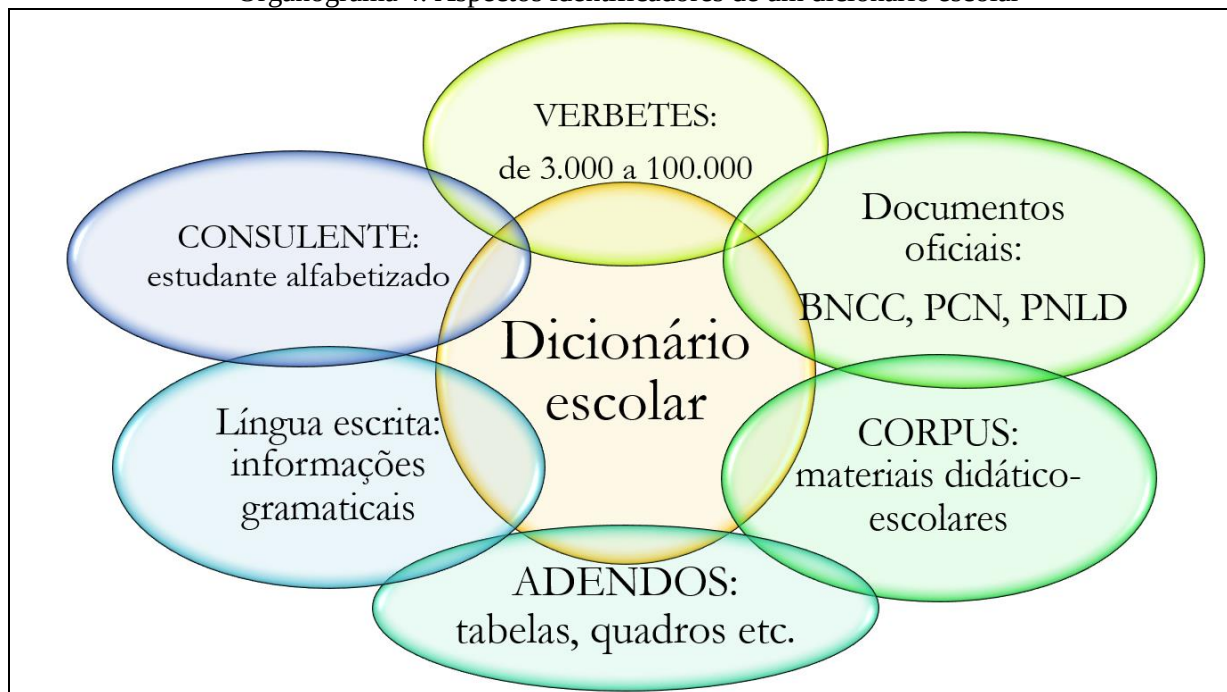
É importante destacarmos que não consideramos dicionário escolar como sinônimo de dicionário de aprendiz. Com efeito, dicionários de aprendizes são obras lexicográficas que ajudam o estudante de línguas estrangeiras, principalmente para a produção de textos, o que não corresponde ao foco deste trabalho; já o dicionário escolar auxilia o aluno no processo de aprendizagem de vocabulário, uma diferença já apontada por Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004).

Logo, a dificuldade em se estabelecer limites bem definidos entre dicionários escolares e infantis leva a um não reconhecimento imediato do conteúdo tampouco do público-alvo, uma vez que podem ser encontrados os termos: Dicionário Escolar, Dicionário Infantil, Dicionário Escolar Infantil, Dicionário de Iniciação, Pré-dicionários.

Nesta pesquisa, a partir dos documentos oficiais, nosso posicionamento é que estamos diante de dicionários escolares. Destacamos, ainda, que internacionalmente os dicionários de aprendizes são voltados para o ensino de língua estrangeira, o que não impede de serem tratados como dicionários escolares, os quais além de terem uma função didática, precisam ser concebidos com preceitos pedagógicos. Entendemos que são necessárias determinadas

características para nomear esses produtos lexicográficos como escolares, conforme apontamos no Organograma 4:

Organograma 4. Aspectos identificadores de um dicionário escolar



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse organograma, por meio das elipses (intersecções), trazemos relações de sobreposição ligadas a uma ideia central em um ciclo a fim de evidenciar que um dicionário escolar (que é um dicionário de língua padrão, pois traz o léxico geral da língua), assim como todo produto lexicográfico, precisa ter parâmetros para sua elaboração, quais sejam: público-alvo como sendo o estudante alfabetizado⁴¹ (porque os documentos oficiais direcionam à produção lexicográfica que atenda a esse público); nomenclatura que varie de 3.000 a 100.000 (valores estabelecidos como parâmetro para os autores concorrerem ao edital e volume reconhecido nos documentos oficiais); abrangência de conteúdos curriculares que se espera que sejam ensinados pelos professores e estudados pelos alunos, conforme prerrogativas e políticas educacionais públicas; estímulo ao aprendizado da língua escrita padrão; *corpus* baseado em materiais que estejam envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (tais como livros escolares e didáticos, de literatura infanto-juvenil e de literatura jornalística infantil, revistas infanto-juvenis, sob as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor desde

⁴¹ Estamos nos referindo a um público alfabetizado, conforme pressuposto pelos documentos oficiais, tendo em vista que a recolha das marcas se deu a partir dos dicionários Tipo 2, uma vez que os dicionários do Tipo 1 não as trazem.

2009, privilegiando o português contemporâneo), fornecimento de conteúdo educacional extra (quadros de conjugação verbal, tabela periódica, listas de gentílicos entre outros.).

Fundamentalmente, utilizamos o termo “dicionário escolar” com base em duas perspectivas: (i) do ponto de vista dos documentos oficiais que levaram à confecção do PNLD, salvo os dicionários Tipo 1, que não compõem nosso *corpus*, dado que se referem ao universo infantil (materiais didáticos, literatura infantil, referência a um usuário infantil, a seu cotidiano infantil), enquanto os outros tipos avançam nos anos educacionais seguintes; (ii) do ponto de vista lexicográfico, são obras que visam atender às demandas do público-alvo (tais como, volume de informações na microestrutura e fase do processo de ensino), não somente por serem compatíveis com as atividades desenvolvidas em ambiente educacional, mas também por propiciarem o progresso desse público em suas respectivas faixas escolares. Essas foram características que permitiram que os dicionários fossem incluídos como escolares no PNLD.

2.4 Considerações acerca da etiquetagem

Sobre a relevância do papel do dicionário no percurso educacional dos estudantes, como descritor e prescritor de usos, é preciso que se investiguem as questões referentes a sua produção, bem como sua parcialidade na descrição das unidades lexicográficas, uma vez que se insere em um determinado contexto sócio-histórico-cultural. Essa obra não é um produto meramente realizado por máquinas, há indivíduos que, ao elaborarem-na, partilham pensamentos e compartilham ideias. Portanto, não podemos abster-nos do estudo relativo ao fazer lexicográfico, por exemplo, no que concerne às indicações de restrição contextual pela inserção das marcas de uso.

De outra perspectiva, Porto Dapena (2002, p. 249) presume que os usuários não se atentam às marcas, nem mesmo reconheçam o sentido das abreviaturas, por vezes, em razão da imprecisão e incoerência ao serem apresentadas, o que contribui para o pouco interesse em compreendê-las. Fajardo (1997) também já havia assinalado problemas envolvendo o uso das etiquetas nos produtos lexicográficos, dentre os quais ausência de uma definição transparente acerca dos valores atribuídos a cada uma das etiquetas presentes nas obras, sobrepondo-se a dois ou mais valores sem que, de modo explícito, seja marcada a distinção entre eles, como por exemplo “informal”, “coloquial” e “popular”. É preciso que as marcas sejam sistematizadas a fim de eliminar possíveis ambiguidades ou mesmo repetições desnecessárias. Também em busca de contribuir às pesquisas metalexigráficas, Garriga Escribano (2003) defende e propõe uma subdivisão das marcas em: diacrônicas, diatópicas, diafásicas, diastráticas, diatécnicas e marcas de transição semântica.

A respeito das restrições de uso, é possível localizarmos, na descrição das microestruturas, informações referentes a: (i) temporalidade (“antigo”, “arcaico” etc.); (ii) limites geográficos (“regionalismo”, “Sul” etc.); (iii) registro (“informal”, “gíria”, “literário” etc.); (iv) efeito de sentido produzido (“pejoratividade”, “jocosidade” etc.). Essas e outras etiquetas, historicamente, carregam um aspecto normativo, que nos é lembrado por Lara (1996), dado que servem para advertir os consulentes acerca do uso das unidades lexicográficas, porém, esse autor admite que elas vêm apresentando um caráter mais descritivo do que normativo.

Borba (2003, p. 315) salienta a assistemática acerca da inclusão das marcas, dado que “[...] os dicionários costumam incluir este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”. Mesmo havendo essa possibilidade de equívoco linguístico, Welker (2004, p. 134) reafirma a importância da presença das marcas de uso na elaboração do verbete e sua posterior consulta, pois,

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto (WELKER, 2004, p. 134).

Tendo em vista “as variações infinitesimais nas intenções de um emissor e os efeitos no receptor”⁴² (BÉJOINT, 2010, p. 208), há uma dificuldade para se reduzir os rótulos a um conjunto padronizado e aceito por todos os lexicógrafos. Entretanto, dada sua importância e o avanço tecnológico, a presença das marcas de uso se torna ainda mais relevante podendo, no futuro, servir como chaves de busca, dado que, hoje, esse recurso pode passar despercebido aos consulentes. Para o propósito desta pesquisa, essa constatação pode contribuir para a formulação de novas obras lexicográficas, sobretudo eletrônicas e virtuais, que servirão a consulentes que possuem familiaridade com dispositivos eletrônicos e virtuais, uma nova geração conhecida por serem nativos digitais.

Segundo Vilarinho (2017), as marcas de uso precisam levar em consideração as necessidades dos consulentes de cada obra lexicográfica, sem que ocorra uma excessiva criação delas, pois o intuito é que eles possam compreender claramente as diferenças entre as etiquetas utilizadas; além disso, é preciso que haja um volume capaz de contemplar as diversas variantes. Não se pode prescindir de considerar a capacidade cognitiva do público-alvo, quer dizer, quanto

⁴² Tradução nossa para “the infinitesimal variation in the intention of the sender and the effect on the receiver are not easily reducible to a few labels”.

mais opacas aos estudantes forem as etiquetas empregadas, menores serão as chances de que possam contribuir para a apreensão total, ou mais ampla, do significado da unidade lexical.

Quando são informadas as siglas e abreviaturas, elas se apresentam na *front matter* dos dicionários, entre elas, estão as marcas de uso. Em nosso *corpus*, apenas os dicionários escolares do Tipo 4 e HOc, do Tipo 3, inserem-nas nessa lista, e são casos em que não há uma explicação sobre o conceito delas. Por exemplo, em HOc, temos a rubrica *vulg.*, abreviação de “vulgar”. Caso um consulente se depare com ela em uma acepção, seria necessário ter um conhecimento prévio do que ela representa (um alerta sobre algo comum ou advertência para um uso grosseiro). Se não a compreender, deverá buscar por sua definição para conseguir reconhecer a restrição apontada.

Strehler (2012, p. 168) lembra que é preciso que o consulente seja consciente sobre a obra lexicográfica em que realiza sua busca pelos significados, pois “um fato linguístico estilisticamente não marcado pode ter validade limitada a um território”. No entanto, esse mesmo autor reforça que “o consulente de um dicionário deveria ter igualmente a possibilidade de verificar que uso linguístico recobre tal ou tal marca de uso” (STREHLER, 2012, p. 118) e adverte que, mesmo se houvesse um sistema de etiquetagem coerente, permanece uma tarefa vulnerável a de reconhecer o momento em que um sentido passa da restrição de uso a um significado não marcado.

Entendemos que itens lexicais podem receber marcas de uso desde que favoreçam a descrição das unidades lexicográficas e, por conseguinte, sejam compreendidas pelos diversos consulentes; portanto, alicerçamos nossos estudos nas contribuições de Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004) e Gutiérrez Cuadrado (2011), os quais nos fundamentaram teoricamente nessa linha de pensamento, visto serem lexicógrafos que já se debruçaram acerca desse argumento.

No próximo capítulo, traçamos um breve panorama acerca da utilização das marcas de uso na historiografia da Lexicografia a fim de contribuir para pesquisas futuras que visem explorar esse recurso precioso para a compreensão das restrições de uso das acepções.

Capítulo 3

Panorama léxico-historiográfico da etiquetagem

“[...] el Diccionario, al dar de cada palabra una caracterización precisa,
una biografía esquemática que muestre las cambiantes o indecisas actitudes de la vida,
representará el habla, no en reposo de autorizada estabilidad,
sino en movimiento de avance;
será una fotografía instantánea del idioma en actitud dinámica,
representando al vivo la dirección de su movimiento”⁴³
(MENÉNDEZ PIDAL, 1961 apud MURAKAWA, 2010, p. 237)

Como precursores dos atuais dicionários, temos os tabletes monolíngues, cuja produção cuneiforme foi feita pelos sumérios na antiga Mesopotâmia (em 2600 a.C.). De acordo com Alves (2002, *on-line*), “eram repertórios de signos, com nomes de profissões, de divindades e de objetos usuais, que funcionavam como dicionários unilíngues”. Séculos depois, é elaborado o “Dicionário bilíngue, eblaíta-sumeriano” (entre 2250-2300 a.C.) e, um pouco mais tarde, no século I a.C., durante a Antiguidade, foram criados glossários ou *lexicons* monolíngues de palavras comuns de textos literários (homéricos, por exemplo) para sua melhor compreensão, produzidos por filólogos ou gramáticos alexandrinos, dentre os quais *Appendix Probi* e *De lingua latina* (elaborado pelo gramático romano Varrão, quem trouxe dados etimológicos e semânticos a alguns vocábulos à época).

Segundo Biderman (1984, p. 1-2), já na Idade Média, são produzidos glossários bilíngues franceses, o de *Reicheneau* (século VIII d.C.) e o de *Cassel* (século IX d.C.) contendo a tradução de palavras latinas da Bíblia para o românico e o germânico. No século X ou XI, são elaborados os glossários espanhóis: *Glosas Emilianenses* e *Silenses*.

O primeiro texto escrito em mais de uma língua (hieróglifo, demótico e grego) é a Pedra de Roseta, que foi recuperada na Idade Moderna (1799), trazendo grande interesse pela possibilidade de haver uma tradução do antigo egípcio, ainda desconhecido, conforme se vê na Figura 3:

⁴³ Tradução de Murakawa (2010, p. 237): “[...] o dicionário, ao dar cada palavra uma característica precisa, uma biografia esquematizada que mostre as mudanças ou indecisas atitudes da vida, representará a fala, não em repouso de autorizada estabilidade, mas em movimento de avanço; será como uma fotografia instantânea do idioma em atitude dinâmica, representando ao vivo a direção de seu movimento”.

Figura 3. Pedra de roseta



Fonte: Alves (2002, on-line)⁴⁴.

No início do século XIV, surge um movimento na Itália, o Renascimento (sem aprofundarmos em suas características), que se espalha pela Europa durante os séculos XV e XVI, também suscitou a produção lexicográfica. De acordo com Zavaglia (2021), no século XV, são produzidos os vocabulários espanhóis, com destaque para o *Universal Vocabulario* de Palencia (1490); no século XVI, encontramos o Dicionário latim-italiano, do monge Calepino (1502), o *Latino Español* e *Español Latino* de Nebrija (1545) e vários dicionários bilíngues seiscentistas (com o intuito de atender às exigências oficiais dos estados-nações que acabavam de se constituir na Europa durante o século XVI).

Posteriormente, no século XVII, foram elaborados os dicionários monolíngues *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612) pelos italianos e *Le Dictionnaire de L'Académie Française* (1694) pelos franceses (Figura 4).

⁴⁴ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pedra-de-roseta/>.

Figura 4. Obras italiana (à esquerda) e francesa (à direita)



Fonte: Academias Italiana (L'ACCADEMIA OGGI, 2011, *on-line*)⁴⁵ e Francesa (LA 9^e EDITION, 2009, *on-line*)⁴⁶.

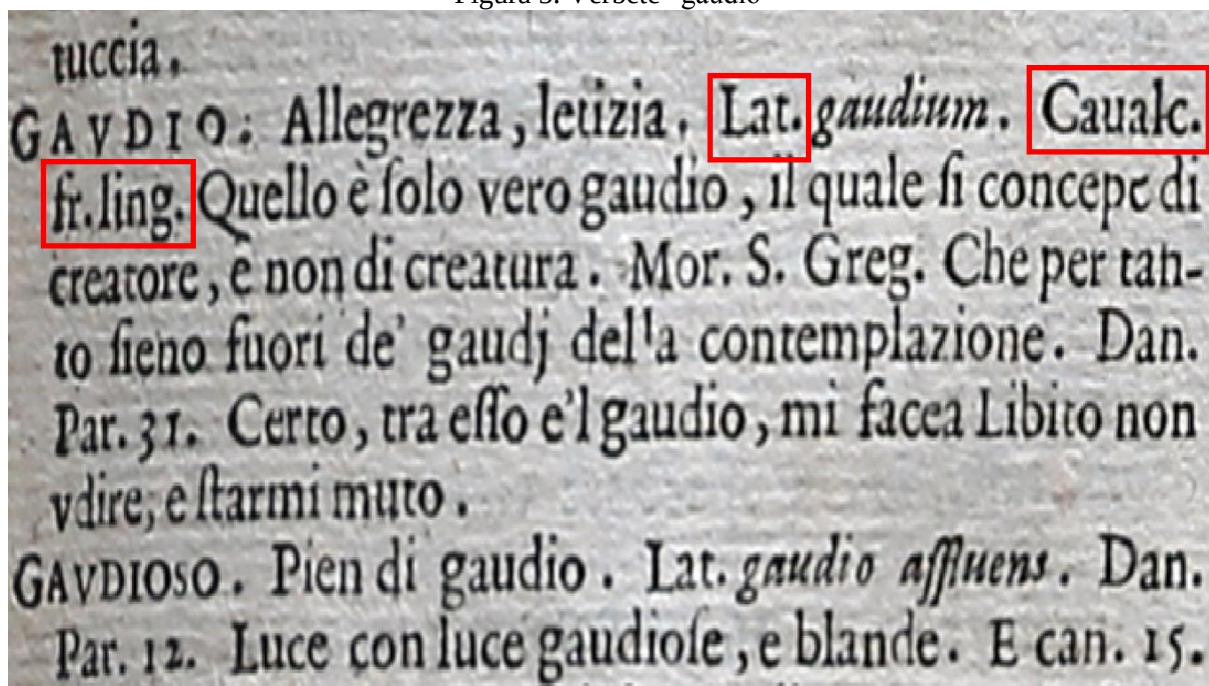
O *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612) foi o primeiro dicionário da língua italiana, produzido e publicado pela *Accademia della Crusca* (serviu de exemplo lexicográfico para as línguas francesa, alemã e inglesa), uma instituição cultural fundada em Florença em 1583. Foi também o segundo grande dicionário de uma língua moderna, precedido apenas por um ano pelo *Tesoro de la Lengua Castellana, o Española* (1611) de Sebastián de Covarrubias. Essa instituição italiana é a mais antiga do mundo (1583), sendo que, em seus mais de quatro séculos de atividade, sempre se distinguiu pelos esforços para manter a língua italiana “pura” (L'ACCADEMIA OGGI, 2011, *on-line*). Em 1636, sob o governo do rei Luís XIII, o cardeal Richelieu criou a *Académie française* baseando-se no modelo da *Accademia della Crusca*. Foi, portanto, em 1694, que a *Académie* publicou oficialmente o seu primeiro dicionário (dois outros já tinham sido publicados, nomeadamente o dicionário de Richelet em 1680 e o de Furetière em 1690), com especificações quanto à autoridade investida no mesmo. Esse trabalho, segundo os acadêmicos, é de fato o que apresenta o francês mais correto, uma obra dedicada à língua comumente falada, utilizada no comércio e em assuntos legislativos ou religiosos, foi reeditado nove vezes, agora, disponível em rede (LA 9^e EDITION, 2009, *on-line*).

⁴⁵ Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/storia/6981>.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/le-dictionnaire/la-9e-edition>.

Na obra italiana, podemos verificar algumas informações lexicográficas que poderiam ser entendidas como marcas de uso – “Lat.”, “Caualc.”, “fr.”, “ling.” –, porém, não encontramos tal confirmação. Vejamos a entrada “gaudio” (Figura 5).

Figura 5. Verbete “gaudio”

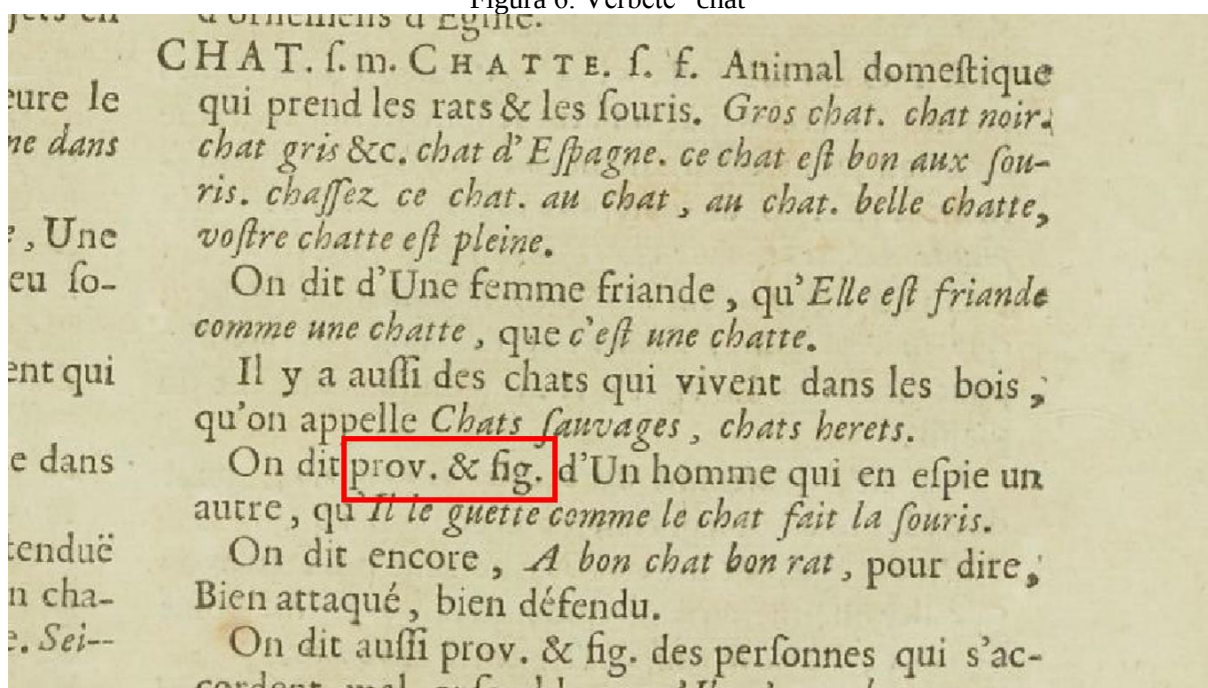


Fonte: Vocabolario degli Accademici della Crusca (2022 [1612], on-line)⁴⁷.

Na obra italiana, notamos uma organização semasiológica, sem uma preocupação acerca de marcas gramaticais, mas sim um grande destaque para as formas latinas. Com relação à obra francesa, vejamos quais e como as marcas são utilizadas no verbete “chat” (Figura 6).

⁴⁷ Disponível em: <http://www.lessicografia.it/ricerca.jsp>.

Figura 6. Verbetes “chat”



Fonte: *Le Dictionnaire de L'Académie Française* (2022 [1694], on-line)⁴⁸.

Assim como no dicionário italiano, no francês, também ocorre uma organização semasiológica, mas há um uso de marcas gramaticais, além de formas abreviadas – tais como “prov.” e “fig.” – que parecem representar uma etiquetagem dessa obra.

Logo no início do século seguinte, em 1713, linguistas e escritores de língua espanhola fundaram sua *Real Academia Española* (RAE), em Madri, cuja primeira tarefa foi propor um dicionário da língua espanhola, que resultou no *Diccionario de Autoridades*, publicado em seis volumes, entre 1726 e 1739. Em 1780, uma nova versão desse primeiro dicionário foi publicada com o título *Diccionario de la lengua castellana* reduzido a um único volume para facilitar seu manuseio, sem as citações dos autores, marcando o início da série de dicionários-padrão que, desde então, surgiram vinte e três edições desse Dicionário – a mais recente, a 23ª, em 2014 – que fizeram dele, ao longo do tempo, o dicionário de referência da língua espanhola (RAE, 2022, on-line).

Vejamos os verbetes “alma” e “arveja”, retirados da edição de 1726, disponibilizada virtualmente pela academia espanhola, no Quadro 6.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/le-dictionnaire/la-9e-edition>.

Quadro 6. Entradas “arveja” e “alma”

Entrada	Definição
ARVEJA	s. f. Legumbre mui parecida à la haba, la qual se cria dentro de unas vainillas, que prodúce cierta mata pequeña, como la de los Garbanzos. Hai dos espécies, que se distinguen en el tamaño y figura, por ser unas mas largas y grandes, y otras no tanto. Es del Latino <i>Ervilia, ae</i> , LAG. Diosc. lib. 2. cap. 100. Las <i>arvéjas</i> segun su complexión y substância se parécen mucho à las habas, salvo que no son en tanto grado ventósas. HERR. Agric. lib. 1. cap. 23. Las <i>arvéjas</i> son de dos ò tres manéras; mas todas quieren una suerte de tierra y labór. No vale una <i>arvéja</i> . Phrase con que se dá à entender lo despreciable de alguna cosa, y se disminúye el valór de ella: ò que es de poquissimo ò ningun aprécio. Lat. <i>Ne ervilia quidem empsitandus, a, um</i> . [i.428]
ALMA ⁴⁹	s. f. La parte mas noble de los cuerpos que viven, por la qual cada uno segun su espécie vive, siente y se sustenta: ò segun otros el acto del cuerpo, que le informa y dá vida, por el qual se mueve progressivamente. Dividese en vegetatíva, sensitíva y racional. La vegetatíva consiste solo en la poténzia, por la qual el viviente vive y se sustenta por atractivo interiór de otra substância, que convierte en própria. La sensitíva es la poténzia, por la qual el viviente siente. La racional es el principio, por el qual entiende y discurre. Toda alma racional es vegetatíva y sensitíva. Toda alma sensitíva es cambien vegetatíva, y esta tienen los brutos. El alma vegetatíva es sola de las plantas. Viene del Latino <i>Anima</i> . Lat. <i>Animus, i. Mens, tis. Spiritus, us</i> . PARTID. 1. tit. 3. en el princip. Hombre verdadéro, è compuesto de <i>alma</i> razonable, y de carne, è verdadéro Dios. S. TER. Mor. 1. cap. 1. Ansi à bulto sabémos que tenemos <i>almas</i> ; mas qué bienes puede haver en esta <i>alma</i> , ò quien está dentro en esta <i>alma</i> , ò el gran valór de ella, pocas veces lo considerámos. QUEV. Visit. Luego que desembarazada el <i>alma</i> se vió ociosa, sin la taréa de los sentidos exterióres, me embistió desta manéra la comédia siguiente.
ALMA	En las piezas de artillería es lo interiór y hueco de la pieza donde entra la bala y pólvora con que se carga. Lat. <i>Tormenti os, vacuum, inane hiatus. Oris diameter</i> .

Fonte: *Diccionario Histórico de la Lengua Española* (2022 [1726], on-line)⁵⁰.

No DRAE (1726), a ordenação semasiológica é aquela que prevalece, juntamente com as marcas gramaticais e, eventualmente, indicações sobre a restrição de usos, o que mais tarde culminaria nas marcas de uso. No prólogo da obra de 1780, é informado a seus consulentes que as entradas estão distribuídas em três colunas, sendo que há várias abreviaturas utilizadas, cuja explicação se encontra no início do tomo, além disso, foram mantidas as correspondências latinas (“Lat.” é a marca usada).

Embora as marcas de uso tenham recentemente carecido das considerações de pesquisadores – principalmente dos brasileiros –, é um tipo de recurso lexicográfico utilizado há alguns séculos. De fato, Puente Gutiérrez (2000, p. 312) lembra-nos que Rufino José Cuervo em seu *Observaciones sobre el Diccionario de la Real Academia Española* (1874) já refletia sobre questões geográficas de certos sentidos e também sobre o interesse em não ocultar o aspecto diacrônico dos vocábulos.

Outras duas importantes referências lexicográficas do século XVIII são o *Dictionnaire de Trévoux*, organizado por jesuítas, espécie de síntese dos trabalhos lexicográficos dos dois

⁴⁹ Na busca pela entrada “alma”, encontramos 14 entradas, destacamos duas para comentar acerca das marcas de uso utilizadas.

⁵⁰ Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>.

séculos anteriores e a *Encyclopédie*, ou *Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, de Diderot et d'Alembert, publicada de 1751 a 1772.

No *Dictionnaire de Trévoux* (GANEAU, 1704, p. 7-8), também há uma preocupação para ressaltar os usos dos vocábulos, porém, por mais decisiva ou impositiva que possa parecer a autoridade (em matéria de língua) que indica esse uso, somente a comunidade linguística poderá ratificar determinado sentido. Mesmo assim, nesse dicionário, havia etiquetas para alertar seus usuários. De acordo com Le Guern (1983, p. 53), esse dicionário de Ganeau, o *Trévoux*, também conhecido por *Dictionnaire Universel François et Latin*, continha significado e definição das palavras com seus diferentes usos, assim como termos próprios de cada profissão, descrição de “todas as coisas naturais e artificiais; suas figuras, suas espécies, seus usos e suas propriedades: a explicação de tudo o que as ciências e as artes contêm, quer liberais ou mecânicas, com comentários eruditos e críticos”⁵¹.

Sobre o recurso lexicográfico de etiquetagem, Mazière (1990, p. 89) lembra que, embora muitos dicionários se recopiam uns aos outros, continua sendo uma tarefa muito difícil propor a descrição específica de marcas de uso dentro de uma única obra, uma vez que nenhum dicionário é completamente inaugural. Ela menciona que os grandes dicionários monolíngues franceses estabeleceram uma tendência para a heterogeneidade (a partir do início do século XVIII), por mais sistemático que pudesse ser o lexicógrafo e destaca que “talvez, apenas a *Académie* tenha permanecido mais “pura” porque era institucionalmente protegida. Mas não o *Trévoux*, feito de probabilidades e sorte, e especialmente o de *Furetière*, por autores, muitas vezes, ciumentos por seu anonimato, nem a *Encyclopédie*, em que havia grande liberdade é deixada aos outros”⁵². Por fim, essa autora ainda aponta para o fato de que “parece que, desde o início, a forma da “entrada” confunde marcas de uso com a descrição dos significados na língua”⁵³ (p. 93), portanto, conclui que o lexicógrafo, empenhado na descrição dos sentidos, deve apresentá-los conforme seu uso.

Já no século XIX, merecem destaque os grandiosos dicionários da língua inglesa. Na 1ª edição do *Oxford English Dictionary* (OED), publicada em 1884, seu lexicógrafo expôs seus objetivos e convenções em uma sequência de páginas intituladas *General Explanations*

⁵¹ Tradução nossa para “de toutes les choses naturelles et artificielles ; leurs figures, leurs espèces, leurs usages, et leurs propriétés : l’explication de tout ce que renferment les sciences et les arts, soit libéraux ou mécaniques, avec des remarques d’érudition et de critique”.

⁵² Tradução nossa para “seul peut-être l’Académie est-il resté plus « pur » parce qu’institutionnellement protégé. Mais pas le Trévoux, fait de bric et de broc, et surtout du Furetière, par des auteurs souvent jaloux de leur anonymat, ni l’Encyclopédie, où une grande liberté est laissée aux autres”.

⁵³ Tradução nossa para “il semble bien qu’il y ait d’entrée de jeu, de par la forme “dictionnaire”, confusion entre marques d’usage et description des significations en langue”.

(Explicações Gerais), que fizeram parte do prefácio da edição de 1933. Em uma de suas seções – *Signification* –, vinha explicada uma série de marcas utilizadas para caracterizar uma unidade lexical, quando apropriado, quer (i) por assunto [como *Mus.* (Música), *Bot.* (Botânica) etc.]; (ii) pela variedade do inglês, quando a palavra não correspondia ao inglês padrão corrente da Grã-Bretanha, como *U. S.*, *N. Amer.*, *Austral.* etc.; (iii) por *status*, utilizada “quando existe alguma peculiaridade, como *Obs.* (“obsoleto”), *arch.* (“arcaico” ou “obsolescente”), *colloq.* (“coloquial”), *dial.* (“atual dialectal...”)⁵⁴ (OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 2022, *on-line*).

Murray (1977, p. 195 *apud* BREWER, 2005, p. 264) advoga que

não havia zonas de exclusão, nem censura, nem venda, exceto pela ausência de duas famosas palavras (sexuais) de quatro letras. Dr. Murray, seus colegas e seus colaboradores tinham dragado todo o vocabulário acessível do inglês (duas palavras à parte) e tinham feito o seu melhor para registrá-las sistematicamente no OED⁵⁵ (BREWER, 2005, p. 264).

À época, diferentes editores com histórias pessoais e ambientes lexicais diferentes tinham, não surpreendentemente, diferentes opiniões com referência à obsolescência das palavras, o que resultou em desacordo e incoerência. Assim, as marcas de uso foram etiquetadas a itens lexicais obscenos, juntamente com uma série de outros indesejáveis, que foram rotulados por razões morais e sociais, bem como jurídicas, simplesmente inadmissíveis no OED.

Além das obras dicionarísticas inglesas, também merecem destaque as francesas de Littré (1872) e de Larousse (1866-1876), nas quais, conforme Glatigny (1998) demonstrou, as marcas de uso não são sistemáticas nem homogêneas na Lexicografia do século XIX. Rey (2008, p. 39) identificou dois procedimentos falaciosos, um que consiste em “definir um significado moderno por uma palavra definidora tomada num sentido antigo ou fictício”, e o outro em “utilizar uma palavra moderna para definir um significado antigo”⁵⁶, sendo que ambos criam um efeito anacrônico prejudicial a dicionários que se destinam ao uso cotidiano. No entanto, é preciso levar em consideração que, ao serem retiradas unidades ou mesmo sentidos não contemporâneos, isso pode prejudicar o público escolar, por exemplo, ao buscar por

⁵⁴ Tradução nossa para “where there is any peculiarity, as *Obs.* (obsolete), *arch.* (archaic or obsolescent), *colloq.* (colloquial), *dial.* (now dialectal...)”.

⁵⁵ Tradução nossa para “There were no exclusion zones, no censorings, no blindfoldings, except for the absence of two famous four-letter (sexual) words. Dr Murray, his colleagues, and his contributors had dredged up the whole of the accessible vocabulary of English (two words apart) and had done their best to record them systematically in the *OED*”.

⁵⁶ Tradução nossa para “définir une acception moderne par un définissant pris dans un sens ancien ou fictif” e “utiliser un mot moderne pour définir une acception ancienne”.

significados das unidades lexicais de obras literárias em que podem ser encontrados itens lexicais de outras épocas.

Glatigny (1998) destacou a existência de um desequilíbrio flagrante nos dicionários do século XIX entre as marcas de obsolescência e as de novidade (para indicar neologismos), quase ausentes. No entanto, a marcação do neologismo é rara, sendo que os novos itens lexicais podem aparecer no dicionário sem marcação, visto que é uma marca sentida como depreciativa “ao ponto de, mesmo quando o lexicógrafo introduz um termo que apresenta como novo, hesita em marcá-lo como tal”⁵⁷ (GLATIGNY, 1998, p. 164), o que é tanto mais verdadeiro para a terminologia científica e técnica, que é “unanimesmente respeitada em nome da religião do progresso”⁵⁸ (p. 177). Segundo Bisconti (2017, *on-line*), para conseguir ressaltar as diferenças semânticas, Littré adota marcas de uso para realizar sua descrição lexicográfica, incluindo aquelas diacrônicas, diastráticas (“popular”, “coloquial”, “arcaico”, “poético”) e marcas topológicas (“sentido literal”, “figurado”, “elipticamente”, “por abuso”, “por exagero”).

Em 1835, da mesma maneira como em 1694 e 1762, a *Académie française* pretendeu elaborar um dicionário contendo todas as palavras que pudessem ser utilizadas em todas as circunstâncias possíveis e por todos os franceses, independentemente da sua posição social e da natureza ordinária das suas ocupações. Larousse (1866-1876) traz uma descrição mais enciclopedista, por isso inseriu diversas marcas de uso, dentre as quais: “guerra”, “marinha”, “economia”, “política”, “geometria” e demais ciências matemáticas, “caça”, “jogos”, “química”, “geologia”, “física”, “botânica”, “jardinagem”, “pejorativo”, “vulgar” etc. (p. LXXVII- LXXVIII), como podemos verificar na Figura 7:

⁵⁷ Tradução nossa para “au point que, même quand le lexicographe introduit un terme qu’il présente comme nouveau, il hésite à le marquer comme tel”.

⁵⁸ Tradução nossa para “unanimesment respectées au nom de la religion du progrès”.

Figura 7. Lista de abreviaturas

PRINCIPALES ABRÉVIATIONS

EMPLOYÉES DANS CET OUVRAGE

<i>A.</i>	Actif — Austral.	<i>Chim.</i>	Chimie.	<i>Cn. ml.</i>	Gn mouillé.
<i>Abbl.</i>	Ablatif.	<i>Chir.</i>	Chirurgie.	<i>Gnomon.</i>	Gnomonique.
<i>Abbré.</i>	Abréviation.	<i>Ch.-l.</i>	Chef-lieu.	<i>Gr.</i>	Grec, grecque — Grand.
<i>Abso.</i>	Absolu, absolument.	<i>Chorégr.</i>	Chorégraphie.	<i>Gramm.</i>	Grammaire.
<i>Abusiv.</i>	Abusivement.	<i>Chronol.</i>	Chronologie.	<i>Grav.</i>	Gravure.
<i>Accus.</i>	Accusatif.	<i>Civ.</i>	Civil.	<i>Gymn.</i>	Gymnastique.
<i>Acoust.</i>	Acoustique.	<i>Collectiv.</i>	Collectivement.		
<i>Actio.</i>	Activement.	<i>Comm.</i>	Commerce — Commune.	<i>H. ou Hab.</i>	Habitants.
<i>Adj.</i>	Adjectif, adjective.	<i>Compar.</i>	Comparatif.	<i>Hébr.</i>	Hébreu, hébraïque.
<i>Adj. dém.</i>	— démonstratif.	<i>Comptab.</i>	Comptabilité.	<i>Helminth.</i>	Helminthologie.
<i>Adj. determ.</i>	— déterminatif.	<i>Concyl.</i>	Conchyliologie.	<i>Hippiatr.</i>	Hippiatrique.
<i>Adj. indéf.</i>	— indéfini.	<i>Cond.</i>	Conditionnel.	<i>Hist.</i>	Histoire.
<i>Adj. num.</i>	— numéral.	<i>Conf.</i>	Conjonction, conjonctive.	<i>Hist. ecclés.</i>	— ecclésiastique.
<i>Adj. poss.</i>	— possessif.	<i>Conjug.</i>	Conjugaison.	<i>Hist. nat.</i>	— naturelle.
<i>Adjectiv.</i>	Adjectivement.	<i>Constr.</i>	Construction.	<i>Hist. relig.</i>	— religieuse.
<i>Adm. et admin.</i>	Administration.	<i>Contract.</i>	Contraction.	<i>Horlog.</i>	Horlogerie.
<i>Adv.</i>	Adverbe, adverbial ou adverbial- ment.	<i>Corroier.</i>	Corroierie.	<i>Hortic.</i>	Horticulture.
		<i>Corrupt.</i>	Corruption.	<i>Hydraul.</i>	Hydraulique.
<i>Aff.</i>	Adjectif.	<i>Cost.</i>	Costume.	<i>Hyg.</i>	Hygiène.
<i>Agrie.</i>	Agriculture, agricole.	<i>Cost. rur.</i>	Coutume, coutumier.		
<i>Alchim.</i>	Alchimie.	<i>C. pénal.</i>	Code pénal.	<i>Ibid.</i>	Ibidem.
<i>Algèb.</i>	Algèbre.	<i>Crim.</i>	Criminel, criminelle.	<i>Ichthyol.</i>	Ichthyologie.
<i>Allem.</i>	Allemand.	<i>Cristall.</i>	Cristallographie.	<i>Iconol.</i>	Iconologie.
<i>Allus. hist.</i>	Allusion historique.	<i>Crust.</i>	Crustacées.	<i>Id.</i>	Idem.
<i>Allus. littér.</i>	— littéraire.	<i>Cuis.</i>	Cuisine.	<i>Imp.</i>	Imparfait.
<i>Allus. myth.</i>	— mythologique.			<i>Impérat.</i>	Impératif.
<i>Anal.</i>	Analytique — Analogie.	<i>Dat.</i>	Datif.	<i>Impers.</i>	Impersonnel, impersonnellement.
<i>Anat.</i>	Anatomie.	<i>Def.</i>	Défectif.	<i>Impr.</i>	Imprimerie.
<i>Anc.</i>	Ancien, ancienne.	<i>Dénigr.</i>	Dénigrement.	<i>Ind.</i>	Indicatif.
<i>Anc. chim.</i>	— chimie.	<i>Dép.</i>	Département.	<i>Indéf.</i>	Indéfini.
<i>Anc. cout.</i>	— coutume.	<i>Dess.</i>	Dessin.	<i>Inf.</i>	Infinitif.
<i>Anc. dr.</i>	— droit.			<i>Ling.</i>	Lingerie.
<i>Arrond.</i>	Arrondissement.	<i>Echin.</i>	Echinodermes.	<i>Linguist.</i>	Linguistique.
<i>Art.</i>	Article.	<i>Econ. dom.</i>	Economie domestique.	<i>Littér.</i>	Littérature, littéraire.
<i>Art. culin.</i>	Art culinaire.	<i>Econ. polit.</i>	— politique.	<i>Littéral.</i>	Littéralement.
<i>Art. divin.</i>	Art divinatoire.	<i>Econ. rur.</i>	— rurale.	<i>Liturg.</i>	Liturgie.
<i>Art. dram.</i>	Art dramatique.	<i>Ecrit. sainte.</i>	Ecriture sainte.	<i>L. ml.</i>	L. mouillés.
<i>Artill.</i>	Artillerie.	<i>Egypt.</i>	Egyptien, égyptienne.	<i>Loc.</i>	Location.
<i>Art. milit.</i>	Art militaire.	<i>Ellipt.</i>	Elliptique, elliptiquement.	<i>Loc. abs.</i>	— absolue.
<i>Art. vét.</i>	Art vétérinaire.	<i>Encl.</i>	Encyclopédie.	<i>Loc. adj.</i>	— adjective.
<i>Ascét.</i>	Ascétique.	<i>En mauv. part.</i>	En mauvais part.	<i>Loc. adv.</i>	— adverbial.
<i>Astron.</i>	Astronomie.	<i>Entom.</i>	Entomologie.	<i>Loc. conj.</i>	— conjonctive.
<i>Astrol.</i>	Astrologie.	<i>Equit.</i>	Equitation.	<i>Loc. fam.</i>	— familière.
<i>Astrol. jud.</i>	— judiciaire.	<i>Eryth.</i>	Erythologie.	<i>Loc. impers.</i>	— impersonnelle.
<i>Augment.</i>	Augmentatif, augmentative.	<i>Escr.</i>	Escrime.	<i>Loc. interj.</i>	— interjective.
<i>Auj.</i>	Aujourd'hui.	<i>E.-N.-E.</i>	Est-nord-est.	<i>Loc. prép.</i>	— prépositive.
<i>Au pr. et au fig.</i>	Au propre et au figuré.	<i>E.-S.-E.</i>	Est-sud-est.	<i>Loc. prov.</i>	— proverbiale.
<i>Au ref.</i>	Autréfois.	<i>Esp. ou Espagn.</i>	Espagnol.	<i>Log.</i>	Logique — Logarithmes.
<i>Auxil.</i>	Auxiliaire.	<i>Esthét.</i>	Esthétique.	<i>Loire-Inf.</i>	Loire-Inférieure.
		<i>Ethnogr.</i>	Ethnographie.	<i>Long.</i>	Longitude.
		<i>Etym.</i>	Etymologie.		
		<i>Ex.</i>	Exemple.	<i>M.</i>	Masculin — Monsieur.
		<i>Explet.</i>	Expletif, expletive.	<i>Mme.</i>	Madame.
<i>Banq.</i>	Banque.	<i>F. ou Fém.</i>	Féminin.	<i>Maçon.</i>	Maçonnerie.
<i>B.</i>	Boréal.	<i>Fabr.</i>	Fabrique.	<i>Magnét.</i>	Magnétisme.
<i>B.-arts.</i>	Beaux-arts.	<i>Fam.</i>	Familier, familiarément.	<i>Mamm.</i>	Mammologie.
<i>Bibliogr.</i>	Bibliographie.	<i>Fauconn.</i>	Fauconnerie.	<i>Manég.</i>	Manège.
<i>Bijout.</i>	Bijouterie.	<i>Féod.</i>	Féodal, féodalité.	<i>Manuf.</i>	Manufactures.
<i>Blas.</i>	Blason.	<i>Fig.</i>	Figure, figurément.	<i>Mar.</i>	Marine.
<i>Bonnet.</i>	Bonneterie.	<i>Fin.</i>	Finances.	<i>Maréch.</i>	Maréchalerie.
<i>Bot.</i>	Botanique.	<i>Fl.</i>	Pleuve.	<i>Méc. ou mécan.</i>	Mécanique.
		<i>Forest.</i>	Forestier.	<i>Méd.</i>	Médecine.
<i>C.</i>	Code.	<i>Fortif.</i>	Fortifications.	<i>Méd. lég.</i>	— légale.
<i>Canot.</i>	Canotage.	<i>Foss.</i>	Possibles.	<i>Méd. vét.</i>	— vétérinaire.
<i>Cant.</i>	Canton.	<i>Fr.</i>	Français — Francs.	<i>Méris.</i>	Mérisserie.
<i>Cap.</i>	Capitale.	<i>Fréquent.</i>	Fréquentatif, fréquentative.	<i>Ménis.</i>	Méniserie.
<i>C. civ.</i>	Code civil.	<i>Fr. maçonn.</i>	Franc-maçonnerie.	<i>Métall.</i>	Métallurgie.
<i>C. de comm.</i>	— de commerce.	<i>Put.</i>	Putur.	<i>Métr.</i>	Métrie.
<i>C. de procéd. civ.</i>	— de procédure civile.			<i>Métrig.</i>	Métrique.
<i>C. de procéd. crim.</i>	— de procédure criminelle.	<i>G.</i>	Géométrie.	<i>Milit.</i>	Militaire.
<i>C. Nap.</i>	— Napoléon.	<i>Généol.</i>	Généalogie.	<i>Mim.</i>	Mimes.
<i>Celt.</i>	Celtique.	<i>Géol.</i>	Géologie.	<i>Miné.</i>	Minéralogie.
<i>Cent.</i>	Centimes.	<i>Géogr.</i>	Géographie.	<i>Moll.</i>	Mollusques.
<i>C. forest.</i>	Code forestier.	<i>Géol.</i>	Géologie.	<i>Moral.</i>	Morale.
<i>Chamois.</i>	Chamoiserie.	<i>Géom.</i>	Géométrie.	<i>Mus.</i>	Musique.
<i>Chancell.</i>	Chancellerie.	<i>Géom. anal.</i>	— analytique.	<i>Myth.</i>	Mythologie, mythologique.
<i>Chapell.</i>	Chapellerie.	<i>Géom. prat.</i>	— pratique.		
<i>Charent.</i>	Charenterie.			<i>N.</i>	Nom — Noid — Neutre.
<i>Charpent.</i>	Charpenterie.				
<i>Charronn.</i>	Charronnage.				
<i>Chasse.</i>	Chasse.				
<i>Chem. de fer.</i>	Chemins de fer.				
<i>Cheval.</i>	Chevalerie.				

<i>averat. ou intransito.</i> . . . neutralement ou intransitivement.	<i>Polit.</i> Politique.	<i>Sempl.</i> S'emploi.
<i>N.-N.-E.</i> Nord-nord-est.	<i>Polyp.</i> Polytypes.	<i>Serrur.</i> Serrurerie.
<i>N.-N.-O.</i> Nord-nord-ouest.	<i>Pop.</i> Populaire, populairement — Po-	<i>S. f.</i> Substantif féminin.
<i>N.-O.</i> Nord-ouest.	 pulation.	<i>S. f. pl.</i> — féminin pluriel.
<i>N^o.</i> Numéro.	<i>Pop. aggl.</i> Population agglomérée.	<i>S. m.</i> — masculin.
<i>N. pr.</i> Nom propre.	<i>Pop. tot.</i> — totale.	<i>S. m. pl.</i> — masculin pluriel.
<i>Nunism.</i> Numismatique.	<i>Portug.</i> Portugais.	<i>Signif.</i> Signifie, signifiant.
<i>O.</i> Ouest.	<i>Poss.</i> Possessif.	<i>Sing.</i> Singulier.
<i>Observ.</i> Observation.	<i>Pr.</i> Prononciation — Propre — Pro-	<i>S.-O.</i> Sud-ouest.
<i>Oisell.</i> Oisellerie.	 nom, pronominal.	<i>S.-S.-E.</i> Sud-sud-est.
<i>O.-N.-O.</i> Ouest-nord-ouest.	<i>Prat. et pratiq.</i> Pratique.	<i>S.-S.-O.</i> Sud-sud-ouest.
<i>Opt.</i> Optique.	<i>Pr. dém.</i> Pronom démonstratif.	<i>St.</i> Saint.
<i>Orfèr.</i> Orfèvrerie.	<i>Pr. indéf.</i> — indéfini.	<i>Ste.</i> Sainte.
<i>Ornith.</i> Ornithologie.	<i>Pr. pers.</i> — personnel.	<i>Subj.</i> Subjonctif.
<i>O.-S.-O.</i> Ouest-sud-ouest.	<i>Pr. poss.</i> — possessif.	<i>Substantiv.</i> Substantivement.
	<i>Pr. rel.</i> — relatif.	<i>Symb.</i> Symbolique.
	<i>Prem.</i> Premièrement.	<i>Syn.</i> Synonyme.
	<i>Prép. et préposit.</i> Préposition, prépositif et préposi-	<i>Syr.</i> Syrien, syrienne, syriaque.
	 tive.	
<i>Pal.</i> Palais.	<i>Prés.</i> Présent.	<i>T.</i> Terme.
<i>Paléogr.</i> Paléographie.	<i>Priv.</i> Privatif — Privative.	<i>Tactiq.</i> Tactique.
<i>Paléont.</i> Paléontologie.	<i>Proced.</i> Procédure.	<i>Tact. milit.</i> Tactique militaire.
<i>Papet.</i> Papeterie.	<i>Progn.</i> Pronom, pronominal.	<i>Tann.</i> Tannerie.
<i>Par anal.</i> Par analogie.	<i>Prop.</i> Proprement.	<i>Techn.</i> Technologie.
<i>Par exagér.</i> Par exagération.	<i>Prosd.</i> Prosodie.	<i>Teint.</i> Teinturerie.
<i>Par ext.</i> Par extension.	<i>Prov.</i> Proverbe, proverbial, proverbis-	<i>Tératol.</i> Tératologie.
<i>Parf.</i> Parfait.	 lement — Province.	<i>Théatr.</i> Théâtre.
<i>Par iron.</i> Par ironie.	<i>Prov. hist.</i> Proverbe historique.	<i>Théol.</i> Théologie.
<i>Parse.</i> Parse.	<i>Prov. litt.</i> — littéraire.	<i>Toxic.</i> Toxicologie.
<i>Part.</i> Participe.	<i>Psychol.</i> Psychologie.	<i>Trigon.</i> Trigonométrie.
<i>Partic.</i> Particule.	<i>Pyrotechn.</i> Pyrotechnie.	<i>Triv.</i> Trivial, trivialement.
<i>Particulierem.</i> Particulièrement.		<i>Typogr.</i> Typographie.
<i>Part. pass.</i> Participe passé.	<i>Rad.</i> Radical.	
<i>Part. prés.</i> Participe présent.	<i>Récipr.</i> Réciproque, réciproquement.	<i>V.</i> Verbe — Voyez — Ville — Vieux.
<i>Pass.</i> Passé.	<i>Rélat.</i> Récéchi.	<i>V. a. ou tr.</i> — actif ou transitif.
<i>Pathol.</i> Pathologie.	<i>Relat.</i> Relation.	<i>V. imperson.</i> — impersonnel.
<i>Pâtiss.</i> Pâtisserie.	<i>Relig.</i> Religion.	<i>V. n. ou intrans.</i> — neutre ou intransitif.
<i>Pêch.</i> Pêche.	<i>Relig. cathol.</i> Religion catholique.	<i>V. pr.</i> — pronominal.
<i>Peint.</i> Peinture.	<i>Rem.</i> Remarque.	<i>V. réciproq.</i> — réciproque.
<i>Péjorat.</i> Péjoratif, péjorativo.	<i>Rhét.</i> Rhétorique.	<i>Vénér.</i> Vénérerie.
<i>Pénal.</i> Pénal.	<i>Riv.</i> Rivière.	<i>Vétér.</i> Vétérinaire.
<i>Pers.</i> Persan — Personne, personnel.	<i>Rom.</i> Romain, romaine.	<i>V. mot.</i> Vieux mot.
<i>Perspect.</i> Perspective.	<i>Roy.</i> Royaume.	<i>Vulg.</i> Vulgaire, vulgairement.
<i>Petit.</i> Petit.	<i>Rur.</i> Rural, rurale.	
<i>P. et ch.</i> Ponts et chaussées.		<i>S.</i> Singulier — Substantif — Sud.
<i>Peu us.</i> Peu usité.	<i>Salin.</i> Salines.	<i>Sanscr.</i> Sanscrit.
<i>Pharm.</i> Pharmacie.		<i>Sanzol.</i> Zoologie.
<i>Philol.</i> Philologie.		<i>Zooph.</i> Zoophytes.
<i>Philos.</i> Philosophie.		<i>Zootech.</i> Zootéchnie.
<i>Photogr.</i> Photographie.		

Fonte: *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e s.* (2022, on-line)⁵⁹.

No século XX, os dicionários contemporâneos ingleses (*Collins Cobuild, Oxford* e *Longman Dictionary of Contemporary English*), franceses (*Trésor de la langue française, Larousse* e *LeRobert*), italianos (*Treccani, Vocabolario Della Lingua Italiana*) e espanhóis (*Diccionario de Uso del Español*), além de outras línguas, continuaram a utilizar as marcas de uso como recursos lexicográficos.

Com relação aos dicionários de tradição portuguesa, destacam-se o *Dicionario Lusitânico – Latino*, de Jerônimo Cardoso (1562), o *Tesouro da Lingua Portuguesa*, de Bento Pereira (1647) e o *Vocabulario Português e Latino*, de Dom Rafael Bluteau (1712-1728). Na Figura 8, a etiquetagem foi utilizada para destacar aspectos gramaticais das palavras-entrada, bem como unidades fraseológicas e aspectos culturais. Vejamos:

⁵⁹ Disponível em:

https://www.larousse.fr/encyclopedia/oeuvre/Grand_Dictionnaire_universel_du_XIX_e_s/116449.

Figura 8. *Dicionario Lusitânico – Latino*, de Jerônimo Cardoso

<i>A. ante B.</i>	
Abecedarium exemplum. Materia de a,b,c.	furtar gado.
Abecedaria tabella. A cartilha.	Abigeus,ei. O ladrão de gado.
Abelline,arum. As auelaãs.	Abigeatus,us. O furto de gado.
Ab eo, is, iui, itum. Apartar se, ou jrse. neutro.	Ab integrò. Desde principio.
Ab epistolis. O moço que serue de leuarcartas.	Ab intestato. Sem fazer testamento.
Ab equis ad asinos. De mal em pior.	Ab incunabulis. Desde menino.
Aberro, as. Andar errado.	Ab ineunte ætate. O mesmo.
Ab errare à scopo. Errar o aluo, ou não acertar.	Ab ipso lare. Desde começo.
Aberrunco, as. Arrancar. dixit Cicero.	Ab ipsa messe discedere. Deixar o proueyto que está certo.
Ab Eteobutadis ducere genus. Vjr de grande geração. Diz se porque os Eteobutades forã os principaes em	Abire magistratu. Sair do officio.
Ab orbe redempto. Desque Deos veyo ao mundo.	Abire è medio. Morrer.
Ab Aboriginibus. Desde tempo antiquissimo. Porque os pouos Aborigenes forão os que primeyro pouo a Itália.	Abire ab oculis. Desaparecer.
Ab orior, eris, ortus sum, siue abortio. is, iui, itum. Mouer a femea.	Abire rem infumum, & cinerem. Tornar se a fazenda em cinza & em fumo.
Abortiuus, a, um. Coufa mouida.	Abitio, onis. siue abitus, us. A partida.
Abortus, a, um. O mesmo.	Abrumpere otium. Deleiquiar.
Abortus, us. siue abortio, onis. O mouito.	Abrumpere somnum. Quebrar ho sono.
Aborfus, us. O mouito de pouco tempo.	Abrumpere ramos. Quebrar os ramos.
Ab ouo vsque ad mala. Desde começo ate o cabo. Prouerbiu. Diz se porque os gentios começauão a comer em ouos, & acabauão em magaaãs.	Abrumpere inchoatum. Não acabar o começado.
Duo de quinquaginta. quarêta & oyto.	Abruptus, a, um. Coufa desencaminhada.
Duo de quinquagies, aduerb. Quarenta & oyto vezes.	Abruptè. aduerb. Quebradamente.
Duo de sexaginta. Cincoenta & oyto.	Abs. præpositio. significat, de. vt abs te. abs quiuis.
Duo de septuaginta. Sessenta & oyto.	Abscedo, is, essi, essum. Apartar se.
Duo de octuaginta. Setenta & oyto.	Abscedo, is. A postemar se.
Duo de nonaginta. Oyenta & oyto.	Abcessus, us. A partida.
Duo de centum. Nouenta & oyto.	Abcessus, us. A postema.
Duo de cēties. Nouenta & oyto vezes.	Abscido, is, abscidi, sum. Cortar.
Dupla æ. A pena em dobro.	Abcindo, is, cidi, sum. Rasgar.
Duplex icis. Coufa dobrada.	Abcissio, onis. A rasgadura.
Dupliciter, aduer. Dobradamente.	A ii Abscō
Duplices viri. Chamar se hão os falsos & de duas caras.	Durabilis, e. Coufa de dura. (côdiã.
Duplico, as. Dobrar.	Dufius, ij. Ho dom da casa.
Duplicatio, onis. Ho dobramento.	Duum vir, i. Hum dos dous elegidos pera algo.
Duplum, i. Ho dobro.	Dum uiralis. Coufa d'aquelle officio.
Dupondium, ij. Oyto reaes.	Dum uiratus, us. A quella dignidade.
Duracinæ vuæ. Vuas ferraes.	Dux, ucis. Ho capitão, ou capitoa.
Duracinū persicū. Peyxego durazio.	Dux bonus, bonum reddit comitē. Bom capitão faz bom soldado, bom mestre bom discipulo.
	Dux, ucis. Ho duque, ou duquesa.
	<i>De litera E.</i>
	E PRÆPOSITIO (de) vt è cælo cecidit Cato.
	Eatenus, aduer. Até entanto.
	Eadem anchora niti. Fazer finca

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal (2022, on-line, p. 1-2; 58)⁶⁰.⁶⁰ Disponível em <http://purl.pt/14265/4>.

Welker (2004, p. 57) afirma que é o “primeiro bilíngüe com entradas em português”, cuja direção era português > latim. Ele ainda destaca que

Cardoso promoveu a primeira alfabetização do ‘corpus’ lexical vernáculo e deu assim origem, com maior ou menor interferência, a todos os subseqüentes dicionários do português, repercutindo-se efectivamente na técnica dicionarística, no levantamento das unidades lexicais, na referência do seu valor semântico, e na fixação da sua imagem ortográfica (WELKER, 2004, p. 66-67).

Na direção português > latim, encontram-se somente marcas gramaticais referentes a número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino) na obra de Jerônimo. Na outra direção, latim > português, encontramos o uso de um ícone representando uma “mãozinha” para destacar fraseologismos ou questões culturais (ver Figura 8).

Já na obra de Bluteau, há marcas diatécnicas como vemos no verbete “abaco” (termo da *Architectura*), conforme observamos na Figura 9:

Figura 9. Vocabulário Português e Latino

<i>Fem.</i> Chapeo de aba grande. <i>Petasis largo margine.</i> Aba do rio. <i>Margo ripe.</i> Tambem se diz a aba de hum porto. Hum sumptuozo Mosteiro, fundado nas ABAS de hum seguro, & fermoço porto. Dialogo do P. Hec. Pinto Part. 2. 228. vers. Aba do forro, chamão os carpinteiros a fassquia de madeira, que serve de guarnição ao redor do tecto. <i>Lacunaris</i>, ou <i>Lacunaris lignei limbus</i>, <i>i. Masc.</i> Ao longo da ABA do forro deite tecto, estão escritos estes quatro versos. Faria, Noticias de Portugal. 118. Abas da fechadura chamão os ferralheiros a humas laminas de ferro, estreitas, que pegadas ao redor da chapa da fechadura, fervem de cobrir as guardas, &c. Quasi todas as fechaduras, que nos vem do Norte tem abas. Aba, Metaphoricamente, Protecção, amparo, &c. <i>Vid.</i> nos feos lugares. Aqueles, a cujas ABAS eu me cheguei. Cartas de D. Francisco Man. pag. 751. Aba, Gidade de huma Região da Grecia, chamada em latim, <i>Phocis</i>, celebre pellos Oraculos de Apollo chamado em rezão do lugar, <i>Apollo Abdens</i>. No anno	phones, governador da cidade de Olba, em Cilicia, & segundo Bonfin. liv. 2. Decada 2. he o nome do terceiro Rey de Ungria, que no anno de 1042. usurpou a coroa; outros lhe chamão Aban. ABACELLAR huma planta. He cobrilhe com terra as raizes, para se dispor a seu tempo. <i>Arberis radices inhumare, ou terra operire.</i> ABACO, Abaco, termo da Architectura: derivale do Grego, <i>Abax</i>, que quer dizer Aparador, copa, ou meza, em que se dispoẽ vazos de prata, para ornato. Na Architectura, he a parte superior do capitel da columna, principalmente na ordem Corinthia; serve como de tapador ao cesto de flores, que nella se representa. Tem o Abaco o feo bocel, & a sua faxa. <i>Abacus</i>, <i>i. Masc. Vitruv.</i> ABACOA, Abacôa, Huma das ilhas Lucaes na America Septentrional entre Jabaquem & Pinimi. Está debaixo do dominio dos Inglezes. <i>Abacoa</i>, <i>e. Fem.</i> ABADA, Abada, O que està no bolso, ou cavidade, que se faz, levantando, ou colhendo as extremidades da capa, ou qualquer outra vestidura larga. Abada de rozas. <i>Plenus rosarum sinus</i>, <i>us. Masc.</i> Levar
---	--

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (2022, on-line)⁶¹.

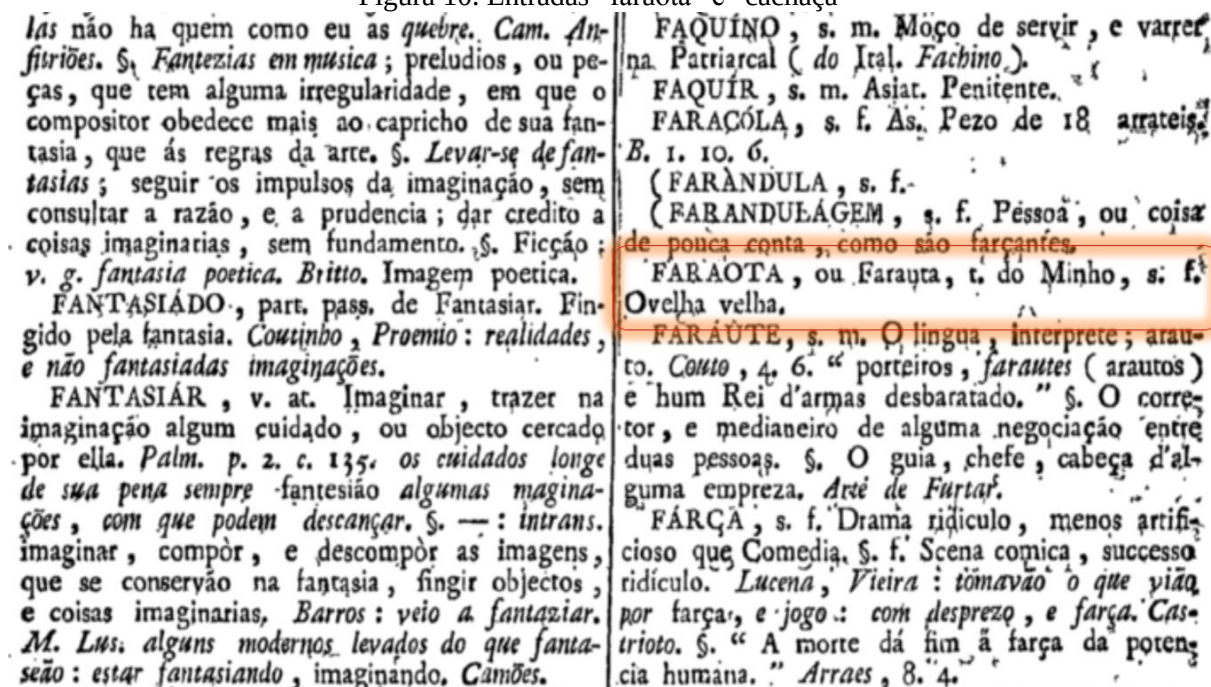
Murakawa (2001, p. 155) lembra-nos que “a terminologia científica se faz presente na obra de Bluteau e vem logo em seguida à entrada, identificando a área a que a palavra pertence”.

⁶¹ Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/?page_number=6#dic-viewer.

Essa autora ressalta que somente em 1789 foi publicada a primeira obra monolíngue portuguesa – *Dicionário da língua portuguesa*, do brasileiro Morais e Silva (1789; 1813) –, que “registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e variações linguísticas” (MORAIS E SILVA, 1789; 1813, p. 156), pois percebeu “a importância em registrar os diferentes níveis de linguagem especificando quando é vulgar, familiar, gírica, obscena, injuriosa, rústica, pastoril, provinciana” (MORAIS E SILVA, 1789; 1813, p. 157).

A seguir, vejamos mais dois verbetes desse dicionário, “faraota” e “cachaça”, na Figura 10:

Figura 10. Entradas “faraota” e “cachaça”⁶²



⁶² Conseguimos as imagens na Figura 10, referentes aos verbetes “faraota” e “cachaça” em língua portuguesa por meio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), aberta ao público em 2013 e é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), criada em 2005. Ela recebe esse nome em homenagem ao bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita por reunirem ao longo de mais de oitenta anos um vasto conjunto de livros e manuscritos. As imagens dos verbetes em língua estrangeira foram retiradas do acervo disponível on-line de cada uma dessas Academias e bibliotecas, constantes nas referências.

minúsculas, e dadas a parte do minúsculo ao corpo do exercito. §. Caçador, adj. com nomes femininos. "cão, ou ave caçador." <i>Ord.</i> 5. 62. 5. Noze-se que os nossos bons Autores usavão das variações em or com nomes femininos, como dice na Grammatica. CAÇAFATÃO, s. m. Cacofonia. <i>Caminha, Epigr.</i> 173. CAÇAFETÃO. V. <i>Cacofonia</i>; e <i>Caçafatão</i>. CAÇANTE, p. at. de Caçar, t. do Brazão. <i>anim. il caçante</i>; o que se representa em acção de caçar. CAÇÃO, s. m. Peixe de pelle, vulgar, da especie do tubarão. CAÇAPÁR, v. at. (B. P. traduz <i>deprehendere</i>) Apanhar. §. <i>Caçar-se</i>: abaixar-se, agachar-se, baquear-se. vulg. CAÇAPÍNH0, s. m. dim. de Caçapo. CAÇÁPO, s. m. Coelho, láparo. "caçapo albanado." <i>Aulegr.</i> f. 89. ¶	1. 31. 0. <i>para me jactarem esta victoria</i>, e eu porém hei-lh'a de ter." §. Ardil na guerra. <i>M. L. Tom. 1.</i> §. <i>Cacba</i>: pano da India. <i>Cam. Naufr. de Sep.</i> f. 51. ¶. §. <i>A hum faz cachas, a outros minios. Ceita, Serm.</i> pag. 336. CACHÁÇA, s. f. Vinho das borras. §. No Brasil, Aguardente do mel, ou borras do melaço; a espuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das canas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás táchas. CACHAÇÃO, s. m. Pancada no cachaço, pescocção. CACHAÇO, s. m. augment. de Cacho. Pescoco gordo, e grosso. os cachaços dos touros, e homens. CACHADA, s. f. B. P. traduz <i>vervacium</i>, o alqueive; queima dos matos. <i>Blumen.</i> CACHADO, p. pass. Coberito, ou occulto: v. g. andão nós da cinta pera riba, e peru baixo andão cachaços com pannos de seda, e algodão. <i>Goes, Chron.</i>
---	--

Fonte: Morais e Silva (2022, on-line)⁶³.

Nesses dois verbetes, observamos duas marcas de uso, respectivamente, para indicar um regionalismo do Minho e para indicar um empréstimo estrangeiro ("No Brasil"). O que se constata é que essas produções representam suas épocas e retratam suas sociedades, sendo que, com o passar do tempo e com o avanço tecnológico, foram aprimoradas com relação à descrição e ao registro do léxico. Morais e Silva foi seguido por demais lexicógrafos brasileiros que, ao elaborarem seus dicionários, também mantiveram o recurso das marcas de uso para destacar as restrições contextuais dos sentidos dicionarizados.

As línguas francesa, espanhola, italiana e inglesa têm sua história lexicográfica contada há alguns séculos, diferentemente do português brasileiro. Embora o Brasil tenha uma tradição lexicográfica tardia, no século XX, houve um grande avanço, como podemos verificar pelo infográfico 2:

⁶³ Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portugueza-recompilado-dos-vocabularios-impressos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/?q=cacha%C3%A7a>.

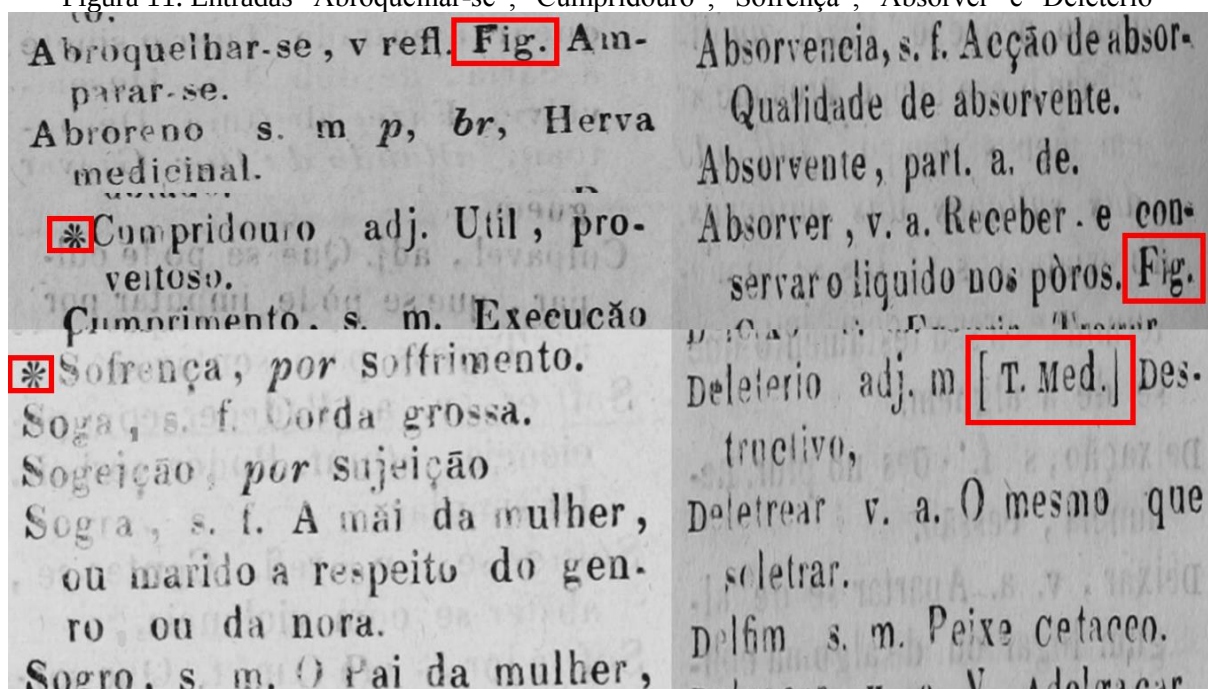
Infográfico 2. Breve percurso lexicográfico brasileiro



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse breve percurso lexicográfico brasileiro, mencionamos inicialmente a obra de Silva Pinto – *Dicionário da Língua Brasileira* –, ainda no século XIX, por ser um dicionário muito importante à história lexicográfica brasileira uma vez que, ao ser publicado em 1832, na tipografia de seu autor, em Ouro Preto, traz no título a referência à língua brasileira (português usado no Brasil), ao invés de portuguesa (GARCIA, 2010; COSTA, 2015; CARMO, 2015; TAVARES, 2021). Nele são encontradas variantes do português usadas à época com marcas de uso que podem ser observadas na Figura 11.

Figura 11. Entradas “Abroquelhar-se”, “Cumpridouro”, “Sofrença”, “Absorver” e “Deleterio”



Fonte: Silva Pinto (1832, on-line).

Notamos como exemplos utilizados para a marcação “Fig.” (sentido figurado), “T. Med.” (termo médico) e * (etiqueta uma “palavra antiquada”). É preciso lembrarmos que esse dicionário foi concebido durante uma época em que o Brasil vivia um momento de efervescência político-cultural (período regencial, de 1831-1840), o que podemos presumir também se refletia nas questões linguísticas, por conseguinte, nas palavras “português” e “brasileiro”. Segundo Lima (2006, p. 44), essa era uma obra de dimensões intencionalmente reduzidas haja vista que

um dicionário de bolso, barato, em época em que há demanda por material impresso, e em que a instrução pública é entendida como a possibilidade de formação de um “modo geral de sentir”, poderia ser um excelente empreendimento para quem era, aliás, proprietário de uma tipografia. Contribuiria assim para difundir o “idioma nacional” através das vastas regiões do Império, entre “todas as suas classes” (LIMA, 2006, p. 44).

Essa autora destaca que Nunes (2006) traz um levantamento dos dicionários desde o século XVI até o XIX, porém, não menciona o *Dicionário da Língua Brasileira*, de Silva Pinto, o que, para Lima (2006), trata-se de uma decisão pelo recorte de sua pesquisa, pois

a análise de Horta Nunes possibilita de qualquer forma afirmar que, de acordo com os critérios que apresenta, o *Dicionário da Língua Brasileira* estaria baseado em séries de definições, justamente na esteira de Moraes, à diferença do *Vocabulário* de Bluteau, em que as etimologias teriam peso decisivo [...]

Como a questão de Horta Nunes procura interrogar a relação entre a discussão da língua nacional do século XIX e a lexicografia [...] de fato o trabalho de Rubim é muito mais significativo, bem como as obras de Macedo Soares e Beaurepaire-Rohan, do final do século (LIMA, 2006, p. 51).

Em razão dessa nova configuração do Estado, bem como o avanço das tipografias, houve uma grande produção de produtos lexicográficos, em grande medida, para atender a questões educacionais. Por fim, essa autora ressalta que houve uma polêmica em função da tentativa de imposição de “língua brasileira”, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nos títulos das obras, em 1935 (lei aprovada, mas não cumprida, pois, em 1937, o Estado Novo impediu que entrasse em vigor).

Na primeira metade do século XX, é produzido o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire (1939). Essa obra teve sua primeira edição elaborada de 1939 a 1944, pela editora *A Noite*, no Rio de Janeiro, em cinco grandes volumes, cuja nomenclatura consta com verbetes de múltiplas acepções e exemplos literários, sua terceira e última edição (1957) possui 5374 páginas. Seu autor, um filólogo, jornalista e político sergipano, faleceu dois anos antes de sua publicação, depois de um longo período de preparação da obra, que abrange meados da Primeira República (1889-1930) à chamada Era Vargas (1930-1945).

Nunes (2013) ressalta que, no prefácio, a menção sobre o povo revela um discurso sobre as relações e divisões que alcançam essa unidade lexical, uma vez que destaca a língua dos clássicos e a da camada socialmente desprovida de recursos financeiros.

Instala-se na língua uma divisão social que marca o discurso do dicionário, com a configuração de um imaginário da língua dos clássicos e de uma conversação que evita as gírias e os “plebeísmos”. Assim ao incorporar em seu discurso a noção de povo, o dicionário introduz ao mesmo tempo uma cisão social que produz efeitos no discurso lexicográfico (NUNES, 2013, p. 160).

Em sua primeira edição (1939), não houve uma grande ruptura na lexicografia brasileira, apenas em sua segunda edição (1954), houve um destaque para a autoria, sendo que o silenciamento da autoria brasileira na primeira edição (fato que não foi salientado, pois, se tivesse sido, contribuiria para a desvinculação mais rápida da tradição dicionarística europeia) se configurou em “uma marca desse período de descolonização linguística no Brasil, em que as produções da ex-colônia realizavam sem alardes, diante das polêmicas que envolviam a legitimação da “língua brasileira”, as transformações nos instrumentos linguísticos” (NUNES, 2013, p. 161).

Embora tenhamos tido o primeiro dicionário que pretendeu inserir os vocábulos brasileiros em uma obra nacional, produzida e impressa no Brasil por Silva Pinto (1832), não foi uma obra que se voltou exclusivamente para a “língua brasileira”, mas sim se baseou em Moraes e Silva (1789; 1813). Biderman (2003, p. 58) lembra-nos que o português do Brasil passou a ter um produto lexicográfico que registrou o patrimônio lexical brasileiro apenas em 1938: o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (PDBLP). Essa obra, de Barroso e Lima (1938), possui dimensões reduzidas, sendo o primeiro a documentar a norma linguística do Brasil, bem como seu vocabulário.

No percurso lexicográfico brasileiro (Infográfico 2), as marcas de uso vêm sendo utilizadas, por exemplo, no *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (1939), organizado por Laudelino Freire em cinco volumes, em que constam etiquetas que destacam a restrição de uso relacionada a termos técnicos, lusitanismos, africanismos. De acordo com Nunes (2004, p. 807), a partir de 1938 até 1960, temos um período importantíssimo, pois é quando ocorre a separação e a consolidação de nossa língua nacional.

Segundo Biderman (2003), na 3ª edição do PDBLP, a figura de Aurélio surge como colaborador e redator, sendo que, a partir de sua 6ª edição, ele se torna o principal editor e segue como tal em suas onze edições seguintes, sendo a última em 1967. Nesse momento, o regime político ditatorial interrompe as atividades da editora que o publicava (Editora Civilização Brasileira). A partir dessa arbitrariedade governamental, o povo brasileiro ficou sem uma obra que registrasse sua variedade linguística, o que favoreceu Aurélio a publicar, após um hiato lexicográfico, seu dicionário, em 1975. À época, seu sucesso imediato se deu também em razão de não possuir concorrentes e do interesse dos brasileiros em adquirir uma obra dicionarística.

A pedido da Academia Brasileira de Letras (ABL), Antenor Nascentes – contratado para ser um “técnico externo” – elabora o *Dicionário da língua portuguesa* (1943 [1967]), cuja intenção era providenciar o projeto de um dicionário acadêmico definitivo. Ao final, produziu uma obra em quatro volumes, contendo cerca de 100 mil verbetes. No entanto, por falta de verba, sua impressão só ocorreria mais tarde, de 1961 a 1967, sob os mais modernos parâmetros lexicográficos. Cada entrada desse dicionário possui transcrição fonética (até a década de 1940, segundo Nascentes, somente as palavras inglesas possuíam esse tipo de transcrição), algumas delas etimologia, exemplos (criados por Nascentes, mas não abonados), alguns brasileirismos (de caráter regional), houve a omissão de barbarismos, estrangeirismos (considerados pelo autor como inúteis), palavras chulas e gírias, sem abonações (apenas alguns exemplos criados), em que faz uso de etiquetagem. Sua segunda edição (1988) foi em um único volume e continha 88.818 entradas, já sem transcrição fonética (ABBADDE, 2008, p. 5). A exemplo, vemos as

marcas diaintegrativas (“lat.”, “esp.”, “it.”, “fr.”), diacrônicas (“Arc.”) e diatécnicas (“Gram.”, “Hist.”) na descrição dos sentidos da entrada “ouvir” (p. 370), na Figura 12. Dessa mesma maneira, as demais obras seguem propondo a etiquetagem dos sentidos dos itens lexicais. Vejamos:

Figura 12. Verbetes “ouvir”

OURAR — 1 (ter tonturas): de <i>oura</i>. — 2 (prendas com ouro): de <i>ouro</i>. OURÊGAO — V. <i>Orêgão</i>. OURELA — Do lat. <i>*orella</i> por <i>orula</i>, dim. de <i>ora</i>, beira; esp. <i>orilla</i>. M. Lübke, <i>REW</i>, 6080, dá como derivado de um lat. <i>*orum</i> por <i>ora</i>. A. Coelho tira do lat. <i>ora</i>, com dúvida. OURELO — De <i>ourela</i>. A. Coelho derivou do lat. <i>cra</i>, beira, com dúvida. OURIÇO — Do lat. <i>hericiu</i>; esp. <i>erizo</i>, it. <i>riccio</i>, fr. <i>hérisson</i> (dim., segundo Brachet). Leite de Vasconcelos, <i>RL</i>, III, 268, tira de uma forma <i>eiriço</i>. G. Viana, <i>Apost.</i>, II, 201, supõe uma forma <i>criço</i> em que <i>ouro</i> tivesse influido. OURIVES — Do lat. <i>aurifice</i>, o que trabalha em ouro; esp. ant. <i>orebce</i>, <i>orespe</i>, it. <i>orefice</i>. Arc. <i>ourivez</i>, <i>orebze</i>: <i>Orebzcs qui laborarem...</i> (Leges, pg. 745-A. 1188-1230). <i>E assy como os ourivezes querendo conhecer alguu ouro...</i> (Leal Conselheiro, pg. 26). OURO — Do lat. <i>auru</i>; esp., it. <i>oro</i>, fr. <i>or</i>. Festo nos atesta que já era <i>orum</i> no lat. pop.: <i>aurum, quod rustici orum dicebant</i> (apud Brachet). OUROPEL — Do prov. <i>auripel</i> com assimilação do <i>i</i> ao <i>o</i> do ditongo <i>ou</i> em que <i>au</i> se transformou; v. M. Lübke, <i>REW</i>, 6377. Diez, <i>Gram.</i> II, 380, considerou um composto de dois substantivos aglutinados. Outros tiraram de um lat. <i>auripellium</i>, de <i>aurum</i>, ouro,	modificando-a por <i>auru</i>. Silvio de Almeida vê na modificação do acento influência analógica do substantivo <i>homem</i> (<i>RFP</i>, III, 228). Nunes, <i>Gram. Hist.</i>, 250, atribui a <i>alguém</i>, pronome de significação quase idêntica, a troca do <i>o</i> final em -em Esp. atual <i>otri</i> (pouco usado), fr. <i>autrui</i>, it. <i>altri</i>. OUTRO — Do lat. <i>alteru</i>; esp. <i>otro</i>, it. <i>altro</i>, fr. <i>autre</i>. V. G. Viana, <i>Ortografia Nacional</i>, 33. Nunes, <i>Gram. Hist.</i>, 43, 126. OUTRORA — De <i>outra</i> e <i>hora</i>. OUVIR — Do lat. <i>audire</i>; esp. <i>oir</i>, it. <i>uðire</i>, fr. <i>ouir</i>. O ditongo <i>au</i> se transformou em <i>ou</i>, o <i>d</i> sofreu síncope e o <i>u</i> desdobrou-se numa semivogal e numa consoante. Arc. <i>oir</i>: <i>Pola oyr, e sol non faley rrem</i> (<i>Canc. da Vaticana</i>, 454) V. Nunes, <i>Gram. Hist.</i>, 74. Diez, <i>Gram.</i> I, 176 O arcaico é um castelhanismo aparente, segundo nota C. Michaëlis de Vasconcelos, <i>Glossário do Canc. da Anda</i>: mas, por ser nica forma usada na época trovadoresca, a mesmo autora entende que é apenas grafia deficiente de <i>ouir</i>. OVA — Do lat. <i>ova</i>, plural de <i>ovum</i>, ovo. OVAÇÃO — Do lat. <i>ovatione</i>, sacrifício de uma ovelha, usado nos triunfos de segunda ordem. Pela semelhança de forma muitos aproximam de <i>ovis</i>, ovelha, o lat. <i>ovare</i>, que deu <i>ovatio</i>. Walde relaciona com o gr. <i>cuázo</i>. OVAL — De ovo e suf. <i>al</i>. A. Coelho dá um lat. <i>ovale</i>.
---	---

Fonte: *Dicionário da língua portuguesa* (NASCENTES, 1955, p. 47).

Nas décadas de 1960 e 1970, havia uma certa preocupação com a edição de dicionários destinados ao público estudantil, por isso, no prefácio do *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*, de Francisco Fernandes e Marques Guimarães (1953), publicado em 1953 e 1960, pela editora Globo, há a imagem que se tem de seu público-leitor, pois menciona-se que o formato da obra é popular e que se destina ao grande público (estudantes do curso secundário e homens de trabalho). Essa peculiaridade voltada ao popular é muito recorrente em obras desse período. Em 1958, passa por uma ampliação “em que essa imagem do popular é silenciada” (GIACOMINI, 2007, p. 88).

O *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, de Adalberto Prado e Silva (1962), também se enquadra no grupo daquelas obras que, nas décadas de 1960 e 1970, identificam duas tendências: a primeira, enciclopédica e tecnológica, no *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, em São Paulo e a segunda, literária e edificante, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1975), no Rio de Janeiro. A escolha pelo adjetivo “novo” nesses dicionários marca o reconhecimento de transformações efetivas e incontornáveis da língua no Brasil. A indicação do eixo Rio-São Paulo vem para lembrar da expansão que ocorria à época,

com grande fluxo migratório interno para essas áreas industriais e sedes de grandes centros universitários em que havia grande circulação cultural, momento em que a mudança da capital brasileira fez com que despertasse um novo interesse histórico-literário (NUNES, 2006b).

Já no prefácio da primeira edição, Ferreira (1975) evidencia que o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* não contém somente a língua dos escritores, mas também aquela encontrada nos variados gêneros (falado, escrito, das revistas, dos jornais, do rádio, do teatro, da TV etc.) em suas mais diversas variedades – gírias, regionais, técnicas, jocosas, pejorativas, coloquiais. Traz como fontes cerca de 770 autores, sobre as quais Biderman (1984) tece suas críticas, visto que apresenta um *corpus* “relativamente homogêneo”, não contemplando a diversidade de gêneros esperada e prometida no prefácio da obra. Essa autora (1984, p. 10) ainda criticou a elaboração das definições, pois “o recurso de definir por sinônimos, muito realizado por Aurélio, não é um bom método”, “[a] forma do verbete [...] é criticável em numerosíssimos casos”, todos listados em seu texto. E questiona o critério de ordenação das palavras polissêmicas uma vez que “[...] o dicionário dispõe inadequadamente a sequência não ficando muito claro o critério de distribuição dos sentidos registrados”. Além disso, menciona que Aurélio copiou a descrição de dicionários antecedentes, assim, demonstrando uma obrigatoriedade em registrar informações catalogadas por renomados lexicógrafos, como Aulete, Moraes, Fernandes *et al.* (BIDERMAN, 2000, p. 35).

Apesar das críticas, Biderman (2000) reconhece o produto (o dicionário Aurélio) como uma obra de referência à língua portuguesa, também em função da não existência de concorrentes à sua obra, pois “não existindo mais o PDBLP a partir de 1967, a sociedade brasileira adotou o Aurélio como fonte de informação e consulta sobre o léxico do Português do Brasil” (p. 53) e conclui “rendendo meu preito ao mestre que, laboriosa e dignamente, auxiliou gerações de brasileiros a entender melhor sua língua e a escrever com mais propriedade” (p. 53). Um sucesso inegável, lembrado por Krieger *et al.* (2006), tanto no Brasil quanto em Portugal, levando a uma quinta edição (em 2010), revista e atualizada, a qual oferece um amplo volume de informações: transcrição fonética, classe gramatical, etimologia, regência, marcas de uso, remissivas, além de exemplos e abonações.

Próximo ao final do século XX, publica-se o *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998) com mais de 200 mil verbetes e subverbetes (termo utilizado nas versões impressa e *on-line* de MI, em que esse dicionário indica “expressões na estrutura de um verbete. Elas estão destacadas ao final do verbete, numa seção denominada *Expressões*”)⁶⁴ em sua terceira edição,

⁶⁴ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/como-consultar/organizacao-do-verbete/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

sendo que as anteriores correspondem a 1962 e 1975 (MICHAËLIS, 1998). Sua descrição e os critérios norteadores estão na apresentação da obra, em que consta a informação da não utilização de marcas diintegrativas, quer dizer, a tradicional distinção de uma unidade lexical enquanto empréstimo ou estrangeirismo não ocorre (MARANHÃO, 2011).

A primeira edição do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), a mais ampla (cerca de 230 mil entradas), teve a microestrutura dos verbetes utilizada aliada às potencialidades dos recursos de informática que, hoje, possibilitam o manuseio de vários bancos de dados desenvolvidos pelo Instituto responsável por esse dicionário, produzindo sua versão mais atual, de 2009 (com cerca de 146 mil entradas oferecidas por uma interface eletrônica). Essa é uma obra mais compacta, oriunda de cortes na nomenclatura de sua versão de 2001, cujo “critério empregado para que tal meta fosse atingida com eficiência foi o cômputo percentual de emprego das palavras na língua” (HOUAISS, 2009, p. XI), fazendo com que não fossem registrados dialetismos portugueses e palavras dos crioulos orientais e africanos, entre outras escolhas lexicográficas. Nesse formato eletrônico atual, há uma barra alfabética que auxilia na pesquisa das palavras, além de um glossário que agiliza a busca, sendo que seu acesso ocorre por três opções de consulta: modo interativo, modo tradicional e modo expresso.

Fornari e Bugueño Miranda (2006) afirmam que o *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (DUPB), de Borba *et al.* (2002), é uma grande inovação lexicográfica no Brasil, uma vez que não contávamos com produtos que se preocupassem, de fato, com a norma real (uso real da/na língua escrita no Brasil). Além disso, esses autores destacam que a sintaxe desse dicionário apresenta melhorias em comparação aos dicionários de Aurélio (FERREIRA, 1999) e Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001), ressaltando a necessidade de mudanças para aperfeiçoar essa obra (o DUPB), em termos de sua macro (para eles, é necessária uma redução na nominata⁶⁵), micro (em termos de melhorias aos comentários semânticos) e medioestrutura⁶⁶ (embora apontem critérios coerentes para sua elaboração, sugerem avanços).

Em 2008, a Academia Brasileira de Letras (ABL) lança seu *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, adaptado à nova ortografia, contendo 33 mil verbetes, sendo que boa parte das acepções apresenta exemplos, há textos que contemplam a história da ABL, um histórico da Língua Portuguesa e da formação do léxico português, além de orientação quanto à nova ortografia, além de oferecer um estudo sobre o verbo em Português (paradigmas verbais e quadros da conjugação desses paradigmas). É a primeira obra lexicográfica a ser produzida de modo integral pelos técnicos da Academia, cujas 1312 páginas registram divisão silábica,

⁶⁵ Lista completa dos itens lexicais que possuem definição no dicionário ao qual pertencem.

⁶⁶ Sistema remissivo que proporciona a conexão entre diferentes partes do produto lexicográfico.

exemplos de uso, locuções, áreas de conhecimento, remissões à conjugação verbal e à flexão nominal, regionalismos e tabelas de conjugação verbal (ABL, 2022, *on-line*).

Para finalizar esse rápido panorama, temos o *Minidicionário Livre da Língua Portuguesa* (SANTIAGO-ALMEIDA, 2011), o qual possui cerca de 35 mil verbetes, em que se encontram divisão silábica, indicação de pronúncia e grafia dos plurais irregulares, além da maioria dos nomes de grupos e línguas indígenas do Brasil, geralmente não dicionarizados. Essa é a primeira obra de referência impressa sob a licença *Creative Commons* (CC-BY-NC), o que permite ao consulente reproduzir, distribuir e modificar seu conteúdo, desde que não faça dele uso comercial e mencione sempre o nome do autor (HEDRA, 2021, *on-line*).

Historicamente, é possível notar que a invenção da imprensa contribuiu para a elaboração e produção das obras dicionarísticas no século XVI, como se viu pelo panorama anteriormente traçado, as primeiras produções eram bilíngues (latim-vernáculos) em função, sobretudo, dos Estados que se formaram e que expandiram suas relações. Ainda nesse período, na Itália, surgiram dicionários monolíngues para fins pedagógicos, no século seguinte, em 1612, é elaborado o primeiro dicionário que, de fato, abarcou a língua italiana: o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (BIDERMAN, 2003).

De qualquer forma, mesmo não sendo padronizadas, até o momento, nota-se que as marcas de uso são de fundamental importância nos dicionários, sobretudo para auxiliar na codificação durante o percurso escolar (FIORIN, 1993). Sua presença vem ocorrendo, tipograficamente, por meio de realces abreviados no texto lexicográfico (apresentadas em lista na introdução dos dicionários), Garriga Escribano (2003) reforça que não necessariamente restringem-se apenas às marcas de uso, podem estar listadas, por exemplo, siglas ou outros elementos gramaticais específicos (classificação de verbos, identificação de gêneros etc.).

Muito mais relevante do que as questões tipográficas, é capital que a inserção das marcas seja coerente por todo o dicionário via padronização teórica. Portanto, almejando-se colaborar para essa sistematização, Hausmann (1977) propôs uma categorização a fim de agrupar as marcas de uso nas obras lexicográficas, a saber:

diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo); diatópicas (aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países); diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos); diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita); diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado); diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal); diatextuais (assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico); diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto); diafreqüentes (em geral: raro, muito raro); diaevaluativas

(mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo); dianormativas (indicam que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão) (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004, p. 131).

Presumivelmente, poderíamos considerar a proposta de Hausmann como a solução tão desejada para o labor lexicográfico, visto que teríamos um padrão a ser seguido, bastando somente adequarmos determinado sentido a um de seus onze agrupamentos, todavia, suas categorias ainda podem exibir problemas (WELKER, 2003, p. 100). Sob a perspectiva sociolinguística, Bagno (2007) também aponta que a variação vem acompanhada dos adjetivos que Welker propõe como atributos às marcas com o intuito de ressaltar fatores extralinguísticos que nos auxiliam na identificação dos fenômenos de variação linguísticos, dentre os quais origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais (BAGNO, 2007), sendo que o que possui maior impacto sobre a variação é o grau de escolarização que, no Brasil, está intrinsicamente atrelado ao *status* socioeconômico.

A nosso ver, a grande dificuldade se encontra em estabelecer as fronteiras lexicográficas, por exemplo, como determinar o momento em que um estrangeirismo deixa de sê-lo e passa a ser entendido como unidade já integrante do sistema? Outro ponto acerca das marcas diatópicas, por que privilegiar as variantes inglesas britânica e a norte-americana em detrimento das outras, sobretudo na contemporaneidade em que não há restrições físicas para se inserir informações em dicionários eletrônicos ou virtuais?

O que se pode afirmar sem qualquer dúvida é que a presença das marcas de uso é mais do que necessária, é primordial para uma compreensão mais plena dos sentidos das palavras. Logo, aspiramos a um número mais amplo delas para promoverem uma maior exatidão à restrição contextual dos significados, pois sua ausência leva os consulentes a compreenderem que os sentidos pertencem ao registro neutro, podendo incorrer em equívocos linguísticos de interpretação contextual.

Na próxima seção, debruçamo-nos sobre nosso objeto de estudos discorrendo sobre suas características, categorizações e demais recursos lexicográficos que nos servem para sua análise nos dicionários. Fazemos uma verificação metalexigráfica para buscar entender como seus lexicógrafos etiquetaram suas acepções a partir dos conceitos de suas marcas de uso. Por fim, tentamos evidenciar o nosso entendimento acerca da conceituação de cada marca utilizada.

3.1 Marcas de uso em dicionários

Temos como objeto de estudo desta pesquisa as marcas de uso, também intituladas por vários autores como etiquetas, rubricas ou rótulos. Esses recursos, inseridos na microestrutura, são utilizados como expedientes linguísticos para retratar a perspectiva pragmática no dicionário, quer dizer, indicam ao consulente a restrição ou ressalva de um uso específico de determinada unidade lexicográfica ou sua acepção referente a uma área de especialidade, uma área geográfica, nível da linguagem ao qual o item lexical pertence, entre outras características.

Esses componentes, substanciais na constituição do verbete, evidenciam a relevância da “etiquetagem” na definição a fim de que o dicionário possa contribuir ao entendimento do item lexical nos variados contextos. Como apontado por Strehler (1997, p. 23-24), embora as marcas sejam um recurso facultativo, elas se apresentam para destacar uma variação de determinada palavra – ou acepção – que se encontre dicionarizada, quer dizer, “uma palavra que figure num dicionário e não seja de uso comum na camada neutra, precisa receber uma marca de uso”.

Com o intuito de proporcionar uma descrição útil das unidades lexicográficas aos potenciais consulentes, os lexicógrafos indicam as restrições de uso de um determinado sentido de uma entrada por meio das marcas de uso, que podem ser (e são, na maioria das vezes) componentes fundamentais na elaboração do verbete dos dicionários. Para Lara (2004), a importância da etiquetagem é fundamental na definição a fim de que a obra lexicográfica possa contribuir à compreensão do item lexical nos variados contextos.

Em se tratando da variação linguística, elas são recursos comumente utilizados nas obras lexicográficas uma vez que “as marcas de uso caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística” (STREHLER, 1998, p. 174), quer dizer, essa variação ocorre em comparação à língua padrão estabelecida pela sociedade. Da mesma forma, Garriga Escribano (2003) defende que essas marcas empregadas para assinalar restrições de uso se configuram como recursos fundamentais para os consulentes, mesmo que se apresentem de modo assistemático e pouco objetivo. Ao propormos estabelecer um arcabouço comparativo das marcas de uso presentes nos dicionários de nosso *corpus*, acreditamos legitimar a análise comparativa no universo discursivo que se encontra internamente às obras dicionarísticas. Acerca desse universo, que é particular sob o ponto de vista de cada lexicógrafo ao recortarem os sistemas linguísticos, Biderman (1998a, p. 27-29) nos lembra que “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas”, ao estabelecerem suas etiquetas.

Como sabemos, o indivíduo se mantém em um processo, consciente ou inconsciente, de avaliação da língua. Por isso, o valor que atribui às unidades lexicais estimula a variação linguística por meio de pressões sociais propulsoras que agem no sistema linguístico “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008, p. 21). Esse mesmo autor ainda reforça que três são as categorias que se manifestam sobre os valores sociais: (i) os estereótipos (peculiaridades linguísticas, social e conscientemente, evidenciadas pelos falantes, rotuladas de modo enfático pela sociedade); (ii) os marcadores (peculiaridades linguísticas sociais e estilísticas que possibilitam repercussões consistentes acerca do julgamento alheio sobre um indivíduo); e (iii) os indicadores (peculiaridades linguísticas estratificadas em sociedade, que não se sujeitam à variação estilística).

Ao escolher uma ou outra variante linguística, o indivíduo é avaliado pela sociedade ou por parte dela, implicando na identificação de sua origem, a camada social à qual pode pertencer, sua idade, entre outras, porém, principalmente, em sua aceitação ou rejeição. Nesse contexto, os estudos labovianos revelam como os fatores sociais (sexo, camada social, ocupação e faixa etária) inspiram as escolhas lexicais dos indivíduos (LABOV, 2008), as quais favorecem a variação (propriedade inerente às línguas), que desencadeia mudanças, conforme sua relevância na comunidade linguística. Para Labov (2008, p. 19), três são as questões distintas que explicam as mudanças linguísticas: “a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas e a regularidade da mudança linguística”. E complementa que, “de fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente têm o mesmo significado” (LABOV, 2008, p. 290).

De acordo com Garriga Escribano (2003, p. 115), empregam-se as marcas com o intuito de assinalar os itens lexicais cujas restrições de uso são fundamentais ao conhecimento de seus consulentes, ainda que sua distribuição nos dicionários, de maneira geral, seja assistemática e de baixa objetividade. Sobre esse recurso utilizado pelos lexicógrafos, Porto Dapena (2002) comenta que os usuários pouco se importam com sua presença, principalmente por desconhecer o significado das etiquetas que se apresentam abreviadas no verbete, somando-se à pouca coerência e imprecisão na forma como se apresentam e, conseqüentemente, levam a um desinteresse em compreendê-las. De certa forma, esse autor alerta-nos para um repensar em nossa prática lexicográfica a fim de que o público-alvo possa claramente reconhecer esse recurso e entender sua importância para compreensão do sentido marcado.

Nos dicionários, é necessário o alerta para que determinado sentido possa ser compreendido em seu contexto esperado de uso, o que pode ser realizado pelas marcas de uso. Essa advertência aponta para algum tipo de variação na língua, entretanto, não basta apenas reconhecer sua existência, os lexicógrafos precisam explicá-la, minimamente, identificando os fatores que a motivam para que, assim, haja uma melhor descrição da informação lexicográfica ao consulente. Para Weinreich, Labov e Herzog (2019, p. 136), reconhecer a variabilidade é importante, mas é fundamental “lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los a nossas análises da estrutura linguística”, quer dizer, não se pode considerá-los como fatores aleatórios, pois há motivação no uso de uma ou outra variante.

Espera-se que, no verbete, as restrições se refiram a fatores como: (i) sua contemporaneidade (“antiquado”, “desuso”, “arcaico”); (ii) o registro em que determinado sentido é utilizado (“formal”, “informal”, “popular”, “coloquial”, “gíria”); (iii) o efeito de sentido causado (“depreciativo”, “pejorativo”); (iv) ou ainda sua extensão geográfica (por onde os sentidos circulam). Retomando Lara (1996, p. 247-248), historicamente, essa etiquetagem se configura como recurso normativo, visto que adverte o consulente da obra dicionarística sobre seu uso; no entanto, esse mesmo autor admite que, recentemente, as marcas têm se mostrado mais descritivas que normativas, pretendendo situar social, morfológica ou genealogicamente os itens lexicais e os usos registrados.

Nos estudos de Fernandes e Silva (2011), as autoras lembram que

também foi possível levantar novamente questões comuns à elaboração de dicionários, como a constituição da nomenclatura e a atribuição de marcas de uso, que muitas vezes constituem o primeiro e único recurso a que têm acesso os aprendizes, a fim de saber o quê, como e quando empregar as possibilidades oferecidas pela língua no momento de interação, evitando, assim, impropriedades e inadequações (FERNANDES; SILVA, 2011, p. 259).

Não há dúvidas de que as marcas são imprescindíveis aos usuários, pois, graças a elas, consegue-se identificar rapidamente a existência de alguma restrição de sentido de uma determinada unidade lexicográfica; por conseguinte, esse significado passa a ser incorporado, pelo menos temporariamente ao vocabulário do usuário, contribuindo para o desenvolvimento da competência sociolinguística do potencial consulente.

Neste século, observamos que os brasileiros cada vez se mostram mais sensíveis às diversas manifestações discriminatórias, principalmente por influência de movimentos representativos de grupos sociais em função da camada social, etnia, orientação sexual ou religiosa. Frente a essa sociedade mais consciente em que o politicamente correto levanta

discussões muito atuais e necessárias, deparamo-nos com vários itens lexicais cujos sentidos precisam ser etiquetados para alertar ou instruir o falante a bem utilizar a língua. Em meio a esse contexto, salientamos (BERTONHA, 2020a) que a decisão em marcar ou não uma acepção é de grande responsabilidade, pois,

por um lado, o lexicógrafo pode se resguardar sob uma postura científico-descritiva, argumentando que o dicionário, como reflexo da sociedade, deve descrever o léxico associado aos valores sócio-histórico-político-culturais que o constituem; por outro lado, o dicionário pode demonstrar uma ideologia inerente a seu autor que pode levar o consulente a uma compreensão restrita ou particular que possa não corresponder à mesma da sociedade (BERTONHA, 2020a, p. 1252).

Sob essa perspectiva, Seco (2003) menciona a dificuldade em se registrar determinados usos, uma vez que sua presença nas obras lexicográficas se justifica a partir da escolha e consequente papel que o lexicógrafo assume ao registrá-los. Para o autor:

Figuram também entre os leitores de dicionários determinados coletivos, ou melhor, pessoas que se apresentam como seus representantes, que protestam pelo acolhimento no dicionário de entradas ou de sentidos que consideram ofensivos para eles. O problema dessas honradas pessoas consiste em ignorar que o autor do dicionário não inventa esses usos, já que pertencem à língua real, e que seu dever profissional é registrá-los⁶⁷ (SECO, 2003, p. 102).

Fariñas (2001) salienta que é preciso que os consulentes sejam orientados a localizar as marcas de uso já na parte introdutória dos dicionários, além de comentários, exemplos ilustrativos e a indicação sobre onde se encontram no interior do verbete. Seco (2003) ainda acrescenta que suas diferenças devem ser explicitadas claramente para que não se confundam as características denotativas e conotativas.

Para Cinotti (2006, p. 185), “as marcas lexicográficas, além de fornecer informação gramatical sobre a natureza de um determinado tipo de palavra, têm a função privilegiada e fundamental de poder definir melhor o significado ou o alcance do uso de palavras e significados”⁶⁸. Tendo em vista sua reconhecida importância, esse autor também considera que

⁶⁷ Nossa tradução para: “También figuran entre los lectores del diccionario determinados colectivos, o más bien personas que se erigen en representantes suyos, que protestan por la acogida en el diccionario de voces o de sentidos que consideran ofensivos para ellos. El problema de estas honradas personas consiste en ignorar que el autor del diccionario no inventa esos usos, ya que pertenecen a la lengua real, y que su deber profesional es registrarlos.”

⁶⁸ Tradução nossa para: “le marche lessicografiche, oltre a fornire informazioni grammaticali circa la natura di un certo tipo di parola, hanno la funzione privilegiata e fondamentale di poter meglio definire il significato o l’ambito d’uso di parole ed accezioni”.

deveriam ter o conteúdo explícito, de preferência na introdução do dicionário, claramente visível, próximo da lista das marcas.

De acordo com Camacho Barreiro (2008, p. 43), as marcas de uso escolhidas pelos lexicógrafos revelam muito mais do que um temperamento individual, transmitem toda uma gama de interpretações sociológicas e culturais de uma época, de uma identidade e de um imaginário social, assim, “as marcas estão organizadas de certa forma e cumprem funções previamente delimitadas pelos dicionários, porém, na prática lexicográfica, surgem diferenças conceituais e terminológicas em repertórios de caráter e filiação muito diferentes”⁶⁹, a depender da manifestação ideológica em maior ou menor escala do lexicógrafo.

Independentemente da posição adotada por esse profissional, as marcas são recursos utilizados que levam ao consulente diversas informações relativas aos significados das unidades lexicais extremamente úteis para sua compreensão e utilização contextual. A partir delas, as particularidades sobre os sentidos que circulam em uma comunidade linguística são recolhidas, sistematizadas e garantidas para serem perpetuadas (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2010).

É importante que haja, ao se estabelecerem as marcas de uso de uma obra, uma delimitação em favor de uma maior precisão dos significados e também para que se evitem repetições conceituais. Para tanto, Vilarinho (2017, p. 378) menciona que etiquetas como “popular”, “familiar” e “coloquial” poderiam ser condensadas em uma única, sobretudo porque nem sempre o critério de escolha é explicitado e, para que tenham efetividade, a funcionalidade das etiquetas precisa ser compreendida pelo público-alvo.

Essa opacidade acerca da escolha das marcas também é salientada por Castillo Peña (2007), cuja inspiração precisa contemplar a bidirecionalidade da marcação, aspecto que nem sempre é respeitado, quer em obras mono- ou bilíngues. Esse autor ainda nos lembra que as variantes mais marcadas são aquelas que mais se distanciam em relação à língua padrão. Assim,

as formas vulgares, ou seja, unidades lexicais que denotam conteúdo obsceno ou tabu, são extremamente marcadas em relação à língua padrão e são facilmente reconhecíveis já ao nível denotativo, mesmo independentemente do nível linguístico em que se situa o gênero discursivo em que são utilizadas⁷⁰ (CASTILLO PEÑA, 2007, p. 44).

⁶⁹ Tradução nossa para: “las marcas se organizan de una manera determinada y cumplen funciones previamente delimitadas por los diccionaristas, pero en la práctica lexicográfica las diferencias de orden conceptual y terminológico afloran en repertorios de muy diverso carácter y filiación”.

⁷⁰ Tradução nossa para: “las formas vulgares, esto es las unidades léxicas que denotan contenidos obscenos o tabuizados, están extremadamente marcadas con respecto a la lengua estándar y son fácilmente reconocibles ya en el nivel denotativo, incluso con independencia del nivel de lengua en el que se sitúa el género discursivo en el que se utilicen”.

A etiquetagem verificada nas obras lexicográficas revela muita discordância, “o que para um pode ser uma marca de brasileirismo familiar, para outro pode ser considerado como uso informal ou coloquial” (ZAVAGLIA, 2010, p. 87), por isso a importância de parâmetros, não somente para o registro nos verbetes em questão, mas também na *front matter* das obras. Na verdade, essa ainda é uma temática carente de estudos e bastante controversa nos dicionários. Estamos em conformidade com Zavaglia (2010) ao salientar que

é desejável que os dicionários monolíngues de língua geral tragam essas marcas de uso, mas é necessário também que o consultante tenha em mente a dificuldade enfrentada pelo lexicógrafo ao registrá-las em seus verbetes. Para isso, o lexicógrafo deveria, na introdução de sua obra, deixar bem claro a sua posição quanto a esse campo, além de explicar o uso e a forma de apresentação dos termos em sua marcação (ZAVAGLIA, 2010, p. 88).

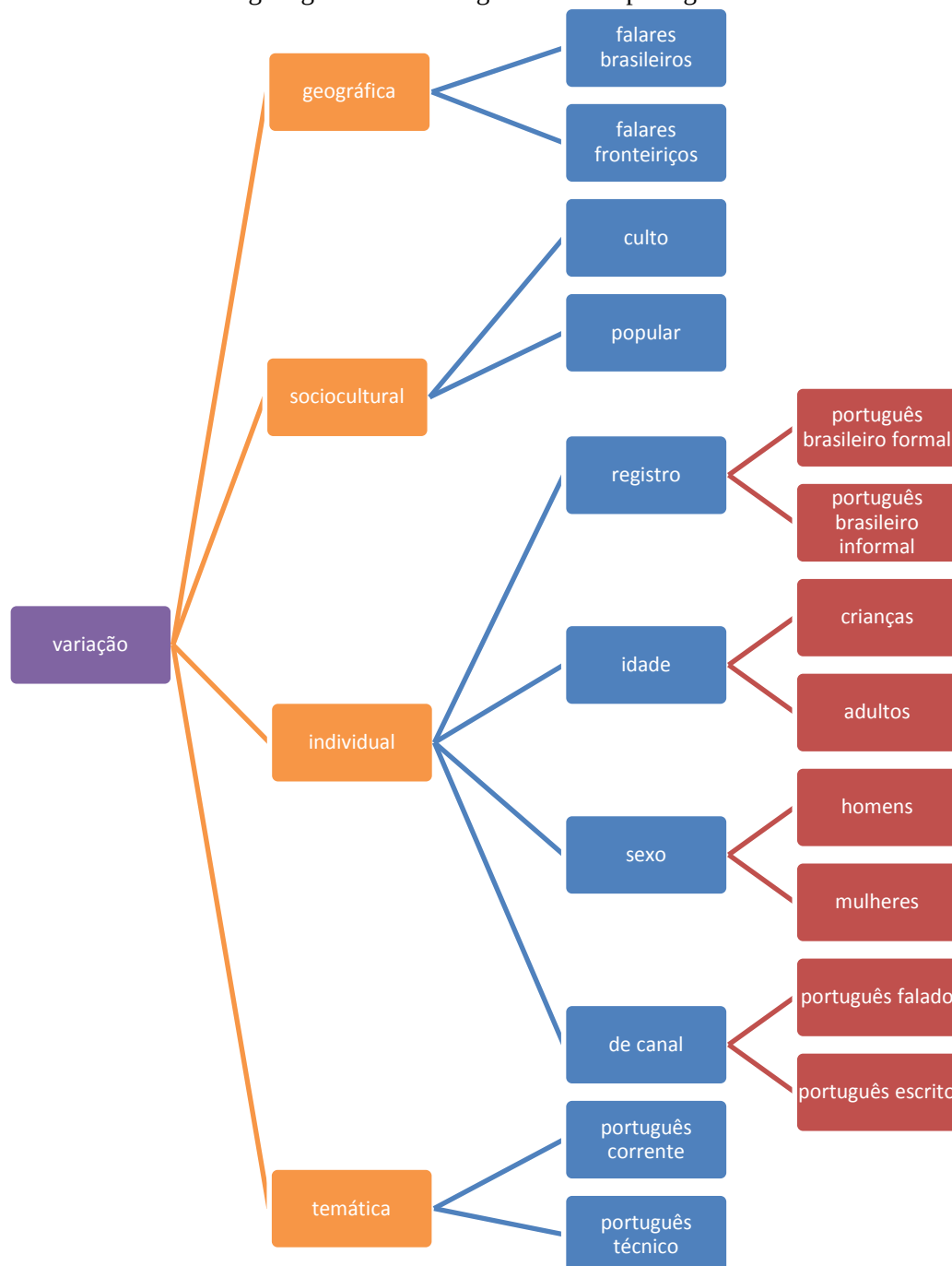
Essa autora reconhece que a falta de uniformidade para a etiquetagem perpassa os vários tipos de produtos lexicográficos, o que pode gerar dúvidas tanto para jovens estudantes quanto para consultantes profissionais. Conforme aponta Riboldi (2012), aos itens lexicais são atribuídos valores éticos, os quais podem sofrer alterações no decorrer do tempo em razão de mudanças dos hábitos sociais, por isso a presença das marcas de uso pode variar nos dicionários. Principalmente, quando a sociedade passa por momentos de retrocesso em sua moral, aspecto que irá influenciar no registro das unidades lexicais e, por conseguinte, alguns sentidos podem sofrer desaparecimento, dentre eles as “formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos” (PRETI, 1984, p. 3).

Dentre as diversas tarefas do lexicógrafo, Zavaglia (2016) reforça que ainda é sua a empreitada de desideologizar as obras dicionarísticas, por meio da redação de definições mais racionais e neutras possíveis, refletindo a realidade do léxico utilizado pela sociedade de maneira mais precisa. Esse profissional deve ser sensível para perceber as mudanças decorrentes da evolução social para registrar as unidades e seus sentidos presentes nos discursos.

Sob a perspectiva sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (2019) advogam que não é possível refletir sobre as línguas sem levar em consideração seus falantes, os quais estão inseridos em determinados contextos socioculturais. Portanto, a variação linguística não ocorre única e exclusivamente em razão de fatores internos a um sistema linguístico, mas há uma forte motivação a partir de fatores condicionantes sociais, os quais podemos evidenciar pela inserção de marcas de uso nos verbetes.

Nessa esteira, ao se elaborar um produto lexicográfico, é necessário inserir marcas que vão alertar o consulente acerca das restrições de uso das acepções de acordo com a variação linguística identificada sob vários aspectos, como podemos notar pelo Organograma 5:

Organograma 5. Heterogeneidade do português brasileiro



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Castilho (2016).

Sob a perspectiva de Castilho (2016), a variante brasileira da língua portuguesa pode apresentar uma heterogeneidade em termos geográficos, socioculturais ou mesmo individuais

e ainda temáticos, a partir dos quais podem ocorrer outras subdivisões, que nos auxiliam para melhor compreender as diversas variáveis que constituem a língua.

Observa-se que precisamos ter em mente fatores bastante diversificados e, nesse sentido, considerando as várias possibilidades de se indicar restrições de uso das unidades lexicais, podemos agrupá-las para melhor entender sua dinamicidade como recurso lexicográfico favorável às demandas linguísticas dos dicionários. Logo, podemos subdividir as marcas em diacrônicas, diatópicas, semânticas, terminológicas, diafásicas e diastráticas. Iniciemos por tratar daquelas que dizem respeito ao transcorrer do tempo.

3.1.1 Marcas temporais (diacrônicas)

A respeito do tempo cronológico, as marcas de uso (conhecidas como marcas diacrônicas) indicam se o sentido da unidade lexicográfica é obsoleto, arcaico, antiquado, desusado, ou mesmo pouco usado, aspecto que se torna uma atribuição muito difícil, pois, para empregá-las, é preciso determinar com precisão quando um item lexical tem seu uso diminuído e, conseqüentemente, deixa de ser usado. De acordo com Strehler (1998, p. 176), “decidir se uma palavra merece a marca de uso “velho” ou “envelhecido” pode ser uma tarefa delicada. Sobretudo se os autores têm poucos meios logísticos para observar a evolução do léxico, época por época”.

Do ponto de vista sociolinguístico, Weinreich, Labov e Herzog (2019) destacam como ponto-chave o inter-relacionamento que envolve variação, mudança e o pressuposto de que essa modificação pode ocorrer no percurso de sua efetivação, quer dizer, a mudança é inevitável nas línguas, ela é uma variação linguística com características particulares (que dizem respeito às restrições de uso dos vocábulos). Desse modo,

velhas e novas formas variantes rivalizam num mesmo momento de tempo e essa alternância pode representar uma transição para um outro estado de língua. Essa transmissão pode ser percebida principalmente no controle social da variação, na sua distribuição pelos diferentes estratos sociais da população analisada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2019, p. 139).

Para se observar essa movimentação de vocábulos ou de sentidos que possuem particularidades, a Linguística de *Corpus* parece-nos um bom caminho para assegurar maior precisão na convencionalização de um sentido: se é ou já não é mais corrente na língua em análise, justamente pela confirmação dos extratos retirados do *corpus*.

Para Cano (2010), “arcaísmo” é uma marca empregada para os itens lexicais que possuem um aspecto de pertencerem ao passado, cabendo ao dicionário ressaltar seu maior ou menor uso na atualidade, pois

é papel do dicionário de língua marcar uma palavra quando esta não é mais utilizada nos dias de hoje, mas é preciso que o dicionário seja coerente quanto ao emprego dessas referidas marcas. Sabemos que os dicionários da contemporaneidade seguem os clássicos. E entre os clássicos já havia confusão entre os conceitos *antigo* e *antiquado* (CANO, 2010, p. 354).

Essa autora ainda destaca que há dicionários, como o Aurélio, que não esclarecem os critérios utilizados para fazer a distinção entre suas marcas; além disso, o maior problema se refere ao recorte temporal. Consequentemente, como determinar essa localização no tempo? Quando um item lexical desaparece completamente em todos os gêneros textuais? Ou em todos os limites geográficos de uma comunidade linguística? E sobre a frequência de uso? Qual seria essa medida para se atestar que uma unidade caiu em desuso? Essas são questões que só serão respondidas por meio de estudos detalhados do léxico do Brasil.

Passemos para as marcas que correspondem ao nível espacial nas relações humanas.

3.1.2 Marcas espaciais (diatópicas)

Outro desafio ao lexicógrafo é atestar que determinado sentido pertença a esta ou àquela localização espacial, pois as marcas diatópicas (que são atribuídas a regiões geográficas), de acordo com Strehler (1998, p. 176), ao serem incluídas, não garantem completamente seu nível de restrição, visto que é questionável o grau de fiabilidade das informações relacionadas a elas, já que a carência de dados conclusivos pode servir de obstáculo para que o lexicógrafo consiga precisar a dimensão territorial em que o sentido da unidade lexicográfica se apresenta e é utilizado.

É necessário lembrar que, nos primórdios da produção lexicográfica brasileira, a partir da fundação (1897) da Academia Brasileira de Letras (ABL), seu fundador, Machado de Assis deu início à constituição de um vocabulário de brasileirismos, projeto não levado a cabo (BIDERMAN, 2003). Mais tarde, outro importante lexicógrafo, Laudelino de Freire, propôs um projeto à Academia, porém, diante da negativa, organizou uma equipe de trabalho e, em 1939 e 1944, respectivamente, publicou os cinco volumes de seu dicionário de língua – *O Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* – que também se preocupava com a indicação das restrições de uso, sobretudo as marcas técnicas e diatópicas (lusitanismos, afro-

lusitanismos e asio-lusitanismos), de modo a indicar que aquilo que não é do Brasil é considerado diferente, logo, precisam ter suas limitações destacadas (CARMO, 2015).

Parece-nos uma questão espinhosa quando se trata de rotular um item lexical como sendo um regionalismo; de fato, é uma matéria que requer bastante rigor para seu estabelecimento, exigindo-se uma pesquisa de campo capaz de alcançar toda a extensão geográfica do Brasil para conseguir dirimir dúvidas lexicais. Da mesma forma que não é simples marcar, cronologicamente, com precisão, o sentido de uma unidade: o que é obsoleto? E arcaico? Também não é fácil delimitá-la geograficamente, sobretudo pela dimensão continental do Brasil. Porém, há lexias que são mais frequentes/usadas em determinadas regiões.

Com relação ao emprego das marcas de uso no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (CASTELEIRO *et. al.*, 2001), foram ressaltados sentidos considerados como regionalismos, em Portugal, além de marcar brasileirismos, africanismos e asiaticismos, o que, segundo Biderman (2003), pode ser questionável e discutível, pois seria preciso verificar suas fontes de informação. Para Biderman (2002, p. 100),

a marca de uso *brasileirismo* só se justifica dentro de uma perspectiva do português como língua internacional por oposição às demais variedades do Português (da Europa, da África e da Ásia). Ou então para um dicionário da variedade europeia como é o caso do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa que descreve o léxico do português europeu e deve naturalmente marcar vocábulos e/ou expressões típicos do Brasil (BIDERMAN, 2002, p. 100).

Da mesma forma como Pires de Oliveira (1998), constatamos que os itens lexicais utilizados por determinado grupo social se apresentam condicionados quer pelo espaço físico, quer pelas circunstâncias econômicas, políticas, culturais, étnicas e sociais próprias de uma certa comunidade linguística, revelando a estrutura social de um povo por meio de suas exigências pragmáticas.

Biderman (2002, p. 100) reforça que não há um controle prático e direto que possa calcular a legitimidade do registro, como por exemplo: qual a abrangência de uso de um item lexical? Há registros que ocorrem pela curiosidade de seu lexicógrafo? Qual o nível de rigor científico para que se faça um registro? Essas questões nos levam a pensar se todos os parâmetros empregados são confiáveis ou não, portanto, resta-nos presumir sem podermos conferir.

No que diz respeito às variantes existentes apenas em um determinado país, por exemplo, variantes brasileiras, essas unidades serão registradas conforme haja um desejo por se elaborar um dicionário de língua geral que pretenda ser uma obra que abarque todos os países falantes dessa língua – Houaiss, ao marcar “brasileirismo” revela essa pretensão. Para tanto, é preciso que a obra se baseie em um *corpus* abrangente a todos os países falantes de determinada língua a fim de que possam ser coletadas e lematizadas suas variantes e, na sequência, serem marcadas diatopicamente. Sobre isso, Biderman (2000) aponta como algo controverso e questiona:

No caso de línguas que possuem duas ou mais variedades linguísticas nacionais com normas lingüísticas diversas, deve o dicionário registrar as outras variedades que não a da comunidade nacional para a qual foi elaborado o dicionário? [...] No caso do português, pergunto-me se já estamos preparados cientificamente para [incluir as variedades nacionais], uma vez que as pesquisas léxicas sobre as variedades do português ainda são insuficientes e não estão disponíveis (BIDERMAN, 2000, p. 34).

Essa autora aponta que houve a elaboração de um dicionário português – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), da Academia de Ciências de Lisboa – que tinha a pretensão de servir a todos os países lusófonos, entretanto, esse “dicionário-padrão” da língua portuguesa se apresentou voltado ao público português, significando que não se constitui em um dicionário para ser plenamente adotado no Brasil, e nos outros países lusófonos, como um dicionário-padrão. Além disso, também não há a informação de que tenha sido baseado em um *corpus* amplo de todos os países de língua portuguesa ao lematizar suas 70.000 entradas.

Cada povo tem seus valores representativos da realidade transformados pelos fatores geográficos, históricos, políticos e culturais, sendo que os dicionários os destacam pelas marcas de uso. Portanto, sobre a variação no nível lexical, Isquierdo (2003, p. 166) afirma que “a marca dialetal no âmbito do vocabulário de um grupo sócio-linguístico-cultural relaciona-se diretamente à variação espacial (regionalismo) e à variação temporal (arcaísmo)”. Além disso, essa autora aponta que, acerca do uso de “brasileirismo”,

podemos conceber o brasileirismo tanto como os fatos linguísticos característicos da variante brasileira em oposição à europeia, como aquelas marcas linguísticas regionais que se opõem à norma tomada como padrão nacional. Nesta última acepção, brasileirismo equivale a regionalismo (ISQUERDO, 2003, p. 168).

Três anos mais tarde, Isquierdo (2006) novamente aborda o conceito de brasileirismo e discute sobre os regionalismos trazendo à luz reflexões de D’Albuquerque ([1945?], p. 40 *apud*

ISQUERDO, 2006) em que se propõem duas classificações dos brasileirismos: a) os gerais (presentes e frequentes por todo o Brasil); b) e os regionais (mineirismos, sulismos, nortismos, baianismos, gauchismos etc.). Essa categorização se aproxima daquela entendida por Mattoso Câmara Jr. (1964a).

Na perspectiva de Mattoso Câmara Jr. (1964a, p. 66), “brasileirismo” corresponde a

qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser: a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um vulgarismo, ou estar aceito na norma linguística espontânea (MATTOSO CÂMARA JR., 1964a, p. 66).

Acerca desses pontos de vista, observamos que Biderman (2000) e Isquerdo (2006) entendem “brasileirismo” como algo próprio do português brasileiro em contraste com a variante europeia. Já D’Albuquerque (1945) e Câmara Jr. (1964b) preferem distinguir entre itens lexicais do “brasileirismo geral” (cuja extensão se dá por todo o território brasileiro) e do “brasileirismo regional” (restritos a uma região do Brasil).

No entanto, Biderman (2000) ainda reforça que se uma unidade é utilizada por todo o Brasil não haveria razões para sua marcação, uma vez que é a exceção regional que precisa ser destacada ao consulente, a não ser que o lexicógrafo almeje que sua obra alcance os outros falantes da língua portuguesa, não se faz necessária a marca “brasileirismo geral”.

Sobre a marcação diatópica, Silva e Schinelo (2014, p. 178) lembram que as dimensões continentais do Brasil juntamente à formação das regiões brasileiras favorecem nossa variação linguística, sendo que “algumas localidades são caracterizadas por um falar peculiar, com traços léxico-discursivos que permitem ao falante revelar seu mundo a partir de sua comunidade linguística”. E complementam que essa particularidade “permite, do mesmo modo, ao linguista, entender a história e os sentidos que vão se formando no mover dessa língua no tempo e no espaço”.

Por um olhar sociolinguístico, Castilho (2016) nos lembra que

há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística. Portugueses e brasileiros não falam do mesmo jeito, brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul tampouco falam exatamente do mesmo jeito. [...] De todas as variedades do português, a variedade geográfica é a mais perceptível (CASTILHO, 2016, p. 198).

Segundo Castilho (2016), nos espaços geográficos, ocorre variação linguística influenciada por fatores condicionantes vivenciados pelos falantes levando a uma espécie de eleição de um vocábulo ou de um sentido que se institucionaliza como padrão em detrimento de outro(s) que fica(m) à margem, mas que precisa(m) de reconhecimento, o qual pode ser legitimado pelo lexicógrafo em seu dicionário.

Por fim, entendemos que as obras dicionarísticas que pretendem colocar-se no posto de dicionário de língua geral para brasileiros não deveriam etiquetar “brasileirismo”, mas sim “regionalismo” conforme se avança nas pesquisas geolexicográficas nas regiões e estados brasileiros.

Vejamos, a seguir, as marcas que indicam restrições semânticas nas acepções das palavras-entrada.

3.1.3 Marcas semânticas

Segundo Garriga Escribano (2003), a etiquetagem de transição semântica serve para limitar o uso lexical quando a unidade é empregada em sentido figurado. De maneira geral, Porto Dapena (2002) esclarece que as obras dicionarísticas utilizam “fig.” (figurado), porém, sem especificar a razão de terem o sentido modificado, quer dizer, se deriva de metonímia, de uma metáfora etc., o que leva a um problema acerca do tipo de informação que abarca.

Basicamente, um sentido figurado surge de um significado denotativo que produz outro(s). Porto Dapena (2002) ainda menciona que, nos dicionários da língua espanhola, a marca de uso “figurado” possui um alto uso, embora seja difícil precisar quando um sentido se origina de outro (por exemplo, por dificuldades em atestar sua etimologia), pelo desconhecimento sobre o fato de qual dos dois teria surgido antes. Essa dificuldade de se precisar o critério decidido nos dicionários para aplicar o rótulo “figurado” também é levantado por Casares (1992) ao afirmar “que a abreviatura *fig.* esbanja-se muito nos dicionários, mas de maneira pouco cuidadosa” (CASARES, 1992 *apud* GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 119).

No que diz respeito ao sentido que leva à transição semântica, tanto pesquisar quanto fazer uma escolha bem fundamentada do significado prototípico em um repertório lexical, que consiga abarcar as evoluções semânticas da unidade lexical e do seu desenvolvimento cronológico, requer um esforço hercúleo que, pela própria natureza, não tende a ter os resultados desejados.

A princípio, o significado da marca “figurado” pode se tornar um recurso perigoso em um dicionário, uma vez que sobrepõe um critério evolutivo que, por vezes, leva a colocar significados que não são os mais utilizados em primeiro lugar.

Tomemos como exemplo as unidades “borrar” e “cagar”, inicialmente, verificando sua frequência na Gráfico 2:



Fonte: Google Trends

(<https://trends.google.com.br/trends/explore?cat=14&geo=BR&q=borrar,cagar>).

Trouxemos um gráfico que demonstra a frequência de buscas dos usuários nos últimos 18 anos (desde 2004), entre duas unidades lexicais (neste caso), sendo que, em boa parte do período, a segunda se manteve em mais evidência, por isso substituí-la ou mesmo suprimi-la destoa ou atenua o impacto comunicativo entre os indivíduos. O gráfico é mais uma ferramenta que auxilia os lexicógrafos a se certificarem dos usos sociais e, por isso, são sentidos que não devem ser omitidos dos consulentes, ao contrário, precisam estar presentes nos dicionários com as marcas que alertem sobre seu uso. Nesse gráfico, é possível verificar o quão frequente as unidades lexicográficas têm se apresentado no *Google*, de janeiro de 2004 até outubro de 2021, sendo a segunda aquela de maior número de buscas feitas pela sociedade.

Com relação à transição semântica, seguimos a verificação da marca “figurado” nas acepções dos verbetes⁷¹ no Quadro 7:

⁷¹ Para recuperar o significado das siglas que se apresentam nas próximas páginas, lembramos que: AU = Aurélio; AUjr = Aurélio Júnior; CAv = Dicionário Caldas Aulete virtual; DAI = Dicionário Aurélio Ilustrado; DIP = Dicionário Ilustrado de Português; DUPC = Dicionário Unesp do Português Contemporâneo; FB = Fala Brasil!; HO = Houaiss; HOc = Houaiss Conciso; HOv = Houaiss virtual; MI = Michaelis; NAu = Novíssimo Aulete; PV = Palavrinha Viva; SJ = Saraiva Jovem.

Quadro 7. Destaque para a marca de uso “Fig.” nas acepções das entradas “borrar” e “cagar”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AUjr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
<i>borrar</i>	X	X	X	X	POP	X	Fig Gro IN	Lus Fig POP GÍR PEJ	Ø	COL	CH	Ap Fig Lit IN PEJ tabu	Lus Fig POP GÍR PEJ	Ap Lus Fig Lit IN PEJ tabu
<i>cagar</i>	X	X	X	X	CH	Fig VU	Fig B	Fig B tabu	Ø	CH	FAM POP CH	Fig Reg. B IN tabu ⁷²	B Fig	B Fig IN tabu ⁷³

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tanto “borrar” quanto “cagar” possuem o sentido figurado marcado nos mesmos dicionários, sendo que, em SJ, “borrar” não está lematizada. Em HOc, há ainda a etiqueta “grosseiro” para dois sentidos (2 e 4) e, em NAu, essas mesmas acepções (neste caso, 4 e 5) são mais atenuadas pelos rótulos “popular”, “figurado” e “gíria”. Quando consideramos um sinônimo, como “cagar”, deparamo-nos com esses mesmos sentidos dicionarizados (defecar ou expelir fezes) etiquetados por seus limites de uso “vulgar” (em SJ), “chulo” (em AUjr) e “tabu” (em NAu).

Se por um lado esse claro uso de variados rótulos é algo positivo, também é negativo o não esclarecimento das características da marcação realizada pelos lexicógrafos (“gíria”, “figurado”, “popular”, “vulgar”, “chulo” e “tabu”), uma vez que não há balizas divisórias que estabeleçam diferenças semântico-pragmáticas aos consulentes. Possivelmente, essas balizas divisórias, caso existam, são ultrapassadas a depender de quem faça uso ou por onde o sentido marcado circule, assim, se a marcação for didaticamente explicada na *front matter* e coerentemente aplicada nos verbetes, seria uma possibilidade de amenizar o problema.

Essa divergência, por vezes discrepante entre o uso linguístico e a evolução comunicativa, vem sendo salientada por Muñoz Núñez (1999, p. 188-189), que se volta à marca “figurado” em dicionários espanhóis, sobretudo o *Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española* (DRAE), pois, de fato, os significados são “pouco ou nada frequentes, uma vez que pertencem a certos campos específicos e, portanto, não são partilhados por todos os falantes de uma comunidade linguística, o que vai contra o critério acadêmico segundo o qual

⁷² Neste dicionário, há indicação de que todas as seis acepções se apresentam marcadas por duas etiquetas (“informal” e “tabuismo”), essa incongruência lexicográfica nos causa estranheza.

⁷³ Neste dicionário, há indicação de que todas as nove acepções se apresentam marcadas por duas etiquetas (“informal” e “tabuismo”), essa incongruência lexicográfica nos causa estranheza.

os usos figurativos ocupam um certo lugar em comparação com os significados do uso corrente ou outros”⁷⁴ (MUÑOZ NÚÑEZ, 1999, p. 83).

Ao compararmos os sentidos dessas duas palavras-entrada, a marca “figurado” é mais utilizada em “cagar”, porém, como vemos no Quadro 8, a transição semântica que se pretende ressaltar pelo uso de “figurado” não está textualmente evidente para o usuário:

Quadro 8. Acepções marcadas por “fig.”

entrada	SJ	HOc	NAu	HO	CAv	HOv
<i>borrar</i>	X	“fig. gros. 4 ter medo; apavorar-se” (p. 135)	“3 Fig. Pintar mal tem, fazer pintura tosca em” (p. 235)	“5 Derivação: sentido figurado. Uso: informal. ter medo; estar apavorado”	“3. Fig. Pintar mal em, fazer pintura tosca em. 4. Pop. Fig. Defecar. 5. Gír. Fig. Ficar aterrorizado, em pânico.”	“2 pron.; fig.; infrm. ter medo; estar apavorado. 8 t.d.; fig.; pej. produzir (texto sem importância)”
<i>cagar</i>	“3. fig. apavorar-se 4. fig. vulg. não dar importância para algo” (p. 160)	“fig. gros. 3 (prep. para) não dar importância; desprezar” (p. 150)	“3 Fig. Expressar; lançar (ordens, regras, opiniões etc.) com arrogância. 4 Fig. Ter medo, ficar apavorado, acovardar-se; BORRAR-SE. 5 Bras. Fig. Não dar importância a. 6 Bras. Fig. Fazer mal, sem capricho (trabalho, tarefa etc.). 9 Fig. Dar muita sorte” (p. 259)	“4 Derivação: sentido figurado. Regionalismo o: Brasil. fazer (algo) atamancada mente. 5 Derivação: sentido figurado. Regionalismo o: Brasil. não dar importância a; desprezar”	“3. Fig. Expressar, lançar (ordens, regras, opiniões etc.) com arrogância. 4. Fig. Ter medo, ficar apavorado, acovardar-se; BORRAR-SE. 5. Bras. Fig. Não dar importância a. 6. Bras. Fig. Fazer mal, sem capricho (trabalho, tarefa etc.). 9. Fig. Dar muita sorte.”	“4 t.d. e t.i. (prep.: com); fig.; B confundir; baralhar. 5 t.d. e t.i. (prep.: com); fig.; B alterar (um sucesso, um processo, um fato) contra o interesse ou as conveniências de alguém. 6 t.d. e t.i. (prep.: com); fig.; B fazer ou concluir às pressas e sem cuidado. 7 t.i. (prep.: em, para); fig.; B não dar importância a; desprezar. 9 pron.; fig.; B sair-se mal; foder-se”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o Quadro 8, notamos que, nas acepções da entrada “borrar”, são dicionarizados os sentidos figurados “ter medo”, “pintar mal”, “defecar” e de “escrever mal um texto”; e em “cagar”, além daqueles destacados em “borrar”, também são figurados “não dar importância a algo”, “manifestar-se com arrogância”, “confundir”, “alterar algo contra alguém” e “sair-se mal”. Parece-nos que aquilo que determina o aparecimento dessa marca é a transição significativa que vai, por quaisquer razões semânticas, do concreto para o abstrato, baseando-

⁷⁴ Tradução nossa para “poco o nada frecuentes, ya que pertenecen a determinados ámbitos específicos, y por tanto, no compartidas por todos los hablantes de una comunidad lingüística, lo cual va en contra del criterio académico según el cual los usos figurados ocupan un lugar determinado frente a las acepciones de uso corriente u otras”.

se em critérios arbitrários e não científicos, embora seja possível realizar pesquisas empíricas, considerando aspectos cognitivos e semânticos para atestar amostras.

É evidente que todo e qualquer tipo de proposta de marcação implica em uma reflexão prévia, de modo aprofundado, a respeito do conteúdo e a forma de disponibilizá-lo na microestrutura. Talvez, seja uma questão de se analisar qual a função da acepção figurada na obra dicionarística que esteja sendo delineada, a depender de sua elaboração, mais sincrônica (recorte vertical) ou mais diacrônica (recorte horizontal) da língua, para tentar diminuir esta que é uma das inúmeras dificuldades lexicográficas.

Seguimos para as marcas terminológicas, que advertem a respeito dos usos nas mais diversas áreas de especialidade.

3.1.4 Marcas terminológicas (diatécnicas)

A utilização das marcas diatécnicas tem se apresentado, cada vez mais, nos dicionários, dado que são marcas que remetem a termos técnicos ou tecnicismos, expandem-se em razão de sua presença nas mais diversas áreas de especialidades, é uma demanda crescente. De acordo com Porto Dapena (2002, p. 263), deveriam ser chamadas de marcas terminológicas, pois indicam que um item lexical pertence a determinado campo terminológico, tais como filosofia, antropologia, mecânica, náutica, zoologia, entre outros.

Essas são marcas que se relacionam a situações de especialidade ou de tecnicidade, pois se encontram em contextos em que os consulentes identificam a área técnica. Esse fato linguístico implica em um item lexical que passa a figurar em um dicionário de língua geral, o que não está diretamente ligado ao emprego das marcas de uso. Em meio a uma sociedade cada vez mais técnica, as acepções das áreas de especialidades se apresentam mais frequentes nos dicionários de língua geral.

Strehler (2014, p. 115) pontua que os itens lexicais gerados em diversos contextos comunicativos são percebidos como produto de atividades específicas, sendo que esses contextos podem produzir termos empregáveis de modo informal. A título de exemplificação, temos a entrada “biscoito” em nossos quatro dicionários do Tipo 2, no AUjr e no HOc, em que não constam marcas de uso; no entanto, como marcas diatécnicas, naturalmente, encontramos “culinária” no SJ, NAu, AU, CAv, HO e HOv; “brasileirismo automobilismo” em AU; e, por fim, “química” em HOv. Esse autor questiona que essa entrada apresenta uma de suas acepções correspondente à automecânica para designar a “junta do cano de descarga”, o que, para essa área, é um termo informal, porém, como verificamos, não está dicionarizada em nenhuma das obras do *corpus* em estudo.

Outro ponto a ser considerado é identificar o nível de precisão do termo em um dicionário de língua geral. Por exemplo, marcar “medicina” (*med.*) pode não ser suficiente para a busca do consulente, por isso, talvez, seja prudente oferecer a subárea como “medicina patologia” (*med. patol.*), “medicina dermatologia” (*med. derm.*) etc., pois, como é uma obra que visa atender ao consulente leigo, possa ser mais esclarecedor e também otimizar o tempo de busca.

Pelo exemplo de “biscoito”, nota-se que ocorre um distanciamento do nível linguístico não marcado, portanto, não é possível afirmar que determinado item lexical pertença apenas a esta ou àquela área de especialidade pelo simples fato de derivar de um meio social específico.

Esse tipo de etiquetagem está diretamente relacionado a vários profissionais, sobretudo aos tradutores, pois, durante o processo tradutório, muitos termos se apresentam diante deles, assim, de acordo com Bertonha e Zavaglia (2022a),

as marcas de uso presentes em microestruturas de dicionários são uma forte aliada ao processo tradutório, conforme pode ser notado a respeito dos diferentes graus de envolvimento terminológico que os tradutores podem se deparar durante o processo tradutório de seus textos. Um olhar atencioso às marcas de uso permitirá que o tradutor conheça bem o funcionamento dos termos nas variadas situações comunicativas em que se manifestam. Nesse sentido, fica assegurado que os textos traduzidos se mantenham apropriados tanto do ponto de vista linguístico quanto do especializado (BERTONHA; ZAVAGLIA, 2022a, p. 83).

Por fim, como ressalta Barbosa (2004), é necessário destacar a relação intrínseca entre o vocábulo e o termo, presentes na microestrutura, o consequente enriquecimento vocabular do consulente e precisão maior no uso desses itens lexicais na passagem de via dupla da língua geral para a de especialidade, e vice-versa.

O próximo e último agrupamento corresponde às subdivisões que mais dúvidas geram não apenas nos consulentes, mas também nos lexicógrafos, são aquelas em que mais se observam divergências lexicográficas em termos de categorização, pois seus limites de sentido tendem a não serem entendidos da mesma maneira pelos estudiosos.

3.1.5 Marcas de registro: formalidade (diafásicas) e estrato social (diastráticas)

Tanto as diafásicas quanto diastráticas são marcas que geram dúvidas não em termos do que sejam, mas a respeito de como os sentidos podem ser enquadrados nelas, pois, a depender do significado, uma etiqueta tida como diastrática pode ser, na verdade, diafásica.

Por isso, acreditamos que seja produtivo que a perspectiva sociolinguística se faça presente neste momento da tese. Devemos ressaltar que essa área do conhecimento linguístico

faz uso de outros termos quando se refere à variação, pois seus estudiosos tratam da variação no grau de formalidade (o que consideramos, na Lexicografia, variação diafásica) e variação no âmbito social (para nós, na Lexicografia, variação diastrática). Castilho (2016), ao tratar da variação individual, afirma que

diferentes graus de intensidade caracterizam o espaço social interindividual. A língua produzida segundo esse eixo é denominada *registro*, em que se reconhece o PB [português brasileiro]⁷⁵ informal (ou coloquial) e o PB [português brasileiro]⁷⁶ formal (ou refletido). Falamos inteiramente “à vontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar, quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações (CASTILHO, 2016, p. 211).

Essa perspectiva de Castilho (2016) leva-nos a refletir sobre o fato de que a variação pode ocorrer em função de diversos fatores, tais como registro, sexo, idade, nível socioeconômico, assim, com relação às marcas de registro diafásicas, trata-se de pensar na língua corrente (informal) *versus* a língua elevada (formal) – etiquetas que se relacionam à situação contextual de modo que os falantes fazem uso de registros de itens lexicais diferentes a depender das circunstâncias em que a situação comunicativa se desenvolve.

Sob esse ponto de vista, as marcas diafásicas “formal” e “informal” se referem a uma escolha linguística individual, que não é aleatória, quer dizer, o falante ou consulente decide pelo uso de uma determinada variante em detrimento a outra, tendo em vista que a “língua varia não só conforme as características sociais do falante, mas também segundo o contexto social e interacional em que ele se encontra” (BAGNO, 2017, p. 83, s. v.⁷⁷ *diafásico*).

De acordo com Coseriu (1981, p. 12), a diafasia corresponde a “diferenças entre os tipos de modalidade expressiva conforme as circunstâncias da fala (falante, ouvinte, situação ou ocasião da fala e do assunto do que se fala)”⁷⁸. À vista disso, essas marcas corroboram para que o consulente faça uso de distintos registros de língua em razão das circunstâncias em que se apresentam as possibilidades de interação verbal.

Para Casas Gómez (1993, p. 108), as modalidades expressivas, como idade e sexo dos falantes, entre outros, “devem também ser tratadas em uma linguística voltada ao falar, uma

⁷⁵ Acréscimo nosso.

⁷⁶ Acréscimo nosso.

⁷⁷ Do latim *sub voce* (“sob o lema”).

⁷⁸ Tradução nossa para “diferencias entre los tipos de modalidad expresiva, según las circunstancias constantes del hablar (hablante, oyente, situación u ocasión del hablar y asunto del que se habla)”.

vez que, uma perspectiva pragmática, envolvem [...] certas estratégias comunicativas do falante em relação aos diferentes tipos de ouvintes, de acordo com as várias ‘circunstâncias típicas da fala’ (assunto, momento da fala etc.)⁷⁹”.

As unidades lexicais diafásicas podem ser identificadas como

palavras ou expressões triviais, corriqueiras na oralidade, portanto, não convencionais e não frequentes nos textos escritos. Essas unidades são dificilmente reconhecidas pelo falante como pertencentes ao universo dos falantes letrados e enfrentam dificuldade de identidade linguística gerada pelas transformações recorrentes no uso delas na oralidade (SILVA; SCHINELO, 2014, p. 176).

Essas autoras destacam que esses vocábulos representam um “acontecer linguístico manifestado no texto e pleno de discursos marcados socioculturalmente”, quer dizer, a relevância deles, suas relações com o ambiente de trabalho, de poder, de dominação, entre outras, são aspectos singulares para cada comunidade linguística que motivam o “processo definicional bem como a nomeação” (SILVA; SCHINELO, 2014, p. 180). Elas ainda evidenciam a importância de serem estudados em razão de serem unidades que, em outras épocas,

eram marginalizadas no meio institucional e constavam na variedade escrita somente das seções: “erros de português”, “palavras a evitar”, “uso abusivo”, uso informal / coloquial / familiar / popular etc. Os dicionários, por sua vez, quase sempre privilegiam a língua escrita em detrimento da oral e isso também transparece quando ocorre o registro dessas unidades, nas marcas de uso atribuídas a elas (SILVA; SCHINELO, 2014, p. 182).

Já as marcas que se referem a um estrato social específico são conhecidas como diastráticas. Segundo Porto Dapena (2002), a tradição lexicográfica as categoriza de maneira imprecisa, visto que as obras dicionarísticas, em geral, não definem claramente cada uma delas. Para Strehler (1998), ambas são tratadas como marcas sociais por serem referentes aos níveis de linguagem e se referirem à percepção dos diferentes registros pelos consulentes.

Acerca das marcas diastráticas, é preciso que o consulente tenha claro o uso social de determinada unidade lexical para obter êxito comunicativo, sendo que, por exemplo, desejando-se compreender o uso de um item lexical tabuizado,

⁷⁹ Tradução nossa para “deben ser tratadas igualmente en una lingüística del hablar, ya que, desde una perspectiva pragmática, suponen [...] determinadas estrategias comunicativas del hablante en relación con distintos tipos de oyentes, según las variadas ‘circunstancias típicas del hablar’ (asunto, ocasión del hablar, etc.)”.

para estrangeiros que estejam aprendendo o português, a meu ver, é essencial informar-lhes que ao empregar a unidade lexical *caralho*, mesmo em intensificadores do tipo *pra caralho*, em diálogos informais, eles estarão empregando uma unidade lexical considerada chula e um tabuísmo em nossa língua (ZAVAGLIA, 2012, p. 258, grifos da autora).

Vocábulos que possuem marcas diastráticas não apenas devem ser considerados pelo seu contexto sócio-histórico pelo qual percorrem, mas também à expectativa gerada pelo falante e ouvinte, respectivamente, sobre aquilo que diz e que ouve.

Vemos, então, que, em certas *situações de comunicação*, vocábulos cultos (ou seja, pertencentes à variante de maior prestígio social) revelam-se de baixo prestígio, são confundidos até com injúrias; enquanto em outras situações, palavras de fundo injurioso são consideradas absolutamente necessárias para a interação e, portanto, revelam-se de maior prestígio na prática social (PRETI, 2003, p. 66, grifos do autor).

A depender da distensão das perspectiva morais, decorrem “as diversas aberturas do comportamento social, sobretudo o relaxamento de normas de conduta moral favorecem a expansão dos chulismos” (BORBA, 2003, p. 138).

Tendo em vista essa caracterização que trouxemos acerca dos agrupamentos de etiquetagem, seguimos para verificar qual o conceito das marcas utilizadas por seus lexicógrafos, pois acreditamos, e esperamos, que todas as palavras presentes em uma obra dicionarística façam parte de sua nomenclatura. Ao não estarem presentes, pode acarretar em uma dificuldade de acesso do consulente à informação descrita no verbete, sobretudo com relação a esse recurso lexicográfico.

A seguir, elaboramos um quadro em que se verifica quais foram as marcas de uso analisadas nos dicionários do *corpus*. Além disso, nesse mesmo quadro, indicamos quais delas estão lematizadas, quer dizer, para atender a um dos nossos objetivos, propomos uma verificação metalexicográfica para comparar se a rubrica utilizada pela obra também pertence a sua nomenclatura. Compondo a nomenclatura, traz maior esclarecimento e compreensão do seu sentido para o consulente, logo, entendemos que as marcas de uso utilizadas precisam ser unidades lexicográficas, conseqüentemente, precisam trazer definições que auxiliem os consulentes a entender a restrição de uso dos sentidos dicionarizados.

No Quadro 9, podemos ver como os dicionários registram-nas:

Quadro 9. A presença metalexicográfica das marcas de uso na nomenclatura⁸⁰

marca	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
	Tipo 2				Tipo 3		Tipo 4		Dicionários gerais					
<i>informal</i>	X	X	---	---	X	---	---	---	---	---	X	X	X	X
<i>familiar</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>coloquial</i>	---	---	---	---	X	X	---	X	---	X	X	X	X	X
<i>popular</i>	---	X	X	X	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X
<i>gíria</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>depreciativo</i>	---	---	---	---	X	---	---	X	X	X	X	X	X	X
<i>pejorativo</i>	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>chulo</i>	---	---	---	---	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X
<i>vulgar</i>	---	X	X	---	X	X	X	X	---	---	X	X	X	X
<i>tabu</i>	X	---	---	---	X	---	---	---	---	---	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 9, temos 10 marcas de uso selecionadas que foram encontradas nos verbetes do *corpus*. Somando-se a isso, apontamos em quais dicionários elas fazem parte da nomenclatura a fim de que pudéssemos ressaltar que as obras que assim o fazem favorecem a compreensão da etiquetagem por parte dos consulentes, quer dizer, é um primeiro apontamento acerca de como cada uma dessas etiquetas foi trabalhada em seu referido dicionário. Por exemplo, podemos imediatamente identificar que, entre as obras escolares, a única que utiliza as 10 marcas em análise é AUjr, que os quatro do Tipo 2 só usam quatro ou cinco delas e que “familiar” e “gíria” estão presentes em todas. Esses são alguns aspectos que podem contribuir nas análises dos verbetes.

3.1.5.1 Marcas diafásicas: “formal” X “informal”

Para utilizar um desses dois estilos (formal ou informal), o indivíduo é influenciado por suas características sociais, sobretudo seu grau de instrução educacional e seu letramento. Portanto, quanto menor o grau de instrução, menor será seu repertório de estilos para a comunicação, quer pela fala ou escrita, consequentemente, essas marcas são de cunho individual. Também podemos incluir “coloquial” como marca diafásica, pois, como destacado por Borba (2004), essa é uma marca que reforça o traço de oralidade identificado na forma escrita da língua contemporânea.

As marcas diafásicas evidenciam a informalidade dos vocábulos, sendo que Parreira e Schinelo (2017, p. 1024) entendem que eles correspondem àqueles “amplamente usados por locutores independentemente de classe social, nível educacional ou origem”. Essas autoras, da

⁸⁰ “X” corresponde à presença da marca de uso no dicionário, enquanto o tracejado (“---”) sua ausência na obra. Deixamos o fundo colorido para realçar os diferentes tipos de dicionários e suas etiquetas lexicográficas, não usamos a fonte em cores variadas para que não houvesse confusão com as análises (realizadas em capítulo posterior) e sim destacasse as marcas de uso deste estudo.

mesma forma como Ettinger (1982), reforçam que ocorrem sobreposições ao se tentar delimitar os significados deles, visto que, a depender do grupo social, serão utilizados variados estilos linguísticos. Essa dificuldade em estabelecer os limites diafásicos para as acepções leva à inserção de marcas de uso díspares que podem ser explicadas por três causas:

a) na Lexicografia, nunca houve um princípio consistente ou aplicado de avaliação da língua em geral; [...] b) na Lexicografia, nunca houve acordo sobre quais designações deveriam ser aceitas como válidas para diferenciar, em geral, registros diafásicos [...]; c) também pode haver desacordo entre lexicógrafos e consulentes de dicionários, uma vez que a língua evolui bastante rapidamente⁸¹ (ETTINGER, 1982, p. 388).

Na introdução do FB, o consulente é informado que “a rubrica ‘informal’, por exemplo, indica que uma palavra é mais apropriada para a fala entre amigos do que para a escrita formal” (BRAGA; MAGALHÃES, 2011, p. 9), já nos outros três dicionários escolares do Tipo 2, não há nenhuma informação relacionada a esse registro diafásico, entretanto, em DAI, “informal” é uma entrada, da qual pode-se ter uma ideia daquilo que sua equipe lexicográfica considere como restrição quanto à ausência de formalidade.

Iniciemos por verificar se as marcas de uso utilizadas pelos lexicógrafos se encontram dicionarizadas nas obras do *corpus*, uma vez que se espera que sim, tendo em vista que todas as unidades usadas nos dicionários devem ser lematizadas. No Quadro 10, segue a transcrição⁸² dos verbetes referentes às entradas que apresentam acepções com marcas de uso:

⁸¹ Tradução nossa para “a) en la lexicografía no ha habido nunca un principio de valoración coherente o aplicado a la lengua en general; [...] b) dentro de la lexicografía, no ha habido nunca un acuerdo sobre qué denominaciones deberían aceptarse como válidas en general para diferenciar los registros diafásicos [...]; c) también puede haber desacuerdo entre los lexicógrafos y los usuarios de los diccionarios, puesto que la lengua evoluciona bastante de prisa”.

⁸² Procuramos transcrever os verbetes com a máxima fidelidade tais quais se apresentam nos seus respectivos dicionários, com isso preservamos os recursos multimodais estabelecidos por seus lexicógrafos acerca da pontuação, inserção de símbolos, distribuição da informação lexicográfica etc.

Quadro 10. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB ⁸³	DAI ⁸⁴	PV ⁸⁵	DIP ⁸⁶
informal (in.for.mal) <i>adjetivo 2g</i> Uma coisa é informal quando tem a ver com o jeito como as pessoas se comportam quando estão entre amigos em situações do dia a dia. <i>Tomara que não seja uma festa chique, porque aí eu posso ir com uma roupa mais informal.</i> Plural: <i>informais</i> . Antônimo: <i>formal</i> . (p. 223)	informal in.for.mal <i>adjetivo de dois gêneros</i> Sem formalidades; descontraído: <i>O escritor teve com os estudantes uma conversa informal.</i> [Plural: <i>informais</i> .] (p. 278)	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Conforme se verifica nas descrições do Quadro 10, as acepções que apresentam essa marca devem ser utilizadas em círculos de amizades em que se espera que haja pouca formalidade. Além disso, uma abordagem da marcação baseada na utilização de rótulos da mesma raiz (“formal” X “informal”) ajuda não só a simplificar a metalinguagem do dicionário (captando o significado do rótulo de forma rápida e fácil), mas também a sistematizá-los organizando as marcas de acordo com a escala descendente (partindo do uso formal para o informal).

Constatamos que os dicionários escolares Tipo 3 e 4 também apresentam os sentidos restritos daqueles do Tipo 2 e acrescentam novos que contribuem para entender mais especificamente as acepções em que são utilizadas (exemplificações e análise em capítulo posterior), como se pode observar no Quadro 11:

⁸³ As abreviaturas apresentadas neste dicionário (p. 4) correspondem a marcas dianormativas, entretanto, há outras marcas nos verbetes da obra que não são informadas aos consulentes, embora algumas sejam comentadas e exemplificadas (p. 9).

⁸⁴ Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, nem lema.

⁸⁵ As abreviaturas apresentadas neste dicionário (p. 8) correspondem a marcas dianormativas, entretanto, há outras marcas nos verbetes da obra que não são informadas aos consulentes, por exemplo, há várias acepções com a marcação “Uso informal”, porém, “informal” não consta na nomenclatura do PV, o que causa-nos estranheza, visto que espera-se encontrar todas as palavras utilizadas no dicionário como suas entradas.

⁸⁶ As abreviaturas e símbolos usados neste dicionário (p. 11) correspondem a marcas dianormativas, entretanto, há duas outras marcas nos verbetes da obra (“familiar” e “popular”) que não são informadas aos consulentes, mas que são descobertas ao se examinar a obra.

Quadro 11. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr ⁸⁷	SJ ⁸⁸	HOc ⁸⁹	NAu ⁹⁰
in.for.mal <i>adj.</i> 2 <i>gên.</i> 1. Destituído de formalidade (2). 2. Próprio de quem é informal. 3. Diz-se do trabalhador sem carteira de trabalho assinada e que, geralmente, não contribui para previdência (2). [Plural: <i>informais.</i>] (p. 511)	informal (in.for.mal) <i>adj</i> 2 <i>gên</i> Que não é formal; desprovido de formalidade (<i>traje informal, estilo informal</i>). Pl informais. (p. 584)	in.for.mal <i>adj.</i> 2g. 1 sem cerimônia; descontraído <roupa i.> <linguagem i.> ← formal 2 que se faz sem contrato ou carteira de trabalho assinada (diz-se de trabalho, atividade, economia etc. [ETIM: in- ‘não’ + <i>formal</i>] (p. 536)	informal (in.for.mal) a2g. 1 Que não tem ou não aparece sob uma forma definida (pintura <i>informal</i>) 2 Bras. Desprovido de formalidades: <i>uma reunião informal; roupas informais.</i> 3 Que não está legalizado, que não possui os direitos garantidos pela lei (<i>trabalho informal; comércio informal</i>) 4 Diz-se de linguagem, registro etc. que se caracteriza pela falta de formalidades ou pela despreocupação ou falta de censura do falante no momento de sua produção ou emissão [Pl.: <i>-mais.</i>] [F.: Do ing. <i>informal.</i>] (p. 793)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

As fronteiras entre as marcas, por vezes, são muito tênues, podendo confundir em razão de sua opacidade de uso. No caso das marcas diafásicas, devem ser entendidas do ponto de vista do estilo linguístico empregado pelo falante (por exemplo, conversas informais entre amigos em uma mesa de bar ou reuniões de trabalho entre pessoas de diferentes hierarquias) e/ou escrevente (escrever uma mensagem via *Whatsapp* ou redigir uma ata).

Em termos de variação de acordo com o grau de formalidade ou no âmbito social, Bortoni-Ricardo (2005, p. 29) lembra-nos que “no Brasil, a língua-padrão é associada ao grupo social que goza de melhor *status*. Quaisquer desvios do padrão real tendem a receber avaliação negativa, que varia de grau, a depender de os traços determinarem uma estratificação gradual ou descontínua”.

Com relação aos Quadros 12 e 13, verificamos que, além das restrições de sentido apresentadas anteriormente, há outros contextos em que a informalidade pode se confundir com o significado de outras marcas (tais como “familiar”, “gíria”, “popular”), por isso sua diferenciação é muito sutil e, se não estiver bastante delimitada ao consulente, poderá gerar dúvida e/ou não esclarecimento sobre a aceção por ela marcada. Vejamos:

⁸⁷ As abreviaturas, siglas e sinais convencionais usados neste dicionário (p. 25) correspondem a marcas dianormativas e diatópicas. No entanto, há outras marcas nos verbetes da obra que não são informadas aos consulentes.

⁸⁸ Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

⁸⁹ Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

⁹⁰ Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

Quadro 12. Entrada “informal” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI ⁹¹	DUPC ⁹²	AU	HO
in.for.mal <i>adj</i> (in + formal) Que não é formal, que não observa formalidades: A diretoria teve uma reunião informal. (p. 1154)	in.for.mal Adj 1 que não é formal; sem etiqueta: <i>traje informal</i> 2 que não observa as formalidades; que não respeita etiquetas: <i>um restaurante com serviço informal</i> 3 não oficial: <i>O incidente decorreu de declarações informais do ministro.</i> 4 que não age em caráter oficial: <i>Martins era assessor informal do governo.</i> 5 que não se rege por regras oficialmente estabelecidas: <i>trabalhadores informais</i> 6 sem cerimônia; descontraído: <i>Essa controvérsia resulta num clima informal.</i> 7 que não é tenso; espontâneo; coloquial: <i>linguagem informal.</i> (p. 768)	informal [Do ingl. <i>informal.</i>] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que não apresenta forma(s) definida(s): <i>arte informal.</i> 2. Bras. Destituído de formalidade (2): <i>conversa informal.</i> ~ V. <i>arte —, economia — e setor —.</i>	informal adjetivo de dois gêneros 1 que não aparece ou se recusa a aparecer sob uma forma definida, reconhecível Ex.: arte i. 2 Regionalismo: Brasil. não formal ('convencional', 'cerimonioso'); que se caracteriza pela falta de formalidade Exs.: traje i.; linguagem i. 3 que se faz sem contrato ou carteira de trabalho assinada (diz-se de atividade, emprego etc.)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Quadro 13. Entrada “informal” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(in.for.mal) a2g. 1. Que não tem ou não aparece sob uma forma definida (pintura <i>informal</i>). 2. Bras. Desprovido de formalidades: <i>uma reunião informal; roupas informais.</i> 3. Que não está legalizado, que não possui os direitos garantidos pela lei (trabalho <i>informal</i> , comércio <i>informal</i>). 4 Diz-se de linguagem, registro etc. que se caracteriza pela falta de formalidades ou pela despreocupação ou falta de censura do falante no momento de sua produção ou emissão [Pl.: - mais.] [F.: Do ingl. <i>informal.</i>]	informal adjetivo de dois gêneros 1 que não aparece ou se recusa a aparecer sob uma forma definida 1.1 [HIST.ART] diz-se do tipo de arte abstrata que se recusa a representar formas reconhecíveis ou classificáveis (dentro do movimento abstracionista, opõe-se às tendências geometrizarantes) 2 [B] não formal (no sentido de 'convencional', 'cerimonioso'); que se caracteriza pela falta de formalidade <traje i.> <linguagem i.> <pessoa i.> 2.1 [SLING] que se usa em situações informais, nas quais o indivíduo se sente à vontade e não se preocupa com a censura externa (diz-se de variante linguística, linguagem, registro etc.); distenso cf. registro 2.2 [SLING] que usa uma linguagem mais próxima da linguagem falada não formal, não elaborada (diz-se de estilo, construção, texto etc.) 3 que se faz sem nenhuma formalidade, sem contrato ou carteira de trabalho assinada (diz-se de trabalho, atividade, emprego, economia etc.) USO nesté dicionário, o termo informal (<i>infrm.</i>) abarca uma gama de variantes linguísticas que em outros dicionários são classificadas como <i>popularismo</i> , <i>plebeísmo</i> , <i>gíria</i> , <i>linguagem familiar</i> , <i>linguagem infantil</i> etc. (todos, de certa forma, opostos a <i>formal</i>)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Nota-se que os dicionários virtuais abarcam os sentidos anteriores de informalidade, exceto o DUPC, que reconhece estes e outros dois (não oficial e espontâneo). Talvez, por razões de extensão, a versão impressa de HO não registre três subacepções. No entanto, em HOv, a sugestão de variantes linguísticas que possam ser equivalentes à informal tendem a levar seu consulente a confundi-la com as marcas diastráticas, tratadas a seguir.

A respeito da variação sociocultural entre o português culto e o popular, Castilho (2016) afirma que

mesmo que se considerem os falantes do PB [*português brasileiro*]⁹³ originários de uma mesma região, ainda assim sua linguagem varia, pois cada falante procede de um segmento diferente da sociedade. Já se observou que

⁹¹ Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

⁹² Nessa obra, “informal” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

⁹³ Acréscimo nosso.

há uma correlação entre fatos linguísticos e o segmento social de onde o falante procede. Costuma-se sistematizar as variedades socioculturais levando em conta as seguintes variáveis: (i) falante não escolarizado, (ii) falante escolarizado. Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o *português popular*, ou variedade não culta. Pessoas escolarizadas usam o *português culto*, ou variedade padrão, aprendida na escola ou no ambiente familiar (CASTILHO, 2016, p. 204) o PB [*português brasileiro*]⁹⁴ culto é mais recente que o popular, tendo surgido com a urbanização, que diferenciou a sociedade brasileira em dois níveis sociolinguísticos: a dos escolarizados e a dos analfabetos. As cidades trouxeram as escolas, os teatros, os livros e os jornais (CASTILHO, 2016, p. 210, grifos do autor).

As circunstâncias apontadas por Castilho (2016) nos ajudam a ponderar sobre essa variação e, por conseguinte, para refletir acerca das marcas que indicam restrições no nível comunicativo. Logo, é importante pontuarmos que, para nós, a etiqueta “informal” ressalta vocábulos, ou seus significados, que transitam entre pessoas que possuem um grau de intimidade entre si. Além disso, ainda defendemos a utilização dessa etiqueta porque é preciso alertar ao consulente que há sentidos circulantes associados a grupos sociais considerados de melhor prestígio na comunidade linguística e “informal” aponta para aqueles que são colocados no grupo de desprestígio social.

3.1.5.2 Marcas diastráticas: “familiar” X “coloquial” X “popular”

A dimensão diastrática identifica o uso dos itens lexicais a partir de um olhar de estratificação social, quer dizer, varia de acordo com a classe social à qual pertence o falante e/ou consulente do dicionário, referindo-se ainda a uma variação entre grupos sociais. Essas marcas envolvem características socioculturais presentes no vocabulário de cada comunidade.

As variantes diastráticas correspondem a uma variação, linguisticamente, vertical, quer dizer, refletem a estrutura social dos falantes de uma língua em que se podem observar, segundo Ettinger (1982, p. 383), três agrupamentos diferenciados por: (i) sexo; (ii) geração; (iii) grupos sociais. Esse autor menciona que as marcas diastráticas são muito mais utilizadas e evidentes em sociedades em que a realidade social ressalta as diferenças entre os sexos, quer dizer, se a mulher é excluída das práticas sociais (em família, na escola, no trabalho etc.), haverá a conservação do falar masculino dominante, o que refletirá na descrição de determinada língua.

Ao contrário da marcação diafásica, que está relacionada com o estilo linguístico, as marcas diastráticas se referem ao nível linguístico, à “pertença de um indivíduo a um

⁹⁴ Acréscimo nosso.

determinado grupo social (sexo, geração, educação, profissão, etc.)”⁹⁵ (SANTAMARÍA PÉREZ, 2001, p. 151). Essas são, portanto, diferenças estabelecidas pela estratificação social. De acordo com Bajo Pérez (2000, p. 27), o estabelecimento das marcas diastráticas baseia-se nos seguintes critérios: raça ou etnia; diferenças de idade; diferenças de gênero; classe socioeconômica e diferentes profissões e atividades; nível educacional e conhecimentos culturais do falante.

Ao compararmos as marcas “familiar”, “coloquial” e “popular”, verificamos que são marcas que não se caracterizam, precisamente, pelas mesmas restrições de uso. Vejamos como “familiar” se apresenta nos Quadros 14, 15, 16 e 17:

Quadro 14. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
familiar (fa.mi.li.ar) 1. <i>adjetivo 2g</i> Algo é familiar quando tem a ver com uma família ou com as famílias em geral. <i>Muitas pessoas famosas gostam de deixar sua vida familiar em segredo.</i> 2. <i>adjetivo 2g</i> Algo é familiar quando achamos que já o vimos antes. <i>Seu rosto me parece familiar. Você não é o irmão do Jacinto?</i> 3. <i>sm</i> Um familiar é uma pessoa da família. <i>A festa será aberta aos alunos e aos seus familiares</i> (p. 175)	familiar fa.mi.li.ar adjetivo de dois gêneros 1. Da família, ou próprio dela; doméstico: ambiente <i>familiar</i> . 2. Que se conhece bem: <i>uma voz familiar; um rosto familiar; um assunto familiar.</i> substantivo masculino 3. Pessoa da família: <i>Maria convidou todos os seus familiares para a formatura</i> (p. 222)	familiar fa.mi.li.ar adj 1 da família ou de família: <i>Os produtos eram para consumo familiar.</i> 2 que se pode reconhecer ou identificar; conhecido: <i>Essa rua é um lugar familiar.</i> S 3 membro da família: <i>Quando os familiares se reúnem, lembram de histórias divertidas do passado</i> (p. 185)	familiar <i>adj. 2g.</i> fa-mi-li-ar. 1. Relativo à família. <i>No casamento de André e Anna houve apenas uma festa familiar.</i> 2. Que se reconhece; conhecido. <i>O rosto desta pessoa me parece familiar.</i> pl.: familiares. masc. e fem.: familiar (p. 132)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Ao verificarmos o sistema de marcação dos dicionários do *corpus*, como já depreendido por outros estudiosos sobre as marcas, é flagrante que, enquanto um item lexical é marcado como “popular” em um dicionário, aparece como “coloquial” em outro e/ou “familiar” em um terceiro. Podemos nos questionar até que ponto possuem, de fato, graus diferentes de valoração, dado que parecem haver uma predisposição particular do lexicógrafo que a utilizou em sua obra. As obras do Tipo 3 (AUjr e SJ) tendem a se assemelharem às aquelas do Tipo 2 (Quadro 14) em termos de sua descrição, como se nota no Quadro 15:

⁹⁵ Tradução nossa para “la pertenencia de un individuo a un determinado grupo social (sexo, generación, educación, profesión, etc.)”.

Quadro 15. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOc ⁹⁶	NAu
fa.mi.li.ar <i>adj.</i> 2 <i>gên.</i> 1. Da família; doméstico: <i>ambiente familiar</i> . 2. Que se conhece: <i>Esta voz minha me é familiar</i> . <i>subst. masc.</i> 3. Aquele que é da família: <i>Os familiares da noiva compareceram ao casamento</i> (p. 420)	familiar (fa.mi.li.ar) <i>adj</i> 2 <i>gên</i> 1. Que é da família; doméstico (<i>assunto familiar</i>); 2. que já é conhecido (<i>voz familiar</i> , <i>rosto familiar</i>); 3. simples, caseiro (<i>ambiente familiar</i>); s 2 <i>gên</i> 4. pessoa da família (<i>Para a festa de aniversário, convidou os familiares e os amigos mais próximos.</i>) (p. 440)	fa.mi.li.ar <i>adj.</i> 2g. 1 que é da família; íntimo < <i>ambiente f.</i> > ← estranho 2 conhecido, habitual < <i>voz f.</i> > ← desconhecido 3 sem afetação; simples < <i>estilo f.</i> > ← formal s. 2g. 4 pessoa da família [ETIM: lat. <i>familiāris</i> , e ‘id.’] (p. 425)	familiar (fa.mi.li:ar) a2g. 1 Que diz respeito à família 2 Que já é habitual; conhecido, com que já se está habituado: <i>Encontrou no álbum rostos familiares</i> . [Ant.: <i>estranho</i> .] 3 Que é da família ou é considerado parte dela: “Essa dedicação (...) a um homem que não era <i>familiar</i> da casa, nem velho amigo, nem parente (...) não era explicável.” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i>) 4 Que não tem afetação (estilo <i>familiar</i>) 5 Que tem familiaridade; que está acostumado a [+ a: <i>Era familiar às obras de arte.</i>] 6 Ling. Que ocorre em situação de informalidade, entre familiares ou pessoas íntimas, com uso frequente de diminutivos, aumentativos, gírias etc. (diz-se de linguagem, estilo, palavra etc.) s2g. 7 Pessoa da família: <i>Apresento-lhes os meus familiares</i> . 8 Servo, criado, fâmulos 9 Rel. Companheiro de comunidade religiosa [F.: Do lat. <i>familiaris</i> , e.] (p. 640)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Enquanto isso, pelo Quadro 15, nota-se que as obras do Tipo 4 (HOc e NAu) se aproximam dos dicionários gerais impressos, eletrônicos (Quadro 16) e virtuais (Quadro 17) com relação ao registro ampliado de “familiar” e, consequente, marca de uso. De um ponto de vista de uso lexicográfico, “familiar” é uma das marcas de nossa análise (a outra é “gíria”) que se apresenta em todos os nossos 14 dicionários como entrada e etiqueta. Particularmente, seja no núcleo familiar, seja em um ambiente conhecido, a marca “familiar” restringe seu uso para caracterizar uma atmosfera doméstica, tentando recuperar um círculo familiar, limitação que auxilia a diferenciar contextos de uso entre as acepções por ela marcadas (exemplificações e análises em capítulo posterior).

Seguimos para a verificação dessas informações pelo Quadro 16:

⁹⁶ A marca de uso é registrada como “família”.

Quadro 16. Entrada “familiar” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
fa.mi.li.ar <i>adj</i> (<i>lat familiare</i>) 1 Da família. 2 Que vive na mesma casa. 3 Que se familiarizou; íntimo. 4 Habitual, conhecido. 5 Doméstico: <i>Despesas familiares</i> . 6 De bons costumes: <i>Pensão familiar</i> . <i>sm</i> 1 Membro de família. 2 Criado. 3 Confrade de congregação religiosa. 4 Oficial da Inquisição, que efetuava as prisões (p. 936)	fa.mi.li.ar Adj 1 de família ou da família: <i>Não intervenha, é um problema familiar</i> . 2 que se pode reconhecer ou identificar; conhecido: <i>Eram funções familiares, amigos mesmo</i> . 3 que indica proximidade entre as pessoas; íntimo: <i>conversas familiares</i> 4 coloquial: <i>norma familiar de linguagem</i> Sm 5 membro da família: <i>Alguns de seus familiares lhe causavam problemas</i> (p. 595)	familiar [Do lat. <i>familiare</i> .] Adjetivo de dois gêneros . 1 . Respeitante à, ou próprio da família; doméstico, familiar: <i>ambiente familiar</i> . 2 . Que pertence ao cotidiano; vulgar, trivial, comum: “Alguma coisa evita deixar-me estar onde estava, sentado numa cadeira, entre as mais <u>familiares</u> realidades da minha existência.” (João Gaspar Simões, <i>O Mistério da Poesia</i> , pp. 9-10.) 3 . Que se conhece por haver visto, praticado, estudado, etc., muitas vezes: <i>Seu rosto me é familiar</i> ; <i>Nenhum assunto lhe é tão familiar</i> . 4 . Íntimo, cordial, afetuoso: “Ele conservou-se instalado, com um ar de demora, <u>familiar</u> , e bamboleando a perna.” (Eça de Queirós, <i>Os Maias</i> , II, p. 54.) ~ V. <i>agricultura</i> —. Substantivo masculino. 5 . Pessoa da família. 6 . Membro de confraria religiosa. 7 . Servo, criado, fâmulos. 8 . Folcl. V. <i>demônio familiar</i> . Familiar do Santo Ofício. Espécie de meirinho da Inquisição.	familiar adjetivo de dois gêneros 1 relativo à ou próprio da família, do lar; familiar, doméstico 2 considerado como membro da família; íntimo 3 que se conhece ou presume conhecer <i>Ex.: uma voz f. substantivo masculino</i> 4 pessoa da família 5 empregado, fâmulos 6 integrante de confraria religiosa

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Welker (2004, p. 134) destaca que os dicionários organizados por Borba contêm cerca de 60.000 verbetes – referindo-se ao DUPC e ao Dicionário de usos do português do Brasil (2002) –, baseados a partir de um *corpus* informatizado, cuja literatura jornalística é aquela que predomina, garantindo, assim, um número menor de entradas que estejam em desuso, porém, não constam informações diastáticas suficientes para garantir um uso apropriado dos itens lexicais. Discordamos desse apontamento, pois encontramos no DUPC as marcas de uso, entre outras, “familiar”, “coloquial”, “popular”, “gíria”, “depreciativo”, “pejorativo” e “chulo”. De certo modo, talvez, deva ter desejado apontar para a necessidade da marcação de registro, uma vez que deveria se fazer mais presente do que o fora. Em Welker (2008a, p. 356), esse autor traz como exemplo a entrada “enxúndia” – cujos dois sentidos são “gordura” ou “exagero” –, que não possui rubrica e a mereceria por ser pouco frequente.

A marca “popular” (posteriormente, nos Quadros 22, 23, 24 e 25) indica um afastamento maior do que “familiar” com relação ao convívio social, porém, “popular” destaca a pertença social, enquanto “familiar” se refere ao nível do discurso, como ressaltado também nos Quadros 16 e 17. Observemos:

Quadro 17. Entrada “familiar” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(fa.mi.li:ar) a2g. 1. Que diz respeito a família 2. Que já é habitual; conhecido, com que já se está habituado: <i>Encontrou no álbum rostos familiares.</i> [Antôn.: estranho.] 3. Que é da família ou é considerado parte dela: "Essa dedicação (...) a um homem que não era familiar da casa, nem velho amigo, nem parente (...) não era explicável." (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i>) 4. Que não tem afetação (estilo familiar) 5. Que tem familiaridade; que está acostumado a [+ a : <i>Era familiar às obras de arte.</i>] 6. Ling. Que ocorre em situação de informalidade, entre familiares ou pessoas íntimas, com uso frequente de diminutivos, aumentativos, gírias etc. (diz-se de linguagem, estilo, palavra etc.) s2g. 7. Pessoa da família: <i>Apresento-lhes os meus familiares.</i> 8. Servo, criado, fâmulos 9. Rel. Companheiro de comunidade religiosa [F.: Do lat. <i>familiaris</i>, e.]	familiar adjetivo de dois gêneros 1 relativo à ou próprio da família, do lar; familiar, doméstico 2 que é da família ou vive na mesma casa; íntimo, que é considerado como fazendo parte da família 3 que se familiariza, que tem familiaridade, acostumado, afeito <i>«um homem estudioso, f. às coisas de espírito»</i> 4 que já foi muitas vezes visto, praticado ou estudado; habitual <i>«uma voz f.»</i> 5 sem afetação; simples, singelo <i>«estilo f.»</i> 6 LING que se dá na situação de maior informalidade, em casa e na presença dos familiares mais próximos, onde a preocupação com a correção e o julgamento alheio é mínima, e com uso frequente de formas expressivas [aumentativos, diminutivos, hipocorísticos, gírias etc.] (diz-se de variante linguística, palavra, estilo, linguagem, construção etc.) cf. registro substantivo de dois gêneros 7 pessoa da família, que tem o mesmo sangue 8 aquele que é considerado como membro da família 9 empregado, fâmulos 10 integrante de confraria religiosa

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do corpus.

Conforme se constata pelos Quadros 16 e 17, a entrada “familiar” se caracteriza por um registro de língua que restringe os sentidos dos itens lexicais por ela marcados, distanciando-se da norma padrão e que se destaca em relação ao conceito de “família”, o qual se faz presente em todos os estratos sociais. É preciso estar atento para que essa marca não extrapole para outras variações linguísticas, como por exemplo para “coloquial” e “popular”.

Curiosamente, “coloquial” é uma unidade lexical ausente nos dicionários Tipo 2, conforme se constata pelo Quadro 18:

Quadro 18. “coloquial” não aparece como entrada, nem como marca em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do corpus.

No entanto, é uma marca que se faz presente a partir dos dicionários Tipo 3, ultrapassando o registro do convívio familiar e do estilo informal na comunicação entre os indivíduos, quer dizer, sua restrição diz respeito a diálogos, conversas ou debates que avançam para além dos ambientes triviais, corriqueiros e conhecidos.

Passemos à verificação dos sentidos de “coloquial” a partir dos Quadros 19 e 20:

Quadro 19. Entrada “coloquial” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AU ^{jr}	SJ	HOc ⁹⁷	NAu ⁹⁸
co.lo.qui.al <i>adj</i> 2 <i>gên</i> 1. Próprio de colóquio. 2. Relativo ao uso informal e corriqueiro da língua (3). [Plural: coloquiais.] (p. 224)	(co.lo.qui.al) <i>adj</i> 2 <i>gên</i> Diz-se da linguagem usada em conversas do cotidiano; informal (<i>Na linguagem coloquial diz-se “me passe o sal?”; na linguagem culta, diz-se passe-me o sal?”.</i>). Pl coloquiais . (p. 227)	co.lo.qui.al <i>adj.</i> 2g. 1 relativo a colóquio 2 informal [ETIM: colóquio + al] (p. 425)	(co.lo.qui.al) a2g. 1 Ref. a colóquio ou dele próprio, característico 2 De maneira informal, descontraída, como em colóquio (2) 3 <i>Liter.</i> Diz-se de maneira de se expressar, de texto, obra, etc. em que o vocabulário e a sintaxe são bem próximos dos da linguagem cotidiana: <i>Fez todo o discurso num tom bem coloquial</i> . [Pl.: -ais.] [F.: colóquio + al ^l . (p. 356)]

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Quadro 20. Entrada “coloquial” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI ⁹⁹	DUPC	AU	HO
co.lo.qui.al <i>adj</i> <i>m+f</i> (colóquio + al ³) Em tom de colóquio. (p. 537)	co.lo.qui.al Adj 1 relativo à linguagem informal, cotidiana: <i>A literatura moderna privilegia o uso de termos coloquiais</i> . Sm substantivo masculino 2 linguagem informal, cotidiana: <i>Nos textos dos alunos é natural que predomine o coloquial</i> . Ant culto ; tenso . (p. 303)	[De colóquio + -al ^l .] Adjetivo de dois gêneros . 1. Relativo a, ou próprio de colóquio. 2. <i>Liter.</i> Diz-se do estilo em que se usam vocabulário e sintaxe bem próximos da linguagem cotidiana.	adjetivo de dois gêneros 1 relativo a colóquio 2 em tom de colóquio; de modo distenso, informal <i>Ex.: o estilo c. deste escritor agrada-me muito</i> adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino Rubrica: sociolinguística. 3 diz-se de ou variante da língua falada us. em situações informais ou de pouca formalidade [Distinguem-se o <i>coloquial distenso</i> e o <i>coloquial tenso</i> .] 3.1 diz-se de variante linguística ou registro cuja fonética, morfologia, vocabulário e sintaxe são próprios da linguagem informal das pessoas cultas

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Particularmente, na introdução do DUPC, encontramos a informação de que houve uma preferência pela marca “coloquial” em detrimento de outras, de maneira que

o registro preferencial foi o coloquial tendendo para o tenso, mas sem deixar totalmente de lado nem o tenso nem o distenso por ser este último muito comum nas crônicas, nas peças de teatro, nas cartas, etc., e que é um traço da presença da oralidade na língua escrita contemporânea (BORBA *et al.*, 2004, p. VIII).

Por meio dessa informação, o consulente entende a opção lexicográfica presente ao se deparar com ela nesse dicionário, conseqüentemente, a descrição da acepção pode ser melhor entendida, conforme se observa no Quadro 21:

⁹⁷ Nessa obra, “coloquial” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

⁹⁸ É uma marca de uso que se apresenta por *Pop*.

⁹⁹ Nessa obra, “coloquial” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

Quadro 21. Entrada “coloquial” utilizada como marca de uso em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(co.lo.qui:al) a2g. 1. Ref. a colóquio ou dele próprio, característico 2. De maneira informal, descontraída, como em colóquio (2) 3. Liter. Diz-se de maneira de se expressar, de texto, obra etc. em que o vocabulário e a sintaxe são bem próximos dos da linguagem cotidiana: <i>Fez todo o discurso num tom bem coloquial.</i> [Pl.: -ais] [F.: colóquio + -al ^l .]	adjetivo de dois gêneros 1 relativo a colóquio 2 em tom de colóquio; de modo distenso, informal <o <i>estilo c. deste escritor agrada-me muito</i> > adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino SLING 3 diz-se de ou variante da língua falada us. em situações informais ou de pouca formalidade [Distinguem-se o <i>coloquial distenso</i> e o <i>coloquial tenso</i> .] 3.1 diz-se de variante linguística ou <i>registro</i> cuja fonética, morfologia, vocabulário e sintaxe são próprios da linguagem informal das pessoas cultas

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Com relação à distinção entre as marcas “coloquial” e “popular”, Seco (1985) aponta que é um equívoco confundir seus conceitos, pois, em termos técnicos, pode-se considerar que

popular corresponde ao nível de língua enquanto coloquial ao nível de discurso. A linguagem popular é um dialeto social e é determinada pelas características socioculturais do falante; coloquial, no entanto, é um registro escolhido pelo usuário de acordo com a situação em que o ato de comunicação ocorre (SECO, 1985, p. 365).¹⁰⁰

Na perspectiva desse autor, é necessário que se percebam as diferenças conceituais entre as marcas e que elas devam estar explícitas para seus consulentes a fim de que possam entender amplamente o valor social da língua.

Strehler (2014) lembra-nos que a noção de “popular” vem do latim e designa o povo, quer seja no sentido de nação ou de classe social. E ainda corresponde “às camadas urbanas aparecidas no século XIX com a industrialização” (STREHLER, 2014, p. 107), ponto que merece atenção sobre os dicionários brasileiros, uma vez que não se pode afirmar se “popular” se refira ao uso feito pelas camadas urbana e/ou rural pouco instruída, ou mesmo aos meios urbanos ou rurais, em face à grande divergência em seu emprego. Por isso, estudos contrastivos entre as marcas de uso auxiliam a melhor compreender as acepções, a partir dos quais identificamos divergências e convergências lexicográficas acerca das etiquetas, por exemplo, “popular” não é só referente a não ser culto/formal, mas ainda se soma o sentido de estar difundido entre o povo, quer dizer, neste caso “popular” apresenta uma restrição diafásica.

Para o bloco que trata da unidade “popular” usada como etiqueta, iniciemos pelo Quadro 22 dos dicionários Tipo 2:

¹⁰⁰ Tradução nossa para “que popular es un nivel de lengua mientras que coloquial es un nivel de habla. El lenguaje popular es un dialecto social y está determinado por las características socioculturales del hablante; sin embargo, el coloquial es un registro elegido por el usuario en función de la situación en que se produce el acto de comunicación”.

Quadro 22. Entrada “popular” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	popular po.pu. lar <i>adjetivo de dois gêneros</i> 1. Relativo ao povo, do povo: <i>O carnaval é uma festa <u>popular</u></i> ; <i>O presidente foi eleito pelo voto <u>popular</u></i> . 2. Que é aprovado ou querido por muitas pessoas; famoso: <i>Por ser um ator <u>popular</u>, foi recebido por uma multidão</i> . 3. Ao alcance de todos; barato: <i>Os ingressos foram vendidos a preços <u>populares</u></i> . (p. 388)	popular po.pu. lar <i>adj</i> 1 do ou relativo ao povo: <i>Folclore é o conjunto de tradições, conhecimentos e crenças <u>populares</u></i> . 2 que provém do povo: <i>O apoio <u>popular</u> a campanhas tem reunido pessoas nas ruas</i> . 3 que visa aos interesses do povo; democrático: <i>O candidato prometeu, se eleito, fazer um governo <u>popular</u></i> . S masc pl 4 pessoas do povo: <i><u>Populares</u> reclamam da falta de respeito de alguns motoristas</i> . popularidade S fem qualidade de quem ou daquilo que é popular (p. 336)	popular <i>adj.</i> 2g. po-pu- lar . 1. Referente a povo. <i>O Carnaval é uma festa <u>popular</u></i> . 2. Que é conhecido e admirado por muitas pessoas; que tem muito prestígio. <i>Raquel é uma garota <u>popular</u></i> . pl.: populares. masc. e fem.: popular. (p. 242)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

A marca “popular” diz respeito a povo, próprio dele, destinado a ele, relacionada à língua falada pelas classes trabalhadoras, que não estaria presente em um ambiente de estrato social mais elevado (classes A e B). No entanto, a discordância notável entre lexicógrafos leva à divergência em sua marcação porque, por exemplo, a noção de nível social baixo (presente na marca “popular”) – classes D e E – mudou, uma vez que houve uma transição dos brasileiros entre as classes sociais, não correspondendo à atual realidade social, conforme Gráfico 3:

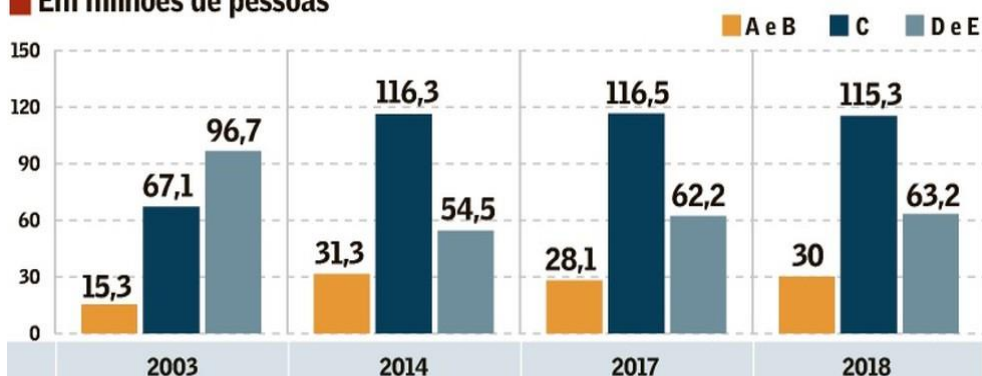
Gráfico 3. Renda e deslocamento social

Evolução das classes ano a ano

Em % da população



Em milhões de pessoas



Linhas de cortes

Classe A e B

Mais de R\$ 8.159,37

Classe C

De R\$ 1.892,65 até R\$ 8.159,37

Classe D e E

Até R\$ 1.892,65

Fonte: FGV Social

Fonte: Jornal Valor Econômico.¹⁰¹

À vista desse gráfico, passemos ao Quadro 23 para verificar os sentidos atribuídos a “popular”:

¹⁰¹ Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/10/29/classes-a-e-b-voltam-a-crescer-e-atingem-144-da-populacao.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Quadro 23. Entrada “popular” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOC ¹⁰²	NAu ¹⁰³
po.pu.lar adj. 2 gên. 1. Do, ou próprio do povo, ou feito por ele. 2. Simpático ao povo. subst. masc. 3. Homem do povo (p. 695)	popular (po.pu.lar) adj 2 gên 1. Relativo a, que pertence a ou é próprio do povo (<i>participação popular, cultura popular, crendice popular</i>); 2. que é conhecido ou querido pelo povo (<i>artista popular</i>); 3. destinado ao povo, às massas (<i>habitação popular</i>); 4. ao alcance do povo; barato (<i>produtos a preços populares, computador popular</i>); sm 5. indivíduo do povo (<i>Na confusão da saída do estádio, alguns populares sofreram ferimentos leves.</i>). (p. 904)	po.pu.lar adj. 2g. 1 do povo, pertencente ao povo < <i>representação p.</i> > 2 aprovado ou querido por uma ou mais pessoas < <i>presidente, artista p.</i> > ← antipático 3 de baixo custo; barato ← caro 4 comum, público < <i>interesse p.</i> > ← particular 5 difundido, conhecido < <i>ditado p.</i> > ← ignorado s.m. 6 pessoa do povo; anônimo < <i>um p. foi preso na confusão</i> > [ETIM: lat. <i>populâris</i> , e ‘do povo, público, popular’] (p. 741)	popular (po.pu.lar) a2g 1 Ref. ao povo, a ele pertencente ou dele proveniente (cultura <u>popular</u>) 2 Conhecido ou estimado pelo povo (político <u>popular</u>) [Ant.: <i>impopular</i> .] 3 Que tem a aprovação ou apreço de várias pessoas (professor <u>popular</u>); FAMOSO [Ant.: <i>impopular</i> .] 4 Destinado ao povo (bibliotecas <u>populares</u>) 5 De baixo custo (casas <u>populares</u>); BARATO 6 Que é vulgar, de má qualidade, trivial; PLEBEU 7 Que é democrático (gestão <u>popular</u>) sm. 8 Homem do povo; ANÔNIMO: <i>Um popular foi atropelado.</i> sf. 9 Acomodação barata, em estádios desportivos [F.: Do lat. <i>popularis</i> , e. Ideia de: <i>popul-</i> .] (p. 1087)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

O pertencimento social presente no Quadro 23 também se mantém pela marca “popular” nos dicionários gerais impressos, eletrônicos e virtuais, conforme os Quadros 24 e 25:

¹⁰² Nessa obra, “popular” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹⁰³ Embora haja a marca de uso *Pop.*, sua indicação é “coloquial” e não “popular”, o que leva o consulente a interpretar que o lexicógrafo as concebe como marcas sinônimas.

Quadro 24. Entrada “popular” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
po.pu.lar <i>adj</i> <i>m+f</i> (lat <i>populare</i>) 1 Pertencente ou relativo ao povo; próprio do povo. 2 Comum, usual entre o povo: <i>Linguagem</i> <i>popular</i>. 3 Adaptado à compreensão ou ao gosto do povo. 4 Promovido pelo povo; que provém do povo: <i>Manifesto</i> <i>popular</i>. 5 Originado entre o povo ou por ele composto ou transmitido: <i>Música</i> <i>popular</i>; <i>dança</i> <i>popular</i>. 6 Que representa o pretende representar a vontade do povo: <i>Partido</i> <i>popular</i>; <i>governo</i> <i>popular</i>. 7 Que é do agrado do povo; que tem as simpatias, o afeto do povo. 8 Notório, vulgar. 9 Democrático. <i>sm</i> Homem do povo <i>sm</i> <i>pl</i> Homens do povo; partidários do povo; democratas. <i>sf</i> <i>pl</i> Nos estádios desportivos, as acomodações de menor preço: Os espectadores do lado das populares. (p. 1665)	po.pu.lar Adj 1 do ou relativo ao povo: Os recursos financeiros são provenientes da poupança popular. 2 próprio do povo: <i>Rir é o melhor</i> <i>remédio, diz a</i> <i>sabedoria popular</i>. 3 que provém do povo: <i>O Congresso</i> <i>representa a</i> <i>participação</i> <i>popular</i>. 4 que é comum entre a população mais simples: “O que é bom já nasce feito” é uma obra-prima da expressão popular. 5 que está ao alcance da população menos favorecida; comum; barato: <i>Bem em</i> <i>frente havia uma</i> <i>loja popular de</i> <i>tecidos</i>. 6 conhecido pelo povo em geral; divulgado; vigente: <i>Esses costumes</i> <i>continuam</i> <i>populares no Japão</i> <i>de hoje</i>. 7 que tem popularidade: <i>Era</i> <i>uma figura popular</i> <i>e muito querida</i>. 8 comum; convencional: <i>embalagem popular</i> 9 cuja autoridade está nas mãos do povo; democrático: <i>A democracia nada</i> <i>mais é do que um</i> <i>governo popular</i>. <i>(Jur)</i> 10 que se refere ao direito de todo cidadão: <i>O</i> <i>resultado de uma</i> <i>ação popular a</i> <i>respeito dos</i> <i>parquímetros só</i> <i>será divulgado no</i> <i>próximo mês</i>. S 11 pessoa do povo: O	popular [Do lat. <i>populare</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Do, ou próprio do povo: <i>hábitos</i> <i>populares</i>. 2. Relativo ao povo, ou que o compõe: “a tirania da massa <i>popular</i> é tão intolerável como qualquer outra.” (Álvaro Lins, <i>A Glória de César e o Punhal de</i> <i>Brutus</i>, p. 167). 3. Que provém do povo: “A polícia.... usou até brucutu — conhecido carro de combate a manifestações <i>populares</i>” (Walter Pinheiro, em <i>O Globo</i>, 27.07.1999). 4. Criado, expressado e transmitido pelo povo: <i>dança popular</i>. 5. Comum ou usual entre o povo: <i>linguagem</i> <i>popular</i>; “A quinta edição do Dicionário de Morais, ano 1884, e João Ribeiro, precatam o leitor contra a sintaxe <i>popular</i>, entre nós, custo a crer, custo a ler ” (Mário Barreto, <i>Últimos Estudos</i>, p. 127). 6. Aceito ou promovido por muitos, ou pela maioria: <i>crença popular</i>. 7. Composto por pessoas da comunidade: <i>júri popular</i>. 8. Democrático (3): <i>governo popular</i>. 9. Vulgar, trivial, ordinário; plebeu: “Eram [Hamilton e Jefferson] dois temperamentos opostos, o patrício de modos <i>populares</i> e o plebeu de modos patrícios” (Alceu Amoroso Lima, <i>A</i> <i>Realidade Americana</i>, p. 131). 10. Feito para o povo (2 e 6): <i>bibliotecas populares</i>; <i>habitações populares</i>. 11. Restr. Diz-se do produto específico para o consumo popular (1), feito sem elementos supérfluos, desnecessários ao seu bom funcionamento ou à sua utilização, e que se destina, graças ao seu baixo custo, a uma parcela maior da população: <i>carro popular</i>; “Objetos de couro, desde os magníficos chapéus de custosa fabricação até os arreios de animais, as alparcatas, estas últimas pioneiras da indústria de calçados <i>populares</i>” (Sousa Barros, <i>Cercas Sertanejas</i>, p. 24). 12. Agradável ao povo; que tem as simpatias dele: <i>A Festa da Uva é uma comemoração</i> <i>popular</i>. 13. Conhecido por muitos; que goza de notoriedade: <i>É artista muito</i> <i>popular no Nordeste</i>. 14. Que goza do apreço ou da admiração de muitos; querido por muitos ou por um determinado grupo: <i>Ela é popular na escola</i>. 15. Entre o povo: “Modificando o panorama brasileiro, em que o intérprete principal assegurava o prestígio <i>popular</i> da apresentação, Os Comediantes transferiram para o encenador o papel de vedeta.” (Sábato Magaldi, <i>Panorama do Teatro Brasileiro</i>, p. 193). ~ V. <i>aura</i> —, <i>casa</i> —, <i>democracia</i> —, <i>economia</i> —, <i>edição</i> —, <i>etimologia</i> —, <i>nome</i> —, <i>república</i> —, <i>sabedoria</i> — e <i>teatro</i> —. Substantivo masculino. 16. Homem do	popular <i>adjetivo de</i> <i>dois gêneros</i> 1 relativo ou pertencente ao povo Ex.: <i>indignação p.</i> 2 feito pelas pessoas simples, sem muita instrução Ex.: <i>arte p.</i> 3 relativo às pessoas como um todo, esp. aos cidadãos de um país qualificados para participar de uma eleição Ex.: <i>voto p.</i> 4 encarado com aprovação ou afeto pelo público em geral Exs.: <i>político p.</i>; <i>artista p.</i> 5 dirigido às massas consumidoras Exs.: <i>música p.</i>; <i>espetáculo p.</i> 6 ao alcance dos não ricos; barato Ex.: <i>ingressos</i> <i>a preços p.</i> substantivo feminino 7 acomodação de menor preço, nos estádios desportivos substantivo masculino 8 homem do povo; anônimo Ex.: <i>um p.</i> <i>foi ferido na confusão</i> <i>populares</i> substantivo masculino plural 9 partidários do povo; democratas

	jornal veiculou entrevista com um popular que se dizia líder comunitário. (p. 1095)	povo: Um <u>popular</u> foi ferido no choque de automóveis. 17. Bras. Carro popular (11). ~ V. populares.	
--	---	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Quadro 25. Entrada “popular” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

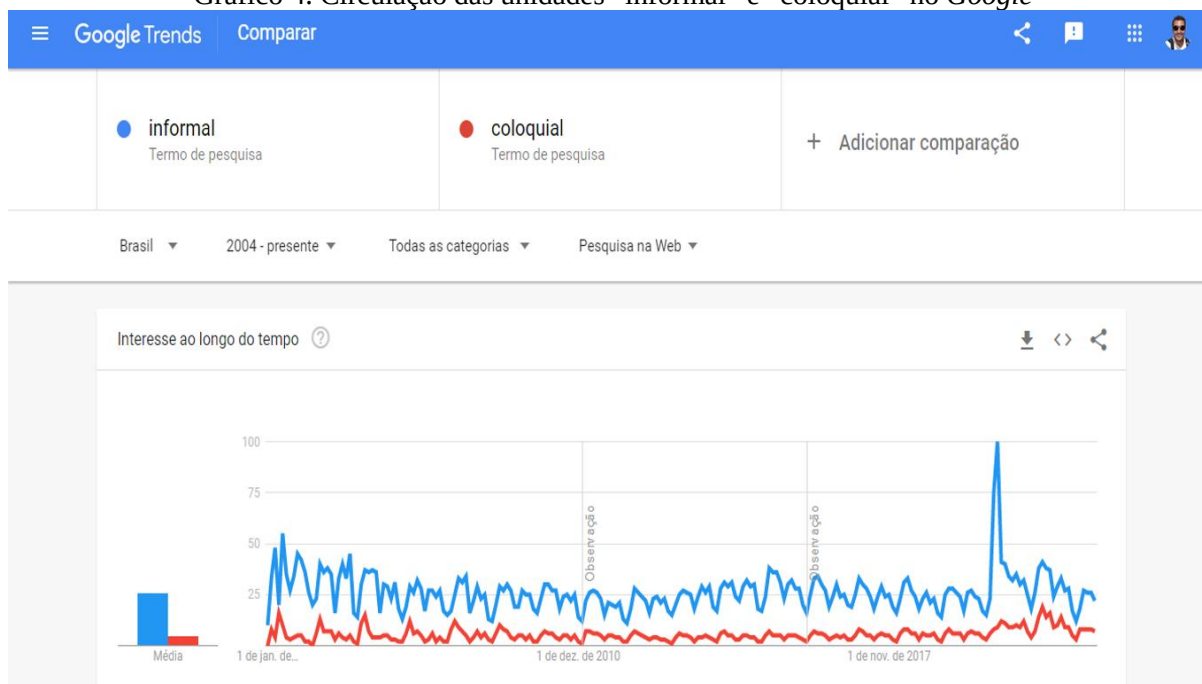
CAv	HOv
(po.pu.lar) a2g. 1. Ref. ao povo, a ele pertencente ou dele proveniente (cultura <u>popular</u>). 2. Conhecido ou estimado pelo povo (político <u>popular</u>). [Antôn.: impopular.] 3. Que tem a aprovação ou apreço de várias pessoas (professor <u>popular</u>); FAMOSO [Antôn.: impopular.] 4. Destinado ao povo (bibliotecas <u>populares</u>). 5. De baixo custo (casas <u>populares</u>); BARATO 6. Que é vulgar, de má qualidade, trivial; PLEBEU 7. Que é democrático (gestão <u>popular</u>). sm. 8. Homem do povo; ANÔNIMO: Um <u>popular</u> foi atropelado. sf. 9. Acomodação barata, em estádios desportivos. [F.: Do lat. <i>popularis</i> , e. Ideia de: <i>popul</i> -.]	¹ popular verbo t.d. m.q. povoar ² popular adjetivo de dois gêneros 1 relativo ou pertencente ao povo, esp. à gente comum <indignação p.> 2 feito por pessoas simples, sem muita instrução <arte p.> 3 relativo às pessoas como um todo, esp. aos cidadãos que compõem o povo de um país, estado, cidade etc. <voto p.> 4 encarado com aprovação ou afeto pelo público em geral <político p.> <um artista p. que nunca foi vulgar> <santo p. no nordeste do Brasil> 5 aprovado ou querido por uma ou mais pessoas; famoso, célebre <ser p. junto à garotada> 6 que prevalece junto ao grande público, esp. às massas menos instruídas <crendice p.> 7 dirigido às massas consumidoras <música p.> 8 adaptado ao nível cultural ou ao gosto das massas <edição p. de um clássico da literatura> <espetáculo p.> 9 ao alcance dos que não são ricos; barato <ingressos a preços p.> substantivo feminino 10 acomodação de menor preço, nos estádios desportivos substantivo masculino (sXV) 11 homem do povo; anônimo <um p. foi ferido na confusão> <logo, populares se ajuntaram em volta para assistir ao acontecimento>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Embora não seja o escopo deste estudo, vale a pena mencionar que o sentido da marca “popular” que nos interessa se encontra no homônimo “²popular”, em HOv, porém, é curioso que suas versões impressa e eletrônica não registrem a acepção de “¹popular”.

À vista disso, retomando discussões levantadas na subseção anterior, entendemos que a marca “informal”, assim como “coloquial”, devem ser consideradas com a mesma marcação nos dicionários escolares para destacar as restrições de sentido que se limitam à fala ou à escrita individual. Por ser menos abrangente, “coloquial” deve estar contida na marca “informal”. Embasamos nossa decisão na comprovação via *Google Trends* (2022), conforme demonstrado pelo Gráfico 4:

Gráfico 4. Circulação das unidades “informal” e “coloquial” no Google



Fonte: Google Trends (2022). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=informal,coloquial>.

Além do fato de que as conceituações de “informal” e “coloquial” podem ser consideradas como definições sinonímicas, quer dizer, são substituíveis em vários contextos (neste caso, como marcas que indicam a mesma restrição de sentido), sendo que, pelo Gráfico 4, é possível verificar que, desde 2004, “informal” se mantém com frequência superior a “coloquial”. Levando em consideração que essas unidades também podem ser utilizadas como etiquetas lexicográficas, se a marca é de um sentido ou de uma entrada que predomina na fala, precisamos marcar com “informal” (que abarca “coloquial”), porque o foco está na restrição em termos de fala, associando-se a variantes de menor prestígio.

Um aspecto que diferencia as marcas diafásicas das diastráticas corresponde a quem elas visam atender, uma vez que as primeiras se direcionam ao indivíduo enquanto as últimas abrangem o repertório de estilos de um grupo social a que o falante/consulente pertence. Podemos enquadrar as marcas “familiar” e “popular” nesse conjunto diastrático, como podemos observar nas definições de Dubois *et al.* (1998):

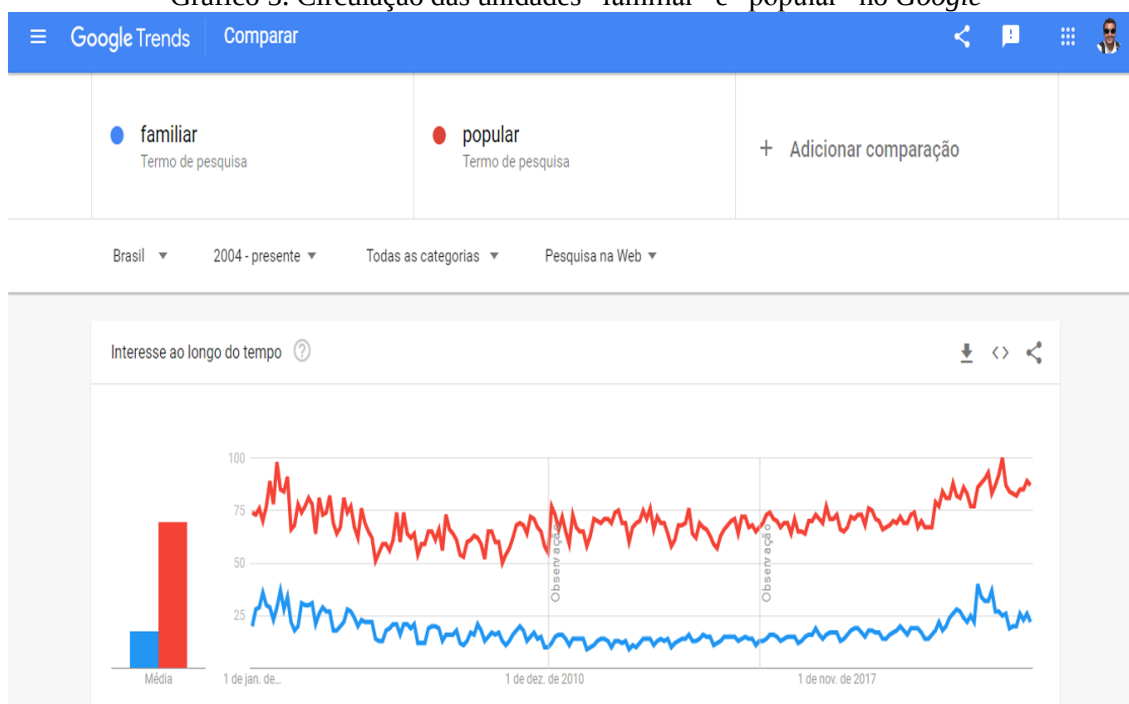
familiar diz-se que um *estilo*, uma *língua*, uma *palavra* são *familiares* quando seu emprego implica um grau de intimidade entre os interlocutores e, conjuntamente, uma recusa das relações cerimoniais que exige a língua elevada ou acadêmica. *familiar* opõe-se igualmente a *grosseiro* ou *trivial*: trata-se, portanto, de um nível de língua; a designação não implica um julgamento moral sobre o conteúdo dos termos, sobre o sentido de uma palavra como os qualificativos “grosseiro” ou “trivial”, mas somente um

desvio com relação à língua escrita e ao “bom uso”. A tendência dos puristas, todavia, é confundir “familiar” e “grosseiro” (DUBOIS, J. *et al.*, 1998, p. 274).

popular 1. em história da língua, o adjetivo *popular* se opõe, geralmente, ao *culto* ou *erudito* com dois sentidos diferentes. Quando qualifica *palavra* ou *forma*, *popular* implica a existência de uma evolução fonética “normal”: a palavra foi transmitida de uma geração a outra e sofreu o efeito das leis fonéticas mais gerais da língua enquanto o termo *culto* foi tomado de empréstimo sob sua forma primitiva, geralmente escrita, e não sofreu senão uma adaptação. A *palavra* (a *forma*) *popular* e a *palavra culta* ou a *forma culta* podem dar origem a formas divergentes. *Livrer*, no francês, e *livrar* no português provêm do latim *liberare* e são *formas populares*, enquanto *libérer* e *liberar* são *formas cultas*. *Popular* opõe-se igualmente a *culto* ou a *verdadeiro* na etimologia *popular*. Indica, então, que foi atribuída à palavra concernente uma origem que não lhe sabia. *Bode expiatório* é associado a *espiar* por um fenômeno de etimologia popular ou de atração homonímica. 2. Em dialetologia social, o adjetivo *popular* opõe-se a *formal*, *grosseiro*, *trivial*, *técnico*, etc., e caracteriza todo traço ou sistema lingüístico excluído do uso das camadas cultas e aristocráticas e que, sem ser grosseiro ou trivial, se refere às particularidades da fala utilizada nas camadas modestas da população. O emprego de um *falar* ou *variedade* (de uma língua) *popular* revela ou a origem modesta do falante (quando ele não possui controle) ou a vontade de parecer franco, espontâneo ou sem afetação (DUBOIS, J. *et al.*, 1998, p. 475-476).

Note-se a não ocorrência de julgamentos morais no conceito dessas unidades lexicais que, por isso, são utilizadas como marcas de uso diastráticas. Vejamos sua frequência na sociedade brasileira pelo Gráfico 5:

Gráfico 5. Circulação das unidades “familiar” e “popular” no Google



Fonte: Google Trends (2022). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=familiar,popular>.

Ao constataremos que a definição de “familiar” se aproxima, de modo parassinonímico, à segunda acepção de “popular”, e que, somando-se a esse ponto, temos uma ocorrência mais ampla de “popular”, portanto, entendemos que essa unidade utilizada como marca é capaz de abarcar a etiqueta “familiar” e ser aplicada nos dicionários escolares como mais apropriada. Essas relações parassinonímicas ocorrem quando temos itens lexicais que “possuem ‘similaridade significativa’, seus significados estão em relação de continuidade” (ZAVAGLIA, 2002, p. 178).

De acordo com Bertonha (2018, p. 99),

ao tratarmos de sinonímia – consequentemente, de parassinonímia –, levamos em consideração a noção de contexto (linguístico e extralinguístico) geográfico, temporal, técnico, pois a semelhança de duas unidades léxicas poderá ocorrer em um contexto, mas talvez não em outro(s) (BERTONHA, 2018, p. 99).

É necessário destacar a perspectiva parassinonímica, pois os limites de algumas marcas de uso são muito tênues, o que pode levar a dúvidas sobre a compreensão de seus conceitos, consequentemente, de seu reconhecimento.

3.1.5.3 Marcas diastráticas: “gíria”

Essa marca corresponde a uma variação social caracterizada pelo sentimento de pertencimento, que identifica grupos pelas características lexicais próprias. De acordo com Preti (2000), a “gíria” é usada em situações comunicativas mais descontraídas, menos cultas, mais informais, o que leva a divergências na etiquetagem, levando os sentidos gírios a serem etiquetados como “popular”, “familiar”, “vulgar” etc. Essa não sistematização das etiquetas evidencia um tratamento particular do lexicógrafo, podendo ser motivado por estereótipos, associando a gíria à marginalidade.

Ettinger (1982) aponta que vocábulos que surgem na língua como um efeito da moda, principalmente entre os jovens, mas não exclusivamente deles, com frequência podem não se manter em uso, por isso não vale a pena dicionarizá-los em razão de sua efemeridade. Mesmo tendo uma existência, a princípio, efêmera, não mereceriam estar descritos nos produtos lexicográficos? Acreditamos que sim, pois é uma maneira de se ter registrado um momento sócio-histórico-cultural vivenciado em determinada sociedade, que se relaciona comumente à idade dos falantes.

Para o bloco que trata da unidade “gíria” usada como etiqueta, iniciemos pelo Quadro 26 dos dicionários Tipo 2 para verificarmos como é entendida:

Quadro 26. Entrada “gíria” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
(gí.ria) <i>sf gramática</i> As gírias são palavras e expressões usadas em situações bem informais. Com o tempo, a maioria das gírias deixa de ser usada e a esquecida, mas algumas permanecem e, anos mais tarde, acabam se tornando aceitas para um uso menos informal. <i>Quando você for mais velho, será que gírias como maneiro e azarar ainda estarão sendo usadas?</i> (p. 198)	gí.ri:a substantivo feminino Conjunto de palavras e expressões criadas e faladas, principalmente, por um determinado grupo social: <i>Voltou da viagem com umas gírias incompreensíveis, que disse ter aprendido com os surfistas.</i> (p. 252)	gí.ri:a S fem palavra, expressão ou linguagem especial usada por certos grupos de pessoas: <i>Quando a repórter usou gírias antigas, as jovens não entenderam.</i> (p. 215)	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

O que se nota é que, já nos dicionários escolares Tipo 2, evidencia-se que a gíria possui um caráter particular que tende a se restringir a um grupo de pessoas, com o intuito de ser um código comunicativo secreto. No entanto, é uma barreira linguística ultrapassada no momento em que a gíria passa a integrar os dicionários, dado que é sua inconstância e transitoriedade, que lhe são peculiares, que colaboram à proposital incompreensão do público geral.

Na sequência, temos o Quadro 27:

Quadro 27. Entrada “gíria” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOc	NAu
gí.ri:a subst. fem. 1. Linguagem informal, expressiva, oriunda de determinado grupo social e, geralmente, restrita a ele: <i>a gíria dos funqueiros, a gíria dos surfistas.</i> 2. Palavra ou expressão de gíria (1). (p. 464)	(gí.ria) sf 1. Linguagem informal caracterizada por um vocabulário metafórico e pela abundância de expressões idiomáticas, estrangeirismos etc., geralmente de uso não tão duradouro quanto a linguagem formal (<i>Você fala gíria?</i>); 2. essa linguagem, utilizada por um determinado grupo que se diferencia também por costumes próprios (<i>Na gíria dos surfistas, “dropar” é descer uma onda da crista até a base.</i>); 3. linguagem própria de malandros e marginais; espécie de código linguístico cujo intuito é tanto identificar quem faz parte do grupo quanto não ser compreendido por quem não faz; 4. linguagem característica de pessoas da mesma profissão ou atividade; jargão (<i>Quem não trabalha na área não entende as gírias publicitárias.</i>); 5. Palavra ou expressão dessa linguagem (<i>“Trampar” é uma gíria que significa “trabalhar”.</i>). (p. 508)	gíria s.f. vocabulário informal e peculiar de um grupo social [ETIM: orig. contrv.] (p. 476)	(gí.ri:a) Ling. sf. 1 Linguagem peculiar que se origina de um grupo social restrito e alcança, pelo uso, outros grupos, tornando-se de uso corrente (<i>gíria</i> de malandro, <i>gíria</i> peculiar) 2 Linguagem própria de pessoas que exercem a mesma profissão ou atividade (<i>gíria</i> publicitária); JARGÃO 3 Linguajar chulo 4 Termo ou expressão de gíria (1, 2, 3) s2g. 5 Pessoa que conhece a língua ou dialetos indígenas 6 Pop. Tendência ou habilidade para aproveitar-se de situações em benefício próprio; ASTÚCIA; ESPERTEZA; MANHA [F.: De or. obsc.] (p. 713)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Como se verificou nos Quadros 26 e 27, também se constata nos Quadros 28 e 29, a gíria se apresenta como um fenômeno sociolinguístico. Concluimos que as unidades gírias se apresentam por duas perspectivas: (i) gíria grupal (restrição de uso, positiva ou negativamente, a

um determinado grupo); (ii) gíria comum (ocorre em razão de seu uso vulgarizado, ocupando outros contextos sociais). À vista disso, é preciso considerar que o fenômeno da gíria é um retrato de um determinado momento sócio-histórico em que um grupo usa seu arcabouço lexical para segregar-se, linguisticamente, da sociedade.

Por conseguinte, é possível entender que a marca “informal” poderia substituir “gíria”, dado que consegue recuperar o sentido de um item lexical que se apresente destituído de formalidade ou convencionalidade, do mesmo modo “coloquial” pode ser empregada no lugar de “gíria” nas situações contextuais em que os significados se aproximem da linguagem cotidiana. Como se nota, a depender do uso social das gírias por meio dos falantes, podemos verificar essa migração de sentidos.

Vejamos como o sentido de “gíria” se apresenta nas obras gerais a seguir no Quadro 28:

Quadro 28. Entrada “gíria” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
gí.ria <i>sf</i> 1 Linguagem especial usada por certos grupos sociais pertencentes a uma classe ou a uma profissão. 2 Linguagem usada pelos gatuños, e malandros e outras pessoas de hábitos duvidosos, para não serem compreendidos por outras pessoas. 3 <i>pop</i> Astúcia, esperteza, manha. <i>sm Reg</i> (Amazonas) Indivíduo que conhece dialetos indígenas; intérprete. (p. 1034)	gí.ri:a [<i>Or duv</i>] Sf [<i>Ab</i>] 1 linguagem especial usada por certos grupos sociais: <i>Cada café de</i> <i>São Paulo</i> <i>tinha seus</i> <i>fregueses e sua</i> <i>gíria</i> <i>particular.</i> [Co] 2 palavra ou expressão dessa linguagem: <i>captar a</i> <i>linguagem das</i> <i>ruas, com suas</i> <i>gírias e</i> <i>expressões</i> <i>características.</i> Originalmente, designava apenas a linguagem de marginais. (p. 679)	gíria [De or. obscura.] Substantivo feminino. 1. E. Ling. Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais. 2. E. Ling. Palavra ou expressão de gíria: <i>Usa</i> <i>muitas gírias na</i> <i>conversa; "Bacana" é</i> <i>gíria.</i> 3. E. Ling. Linguagem peculiar àqueles que exercem a mesma profissão ou arte; jargão: <i>a gíria dos</i> <i>artistas.</i> 4. E. Ling. Linguagem de malfeitores, malandros, etc., com a qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas; calão, geringonça (q. v.). Substantivo de dois gêneros. 5. Bras. Amaz. Pessoa que conhece dialetos indígenas.	gíria substantivo feminino 1 Rubrica: sociolinguística. linguagem informal com vocabulário rico em expressões metafóricas, jocosas, elípticas e mais efêmeras que as da língua tradicional 2 Rubrica: sociolinguística. dialeto us. por determinado grupo social [Seu processo de formação inclui acréscimo de sons ou sílabas, uso de certos códigos etc.] 3 Rubrica: sociolinguística. linguagem de marginais, difícil de ser compreendida por outras classes sociais, e que costuma funcionar como mecanismo de coesão tribal [A gíria, a princípio linguagem de marginais, estendeu-se a outros grupos sociais.] Ex.: <i>g.</i> <i>dos malandros</i> 4 Derivação: por extensão de sentido. linguajar rude; calão 5 Rubrica: sociolinguística. linguagem própria daqueles que desempenham a mesma profissão, arte etc.; jargão Ex.: <i>a g. dos economistas</i> 6 Derivação: por metonímia. palavra ou expressão de gíria Ex.: <i>costuma usar gírias</i> <i>que poucos entendem</i> 7 Derivação: por metonímia. repertório rico em gírias 8 Uso: informal. habilidade para enganar, obter vantagem; esperteza, astúcia substantivo de dois gêneros 9 Regionalismo: Amazônia. pessoa capaz de se fazer entender nos dialetos indígenas.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Como vemos, a característica de linguagem compartilhada entre membros de determinados grupos também é registrado nos dicionários do Quadro 28. Na microestrutura,

esperam-se informações que façam referência, por exemplo, ao registro (neste caso, “gíria”) em que determinado vocábulo ou sentido sejam utilizados. Do ponto de vista espacial, é difícil afirmar que um item lexical corresponde a uma gíria a não ser que seja realizada uma ampla investigação. Embora se possa afirmar que, predominantemente, gírias fazem parte da linguagem urbana, verificamos que essa etiqueta, com frequência, é utilizada pelos dicionários escolares, todavia, aspectos geográficos podem confirmar que as unidades lexicais etiquetadas por essa marca de uso podem não ser nacionalmente (re)conhecidas.

Observemos o sentido de gíria nos dicionários virtuais em análise pelo Quadro 29:

Quadro 29. Entrada “gíria” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(gí.ri:a) Ling. sf. 1. Linguagem peculiar que se origina de um grupo social restrito e alcança, pelo uso, outros grupos, tornando-se de uso corrente (gíria de malandro, gíria peculiar) 2. Linguagem própria de pessoas que exercem a mesma profissão ou atividade (gíria publicitária); JARGÃO 3. Linguajar chulo [F.: De or. obsc.]	gíria substantivo feminino 1 ^{SLING} linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional 2 ^{SLING} dialeto us. por determinado grupo social que busca se destacar através de características particulares e marcas linguísticas esp. em nível lexical [Seu processo de formação inclui truncamento, sufixação parasitária, acréscimo de sons ou sílabas, uso de certos códigos etc.] cf. <i>dialeto</i>, <i>!jargão</i> 3 ^{SLING} linguagem de marginais que, não sendo exatamente compreendida por outras classes sociais, costuma funcionar como mecanismo de coesão tribal e como código interativo entre tais grupos [A gíria, a princípio linguagem de marginais, estendeu-se a outros grupos sociais.] <g. dos malandros> <g. dos presidiários> 3.1 ^{p.ext.} linguajar rude; calão 4 ^{SLING} linguagem própria daqueles que desempenham a mesma arte ou profissão; jargão <a g. dos economistas> <g. médica> 5 ^{p.met.} palavra ou expressão de gíria <costuma usar gírias que poucos entendem> 6 ^{p.met.} repertório rico em gírias 7 ^{infrm.} habilidade para enganar, obter vantagem; esperteza, astúcia substantivo de dois gêneros ^{AMAZ} 8 pessoa versada em dialetos indígenas e capaz de se fazer entender nos mesmos ETIM. orig.contrv.; alguns autores consideram obsc. a orig. do voc.; ao estudar o esp. <i>jerga</i> no sentido de 'linguagem especial, difícil de compreender, geringonça', der. do occ.ant. <i>gergon</i> derivado de(o) fr.ant. <i>jargon</i> ou <i>gergon</i> no sentido de 'inicialmente gorjeio dos pássaros', depois <i>!jargão</i>, Corominas sugere para o port. <i>gíria</i> o étimo <i>*gíriga</i>, conexo com <i>jerigonza</i> no sentido de 'geringonça', que apresenta as var. locais <i>jerigoncia</i>, <i>cirigoncia</i>, <i>sirigonza</i> (este no calão mexicano) e a f. regr. <i>xíriga</i> (ou <i>xériga</i>), nome do jargão de telheiros, <i>!canteiros</i> e <i>cesteiros asturianos</i>, procedente de <i>*gíriga</i> do qual, segundo o autor, “saiu por outro lado o port. <i>gíria</i>”; cp. <i>geringonça</i> e <i>!jargão</i>; f.hist. 1649-1666 <i>gírias</i>.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do corpus.

Weinreich, Labov e Herzog (2019, p. 141-142) afirmam que o fator tempo, relacionado à variável idade do indivíduo, revela diferentes estados da língua que, por exemplo, se refletem no uso de gírias, dado que “a variante inovadora, ausente ou mais incipiente na fala dos mais velhos, aumenta sua frequência nas faixas mais jovens da população. Dentre as variáveis sociais, as diferenças etárias são o indicador social primário, embora não absoluto, de mudanças em progresso na língua”. Portanto entendemos que “gíria” é uma etiqueta que indica um sentido restrito a um grupo de indivíduos em razão das particularidades desse conjunto, reforçando essa como sua principal característica: uso exclusivo em nicho. Além disso, são sentidos que marcam cronologicamente o uso lexical, logo, serve também como valor histórico de um povo.

3.1.5.4 Marcas diastráticas: “depreciativo” X “pejorativo” X “chulo” X “vulgar”

O marcador diastrático exprime um juízo sobre o tom de uma troca linguística em relação a usos sociais. O conjunto de marcadores diastráticos constitui uma escala hierárquica que reflete a hierarquia social, sem necessariamente transpô-la; as marcas diastráticas são recursos que conseguem expressar a estratificação social estabelecida e mantida pela tradição. Essa hierarquia é baseada em uma série de pressupostos inconscientes do ideal social (por exemplo, o escrito é melhor do que o falado), em que os julgamentos sociais se revelam pelos fatos linguísticos.

Iniciemos pela verificação da primeira marca diastrática em dicionários do Quadro 30:

Quadro 30. Entrada “depreciativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Constatamos que essa primeira marca diastrática – “depreciativo” – não consta em nossos dicionários Tipo 2, o que nos ajuda a compreender melhor a interferência da dimensão propriamente social. A partir dos dicionários Tipo 3, ela passa a ser encontrada, como se verifica pelo Quadro 31. Vejamos:

Quadro 31. Entrada “depreciativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ ¹⁰⁴	HOc ¹⁰⁵	NAu
de.pre.ci.a.ti.vo <i>adj.</i> Em que há depreciação. (p. 291)	(de.pre.ci.a.ti.vo) <i>adj.</i> Pejorativo (<i>Usava termos depreciativos para descrever o inimigo.</i>). (p. 296)	de.pre.ci.a.ti.vo <i>adj.</i> 1 que deprecia <comentário d.> 2 pejorativo [ETIM: rad. do part. pas. lat. <i>depreciātus</i> sob a f. <i>depreciat</i> + -ivo] (p. 268)	(de.pre.ci.a.ti.vo) <i>a.</i> Que demonstra ou revela depreciação; que rebaixa ou desvaloriza [Ant.: <i>apreciativo.</i>] [F.: <i>depreciar</i> + - tivo.] (p. 449)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Como as obras em análise não nos fornecem informações fiáveis sobre a concepção que cada lexicógrafo tem dos marcadores diastráticos e uma vez que são frequentemente encontradas de um dicionário para outro, comentamos seu emprego a partir das definições das palavras utilizadas como marcadores diastráticos em cada um dos nossos 14 dicionários. Nos dicionários Tipo 3 e 4, o conceito de “depreciativo” não é tão esclarecer para seu consulente compreender o que uma acepção acompanhada do alerta “depreciativo” poderia estar

¹⁰⁴ Nessa obra, “depreciativo” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹⁰⁵ Nessa obra, “depreciativo” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

restringindo, dado que as definições são circulares, a não ser por aquela que se encontra em N_{Au} (há palavras mais comuns ao cotidiano de seu consulente).

Passemos à verificação do sentido de “depreciativo” no Quadro 32:

Quadro 32. Entrada “depreciativo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
de.pre.ci.a.ti.vo <i>adj</i> (<i>depreciar</i> + <i>ivo</i>) Que deprecia, ou serve para depreciar. (p. 657)	de.pre.ci.a.ti.vo Adj que desvaloriza; pejorativo: <i>Ele sempre usa um adjetivo depreciativo para falar do cunhado.</i> (p. 391)	depreciativo [De <i>depreciar</i> + <i>-tivo</i> .] Adjetivo . 1. Em que há, ou que envolve depreciação. [Antôn.: <i>apreciativo</i> .] 2. V. <i>pejorativo</i> (1).	depreciativo adjetivo em que há depreciação.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Também constatamos que essas são obras em que o conceito continua se mantendo opaco caso seus consulentes não saibam o que significa “depreciar”, “depreciação” ou “pejorativo”, uma vez que as definições circulam ao redor dessas unidades.

Por fim, observemos se ocorre alguma mudança acerca do registro do conceito de “depreciativo” nos produtos virtuais em análise no Quadro 33:

Quadro 33. Entrada “depreciativo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(de.pre.ci.a.ti.vo) a. 1. Que demonstra ou revela depreciação; que rebaixa ou desvaloriza [Antôn.: <i>apreciativo</i>] [F.: <i>depreciar</i> + <i>-tivo</i> .]	depreciativo adjetivo que encerra, envolve ou denota falta de apreço; em que há desvalorização da qualidade ou da importância de (alguém ou algo).

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Percebemos que somente esses dois últimos dicionários (CAv e HOv) oferecem uma descrição mais próxima à realidade vocabular cotidiana de seus consulentes, por isso auxiliam mais efetivamente ao entendimento de “depreciativo”. Portanto, uma acepção que receba a marca “depreciativo” nesses dicionários terá mais chances de ser compreendida pelo usuário.

Pelos Quadros 31, 32 e 33, a marca “depreciativo” diz respeito àquilo que diminui o valor de algo ou alguém, limitando o sentido de uma entrada pela falta de apreço que seu interlocutor a considera. Já os Quadros 34, 35 e 36 e 37 trazem as definições de “pejorativo” como uma marca que possui carga ofensiva, expressando desaprovação social.

Em seguida, passemos ao bloco que trata da unidade “pejorativo” usada como etiqueta, iniciando por suas definições no Quadro 34 dos dicionários Tipo 2:

Quadro 34. Entrada “pejorativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	---	---	pejorativo <i>adj.</i> pe-jo-ra- ti -vo. De significado ruim, no pior sentido. <i>A palavra moleque pode ter um sentido pejorativo.</i> (p. 230)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Somente DIP (do Tipo 2) lematiza “pejorativo”, mas o faz por meio de uma linguagem que favorece ao entendimento de uma criança de 6 a 10 anos (seu público-alvo).

Passemos ao Quadro 35 para verificar a conceituação de “pejorativo”:

Quadro 35. Entrada “pejorativo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOc	NAu
pe.jo.ra.ti.vo <i>adj. Linguagem</i> Diz-se de vocábulo de sentido depreciativo, obsceno ou desagradável. (p. 669)	(pe.jo.ra.ti.vo) <i>adj</i> Diz-se de palavra ou expressão de sentido desagradável, humilhante ou que exprime reprovação; depreciativo (<i>A palavra “baleia”, que denomina o grande mamífero aquático, transforma-se em termo pejorativo quando aplicada a uma pessoa gorda.</i>). (p. 860)	pe.jo.ra.ti.vo <i>adj.</i> que que exprime sentido negativo, depreciativo (diz-se de palavra, expressão etc.) ← elogioso [ETIM: <i>pejorado</i> , part. de <i>pejorar</i> ‘piorar’, sob a f. rad. <i>pejorat-</i> + <i>-ivo</i>] (p. 711)	(pe.jo.ra.ti.vo) a. 1 Que exprime desaprovação, depreciação (diz-se esp. de vocábulo ou expressão); DEPRECIATIVO 2 Que denota respeito, ressentimento [F.: Do fr. <i>péjoratif.</i>] (p. 1045)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

No quadro anterior, nota-se uma preocupação maior em definir o conceito de “pejorativo” por meio de vocábulos pertencentes ao cotidiano escolar de seus consulentes. Vejamos se o mesmo ocorre nos dicionários em análise dos Quadros 36 e 37:

Quadro 36. Entrada “pejorativo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
pe.jo.ra.ti.vo <i>adj</i> (<i>pejorar</i> +ivo) 1 Que piora ou agrava algum mal. 2 <i>Gram</i> Diz-se da palavra empregada em sentido torpe, obsceno ou simplesmente desagradável; depreciativo. Antôn: <i>elogioso.</i> (p. 1583)	pe.jo.ra.ti.vo Adj depreciativo; torpe: <i>Pela primeira vez, o homossexualismo é tratado sem tom pejorativo.</i> (p. 1048)	pejorativo [De <i>pejorar</i> + <i>-tivo.</i>] Adjetivo. 1. Diz-se de vocábulo que expressa desaprovação, depreciação ou significação desagradável. [O sufixo - ês, p. ex., quando designa um jargão ¹ (3) e não um glossônimo, tem uso pejorativo: <i>economês</i> , <i>politiquês.</i>] 2. Diz-se de vocábulo que adquiriu ou tende a adquirir significação torpe, obscena. 3. Diz-se de tal significação: <i>Usou a palavra moleque em sentido pejorativo.</i>	pejorativo adjetivo 1 que exprime sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo, despectivo (diz-se de palavra ou expressão) 2 <i>Derivação: por extensão de sentido.</i> desfavorável, aviltante <i>Ex.: relatos p.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Quadro 37. Entrada “pejorativo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(pe.jo.ra.ti.vo) a. 1. Que exprime desaprovação, depreciação (diz-se esp. de vocábulo ou expressão); DEPRECIATIVO 2. Desfavorável, despectivo. [F.: Do fr. <i>péjoratif</i>]	pejorativo adjetivo 1 que exprime sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo (diz-se de palavra ou expressão) 2 <i>p.ext</i> desfavorável, aviltante <relatos p.>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Podemos observar que sim os dicionários gerais dos Quadros 36 e 37 também trazem uma definição detalhada sobre o registro dos significados de “pejorativo”. Com isso, seu consulente é munido por informações que o ajudarão a entender melhor a restrição de uso de uma acepção marcada por “pejorativo” de maneira mais eficiente do que a marca “depreciativo”.

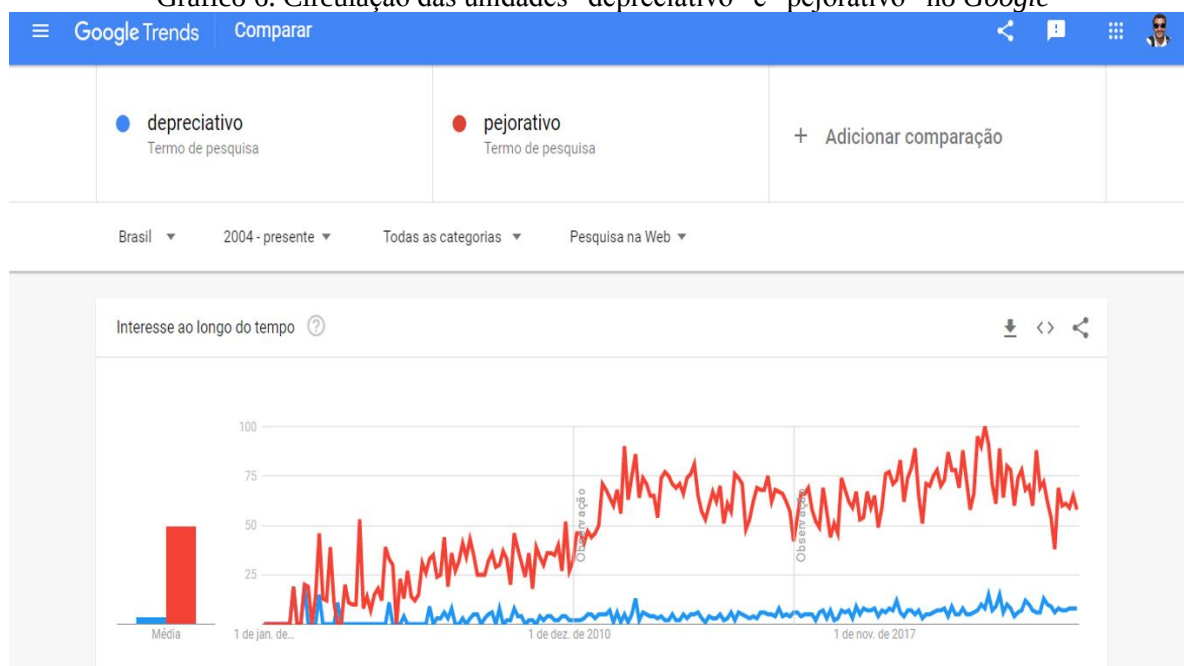
A formação da unidade pode indicar um valor pejorativo. Para tanto, Basilio (1995, p. 86) já apontava para estarmos atentos aos afixos, uma vez que podem agir em função de pejorativização, ressaltando que a “pejoratividade é provavelmente a expressão mais comum de atitude subjetiva sobre a caracterização de um ser. Em geral, podemos nos manifestar acerca de alguma coisa de uma maneira neutra, positiva ou pejorativa”.

Ao compararmos as marcas “depreciativo” e “pejorativo”, é preciso que se leve em consideração que “a variação diastrática é a que se verifica entre os falantes segundo seu lugar na sociedade: a classe social a que pertencem, com tudo o que isso envolve em termos de nível de renda, poder aquisitivo, acesso ao letramento etc.” (BAGNO, 2017, p. 89, s. v. *diastrático*).

A dificuldade que pode surgir a um consulente estudantil ao consultar um sentido no dicionário também pode ser resolvida se houver uma maior compreensão dos recursos lexicográficos, por isso a frequência de usos sociais das unidades “depreciativo” e “pejorativo” (Gráfico 6) nos auxilia a propor a escolha de uma delas como etiqueta a ser utilizada.

Observemos sua ocorrência na sociedade brasileira pelo Gráfico 6:

Gráfico 6. Circulação das unidades “depreciativo” e “pejorativo” no Google



Fonte: Google Trends (2022). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=depreciativo,pejorativo>.

Do ponto de vista conceitual, os itens “depreciativo” e “pejorativo” demonstram depreciação, revelam uma desvalorização, expressam um sentido desagradável e humilhante que, ao serem utilizadas como etiquetas, contribuem para alertar os consulentes sobre a carga negativa das acepções. Se compararmos as entradas “pejorativo” e “grosseiro”, poderíamos aventar a substituição do segundo sobre o primeiro.

Também cogitamos a possibilidade de substituir a marca “pejorativo” por “grosseiro”, porque é um vocábulo reconhecido pelo público escolar, haja vista sua presença em todos os dicionários do *corpus* como unidade lexicográfica, conforme Quadro 38:

Quadro 38. Comparação entre “pejorativo” e “grosseiro”

Palavras-entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
	Tipo 2				Tipo 3		Tipo 4		Dicionários gerais					
pejorativo	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
grosseiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor

Embora tenhamos aventado a inserção de “grosseiro” não o fizemos, pois seria uma marca limitada a um comportamento rude, deslegante, enquanto a etiqueta “pejorativo” abrange esse significado e também contempla os mesmos sentidos de “depreciativo” (depreciação e desaprovação) e se apresenta como um item mais frequente no motor de buscas Google Trends.

A próxima sequência de quadros retrata como as unidades “chulo” e “vulgar” são definidas por seus lexicógrafos, visto que são utilizadas como marcas de uso. Começemos por “chulo” no Quadro 39:

Quadro 39. Entrada “chulo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Como se verifica, “chulo” não é uma palavra-entrada nos dicionários Tipo 2, por coerência também não são marcas utilizadas, uma vez que todos os vocábulos de um dicionário devem constar de sua nomenclatura. Diferentemente das obras Tipo 2, no Quadro 40, verificamos que “chulo” está lematizada:

Quadro 40. Entrada “chulo” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOc ¹⁰⁶	NAu ¹⁰⁷
chu.lo adj. Grosseiro, baixo, rude. (p. 208)	(chu.lo) <i>adj</i> Rude; grosseiro (A <i>linguagem chula do</i> <i>homem incomodou</i> <i>as pessoas e</i> <i>escandalizou a</i> <i>velhinha.</i>). (p. 208)	chu.lo <i>adj.</i> 1 grosseiro, rude 2 <i>por ext.</i> de baixo calão, obsceno < <i>palavras</i> <i>c.</i> > [ETIM: cast. <i>chulo</i> ‘grosseiro; que se comporta desavergonhadamente’] (p. 190)	(chu.lo) a. 1 Grosseiro; sem educação, delicadeza, refinamento; rude (mulher <i>chula</i>); VULGAR 2 Indecoroso, obsceno; de baixo calão (vocabulário <i>chulo</i>) 3 <i>Ant.</i> Diz-se de homem que se amancebou 4 Que toca ou dança a chula; tb. <i>chuleiro sm.</i> 5 <i>Lus. Pej.</i> Homem que explora meretrizes; GIGOLÔ; CAFETÃO [F.: Do cast. <i>chulo</i> .] (p. 326)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Como se verifica, os Tipos 3 e 4 conceituam “chulo”, cuja definição se mostra bastante esclarecedora, conseqüentemente, poderá contribuir à compreensão de um usuário que se depare com uma acepção marcada por “chulo”.

Seguimos para o Quadro 41:

¹⁰⁶ Nessa obra, “chulo” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹⁰⁷ Nessa obra, “chulo” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

Quadro 41. Entrada “chulo” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI	DUPC	AU	HO
chu.lo <i>adj</i> (<i>cast chulo</i> do <i>ital</i> (<i>fan</i>) <i>ciullo</i>) 1 Baixo, grosseiro, rústico. 2 Diz- se de termos de calção, impróprios da linguagem educada. (p. 490)	chu.lo (<i>Esp.</i>) Adj 1 de baio calção; grosseiro; obsceno: <i>linguagem</i> <i>chula</i> Sm 2 (<i>Lus</i> <i>Coloq</i>) cafetão; gigolô. Ant para 1 polido; culto. (p. 278)	chulo [Do esp. <i>chulo</i> .] Adjetivo. 1. Grosseiro, baixo, rude: “Imitava tudo. O turco regateador, a criada espevitada, a velha impertinente e rezingona, o botequineiro <i>chulo</i> e palavroso.” (Lúcio Cardoso, <i>Maleita</i> , p. 115.) 2. Usado pela ralé; ordinário: “a sua autoridade indiscutível de orador popular, fazia-lhe cair dos lábios, como um rosário de sons, as palavras graves, indecorosas, <i>chulas</i> e poéticas, em misto turbulento e inteligente.” (Fialho d’Almeida, <i>Contos</i> , p. 10). Substantivo masculino. 3. <i>Lus.</i> <i>V. cáften.</i>	chulo adjetivo 1 que não é digno, elevado; grosseiro, rude <i>Exs.: modos c.; gente c.</i> 2 <i>Derivação: por extensão de</i> <i>sentido.</i> de baixo calção; grosseiro, obsceno <i>Ex.: palavra</i> <i>c.</i> 3 <i>Derivação: por extensão de</i> <i>sentido.</i> relativo a chula (‘dança’); chuleiro <i>Ex.: música</i> <i>c.</i> 4 <i>Derivação: por extensão de</i> <i>sentido.</i> Diacronismo: antigo. que se amancebou (diz-se de homem); barregão.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Conforme se verifica em DUPC,

alguns chulismos e vulgarismos, por sua alta frequência, foram registrados – o contrário seria tapar o sol com a peneira –, mas sem contextualização quanto ao seu sentido realmente chulo, mesmo porque ela é desnecessária. Nesses casos foram rotulados como **chulo, grosseiro, coloquial, popular, gíria** BORBA *et al.*, 2004, p. VIII, grifos do autor).

Os sentidos de “chulo” no Quadro 41 também confirmam aqueles do Quadro 40; por conseguinte, é uma entrada que pode ser empregada como marca de uso, uma vez que expressa um sentimento transparente ao consulente que se defronta com um significado que possua tal alerta de restrição.

Passemos ao Quadro 42:

Quadro 42. Entrada “chulo” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(<i>chu.lo</i>) a. 1. Grosseiro; sem educação, delicadeza, refinamento; rude (mulher <i>chula</i>); VULGAR 2. Indecoroso, obsceno; de baixo calção (vocabulário <i>chulo</i>) 3. <i>Ant.</i> Diz- se de homem que se amancebou 4. O mesmo que <i>chuleiro</i> . sm. 5. <i>Lus. Pej.</i> Homem que explora meretrizes; GIGOLÔ; CAFETÃO [F.: Do cast. <i>chulo</i> .]	chulo adjetivo 1 que não é digno, elevado; grosseiro, rude <i><modos c. <gente c.></i> 2 <i>p.ext.</i> de baixo calção; grosseiro, obsceno <i><palavra c.></i> 3 <i>p.ext.</i> relativo a chula (no sentido de ‘dança’); chuleiro <i><música c.></i> 4 <i>p.ext.</i> <i>ant.</i> que se amancebou (diz-se de homem) substantivo masculino <i>pej.</i> 5 (1727) indivíduo chulo (acp. 1) 6 <i>P</i> indivíduo que explora meretrizes; gigolô, rufião 7 <i>MOÇ</i> indivíduo que faz de companheiro de uma mulher para viver à sua custa; aproveitador ETIM. cast. <i>chulo</i> (sXVI) ‘grosseiro; que se comporta graciosa mas desavergonhadamente; indivíduo do povo, que se distingue por certa elegância e certa afetação no trajar-se’, foi tb. us.com o signif. de ‘rapaz’, proveniente do it. <i>ciullo</i> no sentido de ‘menino’, f.afer. de <i>fanciullo</i> , dim. de <i>fante</i> derivado de(o) lat. <i>infans, antis</i> ; ver <i>chul-</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

No Quadro 42, também podemos confirmar a coincidência de sentidos para “chulo”, podendo assim ser empregada como uma marca de uso.

Passemos ao bloco que verifica a ocorrência de “vulgar” nos dicionários do *corpus*, iniciando pelo Quadro 43:

Quadro 43. Entrada “vulgar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
---	vulgar vul. gar <i>adjetivo de dois gêneros</i> Rude; grosseiro: <i>O rapaz tinha modos vulgares.</i> (p. 516)	vul. gar <i>adj</i> comum; ordinário: <i>Aquele era um canteiro de plantinhas vulgares.</i> vulgaridade <i>S fem</i> qualidade do que é vulgar. (p. 453)	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Nota-se que dois dos quatro dicionários do Tipo 2 lematizam “vulgar”, porém, são diferentes à medida que DAI registra o sentido de grosseria, enquanto PV o significado de algo difundido. Retomando as unidades “familiar” e “popular”, há ainda um ponto de encontro entre seus significados que contribui para seu emprego como marcas de uso, dado o fato de que também possuem o significado de algo comum assim como um dos sentidos restringidos por “vulgar”, aspecto que pode dificultar uma percepção diferenciada entre as várias marcas.

Vejamos os sentidos de “vulgar” pelo Quadro 44:

Quadro 44. Entrada “vulgar” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ	HOc	NAu
vul.gar <i>adj.</i> 2 <i>gên.</i> 1. Referente ao vulgo ¹ . 2. Veja trivial (1): São apenas pensamentos vulgares. 3. Comum [Antônimos: incomum, invulgar.] subst. masc. 4. O que é vulgar. (p. 915)	(vul.gar) <i>adj</i> 2 <i>gên</i> 1. Relativo ao vulgo; popular (<i>Segundo a tradição vulgar, aquele era o local onde o herói tinha sido morto.</i>); 2. que é comum, trivial (<i>Embora tenha uma inteligência vulgar, Virgílio sai-se melhor do que os colegas nos estudos porque é esforçado.</i>); 3. reles, chulo, grosseiro (<i>roupas vulgares, palavreado vulgar</i>); sm 4. o que é banal, comum (<i>Frequentemente, o vulgar é valorizado pela programação televisiva para atrair uma audiência maior; então, vemos programas em que a vida íntima de pessoas comuns é exposta ao público, ou em que há danças com muita pelo sexual ou mulheres seminuas etc.</i>); 5. a língua vernácula (<i>Há discussões nos meios católicos em relação a se rezar a missa em vulgar ou em latim.</i>). (p. 1270)	vul.gar <i>adj.</i> 2g. 1 referente à plebe, ao ¹ vulgo; popular ← nobre 2 comum, corriqueiro ← raro 3 chulo, grosseiro <comportamento v.> ← fino [ETIM: lat. <i>vulgāris</i> , e ‘id.’] (p. 969)	(vul.gar) a2g. 1 Ref. ao vulgo ou peculiar a este; POPULAR 2 Que denota baixo nível de gosto ou educação; RELES; ORDINÁRIO; GROSSEIRO; GROSSO [Ant.: <i>distinto; elegante.</i>] 3 Que é comum, usual; TRIVIAL; BANAL: “E o aroma fenecido / Que se evola do teu nome <u>vulgar</u> !” (Camilo Pessanha, <i>Clepsidra</i>) [Ant.: <i>incomum.</i>] sm. 4 Aquilo que é vulgar, grosseiro 5 O idioma vernáculo: <i>Disse a missa em vulgar.</i> [F.: Do lat. <i>vulgaris.</i>] (p. 1430)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Pelo Quadro 44, verificamos que “vulgar” aparece nas definições dos dicionários escolares do *corpus* como algo trivial, baixo, comum, sem distinção, além do sentido de algo rude ou grosseiro nas quatro obras.

Observemos o registro ocorrido nos dicionários do Quadro 45:

Quadro 45. Entrada “vulgar” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI ¹⁰⁸	DUPC ¹⁰⁹	AU	HO
vul.gar¹ adj (lat <i>vulgare</i>) 1 Pertencente ou relativo ao vulgo. 2 Comum, freqüente, ordinário, trivial. 3 Baixo, íntimo, reles. 4 Que não se distingue dos seus congêneres; medíocre, ordinário 5 Que não é expressivo; que não é significativo; que não revela condições de talento. 6 Que não se recomenda por caráter algum de nobreza ou de distinção. 7 Diz-se da era de Cristo. 8 Diz-se da língua falada pelo povo. <i>Antôn</i> (acepções 2 e 4): <i>extraordinário</i>. <i>sm.</i> 1 Aquilo que é vulgar. 2 A língua vernácula. 3 O comum dos homens; o vulgo. <i>V. da gente</i> ou <i>v. dos homens</i>: o vulgo, o comum do homem. vul.gar² (lat <i>vulgare</i>) <i>vtd</i> <i>V</i> <i>divulgar</i> e <i>vulgarizar</i>. (p. 2220)	vul.gar Adj 1 comum; trivial: <i>Um texto excelente como este não pode ser depreciado por pormenores vulgares, como erros de digitação, por exemplo. No cerrado, o barbatimão e a caviúna são árvores vulgares.</i> 2 popular: <i>Era uma loja de produtos vulgares, sem sofisticação.</i> 3 reles; ordinário: <i>Havia muitos recibos datilografados em papel vulgar.</i> 4 grosseiro: <i>Os atores mais conscientes estão se recusando a usar termos muito vulgares como os chulismos.</i> 5 Diz-se da língua corrente falada pela plebe: <i>latim vulgar.</i> Ant para 1 a 3 original; raro, para 4 educado; elegante, para 5 culto. (p. 1445)	vulgar¹ [Do adj. lat. <i>vulgare</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Relativo ou pertencente ao vulgo; comum, ordinário, trivial, usual. 2. Reles, ordinário. 3. Sabido, notório. ~ <i>V. latim</i> —, <i>lúpus</i> —, <i>nome</i> —, <i>realismo</i> — e <i>sicose</i> —. Substantivo masculino. 4. Aquilo que é vulgar: “só a ilusão é verdadeira. A verdade é a mentira porque é o comum e o <u>vulgar</u>.” (João do Rio, <i>Dentro da Noite</i>, p. 177). 5. Língua vernácula: “ainda que seja muito difícil explicar, em <u>vulgar</u>, o que tal coisa quer dizer.” (José Saramago, <i>História do Cerco de Lisboa</i>, p. 22). vulgar² [Do v. lat. <i>vulgare</i>.] Verbo transitivo direto. 1. <i>V. vulgarizar</i> (1): “Quis-me punir do ousado sacrilégio / Com que os segredos seus <u>vulguei</u> na lira.” (Almeida Garrett, <i>Camões</i>, I, p. 103.) [Conjug.: v. <i>largar</i>.]	¹vulgar adjetivo de dois gêneros 1 relativo ou pertencente à plebe, ao vulgo; popular <i>Ex.: o latim v.</i> 2 que não foge à ordem normal, não se destaca; banal, comum, corriqueiro, ordinário, usual <i>Ex.: tem uma inteligência v.</i> 3 de qualidade inferior; baixo, chulo, grosseiro, reles <i>Exs.: usa palavras e outros termos v.; comportamento v.</i> 4 que se sabe; notório, sabido <i>Ex.: é v. culpar os pais pelos defeitos dos filhos</i> substantivo masculino 5 o que é vulgar; banalidade <i>Ex.: apreciar o v.</i> 6 a língua vernácula <i>Ex.: celebrar a missa em v.</i>” ²vulgar verbo transitivo direto e pronominal tornar(-se) conhecido; difundir(-se), divulgar(-se) <i>Exs.: os concertos populares costumam v. a música clássica; uma parte desta sinfonia vulgou-se tornando-se um hino popular</i>”

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Tanto as definições encontradas no Quadro 45 quanto aquelas dispostas no Quadro 46, indicam os sentidos daquilo que é socialmente difundido, que é trivial, bem como o que é de baixa qualidade para caracterizar o uso de vulgar em relação a sentimentos, impressões e pensamentos. Além de versar sobre esses sentidos, “vulgar” é também utilizado como um intensificador daquilo que é coloquial.

Finalizemos esse bloco observando o Quadro 46, a seguir:

¹⁰⁸ Nessa obra, “vulgar” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹⁰⁹ Nessa obra, “vulgar” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

Quadro 46. Entrada “vulgar” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(vul.gar) a2g. 1. Ref. ao vulgo ou peculiar a este; POPULAR 2. Que denota baixo nível de gosto ou educação; RELES; ORDINÁRIO; GROSSEIRO; GROSSO [Antôn.: distinto; elegante.] 3. Que é comum, usual; TRIVIAL; BANAL: "E o aroma fenecido/ Que se evola do teu nome <u>vulgar</u>!" (Camilo Pessanha, <i>Clépsidra</i>) [Antôn.: incomum.] sm. 4. Aquilo que é vulgar, grosseiro 5. O idioma vernáculo: <i>Disse a missa em vulgar</i>. [F.: Do lat. <i>vulgaris</i>.]	¹vulgar adjetivo de dois gêneros 1 relativo ou pertencente à plebe, ao vulgo; popular <o latim v.> 2 que não foge à ordem normal, não se destaca; banal, comum, corriqueiro, usual <isso é de ocorrência v. entre nós> 3 de qualidade inferior; baixo, chulo, grosseiro, reles <usa palavras e outros termos v.> <comportamento v.> 4 que se sabe; notório, sabido <é v. culpar os pais pelos defeitos dos filhos> substantivo masculino 5 o que é vulgar; banalidade <apreciar o v.> 6 a língua vernáculo <celebrar a missa em v.> ETIM. lat. <i>vulgāris</i>, e no sentido de 'comum, ordinário, trivial, corriqueiro'; ver <i>vulg(i/o)</i>;-; f.hist. sXV <i>uulgar</i> ²vulgar verbo t.d. e pron. tornar(-se) conhecido; difundir(-se), divulgar(-se) <os concertos populares costumam v. a música clássica> <uma parte desta sinfonia vulgou-se tornando-se um hino popular> ETIM. lat. <i>vulgo</i> ou <i>volgo</i>, <i>as</i>, <i>āvi</i>, <i>ātum</i>, <i>āre</i> no sentido de 'espalhar, propagar, comunicar; entregar ao público, prostituir; publicar (uma obra) etc.'; ver <i>vulg(i/o)</i>;-; f.hist. sXVII <i>vulgado</i>, 1789 <i>vulgar</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Aqueles significados verificados no Quadro 45 também se confirmam presentes no Quadro 46. Aproveitando as características de “vulgar”, voltemos, por um momento, à unidade “familiar”, pois Fajardo advoga que

a atribuição de muitas dessas marcas [de nível e estilo] a um determinado grupo é problemática, pois, de um lado Rey (1967) classifica a marca *fam.* entre as diastráticas, Coseriu (1981) inclui *fam.* entre as variedades diafásicas, quer dizer, entre os estilos de língua. Alguns sociolinguistas chegam ao ponto de negar a validade destas marcas; Bourdieu (1982) considera que o seu valor é tão variável que não faz sentido incluí-las no dicionário¹¹⁰ (FAJARDO, 1997, p. 43).

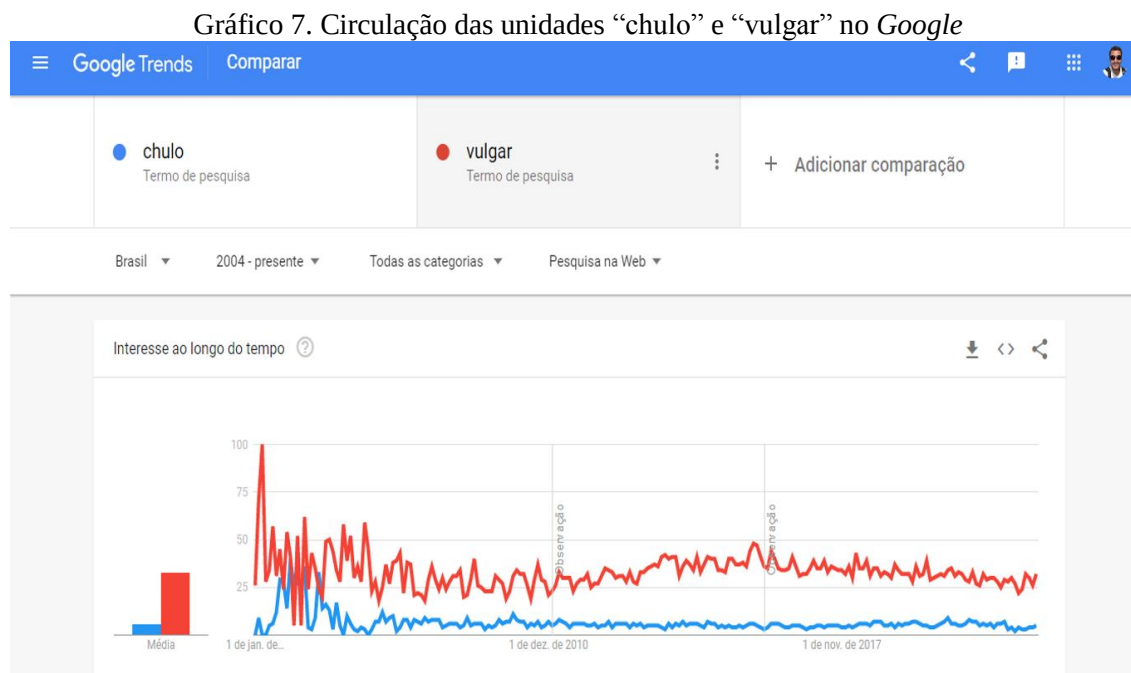
Nessa mesma linha de raciocínio, “vulgar” pode remeter tanto ao uso de pessoas de baixo nível social (marca diastrática) como a uma situação comunicativa em que a confiança entre falantes favorece o uso de formas vulgares (marca diafásica). Assim, a mesma unidade pode cobrir tanto uma dimensão social como uma dimensão estilística, o que, por sua vez, reflete a existência de marcas que se sobrepõem à linha entre o diafásico e o diastrático. Logo, Nomdedeu Rull (2014, p. 275) lembra-nos de que “as palavras não pertencem a um nível ou registro, mas são utilizadas em um deles”¹¹¹, por isso precisamos partir dos sentidos que elas adquirem para, então, propor alguma classificação das marcas.

¹¹⁰ Tradução nossa para “la adscripción de muchas de estas marcas [de nivel y estilo] a un determinado grupo es problemática, así mientras A. Rey (1967) clasifica la marca *fam.* entre las diastráticas, Coseriu (1981) incluye lo *fam.* entre las variedades diafásicas, es decir, entre los estilos de lengua. Algunos sociolingüistas llegan a negar la validez de esas marcas, así Bourdieu (1982) considera que su valor es tan variable que no tiene sentido incluirlas en el diccionario”.

¹¹¹ Tradução nossa para “las palabras no pertenecen a un nivel o a un registro, sino que se usan en uno de ellos”.

Por fim, trazemos o último par de marcas que pode gerar dúvidas em sua compreensão: “chulo” vs “vulgar”.

Para contribuir às nossas reflexões, apresentamos dados de sua ocorrência pelo Gráfico 7:



Fonte: *Google Trends* (2022). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=chulo,vulgar>.

Como a unidade lexical “vulgar” tem se mantido mais frequente do que “chulo”, entendemos que esta é abarcada por aquela por apresentarem traços parassinonímicos (a acepção que corresponde a grosserias). Segundo Bertonha (2018, p. 101), a perspectiva parassinonímica sempre leva “em consideração as condições sócio-histórico-culturais (...)”, pois “as línguas veiculam situações de uso, refletindo as características ideológicas e culturais de um povo, demarcando o modo como esse povo entende o mundo que o cerca”. Apresentando esse traço em comum e tendo sua frequência reconhecida pelo motor de buscas *Google Trends*, entendemos que deva ser utilizada a marca “vulgar”, que contempla o sentido de “chulo”.

3.1.5.5 Marcas diastráticas: “tabu”

O que se nota nas obras dicionarísticas é que há uma certa filtragem dos tabuísmos. Observamos que as unidades tabus se fazem presentes em alguns dicionários, mas não em outros, tanto Welker (2004) quanto Béjoint (2000) constatarem que, no mundo, há uma tendência para um maior liberalismo acerca da presença dos itens tabus nos dicionários, apesar de que

esse progresso varia, sendo mais ou menos rápido a depender do grau de liberdade e democracia presentes no cotidiano das diferentes sociedades. Aqui, tecemos algumas considerações acerca da ausência de tabuísmos em dicionários.

No último bloco de quadros que traz as definições das palavras-entrada que são empregadas como marcas de uso, temos a unidade “tabu” também usada como marca.

Vejamos, a partir do Quadro 47, quais são os sentidos atribuídos a “tabu”:

Quadro 47. Entrada “tabu” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 2

FB	DAI	PV	DIP
(ta. <u>bu</u>) Uma coisa é tabu quando as pessoas têm medo ou vergonha de fazer essa coisa ou até de falar a respeito dela. O que é tabu para um grupo de pessoas pode não ser tabu para outro. <i>adjetivo: Sexo é um assunto tabu para muitas culturas. sm: Quebrou um tabu alimentar ao comer manga com leite.</i> (p. 401)	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Dos quatro dicionários Tipo 2, apenas FB lematiza “tabu”. No ambiente escolar, novos valores se agregam àqueles advindos do núcleo familiar, observando-se, por exemplo, variantes não-padrão decorrentes da transposição da língua oral para a língua escrita, constituindo-se uma transgressão comumente repreendida por educadores e gestores mais rígidos. Nessa perspectiva de interdições, os tabuísmos são aqueles que primeiramente são rechaçados.

Observemos como as definições de “tabu” se apresentam no Quadro 48:

Quadro 48. Entrada “tabu” utilizada como marca de uso em dicionários Tipo 3 e 4

AUjr	SJ ¹¹²	HOc ¹¹³	NAu ¹¹⁴
ta.bu <i>subst. masc. Ciências Sociais</i> 1. Interdição, por razões religiosas ou rituais, de qualquer contato com alguém ou algo que se considera sagrado, nocivo ou impuro: <i>Entre certos povos, comer carne de porco é tabu.</i> 2. O objeto desta interdição. 3. Por extensão O que é proibido na conduta individual ou social por razões morais ou religiosas, ou por superstição. <i>adj. 2 gên. 4.</i> Que é vedado pelas razões acima, ou que deve ser evitado para não ofender. (p. 839)	(ta.bu) <i>sm</i> 1. Em determinadas sociedades, proibição de algum tipo de comportamento ou de qualquer contato com determinados seres, objetos ou lugares considerados sagrados, perigosos ou impuros, sob suposta pena de castigo divino; 2. restrição de certos comportamentos, gestos, linguagem determinada pelas convenções de uma comunidade ou religião (<i>Na sociedade afegã, as mulheres têm de usar um traje chamado burca, que cobre todo seu corpo e só deixa à mostra os olhos; tirá-lo em público é um tabu.</i>); 3. por ext o que é proibido ou recriminado por costume social (<i>Ficar nu em público é um tabu, exceto em campos ou praias de nudismo.</i>); <i>adj 2 gên 4.</i> que é considerado sagrado (<i>Na Índia, a vaca é um animal tabu.</i>); 5. que é proibido, recriminado ou que deve ser evitado, por crença, respeito, obediência ou pudor (<i>Até pouco tempo, sexo era um assunto tabu, sobre o qual as pessoas evitavam falar por vergonha; hoje é indispensável ser discutido abertamente, não apenas para orientar a descoberta da sexualidade e prevenir doenças sexualmente transmissíveis, como também para evitar a gravidez indesejada.</i>) (p. 1143)	ta.bu <i>s.m.</i> 1 proibição religiosa, social ou cultural de certo comportamento, gesto ou linguagem <t. sexual, linguístico> 2 o que é objeto dessa proibição <i>adj. 2g.</i> 3 que não pode ser us., feito, tocado ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor [ETIM: língua banta tapu ‘id.’] (p. 891)	(ta.bu) a2g. 1 Que tem caráter sagrado 2 Que é proibido: <i>Sexo já foi assunto tabu.</i> 3 Que não pode ser feito ou pronunciado por ferir o pudor, a moral, os costumes sm. 4 <i>Antr.</i> Entre certos povos, proibição ger. de inspiração religiosa, de atos ou comportamentos considerados impuros, danosos etc., e que, quando praticados, podem resultar em castigos de origem sobrenatural 5 Forte restrição a certos tipos de comportamento ou expressão: <i>Era uma sociedade repressora, cheia de tabus.</i> 6 O objeto dessas restrições (p. ex.: o homossexualismo) 7 Proibição de tocar numa pessoa, animal ou coisa por temor do sobrenatural 8 Escrúpulo que não se justifica, que não tem fundamento que o legitime 9 <i>Bot.</i> Tábua [F.: Do ing. <i>taboo</i> , deriv. do tongá ta’bu.] (p. 1303)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Proibidos de evocá-los por serem entendidos como itens que ofendem a moral e os bons costumes sociais, tendem a ser interditados em razão de regras escolares, sociais e/ou de cunho religioso. As sanções realizadas também são registradas nos dicionários, porém, constatamos que somente um Tipo 2 (FB) e um Tipo 3 (AUjr) registram sentidos etiquetados por “tabu”, como se viu nos Quadros 47 e 48. Embora, em SJ e HOc, “tabu” seja uma palavra-entrada, não é empregada como marca de uso. Estranha-nos esse posicionamento dado que, se não há a marca “tabu” advertindo o consulente, conseqüentemente, entende-se que não há acepções que carreguem sentidos proibidos na sociedade, o que, claramente, não condiz com a realidade brasileira.

Analisemos as definições de “tabu” nos Quadros 49 e 50:

¹¹² Nessa obra, “tabu” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹¹³ Nessa obra, “tabu” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹¹⁴ A marca de uso *Tabu*. é descrita como tabuísmo, que não é uma entrada.

Quadro 49. Entrada “tabu” utilizada como marca em dicionários gerais impressos e eletrônicos

MI ¹¹⁵	DUPC ¹¹⁶	AU	HO
ta.bu² (<i>tonga tabu</i>, via <i>ingl</i>) 1 Instituição religiosa ou mágica que atribui uma pessoa ou coisa caráter sagrado, Inter dizendo qualquer contato com elas. 2 A própria pessoa ou coisa sagrada. 3 Qualquer coisa que se proíbe supersticiosamente, por ignorância ou hipocrisia: <i>O direito de votar negado às mulheres foi mais um tabu que se desfez.</i> 4 Feitiço. <i>adj m+f</i> Que tem caráter sagrado, sendo defeso a qualquer contato. (p. 2006)	ta-bu (<i>Afr</i>) Sm 1 proibição convencional imposta por tradição ou costume: <i>Na época, mulher não praticava esporte, e Anésia tentou acabar com esse tabu.</i> 2 aquilo que é objeto dessa proibição: <i>Aula sobre sexo não é mais tabu.</i> 3 aquilo que a sociedade considera como tradição intocável ou imutável: <i>Hoje a virgindade não é mais um tabu.</i> 4 crença: <i>Até as mulheres aceitam o tabu de que o homem é o cabeça da família.</i> 5 (Desp) situação que permanece inalterada por um tempo mais ou menos longo: <i>Nunca perdeu neste ringue: hoje o tabu foi quebrado.</i> Associado a um S, significa “proibido ou perigoso por ser sagrado ou impuro”, e é invariável: <i>Sexo ali era assunto tabu.</i> (p. 1331)	tabu¹ [Do polinésio <i>tabu</i>, ‘sagrado’, ‘intocável’, ‘proibido’, pelo <i>ingl. taboo</i>.] Substantivo masculino. 1. Em certos povos e sociedades, proibição ou restrição de natureza ritual e religiosa, que determina que certos objetos, indivíduos, lugares ou atos, por serem considerados sagrados ou esp. impuros e perigosos, sejam evitados, e que como instituição social ger. está associada a fortes sanções e à crença de que sua violação traz castigo sobrenatural. 2. P. ext. Proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social: <i>tabus alimentares.</i> 3. Aquilo que é objeto de uma dessas proibições: <i>O incesto é um tabu em todas as sociedades.</i> 4. P. ext. Aquilo cujo uso, prática ou menção é objeto de forte censura, ger. por temor, vergonha, etc.: <i>Para eles, sexo ainda é um tabu.</i> 5. Escrúpulo sem justificativa ou fundamento positivo: <i>É uma pessoa cheia de tabus.</i> Adjetivo de dois gêneros. 6. Que tem caráter sagrado, sendo interdito a qualquer contato: <i>armas tabus.</i> 7. Que é proibido, perigoso, por ser considerado impuro, impudico. 8. Fig. Que é objeto de forte censura; que é interdito, proibido: <i>assuntos tabus.</i> [Sin. ger. (lus.): <i>tabo</i>.]	²tabu substantivo masculino 1 instituição religiosa que, atribuindo caráter sagrado a determinados seres, objetos ou lugares, proíbe qualquer contato com eles [A violação desse interdito acarreta, supostamente, castigo divino, que pode recair sobre o culpado ou sobre seu grupo.] 2 Derivação: por extensão de sentido. proibição de tocar uma pessoa, animal ou coisa por temor de punição de uma força sobrenatural <i>Ex.: em Samoa, distribuía-se todo o pescado pelo chão e ele era lavado em água doce para livrá-lo do t.</i> 3 Derivação: por metonímia. pessoa, animal ou coisa em que é vedado tocar por deter um poder sobrenatural julgado perigoso ou impuro <i>Ex.: os t. dos povos da Polinésia e da África negra</i> 4 Derivação: por extensão de sentido. escrúpulo aparentemente injustificado, sem fundamento ou imotivado <i>Ex.: é uma pessoa que vive presa a tabus</i> 5 Derivação: por analogia. interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou linguagem <i>Ex.: t. sexuais</i> 6 Derivação: por extensão de sentido. proibição imposta por costume social ou como medida protetora <i>Ex.: os t. convencionais da era vitoriana</i> adjetivo de dois gêneros 7 proibido ao toque <i>Ex.: animais t. entre os povos da Guiné</i> 8 que não pode ser us., feito ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor <i>Ex.: os palavrões são palavras t.</i> 9 que é objeto de veneração ou respeito inquestionáveis (diz-se de pessoa) <i>Ex.: artistas t. da cena internacional</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do *corpus*.

Da mesma maneira como verificado em SJ e HOc (Quadro 48), MI e DUPC não empregam “tabu” como marca de uso e, ao não fazê-lo, levam o consulente a interpretar que todo e qualquer significado registrado nessas obras está livre de um discurso de proibição social. Como aponta Orsi (2010),

¹¹⁵ Nessa obra, “tabu” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

¹¹⁶ Nessa obra, “tabu” não é uma marca de uso utilizada, mas está lematizada.

o tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega (ORSI, 2010, p. 277).

O tabu precisa ser evidenciado nos dicionários ao custo de sua omissão propiciar uma falsa realidade (extra)linguística prejudicial ao consulente.

Finalizemos pela verificação das definições no Quadro 50:

Quadro 50. Entrada “tabu” utilizada como marca em dicionários gerais virtuais

CAv	HOv
(ta.bu) a2g. 1. Que tem caráter sagrado. 2. Que é proibido: <i>Sexo já foi assunto tabu</i>. 3. Que não pode ser feito ou pronunciado por ferir o pudor, a moral, os costumes. sm. 4. Antr. Entre certos povos, proibição ger. de inspiração religiosa, de atos ou comportamentos considerados impuros, danosos etc., e que, quando praticados, podem resultar em castigos de origem sobrenatural. 5. Forte restrição a certos tipos de comportamento ou expressão: <i>Era uma sociedade repressora, cheia de tabus</i>. 6. O objeto dessas restrições (p.ex.: o homossexualismo). 7. Proibição de tocar numa pessoa, animal ou coisa por temor do sobrenatural. 8. Escrúpulo que não se justifica, que não tem fundamento que o legitime. 9. Bot. Tabua. [F.: Do ing. <i>taboo</i>, deriv. do tongá <i>ta'bu</i>.]	²tabu substantivo masculino 1 instituição religiosa que, atribuindo caráter sagrado a determinados seres, objetos ou lugares, proíbe qualquer contato com eles [A violação desse interdito acarreta, supostamente, castigo divino, que pode recair sobre o culpado ou sobre seu grupo.] 2 p.ext. proibição de tocar uma pessoa, animal ou coisa por temor de punição de uma força sobrenatural <i>«em Samoa, distribuía-se todo o pescado pelo chão e ele era lavado em água doce para livrá-lo do t.»</i> 2.1 p.met. pessoa, animal ou coisa em que é vedado tocar por deter um poder sobrenatural julgado perigoso ou impuro <i>«os t. dos povos da Polinésia e da África negra»</i> 3 p.ext. escrúpulo aparentemente injustificado, sem fundamento ou imotivado <i>«é uma pessoa que vive presa a tabus»</i> 4 p.ana. interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou quanto à linguagem <i>«t. sexuais» «o povo fez da palavra diabo um t. linguístico»</i> 5 p.ext. proibição imposta por costume social ou como medida protetora <i>«os t. convencionais da era vitoriana»</i> 6 p.ext. qualquer preceito de interdição em curso numa coletividade adjetivo de dois gêneros 7 que é objeto de um tabu (acp. 2.1) <i>«animais t. entre os povos da Guiné»</i> 8 proibido por crença de ordem sobrenatural 9 que não pode ser us., feito, tocado ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor <i>«os palavrões são palavras t.» «dar banana é um gesto t. em muitos contextos»</i> 10 que é objeto de veneração ou respeito inquestionáveis (diz-se de pessoa) <i>«cantores que são monstros sagrados, artistas t. da cena internacional»</i> ETIMOLOGIA tonga <i>tapu</i> no sentido de 'consagrado; destinado a um propósito especial; restrito ao uso de divindades, reis, chefes e proibido ao uso comum; proibido a um grupo social particular; inviolável; sagrado; proibido; ilegal; relativo a pessoa sob proibição temporária ou permanente de executar determinadas ações, consumir certos tipos de alimentos ou de ter contato com os outros', pelo ing. <i>taboo</i>, t. retirado da língua polinésia pelo Capitão James Cook (1728-1779) para referir-se a certas proibições religiosas e, posteriormente, divulgado por Sigmund Freud (1856-1939) para designar a proibição de atos contraditórios com os padrões morais; já no ing. como subst. (1775) 'proibição de tocar, fazer ou dizer algo por medo de um castigo sobrenatural; proibição instituída por um grupo social como medida de proteção; superstição' e tb. como v. (1775) 'tornar proibido; tornar privilégio de alguns; proibir o uso, o contato com ou a menção de; banir, boicotar'; no fr. <i>tabou</i> (1822) 'interdição de ordem religiosa', (1958) 'interdição de ordem cultural e social sobre a qual se evita falar por pudor, crença ou superstição'; f.hist. 1899 <i>tabu</i> no sentido de 'cerimônia supersticiosa na Guiné', sXX <i>tabu</i> no sentido de 'instituição'.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dicionários do corpus.

Assim como em AU e HO (Quadro 49), também em CAv e HOv (Quadro 50), “tabu”, além de ser uma palavra-entrada, é uma marca de uso que figura em acepções desses dicionários. É importante salientar esse aspecto, pois, de acordo com Orsi e Zavaglia (2012),

saber falar e escrever uma língua implica no conhecimento de seu léxico e de sua gramática, mas igualmente saber escolher e usar dentre as variedades disponíveis a mais adequada a uma situação particular. Todo ser humano tem de falar de acordo com tais regras, isto é, tem de “saber”: quando pode falar e quando não pode, que tipo de conteúdos lhe são consentidos e que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada em cada conjuntura ou circunstância (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p. 164).

Assim, refletindo sobre a marca “tabu”, é preciso que haja uma ampliação nas propostas de estudos e de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula com o intuito de destacar os aspectos etno e sociolinguísticos para discutir sobre os tabus linguísticos, abordando o eixo de transversalidade do currículo escolar, sobretudo na atual configuração retrógrada pela qual o Brasil vem passando. Obviamente, os dicionários precisam marcar os itens tabuizados para que nenhum consulente saia aleatória e indiscriminadamente utilizando-os.

A percepção de que um item lexical é tabuizado ou que corresponda a um chulismo se constata de acordo com a comunidade linguística, configurando-se uma extensão de seus conceitos sociais. Desse modo, em concordância com Guérios (1979, p. 6), os tabuísmos e chulismos são fenômenos universais que variam no tempo e no espaço, de sociedade para sociedade e, em geral, “não chegam ao completo desaparecimento; mais frequentemente permanecem, quer sob a forma de derivados, quer como deformados sob vários aspectos”.

Se, por um lado, o tabu é um fenômeno que se relaciona à forte censura por temor, por vergonha, quer dizer, àquilo que é entendido como proibido de se ver, falar, repetir e que se tornam palavras-tabu, objetos-tabu, ações-tabu, partes-tabu; por outro lado, os chulismos correspondem a algo ordinário, comum e se cristalizam em unidades lexicais que expressam grosserias, rudeza, baixeza. À vista disso, autores como Strehler (1998), Welker (2004) e Pontes (2009) apontam para o fato de que a inexistência de uma padronização das marcas de uso leva lexicógrafos a estabelecerem as suas próprias, segundo sua melhor compreensão.

Na prática lexicográfica espanhola, Fajardo (1997) aponta várias questões que abrangem a presença das marcas de uso nos dicionários, que vão da ausência de sua conceituação clara e transparente na introdução e na nomenclatura, a fim de que se possa verificar quais valores lhes foram atribuídos, até a sobreposição de duas ou mais concepções (geográficas, estilísticas, sociais etc.) sem que ocorra, de maneira explícita, a marcação de sua diferença, por exemplo, entre “familiar”, “popular”, “gíria”, “coloquial” etc. Ainda prossegue (FAJARDO, 1997, p. 35-36) defendendo uma padronização das marcas de uso com intuito de sanar possíveis dúvidas, por exemplo, que levem a um contexto ambíguo, e eliminar repetições dispensáveis.

Por fim, Bertonha e Zavaglia (2022b, p. 86) concluem que

diferentes marcas de uso são empregadas em uma mesma entrada a depender do Tipo de dicionário a partir da reflexão sobre usos linguístico-culturais do povo brasileiro. Ainda ressaltamos a importância de se observar as unidades lexicais em função de seu uso, descritas no espaço de interação social, acompanhadas por etiquetas de uso. [...] é preciso que as marcas de uso, máxime aos dicionários escolares, sejam mais e melhor representadas, uma vez que podem desvelar ao consulente as possíveis nuances de sentido e a valorização que podemos – e que devemos – manifestar junto aos itens lexicográficos em contexto de uso, apropriada e acertadamente (BERTONHA; ZAVAGLIA, 2022b, p. 86).

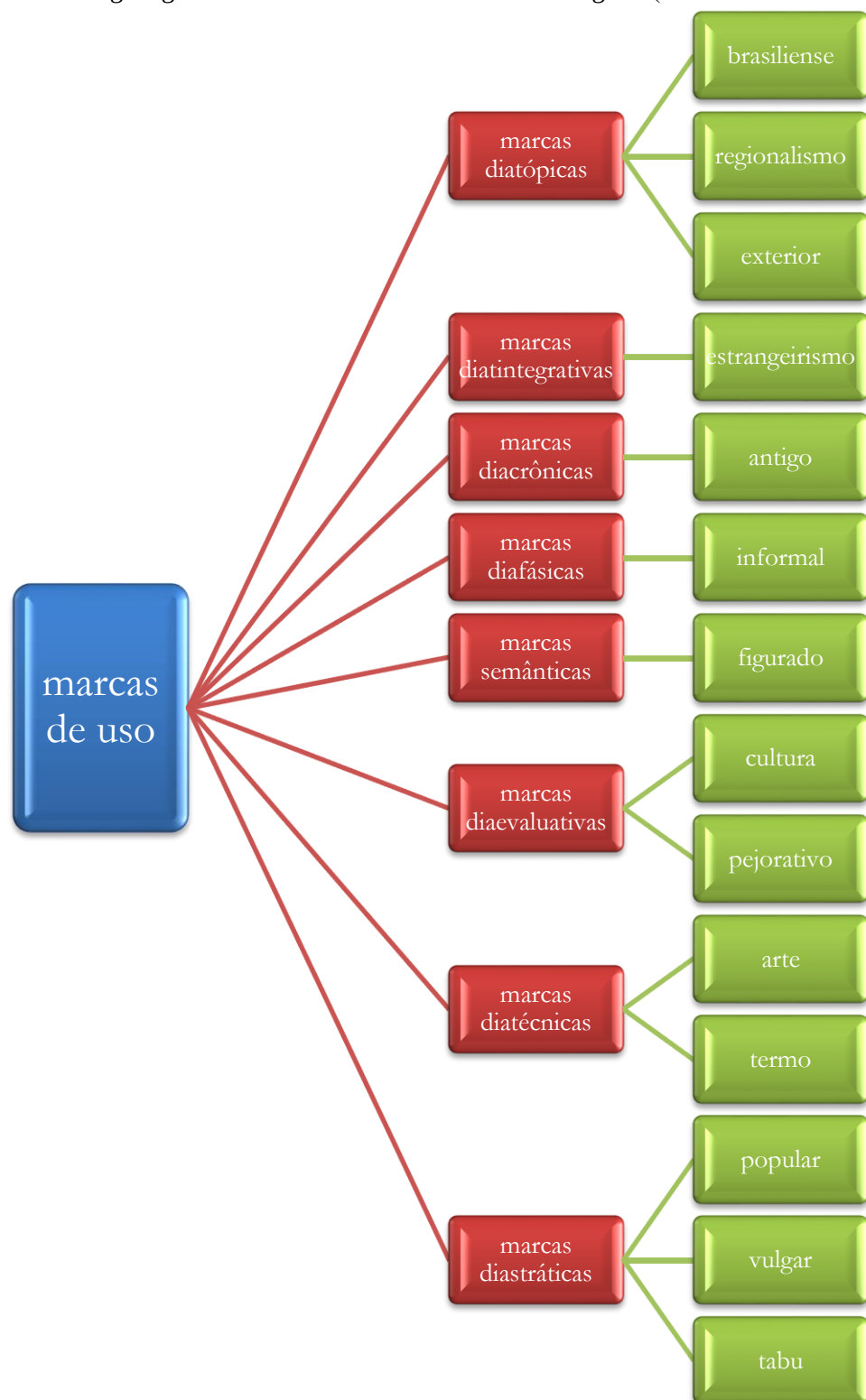
Ainda em tempo, a oferta de um sistema coerente de marcas de uso contribui enormemente para a consulta dos usuários de dicionários; entretanto, é necessário termos consciência de que continuaria uma tarefa difícil identificar o momento em que um item lexical deixa de fazer parte de um nível estilisticamente não marcado. Além disso, é improvável que todos os lexicógrafos possam ter a mesma percepção para estabelecer que este ou aquele sentido é apropriado ou inapropriado, autorizado ou desautorizado, moral ou imoral etc., logo, a padronização favorece o labor lexicográfico, porém, não soluciona todas as dificuldades dicionarísticas.

Para que um consulente tenha plena consciência das marcas que encontra nos dicionários, é preciso que esse recurso seja identificado e explicado na parte introdutória da obra e, caso isso não ocorra, a única forma de que o usuário dispõe para entender o que significam as marcas é buscar pela definição delas na nomenclatura da obra. Por isso, trouxe os verbetes que correspondem às marcas que estamos analisando (tabelas comparativas em que as marcas figuram como entradas) para, assim, atingirmos um de nossos objetivos específicos que diz respeito a verificar se, de fato, elas figuram ou não nas obras, quer dizer, se um indivíduo não conseguir essa informação na introdução ou pelo verbete, a etiquetagem terá sido utilizada em vão por não atender às expectativas do consulente. Parece-nos oportuno esse exercício de metalinguagem para averiguar como os dicionários tratam as marcas como unidades pertencentes a sua nomenclatura.

A partir desses conceitos levantados acerca das marcas de uso, entendemos que é produtivo trazer, neste momento, nossa compreensão sobre elas, visto que servirá como base para nossas análises e proposta de marcação. Logo, elaboramos um organograma em que constam 14 marcas de uso, dentre as quais duas (“exterior” e “figurado”) pertencem ao grupo daquelas que destacam uma restrição mais específica de uso (elas figuram entre as 12 de sentido mais geral, já que ambas são as únicas representantes de rótulos, respectivamente, diatópicos e

semânticos para sentidos mais particulares). Vejamos a perspectiva de agrupamento das marcas no Organograma 6 a seguir:

Organograma 6. Marcas de uso de sentido mais geral (salvo “exterior” e “figurado”)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma vez trazida uma proposta de categorização das marcas de uso, acreditamos que seja necessária a conceituação delas para esclarecer as razões que nos levaram à elaboração de nossos verbetes (com base naqueles de nosso *corpus*), o que nos leva ao Quadro 51:

Quadro 51. Marcas propostas e respectivas conceituações

Marca proposta	Nossa conceituação
ANTIGO	marca diacrônica que destaca um sentido fora do uso corrente da língua
ARTE	marca diatécnica que ressalta a atividade humana subjetiva, quer estética ou comunicativa, por meio de suas expressões (arquitetura, música, dança, pintura, escultura, fotografia, teatro, literatura, cinema, entre outras)
BRASILIENSE	marca diatópica que indica um pertencimento ao Brasil
CULTURA	marca diaevaluativa que indica práticas, crenças, valores que caracterizam e são reconhecidas por uma comunidade linguística, que identifica um povo
ESTRANGEIRISMO	marca diaintegrativa que aponta um vocábulo em língua estrangeira usado no sistema linguístico do português brasileiro
INFORMAL	marca diafásica que indica o sentido da palavra que circula entre amigos ou que está em uma situação descontraída; as acepções marcadas com essa etiqueta não ocorrem em situações formais
PEJORATIVO	marca diaevaluativa que aponta alguma atitude negativamente crítica a algo ou alguém, com características de desaprovação
POPULAR	marca diastrática que indica um sentido de ampla abrangência e de entendimento, cujo uso se verifica principalmente na fala espontânea da população
REGIONALISMO	marca diatópica que aponta para circulação de um sentido, com maior probabilidade, em um determinado espaço geográfico
TABU	marca diastrática que indica o sentido obsceno ou chocante na sociedade; há uma recomendação social velada para que não sejam pronunciadas ou escritas
TERMO	marca diatécnica usada por pessoas que são especialistas em uma área particular do conhecimento de modo objetivo
VULGAR	marca diastrática ressalta um vocábulo ou sentido rude, particularmente relacionado ao sexo

Fonte: Elaborado pelo autor.

O organograma 6 ilustra quais são nossas escolhas para marcas de uso que apresentam um caráter mais geral (12 marcas 1), além de duas do campo mais específico (marca 2): “exterior” e “figurado”, a título de ilustração para destacar, respectivamente, uma marca diatópica e uma semântica. Enquanto isso, no Quadro 51, procuramos conceituar aquelas marcas por nós consideradas como “marca 1”, sendo que, tanto essas quanto as marcas 2, foram escolhidas a partir de sua presença nos dicionários escolares do *corpus*. A presença dessas marcas como unidades lexicográficas nessas obras garante que o público-alvo estudantil as reconheça por estarem já familiarizados. Particularmente, propomos que “arte” e “termo” sejam marcas distintas uma vez que “arte” (i) é uma disciplina oferecida, à parte, nos currículos dos Ensinos Fundamental e Médio, (ii) possui uma especificidade mais subjetiva ao ser tratada nos

materiais didático-pedagógicos e (iii) contribui para que os estudantes tenham mais atenção às atividades humanas artísticas, fundamentais para a formação cidadã desse público.

Por fim, pela privação de um aporte teórico robusto em que a Lexicografia se sustente para determinar uma categorização uníssona a respeito das marcas de uso, o que se verifica é um tratamento superficial, divergente, parcial ou mesmo tendencioso nos dicionários. Logo, dada a marcação controversa, é apropriado que se examinem essas marcas e que sua ausência seja problematizada, não apenas em dicionários infantis e escolares, mas também os gerais já que a presença dessas marcas favorece um reconhecimento contextual mais preciso pelo consulente, o que contribui para sua formação cidadã. Por meio da Sociolinguística, acreditamos que a conceituação possa ser mais objetiva para, conseqüentemente, conseguirmos categorizar as marcas com maior precisão e menos dúvidas subjetivas.

Capítulo 4

Metodologia

“Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua.”
(BIDERMAN, 2001c, p. 131)

Neste quarto capítulo, descrevemos a metodologia adotada para a análise das marcas de uso presentes nos dicionários do *corpus* da pesquisa, que engloba: tipo de pesquisa, descrição do *corpus*, coleta de dados, procedimentos adotados para o levantamento e análise dos dados.

4.1 Procedimentos metodológicos

Vejamos passo a passo, os procedimentos adotados.

4.1.1 Passo 1: levantamento do arcabouço teórico

Nossa primeira tarefa metodológica foi recorrer à literatura que abarcasse os conceitos referentes aos produtos lexicográficos, tendo como ênfase os dicionários escolares. Concomitantemente, recorreremos à leitura de documentos oficiais (BNCC, PCN e PNLD) por se ocuparem da normatização do ensino de nossa língua materna no país, por conseguinte, no processo de aprendizagem do léxico. Por fim, aprofundamo-nos em autores que pesquisaram nosso objeto de estudo – as marcas de uso – o que nos permitiu traçar um panorama histórico acerca da utilização desse recurso lexicográfico.

4.1.2 Passo 2: seleção do *corpus*

Na sequência, partimos para selecionar nosso *corpus* de pesquisa – 14 dicionários escolares –, aproveitando para compartilhar suas informações e alguns de seus verbetes a título de exemplificação do emprego das marcas. Delimitamo-nos ao universo das marcas de uso registradas pelos lexicógrafos que elaboraram as seguintes obras dicionarísticas, as quais constituem nosso *corpus*, cumprindo nossos dois primeiros objetivos específicos: (i) analisar a designação dada para as marcas na megaestrutura desses dicionários; (ii) identificar e analisar as marcas de uso utilizadas nos dicionários presentes no *corpus* de pesquisa, a saber:

Dicionários Tipo 2:

- (i) *Fala Brasil! Dicionário ilustrado da língua portuguesa* (BRAGA; MAGALHÃES, 2011), doravante FB (2011);
- (ii) *Dicionário Aurélio ilustrado* (FERREIRA, 2008), DAI (2008);
- (iii) *Dicionário Palavrinha Viva* (BORBA, 2011), PV (2011);
- (iv) *Dicionário ilustrado de português* (BIDERMAN, 2009), DIP (2009);

Dicionários Tipo 3 e 4:

- (v) *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa* (FERREIRA, 2011), AUjr (2011);
- (vi) *Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado* (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010), SJ (2010);
- (vii) *Dicionário Houaiss Conciso* (HOUAISS; VILLAR, 2011), HOc (2011);
- (viii) *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (GEIGER, 2011), N Au (2011);

Dicionários gerais impressos e/ou eletrônicos:

- (ix) *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAELIS, 1998), MI (1998);
- (x) *Dicionário Unesp do português contemporâneo* (BORBA et al., 2004), DUPC (2004);
- (xi) *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2010), AU (2010);
- (xii) *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009), HO (2009);

Dicionários gerais virtuais:

- (xiii) *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete* (AULETE, 2021), CAv (2021);
- (xiv) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2021), HOv (2021).

Nosso foco parte dos dicionários escolares conforme a categorização proposta pelo “PNLD 2012: Dicionários”. Esse Programa propõe a distribuição e utilização de 19 dicionários: três do Tipo 1, sete do Tipo 2, cinco do Tipo 3 e quatro do Tipo 4. Desse montante, selecionamos oito obras (supracitadas), com o intuito de comparar a escolha e o emprego das marcas de uso nesses dicionários escolares, e mais seis dicionários de língua geral (supramencionados). Com isso, temos um total de quatorze dicionários que abrangem o percurso estudantil do 2º ano do Ensino Fundamental (com os dicionários Tipo 2) e avança para a vida adulta (pela consulta a dicionários não escolares, tais como MI, DUPC, AU, HO, CAu e HOv, de nosso *corpus*), após

o Ensino Médio. Por que comparar as marcas de uso de dicionários escolares a não escolares? Porque, desse modo, conseguimos verificar quais são utilizadas pelos lexicógrafos, se existem divergências ou convergências nas escolhas delas, feitas por eles, além de observar como são empregadas na descrição lexicográfica.

4.1.3 Passo 3: coleta das marcas de uso

Nosso terceiro passo consistiu em coletar os verbetes que continham marcas de uso do *corpus*, por isso, durante essa primeira busca, levantamos 21 verbetes (“abacaxi”, “abafado”, “apagar”, “bafo”, “biruta”, “boneca”, “boneco”, “borrar”, “cagar”, “criança”, “dicionário”, “família”, “galera”, “galho”, “parasita”, “pintar”, “pinto”, “pipa”, “povo”, “traçar” e “troço”) – exceto por “apagar”, “biruta” e “troço”, já presentes nos capítulos 3 e 5, os outros 18 verbetes estão disponíveis no Anexo I –, os quais possuem suas acepções marcadas e estão presentes em todos os dicionários escolares do *corpus*. Na sequência, para conseguirmos avançar em nosso objetivo geral (investigar o registro das marcas de uso em dicionários monolíngues escolares brasileiros, buscando analisar como estão introduzidas para descrever as unidades lexicais que as recebem), levantamos as marcas de uso estabelecidas por seus lexicógrafos nos referidos dicionários a fim de compará-las nas quatorze obras, o que possibilitou verificar a descrição dos itens lexicais etiquetados. Faz-se necessário destacar que o levantamento foi feito manualmente, página a página, em cada um dos oito dicionários escolares, visto que não possuem versões eletrônicas ou virtuais.

4.1.4 Passo 4: análise e contraste das marcas de uso

Em seguida, analisamos se a seleção contemplava todos os tipos de marcas pesquisadas e, ao contrastá-las, percebemos a necessidade de ampliar essa recolha para 50 verbetes. Com essa amostragem representativa, aprofundamos nossas análises, partindo para: (i) verificar se as dez marcas (“informal”, “familiar”, “coloquial”, “popular”, “gíria”, “depreciativo”, “pejorativo”, “chulo”, “vulgar” e “tabu”) também se apresentavam como palavras-entrada; (ii) e contrastá-las em suas conceituações nas diferentes obras, por meio de quadros comparativos. Entendemos que uma amostra se configura suficiente para que tenhamos conhecimento das características da(s) obra(s) uma vez que, se o autor de dicionários segue um protocolo, o que ocorre com uma parte deve confirmar o que acontece com o todo.

4.1.5 Passo 5: proposta de marcação dupla em nosso modelo de verbete

Percebendo a não sistematicidade das marcas, tanto no sentido quanto em seu emprego, elaboramos uma proposta de etiquetagem, conceituando nossas marcas de uso, com base em critérios sociolinguísticos e em sua ocorrência na sociedade brasileira. Assim, nossos critérios sociolinguísticos foram relacionados à abrangência nacional, à escolarização, ao *status* socioeconômico e também à faixa etária do consulente, auxiliando-nos na delimitação de sentidos das marcas ao mesmo tempo que utilizamos a ferramenta *Google Trends* para verificar a circulação e a frequência das unidades lexicais candidatas a serem empregadas como marcas de uso. Esse dispositivo é gratuito e fornecido pelo motor de buscas *Google*, que permite aos usuários realizar comparações sobre o volume de buscas referentes a unidades lexicais. Como resultado, propusemos uma marcação dupla – constituída de uma marca 1 (de sentido mais geral) e de uma marca 2 (de sentido mais particular).

Para fins de recorte a ser analisado, durante o percurso supramencionado, tivemos como parâmetro coletar, pelo menos, uma palavra-entrada de cada letra do DIP (por ser o dicionário que menos marca suas acepções, além de oferecer uma descrição concisa no verbete; no total, 45), somando-se a outras dez – “bafo”, “borrar”, “cagar”, “ceroula”, “comitiva”, “cursinho”, “dragão”, “galera”, “pinto” e “unicórnio” – do AUjr (único de nosso *corpus* que traz todas as marcas analisadas) com o intuito de discutir todas as dez marcas de uso deste estudo, possibilitando-nos (i) verificar os rótulos estabelecidos, (ii) analisar sua presença ou ausência, além de (iii) examinar a relação junto a outros elementos do verbete.

Posteriormente, verificamos se as acepções marcadas nos dicionários escolares também estariam etiquetadas nos dicionários gerais. Como entendemos que todos os itens lexicais presentes em obras dicionarísticas precisam fazer parte de suas nomenclaturas, verificamos se as marcas de uso que serviram para etiquetar os sentidos também se constituíam como entradas, visto que, a nosso ver, é importante que o item lexical utilizado como marca de uso faça parte da nomenclatura do dicionário para que o consulente possa encontrá-lo e ter acesso ao seu significado, caso tenha essa necessidade. Além de ser uma palavra-entrada, é necessário que haja informações sobre as marcas para o consulente na *front matter*.

Essas etiquetas propostas para compor o conjunto dessa marcação dupla estão presentes nos dicionários escolares e, para exemplificar a utilização dessa forma de etiquetagem, selecionamos um novo grupo de verbetes, expandimos para 50 e, posteriormente, ao final da pesquisa, para 55 – 45 do DIP (dicionário que contém o menor número de marcas) mais 10 do AUjr (dicionário que apresentou todas as marcas da pesquisa) –, quais sejam: “abacaxi”, “apodrecer”, “artigo”, “bafo”, “baiano”, “baleia”, “bolo”, “boneca”, “boneco”, “borrar”,

“burro”, “cagar”, “ceroulas”, “chimarrão”, “chimpanzé”, “comitiva”, “criança”, “cursinho”, “dragão”, “droga”, “e-mail”, “favela”, “ficção”, “flor”, “furo”, “galera”, “galho”, “gordo”, “hebreu”, “idiota”, “*impeachment*”, “jabuticaba”, “*kung fu*”, “lobisomem”, “mala”, “*motoboy*”, “nádega”, “*origami*”, “parasita”, “pintar”, “pinto”, “pipa”, “quilo”, “RG”, “saci”, “sexo”, “tabela”, “traçar”, “unicórnio”, “vagabundo”, “vesgo”, “watt”, “xixi”, “*yakisoba*” e “zebra”.

Vejam os exemplos da marca de uso “gíria”, presente em todas as obras em análise, neste caso, ambas do Tipo 2: um consultante escolar poderia se deparar com o sentido “conversa sem importância”, que é a segunda acepção de “abobrinha” em DAI, a qual leva a marca de uso “gíria”. Já em DIP, embora essa mesma acepção se encontre inserida no verbete, a marca de uso é ausente. No primeiro caso, não encontramos o significado de “gíria” elucidado na *front matter*; entretanto, “gíria” é uma entrada. Nesse caso, o consultante, caso ache oportuno, poderá buscar o significado de “gíria” na nomenclatura do dicionário e entender, assim, o motivo da marcação. Já em DIP, essa possibilidade não ocorrerá.

Levando em consideração a experiência como pesquisador, professor e usuário de dicionários do autor desta tese, esses 55 verbetes foram escolhidos a partir da recolha de um verbete de cada letra, então, completamos com mais 29 para termos uma amostragem representativa das variadas possibilidades de marcas de uso. Ressaltamos que não trouxemos nenhuma palavra neutra, quer dizer, sem nenhuma marcação, visto que não atenderia aos objetivos de nossa pesquisa. Logo, a quantidade de verbetes foi expandida com o intuito de tratar diferentes unidades lexicais que continham etiquetagem distinta.

Por fim, nos 55 verbetes escolhidos, inserimos nossa proposta de marcação dupla na informação descrita na microestrutura deles, com base em nossa proposta de modelo de verbete, assim, adicionando exemplos retirados dos outros dicionários do *corpus* às acepções que não os apresentavam e, quando não havia exemplos no *corpus*, buscávamos na internet a fim de manter o padrão desse modelo. Além disso, introduzimos sentidos de outros dicionários escolares do Tipo 2 para proporcionar uma descrição mais completa aos verbetes selecionados para, então, acrescentar nossas marcas.

Frente a isso, em etapa posterior, elaboramos quadros comparativos das marcas de uso presentes nos dicionários (advindas da *front matter* deles) para investigarmos as orientações acerca da etiquetagem, em seguida, partimos para verificar se eram entradas; havendo sua confirmação, transcrevíamos cada uma delas para esses quadros e, em caso negativo, indicávamos sua não lematização por “---”. Nossa pretensão foi analisá-las, sobretudo, entre obras de mesma categoria (mesmo Tipo, segundo o PNLD). A partir disso, propusemos uma

sistematização das marcas de uso por meio de nossa marcação dupla, agrupando-as com o intuito de atender às necessidades do público escolar do Ensino Fundamental e Médio.

Contrastamos as marcas presentes nas acepções de 55 entradas a fim de levantar reflexões e dar suporte às nossas análises. Por fim, apresentamos esses agrupamentos em verbetes comuns a essas obras.

Tendo em vista a relação intrínseca entre as marcas de uso de obras escolares e de dicionários gerais, pareceu-nos relevante observar como ocorre a etiquetagem nesses materiais que atendem crianças e adolescentes em idade escolar de 7 a 17 anos. Escolhemos esse conjunto de obras a fim de realizar uma análise intralinguística, considerando suas semelhanças e diferenças na língua portuguesa, variante brasileira, dado que observamos como a etiquetagem empregada é construída na conjuntura social brasileira, principalmente acerca do universo escolar.

4.2 Informações sobre o *corpus*

Na *front matter* dos dicionários, os lexicógrafos, de modo habitual, fornecem informações acerca da constituição de sua obra: parâmetros e critérios sobre a sua elaboração. A seguir, vejamos os esclarecimentos em relação às marcas de uso em cada um dos dicionários do *corpus* de nossa pesquisa.

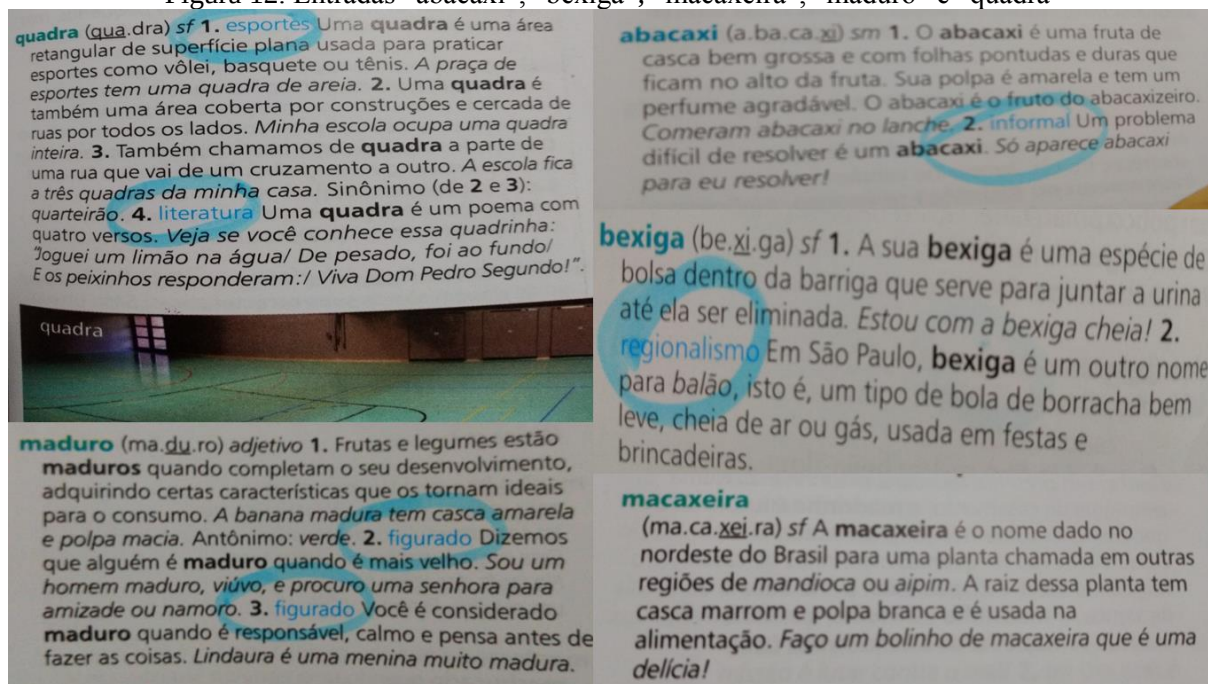
4.2.1 Dicionário Fala Brasil (FB)

Somos informados que

constam as abreviaturas gramaticais do dicionário: intransitivo (*intr*), plural (*pl*), pronominal (*pr*), substantivo (*s*), substantivo feminino (*sf*), substantivo masculino (*s*), transitivo direto (*td*), transitivo direto e indireto (*tdi*), transitivo indireto (*ti*), de dois gêneros (*2g*), de dois números (*2n*) (p. 4) [...] A rubrica “figurado” indica que uma palavra não está no sentido literal, ou seja, no sentido considerado normal. [...] “Regionalismo” quer dizer que uma palavra é comum em certas regiões do país, mas pouco usada ou desconhecida em outras. Outras rubricas nos dizem em qual área do conhecimento a palavra tem aquele significado (se é nas ciências, nas artes, na gramática etc.) (p. 9) [...] Outro recurso usado para contextualizar as palavras definidas é o uso de rubricas indicativas de campo de conhecimento (música, direito, informática etc.), predominância geográfica (regionalismo) e registro (formal/informal, figurado etc.), entre outras (BRAGA; MAGALHÃES, 2011, p. 12).

De acordo com a classificação de Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), em FB, as marcas utilizadas foram diatópica (“regionalismo”), diafásica (“informal”), diatécnicas (“esporte”, “literatura”) e diaevaluativa (“figurado”), como se pode verificar na Figura 12:

Figura 12. Entradas “abacaxi”, “bexiga”, “macaxeira”, “maduro” e “quadra”



Fonte: FB.

Nesse dicionário, as marcas são empregadas logo após a numeração da acepção, destacando-as para o consulente em fonte azul. Em termos de ordenação, não nos é informado qual é o parâmetro adotado, entretanto, observa-se que em “quadra”, o primeiro sentido também é aquele etiquetado pela marca diatécnica “esportes”, ao passo que os dois significados sucessivos seguem não marcados e seu quarto e último é etiquetado por “literatura”; além disso, há uma foto usada como recurso multimodal que reforça a primeira informação descrita. Em “abacaxi”, ressalta-se o segundo sentido, de caráter diafásico; em “maduro”, duas das três acepções alertam aos consulentes para o registro utilizado (“figurado”) para se referir a pessoas de uma faixa etária mais avançada e também sobre alguém que tem comportamento mais comedido em suas decisões. Por fim, em “bexiga”, nota-se uma marca diatópica (“regionalismo”), usada em São Paulo, a qual nos manifestamos a favor de sua inserção para “macaxeira”, como consta na definição, pois, caso fosse empregada, haveria uma economia de espaço na descrição, da seguinte forma:

macaxeira REGIONALISMO NORDESTE planta chamada em outras regiões de *mandioca* ou *aipim*. A raiz dessa planta tem casca marrom e polpa branca e é usada na alimentação. *Faço um bolinho de macaxeira que é uma delícia!*

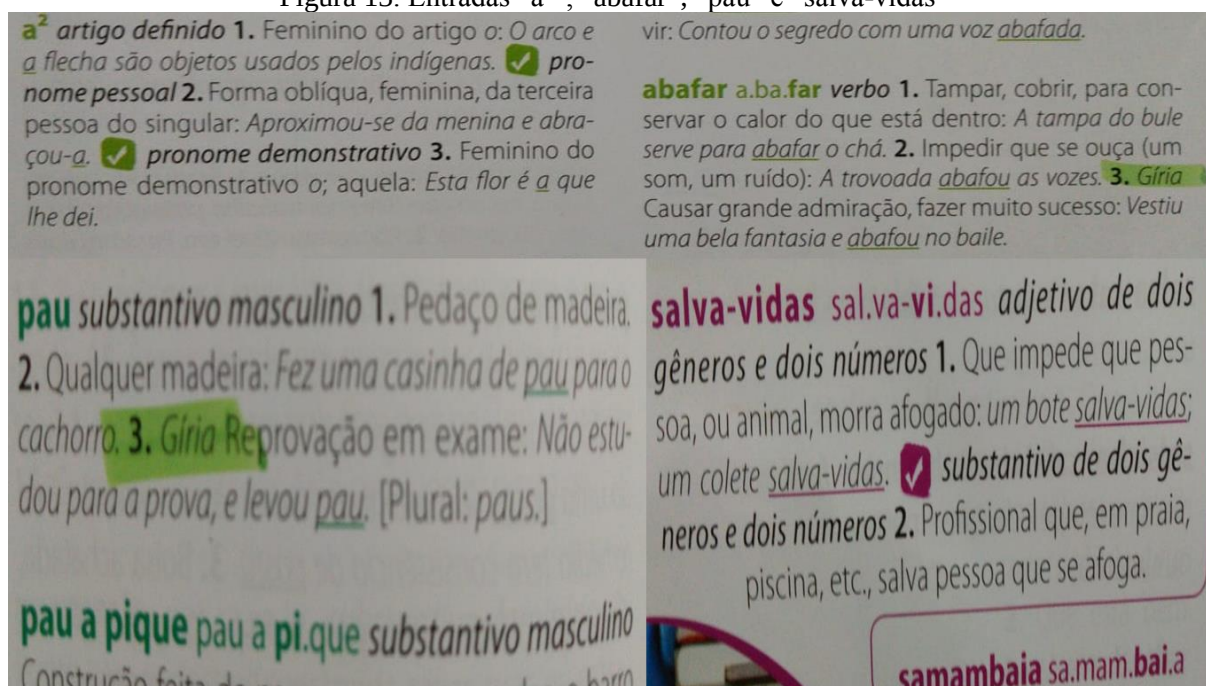
4.2.2 Dicionário Aurélio Ilustrado (DAI)

Verificamos que não há uma preocupação em destacar as marcas de uso, mas sim evidenciar o aspecto normativo da língua.

Classificação gramatical – é a indicação da classe de palavras à qual pertence a entrada do verbete, de acordo com a gramática normativa. Essa classificação vem após a separação silábica ou a pronúncia, quando houver, e aparece em negrito e em itálico. Para os substantivos, ainda há a indicação do gênero e do número, em alguns casos. Quando uma palavra tem mais de uma classificação gramatical, a segunda classificação em diante registra-se com o ícone ✓ (FERREIRA, 2008, p. 4).

Também com referência à classificação de Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), em DAI, a única preocupação diz respeito às marcas dianormativas (“pronome pessoal”, “pronome demonstrativo”, “substantivo de dois gêneros e dois números”) e diastrática (“gíria”), conforme Figura 13:

Figura 13. Entradas “a²”, “abafar”, “pau” e “salva-vidas”



Fonte: DAI.

Observamos que a marca “gíria”, em “abafar” e “pau”, advertem para um registro particular às referidas acepções, mas não há informações sobre quais marcas são empregadas a

não ser pelo destaque que se faz para a língua padrão. Sobre essa preocupação com a normatividade, é informado ao consulente que a partir da segunda acepção, um ícone será utilizado (como em “a²” e “salva-vidas”), porém, a razão para isso não é mencionada e, de certa forma, é um tipo de marcação que mereceria oferecer uma explicação para sua aplicação.

4.2.3 Dicionário Palavrinha Viva (PV)

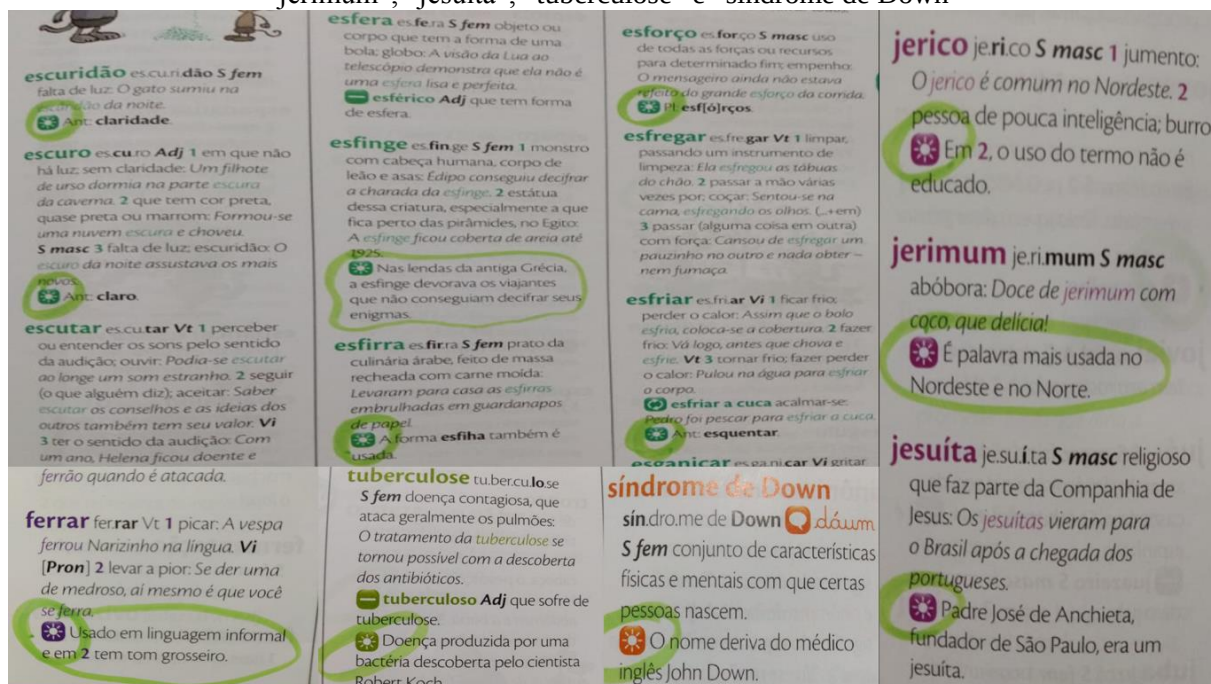
Nessa obra, os consulentes podem encontrar um maior detalhamento sobre a constituição do dicionário; entretanto, não está clara a indicação sobre as restrições de uso das unidades, embora existam, como veremos adiante. Em sua *front matter*, verificamos que:

O ponto de partida para a organização das entradas é o vocabulário básico estabelecido a partir da frequência em textos escritos do português contemporâneo do Brasil e que conta com cerca de 12000 itens. Em seguida, foi testada a frequência dessa lista num *corpus* especial – o *Corpus Positivo* – constituído por três tipos de textos: a) livros didáticos – 1.529.369 ocorrências de palavras; b) literatura infantil – 2.148.724 e; c) literatura jornalística infantil – 796.905, num total de 4.474.998 ocorrências. A partir da frequência entre 10 e 12 é que se chegou ao total de 7.456 entradas. Além do controle das entradas, esse *corpus* ainda serviu como ponto de referência para a organização dos exemplos que ilustram as acepções, já que a contextualização é sistemática, só sendo dispensada em casos muito comuns e com relação a alguns termos técnicos cuja contextualização seria artificial (p. 4) [...] A rotulação dos itens é muito simples: S (Substantivo), Adj (Adjetivo) e V (Verbo). Para S convém indicar o gênero – S masc (gato, clima), S fem (alface, festa), S (crente, mártir) (p. 5) [...] Destaques são informações diversas sobre o verbete, como, por exemplo, a forma feminina correspondente à palavra da entrada, antônimos, de qual língua a palavra foi tirada, ou qualquer outra informação interessante que ajudará o leitor a conhecer melhor a palavra. Essas informações vêm sempre após o símbolo *¹¹⁷ (BORBA, 2011, p. 7).

Assim como em DAI, também em PV o foco se restringe às marcas dianormativas de forma estruturada. Verifica-se que, ao final da descrição (a partir do símbolo *), são apresentadas variadas informações sobre a palavra-entrada, desde informações enciclopédicas até as restrições de uso do item lexical em contexto, existindo, dessa forma, um sistema de marcação bastante interessante, conforme podemos observar na Figura 14:

¹¹⁷ As abreviaturas se encontram na página 8.

Figura 14. Entradas “escuridão”, “escuro”, “esfinge”, “esfirra”, “esforço”, “esfriar”, “ferrar”, “jerico”, “jerimum”, “jesuíta”, “tuberculose” e “síndrome de Down”



Fonte: PV.

Apesar da falta de esclarecimentos na *front matter* sobre o sistema de etiquetagem empregado no dicionário, constatamos que esse dicionário apresenta uma sistematização bastante interessante em relação às marcas de uso. De fato, elas são apresentadas em forma de pequenas frases, como se fossem um pós-comentário ou uma nota de uso, ao final do verbete, sempre precedidas de um símbolo, no caso ✱:

- <Usado em linguagem informal e em 2 tem tom grosseiro>, para o verbete “ferrar”;
- < Em 2, o uso do termo não é educado>, para o verbete “jerico”;
- < É palavra mais usada no Nordeste e no Norte>, para o verbete “jerimum”.

4.2.4 Dicionário Ilustrado de Português (DIP)

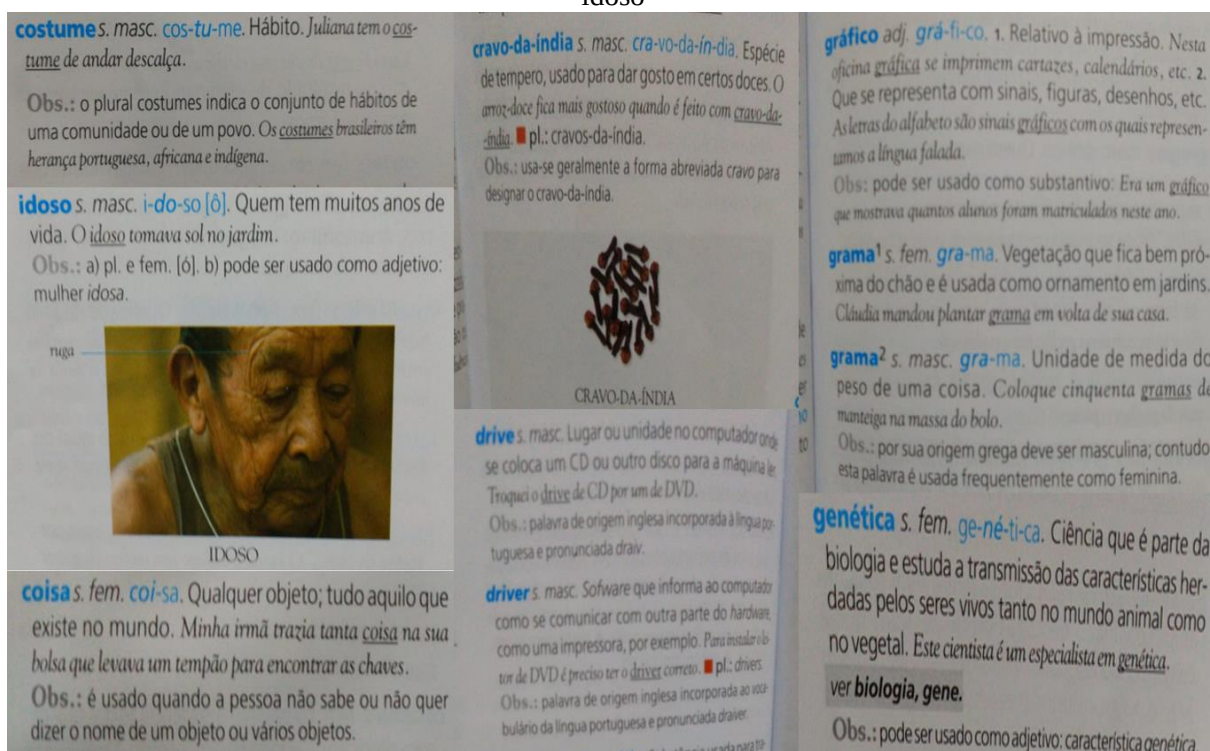
Assim como em PV, também em DIP, a seus consulentes são fornecidas informações acerca da elaboração da obra, porém, sem que haja referências sobre as marcas de uso, como se constata a seguir:

O ponto de partida para nomenclatura deste dicionário foi uma pesquisa feita pela autora em um grande *corpus* do português brasileiro contemporâneo de seis milhões de palavras, sendo cinco milhões relacionadas a língua escrita e o restante associado à língua falada. Esse *corpus* contém as mais variadas modalidades de gêneros discursivos e temáticos, sendo muito representativo do atual estado sincrônico do português brasileiro. Desse conjunto tão amplo, foram selecionadas inicialmente três mil palavras, levando em conta critérios de maior frequência; em seguida, tal seleção foi confrontada com grande

número de livros escolares do ensino fundamental, ampliando o universo tratado para cerca de cinco mil vocábulos. Finalmente foi feita uma comparação entre o vocabulário assim gerado e o contexto das definições e exemplos que tinham sido elaborados, chegando-se a uma nomenclatura de cerca de 5.900 palavras. Obviamente, houve aí também a preocupação de apresentar todos os vocábulos usados nas definições e nos exemplos, de modo que não falte explicação para o significado de todas as palavras aqui empregadas (BIDERMAN, 2009, p. 8).

Observamos que essa obra também oferece uma ampliação microestrutural, cujas informações adicionais parecem estar deslocadas da microestrutura. Vejamos os verbetes dispostos na Figura 15:

Figura 15. Entradas “coisa”, “costume”, “cravo-da-índia”, “drive”, “driver”, “gráfico”, “grama” e “idoso”



Fonte: DIP.

Apesar da carência de um sistema explícito das marcas de uso na *front matter*, o qual poderia auxiliar na compreensão das ressalvas referentes às acepções, verificamos que esse dicionário adotou como um recurso lexicográfico peculiar para sua organização referente às marcas de uso. Ao final de alguns verbetes (aqueles que o lexicógrafo entende que devam ter algum alerta acerca do sentido), encontram-se frases breves, podendo ser vistas como um tipo de pós-comentário ou uma nota de uso, que são sempre iniciadas por “Obs.:

- <a) pl. e fem. b) pode ser usado como adjetivo>, < pode ser usado como substantivo> e < pode ser usado como adjetivo: característica *genética*>, respectivamente, para informações gramaticais nos verbetes “idoso”, “gráfico” e “genética”;

- <o plural *costumes* indica o conjunto de hábitos de uma comunidade ou de um povo> e <é usado quando a pessoa não sabe ou não quer dizer o nome de um objeto ou vários objetos>, respectivamente, para informações culturais nos verbetes “costume” e “coisa”;

- <usa-se geralmente a forma abreviada *cravo* para designar o *cravo-da-índia*> e < por sua origem grega deve ser masculina; contudo, esta palavra é usada frequentemente como feminina>, para informações sobre usos nos verbetes “cravo-da-índia” e “grama²”;

- <palavra de origem inglesa incorporada à língua portuguesa pronunciada *draiv*> e <palavra de origem inglesa incorporada ao vocabulário da língua portuguesa pronunciada *draiver*>, respectivamente, para indicar estrangeirismos nos verbetes “drive” e “driver”.

4.2.5 Dicionário Aurélio Júnior (AUjr)

A equipe desse dicionário se baseou em uma vasta biblioteca de livros didáticos para crianças estudantes no Ensino Fundamental Anos Finais, servindo à escolha dos verbetes e para a convergência de sua redação por meio de uma linguagem focada nesse período escolar. Além disso, serviram-se de variados jornais e revistas, impressos e *on-line* como fonte de pesquisa e de coleta (FERREIRA, 2011, p. 4).

A respeito da etiquetagem proposta,

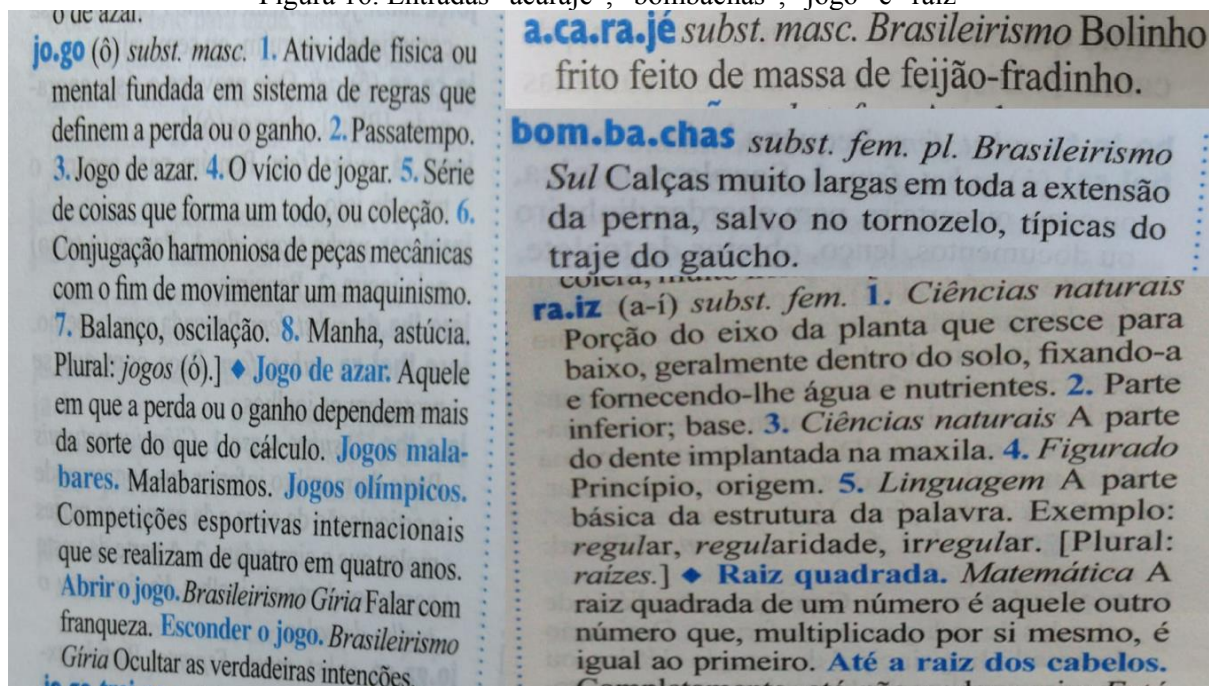
uma novidade que este dicionário apresenta são as rubricas que reúnem áreas do conhecimento antes muito diversificadas. Por exemplo, termos que poderiam ser indicados como integrantes da *Geometria*, da *Trigonometria* ou da *Álgebra* são assinalados como *Matemática* ou, da mesma forma, alguma outra área incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao adotar esse critério, objetivou-se também auxiliar os estudantes a terem uma visão mais integrada das diferentes áreas de conhecimento, de acordo com uma postura mais moderna em relação às ciências (p. 4) [...] A rubrica, em itálico, indica a área do conhecimento em que a palavra é usada com tal significado. As áreas podem ser *Ciências naturais*, *Matemática*, *Geografia*, *Tecnologia*, entre outras. A rubrica também pode referir-se ao uso ou ao nível de linguagem em que as palavras são usadas, como *Gíria*, *Figurado*, *Depreciativo*, etc. Pode ainda especificar uma região geográfica, no caso dos regionalismos, por exemplo, *Brasileirismo*, *Minas Gerais* e *Sergipe* (FERREIRA, 2011, p. 10).

A respeito da classificação proposta por Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), notamos que AUjr se utiliza das marcas diatópicas (“Brasileirismo Sul”), diastráticas (“Gíria”) e diatécnicas (“Ciências Naturais”, “Linguagem”, “Matemática”). Esse dicionário demonstra

uma preocupação maior para que seus consulentes possam reconhecer as restrições de uso nos sentidos dicionarizados, dentre as quais, temos as seguintes: E.U.A. (Estados Unidos da América); N. (Norte); N.E. (Nordeste); N.O. (Noroeste); Port. (Portugal); S. (Sul); S.E. (Sudeste); S.O. (Sudoeste); U.R.S.S. (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) (p. 25-26).

Vejamos a Figura 16:

Figura 16. Entradas “acarajé”, “bombachas”, “jogo” e “raiz”



Fonte: AUjr.

Acreditamos que “brasileirismo” devesse ser substituída por “regionalismo” indicando, na sequência, “sul”, visto ser uma marca que se coloca à parte da realidade nacional. Já nos fraseologismos encontrados no verbete “jogo”, ambos deveriam ter “gíria” substituída por “popular”, uma vez que esta engloba aquela.

4.2.6 Dicionário Saraiva Jovem (SJ)

Nessa obra, a escolha pelos itens lexicais e a dicionarização de seus significados foram baseados em capturas de frequência de uso em *corpora* da língua portuguesa por meio de materiais didáticos voltados ao Ensino Fundamental, televisão, internet, jogos, tirinhas, quadrinhos, literatura infanto-juvenil e os clássicos. Suas definições pretendem ser claras e analíticas, sendo que a ordenação das acepções decorre dessa verificação da frequência de uso (p. VII).

No que concerne às marcas de uso, encontram-se as seguintes indicações:

Indicação da área de conhecimento: palavras empregadas em diferentes áreas de conhecimento, como Informática, Esporte, Mecânica, Política, Música, Cinema etc., têm a indicação dessas áreas no início da acepção. Indicação dos diferentes níveis de formalidade ou expressividade: há referência quando a palavra for gíria utilizada em linguagem popular, figurada, familiar, vulgar, chula ou, ainda, se for um brasileirismo, isto é, própria da língua portuguesa falada no Brasil (p. XIII). Regionalismos: as palavras ou locuções usadas em determinadas regiões do país são encontradas no dicionário (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. XVII).

Com base em Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), verificamos que SJ se utiliza das marcas diatópicas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas e diaevaluativas. Em SJ, a variedade das marcas de uso é bem maior do que nas obras do Tipo 2, dentre elas: Aeron (“Aeronáutica”); Agric (“Agricultura”); AM (“Amazonas”); Anat (“Anatomia”); Art Gráf (“Artes Gráficas”); basq (“basquete”); Bras (“Brasil, brasileirismo”); chul (“chulo”); coloq (“coloquial”); Gram (“Gramática”); Jur (“Jurídico”); pop (“popular”); vulg (“vulgar”); Zool (“Zoologia”) (p. XX-XXII). Elas aparecem para indicar os diferentes níveis de expressividade referentes a itens com linguagem figurada, gírica, chula, familiar, além daquelas que assinalam regiões brasileiras [como SC (Santa Catarina), RS (Rio Grande do Sul) etc.].

Passemos à Figura 17:

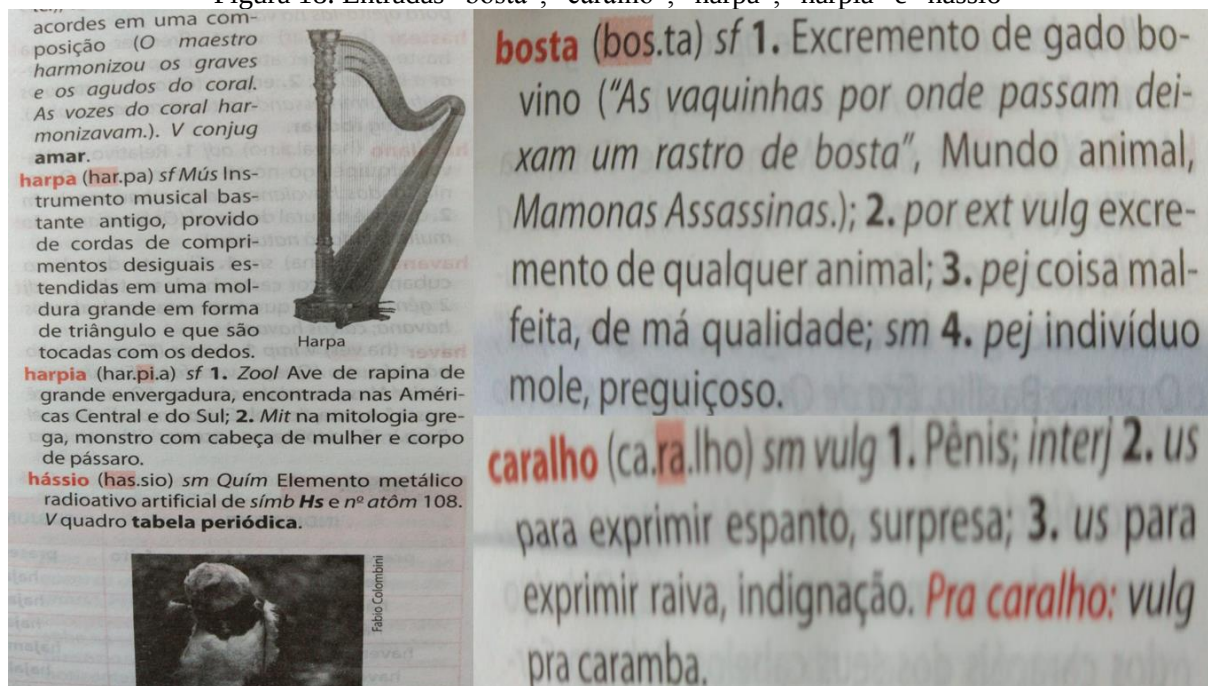
Figura 17. Entradas “perereca”, “porquinho-da-índia”, “porra” e “saci-pererê”



Fonte: SJ.

Na figura 17, encontramos o emprego de marcas diastráticas (“popular”), diatécnicas (“folclore” e “zoologia”), diaevaluativas (“chulo”) e diatópicas (“brasileirismo”), sendo que essas últimas deveriam ser substituídas, a nosso ver, por “regionalismo”. Outros exemplos na Figura 18:

Figura 18. Entradas “bosta”, “caralho”, “harpa”, “harpia” e “hássio”



Fonte: SJ.

Na figura 18, ocorrem as marcas diatécnicas (“música”, “química”, “zoologia” e “mitologia”), diaevaluativas (“pejorativo”) e diastráticas (“vulgar”). Na expressão “Pra caralho”, esse intensificador, utilizado em situações informais, deveria vir com o alerta de tabu (ZAVAGLIA, 2012).

4.2.7 Dicionário Houaiss Conciso (HOc)

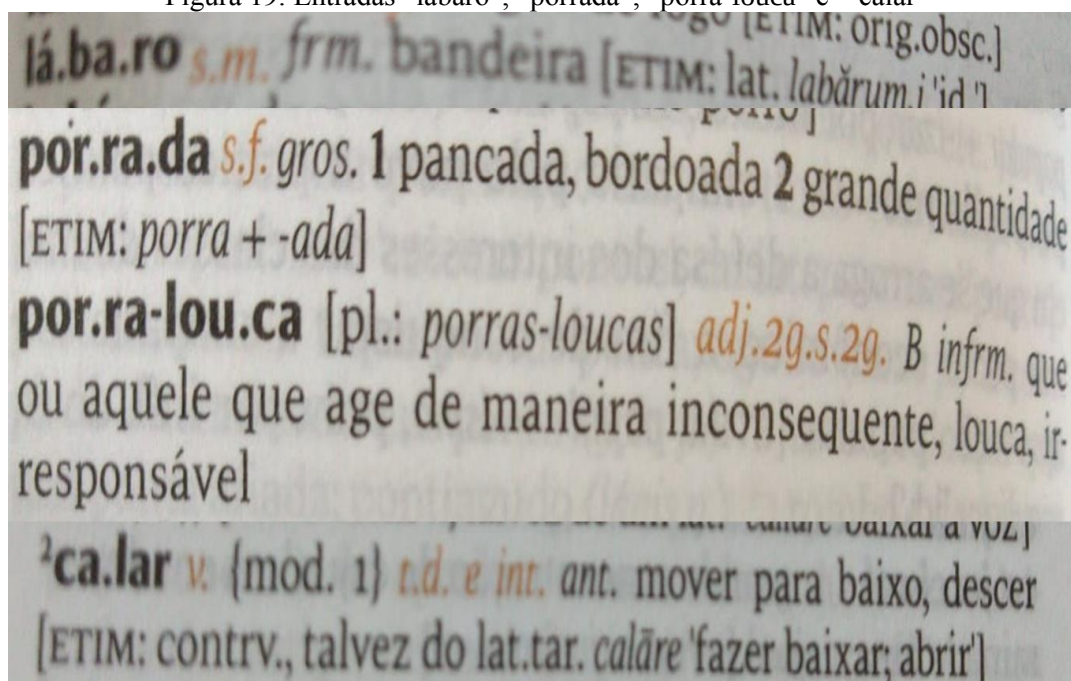
Nesse dicionário, houve o levantamento da nomenclatura baseado nas publicações de instituições de prestígio brasileiras com o intuito de garantir que suas informações fossem de máxima eficácia pedagógica (p. VII). O emprego de suas marcas de uso está bem discriminado na introdução:

5.6 As acepções neste dicionário, especialmente quando se trata de terminologia, têm indicação da área do saber ou fazer humano a que pertencem por meio de uma rubrica temática, como se pode ver nos exemplos abaixo, para auxílio de sua localização no universo lexical da língua. As rubricas usadas neste dicionário estão listadas a seguir a estas informações,

nas páginas XX a XXV [...] 5.8 Se determinada palavra, locução ou acepção é de emprego exclusivo no Brasil (dialetismo vocabular ou semântico) ou é uma variante brasileira de uma palavra da língua, esse dado é informado ao leitor por meio de um B 5.9 O dicionário informa também sobre o nível de uso, na língua, da palavra, locução ou acepção registrada, ou seja, a faixa linguística de expressão em que é empregada. Eis os níveis de uso averbados neste dicionário: a) linguagem formal *frm*; b) linguagem informal *infrm*; c) gíria *gír*; d) os tabuísmos, expressões consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas na maioria dos contextos *gros*; e) linguagem pejorativa *pej*; f) palavra, locução ou acepção jocosa *joc*; g) linguagem infantil *l.inf*. (Por vezes, mais de um nível pode qualificar uma única acepção: por exemplo, *infrm joc*) 5.10 Alguns verbetes têm registro diacrônico expresso, indicando que a palavra ou determinada acepção sua foi empregada na língua só até o fim do século XIX (*ant.*). São muito poucos os registros do dicionário nessa faixa de vocábulos (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XIII-XIV).

Sob a perspectiva de Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), verificamos que SJ se utiliza das marcas diacrônicas (único entre os escolares de nosso *corpus* que propõe usá-las), diatópicas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas e diaevaluativas. Vejamos exemplos de verbetes na Figura 19:

Figura 19. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “²calar”



Fonte: HOc.

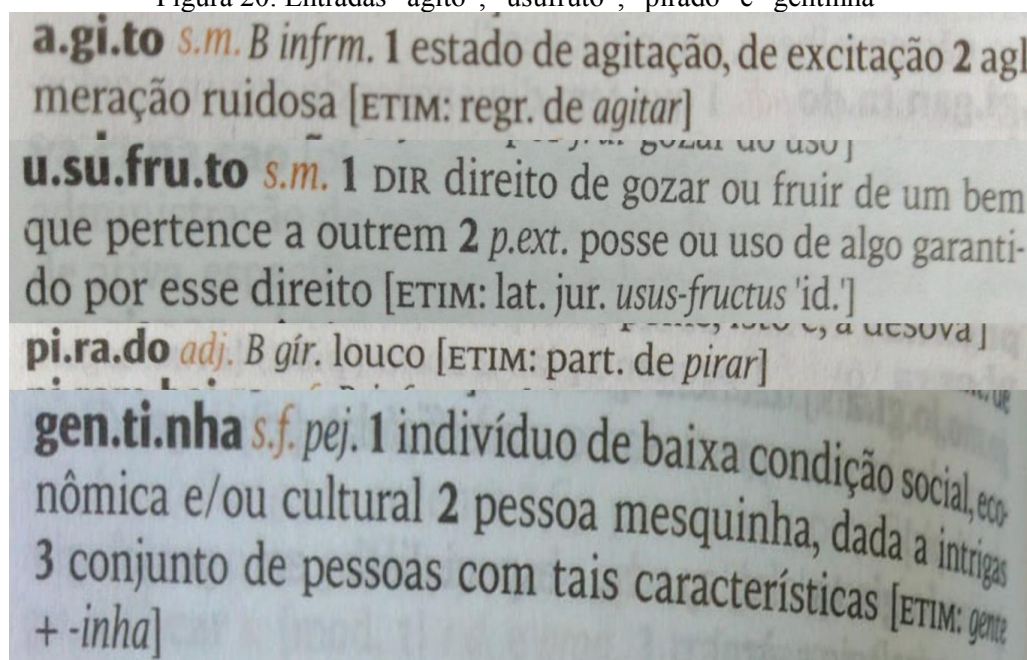
Além de encontramos a marca diacrônica “antigo” (no homônimo “²calar”), a qual se mantém ainda como um desafio para ser confirmada, tendo em vista a complexidade que está por trás das dificuldades em se atestar uma marca temporal; também nos deparamos com “formal” (em “lábaro”). É interessante observar que nos outros dicionários escolares em análise,

não encontramos a marca “formal” como alerta ao consulente, mas sim, somente seu antônimo (“informal”). À vista disso, poderíamos inferir que HOc, ao etiquetar algumas unidades (e suas acepções) como formais ou informais, leva seu usuário a entender que aquelas não etiquetadas são utilizadas em meio a um gradiente que foge a esses dois extremos diafásicos (não são totalmente formais, nem informais).

Enquanto em “porrada” emprega-se a marca diaevalutiva “grosseiro”, em “porra-louca”, utilizam-se as marcas diatópica e diafásica “brasileirismo informal”. Para o primeiro caso, parece ser uma etiqueta que possa ser usada para casos de quaisquer tipos de agressão (física, moral, psicológica, sexual, social, patrimonial), já o segundo deveria excluir “brasileirismo”.

Passemos à Figura 20:

Figura 20. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”



Fonte: HOc.

A respeito da seleção de verbetes na Figura 20, temos “brasileirismo” em “agito” que deveria ser excluída, haja vista que é nacionalmente reconhecida pelos brasileiros; há uma marca diatécnica (“direito”) bem empregada em “usufruto”; a marca “gíria” poderia ser substituída em “pirado” por “popular”; por fim, a marca diaevalutiva “pejorativo” resalta um sentido muito presente no Brasil, em que o abismo social leva a língua a revelar vocábulos utilizados pelas diferentes camadas sociais, tais como em “gentinha”. Entendemos que cabe ao dicionário trazer o alerta de que se trata de um uso depreciativo.

4.2.8 Dicionário Novíssimo Aulete (NAu)

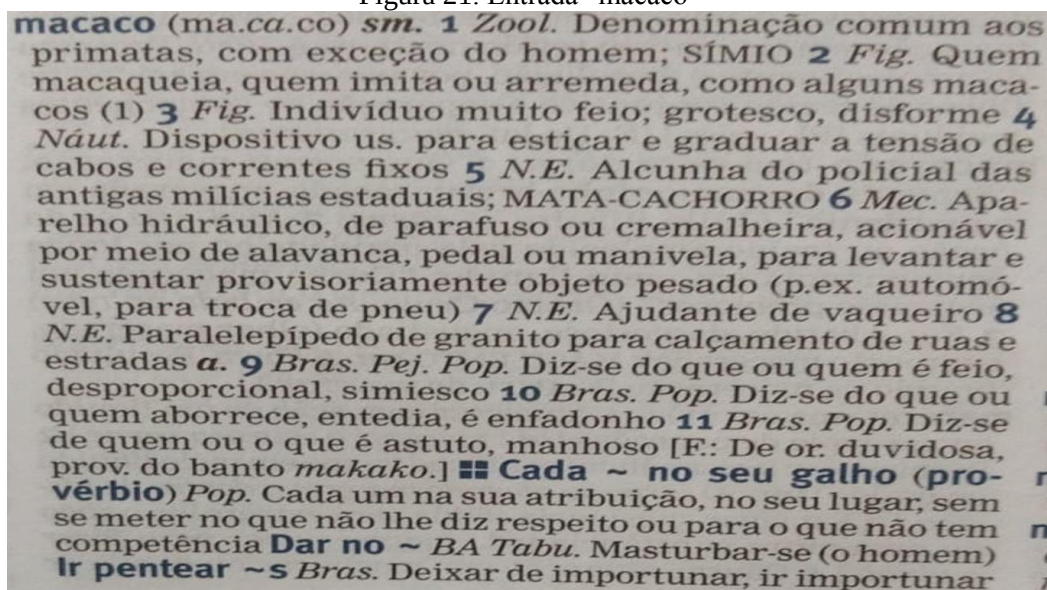
Essa obra foi baseada em princípios da lexicografia moderna, cabendo enfatizar: (i) frequência de uso verificada via *corpora*; (ii) etiquetagem em sentidos específicos; (iii) registro de novos sentidos; (iv) representatividade lexical acerca das variedades linguísticas (p. vii).

Ainda sobre a presença das marcas de uso, temos que

a boa percepção do uso de um vocábulo em determinada acepção está, muitas vezes, ligada à identificação do contexto em que esse uso se verifica. Este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos, em sua ordem hierárquica: 11a) *regionalismo*: indica quando a acepção é restrita a ou mais frequente em determinada área geográfica (especialmente estados e regiões do Brasil, ou o Brasil, ou Portugal, ou outro país lusófono); 11b) *nível de uso da língua*: indica em que contexto (familiar, social, cronológico etc.) a acepção tem curso, como, por exemplo se é assim usada no âmbito da família (*Fam.*), se é pouco usada (*P.us.*), se é de uso popular (*Pop.*), se é de uso pouco recomendável por ser chula (*Tabu.*) etc.; 11c) *rubrica*: indica em que área disciplinar, profissional, científica etc. o vocábulo tem tal acepção, como a astronomia, a física, a medicina, as artes plásticas etc. Todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as acepções. São grafadas em abreviaturas, em *itálico*, com inicial maiúscula e seguida de ponto. A lista das respectivas abreviaturas constam das listas de rubricas e de usos e regionalismos, no fim deste texto de *Como usar* (GEIGER, 2011, p. xi).

Conforme Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), esse dicionário apresenta marcas diatópicas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas, diafreqüentes e diaevaluativas, cujas abreviações se encontram entre as páginas xiii e xv. Vejamos a Figura 21:

Figura 21. Entrada “macaco”



Fonte: NAu.

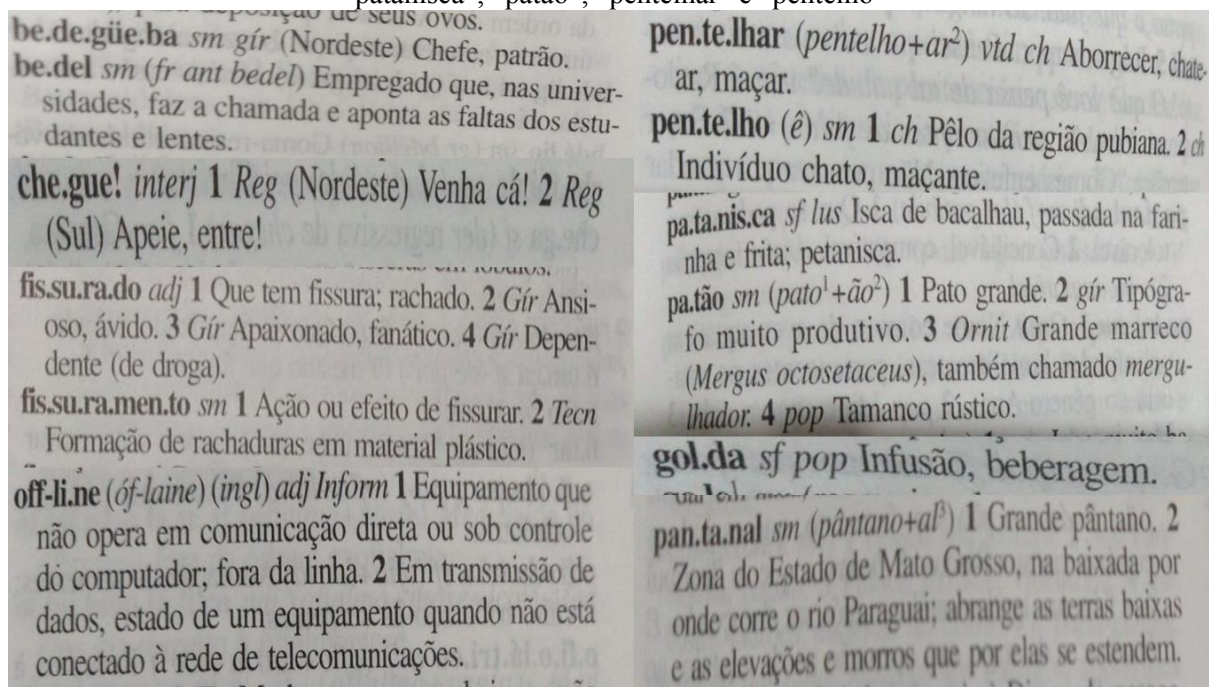
No verbete de “macaco”, destacamos marcas diatópicas (“N.E.”, “Nordeste), além disso, acerca dos níveis de uso da língua, diaevaluativa (“pejorativo”) e diastrática (“popular”) e, por fim, as diatécnicas (“zoologia” e “náutico”) e o tabuísmo baiano.

4.2.9 Dicionário Michaelis (MI)

Esse dicionário indica que sua elaboração foi baseada no banco de dados lexicográficos da própria editora, destacando que fora “reestruturado, revisto e ampliado com milhares de novos verbetes elaborados por especialistas em diversas áreas do saber” (MICHAELIS, 1998, p. VII). Ainda destaca que deram ênfase para registrar novos itens lexicais surgidos a partir do desenvolvimento das ciências e da tecnologia, além da inclusão dos neologismos da língua padrão, “dos regionalismos, da gíria e do baixo calão” (MICHAELIS, 1998, p. VII). Esses destaques são feitos em *itálico*, registrando “área do conhecimento, regionalismo brasileiro, tipo de linguagem, gíria, baixo calão ou lusitanismo” (MICHAELIS, 1998, p. IX). Suas abreviações se encontram nas p. XI-XII. Essas marcas correspondem às diatópicas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas e diaevaluativas, conforme Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004).

Vejamos a Figura 22:

Figura 22. Entradas “bedegüeba”, “bedel”, “chegue!”, “fissurado”, “golda”, “off-line”, “pantanal”, “patanisca”, “patão”, “pentelhar” e “pentelho”



Fonte: MI.

Nesses verbetes, foram utilizadas as marcas: diatécnicas (“tecnologia”, em “fissuramento”; “informática”, em “off-line”; “ornitologia”, em “patão”); diastrática (“chulo”,

em “pentelhar” e “pentelho”); diacrônica (“antigo”, em “bedel”). Em termos das diastráticas, observamos que “gíria” foi utilizada para marcar várias acepções, o que, parece-nos uma tarefa bastante complicada para se determinar seus limites a grupos específicos, por exemplo, em “bedegüeba”, há a indicação de uso no Nordeste, mas seria comprovadamente usado esse sentido por todos os nove estados nordestinos? Talvez, por meio da Linguística de *Corpus* tal uso pudesse ser comprovado, mas não temos notícias de que esse dicionário tenha feito tal investigação, o que também contribuiria para verificar os possíveis sentidos gírios de “fissurado”.

Com relação às marcas diatópicas, temos indicações de origem de outras nações, tais como “Lusitanismo” (em “patanisca”) e “francês” (em “bedel”), além dos regionalismos na expressão “chegue!”, pois há dois sentidos variáveis, segundo MI, no Brasil. Estranha-nos que “pantanal” não tenha seu sentido etiquetado por “regionalismo Mato Grosso” uma vez que é uma informação descrita no verbete (a marca serviria para indicá-la).

Por fim, vejamos a Figura 23:



Fonte: MI (versões impressa e *on-line*).

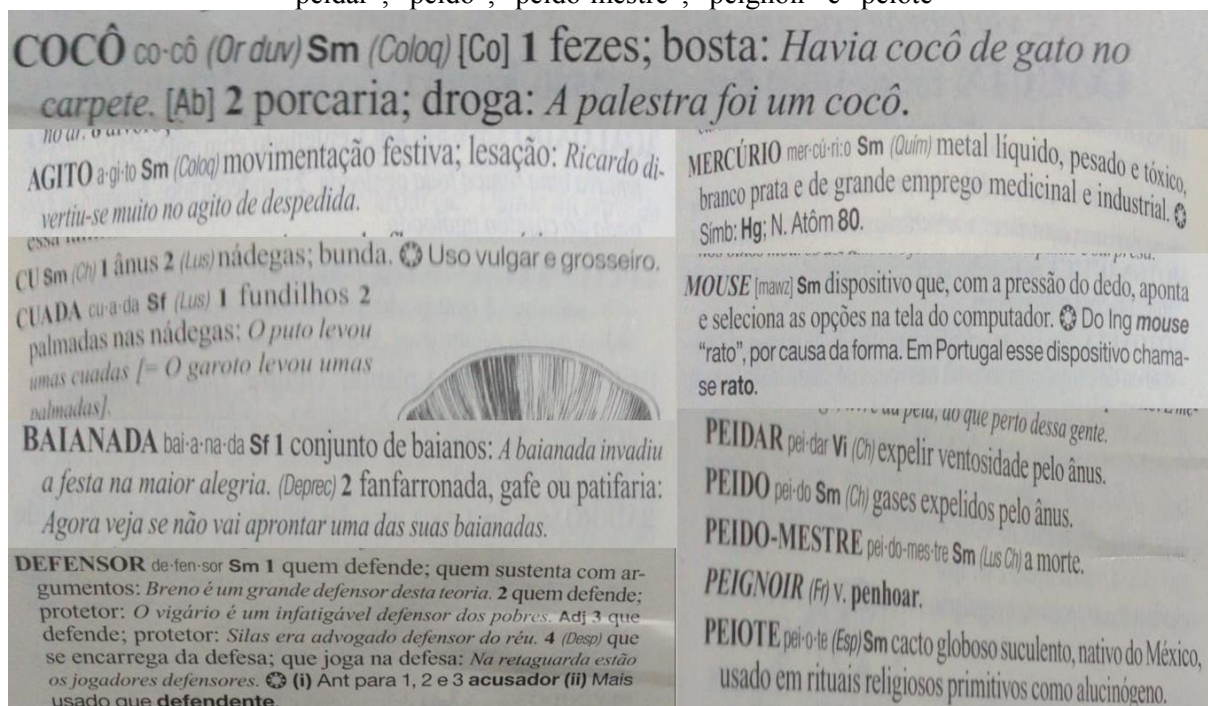
Embora a versão virtual de MI não consta em nosso rol de dicionários analisados, destacamos que a entrada “golda” é marcada por duas etiquetas diferentes, mas com sentido diastrático, o que pode revelar uma mudança no entendimento da equipe lexicográfica em termos de sua marcação, de “popular” para “coloquial”.

4.2.10 Dicionário de Usos do Português Contemporâneo (DUPC)

Assim como NAu, também o DUPC, utiliza-se de um *corpus* (neste caso, de cerca de 90 milhões de ocorrências de palavras em textos escritos) que contribui para o registro amplo de construções sintáticas e da combinatória léxica da língua escrita no Brasil, desde 1950. Para a composição da nomenclatura, foi considerada a ocorrência real nos textos e a frequência, resultando em três camadas: (i) unidades que constituem a base lexical da língua, em quaisquer contextos e registros; (ii) unidades que constituem a base ampliada (abarca diversas áreas da vida social e seus aspectos culturais); e (iii) unidades que circulam na língua escrita como um todo.

Com relação às marcas de uso, além da indicação dos símbolos e abreviaturas (BORBA *et al.*, 2004, p. XII-XIV), esse dicionário traz informações mais superficiais sobre sua etiquetagem, tratando-a como “ajuste contextual” para a produção textual. Informa, ainda, o consulente acerca de um “sistema de destaques” e um controle de variantes pela frequência. Por fim, ressalta a marca “coloquial” como preferencial para reforçar a ocorrência da oralidade na língua escrita contemporânea, além de “chulo”, “grosseiro”, “popular”, “gíria”, bem como regionalismos e estrangeirismos que se conseguiu registrar. Segundo os parâmetros de Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004), em DUPC, encontramos marcas diatópicas, diaintegrativas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas e diaevaluativas. Passemos à Figura 24:

Figura 24. Entradas “agito”, “baianada”, “cocô”, “cu”, “cuada”, “defensor”, “mercúrio”, “mouse”, “peidar”, “peido”, “peido-mestre”, “peignoir” e “peiole”



Fonte: DUPC.

Como exemplos de marcas empregadas em DUPC, trazemos os exemplos da Figura 24. Esse dicionário não utiliza “informal” como marca diafásica, mas sim “coloquial” (veja em “cocô” e “agito”, diferentemente de HOc que prefere aplicar a marca “informal”). A respeito das marcas diaevaluativas, temos “depreciativo” (em “baianada”) e, das diastráticas, “chulo” em “peidar”, “peido”, “peido-mestre” (com ressalva de uso lusitano) e “cu” (com pós-comentário que enfatiza “uso vulgar e grosseiro”).

Em se tratando de marcas diaintegrativas, temos “lusitanismo” (em “cuada”), “francês” (em “peignoir”), “do inglês” (em “mouse”) e “espanhol” (em “peiete”), por fim, as diatécnicas “desportos” (em “defensor”) e “química” (em “mercúrio”).

4.2.11 *Dicionário Aurélio* (AU)

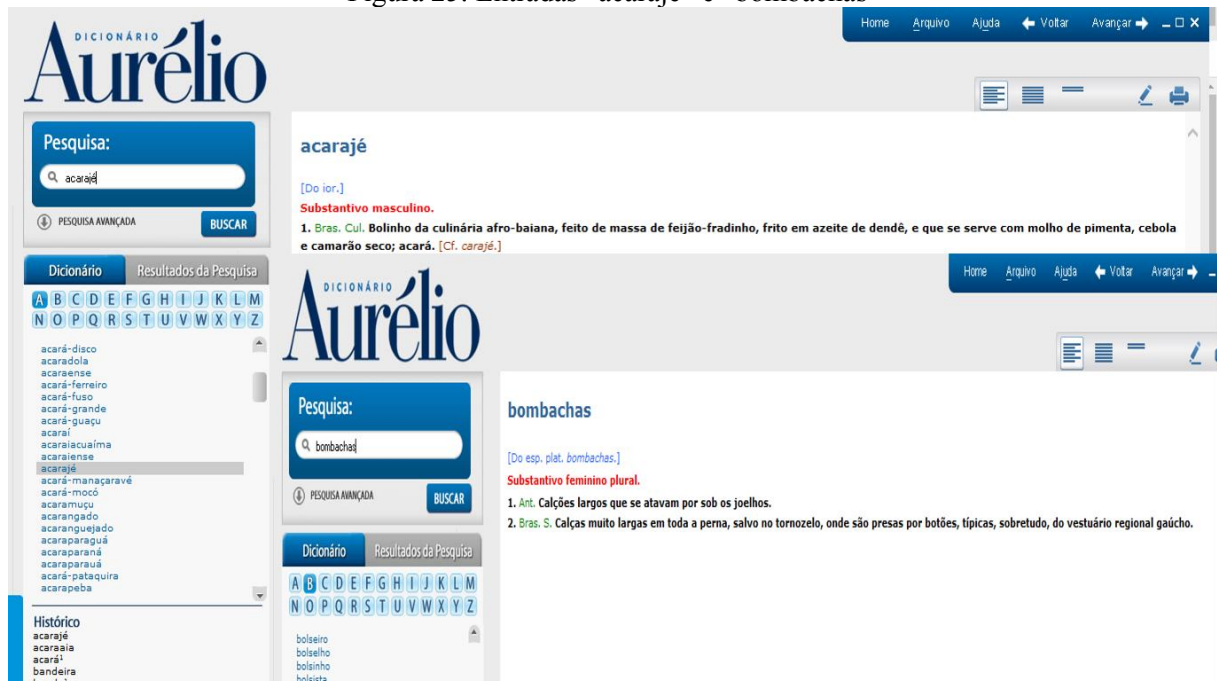
As rubricas no AU, seja na versão impressa ou em CD-ROM, aparecem antes do paradigma definicional quando dizem respeito a todas as acepções ou antes da restrição do sentido a respeito de uma área geográfica, um campo do conhecimento etc. De acordo com Ferreira (2010),

a rubrica, em geral abreviada e em verde, situada antes das definições quando se refere a todas as definições do verbete, ou dentro de uma definição quando se refere apenas a esta, delimita uma área em que a palavra é usada dentro do(s) significado(s) considerado(s), seja área geográfica, de assunto ou disciplina, de uso, etc. As definições assim classificadas formam, quando associadas em uma determinada rubrica, um subdicionário especializado na área delimitada pela rubrica (regionalismos, assunto ou disciplina, etc.). A mesma definição pode estar sob mais de uma rubrica. As abreviaturas das rubricas encontram-se na lista de abreviaturas, siglas e sinais convencionais (FERREIRA, 2010, p. XVI).

Como se nota, em AU, opta-se pelo uso de marcas diatópicas, diastráticas, diafásicas, diatécnicas e diaevaluativas (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004). Na versão impressa, as abreviaturas estão nas páginas XXI-XXIV.

Vejamos a Figura 25:

Figura 25. Entradas “acarajé” e “bombachas”



Fonte: AU.

Comparando os procedimentos adotados pela equipe lexicográfica dos dicionários Aurélio, vemos que, na versão eletrônica, foi mantida a marca diatópica “brasileirismo”, da qual discordamos, e acrescentada, acertadamente, uma secundária (“culinária”). Com relação a “bombachas”, foram mantidas as mesmas de AUjr (“brasileirismo sul”). Seguimos para a Figura 26:

Figura 26. Entradas “jogo” e “raiz”





Fonte: AU.

Como observamos na Figura 26, além de outros sentidos, também aqueles marcados em AUjr estão etiquetados em AU, porém, a lexia complexa “abrir o jogo” deixou de ser marcada. Além disso, em “raiz”, das cinco acepções marcadas, três foram renomeadas:

- na acepção (1), de “Ciências naturais” (AUjr) passa, na acepção (1), para “botânica” (AU);
- na acepção (3), de “Ciências naturais” (AUjr) passa, na acepção (5), para “anatomia” (AU);
- na acepção (5), de “Linguagem” (AUjr) passa, na acepção (10), para “Estudos da Linguagem” (AU).

Como as obras não disponibilizam informações acerca dessas mudanças, podemos refletir sobre a ocorrência dessas alterações em função do público-alvo a ser atendido.

4.2.12 Dicionário Caldas Aulete virtual (CAv)

O Projeto Caldas Aulete, desenvolvido pela Lexikon, originalmente, editado ao final do século XIX, propõe reinventar o próprio conceito de dicionário a respeito (i) do aspecto lexicográfico, pela incorporação das mais recentes acepções, conceitos e terminologias (variados setores e nichos de uso) e (ii) do aspecto evolutivo da tecnologia da informação, trazendo praticidade à obra. Somos informados que as contextualizações (regionalismos, usos, rubricas) abrangem “todos os níveis, lugares e épocas, a partir de seu uso, e de seus usuários” (AULETE, 2022, *on-line*). No entanto, como se constata, nada é explicitado sobre a presença das marcas de uso. Vejamos a Figura 27:

Figura 27. Entrada “macaco”

Aulete DIGITAL

Verbetes Atualizado Verbetes Original

macaco

(ma. ca. co)

sm.

1. **Zool.** Denominação comum aos primatas, com exceção do homem; SÍMIO
2. **Fig.** Quem macaqueia, quem imita ou arremeda, como alguns macacos (1).
3. **Fig.** Indivíduo muito feio; grotesco, disforme
4. **Náut.** Dispositivo us. para esticar e graduar a tensão de cabos e correntes fixos.
5. **N.E.** Alcinha do policial das antigas milícias estaduais; MATA-CACHORRO

macaco

5. **N.E.** Alcinha do policial das antigas milícias estaduais; MATA-CACHORRO
6. **Mec.** Aparelho hidráulico, de parafuso ou cremalheira, acionável por meio de alavanca, pedal ou manivela, para levantar e sustentar provisoriamente objeto pesado (p. ex. automóvel, para troca de pneu).
7. **N.E.** Ajudante de vaqueiro
8. **N.E.** Paralelepípedo de granito para calçamento de ruas e estradas.

a.

9. **Bras. Pej. Pop.** Diz-se do que ou quem é feio, desproporcional, simiesco

10. **Bras. Pop.** Diz-se do que ou quem aborrece, entedia é enfadonho

11. **Bras. Pop.** Diz-se de quem ou o que é astuto, manhoso.
[F.: De or.duvidosa., prov. do banto *makako*]

Cada macaco no seu galho (provérbio)

1 **Pop.** Cada um na sua atribuição, no seu lugar, sem se meter no que não lhe diz

Dar no macaco

1 **BA Tabu** Masturbar-se (o homem).

Ir pentear macacos

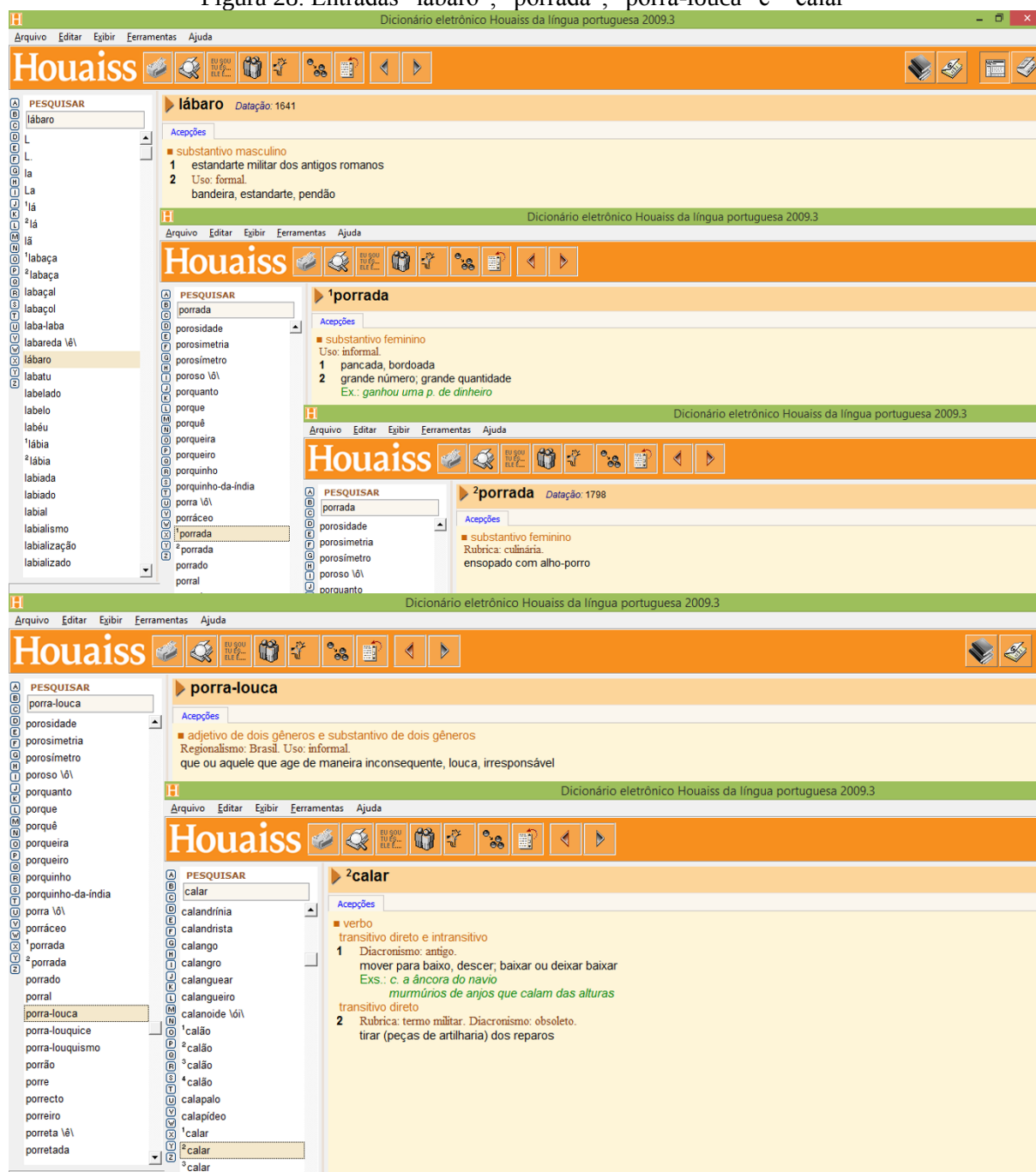
1 **Bras.** Deixar de importunar, ir importunar em outro lugar.

Fonte: CAV.

Constatamos que a descrição lexicográfica feita em NAu é a mesma disponibilizada para acesso *on-line*, seria preciso um tempo maior para verificarmos todos os verbetes dessas obras, mas todos aqueles que foram comparados se revelaram iguais em conteúdo nos dois dicionários. Não encontramos nenhuma informação que pudesse confirmar nossa percepção, mas, parece-nos que a obra impressa foi transposta para o suporte *on-line*.

4.2.13 Dicionário Houaiss (HO)

As rubricas em HO, quer na versão impressa, quer em CD-ROM, são apresentadas em detalhes e, para cada possibilidade de marcação, há exemplos da ocorrência nas acepções do dicionário. Em seu detalhamento dos verbetes, há um campo sobre o conteúdo da microestrutura dividido em itens e, dentre as obras analisadas, esta é aquela que mais esclarece sobre as marcas utilizadas a seu consulente a respeito da localização, temáticas das áreas, linguajares particulares, de outros países lusófonos, entre outras restrições de usos (HOUAISS, 2009, p. XVIII-XIX). Nesse dicionário, é possível encontrar todas as categorias de marcas defendidas por Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004): diacrônicas, diatópicas, diaintegrativas, diamediais, diastráticas, diafásicas, diatextuais, diatécnicas, diafrequentes, diaevaluativas e dianormativas. Observemos a Figura 28:

Figura 28. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “²calar”

Fonte: HO.

Ao compararmos os verbetes da Figura 28, de HO, aos de HOc, identificamos que a marca “informal” continua em “porra-louca” e a “formal” se mantém em uso para a mesma acepção de “lábaro”, assim como “antigo” para “²calar”, salvo pelo acréscimo de um segundo sentido para o homônimo que também possui duas marcas “militar” (diatécnica) e “obsoleto” (diacrônica).

Em HO, também ocorre outro caso de homonímia para “porrada”, sendo que:

- “¹porrada” traz as mesmas acepções encontradas e discutidas em HOc com a diferença de que neste eram marcadas por “grosseiro” e, em HO, etiquetadas por “informal”;
- “²porrada” vem com a ressalva de pertencer à culinária.

Passemos à Figura 29:

Figura 29. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”



Fonte: HO.

Como se nota, a partir da Figura 29, em HO, “agito” e “gentinha” mantêm as mesmas acepções etiquetadas como em HOc, respectivamente, “informal” e “pejorativo”. Já o sentido de “usufruto”, anteriormente marcado por “direito”, passa para “termo jurídico” e “pirado” deixa de ter os rótulos “brasileirismo gíria”.

4.2.14 Dicionário Houaiss virtual (HOv)

Assim como nas versões impressa e em CD-ROM, também na *on-line* a equipe lexicográfica utilizou as marcas de uso para as descrições específicas de diversas especialidades científicas e técnicas (astronomia, ecologia, física, botânica, informática, zoologia, entre outras) em função do dinamismo que seus termos e conceitos se apresentam no mundo de hoje. A título de ilustração, na Figura 30, vemos como é a interface de interação com o usuário assinante:

Figura 30. Layout da versão on-line

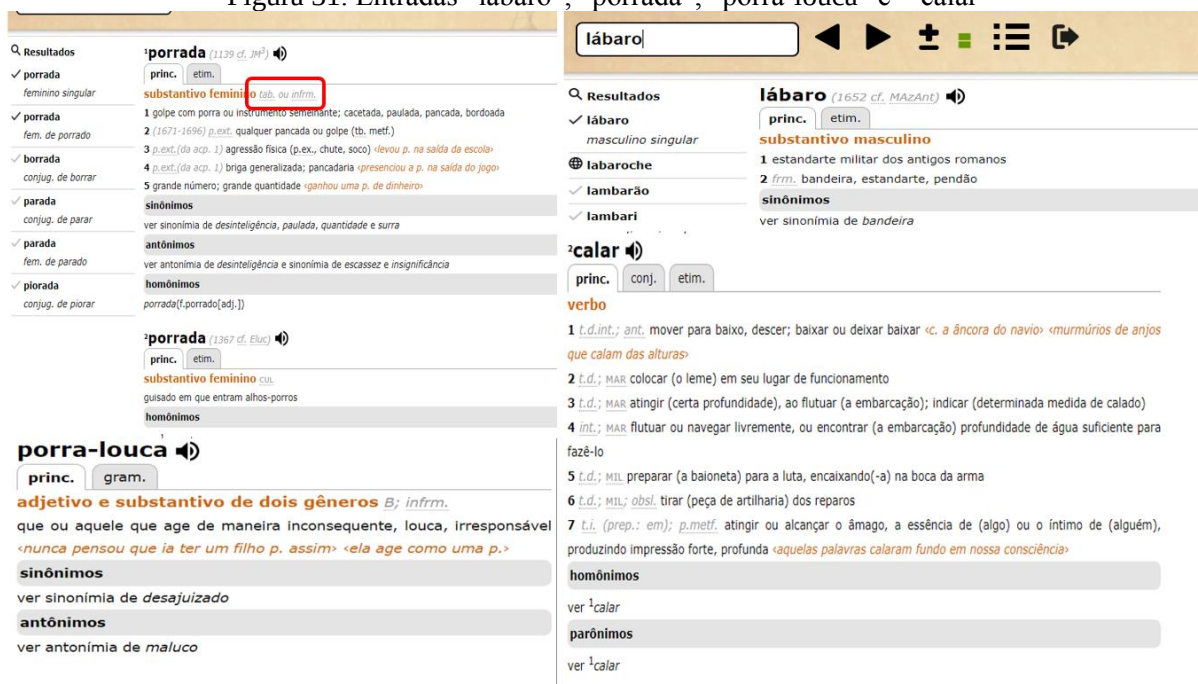


The screenshot shows the online interface of the HOVA (Houaiss Online Vocabulary). At the top, there is a search bar with the placeholder text 'Digite aqui' and navigation icons. Below the search bar, there is a logo for 'HOVAISS'. The main content area is divided into two sections: 'Apresentação' and 'Reduções'. The 'Reduções' section contains a table with two columns: 'Redução' and 'Significado'.

Redução	Significado
a.-al.	alto-alemão
a.-al.ant.	alto-alemão antigo
a.-ing.	alto-inglês
a.C.	antes de Cristo
abis.	abissínio
abl.	ablativo
abrev.	abreviação, abreviadamente, abreviatura
abs.	em sentido absoluto

Fonte: HOv (2022, on-line).

No item “Reduções”, HOv indica quais as marcas de uso estão presentes em suas acepções, sendo que, ao passar o cursor sobre elas, imediatamente surge na tela seu significado, aspecto útil para lembrar ao usuário de seu significado e, por conseguinte, a restrição a que se refere. Nessa versão virtual, também são utilizadas as mesmas etiquetas da versão impressa. Vejamos a Figura 31:

Figura 31. Entradas “lábaro”, “porrada”, “porra-louca” e “²calar”


The screenshot shows the online interface of the HOVA (Houaiss Online Vocabulary) with four entries displayed. The search bar at the top contains the text 'lábaro'.

porrada (1139 cf. *2M*)
 princ. etim.
 substantivo feminino *1652* ou *1653*
 1 golpe com porra ou instrumento semelhante; cacetada, paulada, pancada, bordoadas
 2 (1671-1696) p.ext. qualquer pancada ou golpe (tb. metf.)
 3 p.ext. (da aq. 1) agressão física (p.ex., chute, soco) «levou p. na saída da escola»
 4 p.ext. (da aq. 1) briga generalizada; pancadaria «presenciou a p. na saída do jogo»
 5 grande número; grande quantidade «ganhou uma p. de dinheiro»
 sinônimos
 ver sinônima de *desinteligência, paulada, quantidade e surra*
 antônimos
 ver antônima de *desinteligência e sinônima de escassez e insignificância*
 homônimos
 porrada (f.porrado[adj.])

porra-louca (1367 cf. *Eluc*)
 princ. gram.
 adjetivo e substantivo de dois gêneros *B; infm.*
 que ou aquele que age de maneira inconsequente, louca, irresponsável
 «nunca pensou que ia ter um filho p. assim» «ela age como uma p.»
 sinônimos
 ver sinônima de *desajuizado*
 antônimos
 ver antônima de *maluco*

lábaro (1652 cf. *MázAnt*)
 princ. etim.
 substantivo masculino
 1 estandarte militar dos antigos romanos
 2 *17m.* bandeira, estandarte, pendão
 sinônimos
 ver sinônima de *bandeira*

calar (1652 cf. *MázAnt*)
 princ. conj. etim.
 verbo
 1 t.d.int.; ant. mover para baixo, descer; baixar ou deixar baixar «c. a âncora do navio» «murmúrios de anjos que calam das alturas»
 2 t.d.; MAR colocar (o leme) em seu lugar de funcionamento
 3 t.d.; MAR atingir (certa profundidade), ao flutuar (a embarcação); indicar (determinada medida de calado)
 4 int.; MAR flutuar ou navegar livremente, ou encontrar (a embarcação) profundidade de água suficiente para fazê-lo
 5 t.d.; MIL preparar (a baloneta) para a luta, encaixando(-a) na boca da arma
 6 t.d.; MIL; obsl. tirar (peça de artilharia) dos reparos
 7 t.i. (prep.: em); p.metf. atingir ou alcançar o âmago, a essência de (algo) ou o íntimo de (alguém), produzindo impressão forte, profunda «aquelas palavras calaram fundo em nossa consciência»
 homônimos
 ver ¹calar
 parônimos
 ver ¹calar

Fonte: HOv.

Na comparação com os sentidos descritos em HO e em HOc, os mesmos se fazem presentes em HOv, com a mesma etiquetagem, esta obra se diferencia por acrescentar novos sentidos e ampliar sua microestrutura. É necessário destacar que, na versão virtual, “¹porrada” tem seus sentidos etiquetados não apenas por “informal”, mas também por “tabu”, como se verifica na Figura 32:

Figura 32. Entradas “agito”, “usufruto”, “pirado” e “gentinha”

agito (princ. etim.)
substantivo masculino *B; inform.*
 1 estado de agitação, de excitação
 2 m.q. **muvuca** (no sentido de 'aglomeração ruidosa')
homônimos
agito(fl.agitar)

pirado (sXX cf. AGC) (princ. etim.)
adjetivo
 que pirou, que endoidou

usufruto (1384 cf. RLor) (princ. loc. etim.)
substantivo masculino
 1 *JUR* direito conferido a alguém, durante certo tempo, de gozar ou fruir de um bem cuja pr
 a outrem, de retirar-lhe os frutos e as utilidades que produz
 2 *p.met.* a posse ou fruição de algo assegurada por esse direito
 3 *p.ext.* ato, processo ou efeito de usufruir; fruição
 4 *p.met.* aquilo que se usufruiu
 5 posse ou uso de algo
 6 ato, processo ou efeito de aproveitar oportunidade ou vantagem; desfrute, fruição
sinônimos
 desfrute, fruição, gozo, posse

gentinha (sXVII-XVIII cf. GMatPatr) (princ. etim.)
substantivo feminino *pej.*
 1 indivíduo de baixa condição social, econômica e/ou cultural
 2 pessoa de espírito estreito, mesquinha, dada a intrigas e mexericos
 3 conjunto de pessoas com tais características
sinônimos
 ver sinonímia de *ralé*
antônimos
 ver antonímia de *ralé*

Fonte: HOv.

Da mesma maneira como verificado em HO, a equipe lexicográfica manteve o sistema de marcação em sua versão *on-line*. Entre os verbetes selecionados na Figura 32, a única diferença foi em “usufruto”, que teve dois novos significados dicionarizados (acepções 5 e 6).

Analizamos os dicionários pela observação dos enunciados presentes nos verbetes e, no próximo capítulo, seguimos para relatar os resultados alcançados a partir das análises realizadas, sendo que procuramos detalhá-las por meio do levantamento de unidades lexicográficas que possuem acepções marcadas.

CAPÍTULO 5

Resultados alcançados a partir da análise das marcas de uso

*As palavras saem quase sem querer,
Rezam por nós dois.
Tome conta do que vai dizer.*

*Elas estão dentro dos meus olhos
Da minha boca, dos meus ombros
Se quiser ouvir
É fácil perceber
Não me acerte*

*Não me cerque
Me dê absolvição
Faça luz onde há involução...*

(As palavras, Vanessa da Mata)

Neste quinto capítulo, trazemos nossas análises e os resultados que foram alcançados a fim de propor uma sistematização das marcas de uso, visto que temos como ponto norteador o fato de que todas as acepções, linguisticamente materializadas, que fujam ao uso ordinário, serão candidatas a receberem uma marca de uso.

Ao delimitarmos o campo de pesquisa, acreditamos que não só temos uma eficácia maior, mas também uma otimização de tempo na realização e no aprofundamento do trabalho. Tal recorte pode ajudar a verificarmos se os quatorze dicionários analisados apresentam uma perspectiva pragmática heterogênea sobre os sentidos linguísticos descritos, se há uma designação das marcas na *front matter*, se elas estão ou não registradas nos verbetes, se são contempladas áreas de especialidade e alguma concepção de autoridade sobre o fazer lexicográfico, se há restrições do tipo familiar, religioso, vulgar, entre outros, voltados para atender o público escolar ao qual se destinam.

Na verdade, nos variados dicionários analisados, verifica-se que as unidades marcadas são aquelas identificadas pelo lexicógrafo como desviantes de um padrão comum que se espera encontrar em determinada comunidade linguística, o que faz com que observemos o uso de diferentes etiquetas, as quais poderiam ser mais precisas aos consulentes. Por ser um campo de investigação que evidencia discordâncias entre os lexicógrafos, seria melhor que houvesse um volume de marcas que convergissem para uma mesma restrição.

Com base nas análises, constatamos que há um grande número de etiquetas utilizadas nas obras dicionarísticas; com isso, percorremos suas microestruturas a fim de investigarmos como estão apresentadas, sendo que, ao compará-las em quatorze dicionários monolíngues (impressos, eletrônicos e virtuais), confirmamos nossa hipótese, de fato, não há uma padronização delas, então, propomos a nossa.

As análises deste estudo nos levaram a constituir uma proposta para o estabelecimento das marcas de uso nos dicionários monolíngues escolares brasileiros. Na sociedade, encontramos diversas obras intituladas como “dicionário”, porém, nem sempre são formuladas por lexicógrafos, voltando-se para atender às necessidades mercadológicas. Nosso modelo de marcação dupla poderia vir a contribuir para uma descrição mais precisa das unidades lexicográficas, primando por uniformidade e precisão.

5.1 Discussões acerca da presença ou ausência das marcas de uso

A necessidade de haver marcas de uso nas acepções é defensável sobre várias perspectivas, desde otimizar sua percepção na microestrutura até facilitar a compreensão de seu uso restrito pelos consulentes. Interessou-nos lançar luz sobre as marcas, por isso, para atender ao nosso primeiro objetivo específico (selecionar, nas obras analisadas, as marcas de uso utilizadas), coletamos verbetes que pudessem contribuir para focá-las e nos proporcionar reflexões lexicográficas. No decorrer da pesquisa, recolhemos uma unidade lexicográfica correspondente a cada letra do alfabeto e finalizamos adicionando outras 29 que abrangessem todos os diversos tipos de marcação, portanto, verificamos e destacamos todas as etiquetas encontradas na microestrutura.

Conforme apresentada no capítulo 4, essa seleção se deu a partir da amostragem de, a princípio, 21 unidades lexicográficas, expandimos para 62 e finalizamos com 55, que receberam nossa proposta de marcação dupla (a ser discutida no capítulo 6). Essas 62 unidades correspondem a “abacaxi”, “abafado”, “apagar”, “apodrecer”, “artigo”, “bafo”, “baiano”, “baleia”, “biruta”, “bolo”, “boneca”, “boneco”, “borrar”, “burro”, “cagar”, “ceroulas”, “chimarrão”, “chimpanzé”, “comitiva”, “criança”, “cursinho”, “dicionário”, “dragão”, “droga”, “e-mail”, “família”, “favela”, “ficção”, “flor”, “furo”, “galera”, “galho”, “gordo”, “hebreu”, “idiota”, “*impeachment*”, “jabuticaba”, “kung fu”, “lobisomem”, “mala”, “motoboy”, “nádega”, “origami”, “parasita”, “pintar”, “pinto”, “pipa”, “povo”, “quilo”, “RG”, “saci”, “sexo”, “tabela”, “traçar”, “troço”, “unicórnio”, “vagabundo”, “vesgo”, “watt”, “xixi”, “yakisoba” e “zebra”, em que constam as dez marcas de uso identificadas no Quadro 52:

Quadro 52. Marcas de uso que também são palavras-entrada

marca	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu ¹¹⁸	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
informal	X	X	---	---	X	---	---	---	---	---	X	X	X	X
familiar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
coloquial	---	---	---	---	X	X	---	X	---	X	X	X	X	X
popular	---	X	X	X	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X
gíria	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
depreciativo	---	---	---	---	X	---	---	X	X	X	X	X	X	X
pejorativo	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
chulo	---	---	---	---	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X
vulgar	---	X	X	---	X	X	X	X	---	---	X	X	X	X
tabu	X	---	---	---	X	---	---	---	---	---	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 52 retoma as informações do Quadro 9, apenas com o acréscimo de uma nota em NAu, a fim de destacarmos quais marcas estão sob investigação nesta tese e sua presença ou ausência nos dicionários do *corpus*. A partir desse quadro, atendemos ao nosso segundo objetivo específico, qual seja, averiguar a presença ou a ausência das marcas de uso, dado que, dentre os dicionários escolares, apenas AUjr faz uso de todas as etiquetas analisadas neste estudo, sendo que o mesmo vem a ocorrer somente nos dicionários gerais AU, HO, CAv e HOv. Nesse contexto, duas perspectivas podem ser apontadas: (i) as obras que não apresentam todas as marcas analisadas, provavelmente, concentram dois ou mais sentidos em uma mesma marca, caso se faça presente; (ii) as obras que apresentam todas as marcas do estudo entendem que há diferenças, mesmo que mínimas, o que faz com que as restrições devam ser evidenciadas. As marcas de uso estão indicadas nos quadros, a seguir, pelas abreviaturas e símbolos, por nós assim atribuídos, uma vez que a forma escolhida de abreviação também é outro fator de variabilidade entre as obras dicionarísticas. Essas etiquetas foram abreviadas, para nossas análises, de acordo com as informações no Quadro 53:

Quadro 53. Abreviaturas das marcas de uso analisadas

Abreviatura / Símbolo	Marca de uso	Abreviatura / Símbolo	Marca de uso
Ø ¹¹⁹	indica que é uma entrada sem marcas de uso	GÍR	gíria
X	indica que não é entrada	PEJ	pejorativo
IN	informal	DEP	depreciativo
FAM	familiar	CH	chulo
COL	coloquial	VU	vulgar
POP	popular	tabu	tabuismo, tabu

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹¹⁸ Consta a rubrica “pop”, cujo significado, nessa obra, é “coloquial”.

¹¹⁹ Não vamos considerar as marcas dianormativas, pois a identificação das classes de palavras não irá nos interessar neste estudo.

A seleção se deu em função da própria indicação dos dicionários escolares, pois, ao se pautarem em *corpora* e materiais específicos do universo escolar, constituíram suas obras, resultando na validade necessária para escolhermos verbetes em que constem marcas de uso para nossas discussões.

Como não seria possível analisar todos os verbetes de todas as obras selecionadas para este estudo, não apenas pelo tempo cronológico (a elaboração das obras dura, às vezes, anos, logo, não seria uma tarefa produtiva comparar todos os verbetes durante o período do doutorado), mas principalmente porque interessou-nos as reflexões sobre as marcas e, para tanto, podemos levantá-las a partir de um recorte que envolva os dicionários selecionados.

Um primeiro ponto acerca da marcação empregada nas obras analisadas é que não basta haver a marca de uso se esta não for conceituada por seu lexicógrafo, quer na introdução e/ou na macroestrutura da obra, pois, assim, é possível compreender qual é a perspectiva ideológica do autor, o que sugere parâmetros também para a *front matter*. Esse ponto de vista demonstra a visão pragmática que o lexicógrafo possui a respeito da unidade lexicográfica que é constituída por um entrelaçamento de aspectos sócio-político-histórico-culturais.

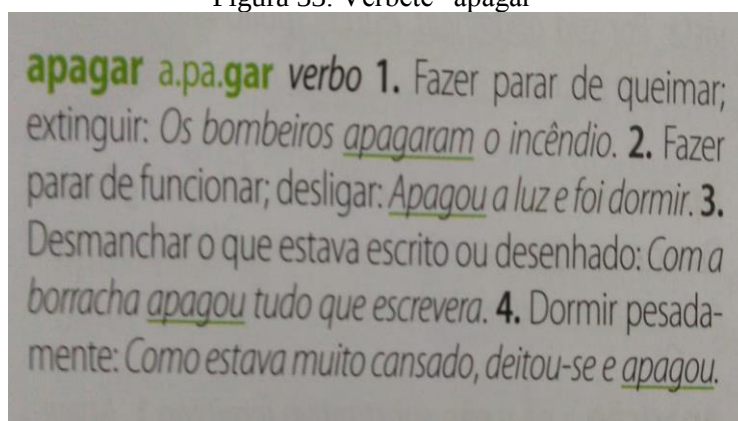
Tendo isso em vista, nas 62 entradas pertencentes às nomenclaturas nos dicionários do *corpus*, encontramos acepções marcadas que atestam a ausência de uma padronização metodológica na escolha de uma marca em detrimento a outra, o que interfere negativamente em seu uso contextual, seja na produção e/ou compreensão, quer escrita, quer oral.

Para iniciarmos as análises, vejamos a unidade “apagar” no dicionário escolar FB:

apagar (a.pa.gar) verbo **1.** Você **apaga** uma lâmpada quando faz com que ela não emita mais luz. *td: Quem apagou a lâmpada? intr.: a lanterna apagou.* Será que as pilhas acabaram? *pr: As luzes da árvore de natal se apagaram.* **2.** Você **apaga** uma vela (ou uma fogueira, um palito de fósforo etc.) quando faz o fogo acabar. *td: Apagou as velinhas do bolo. intr.: O fósforo apagou. pr: A fogueira se apagou.* **3. figurado Apagar** é acabar com algo. *td: Nem a chuva apagou o brilho da festa. pr: O brilho da festa não se apagou com a chuva.* Antônimo (de **1** a **3**): *acender*. **4. td** Você **apaga** algo que foi escrito ou desenhado quando o faz desaparecer usando coisas como uma borracha ou um apagador. *O professor apagou o quadro.* **5. td figurado** Você **apaga** uma lembrança quando a esquece. *Não consigo apagar aquela terrível noite da minha memória.* **6. intr informal** Uma pessoa **apaga** quando dorme rapidamente, geralmente por estar muito cansada. *Apagou assim que se deitou na cama.* **7. td informal** Uma pessoa **apaga** outra quando a mata. *Apagaram a testemunha da chacina.* **8. td informática** Você **apaga** coisas como arquivos ou informações quando as tira do computador, de um disco ou de um aparelho digital. *Sem querer, eu apaguei a música errada!* Sinônimo (de **8**): *deletar*.

Em “apagar”, mantivemos o destaque colorido fornecido pelo dicionário, em que encontram-se cinco acepções marcadas, dentre elas três (*figurado*, *informal* e *informática*) são distintas e duas (*figurado* e *informal*) se repetem, evidenciando esses sentidos para as crianças ao estarem marcadas em contexto. Por outro lado, “apagar” em DAI não possui nenhum rótulo em nenhuma de suas quatro acepções, mesmo sendo ofertado para o mesmo público, como se verifica pela Figura 33:

Figura 33. Verbete “apagar”

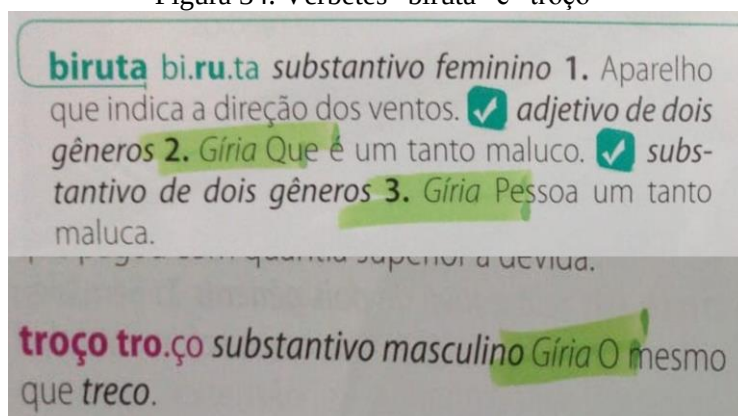


Fonte: DAI.

Logo, em comparação, aqueles estudantes que tiverem contato com a obra que oferece as etiquetas, entre outros benefícios, não apenas terá a chance de ampliar seu vocabulário, mas principalmente terá condições de compreender melhor o uso do vocabulário e reutilizá-lo corretamente em suas práticas comunicativas.

Já em outras duas entradas – “biruta” e “troço” –, vemos a presença da marca “gíria”, porém, sem que sejam esclarecedoras acerca de seus contextos de uso. Observemos a Figura 34:

Figura 34. Verbetes “biruta” e “troço”



Fonte: DAI (p. 69; p. 492).

Nas definições de “biruta” e de “troço”, pretende-se destacar a restrição de sentidos utilizados em situações comunicativas por certos grupos sociais. Um estudante consulente desse dicionário poderia refletir: Quem pensa assim? Onde se diz isso? Quer dizer, em quais contextos esses sentidos circulam? Situações que se revelam pela marcação, porém, não esclarecidas no verbete. Ao contrário de Ferreira (2008), o sentido de “troço” está etiquetado por “informal” e “biruta” nem sequer consta na nomenclatura de FB: “**troço** (tro.ço) *sm* **informal** Um **troço** é uma coisa qualquer. *Que troço é aquele ali no no chão?* Pronúncia: *troço* (leia ó)”.

Seguimos para “abacaxi” e alguns outros exemplos de unidades lexicográficas desses quatorze dicionários, no Quadro 54:

Quadro 54. Marcas encontradas nas acepções de “abacaxi”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
abacaxi	IN	Ø	Ø	Ø	POP	POP	IN	POP PEJ PE AL	Bot ant mil GÍR	COL	GÍR Bras. PE AL Angol. Bot	Bras. angios. IN PEJ	POP PEJ PE AL	Bras. angios. IN PEJ PE AL

Fonte: Elaborado pelo autor.

A entrada “abacaxi”, em FB, no sentido de um problema difícil de ser resolvido, possui a marca “informal”, enquanto em DUPC, marca-se como “coloquial”, em HO, como “informal”. Em NAu e CAv, registram-se outros dois sentidos: (i) alcunha para se referir aos portugueses (marcado por “pejorativo”, também em HO e HOv) – “antiquado” em MI; (ii) pessoa que dança de modo desajeitado (marcado pelos regionalismos “PE” e “AL”) – assim como em AU. Em MI, além das marcas diatónicas (“Bot” e “Mil”), o sentido de algo problemático é indicado como “gíria”, por ser uma publicação do final do século passado, podemos entender essa desatualização, pois, hoje, já não mais é um item gírio.

Na comparação com AU, o segundo sentido marcado por “gíria”: 1º) sobre uma pessoa desagradável (“figurado” em HO e HOv); 2º) algo complicado, intrincado; estranha-nos que se use a marca “gíria”, pois, por ser um fenômeno efêmero, já deveria passar a ser, em nosso entender, marcado como “popular”, pois não mais se restringe a um grupo, já está popularizado seu sentido.

Em seguida, vejamos “abafado” no Quadro 55:

Quadro 55. Marcas encontradas nas acepções de “abafado”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
abafado	X	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	IN	Fig. Bras. POP PE	POP	Ø	Bras. POP PE	Bras. IN PE	Fig. Bras. POP PE	Bras. IN PE mar

Fonte: Elaborado pelo autor.

A entrada “abafado” possui uma de suas acepções (quando um indivíduo está muito ocupado, está abafado de tarefas) etiquetada de modos diferentes: “informal” em HO, HOc e HOv e “figurado” em NAu e CAv. Embora seja lematizada em três das quatro obras do Tipo 2 e nas duas do Tipo 3, a unidade “abafado” não é marcada neles. Em MI, é dicionarizado esse sentido, mas não etiquetado, porém, marca-se com “popular” a acepção que se refere a um indivíduo aflito (a equipe lexicográfica dos dicionários Houaiss restringe como “informal”).

Poderíamos refletir sobre qual a razão para a não marcação desse sentido, que, ao ser dicionarizado, já está reconhecido como pertinente à língua, evidenciado nos dicionários escolares, porém, sem marcar como “informal”, nem “popular”, o que seria esperado já que é assim que encontramos nos dicionários de língua geral. Por que não marcá-lo? Seria por uma aproximação à língua oral? Não sabemos, pois não é possível verificar na obra tal resposta. Tendo em vista que as obras precisam se manter conceitualmente atualizadas, sobretudo as escolares, esse sentido (“ter muito trabalho”, “ter muitas tarefas”¹²⁰) poderia ser retirado desses dicionários, visto que sua ocorrência na internet é baixa.

Tomemos “bafo”, no Quadro 56, para nossa próxima análise:

Quadro 56. Marcas encontradas nas acepções de “bafo”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
bafo	IN	Ø	Ø	X	Bras.	GÍR Bras.	IN	Bras GÍR Fig. POP cul	Ø	Ø	Bras GÍR Fig.	Fig.	Bras GÍR Fig. POP cul	Fig.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em se tratando da entrada “bafo”, vimos que sua etiquetagem varia e seus sentidos marcados não estão presentes em todos os dicionários escolares, sendo que o sentido 2 está presente e marcado em FB, SJ e AUjr, enquanto o sentido 3 está presente e marcado somente em HOc e NAu. Nossa proposta de marcação dupla poderia estimular um uso padrão. Sobre a entrada “pinto”, consideramos que a marcação dupla poderia auxiliar em separar o uso que serviria aos

¹²⁰ Em consulta realizada em 25 jul. 2022, “abafado de trabalho” possui 7 resultados e “abafado de tarefas” possui 1 resultado no motor de buscas Google.

propósitos escolares (acepção 2) de um uso extramuros da escola (acepção 3). O que se verifica é que os contextos por onde os sentidos circulam revelam uma maior consideração positiva ou negativa à palavra, por vezes, estigmatizando seu emprego.

Dos quatro Tipo 2, temos que, em FB, “bafo” possui três acepções, dentre elas duas são marcadas com o rótulo “informal”: 1) ar expirado; 2) cheiro desagradável expelido pela boca. Em DAI, só está dicionarizado o primeiro sentido, porém, não etiquetado; já em PV, essas mesmas duas acepções não são marcadas. Entre os do Tipo 3, AUjr dicionariza dois sentidos como homônimos, marcando somente o segundo (“bafo²”) – brincadeira infantil – com “brasileirismo”, da mesma maneira, em SJ, além de usar essa mesma marca nesse sentido, aplica a marca “gíria” para sua segunda acepção (“mau hálito”). Nos escolares Tipo 4, HOc é o primeiro, na sequência pedagógica prevista dessas obras ao longo dos anos, a registrar o sentido de “mentira”, marcando-o com “informal”; já NAu e CAu são as obras que mais dicionarizam sentidos marcados para essa entrada, sendo que, para indicar (i) mau hálito e conversa fiada, marcam-se “brasileirismo” e “gíria”, (ii) afirmação falsa etiqueta-se “brasileirismo” e “popular”, (iii) sopro de ar ou ar ruim que vem de algo rotula-se “figurado” e, por fim, (iv) vapor para cozer alimentos é marcado por “popular” e “culinária”.

Nos dicionários não escolares, em DUPC, o único sentido marcado é o de conversa fiada por “coloquial”. A acepção de brincadeira infantil aparece em AU como homônimo (“bafo²”), mas indica uma remissiva que leva o consulente à entrada “bafo-bafo”, que está marcada por “brasileirismo” e “Rio de Janeiro”. Em HO e HOv, os sentidos “inspiração”, “sorte” e “proteção” se apresentam etiquetados com “figurado”.

Considerando-se que o sentido de brincadeira está muito próximo aos aprendizes mais jovens (embora sua ocorrência seja baixa – aproximadamente 13.000 ocorrências), as obras escolares poderiam ser mais detalhadamente explicadas ou demonstradas por meio de um recurso multimodal, como uma figura ou foto, complementando a informação. Diante dessa variedade de marcas nas acepções, poderíamos refletir sobre qual é o limite que se estabelece e se descobre que um item lexical é gíria e/ou popular? Ou mesmo como determinar a passagem de um registro a outro? Por ser uma decisão do lexicógrafo, quais são os parâmetros que serviram de base? Seria interessante que os consulentes não fossem privados desse tipo de informação. Novamente, o que se verifica é que não há coincidência nem na presença, nem na ausência da etiquetagem. Aliás, a marca “gíria” deveria ser eliminada dos sistemas de etiquetagem em razão de seu caráter efêmero. De fato, ao ser dicionarizado um termo gírio, desaparece seu caráter de pertencimento exclusivo a uma parcela da sociedade, isto é, passa a compor a esfera pública, cuja compreensão faz com que esse item lexical deixe de pertencer a um código secreto.

Seguimos para os sentidos marcados na entrada “boneca”, no Quadro 57:

Quadro 57. Marcas encontradas nas acepções de “boneca”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
boneca	Fig.	Ø	Ø	Ø	Bras.	Fig. PEJ	IN gr Bras PEJ	Fig. Bras. art.gr PEJ GIR const. aim.	folc. tip. arqu. náut. POP	COL	Fig. encad. Bras. art.gr const. PEJ FAM	cost. agr. alv. Bras. RJ const. art.gr eng.m. PEJ	Fig. art.gr joc jorn PEJ	cost. agr. alv. adr Bras. RJ GO const. art.gr eng.m geo mar PEJ

Fonte: Elaborado pelo autor.

O sentido marcado em “boneca” é “figurado” e se refere à beleza feminina em FB. No AUjr e NAu, a acepção etiquetada – por “brasileirismo” – corresponde a uma “espiga de milho em formação”. SJ não lematiza “boneco” e, ao lematizar “boneca”, traz duas marcações: a) “figurado” para “moça bonita”; e b) “pejorativo” para se referir ao homossexual masculino. Em HOc, o preconceito se revela na dicionarização de dois sentidos – “homem afeminado” e “homossexual masculino”, respectivamente, etiquetados por “informal” e “brasileirismo pejorativo”.

Embora existam muitos preconceitos, julgamentos ofensivos, injúrias e grosserias de toda sorte, é papel do lexicógrafo advertir o consulente por meio da inserção das marcas de uso no verbete, quer dizer, cabe a esse profissional alertar que determinados usos das unidades lexicais possuem, por exemplo, sentidos ofensivos, grosseiros e preconceituosos da sociedade em que vive.

O sentido de “mulher ou menina bonita e bem arrumada” aparece marcado por “figurado” em NAu, bem como “brasileirismo pejorativo” para “homem efeminado” e “gíria” para se referir às pessoas travestis. Essa marcação dupla aparece em dicionários gerais e, a partir deles, suas editoras mantiveram esse recurso em seus produtos lexicográficos escolares, entretanto, a maneira não padronizada e reproduzida traz falhas ou deixa lacunas na descrição das unidades. Propusemos um novo tratamento para esse recurso, que será explicitado mais adiante.

Se por um lado NAu considera seus sentidos marcados distintos, em DUPC, os traços de um homem homossexual efeminado correspondem a um único sentido, etiquetado por

“coloquial”. Parece-nos que residem dois problemas nessa marcação: 1º) não necessariamente todo homossexual masculino apresentará traços efeminados, portanto, deveriam ser separados os sentidos; 2º) “coloquial” é uma marca que traz restrições no nível do discurso e, nessa acepção, é preciso alertar o consulente de que é ofensivo, portanto, “pejorativo”.

Também é necessário criticar o sentido “travesti masculino” rotulado como “popular” em MI, pois, como defendemos, esse traço deve se referir a um sentido não ofensivo amplamente reconhecido pela população, do contrário, não deveria ser empregado, portanto, a marca conveniente é “pejorativo”.

Ao se consultar, mais atenciosamente, um dicionário, é possível verificar que o registro dos sentidos que circulam na sociedade favorecem o sexo masculino em detrimento do feminino. Por exemplo, o que se verifica é que, em “boneca”, um de seus sentidos foca no corpo da mulher (“Menina bonita”; “moça bonita”; “moça atraente”; “Mulher ou menina bonita ou bem arrumada”), etiquetado por “figurado”, porém, seria preciso uma marcação dupla como “pejorativo ofensa” a fim de advertir o consulente de que, ao fazer uso desse sentido, estará incorrendo em uma indelicadeza ofensiva. Como vimos, na maioria das obras, não há nenhum tipo de etiqueta para esse sentido, o que pode levar o usuário a entender, equivocadamente, que seria um sentido neutro, ou seja, sem restrições de uso.

Observamos que a marca com maior ocorrência é “pejorativo” e esse uso revela possíveis contextos em que ocorre discriminação ao se empregar esse sentido de “boneca”. Notamos que as acepções marcadas convergem para a unidade não marcada “homossexual”, o que entendemos como ponto positivo da marcação, pois auxilia o consulente a compreender que, nas práticas de linguagem, a escolha por “homossexual” em detrimento de “boneca” alerta para uma prática social menos preconceituosa, principalmente nos dicionários escolares. A escolha pela unidade neutra – “homossexual” – ensina aos estudantes que evitem “boneca” em suas interações sociais, fazendo-os refletir sobre a língua e seus usos. Se, de fato, eles vão utilizá-la não é possível prever, porém, é fundamental que o lexicógrafo alerte-os, por meio das marcas de uso, acerca dos diferentes sentidos registrados.

Nossa próxima entrada, no Quadro 58, é “criança”:

Quadro 58. Marcas encontradas nas acepções de “criança”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
criança	Ø	Ø	Ø	Ø	Fig.	Fig.	Ø	Fig. GIR fut	Ø	Ø	Ant	Ant region. Bras.	Fig. GIR fut	IN Bras. fut lus Ant

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em AUjr, SJ e N Au, o sentido de “pessoa ingênua” (não marcado em AU) é marcado por “figurado”; já em HO, marca-se como “regionalismo Brasil” para se referir à imaturidade nas ações de um indivíduo. Não há grandes divergências na dicionarização das informações referentes a “criança”, entretanto, consideramos que a acepção referente à ingenuidade, que é um dos traços das crianças, precisa vir marcada não apenas por “figurado”, mas duplamente por “pejorativo ofensa”, pois, ao remeter a um indivíduo, nesse sentido, o que se pretende é menosprezá-lo socialmente.

Passemos a “dicionário”, no Quadro 59:

Quadro 59. Marcas encontradas nas acepções de “dicionário”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
dicionário	inform	Ø	Ø	Ø	Ø	fig	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	lex. bibl. fig.	Ø	lex. bibl.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As acepções “todas as palavras conhecidas ou usadas” e “pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social etc.” são etiquetadas, respectivamente, com “figurado” em SJ e HO destacando, assim, o caráter metonímico (aspecto utópico de que um dicionário fosse capaz de abarcar “todas as palavras”) e metafórico (relação de estoque de conhecimento ou saberes de um indivíduo) desse tipo de obra. De modo geral, ao definirem “dicionário”, parece-nos que os próprios lexicógrafos perdem a oportunidade de valorizar esse gênero textual. Aquilo que se verifica no paradigma definicional corresponde a um livro que elenca palavras, parcial ou totalmente (sabemos que a completude é inatingível pelas características do léxico), cuja listagem se apresenta, geralmente, em ordem alfabética. Se mais características estivessem presentes na definição poderiam atrair mais interesse dos consulentes, tais como sobre a ampliação vocabular que ele proporciona ou a melhor compreensão do léxico e de suas restrições. Nesse sentido, HO oferece uma melhor definição; entretanto, esse é um dicionário que não está previsto no “PNLD 2012: Dicionários” e, portanto, os estudantes só terão contato com essa obra se forem em busca dela, uma vez que não existe a obrigação, por parte do governo, de fornecê-la às escolas. Em sua versão impressa, a quarta acepção – “pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social etc.” – é etiquetada como “figurado”, a qual, na versão *on-line*, passou a ser “por metonímia” e “por metáfora”. Para um consulente, seria mais produtivo que se mantivesse “figurado” dado que, por representar uma exploração ou ampliação de um significado, abarca tanto a metáfora quanto a metonímia.

Seguimos para a verificação dos sentidos em “família”, no Quadro 60:

Quadro 60. Marcas encontradas nas acepções de “família”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AUjr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
família	Ø	Ø	Ø	Ø	Ciên. nat	Biol Ling	Fig	Biol. Ling. Art.gr Quím Soc.	Hist.nat Quím. Soc. Tip. Apic. Geol. Miner.	Ø	Biol. Fig Ling. Genet Quím Soc. Tip. Bras. MG MT RS	Fig Biol Art.gr Quím	Biol Ling Art.gr Quím Soc.	IN fig bio gráf quím mat MG PR RS MT

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação a “família”, o sentido de agrupamento parental se faz presente nos dicionários escolares pelo viés social, destacando que o núcleo familiar é fundamentalmente composto por pai, mãe e filhos. Em nenhum dicionário do Tipo 2, são usadas marcas, embora as duas acepções encontradas neles devessem estar etiquetadas.

A partir dos dicionários Tipo 3, como por exemplo, em AUjr, existe a divisão biológica entre os gêneros, mas todas as obras mantêm uma referência que corresponde ao imaginário idealizado pelos brasileiros sobre a família tradicional. Assim, todos os outros dicionários do *corpus*, exceto DUPC, trazem marcas diatécnicas para os sentidos levantados acerca da entrada “família”. É curioso que, em HOv, o último significado dicionarizado diga respeito a um(a) filho(a) restrito aos estados de MG, PR, RS e MT e ainda venha marcado como unidade “informal”, visto que apenas uma pesquisa bastante detalhada poderia determinar esses regionalismos e, além disso, seria mais coerente a marca “familiar” ao invés de “informal”: “8 MG, PR, RS, MT; infrm. filho ou filha (entre as pessoas do interior) <Isidora tem seis f. em casa>”. Vejamos, a seguir, “galera”, no Quadro 61:

Quadro 61. Marcas encontradas nas acepções de “galera”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AUjr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
galera	X	Ø	IN	X	Bras. POP	GIR mar. fut.	IN	Bras GÍR	POP	COL	Bras	IN Bras obso mar	Bras ant mar antq	IN Bras obso crus mar fut

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em AUjr, etiqueta-se “galera²” com “brasileirismo popular” para suas duas acepções: 1) grupo de torcedores; 2) grupo de amigos. Já em SJ, esses sentidos são marcados como “gíria”. Em HOc, indivíduos que possuem interesses afins constituem uma mesma acepção que vem marcada por “informal”. NAu também faz o registro como HOc, mas usa a marca “brasileirismo gíria” assim como DUPC que usa o rótulo “coloquial” em “galera₂” e MI que etiqueta esse sentido como “popular” no homônimo “galera²”.

Nos dicionários escolares, a variedade de situações envolvendo as marcas de uso é bastante evidente mesmo tendo em vista que se referem ao mesmo significado. Estranhamente, os lexicógrafos de FB e DIP não o reconheceram como um item frequente no universo escolar para compor suas obras, DAI o lematizou, mas sem marcas; AUjr e MI entendem a restrição como abrangente e reconhecível pela população (a que nos parece que deveria ser padronizada para esse sentido). Por fim, em PV, “galera” é marcada por “informal”, assim como em HO, HOc e HOv, contrariamente às duas marcas de uso em SJ.

Como notamos, “galera” é um exemplo interessante para pensarmos sobre o uso da marca “informal”, uma vez que o sentido de agrupamento de pessoas com interesses afins, registrado nesses dicionários, possui marcações diferentes. Embora indique a língua corrente (“informal”), é preciso que se utilize outra marca para esse sentido; assim, dentre as possibilidades, entendemos que “popular” seria a melhor opção, tendo em vista seu uso disseminado na população, o que, talvez, faça com que o lexicógrafo deva optar por “popular” em detrimento a outras. Além disso, “gíria” também não seria apropriada, visto que “galera” não se restringe a apenas uma parcela da população.

Analisemos “galho” a partir das marcas do Quadro 62:

Quadro 62. Marcas encontradas nas acepções de “galho”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AUjr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
galho	Ø	Ø	Ø	Ø	ciênc. nat	bot. zoo.	Bras IN	bot. anat zoo Bras POP GÍR	POP	COL	Bras GÍR MG	anat zoo IN Bras	bot. anat zoo Bras POP GÍR	anat zoo IN Bras

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em AUjr, entre as duas acepções, somente o segundo significado (de “galhada”) está marcado, levando a marca diatécnica “ciências naturais”. Em HOc, marca-se “brasileirismo informal” para três sentidos: a) emprego esporádico (biscate); b) confusão; c) situação problemática. Já NAu, rotula esse trabalho esporádico extra como “brasileirismo popular” (parece-nos mais assertivo do que “informal”, dado que a informalidade pode estar nas relações

trabalhistas e não na limitação de seu uso), uma confusão ou briga como “gíria” – no DUPC, marca-se como “coloquial” –, uma situação complicada como “brasileirismo gíria” e ainda uma relação extraconjugal como “gíria” (deveria ser “popular”, uma vez que não mais se restringe a apenas uma parcela da população), enquanto que no MI esses sentidos são etiquetados como “popular”. Note-se que nenhuma das restrições propostas nos dicionários gerais se apresenta nos escolares.

Vejamos, na sequência, “parasita”, no Quadro 63:

Quadro 63. Marcas encontradas nas acepções de “parasita”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
parasita	Ø	Ø	Ø	Ø	ciên. nat fig.	biol fig	biol PEJ	biol	bot	Ø	Ø	biol PEJ med Bras	biol	PEJ ecol med orn Bras

Fonte: Elaborado pelo autor.

No AUjr, “parasita” possui uma remissiva para “parasito”, cuja descrição apresenta quatro sentidos marcados, sendo que as acepções marcadas por “figurado” indicam “aquele que não trabalha” e “que vive à custa alheia”. Também no outro dicionário Tipo 4 (SJ), há uma remissiva para a variante “parasito”, porém, o significado é descrito em “parasita”, sendo que somente o segundo (indivíduo que vive às custas dos outros) está dicionarizado e marcado por “figurado”. Esses sentidos, em NAu, não são marcados, somente a restrição de uso para a área da botânica (“biologia”). Em MI, só há o sentido restrito à botânica, mas em “parasito” consta a acepção de se viver às custas dos outros, porém, não marcado. Em DUPC, os significados já mencionados estão dicionarizados, mas nenhum marcado; nessa obra, ainda registra-se a acepção “funcionário que vive à custa do Estado”.

Há uma curiosidade diatópica em AU, pois “parasita” remete, sem marcas, a “parasito”, o qual registra o sentido de viver à custa alheia sem ser etiquetado, mas sua terceira acepção é marcado por “zoologia” e remete a “chupim”. Nessa terceira entrada, a descrição de sua terceira acepção traz “3. Bras. RJ SP RS Obsol. Marido da professora, quando vive à custa dela.”, destacando um exemplo diatópico acerca do significado, em nosso entender, pejorativo de “parasita”.

Já em HO, todas as quatro acepções registradas estão etiquetadas, auxiliando amplamente a busca do consulente. Da mesma maneira, HOv marca todos os significados registrados, porém, diferentemente das outras obras, seu sentido “pejorativo” vem como a primeira acepção descrita. Como não temos acesso às informações sobre a ordenação desse

dicionário, não sabemos se ocorre em razão de ser o significado mais frequente ou mesmo se foi apenas uma decisão arbitrária do lexicógrafo.

Nota-se que “figurado” é uma etiqueta recorrente nos dicionários escolares, entretanto, é uma marca muito abrangente para o público estudantil, seria mais produtivo usar outra marca ou uma segunda marca junto a essa. Por exemplo, “viver às custas dos outros” poderia receber duas marcas, tais como “coloquial figurado” (*coloq fig*) ou “pejorativo figurado” (*pej fig*).

Seguimos para a análise de “pintar” a partir do Quadro 64:

Quadro 64. Marcas encontradas nas acepções de “pintar”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
pintar	fig IN	Ø	Ø	Ø	Bras GÍR	Bras POP	Bras GÍR	Bras POP GÍR fig	RS GÍR inform	COL	Bras GÍR RS	Bras IN	fig Bras POP RS	Bras gar RS inform

Fonte: Elaborado pelo autor.

O sentido “figurado” de pintar (“retratar”) está presente em FB, NAu e CAv, mas “brasileirismo” em AU e “coloquial” em DUPC. Em AUjr e AU, temos os sentidos “mostrar-se promissor” (“brasileirismo popular” em NAu e CAv) e “fazer travessuras” marcados por “brasileirismo” (também em NAu e CAv), bem como “aparecer em algum lugar” etiquetado por duas marcas “brasileirismo gíria” (este último também marcado assim em HOc, apenas “gíria” em MI, “coloquial” em DUPC, “informal” em HO e “popular” em CAv). Esse último significado está registrado em SJ, porém, marcado como “brasileirismo popular”. Parece-nos que essa diferença deva estar ligada à dificuldade em se estabelecer quando uma unidade gíria deixa de pertencer a apenas um grupo social e se espalha pela população, logo, a marca deveria passar de “gíria” para “popular”.

Já o significado “dar indícios de ser ou de vir a ser (bom ou mau); encerrar perspectivas (boas ou más)” está etiquetado em HO como “regionalismo: Brasil. Uso: informal”. O significado de “ocorrer, acontecer” está dicionarizado como “brasileirismo gíria” em HOc e “brasileirismo popular” em NAu e CAv. A marca diatópica “brasileirismo RS”, em MI, AU e CAv, serve para destacar a fase de engorda do gado.

No caso de “pintar”, em HO, há dezenove acepções, que contemplam aquelas dos dicionários Tipos 2, 3 e 4; já em AU, encontramos trinta e duas acepções, que abarcam a descrição de HO. À vista disso, novamente ressaltamos que a informação definicional dos dicionários escolares se origina das obras de língua geral, em tese, conseqüentemente, suas marcas de uso também. No entanto, o que verificamos é que a escolha da etiquetagem se mantém arbitrariamente

pela vontade de cada lexicógrafo, o que não contribui para o entendimento de uso dos itens lexicais por parte dos consulentes aprendizes. Parece-nos evidenciar o quão confusa a não sistematização pode se revelar para as crianças aprendizes no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Seguimos para a análise de “pinto” a partir do Quadro 65:

Quadro 65. Marcas encontradas nas acepções de “pinto”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
pinto	IN	Ø	Ø	X	Bras	POP	Bras IN	FAM POP Lus econ	GÍR POP	COL CH	zoo ant GÍR CH	IN ict	FAM POP ict Lus econ	IN eufem ict nums

Fonte: Elaborado pelo autor.

A unidade “pinto” é utilizada no lugar de “pênis” e marcada como “informal” em FB e HO, “popular” em SJ e MI, “chulo” em DUPC e AU, e “familiar” em NAu e CAv. Em AUjr, esse sentido não é dicionarizado, porém, de suas duas acepções, temos a segunda (“ser fácil”) marcada por “brasileirismo” (e em HOc, “brasileirismo informal”). Outro significado é “criança pequena” rotulado como “popular” em NAu e CAv, e “gíria” em MI e AU, e “algo insignificante” como “coloquial” em DUPC.

Aproveitamos para esclarecer que “brasileirismo” não está sendo usado como marca diatópica, mas sim como diafásica dado que seu sentido corresponde à carga informal que esse item lexical carrega em relação à formalidade reconhecida na língua pelos falantes, aspecto diferente do uso da etiqueta “Brasil”, a qual se apresenta com a intenção de ressaltar um uso exclusivo em território brasileiro.

É muito comum encontrar nos dicionários, ao se referirem a um estilo ou nível da língua, a marca de uso “popular”, salvo nos Tipo 2, como vemos em “pinto”. Em HO, essa entrada possui quatro acepções, três marcas de uso, dentre elas, “informal” se refere ao órgão genital masculino; enquanto AU registra cinco acepções, sendo que a etiqueta “chulo” diz respeito à restrição de uso para o órgão em questão, reafirmando um valor diferente da etiquetagem “informal” e “popular”, dado que “chulo” conduz à compreensão de que se trata de um significado indelicado, grosso, descortês, baixo ou que o item lexical é usado de forma ordinária pela camada social mais baixa.

No Quadro 66, passemos para “pipa”:

Quadro 66. Marcas encontradas nas acepções de “pipa”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU ¹²¹	HO	CAv	HOv
pipa	Ø	Ø	Ø	Ø	Bras	Bras POP	Ø	Bras lud joc antq POP	POP zoo	Ø	Bras POP	Bras lud joc IN	Bras lud joc POP antq	Bras lud joc IN

Fonte: Elaborado pelo autor.

As acepções de “pipa” não estão marcadas nos dicionários Tipo 2. Em AUjr, SJ e AU marcam “brasileirismo” e remetem a “papagaio” (acepção não marcada referente a um brinquedo infantil construído manualmente), em HO, rotula-se como “ludologia” e em CAv “brasileirismo ludologia”. As acepções “pessoa gorda e baixa” e “pessoa que bebe demais” aparecem registradas e rotuladas com “jocososo popular” em NAu e CAv, “brasileirismo informal” em HO (e ainda “jocososo” para a primeira acepção) e somente “popular” em MI e AU, mas deveriam ser indicadas por “pejorativo”.

Da perspectiva diatópica, não é fácil ou simples afirmar que determinada unidade lexical corresponde a um item gírio a menos que se possa realizar uma vasta investigação, embora é possível dizer que, predominantemente, as unidades gírias pertencem à linguagem urbana. A marca de uso “gíria” é amiúde utilizada nos dicionários escolares como vemos, por exemplo, em “pintar” e “pinto”, todavia, até que ponto seria uma marca de uso nacionalmente entendida como tal? E se são amplamente conhecidas porque não indicar seus sentidos pelas marcas de uso, como “popular”, para as crianças-aprendizes?

Observemos as marcas de uso em “povo”, a partir do Quadro 67:

Quadro 67. Marcas encontradas nas acepções de “povo”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
povo	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	fig POP	fig POP	Sociol	Ø	fig Bras.	IN	fig POP	fig Bras. IN ant

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em nosso *corpus*, SJ (Tipo 3) e NAu (Tipo 4) são os primeiros que registram o significado “conjunto dos cidadãos pobres”, entre os de língua geral; MI, DUPC, AU, CAv e HOv o registram, mas nenhum faz uso de etiquetas. Em NAu e CAv, “figurado” para “conjunto de pessoas que pertencem à mesma família” e “popular” para “grupo de pessoas”. Este último

¹²¹ Homônimo pipa¹.

significado é registrado como “informal” em HO e HOv. As marcas de uso não foram utilizadas nos dicionários Tipo 2 porque não houve o registro dos significados que possuem restrições de uso, o que consideramos uma falha em obras que visam à ampla aprendizagem do público escolar.

Finalizemos pela análise das marcas em “traçar” que se encontram no Quadro 68:

Quadro 68. Marcas encontradas nas acepções de “traçar”

entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
traçar	X	Ø	Ø	Ø	Ø	POP	Ø	fig. Bras. CH	Ø	CH	Bras. POP FAM	fig. Bras.	fig Bras POP VU	fig Bras Lus

Fonte: Elaborado pelo autor.

Um dos significados de “traçar” é “comer, em geral com pressa”, marcado em SJ e CAv como “popular” e em AU como “brasileirismo familiar” (acerca do sentido de copular com alguém, AU rotula-o como “brasileirismo popular” no homônimo “traçar²”). O homônimo “traçar²”, em NAu, também traz essa mesma marca para esse sentido e outros dois sentidos etiquetados por “figurado” (“causar angústia”) e “brasileirismo chulo” (“transar com alguém”); já nos homônimos de HO, de HOv e de CAv, “causar angústia” é um sentido marcado como “figurado”; enquanto CAv etiqueta “copular” com “brasileirismo vulgar”.

O não esclarecimento acerca dos valores das marcas de uso faz com que seja mais difícil diferenciar, por exemplo, entre “coloquial”, “popular”, “familiar” e “gíria”. Em HO, “traçar” se apresenta em quatro entradas homônimas, todavia, em nenhuma se pode verificar a coincidência de significado com os dicionários escolares (salvo SJ e NAu).

Constatamos, como dois de nossos objetivos específicos, que (i) todas as obras do *corpus* indicam as acepções mediante etiquetas estabelecidas que variam a depender da perspectiva do lexicógrafo, quer dizer, não há uma padronização nem quanto às etiquetas, nem quanto aos sentidos; e que (ii) sim, há uma relação das marcas com outros elementos do verbete, cujo vínculo pode ocorrer com a etimologia da palavra-entrada (“lat.”, indicando uma origem latina), com os exemplos (como a restrição “popular” no sentido de “conversa fiada” para “bafo”), com as remissivas (como na indicação da variante “chipanzé”) e também com o pós-comentário (como em “e-mail” em que o consulente é alertado sobre sua origem e pronúncia).

Parece que essas constatações tendem a permanecer, pois os sentidos se concretizam em decorrência dos contextos circundantes, portanto, para amenizar ou possibilitar certa padronização em termos de organização didática desse tipo de informação, oferecemos a proposta de marcação dupla, explanada no próximo capítulo.

Do ponto de vista do processo comunicativo, Nascimento (2021, p. 798) reforça a relevância das marcas de uso, pois considera-as como “segmentos informativos da microestrutura de um dicionário que fornecem, ao consulente, as dimensões sociolinguísticas de um item lexical e suas condições de emprego no exercício sociocomunicativo por meio de rotulações convencionadas no âmbito do planejamento da obra lexicográfica”. Embora sejam utilizadas amplamente, dada sua contribuição sobre o uso, as marcas tendem a não serem explicadas aos consulentes, o que deveria ocorrer, de fato, na introdução das obras lexicográficas.

A partir dos sentidos encontrados nessas entradas analisadas, refletimos a respeito das escolhas lexicográficas das marcas de uso realizadas em algumas das unidades lexicográficas presentes no *corpus* estudado, visto que, seguindo-as de perto, observamos manifestações ideológicas as quais os lexicógrafos intencionam seguir mediante as definições a seu público-alvo – a criança aprendiz.

Com essa análise, verificamos que não há uma padronização das marcas nos dicionários, quer dizer, não ocorre sistematização da etiquetagem, exceto entre as obras produzidas pela equipe lexicográfica da mesma editora (entre elas, de Aurélio, de Houaiss e de Caldas Aulete). Durante a pesquisa, constatamos que, ao produzirem dicionários diferentes, para públicos diferentes, as mesmas equipes de lexicógrafos mantiveram as mesmas marcas de uso, o que nos levou a concluir que a etiquetagem providenciada por esses três grandes grupos de lexicógrafos levou à utilização das mesmas marcas de uso de seus dicionários gerais nos dicionários escolares. Não encontramos nenhuma informação sobre essa particularidade no conteúdo informacional disponibilizado aos consulentes nessas obras lexicográficas, porém, acreditamos que seja necessário apontar esse aspecto que só foi possível ser verificado pela consulta às obras durante esta pesquisa.

Além disso, a análise também revelou que, se o consulente tiver necessidade de verificar informações sobre as marcas, estas, quando presentes, encontram-se, de maneira bastante breve (salvo os dicionários gerais AU e HO), somente na *front matter*. Como vimos, acerca da pergunta que versa sobre a presença da ideologia do lexicógrafo por meio das etiquetas em seu dicionário, também verificamos que sim, quer pela escolha da marca de uso que destaca determinada acepção, quer pela ausência delas em significados que deveriam estar marcados, sua intenção, direta ou indiretamente, é silenciar sentidos em função das relações sociais vivenciadas em seu momento sócio-histórico-político (por exemplo, dos quatro dicionários do Tipo 2, “galera” está lematizada em dois, marcada por “informal” em apenas um e seus sentidos silenciados nos outros dois – FB e DIP).

Pelas explanações definitórias encontradas nas obras dicionarísticas escolares, comparadas junto a dicionários de língua geral, revelaram-se generalizações (pela propagação das marcas “figurado”, “popular” e “informal”) ou omissões (por exemplo, pela não ocorrência de “depreciativo”, “pejorativo”, “chulo” e “vulgar”) que nos conduzem a refletir se, de fato, tais convicções, devem ser preservadas, conservadas, perduradas no âmbito escolar aos consulentes estudantis. Não é a escola o ambiente propício em que devam ser levantadas e questionadas as regras? Parece-nos salutar que toda e qualquer obra que se proponha escolar deva suscitar inquietudes nos estudantes, o dicionário não pode se furtar disso.

CAPÍTULO 6

Proposta de marcação dupla como etiquetagem para dicionários escolares

*“Leggo anche dei libri, molti libri: ma ci imparo meno che dalla vita.
Un solo libro mi ha molto insegnato: il vocabolario.
Oh, il vocabolario, lo adoro.
Ma adoro anche la strada, ben più meraviglioso vocabolario.”¹²²
(Ettore Petrolini)*

Em meio às possibilidades de sistematização para as marcas de uso em dicionários escolares, neste estudo, defendemos que as marcas a serem utilizadas nas obras escolares devam ser:

- 1- <informal> – diafásica, em termos da oralidade que remete ao indivíduo;
- 2- <popular> – diastrática, em termos de variação no âmbito social;
- 3- <cultura> – diastrática, em termos de amplitude e representação humana;
- 4- <pejorativo> – diastrática, em termos de reprovação ou humilhação de alguém;
- 5- <vulgar> – diastrática, em termos de grosserias identificadas nas acepções.

Além disso, advogamos que deve ser utilizada, como marca diastrática:

- 6- <tabu> – para alertar sobre sentidos entendidos como proibidos para a circulação social.

Essas são marcas que poderiam gerar maior volume de dúvidas no consulente, por isso argumentamos em favor dessas escolhas lexicográficas, mas ainda é preciso que estejam presentes as marcas:

- 7- <antigo> – diacrônica, em termos de contextualização temporal da realidade linguística no Brasil;
- 8- <estrangeirismo> – diaintegrativa, em termos da indicação de um vocábulo estrangeiro incorporado ao léxico brasileiro;
- 9- <arte> – diatécnica, em termos da indicação de área de especialidade de caráter subjetivo;

¹²² Tradução nossa: “Também leio livros, muitos livros: mas com eles aprendo menos do que com a vida. Apenas um livro me ensinou muito: o dicionário. Ahh, o dicionário, adoro-o. Mas também adoro a estrada, um dicionário muito mais maravilhoso.”

- 10- <termo> – diatécnica, em termos da indicação de área de especialidade de caráter objetivo;
- 11- <brasiliense>, <regionalismo> e <exterior> – diatópicas, em termos da ocorrência nos limites geográficos nacionais ou em território estrangeiro;
- 12- <figurado> – marca semântica, em termos dos efeitos de sentido produzidos na sociedade.

Tendo em vista nossa perspectiva de marcação, consideramos que as marcas a serem utilizadas para alertar acerca de um vocábulo ou sentido mais geral são estas constantes no Quadro 69:

Quadro 69. Palavras-entrada que podem figurar como marcas de uso

Palavras- entrada	FB	DAI	PV	DIP	AU jr	SJ	HOc	NAu	MI	DUPC	AU	HO	CAv	HOv
	Tipo 2				Tipo 3		Tipo 4		Dicionários gerais					
<i>antigo</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>arte</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>brasiliense</i>	X	X	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>cultura</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>estrangeirismo</i>	---	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>gíria</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>informal</i>	X	X	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>pejorativo</i>	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>popular</i>	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>tabu</i>	X	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>termo</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>vulgar</i>	---	X	X	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 69, nota-se que as unidades lexicográficas constantes nos quatorze dicionários (salvo por uma ausência de aproximadamente 10% delas) também podem ser utilizadas como etiquetas, dado que, ao comporem sua nomenclatura, podem ser consideradas como aceitas por seus lexicógrafos, conseqüentemente, estão habilitadas como recurso metalexigráfico para indicação de restrições e adequação de uso. Para esclarecer, o tracejado (“---”) indica que não são entradas nos respectivos dicionários e, apesar de não ocorrer “estrangeirismo” como entrada nos dicionários escolares do Tipo 2, há “estrangeiro”, que é uma palavra-entrada que poderia ser utilizada para alertar para estrangeirismos nessas obras.

Entendemos que seria muito producente continuar inserindo os rótulos como recurso que esclarece as restrições de uso dos significados dicionarizados, para tanto, a partir desse rol de 12 etiquetas, que alertam para um uso geral de determinado sentido, elas deveriam ser propostas em duplas, na direção de um sentido mais amplo para um mais particular. A indicação dessa proposta visa atender mais um de nossos objetivos específicos: propor um caminho para

a sistematização das marcas visando o público escolar. A seguir, sugerimos uma associação em conjunto das marcas da coluna à esquerda àsquelas da coluna à direita, conforme Quadro 70:

Quadro 70. Marcação dupla

Sentido mais geral	Sentido mais particular
antigo	aumentativo
arte	biologia
brasiliense	ciências
cultura	comportamento
estrangeirismo	corpo
informal	culinária
pejorativo	diminutivo
popular	educação
regionalismo	elogio
tabu	enologia
termo	esporte
vulgar	exterior
	fauna
	figurado
	física
	flora
	folclore
	gramática
	infância
	internet
	jornalismo
	jurídico
	literatura
	matemática
	medicina
	mitologia
	ofensa
	política
	química
	religião
	rural
	trabalho
	urbano
	vestuário
	xingamento

Fonte: Elaborado pelo autor.

A proposta das marcas no Quadro 70 resulta da presença delas como unidades lexicográficas nos dicionários escolares do *corpus*, o que acreditamos ser fundamental para auxiliar à consulta do usuário, pois, ao estar presentes nos dicionários, (i) essas unidades já receberam o aval das pesquisas de seus lexicógrafos e (ii) seus consulentes já estão familiarizados com elas e seus conceitos, quer dizer, uma unidade que fosse factível para esses usuários.

Essas marcas não apenas sinalizam uma restrição de uso, mas também direcionam o alerta de maneira mais específica possível; assim, o consulente dispõe de mais recursos para entender e melhor se expressar durante o processo comunicativo. Para elucidar nossa proposta, elaboramos um modelo de verbete, a seguir, com o intuito de aplicar nossa marcação.

Modelo de verbete

entrada categoria gramatical. ícone para alertar <marca 1 marca 2>. Definição. *Exemplo dessa acepção em contexto.*

Como se verifica, no verbete, a categorização gramatical vem imediatamente à palavra-entrada, seguida dos ícones (em vermelho)¹²³, caso haja algum tipo de restrição que deva alertar o consulente, que simbolizam uma advertência com relação à acepção, conjuntamente a duas marcas de uso – a primeira retrata uma perspectiva mais ampla e a segunda mais específica pelas quais circula o significado marcado (em vermelho, entre os sinais de menor e maior, por extenso, letras minúsculas e fonte *Baskerville Old Face*). Na sequência, temos a definição do lema e, por fim, o último elemento do verbete corresponde ao exemplo da referida acepção (a explicação sobre as marcas utilizadas é breve, objetiva e deve ser encontrada na *front matter* do dicionário).

Neste estudo, direcionamos nossos esforços para ressaltar a importância e estimular a utilização das marcas de uso em dicionários escolares com ênfase para o melhor entendimento das acepções em contexto. Como essas obras se voltam fortemente para um público jovem aprendiz, é preciso optar por uma forma de marcação simples, objetiva e rapidamente compreendida por crianças e adolescentes.

Ao pensarmos no melhor atendimento ao público-alvo, adotamos como procedimentos norteadores para a inserção da marcação dupla:

- para a MARCA 1: aquela etiqueta que identifica a mesma restrição geral para dicionários tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio;
- para a MARCA 2: é preciso que sejam utilizadas as marcas hiperonímicas (por exemplo, “ciências”) para o Ensino Fundamental e os hipônimos (“física”, “química”) para o Ensino

¹²³ Em nossa lista de siglas e abreviaturas, propomos uma variação na indicação: A) dos ícones, disponíveis gratuitamente na internet: de permissão (☞), de alerta (⚠), de isenção (△), de restrição (⚡ ⚡); B) e de suas cores: (i) primárias – azul (representa um destaque positivo) e vermelho (representa um alerta negativo); (ii) secundárias – verde (aponta um sentido isento) e roxo (indica sentido com restrições, publicamente). Nossa intenção não é de prescrever, mas sim de alertar o consulente para um uso consciente da unidade ou de seu(s) sentido(s).

Médio porque estão ligadas às realidades vivenciadas em sala de aula pelos estudantes dessas diferentes etapas educacionais, cujas necessidades de aprendizagem são distintas.

Propomos uma dupla marcação a fim de levar o consulente a entender as unidades a partir de uma perspectiva mais ampla para uma mais restrita, por meio dessa gradação dos sentidos, poderíamos direcionar sua linha de raciocínio para a compreensão do sentido. Com relação a alguns verbetes analisados a partir de nosso *corpus*, vejamos como a marcação dupla poderia ser empregada e em que medida contribuiria para a descrição junto aos consulentes.

Como já apontamos anteriormente, a marcação dupla já foi utilizada por algumas equipes de lexicográficos como recurso para indicar a restrição de usos das unidades lexicais. No entanto, pareceu-nos que, partindo dos dicionários de língua geral, essas equipes reproduziram esse tipo de etiquetagem nas obras escolares sem que houvesse uma maior preocupação em sua feitura e aplicação das marcas. Embora tenhamos buscado por informações a respeito da logística que envolve o trabalho dessas equipes para formularem seus dicionários, não obtivemos êxito, pois não há descrição efetiva sobre o processo, o que poderia explicar, por exemplo, a decisão por essa forma de etiquetagem.

Se observarmos a quinta acepção de HO e HOv, constatamos a marcação dupla “Brasil” e “informal” para “galho” (“emprego ou ocupação secundária ou não regular; biscate”), conseqüentemente, em HOc, também encontramos essa mesma etiquetagem, sem que haja nenhuma explicação para a repetição dos registros. Na verdade, essa obra escolar só traz “biscate” para se referir a tal sentido, dificultando um pouco mais o entendimento do consulente que não saiba sobre seu significado nesse contexto. Outro exemplo, no CAv, encontramos sua quarta acepção a marcação dupla “figurado pejorativo” (“Alcunha que se dava depreciativamente aos portugueses”), no entanto, ela se repete, igualmente, em NAu (obra escolar da mesma editora).

É preciso que haja uma preocupação com o público-alvo do dicionário, portanto, cabendo ao lexicógrafo advertir o consulente acerca dos sentidos das unidades, acreditamos que a marcação dupla deveria ser empregada constante e juntamente a informações adicionais esclarecedores de seu emprego, quer dizer, o uso de uma marcação dupla seguida de um pós-comentário da acepção marcada poderia contemplar o alerta necessário ao usuário.

Levando em consideração nossa proposta, fizemos uma coleta de 21 unidades lexicográficas e expandimos para 50, quais sejam: correspondem a “abacaxi”, “abafado”, “apagar”, “apodrecer”, “bafo”, “baiano”, “baleia”, “biruta”, “bolo”, “boneca”, “boneco”, “borrar”, “cagar”, “chimarrão”, “chimpanzé”, “criança”, “dicionário”, “e-mail”, “família”, “favela”, “flor”, “galera”, “galho”, “gordo”, “hebreu”, “*impeachment*”, “jabuticaba”, “kung fu”,

“lobisomem”, “mala”, “*motoboy*”, “nádega”, “*origami*”, “parasita”, “pintar”, “pinto”, “pipa”, “povo”, “quilo”, “RG”, “saci”, “tabela”, “traçar”, “troço”, “unicórnio”, “vesgo”, “watt”, “xixi”, “*yakisoba*” e “zebra”. Posteriormente, voltando a essa seleção de 50 verbetes (discutida no capítulo anterior), decidimos acrescentar mais cinco (“cursinho”, “ficção”, “idiota”, “sexo” e “vagabundo”) e substituir alguns deles (“abafado”, “apagar”, “biruta”, “dicionário”, “família”, “povo” e “troço”) por outros sete (“artigo”, “burro”, “ceroulas”, “comitiva”, “dragão”, “droga” e “furo”) a fim de diversificar nossas análises sobre os vários tipos de etiquetagem, portanto, após os acréscimos e as substituições supramencionados, totalizamos um rol de 55 verbetes (constam no Anexo II, em ordem semasiológica) que receberam nossa proposta de marcação dupla.

A seguir, trazemos verbetes coletados do DIP, por pertencer ao grupo Tipo 2 (sob essa categorização em tipos, são os primeiros a apresentar rubricas) e ser aquele que menos etiqueta suas acepções com o intuito de propormos uma nova perspectiva para a etiquetagem. Para melhor esclarecer nossa proposta de inserção da marcação dupla, iniciemos observando o verbete de “abacaxi”:

abacaxi s. masc. 1. Fruta grande de casca grossa e áspera, que dá em planta de folhas alongadas e cheias de espinhos. *No Brasil há uma grande produção de abacaxi, especialmente nos estados mais quentes.* 2. Problema; coisa difícil de fazer, de resolver. *O diretor viu-se com um grande abacaxi nas mãos.* (p. 13)

Nossa proposta de inserção da marcação dupla para o verbete de “abacaxi”:

abacaxi s. masc. 1. Fruta grande de casca grossa e áspera, que dá em planta de folhas alongadas e cheias de espinhos. *No Brasil há uma grande produção de abacaxi, especialmente nos estados mais quentes.* 2. 🍷 <informal/flora> Problema; coisa difícil de fazer, de resolver. *O diretor viu-se com um grande abacaxi nas mãos.*

A respeito da entrada “abacaxi” – por nós reformulada –, dentre os oito dicionários escolares, cinco deles marcam o sentido de “problema a ser resolvido”, variando entre duas etiquetas “popular” e “informal”. Como é um significado particular à realidade brasileira, sugerimos que houvesse a marcação dupla <informal/flora>, dado que “informal” representa a ausência de formalidade entre a população, reconhecida e muito presente no país, cuja motivação advém de uma situação de difícil resolução e nos remete ao processo laborioso de se descascar um abacaxi (planta terrestre, nativa do Brasil, da família das bromeliáceas, de acordo com HO).

Propomos essa marcação dupla para a segunda acepção de “abacaxi”, pois, assim, o consulente seria alertado de que se trata de um sentido popularizado na comunicação falada em nosso país, embora não possamos afirmar que corresponda a um sentido compreendido por outros falantes lusófonos.

Vejamos o verbete “apodrecer”:

apodrecer v. Ficar podre; estragar-se. *As laranjas apodreciam no chão.* (p. 28)

Propomos a seguinte inserção da marcação dupla para o verbete de “apodrecer”:

apodrecer v. **1.** Ficar podre; estragar-se. *As laranjas apodreciam no chão.* **2.**  <informal/figurado> Esperar por um longo período de tempo. *Apodreceu no exílio¹²⁴.*

Para ressaltar aos consulentes aprendizes que a língua é viva e seu léxico está em franca expansão, sugerimos que seja adotada a marcação dupla <informal/figurado> para a inclusão de um segundo sentido ao verbo “apodrecer”, cuja explicação vem na sequência para destacar seu uso na conversação do dia a dia. Esse significado que passa a integrar o verbete pode ser constatado pelo consulente estudante, sobretudo os mais jovens, em seu cotidiano, embora ainda não dicionarizado nos escolares, já pode ser encontrado em dicionários de língua geral (por exemplo, de nosso *corpus*). Assim como em “abacaxi”, essa acepção também é utilizada e reconhecida nacionalmente, muito comum na área urbana em função da logística de vida nesse tipo de ambiente em que impera a burocracia do sistema e, por um lado, perde-se muito tempo para a resolução de questões do dia a dia, por outro lado, permanece-se por um longo período em situações cômodas tais como um mesmo emprego. Essa relação entre tempo desperdiçado que “prende” as pessoas (informalidade) e resultado incômodo e indesejável (apodrecimento de um alimento) gera o sentido figurado, o que nos motiva à marcação <informal/figurado>. Esses aspectos, geralmente, não são constatados na realidade da zona rural.

É importante mencionar que esses novos sentidos não devem ser marcados como “neologismo” porque, ao serem dicionarizados, seu uso se confirma cristalizado na língua, assim, perdem o estatuto de unidade neológica (passando a figurar como casos de polissemia), quer dizer, cabe seu estudo na Lexicologia, porém, evidentemente, não na Lexicografia.

Seguimos para os verbetes “baiano”, “baleia” e “gordo”:

¹²⁴ Quando a acepção original não oferece uma frase-exemplo, inserimos uma retirada de um dos dicionários do *corpus* – neste caso, do HO – ou da internet, tendo em vista nossa proposta de modelo de verbete.

baiano s. masc. Quem nasce na Bahia. Os *baianos* são um povo muito festivo. **Obs.:** pode ser usado como adjetivo: comida *baiana*. (p. 39)

baleia s. fem. Animal mamífero, muito grande que vive no mar. *Infelizmente ainda estão praticando a pesca da baleia em vários lugares.* (p. 40)

gordo adj. Que tem grande quantidade de gordura no organismo; que tem muito peso. *João precisa fazer regime rigoroso com um médico porque está gordo demais.* **antônimo:** magro. (p. 150)

Para esses verbetes, apresentamos as inserções¹²⁵ a seguir:

baiano s. masc. 1. Quem nasce na Bahia (estado brasileiro da região nordeste). Os *baianos* são um povo muito festivo. 2. 🗨️🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa originária do norte e nordeste do Brasil. *O cara pintou o carro de verde-limão com estampas cor de rosa só para chamar atenção. É um baiano mesmo*¹²⁶. **Obs.:** pode ser usado como adjetivo: comida *baiana*.

baleia s. fem. 1. Animal mamífero, maior da Terra, muito grande que vive no mar. *Infelizmente ainda estão praticando a pesca da baleia em vários lugares.* 2. 🗨️🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa acima do peso. *A cantora denunciou o internauta que disse que ela parecia uma baleia orca*¹²⁷.

gordo adj. 1. Que tem grande quantidade de gordura no organismo; que tem muito peso. *João precisa fazer regime rigoroso com um médico porque está gordo demais.* 2. 🗨️🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa acima do peso. *Uma supervisora da empresa em que trabalhava o chamava de "gordo fedorento" e outros nomes que o incomodavam*¹²⁸. 3. 🗨️ <pejorativo/diminutivo> modo atenuado que algumas pessoas usam para se referir a uma pessoa acima do peso. *Bolsonaro diz a influenciador que 'não seria difícil' acertar tiro em 'gordinho'*¹²⁹. **antônimo:** magro.

Sugerimos os acréscimos de uma informação geopolítica a “baiano” e biológica para “baleia”, pois, por se tratar de um público escolar, consequentemente, contribui para a interdisciplinaridade estudada. Essa proposição não é exclusiva para essas duas unidades, na verdade, servem como exemplo a ser empregado em todos os casos em que ocorram sentidos que causem ofensa por meio de grosserias, como vimos em “baleia” e “gordo”. Acreditamos

¹²⁵ As inserções de outras acepções que não estão no verbete original foram acrescentadas a partir de seu levantamento nos outros dicionários do corpus a fim de ampliar as informações ao consulente estudantil.

¹²⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/25/definicao-de-baiano-gera-polemica-na-internet-e-influencers-rebatem-a-gente-chama-atencao-na-pesquisa-literatura-cultura-e-musica.ghml>.

¹²⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/preta-gil-denuncia-ofensa-nas-redes-sociais-e-conta-de-internauta-e-excluida-06102019>.

¹²⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/26/processos-trabalhistas-contra-gordofobia.htm>.

¹²⁹ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/07/bolsonaro-diz-a-influenciador-que-nao-seria-dificil-acertar-tiro-em-gordinho.ghml>.

que a explicação das marcas entre colchetes possa contribuir para a compreensão dos sentidos por parte do público-alvo escolar.

Além disso, é necessário adverti-los sobre a existência de outros sentidos, sendo que, para “baiano”, há aquele que desagrada parte da população brasileira e para “baleia” há uma desqualificação referente ao corpo humano. A respeito do verbete “gordo”, entendemos que o aprendiz precisa saber sobre as nuances, por exemplo, que envolvem os graus do substantivo, uma vez que revelam uma significação valorizada ou atenuada afetivamente.

O que nos leva a sugerir essa marcação está no fato de que são sentidos utilizados para atacar verbalmente pessoas, quer pela origem ou pelo sexo, que levanta estigmas sociais, os quais servem para subjugar publicamente indivíduos que não pertençam ao eixo econômico Rio-São Paulo e que não se enquadrem em um padrão estético que corresponda àqueles ostentados na atual sociedade brasileira. Em razão disso, “pejorativo” e “ofensa” podem funcionar como advertência aos consulentes.

Nossos próximos verbetes são “flor”, “boneca” e “boneco”:

flor s. fem. 1. Órgão de reprodução das plantas; geralmente é colorida e cheirosa e serve também para enfeitar. *A rosa é uma flor.* 2. Objeto ou enfeite que representa uma flor. *Ela usava um vestido de flores.* 3. Alguém ou algo que é bonito, amável, de belo aspecto. *Gabriela é uma flor de menina.* pl.: flores. (p. 138)

boneca s. fem. Brinquedo que representa um nenê, criança ou adulto. *A boneca pode ser feita de plástico, de pano ou de louça. No Natal a menina ganhou uma linda boneca.* (p. 47)

boneco s. masc. Figura de pano, louça, plástico, etc., que imita um ser humano. *Todas as crianças gostam de apresentações com bonecos.* (p. 47)

Inserindo nossa proposta de marcação dupla, temos:

flor s. fem. 1. Órgão de reprodução das plantas; geralmente é colorida e cheirosa e serve também para enfeitar. *A rosa é uma flor.* 2. Objeto ou enfeite que representa uma flor. *Ela usava um vestido de flores.* 3. 🗣️ <informal/elogio> Alguém ou algo que é bonito, amável, de belo aspecto. *Gabriela é uma flor de menina.* pl.: flores.

boneca s. fem. 1. Brinquedo que representa um nenê, criança ou adulto. *A boneca pode ser feita de plástico, de pano ou de louça. No Natal a menina ganhou uma linda boneca.* 2. 🗣️ <informal/elogio> Menina bonita, bem arrumada e de belo aspecto facial. *“Essa menina é uma boneca”.*¹³⁰ 3. 🗣️ <pejorativo/ofensa> Mulher que sofre assédio em ambientes públicos. *Aquela garota é uma boneca*¹³¹. 4. 🗣️ <pejorativo/ofensa> homem efeminado. *Ele se irritou quando o chamaram de boneca, porque era evidente o preconceito*¹³².

¹³⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.areavip.com.br/famosos/melinda-rouba-cena-em-foto-compartilhada-por-thais-fersoza/>.

¹³¹ Frase-exemplo retirada de SJ.

¹³² Frase-exemplo retirada de SJ.

boneco s. masc. 1. Figura de pano, louça, plástico, etc., que imita um ser humano. *Todas as crianças gostam de apresentações com bonecos.* 2. 🗨️🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa ingênua facilmente influenciável. *Vamos depor esse cara que foi um boneco nas mãos dos inimigos de Eurico*¹³³.

Não somente devem ser alertados os sentidos negativos, mas também aqueles que são positivos para serem lembrados aos consulentes para que façam um uso consciente deles, caso contrário, poderia parecer que os destaques valeriam apenas às acepções negativas, o que, em nosso entender, também não ofereceria uma descrição completa ao usuário. Desse modo, como vemos nos verbetes de “flor” e “boneca”, temos as marcas “informal” e “elogio” que servem para indicar o enaltecimento de seus significados com carga positiva que são difundidos pelo Brasil.

Como já comentamos anteriormente, para as acepções que refletem um uso social moralmente danoso e agressivo, devemos ter a marcação <pejorativo/ofensa>, pois é preciso apontar para menções preconceituosas para que deixem de ser empregadas nos discursos. Exemplos disso, podem ser encontrados em dois sentidos da palavra-entrada “boneca” e em um de “boneco”, sendo que, para a primeira, verificamos ataques tanto para mulheres quanto para homens e, na segunda, há uma perspectiva de abuso intelectual que pode ocorrer em ambientes de hierarquia em que, por exemplo, um empregado se submete a determinadas ordens em função de sua posição social.

Passemos aos verbetes “bolo”, “chimarrão”, “jabuticaba” e “yakisoba”:

bolo s. masc. 1. Comida doce que é feita de farinha, açúcar e ovos. *O bolo de chocolate está delicioso.* 2. Uma soma de dinheiro feita com base nas apostas de várias pessoas. *Ganhei o bolo das apostas entre meus amigos.* **Obs.:** o aumentativo *bolão* é usado com sentido 2. (p. 46)

chimarrão s. masc. Bebida sem açúcar feita com água fervendo e mate. *O gaúcho costuma tomar chimarrão.* (p. 65)

jabuticaba s. fem. Pequena fruta preta, redonda e brilhante, que tem em seu interior uma polpa branca doce, envolvendo um caroço grande. *A jabuticaba é nativa do Brasil.* (p. 172)

yakisoba s. masc. Prato criado pelos japoneses, que leva macarrão, legumes, carne de vaca e/ou frango, e um molho de soja chamado *shoyu*. *Hoje se vende yakisoba até na rua.* pl.: yakisobas. **Obs.:** palavra de origem japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *iaquissôba*. (p. 322)

Para esses verbetes, apresentamos as inserções a seguir:

¹³³ Frase-exemplo retirada do site: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-vasco/platb/2009/01/23/sem-injecao-na-testa/>.

bolo s. masc. 1. Comida doce que é feita de farinha, açúcar e ovos. *O **bolo** de chocolate está delicioso.* 2. Uma soma de dinheiro feita com base nas apostas de várias pessoas. *Ganhei o **bolo** das apostas entre meus amigos.* 3. 🍷 <informal/figurado> ausência de alguém em evento. *Deu **bolo** na namorada*¹³⁴. **Obs.:** o aumentativo *bolão* é usado com sentido 2.

Nossa proposta de inserção de uma terceira acepção se deve ao fato de que estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, bem como aqueles do Ensino Médio, têm amplo contato com o sentido conotativo na língua portuguesa, por isso é importante, sempre que possível, ressaltar acepções que os façam pensar no sentido não literal das palavras-entrada. Em “bolo”, é possível indicá-lo pelo acréscimo das marcas <informal/figurado>, que indicam esse uso espalhado no Brasil, principalmente no discurso falado. Note-se que é um sentido que foge à relação com o alimento.

chimarrão s. masc. 🇧🇷 <brasiliense/culinária> Bebida sem açúcar feita com água fervendo e mate. *O gaúcho costuma tomar **chimarrão**.*

jabuticaba s. fem. 🇧🇷 <brasiliense/flora> Pequena fruta preta, redonda e brilhante, que tem em seu interior uma polpa branca doce, envolvendo um caroço grande. *A **jabuticaba** é nativa do Brasil.*

yakisoba s. masc. 🇯🇵 <estrangeirismo/exterior> Prato criado pelos japoneses, que leva macarrão, legumes, carne de vaca e/ou frango, e um molho de soja chamado *shoyu*. *Hoje se vende **yakisoba** até na rua.* pl.: **yakisobas**. **Obs.:** palavra de origem japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *iaquissôba*.

A respeito de “chimarrão”, “jabuticaba” e “yakisoba”, originalmente, nenhuma delas teve um destaque para a questão diatópica, brasileira ou estrangeira, o que demonstra a negação de um tipo de informação que pode contribuir ou mesmo estimular o interesse de seu consulente uma vez que pode levá-lo a buscar por outros exemplos e, conseqüentemente, expandir seu arcabouço lexical. Portanto, entendemos que são definições que precisam ser marcadas com duas etiquetas, a primeira mais genérica para apontar a perspectiva diatópica (sugerimos “brasiliense” para “chimarrão” e “jabuticaba”, uma vez que é uma marca que indica algo relativo ou pertencente ao Brasil, e “estrangeirismo” para “yakisoba”, visto ser uma palavra estrangeira que tende a se popularizar no país em função da expansão dos restaurantes que comercializam comida japonesa) e a segunda para particularizar sua localização nas áreas do conhecimento, neste caso, respectivamente, “culinária” (para “chimarrão”), “flora” (para “jabuticaba”) e “exterior” (para “yakisoba”). Essas etiquetas secundárias podem estimular a curiosidade dos usuários para buscar por outros lemas.

¹³⁴ Frase-exemplo retirada de HO.

Observemos, a seguir, alguns estrangeirismos dicionarizados nas obras escolares brasileiras:

e-mail s. masc. 1. Correio eletrônico. Quando aprendeu a usar o *e-mail*, vovó passou a me escrever todos os dias. 2. Mensagem de correio eletrônico. Recebi um *e-mail* com notícias e uma foto da minha amiga. **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *imêil*. (p. 111)

impeachment s. masc. Impedimento de continuar governando. Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente brasileiro que sofreu *impeachment*. **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa e pronunciada *impíchment*. (p. 161)

kung fu loc. s. Expressão que dá nome a vários estilos de artes marciais de origem chinesa, ou seja lutas que podem ser usadas na guerra ou na defesa pessoal. Segundo contam as lendas, o *kung fu* foi inspirado nos movimentos dos animais. **Obs.:** locução substantiva de origem chinesa que é pronunciada *cunfu*. (p. 177)

motoboy s. masc. Pessoa que trabalha com motocicleta transportando documentos, mercadorias, alimentos, etc. O *motoboy* acabou de entregar as pizzas. **Obs.:** palavra criada no Brasil com “moto” (de motocicleta) e “boy” (do inglês “garoto”, “moço”); é pronunciada *motobói*. (p. 204)

origami s. masc. Arte de dobrar pedaços de papel para formar animais, objetos, flores, etc. O *origami* é uma arte japonesa muito antiga. **Obs.:** palavra japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *origâmi*. (p. 218)

Sugerimos que sejam inseridas as seguintes marcas duplas:

e-mail s. masc. [△ <estrangeirismo/internet>](#) 1. Correio eletrônico. Quando aprendeu a usar o *e-mail*, vovó passou a me escrever todos os dias. 2. Mensagem de correio eletrônico. Recebi um *e-mail* com notícias e uma foto da minha amiga. *Titan ganha as primeiras posições no relatório de verão de 2022 da G2 para produtos de e-mail*.¹³⁵ **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *imêil*.¹³⁶

impeachment s. masc. [△ <estrangeirismo/política>](#) Impedimento de continuar governando. Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente brasileiro que sofreu *impeachment*. **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa e pronunciada *impíchment*.¹³⁷

kung fu loc. s. [△ <estrangeirismo/esporte>](#) Expressão que dá nome a vários estilos de artes marciais de origem chinesa, ou seja lutas que podem ser usadas na guerra ou na defesa pessoal. Segundo contam as lendas, o *kung fu* foi inspirado nos movimentos dos animais. **Obs.:** locução substantiva de origem chinesa que é pronunciada *cunfu*.¹³⁸

¹³⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.bemparana.com.br/noticia/titan-ganha-as-primieras-posicoes-no-relatorio-de-verao-de-2022-da-g2-para-produtos-de-e-mail-277330#.YruCQf3MLIU>.

¹³⁶ Transcrição fonética: *i mejl*.

¹³⁷ Transcrição fonética: *im'pit/mənt*.

¹³⁸ Transcrição fonética: *kon fu*.

motoboy s. masc.  <estrangeirismo/trabalho> Pessoa que trabalha com motocicleta transportando documentos, mercadorias, alimentos, etc. O **motoboy** acabou de entregar as pizzas. **Obs.:** palavra criada no Brasil com “moto” (de motocicleta) e “boy” (do inglês “garoto”, “moço”); é pronunciada *motobói*.

origami s. masc.  <cultura/exterior> Arte de dobrar pedaços de papel para formar animais, objetos, flores, etc. O **origami** é uma arte japonesa muito antiga. **Obs.:** palavra japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *origâmi*.

Nesses cinco exemplos que coletamos de nosso *corpus*, inserimos marcas que não se faziam presentes nos verbetes originais, pois é preciso que o consulente seja advertido de que: (i) são vocábulos amplamente difundidos no Brasil não porque não houvesse palavras equivalentes à época de sua inclusão em nosso sistema linguístico, mas que é fruto de uma escolha lexical dos falantes; (ii) possuem sentidos particulares de uso a partir de áreas de especialidade, mas que não devem ser tratados como termos uma vez que o que os mantêm em uso é o aspecto estrangeiro que se sobrepõe ao técnico, que não deixa de existir, mas que não prepondera.

Isso se verifica em “e-mail”, “impeachment”, “kung fu” e “motoboy”, diferentemente de “origami”, em que o fator cultural supera o fato de ser uma palavra estrangeira, o que nos motiva a destacar para o consulente seu caráter cultural e, em segundo plano, sua origem estrangeira.

Ainda sobre entradas relacionadas a questões culturais, temos “dragão”, “favela”, “hebreu”, “lobisomem”, “saci” e “unicórnio”:

dragão subst. masc.. Animal imaginário, geralmente representado com cauda de serpente, garras e asas [plural: *dragões*.] (p. 340)

favela s. fem. Conjunto de barracos ou casas em más condições habitado por pessoas pobres, onde não há geralmente esgoto e água encanada. O incêndio destruiu a *favela*, mas nenhum morador ficou ferido. (p. 133)

hebreu s. masc. **1.** Povo que habitava antigamente a Palestina, ou Terra Santa, atual Estado de Israel. Os judeus são descendentes dos antigos *hebreus*. **2.** Língua falada em Israel que é derivada do hebreu antigo. Grande parte da Bíblia foi escrita em *hebraico*. **fem.:** hebreia. **Obs.:** variante: *hebraico*. (p. 156)

lobisomem s. masc. Segundo a crença popular, homem que se transforma em lobo. Dizem que o delegado virava *lobisomem* em noite de Lua cheia. pl.: lobisomens. (p. 185)

saci s. masc. Personagem do folclore brasileiro conhecido por fazer brincadeiras com os viajantes. O saci é um menino negro, que salta sobre uma perna só, usa cachimbo e capuz vermelho. **Obs.:** é conhecido também como *saci-pererê*. (p. 274)

unicórnio subst. masc. Animal fabuloso representado com corpo de cavalo e um só chifre no meio da testa. (p. 888)

Propomos as seguintes inserções:

dragão subst. masc.  <cultura/mitologia> **1.** Animal imaginário, geralmente representado com cauda de serpente, garras e asas. [plural: *dragões*.] *Em homenagem à Páscoa e ao aniversário de dez anos da estreia de Game of Thrones, a joalheria russa Fabergé, especializada em ovos colecionáveis, criou um exclusivo ovo de dragão inspirado na trama da personagem de Emilia Clarke, Daenerys Targaryen.*¹³⁹
2.  <pejorativo/ofensa> Pessoa muito feia. *Foi criticada por uma internauta e chamada de “dragão de feia” na noite da última segunda-feira (11).*¹⁴⁰

favela s. fem.  <pejorativo/urbano> Conjunto de barracos ou casas em más condições de estrutura e acomodação habitado por pessoas com baixa renda salarial, onde não há geralmente esgoto e água encanada. *O incêndio destruiu a favela, mas nenhum morador ficou ferido.* Sinônimo atualizado: comunidade.

hebreu s. masc.  <cultura/religião> **1.** Povo que habitava antigamente a Palestina, ou Terra Santa, atual Estado de Israel. *Os judeus são descendentes dos antigos hebreus.* **2.** Língua falada em Israel que é derivada do hebreu antigo. Grande parte da Bíblia foi escrita em hebraico. **fem.:** hebreia. **Obs.:** variante: hebraico.

lobisomem s. masc.  <cultura/mitologia> Segundo a crença popular, homem que se transforma em lobo. *Dizem que o delegado virava lobisomem em noite de Lua cheia.* pl.: **lobisomens**.

saci s. masc.  <cultura/folclore> Personagem do folclore brasileiro conhecido por fazer brincadeiras com os viajantes. O saci é um menino negro, que salta sobre uma perna só, usa cachimbo e capuz vermelho. *Queremos que as crianças brasileiras saibam que o Saci e o Boto, por exemplo, podem ser tão legais quanto o Homem-Aranha e o Batman*¹⁴¹. **Obs.:** é conhecido também como saci-pererê.

unicórnio subst. masc. **1.**  <cultura/mitologia> Animal fabuloso representado com corpo de cavalo e um só chifre no meio da testa. *O espécime tinha uma estrutura rígida na cabeça, como um capacete, composto por camadas de queratina. Por conta disso, recebeu o nome de Discokeryx xiezhi, uma homenagem ao xiezhi, criatura da mitologia chinesa parecida com um unicórnio*¹⁴². **2.**  <termo/trabalho> Empresa emergente avaliada pelo mercado em mais de \$ 1 bilhão (dólares americanos). *Facily: Entenda como empresa foi de ‘unicórnio’ a demissões em massa*¹⁴³.

Sabemos que os dicionários não conseguem abarcar a totalidade do léxico, portanto, trazem um recorte de acordo com os parâmetros estabelecidos por seu lexicógrafo e/ou editora. À vista disso, ao considerarmos a elaboração de um dicionário escolar, é essencial que as unidades relacionadas à cultura de um povo estejam no rol da nomenclatura, por isso acreditamos que todos

¹³⁹ Frase-exemplo retirada do site: <https://veja.abril.com.br/cultura/ovo-de-dragao-comemorativo-de-game-of-thrones-e-avaliado-em-r-12-milhoes/#:~:text=Em%20homenagem%20%C3%A0%20P%C3%A1scoa%20e,de%20Emilia%20Clarke%2C%20Daenerys%20Targaryen.>

¹⁴⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/mc-mirella-e-chamada-de-dragao-de-feia-em-rede-social-e-rebate-seguidora-49274.>

¹⁴¹ Frase-exemplo retirada do site: [https://estacaonerd.com/alem-da-lenda-filme-ganha-nova-data-de-estreia-nos-cinemas-confira/.](https://estacaonerd.com/alem-da-lenda-filme-ganha-nova-data-de-estreia-nos-cinemas-confira/)

¹⁴² Frase-exemplo retirada do site: [https://gizmodo.uol.com.br/fossil-de-unicornio-chines-pode-explicar-surgimento-do-pescoco-da-girafa/.](https://gizmodo.uol.com.br/fossil-de-unicornio-chines-pode-explicar-surgimento-do-pescoco-da-girafa/)

¹⁴³ Frase-exemplo retirada do site: [https://www.suno.com.br/noticias/facily-startup-unicornio-demissoes-massa/.](https://www.suno.com.br/noticias/facily-startup-unicornio-demissoes-massa/)

os significados que remetem a questões culturais de um povo precisam estar etiquetados para alertá-los a seus consulentes.

Por exemplo, “saci” é um elemento folclórico da cultura brasileira que merece ser destacado pela inserção das marcas <cultura/folclore> da mesma maneira como “dragão”, “lobisomem” e “unicórnio” devem ser etiquetados como <cultura/mitologia>, ressaltando que são elementos fantásticos da cultura estrangeira. Nas definições, não encontramos informações que remetam, minimamente, à origem dessas criaturas brasileiras e estrangeiras, por isso o consulente pode ser levado a crer, equivocadamente, que façam parte da cultura brasileira. Além disso, é preciso que sejam dicionarizados outros significados para “dragão” e “unicórnio”. Para o primeiro, há um sentido depreciativo com relação à beleza humana que precisa estar dicionarizado para que os estudantes sejam conscientes de que seu uso é ofensivo; para o segundo, atualmente, surgiu um termo para se referir a organizações econômicas constituídas para explorar um ramo de negócios que tenha tido um alcance bilionário no valor de mercado muito contemporâneo e que desperta interesse de muitos jovens (são empresas que vêm surgindo a partir da gestão de jovens empreendedores).

Por fim, as marcas sugeridas para “favela” e “hebreu” correspondem à disseminação no país, sendo que, enquanto esta se restringe à identificação de um povo por meio de sua religiosidade, aquela é nacionalmente conhecida e, por vezes, estigmatizada a ponto de serem chamadas pelas autoridades públicas de “comunidades”. O que parece é que o poder público, ao tentar renomear a realidade de (semi)ausência do Estado, deseja amenizar os efeitos de sua incapacidade de gestão nessas áreas urbanas. Portanto, é necessário que os dicionários etiquetem esses significados não apenas para alertar, mas para despertar conscientização nos consulentes.

Com relação à diferença entre fala e escrita, tomemos o verbete “chimpanzé”:

chimpanzé s. masc. Mamífero primata, que é um tipo de macaco; é encontrado geralmente na África. Alimenta-se de frutas e gosta de bananas. Tem braços longos e o corpo muito peludo. *O chimpanzé é um animal inteligente e pode ser treinado para fazer muitas coisas. ver mamífero, primatas. Obs.: variante: chipanzé.* (p. 66)

Consideramos que valha a pena destacar sua variação diamedial no verbete:

chimpanzé s. masc.  <informal/fauna> Mamífero primata, que é um tipo de macaco; é encontrado geralmente na África. Alimenta-se de frutas e gosta de bananas. Tem braços longos e o corpo muito peludo. *O chimpanzé é um animal inteligente e pode ser treinado para fazer muitas coisas. ver mamífero, primatas. Obs.: variante: chipanzé.*

Na entrada “chimpanzé”, é preciso que haja uma marcação que destaque uma variante da fala que elimina o “m” da primeira sílaba. Em DIP, ocorre essa menção, porém, seria uma informação melhor aproveitada pelo consulente se viesse com alguma indicação de que se trata de uma variante na fala, por isso a marca “informal” contribuiria para seu melhor entendimento.

A respeito das entradas que possuem acepções que correspondem a restrições de ordem técnica, trouxemos “artigo”, “cursinho”, “furo”, “pipa”, “quilo”, “RG”, “tabela” e “watt”:

artigo¹ *subst. masc.* **1.** Qualquer mercadoria de uma loja. *Esta casa comercial só vende artigos de caça e pesca.* **2.** Texto escrito em um jornal ou revista. *A revista publicou um excelente artigo sobre o problema do desemprego.*

artigo² *subst. masc.* Palavra que vem antes do substantivo. Os artigos são: a, as, o, os, um, uns, uma, umas. (p. 33)

cursinho *subst. masc.* Curso pré-vestibular. (p. 274)

furo *subst. fem.* Pequena abertura; buraco. *O cigarro aceso fez um furo na calça de João.* (p. 143)

pipa *s. fem.* **1.** vasilha grande de madeira. *As pipas de vinho são guardadas num ambiente frio.* **2.** papagaio de papel. *Os garotos soltavam suas pipas coloridas.* (p. 237)

quilo *s. masc.* Unidade de medida de peso que corresponde a mil gramas. *Mamãe comprou um quilo de açúcar.* **Obs.:** abreviado como kg. (p. 247)

RG Abreviatura de “registro geral”; documento de identidade que todo brasileiro deve ter. *Para tirar meu RG precisei de duas fotos.* (p. 269)

tabela *s. fem.* Quadro em que se faz uma relação (de números, nomes, etc.). *Ana conferiu o preço na tabela e escolheu um quilo de frutas.* **fazer tabela:** no futebol, mandar a bola de um jogador para o outro. (p. 291)

watt *s. masc.* Unidade de medida de energia que serve, por exemplo, para indicar a potência das lâmpadas. *Uma lâmpada econômica de 15 watts pode produzir a mesma quantidade de luz que uma lâmpada incandescente de 60 watts.* pl.: watts. **Obs.:** símbolo W. (p. 319)

Sugerimos como inserções:

artigo¹ *subst. masc.* **1.** Qualquer mercadoria de uma loja. *Esta casa comercial só vende artigos de caça e pesca.* **2.** [△ <termo/jornalismo>](#) Texto escrito em um jornal ou revista. *A revista publicou um excelente artigo sobre o problema do desemprego.*

artigo² *subst. masc.* [△ <termo/gramática>](#) Palavra que vem antes do substantivo. Os **artigos** são: a, as, o, os, um, uns, uma, umas.

cursinho subst. masc. [△ <termo/diminutivo>](#) Curso pré-vestibular de curta duração. *UFMS abre 500 vagas para **cursinho** preparatório para vestibular; veja como se inscrever*¹⁴⁴.

furo subst. fem. 1. Pequena abertura; buraco. *O cigarro aceso fez um **furo** na calça de João.* 2. [△ <termo/jornalismo>](#) Notícia inesperada divulgada com prioridade antes do conhecimento de outrem. *Câncer de Putin. Cirurgia realizada em abril. **Furo** da Newsweek*¹⁴⁵.

pipa s. fem. 1. [△ <termo/enologia>](#) vasilha grande de madeira. *As **pipas** de vinho são guardadas num ambiente frio.* 2. [△ <popular/infância>](#) papagaio de papel. *Os garotos soltavam suas **pipas** coloridas.*

quilo s. masc. [△ <termo/matemática>](#) Unidade de medida de peso que corresponde a mil gramas. *Mamãe comprou um **quilo** de açúcar.* **Obs.:** abreviado como kg.

RG [△ <termo/jurídico>](#) Abreviatura de “registro geral”; documento de identidade que todo brasileiro deve ter. *Para tirar meu **RG** precisei de duas fotos.* **sinônimo:** carteira de identidade.

tabela s. fem. 1. Quadro em que se faz uma relação (de números, nomes, etc.). *Ana conferiu o preço na **tabela** e escolheu um quilo de frutas.* 2. [△ <termo/matemática>](#) estrutura que contém cálculos *Com a divulgação e comparação entre a **tabela** do governo estadual e a da Alesc/Sinte (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina), houve divergências entre os representantes sobre diversos aspectos.*¹⁴⁶ 3. [△ <termo/esporte>](#) relação de jogos previstos em um campeonato. *VNL 2022 FEMININO: Quando é o próximo jogo do Brasil? Veja onde assistir BRASIL X CHINA, horário, classificação e a **tabela** de jogos do Brasil na Liga das Nações de Vôlei.*¹⁴⁷ 4. [△ <termo/esporte>](#) peça utilizada no basquete. *O modelo Air Jordan 1 ficou conhecido pelo episódio em que o astro da NBA quebrou uma **tabela** ao enterrar a bola.*¹⁴⁸ 5. [△ <termo/ciência>](#) estrutura indicativa dos elementos químicos. *Cientistas querem criar **tabela** periódica da inteligência animal.*¹⁴⁹ **fazer tabela:** no futebol, mandar a bola de um jogador para o outro.

watt s. masc. [△ <termo/ciência>](#) Unidade de medida de energia que serve, por exemplo, para indicar a potência das lâmpadas. *Uma lâmpada econômica de 15 **watts** pode produzir a mesma quantidade de luz que uma lâmpada incandescente de 60 watts.* pl.: **watts**. **Obs.:** símbolo W.

A respeito das entradas que possuem acepções que correspondem a restrições de ordem técnica, trouxemos “artigo”, “cursinho”, “furo”, “pipa”, “quilo”, “RG”, “tabela” e “watt”. Como já discutido previamente, as etiquetas técnicas servem para indicar o uso de vocábulos

¹⁴⁴ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/06/18/ufms-abre-500-vagas-para-cursinho-preparatorio-para-vestibular-veja-como-se-inscrever.ghtml>.

¹⁴⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticias.uol.com.br/colunas/walter-maierovitch/2022/06/05/cancer-de-putin-cirurgia-realizada-em-abril-furo-da-newsweek.htm>.

¹⁴⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://ndmais.com.br/educacao/entenda-por-que-reajuste-do-salario-de-professores-em-sc-virou-polemica/>.

¹⁴⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2022/06/15033236-vnl-2022-feminino-quando-e-o-proximo-jogo-do-brasil-veja-onde-assistir-brasil-x-china-horario-classificacao-e-a-tabela-de-jogos-do-brasil-na-liga-das-nacoes-de-volei.html>.

¹⁴⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://forbes.com.br/colunas/2020/08/novo-recorde-tenis-usado-por-michael-jordan-e-leiloadado-por-us-615-mil/>.

¹⁴⁹ Frase-exemplo retirada do site: <https://super.abril.com.br/ciencia/cientistas-querem-criar-tabela-periodica-da-inteligencia-animal/>.

em áreas de especialidade, as quais também são pouco (nos dicionários Tipo 4) ou quase nunca (nos Tipos 2 e 3) apresentadas nos dicionários escolares. É preciso que as obras lexicográficas sejam repensadas, pois o consulente contemporâneo tem acesso a uma imensidão de informações na palma das mãos.

Para o público escolar, é preciso considerar que, no Ensino Fundamental, os estudantes têm matemática como uma de suas disciplinas, por isso “quilo” é uma grandeza estudada nessa etapa e deve conter a etiqueta “matemática”. No entanto, “watt” só aparece durante o Ensino Médio, assim, essa medida internacional só deve ser etiquetada com “física” para dicionários escolares que atendem a esse público (Tipo 4), enquanto isso, nos Tipos 2 e 3, deve-se manter “ciências”, dado que é a disciplina reconhecida e estudada pelo público mais jovem. Por essas mesmas razões, ocorre a etiquetagem às acepções segunda e quinta de “tabela” (além das duas – terceira e quarta – relacionadas a esportes).

Um termo popularmente muito conhecido pelos brasileiros é “RG”, documento pessoal altamente necessário para nossas práticas sociais cotidianas, que precisa vir destacado com a marca “jurídico” para alertar o consulente sobre sua relevância na sociedade, cuja ausência pode implicar em sanções legais. Outros termos bastante conhecidos são “furo”, principalmente nos últimos anos em que as notícias são perseguidas e há uma gana por ser o primeiro jornalista a noticiar algo que seja, a princípio, de interesse público, e “cursinho”, este ligado ao ingresso no Ensino Superior brasileiro, mas que vem adquirindo novo sentido quando as pessoas se referem à realização de um curso com fins específicos, tais como cursinhos para o ingresso no serviço público, sendo que o diminutivo é um qualificador referente ao curto espaço de tempo para sua realização e não necessariamente a uma baixa qualidade do serviço.

A unidade “pipa” possui dois sentidos, os quais originalmente não foram marcados, mas que propomos que sejam por <termo/enologia> para indicar que seu primeiro sentido se refere a uma área de especialidade que é identificada pela segunda marca (enologia) e também por <popular/infância> para indicar que sua segunda acepção é reconhecida nacionalmente pela população como pertencente ao universo das crianças.

Por fim, temos duas formas homônimas em que “artigo¹” deveria estar marcado como termo do jornalismo, pois os estudantes atendidos pelos dicionários do *corpus* têm contato constante com o gênero textual jornalístico e “artigo²” com a marca dianormativa <gramática> para identificar como item pertencente à língua padrão, uma vez que são consulentes que estão estudando rotineiramente a morfossintaxe.

Passemos às entradas “bafo”, “comitiva”, “galera”, “galho”, “nádega”, “pintar”, “pinto”, “traçar”, “xixi” e “zebra”:

bafo¹ *subst. masc.* ar exalado dos pulmões.

bafo² *subst. masc. Brasileirismo* jogo em que se bate com a palma da mão em concha contra figurinhas dispostas em superfície plana, para revirá-las (p. 126)

comitiva *subst. fem.* Gente que acompanha, que vai em companhia de outra(s); séquito, companhia. (p. 227)

galera¹ *subst. fem.* Antigo navio movido a remos e a velas, de três mastros.

galera² *subst. fem. Brasileirismo Popular* **1.** grupo de torcedores. **2.** turma de amigos ou de conhecidos: A galera veio em peso. (p. 454)

galho *s. masc.* Parte de uma árvore que cresce do tronco e onde nascem as folhas, as flores e os frutos. Um galho daquela árvore está invadindo o quintal do vizinho. **quebrar o galho:** resolver um problema; vencer um obstáculo favorecendo alguém. ver **árvore**. (p. 144)

nádega *s. fem.* Cada uma das partes cheias do traseiro das pessoas que fica no alto da coxa. O bebê está com as nádegas de fora porque tirou a fralda. É melhor você tomar injeção nas nádegas, porque dói menos. (p. 207)

pintar *v.* **1.** cobrir uma superfície com tinta. Papai mandou pintar a casa de amarelo. **2.** representar (pessoas, animais, paisagens, etc.) por meio de linhas, cores e formas, usando pincel e tintas. Leonardo da Vinci pintou a Mona Lisa. **3.** usar maquiagem. As moças vão pintar-se para a festa. **pintar e bordar:** criar confusão; abusar no comportamento. **pintar o sete:** fazer bagunça (p. 237)

pinto *subst. masc.* Filhote de galinha ainda novo. **ser pinto** *Brasileirismo*¹⁵⁰ ser fácil; Esse problema de matemática é pinto. (p. 684)

traçar *v.* **1.** fazer traços. O menino traçou o quadrado usando a régua. **sinônimo:** desenhar. **2.** fazer planos ou projetos. A garota traçava muitos planos para o futuro. **sinônimo:** planejar, projetar. (p. 300)

xixi *s. masc.* Urina. Mamãe trocou o nenê porque ele havia feito o xixi. **Obs.:** palavra usada normalmente na linguagem familiar. (p. 321)

zebra *s. fem.* Animal mamífero, nativo da África, que tem listras pretas sobre fundo branco. Ontem, nasceu um filhote de zebra no zoológico da cidade. ver **mamífero**. (p. 323)

Propomos que ocorram as seguintes marcas de uso nas acepções:

¹⁵⁰ A marca de uso *Brasileirismo* vem do verbete original, o qual discordamos e propomos ser substituída por <informal/figurado>.

bafo¹ subst. masc. ar exalado dos pulmões. *Talvez, por fumar há tanto tempo, não tenha a exata noção de como pode ser desagradável ter alguém espalhando esse bafo tóxico no ambiente*¹⁵¹.

bafo² subst. masc. △ <popular/infância> jogo em que se bate com a palma da mão em concha contra figurinhas dispostas em superfície plana, para revirá-las. *Existem outros vídeos no youtube de crianças/jogadores ensinando seus movimentos e regras no jogo do Bafo*¹⁵².

bafo³ subst. masc. ✶ <popular/corpo> mau hálito. *Estar com bafo de cigarro*¹⁵³.

bafo⁴ subst. masc. 1. ✶ <popular/figurado> conversa fiada. *“Quando eles fizeram aí essa revolução e falaram tudo aquilo, que iam salvar o País, que iam prender tudo que era safado, que isso, que aquilo, eu cheguei a ter uma esperançazinha. Palavra de honra! Mas logo depois eu vi que era tudo bafo.”* (Stanislaw Ponte Preta, *Febeapá 2*, p. 105)¹⁵⁴. 2. ✶ <popular/aumentativo> (“**bafão**”) notícia sem investigação comprovada; fofoca. *Samuel morre em Cara e Coragem? Anita traz à tona bafão do caso de ‘Clarice’*¹⁵⁵.

comitiva subst. fem. 1. Gente que acompanha, que vai em companhia de outra(s); séquito, companhia. *Criminosos atacam comitiva de Cláudio Castro e baleiam segurança em Macaé*¹⁵⁶. 2. △ <informal/rural> grupo de peões que conduz o gado pelas estradas do país. *Comitiva de peões conduzindo animais de um lugar para outro, uma das tradições mais antigas do nosso país, estão desaparecendo graças ao transporte motorizado.*¹⁵⁷

galera¹ subst. fem. Antigo navio movido a remos e a velas, de três mastros. *“defrontaram [os cartagineses] uma frota romana composta de galeras de alto bordo e cinco bancos de remadores”* (Aquilino Ribeiro, *Os Avós dos Nossos Avós*, p. 80)¹⁵⁸.

galera² subst. fem. 1. △ <popular/urbano> grupo de torcedores. 2. turma de amigos ou de conhecidos. A galera veio em peso.

galho s. masc. 1. Parte de uma árvore que cresce do tronco e onde nascem as folhas, as flores e os frutos. *Um galho daquela árvore está invadindo o quintal do vizinho. **quebrar o galho**: resolver um problema; vencer um obstáculo favorecendo alguém.* 2. △ <informal/figurado> trabalho temporário. *Eu estava quebrando um galho como manicura, mas já viu manicura de pobre, né... nem fazia R \$ 30,00 por semana*¹⁵⁹. ver **árvore**.

nádega s. fem. 1. Cada uma das partes cheias do traseiro das pessoas que fica no alto da coxa. *O bebê está com as nádegas de fora porque tirou a fralda. É melhor você tomar injeção nas nádegas, porque dói menos.* 2. △ <popular/corpo> bumbum, bunda. *As americanas têm uma nova obsessão: o bumbum brasileiro. Segundo dados divulgados pela revista do “The New York Times”, em 2021, foram feitos 61.387 aumentos de nádegas*¹⁶⁰.

¹⁵¹ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/regulamentacao-da-nova-lei-antifumo-causa-divergencia-entre-goianos-22358/>.

¹⁵² Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jogostradicionais.org/bafo>.

¹⁵³ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁵⁴ Frase-exemplo retirada do AU.

¹⁵⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/samuel-morre-em-cara-e-coragem-anita-traz-tona-bafao-do-caso-de-clarice-83777>.

¹⁵⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://eurio.com.br/noticia/36215/criminosos-atacam-comitiva-de-claudio-castro-e-baleiam-seguranca-em-macaee.html>.

¹⁵⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/01/fazenda-no-pantanal-mantem-tradicao-de-tocar-gado-em-comitiva.html>.

¹⁵⁸ Frase-exemplo retirada do AU.

¹⁵⁹ Frase-exemplo retirada do site: <http://www.jornalcontato.com.br/288/cultura/index.htm>.

¹⁶⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2022/05/bumbum-brasileiro-vira-obsessao-entre-americanas.ghtml>.

pintar v. **1.** cobrir uma superfície com tinta. *Papai mandou **pintar** a casa de amarelo.* **2.** representar (pessoas, animais, paisagens, etc.) por meio de linhas, cores e formas, usando pincel e tintas. *Leonardo da Vinci **pintou** a Mona Lisa.* **3.** usar maquiagem. *As moças vão **pintar-se** para a festa.* **4.**  **<informal/figurado>** aparecer. *Assim que a oportunidade **pintou**, Paulo convidou Patrícia para sair*¹⁶¹. **pintar e bordar:** criar confusão; abusar no comportamento. **pintar o sete:** fazer bagunça.

pinto subst. masc. **1.** Filhote de galinha ainda novo. **ser pinto**  **<informal/figurado>** ser fácil; *Esse problema de matemática é **pinto**.* **2.**  **<popular/infância>** Criança bem jovem. *Ele é o **pinto** da nossa família*¹⁶². **3.**  **<vulgar/figurado>** Pênis. *O participante do BBB 22 deixou o pênis à mostra enquanto dormia ao lado de Vinicius Fernandes. "Por que o **pinto** do Eliezer estava para fora da cueca?", questionou uma internauta após ver a cena*¹⁶³.

traçar v. **1.** fazer traços. *O menino **traçou** o quadrado usando a régua.* **sinônimo:** desenhar. **2.** fazer planos ou projetos. *A garota **traçava** muitos planos para o futuro.* **sinônimo:** planejar, projetar. **3.**  **<informal/figurado>** comer com muito apetite. ***Traçou** o acarajé enlevado*¹⁶⁴.

xixi s. masc.  **<popular/corpo>** Urina. *Mamãe trocou o nenê porque ele havia feito o **xixi**.* **Obs.:** palavra usada normalmente na linguagem familiar.

zebra s. fem. **1.** Animal mamífero, nativo da África, que tem listras pretas sobre fundo branco. *Ontem, nasceu um filhote de **zebra** no zoológico da cidade.* **2.**  **<informal/figurado>** resultado imprevisito. ***Zebra** no clássico. Pela situação atual dos dois times a vitória do Joinville em cima do Avaí, por 1 a 0, em Florianópolis, pode ser considerado um resultado imprevisito*¹⁶⁵. ver **mamífero**.

Nesse próximo agrupamento de verbetes, novamente, temos a oportunidade de comparar e diferenciar as marcas “informal” e “popular”. Ao etiquetarmos como “informal”, encontramos: (i) a segunda acepção de “comitiva”, em que, na oralidade, os indivíduos da zona rural envolvidos em atividades pecuárias fazem uso desse sentido, que é reconhecido amplamente no Brasil; (ii) a segunda acepção de “galho”, que remete a um significado não literal muito comum na fala das pessoas entre amigos ou conhecidos ao se solicitar ajuda; (iii) da mesma maneira que na quarta acepção de “pintar”, em que se verifica um sentido conotativo expresso no discurso falado; (iv) também no terceiro significado de “traçar”; e (v) no segundo de “zebra”. Esses são sentidos que nos remetem à oralidade individual.

Por outro lado, constatamos que há diferenças a serem etiquetadas a partir de uma variação no âmbito social, por isso devem ser marcadas por **<popular>**, são elas: (i) “bafo²” e “bafo³”, dado que são utilizadas em espaços coletivos; (ii) assim como “galera²”, a marca

¹⁶¹ Frase-exemplo retirada do SJ.

¹⁶² Frase-exemplo elaborada pelo autor.

¹⁶³ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/bbb-22-eliezer-deixa-penis-mostra-enquanto-dorme-com-vyni-e-choca-web-76117>.

¹⁶⁴ Retirado de CAV.

¹⁶⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://amp.futebolinterior.com.br/serie-b-atletico-go-derruba-o-vasco-ultimo-invicto-e-nautico-atropela-o-parana/>.

destaca um uso em coletividade; e (iii) formas popularizadas de vocábulos que se refiram ao universo infantil, como “nádega” (2ª aceção, sobre o corpo humano), “pinto” (2ª aceção, sobre fase de crescimento) e “xixi” (2ª aceção, sobre fluido humano).

Além disso, ainda se fazem presentes sentidos delimitados ao uso restrito a certos grupos, como as duas aceções do homônimo “bafo⁴”, tanto o sentido não literal quanto seu aumentativo. E, por fim, a aceção vulgar relacionada ao órgão sexual masculino (terceiro sentido de “pinto”).

Seguimos para as entradas “criança”, “idiota”, “mala”, “parasita”, “vagabundo” e “vesgo”:

criança s. fem. **1.** Menino ou menina que está no período da infância. *As crianças não podem ficar sem escola.* **2.** Pessoa infantil, que age como criança mesmo não sendo uma. *Embora seja um adulto, às vezes João tem atitudes de criança.* (p. 85)

idiota adj. 2g. Bobo, tolo. *Este rapaz é um idiota, faz brincadeiras desagradáveis o tempo todo. É uma coisa idiota ficar aqui esperando.* **masc. e fem.:** idiota. (p. 159)

mala s. fem. Objeto de couro, plástico ou outro material, usado geralmente para guardar e transportar roupas. *Fez a mala, entrou no carro e partiu em férias.* (p. 189)

parasita adj. 2g. que se alimenta de outros indivíduos da mesma espécie; que vive na dependência de outros. *As plantas parasitas vivem no tronco de outras árvores.* **masc. e fem.:** parasita. **Obs.:** pode ser usado como substantivo: *Um tipo de parasita pode viver no intestino do homem.* (p. 225)

vagabundo adj. **1.** Que é de má qualidade. *Estas camisetas são muito vagabundas.* **2.** Que não faz nada, não trabalha. *Aquele menino vagabundo não estuda.* **sinônimo:** vadio, irresponsável. **antônimo:** trabalhador, responsável. (p. 309)

vesgo adj. Que tem um ou os dois olhos voltados na direção do nariz. *Beto era vesgo e precisava usar óculos.* (p. 314)

Nossas referidas propostas são:

criança s. fem. **1.** Menino ou menina que está no período da infância. *As crianças não podem ficar sem escola.* **2.** Pessoa infantil, que age como criança mesmo não sendo uma. *Embora seja um adulto, às vezes João tem atitudes de criança.* **3.**  <pejorativo/ofensa> Pessoa ingênua enganada facilmente. *Cristiano é uma criança, confia em todo mundo*¹⁶⁶.

idiota adj. 2g.  <pejorativo/xingamento> Bobo, tolo. *Este rapaz é um idiota, faz brincadeiras desagradáveis o tempo todo. É uma coisa idiota ficar aqui esperando.* **masc. e fem.:** idiota.

¹⁶⁶ Frase-exemplo retirada do SJ.

mala s. fem. 1. Objeto de couro, plástico ou outro material, usado geralmente para guardar e transportar roupas. *Fez a mala, entrou no carro e partiu em férias.* 2. 🗣️🗣️ <popular/figurado> pessoa desagradável. *Tentamos procurar a fonte de todos os personagens malas de ‘Espelho da Vida’, mas eram tantos que a gente acabou ficando com uma lista de cinco mesmo*¹⁶⁷.

parasita adj. 2g. 1. que se alimenta de outros indivíduos da mesma espécie; que vive na dependência de outros. *As plantas parasitas vivem no tronco de outras árvores.* masc. e fem.: **parasita**. 2. 🗣️🗣️ <pejorativo/ofensa> indivíduo que vive às custas de outras pessoas. *É um parasita e um preguiçoso*¹⁶⁸. **Obs.:** pode ser usado como substantivo: *Um tipo de parasita pode viver no intestino do homem.*

vagabundo adj. 1. Que é de má qualidade. *Estas camisetas são muito vagabundas.* 2. 🗣️🗣️ <pejorativo/xingamento> Que não faz nada, não trabalha. *Aquele menino vagabundo não estuda.* **sinônimo:** vadio, irresponsável. **antônimo:** trabalhador, responsável. (p. 309)

vesgo adj. 🗣️🗣️ <pejorativo/ofensa> Que tem um ou os dois olhos voltados na direção do nariz. *Beto era vesgo e precisava usar óculos.*

Nesse bloco de verbetes, temos um sentido não literal de “mala” que é popularmente utilizado pelos brasileiros para designar o comportamento negativo de uma pessoa, que vem explicado para o consulente. Além disso, destacamos o uso de marcas que advertem os consulentes acerca de um uso indelicado, insultuoso ou mesmo grosseiro como na terceira acepção de “criança” (ofender alguém a respeito de sua simplicidade, ignorância ou mesmo inexperiência), na segunda de “parasita” (alertando para um comportamento social negativo) e em “vesgo” (menção politicamente incorreta sobre o corpo humano). Para indicar formas mais agressivas e descorteses do uso de significados de alguns vocábulos, <pejorativo/xingamento> funciona como expressão injuriosa, em discurso xingatório, de caráter difamante, como se nota em “idiota” e na segunda acepção de “vagabundo”.

Vejamos os próximos verbetes “borrar”, “cagar”, “drogas” e “sexo”:

borrar verbo trans. dir. 1. sujar em borrões. 2. riscar, rabiscar. 3. pintar de maneira grosseira. *Pronominal e intrans.* 4. Popular defecar. (p. 152)

cagar verbo intrans. e pronominal *Chulo* Veja defecar (2 e 3) [conjugação: largar] (p. 152)

drogas subst. fem. 1. Substância usada para tratar ou curar doenças e para aliviar a dor. *As drogas são vendidas em farmácias.* **sinônimo:** remédio. 2. Substância que age no sistema nervoso e pode tornar-se um vício perigoso para quem a toma. *O uso da droga pode prejudicar a saúde de uma pessoa.* 3. Coisa de pouco valor, de baixa qualidade. *Este filme é uma droga!* (p. 106)

¹⁶⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://claudia.abril.com.br/famosos/os-5-personagens-mais-malas-de-espelho-da-vida/>.

¹⁶⁸ Frase-exemplo retirada do DUPC.

sexo subst. masc. Conjunto de órgãos que diferenciam o macho e a fêmea e possuem características e funções próprias na reprodução da espécie. *A mulher teve gêmeos; uma criança do sexo masculino e outra do sexo feminino.* (p. 282)

Destacamos nossa proposta de marcação dupla com as seguintes inserções:

borrar verbo trans. dir. 1. sujar em borrões. *Borrou o desenho com nanquim¹⁶⁹.* 2. riscar, rabiscar. *Borrar a assinatura¹⁷⁰.* 3. pintar de maneira grosseira. Pronominal e intrans. *Borra (uns quadros) por hobby¹⁷¹.* 4. 🗨️🗨️ <vulgar/figurado> defecar. *Perdeu o controle e borrou-se todo¹⁷².* 5. 🗨️🗨️ <tabu/figurado> cagar. *Imagem pra fazer qualquer anti borrar as calças¹⁷³.*

cagar verbo intrans. e pronominal 🗨️🗨️ <tabu/figurado> defecar. *“Quando penso que não dá pra piorar, vai alguém e caga no ônibus...”, disse um usuário¹⁷⁴.*

droga subst. fem. 1. ⚠️ <termo/medicina> Substância usada para tratar ou curar doenças e para aliviar a dor. As drogas são vendidas em farmácias. **sinônimo:** remédio. 2. ⚠️ <popular/medicina> Substância que age no sistema nervoso e pode tornar-se um vício perigoso para quem a toma. *O uso da droga pode prejudicar a saúde de uma pessoa.* 3. 🗨️ <popular/figurado> Coisa de pouco valor, de baixa qualidade. *Este filme é uma droga!*

sexo subst. masc. 1. Conjunto de características que diferenciam o macho e a fêmea e possuem funções próprias na reprodução da espécie. *A mulher teve gêmeos; uma criança do sexo masculino e outra do sexo feminino.* 2. ⚠️ <popular/comportamento> Relação corporal íntima entre pessoas. *Cena de sexo quebra a regra de exposição e nudez em k-dramas.*¹⁷⁵

Alguns sentidos representam assuntos proibidos, direta ou indiretamente, considerados pela sociedade, geralmente dizem respeito ao corpo humano e as relações entre pessoas. Por exemplo, tanto “borrar” quanto “cagar” precisam estar marcadas para advertir seus consulentes de que eles não podem utilizá-las indistintamente, por isso devem ser usadas <tabu/figurado> para cumprir essa advertência.

Observa-se ainda que uma das definições sinonímicas para “borrar” é considerada de caráter chulo não literal, por isso devem figurar <vulgar/figurado>, enquanto “droga” possui sua terceira acepção que se refere a um sentido utilizado pelos brasileiros ao ressaltarem a baixa ou ausente qualidade de determinado produto.

Finalizamos nossas análises com os verbetes “burro”, “ceroulas” e “ficção”:

¹⁶⁹ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁷⁰ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁷¹ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁷² Frase-exemplo retirada do CAV.

¹⁷³ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/bate-papo-da-torcida/955244/imagem-pra-fazer-qualquer-anti-borrar-as-calças>.

¹⁷⁴ Frase-exemplo retirada do site: <https://bhaz.com.br/noticias/bh/passageira-encontra-coco-em-onibus-do-move-em-belo-horizonte/>.

¹⁷⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-164139/>.

burro subst. masc. Animal quadrúpede que tem orelhas compridas e crina curta. *O burro carregou toda carga de algodão.* **burro de carga:** pessoa a quem se atribui acesso de trabalho. **pra burro:** muito, em grande quantidade. **fem.:** besta, mula. Obs.: pode ser usado como adjetivo: pessoa *burra*. (p. 49)

ceroulas subst. fem. pl. Peça de vestuário masculino que cobre o ventre, coxas e pernas, e usada por baixo das calças. (p. 201)

ficção subst. fem. **1.** Aquilo que é criado pela imaginação. *A Emília dos livros de Monteiro Lobato é uma personagem de ficção.* **2.** Obra escrita ou filmada que conta histórias de personagens inventadas. *Diego gosta mais de ler livros sobre personagens reais da história do que ficção.* **pl.:** ficções. (p. 136)

Nossas sugestões para a necessária marcação são:

burro subst. masc. **1.**  <popular/fauna> Animal quadrúpede que tem orelhas compridas e crina curta. *O burro carregou toda carga de algodão.* **2.**  <pejorativo/xingamento> Xingamento que se faz a uma pessoa a quem se considera com pouca ou sem inteligência. *“Fui chamado de covarde, imbecil, burro, falaram que eu não sei nada sobre a vida, que eu preciso aprender. Por que eu não posso falar o que eu penso? Por que, ao dizer o que eu penso, eu sou xingado?”, questionou ele em seguida¹⁷⁶.* **3.**  <termo/diminutivo> (“**burrinho**”) Peça de veículos motorizados que aspira líquidos e comprime ar e óleo. *Se seu mecânico disser que há um problema no burrinho de freio do seu carro, não é a capacidade intelectual só componente comprometida. É ele quem faz o freio atuar nos sistemas a tambor (geralmente nas rodas de trás)¹⁷⁷.* **burro de carga:** pessoa a quem se atribui acesso de trabalho. **pra burro:** muito, em grande quantidade. **fem.:** besta, mula. Obs.: pode ser usado como adjetivo: pessoa *burra*.

ceroulas subst. fem. pl.  <antigo/vestuário> Peça de vestuário masculino que cobre o ventre, coxas e pernas, e usada por debaixo das calças. *A linha com a assinatura do jogador chega às lojas em fevereiro com ceroulas entre outros tipos de roupa de baixo¹⁷⁸.* **sinônimo:** cueca.

ficção subst. fem. **1.** Aquilo que é criado pela imaginação. *A Emília dos livros de Monteiro Lobato é uma personagem de ficção.* **2.**  <arte/literatura> Obra escrita ou filmada que conta histórias de personagens inventadas. *Diego gosta mais de ler livros sobre personagens reais da história do que ficção.* **pl.:** ficções.

Em “ceroulas”, sugerimos a etiqueta diacrônica “antigo” para reforçar que é um vocábulo do universo do vestuário, mas que não se mostra frequente na atualidade, que volta a cena da moda em momentos em que se discute esse assunto; da mesma maneira, acreditamos que as marcas devam ser utilizadas para outros temas também. Já em “ficção”, temos um exemplo de sentido em que cabe a marca mais genérica “arte” que especifica o significado dessa

¹⁷⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://br.bolavip.com/entretenimento/Tiago-Leifert-se-defende-de-criticas-apos-declaracao-polemica-Por-que-eu-nao-posso-falar-o-que-eu-penso-20220607-0118.html>.

¹⁷⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://extra.globo.com/noticias/carros-e-motos/virabrequim-trambulador-conheca-alguns-componentes-do-seu-carro-13329884.html>.

¹⁷⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/983925-linha-de-cuecas-de-david-beckham-tera-ceroulas.shtml>.

entrada pela etiqueta secundária “literatura”, do mesmo modo outros sentidos envolvendo outros ramos das artes poderão ser destacados por outros rótulos

Por fim, as três acepções de “burro” devem ser etiquetadas para alertar os usuários sobre a popularização de um significado de uma área específica (<popular/fauna>), ou uma afronta que visa insultar alguém (<pejorativo/xingamento>) ou ainda o destaque para um termo para uma área muito específica do conhecimento (<termo/diminutivo>).

Como se pôde constatar as marcas de uso correspondem a um recurso extremamente eficaz para advertir os consulentes sobre os sentidos dicionarizados, sendo que os agrupamentos duplos (marcação dupla) podem direcionar e auxiliar com mais precisão o consulente aprendiz. Lembramos que dez verbetes (“bafo”, “borrar”, “cagar”, “ceroula”, “comitiva”, “cursinho”, “dragão”, “galera”, “pinto” e “unicórnio”) foram coletados do AUjr por não estarem dicionarizados em DIP e por ser a obra escolar que faz uso de todas as marcas deste estudo, enquanto a grande maioria foi retirada do DIP. Não somente advogamos em favor de uma marcação dupla para evidenciar os contextos das acepções, mas principalmente oferecemos informações (gerais e particulares) acerca do uso delas que auxiliam a um desempenho comunicativo mais eficiente a partir da possibilidade de uma escolha mais consciente e precisa feita pelo consulente.

Na próxima seção, finalizamos esta pesquisa retomando novos objetivos, evidenciando nossas conclusões e projetamos estudos futuros a partir de nossa contribuição aos expedientes lexicográficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo contextualizando nosso objeto de pesquisa, ou seja, as marcas de uso, sendo que, no primeiro capítulo, trouxemos aspectos relacionados ao seu tratamento, por meio de documentos oficiais (BNCC e PCN), a partir de políticas públicas voltadas para as obras dicionarísticas escolares (PNLD: Dicionários). Em seguida, no segundo capítulo, trouxemos o embasamento metalexiconográfico para tratarmos das características gerais acerca dos dicionários brasileiros. Posteriormente, no terceiro capítulo, traçamos um panorama lexicográfico nacional sobre a etiquetagem realizada pelos lexicógrafos e seus respectivos sistemas de marcação, além de discorrermos sobre as marcas de uso empregadas, verificando sua recorrência e conceituação nos dicionários do *corpus*. Mais adiante, no quarto capítulo, explicitamos nossa metodologia, comentando sobre os dicionários do *corpus*. Sucessivamente, no capítulo quinto, trouxemos os resultados alcançados a partir de nossas análises, culminando, no sexto e último capítulo, em uma proposta de um sistema de etiquetagem: a marcação dupla. Almejamos que esse procedimento possa potencializar a rotulação, uma vez que funciona como um recurso lexicográfico muito útil para alertar o consulente acerca das restrições de uso das unidades e de seus sentidos e, a partir de nossa proposta, conseguirmos contribuir para informar a relação das acepções pela indicação das marcas. Por fim, tecemos nossas considerações finais acerca da pesquisa e disponibilizamos as referências bibliográficas e lexicográficas, bem como os verbetes analisados (em anexo).

Ao final deste percurso científico, conseguimos investigar o registro das marcas de uso em obras lexicográficas monolíngues escolares brasileiras a partir da realização de análises, descobrindo que a descrição dos itens lexicais etiquetados não possui uma padronização, quer interna ao próprio dicionário, quer em comparação a outras obras do mesmo grupo.

Ao longo desta pesquisa, constatamos diferentes fatores referentes às marcas de uso em quatorze dicionários e como estão interligadas à variação linguística, visto que há informações implícitas que, sem o alerta do lexicógrafo, o consulente nem sempre é capaz de reconhecer ao realizar sua busca nessas obras. Verificamos que os dicionários confeccionados pela mesma equipe lexicográfica (como na equipe de Houaiss) tendem a manter o mesmo sistema de etiquetagem para obras diferentes. Entendemos que isso se configura em uma questão problemática por não levar em consideração seu público-alvo, quer dizer, um dicionário escolar não deve ser elaborado somente em termos da redução de seu volume, ao contrário, é preciso

ser entendido como um novo projeto lexicográfico, conseqüentemente, deve adequar-se a seu possível consulente, neste caso, o aprendiz-escolar.

Sobre o *corpus*, ao analisarmos nossos quatorze dicionários, comparamos oito escolares a seis de língua geral, dentre os quais há obras dicionarísticas legitimadas pela sociedade brasileira, o que nos permitiu evidenciar a necessidade, para a constituição de um verbete, de etiquetagem das unidades lexicográficas. Como foi possível notar, por meio dos exemplos trazidos nesta pesquisa, há discrepância na conceituação e apresentação das marcas de uso nos dicionários. Logo, acreditamos que seja providencial ao trabalho lexicográfico a elaboração de uma listagem que possa vir a contemplar a padronização dessas/nessas obras; assim, teríamos uma reorganização das marcas de uso já existentes a fim de colaborar para a busca do consulente.

Nossos objetivos específicos foram alcançados, pois, nos dicionários selecionados, constatamos que os escolares Tipo 2 possuem uma baixa marcação (na maioria dos casos, não há marcas de uso e, quando estão presentes, apenas uma acepção está marcada); os do Tipo 3 uma marcação mediana (as duas obras do *corpus* apresentam acepções marcadas, mas poucas e, além disso, não há uma diversidade ampla das marcas); e aqueles do Tipo 4 possuem a maior presença e variedade delas (as duas obras selecionadas para o *corpus* possuem várias acepções marcadas, contendo diversas etiquetas, sendo que, em quase a totalidade dos casos, havia sentidos etiquetados). Por meio dessas últimas, ficam evidenciadas as mesmas escolhas utilizadas nos dicionários de língua geral, feitas por seus lexicógrafos, portanto, é necessário ressaltar que, em HOc e NAu, quase a totalidade das marcas de uso são as mesmas produzidas pelas equipes lexicográficas que elaboram as obras de língua geral, o que pode configurar em uma replicação delas sem que possa ter havido uma preocupação acerca do público-alvo a ser atingido. Essa informação não está disponível para consulta nessas obras.

Com o intuito de propormos um caminho para a sistematização das marcas visando o público escolar, trouxemos uma proposta de agrupamento de dicionários (quatro obras escolares do Tipo 2, duas do Tipo 3 e duas do Tipo 4) com mesmas características, uma vez que imaginamos que haveria algum tipo de padrão na inserção das marcas de uso; entretanto, ao final da pesquisa, constatamos que não há nem mesmo a padronização da etiquetagem dentro de uma mesma obra. Essa constatação só ocorreu por meio das análises dos verbetes das obras de nosso *corpus*.

Como consulentes, também verificamos que nas obras em que as abreviaturas das marcas de uso são escritas por completo, elas são mais rápida e facilmente identificáveis pelo público a quem se destina. Por isso, em nossa proposta, preferimos utilizar letras minúsculas

(destacadas entre os sinais de menor ‘<’ e maior ‘>’) para a etiquetagem. Nem todas as obras escolares trazem comentários sobre as marcas que empregam, quando presentes estão na *front matter* em forma de lista sem que haja algum tipo de conceituação delas, de modo tal que os consulentes precisam inferir seus significados.

Como vimos em vários verbetes, a ausência da marcação pode levar o usuário a considerar os significados como neutros por não estarem destacados por nenhum tipo de etiqueta que ressalte suas restrições, o que podemos entender como uma interferência direta daquilo que seu lexicógrafo acredita e, portanto, manifestando intencionalmente sua ideologia ao descrever o léxico em sua obra.

Ainda constatamos que a escolha dos rótulos não é explicitada, logo, os consulentes não têm acesso às razões do estabelecimento deles. Mesmo assim, o que ficou evidente é a necessidade de uma readequação com vistas a uma possível ampliação das marcas nos dicionários, sobretudo para que haja uma convergência em seu emprego. Acreditamos que toda unidade lexical mereça se tornar uma unidade lexicográfica, quer dizer, todo e qualquer item lexical tem o direito de compor a nomenclatura de um dicionário, independentemente da restrição que possa carregar e que deva ser ressaltada pela etiquetagem.

No decorrer desta pesquisa, foram levantados diversos aspectos referentes às marcas de uso e sua relação à variação linguística, visto que há nuances implícitas que o consulente não é capaz de descobrir naturalmente ao buscar por um significado nos dicionários. Claramente, constatamos perspectivas de etiquetagem diferentes nas obras do *corpus* acerca de como é percebida a variação por seus lexicógrafos.

À vista dessas considerações, deparamo-nos com um arcabouço teórico senão lacunar, repleto de incompletudes, no qual a Lexicografia possa se amparar para a instauração de uma classificação que seja, senão unânime, uniforme a respeito das marcas de uso, evitando abordagens superficiais, tendenciosas e díspares nos dicionários. Por isso se evidencia pertinente um exame mais sensível na descrição teórica e na análise dessas etiquetas, bem como na problematização de sua ausência, que poderiam (e deveriam) ser objeto de investigações lexicográficas futuras.

É preciso que haja um relacionamento harmônico, entre obra e consulente, além de critérios categóricos para a compilação de uma nomenclatura voltada a um público-alvo específico para que se evite a ocorrência de equívocos linguísticos por parte do consulente ao fazer uso das obras lexicográficas, por isso uma consonância entre os dicionários se faz necessária. Além disso, a questão da regularidade e padronização das marcas de uso deveria ser

pensada para a formulação microestrutural, visto que, conforme os exemplos analisados, não se evidencia um rigor científico que se pressupõe vital à feitura dessas obras.

Como se sabe e se verificou, as marcas de uso se fazem presentes para restringir os significados nos verbetes; conseqüentemente, as microestruturas irão variar nos dicionários analisados com bastante frequência, seja na apresentação gráfica das marcas, seja na ordenação das acepções marcadas, seja na escolha consciente da presença, ou não, da variação linguística por parte dos lexicógrafos. Há marcas diatópicas que são utilizadas, mas até que ponto, de fato, os limites geográficos são garantidos pelos lexicógrafos? Brasileirismo ou regionalismo? É uma escolha que pode favorecer ou inferiorizar uma comunidade linguística. Quando um item gírio deixa de pertencer a apenas um grupo social? Como os futuros lexicógrafos irão lidar com os estrangeirismos e os neologismos e as marcas que os identificam? Em que momento os consulentes vão encontrar os estrangeirismos que deixaram de ser neologismos e foram incorporados aos dicionários?

Em termos de localização espacial, embora estejam sempre na microestrutura, verificamos duas posições para as marcas de uso: (i) logo após a cabeça do verbete, advertindo o consulente que todas as acepções seguintes possuem a mesma restrição de uso; (ii) antes ou depois da indicação numérica de cada acepção para alertar que apenas essa possui restrições. É importante mencionar que os dicionários possuem tratamentos gráficos diferentes com o intuito de facilitar (otimizar) a leitura dos sentidos nos verbetes.

Como se pôde observar, a ausência e a não padronização das marcas de uso nas acepções das unidades lexicográficas abalam a função descritora dos dicionários. Nossa proposta de marcação dupla almeja contribuir com os estudos dessa questão, permitindo a um lexicógrafo realizar um tratamento mais detalhado sobre as restrições de uso. Com a nossa sugestão de sistematização pretendemos oferecer melhores condições de emprego da unidade lexical para o consulente, permitindo também ao lexicógrafo ponderar mais detalhadamente sobre a restrição observada na sociedade e evitar incoerências flagrantes nas obras dicionarísticas.

Esperamos que nossa pesquisa tenha contribuído (i) para o estudo histórico das marcas, (ii) para a busca da marca na nomenclatura do dicionário e (iii) para a discussão sobre as intersecções e interpretações sobre as marcas em diferentes obras lexicográficas e que, assim, possa estimular novos pesquisadores para desbravar a seara das possibilidades de utilização desse recurso lexicográfico, dado que os estudos metalexicográficos padecem de pesquisas brasileiras que se debrucem sobre as marcas de modo mais aprofundado, podendo estabelecer novas conexões, possibilitando caminhos para diferentes frentes de estudos, quais sejam:

- Lexicografia Geral: comparação das marcas de uso estudadas nesta pesquisa a outras, auxiliando um lexicógrafo que, ao produzir seu dicionário, tenha à frente dificuldades acerca da inserção de suas marcas de uso, uma vez que, quanto mais bem arquitetada for, melhor será sua elaboração microestrutural;
- Lexicografia histórica e Lexicologia: abordagem da presença de marcas diacrônicas em dicionários (por exemplo, nos escolares), verificação e coleta de palavras-chave (como “antigo”), buscando compreender os sentidos que as unidades adquiriram em seu percurso de existência e se houve alguma mudança em relação à sua circulação na sociedade, demonstrando um caráter histórico-documental;
- Lexicografia e Fraseologia: estudo sobre o registro de fraseologismos nos dicionários, pois, como vimos, há aqueles marcados em razão de algum tipo de restrição, o que pode ser fruto de investigação científica;
- Lexicografia, Sociolinguística e Dialectologia: contribuição das marcas para registros mais precisos da variação linguística identificada na sociedade;
- Lexicografia e Terminologia: verificação referente ao modo como as marcas de uso também podem figurar como termos indicativos de restrições a áreas específicas, dado que nosso estudo poderia auxiliar acerca da preocupação em se utilizar uma variedade maior de termos em dicionários escolares; pesquisas que investiguem a extração de termos que possam ser utilizados como marcas a partir de um *corpus*;
- Lexicografia e Linguística de *Corpus*: ferramentas científicas mais modernas de pesquisa, proporcionadas pela Linguística de *Corpus*, podem possibilitar o aprimoramento e a verificação do emprego das marcas de uso, além de uma análise estatística para confirmação da ocorrência de determinada restrição de uso;
- Lexicografia Pedagógica: levantamento de estratégias de ensino, que proporcionem reflexões sobre as restrições de uso dos vocábulos, tendo em vista que o *PNLD: Dicionários* completa uma década desde sua última atualização, acreditamos que uma nova edição precise ser elaborada, visto que o Brasil mudou muito nesses últimos anos, consequentemente, o léxico circulante, sobretudo, entre o público estudante, não é o mesmo, portanto, nosso estudo pode contribuir para a elaboração de futuros dicionários que poderiam contemplar a próxima edição desse Programa.

Como se percebe, as possibilidades são variadas e ultrapassam as fronteiras da Lexicografia, desdobrando-se para outras áreas. Por isso cabe aos pesquisadores realizarem investigações sobre as marcas de uso e como melhor aproveitarem esse recurso a fim de

produzirem dicionários que reflitam, o mais fielmente possível, os significados circulantes na sociedade. Com efeito, as marcas poderão contribuir à comunidade linguística, garantindo repertórios lexicográficos mais detalhados aos potenciais consulentes, cuja elaboração se evidencie em um produto final funcional em termos de sua coerência e pragmatismo. À vista desse contexto interdisciplinar de possibilidades, esperamos também colaborar para uma interface entre as ciências do léxico e demais estudos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S. O filólogo Antenor Nascentes e os estudos lexicais. *Anais da IX Semana de mobilização científica*. Universidade Católica do Salvador, UCSAL, Brasil, 2008.
- ABL. Academia Brasileira de Letras. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2008. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/dicionario-escolar-da-lingua-portuguesa>. Acesso em: 19 jun. 2022
- ALVES, I. M. Qual foi o primeiro dicionário?. *Superinteressante*, São Paulo, p. 34-34, 10 dez. 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pedra-de-roseta/>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- ANOCÍBAR, A. E. *Empréstimos do espanhol em dicionários gerais de língua portuguesa: proposta para seu tratamento e marcação*. 2016. 235f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2016.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Ed. Parábola, 2007.
- ARAÚJO, E. M. V. O dicionário monolíngüe para aprendizes: uma ferramenta de ensino/aprendizagem. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, v. 6, n. 2, p. 253-272, 2007a.
- ARAÚJO, E. M. V. *O dicionário para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino e aprendizagem*. 2007. 233f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007b.
- ATKINS, B. T. S.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, D. Las marcas de uso en los diccionarios monolingües destinados a la enseñanza de ELE. In: *El español en contextos específicos: enseñanza e investigación*. Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera, 2010. p. 249-268.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAJO PÉREZ, E. *Los diccionarios: introducción a la historia de la lexicografía del español*. Gijón: Ediciones Trea, 2000.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.
- BARBOSA, M. A. A terminologia e o ensino da metalinguagem técnico-científica. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2004. p. 311-325.

BARROSO, G.; LIMA, H. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Civilização Brasileira, 1938.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. Editora Ática, 1995.

BASÍLIO, M. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. especial, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38007/25706>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BATTANER ARIAS, P.; LÓPEZ FERRERO, C. *Introducción al Léxico, componente transversal de la lengua*. Madrid: Cátedra, 2019.

BÉJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: A study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics*, v. II, n. 3, p. 207-222, 1981.

BÉJOINT, H. *Modern lexicography: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BÉJOINT, H. *The Lexicography of English*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. Two opposing theories: On H.E. Wiegand's recent discovery of lexicographic functions. *HERMES-Journal of Language and Communication in Business*, n. 16, v. 31, p. 171-196, 2003. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/her/article/view/25743>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. Electronic dictionaries: old and new lexicographic solutions. *HERMES-Journal of Language and Communication in Business*, n. 34, p. 7-9, 2005.

BERNARDO, J. C. O. Dispositivos móveis digitais na incrementação do processo de ensino e aprendizagem: *mobile learning* no rompimento de paradigmas. *Revista Edapeci*, São Cristóvão (SE), v. 13, n. 1, p. 141-157, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/925>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BERTONHA, F. H. C. *Proposta lexicográfica sinonímica: locuções adverbiais e prepositivas com 'a', 'de' e 'em'*. 2018. 161f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, São José do Rio Preto / SP, 2018.

BERTONHA, F. H. C. Etiquetagem: considerações acerca de algumas marcas diaevaluativas em dicionários. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 49, p. 1234-1254, 2020a.

BERTONHA, F. H. C. Marcas de uso em dicionários do Tipo 2, comparando-as a HO e AU. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 5004-5017, 2020b.

BERTONHA, F. H. C. *DMRV, DBFJ e D LAP*: um decênio de pesquisas lexicográficas. In: ALMEIDA, M. A. R.; SILVA, M. O.; PIRES, M. G. G. (org.). *Ciências do léxico e Filologia*

em foco: contributos para a história da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2020c, v. 1. p. 78-113.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Dinamismo lexical nas redes sociais: contribuições para a Lexicografia. *Calidoscópio*, v. 15, n. 1, p. 407-416, 2017a.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. *Lexicografia e Direito*: DBFJ contribuindo com os estudos da fraseologia jurídica. In: SIMÃO, A. K. G.; ZAVAGLIA, C. (org.). Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos. 1 ed. São José do Rio Preto / SP: UNESP/IBILCE, 2017b, v. 1. p. 114-131.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Dicionário e locuções: uma proposta bilíngue (português-italiano). *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 48, n. 2, p. 669-687, 2019.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. A contribuição das marcas de uso diatécnicas para tradutores técnicos: usuários das línguas de especialidade. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, p. 71-85, 2022a.

BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Marcas de uso diastráticas nos dicionários do PNLD: tabuísmo e chulismo. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 51, p. 64-88, 2022b.

BIDERMAN, M. T. C. A Estrutura Mental do Léxico. In: BORBA, F. S. (org.). *Miscelânea Homenagem A I. S. Salum. Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1981. p. 131-145.

BIDERMAN, M. T. C. *A ciência da Lexicografia*. *Alfa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*. São Paulo: 1996. p. 27-46. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. *Dicionário didático de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998a.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Língua Portuguesa. Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, v. 2, p. 81-118, 1998b.

BIDERMAN, M. T. C. Aurélio: sinônimo de dicionário?. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 27-55, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4198>. Acesso em: 19 jun. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume I. 2. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 135-144, 2001b. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume I. 2. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001c. p. 131-144.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística: Teoria Lexical e Lingüística Computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001d, v. 1. 261p.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. *Filologia Linguística Portuguesa*, n. 5, p. 85-116, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59701>. Acesso em: 12 out. 2021.

BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003.

BISCONTI, V. Le Dictionnaire de la langue française d'Émile Littré : limites d'un modele. Chapitre I. In: BISCONTI, V. *Le sens en partage: Dictionnaires et théories du sens*. XIXe–XXe siècles. Lyon: ENS Éditions, 2017. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/8679>. Acesso em: 12 out. 2021.

BIZZOCCHI, A. L. Os problemas da classificação tradicional das unidades léxicas e uma proposta de solução: o critério sêmio-táxico. *Alfa*, São Paulo, v. 43, p. 89-103, 1999.

BIZZOCCHI, A. L. É correto ser politicamente correto? *Revista Língua Portuguesa*, v. 3, n. 30, 2008.

BLOOMFIELD, L. *Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem* [1926]. In: DASCAL, M. (org.) *Concepções gerais da teoria linguística*. São Paulo: Global, 1978. p. 45-60.

BORBA, F. S. *et al. Dicionário de usos do português do Brasil*. Ed. Ática, 2002.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma interpretação à lexicografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

BORBA, F. S. *Léxico e herança social*. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 10. p. 81-96.

BORGES, J. L. *Pierre Menard, autor de Quixote*. Tradução de Carlos Nejar. In: BORGES, J. L. *Ficções*. Porto Alegre: Globo, p. 29-38, 1970.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós cheguemos na escola, e agora?: sociolingüística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOUTIN-QUESNEL, R. *et al. Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la langue française).

BRASIL. Senado Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. República Federativa do Brasil. *Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon O. Rangel]*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários).

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. 3ª versão revista. Brasília: MEC, 2017. 396 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BREWER, C. Authority and Personality: usage labels in the Oxford English Dictionary. *Transactions of the Philological Society*, v. 103, p. 261-301, 2005.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. La etimología en el diccionario de la lengua. *Revista Letras (Curitiba)*, Curitiba (Paraná), v. 64, p. 173-188, 2004a.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. *Crítérios para a classificação de obras lexicográficas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004b.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. *Alfa: Revista De Linguística (Unesp. Online)*, v. 58, p. 215-231, 2014.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. A propósito de tres diccionarios de DaF. *Pandaemonium Germanicum (Online)*, v. 22, p. 67-96, 2018.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. *A estruturação de um dicionário*. In: BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. (org.). *Manual de (Meta)lexicografia*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019a, v. 1. p. 17-32.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. *Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa*. In: BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C. M. (org.). *Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC / NUT, 2008. p. 129-167.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Proposta de um modelo de avaliação de dicionários escolares de língua portuguesa. In: SILEL – Simpósio Nacional de Letras e

Linguística; Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013, Uberlândia. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2013, v. 3, p. 1-20.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. Lexicografia pedagógica: existe? In: BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. (org.). *Manual de (Meta)Lexicografia*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019a. Capítulo 16, p. 140-144. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/metalexigrafia/manual-de-meta-lexicografia>. Acesso em: 19 fev. 2022.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. (org.). *Manual de (meta)lexicografia*. 1. ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019b. 166 p.

CAMACHO BARREIRO, A. M. Las marcas sociolingüísticas en una muestra de la lexicografía cubana: tipología y evolución. *Revista de Lexicografía*, v. XIV, 2008, p. 43-58.

CANO, W. M. Os arcaísmos no dicionário Aurélio. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume IV. Campo Grande: Editora da UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 351-362.

CARBALLO, M. A. C. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Editorial Ariel, S.A.: Barcelona, 2003.

CARMO, L. A. F. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. 346f. 2t. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/6129/1/Laura%20Aparecida%20Ferreira%20do%20Carmo_Tese%20v%201%20e%202.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

CASARES, J. Semântica e Lexicografia. Tradução de Balbina Lorenzo Feijóo-Hoyos. *Alfa*, São Paulo, n. 28, p. 71-101, 1984.

CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Editorial CSIC-CSIC Press, 1992.

CASAS GÓMEZ, M. *Consideraciones sobre la variación diafásica*. Universidad de Cádiz. 1993. Disponível em: <https://rodin.uca.es/bitstream/handle/10498/8722/17851476.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CASTELEIRO, J. M. *et al.* (coord.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001, 2 vols., 3809p.

CASTILHO, A. T. *Gramática do Português Brasileiro*. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILLO PEÑA, C. *Las marcas de uso en los modernos diccionarios bilingües español-italiano*. In: SAN VICENTE, F. (ed.). *Perfiles para la historia y crítica de la lexicografía bilingüe del español*. Polimetrica International Scientific Publisher: Monza (Itália), 2007. p. 39-58.

CAVALCANTE, M. S. D. Palavra por palavra: o estudo do léxico no livro didático de língua portuguesa. In: NADIN, O. L.; FERREIRA, A. A. G. D.; FARGETTI, C. M. (org.). *Léxico e Ensino*. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2015. v. 1. p. 23-32. 144p.

CINOTTI, R. Alcune note sulle marche della lessicografia italo-catalana. La variazione diatopica, diastratico-diafasica e diatecnica. *Quaderni del CIRSIL*, v. 5, 2006.

CLIMENT DE BENITO, J. *El uso del diccionario bilingüe castellano/valenciano como instrumento didáctico en los ciclos de enseñanza secundaria obligatoria y bachillerato*. 2005. 1914f. Tese (Doutorado) Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura, Universidad de Alicante, Alicante (Espanha), 2005.

CONCEIÇÃO, M. P. *Vocabulário e consulta ao dicionário: analisando as relações entre experiências, crenças e ações na aprendizagem de LE*. 2004. 287f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004a.

CONCEIÇÃO, M. P. A influência da tarefa proposta e a retenção de itens lexicais na utilização da estratégia uso do dicionário. *Estudos Lingüísticos*, v. 7, p. 131-142, 2004b.

CORREIA, M.; FERREIRA, J. P. O papel dos dicionários e dos vocabulários ortográficos na constituição da norma. In: LOPES, P. M. (org.). *O português no século XXI*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 297-318.

COROA, M. L. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (org.) *Dicionários Escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 61-72.

CORRÊA, L. Dicionário eletrônico onomasiológico ↔ semasiológico do português brasileiro/espanhol rioplatense para o Mercosul. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume VI. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2012. p. 353-368.

CORREIA, M. Terminologia e Lexicografia Computacional. In: CABRÉ, M T. *Cicle de conferències*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 83-91, 1996.

CORREIA, M. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 155-171, 2006.

CORREIA, M. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Caminho – Glossário. 2009.

COSERIU, E. Los conceptos de ‘dialecto’, ‘nivel’ y ‘estilo de lengua’ y el sentido propio de la dialectología. *Lingüística Española Actual*, Barcelona, v. 3, n. 1, p. 1-32, 1981.

COSTA, E. Dicionario da Língua Brasileira: contribuições para a memória da Lexicografia brasileira. In: FERREIRA, A. A. G. D’O.; FARGETTI, C. M.; MURAKAWA, C. A. A. (org.). *Variedades do léxico*. Araraquara: Letraria, 2015. p. 33-40. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2016/01/VARIEDADES-DO-L%C3%89XICO-LETRARIA.pdf#page=33>. Acesso em: 08 jul. 2022.

COSTA, R. P. Implicações da concepção de léxico na formação do professor de língua materna. *Revista GTLex*, v. 1, n. 1, p. 110-119, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/31809>. Acesso em: 08 jul. 2022.

DAL FABBRO, D. *O dicionário enquanto documento identitário das comunidades linguísticas ameríndias*. Anuário da Produção Acadêmica Docente (Anhanguera Educacional, Valinhos), v. 1, p. 227-236, 2007.

DAMIM, C. P. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. 230f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa em Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre / RS, 2005.

DAMIM, C.; PERUZZO, M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, Brasil, v. 2, n. 18, p. 93-113, 2006.

DE SCHRYVER, G.-M. Lexicographers' Dreams in the Electronic-Dictionary Age. *International Journal of Lexicography*, Oxford, v. 16, n. 2, p. 143-199, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/ijl/article-abstract/16/2/143/925134>. Acesso em: 15 jan. 2022.

DICCIONARIO HISTÓRICO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Real Academia Española De La Lengua*. Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE. *Académie française*. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/le-dictionnaire/la-9e-edition>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Lingüística*. 10. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferreti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elisabeth Leuba Salum, Valter Kehdi. São Paulo: Editora Cultrix, 1998. (*Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973).

DURÃO, A. B. A. B.; BOLZAN, R. M. A formação docente em lexicografia e a realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula. *Eutomia*, Recife, v. 4, p. 323-345, 2011.

DURÃO, A. B. A. B.; ZACARIAS, R. A. S. Efeito do uso de dicionários bilíngües escolares na produção escrita de aprendizes de inglês. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, v. 6, n. 2, p. 181-197, 2007.

ETTINGER, S. La variación lingüística en Lexicografía. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 359-394.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*. v. 111, p. 31-57, 1997.

FARIAS, V. S. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 286f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

FARIAS, V. S. *Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos*. Porto Alegre, 2013. 399f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2013.

FARIAS, V. S. Descrição do léxico em dicionários escolares: Proposta para o layout de verbetes de substantivos, adjetivos e verbos. *Travessias (UNIOESTE. Online)*, v. 8, p. 522-549, 2014.

FARIÑAS, L. F. A. Las Presentaciones de los diccionarios escolares. Breve historia de un elemento didáctico olvidado por las editoriales, los profesores y los usuarios. *Glosas Didáticas*, n. 6, 2001. Disponível em: <http://sedll.org/doces/publicaciones/glosas/n6/alzola.html>. Acesso em: 01 maio 2022.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 50, 2011.

FERNANDES, F.; GUIMARÃES, F. M. *Dicionário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1953.

FERNANDES, H. Y. S.; SILVA, M. C. P. Hip Hop na aula de FLE: aprendendo e ensinando o léxico não-padrão. *Estudos Linguísticos*, n. 40, v. 1, p. 251-64, 2011. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/Vol.40-n.1-Integra.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FERRAZ, A. P. (org.). *O léxico do português em estudo nas sala de aula II*. Araraquara: Letraria, 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Versão eletrônica, 1993.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. rev. e ampl. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FINDLAW. *Chisholm v. State of GA*. 1793. Disponível em: <https://caselaw.findlaw.com/us-supreme-court/2/419.html>. Acesso em: 05 set. 2022.

FORNARI, M. K.; BUGUEÑO MIRANDA, F. Análise do dicionário de usos do português do Brasil. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, p. 247-259, 2006.

FINATTO, M. J. B. Da lexicografia brasileira (1813-1991): A microestrutura dos dicionários gerais de língua. *Linguística – ALFAL*, v. 08, p. 53-87, 1996.

FIORIN, J. L. Norma e Dicionário. In: ZAMBONIM, D. J. (org.). *Estudos sobre Lexicografia*. Ano VII, n. 1. Araraquara: Ed. da UNESP, 1993. p. 93-104.

FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite S A Ed., 1939-1944. 5v.

FUERTES-OLIVERA, P. A.; NIÑO-AMO, M. Internet dictionaries for communicative and cognitive functions: el diccionario inglés-español de contabilidad. In: FUERTES-OLIVERA, P. A.; BERGENHOLTZ, H. (ed.). *e-Lexicography: The Internet, Digital Initiatives and Lexicography*. London: Continuum, 2011. p. 168-186.

FUERTES-OLIVERA, P. A.; TARP, S. *Theory and Practice of Specialised On-line Dictionaries: Lexicography versus Terminography*. Berlin: Walter de Gruyter, 2014.

GANEAU, E. *Dictionnaire de Trevoux*. Reediciones citadas. Paris: Viuda Delaulne, 1704. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Dictionnaire_de_Tr%C3%A9voux/1re_%C3%A9dition,_1704/Introduction. Acesso em: 15 jun. 2022.

GARCIA, D. A. Dois dicionários no Brasil do século XIX: uma língua brasileira ou uma mesma língua portuguesa?. *Fragmentum (UFSM)*, v. 26, p. 13-28, jul./set. 2010.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003. p. 103-126.

GIACOMINI, G. I. *A obra lexicográfica de Francisco da Silveira Bueno*. 2007. 192f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2007.

GIL, B.; ARANHA, S. Um estudo do gênero abstract na disciplina de Antropologia: a heterogeneidade da(s) área(s). *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. impresso)*, v. 33, p. 843-871, 2017.

GLATIGNY M. *Les Marques d'usage dans les dictionnaires français monolingues du XIXe siècle*: jugements portés sur un échantillon de mots et d'emplois par les principaux lexicographes. Tübingen: Niemeyer, 1998.

GOMES, D. F. *O uso do dicionário bilíngüe na produção escrita em alemão como língua estrangeira*. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GOMES, P. V. N. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. *Dicionários escolares: políticas, formas & usos*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 141-154, 2011.

GRAND DICTIONNAIRE UNIVERSEL DU XIX^e S. *Laurosse*. Disponível em: https://www.larousse.fr/encyclopedie/oeuvre/Grand_Dictionnaire_universel_du_XIX_e_s/116449. Acesso em: 15 jun. 2022.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus linguísticos*. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]: Universidade Federal do Paraná, 1979, v. 15.

GUTIÉRREZ CUADRADO, J. Ideología e lexicografía. In: VICENTE, F. S.; GARRIGA ESCRIBANO, C.; LOMBARDINI, H. E. Ideolex. *Estudios de Lexicografía e Ideología*, 2011. p. 25-66.

HAENSCH, G. *et al. La Lexicografía*: de la Linguística teórica a la Lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*: de la linguística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 95-187.

HARTMANN, R. R. K. Dictionaries, Learners, Uses. Some Issues in Lexicography. *Applied Linguistics*, v. II, n. 3, p. 297-303, 1981.

HARTMANN, R. R. K; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 1998.

HARTMANN, R. Issues in dictionary research. In: HARTMANN, R. (coord.). *Teaching and Researching Lexicography*. Harlow: Longman, 2001. p. 99-109.

HAUSMANN, F. J. Le dictionnaire de collocations. In: HAUSMANN, F. J. et al. *International encyclopedia of lexicography*. v. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1990. p. 1010-1019.

HEDRA. *Sobre*. Editora Hedra. 2021. Disponível em: <https://www.hedra.com.br/shop>. Acesso em: 19 jun. 2022

HERNÁNDEZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HÖFLING, C. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. 376f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HUMBLÉ, P. O estudo da tradução e os dicionários. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 44, n. 2, p. 233-246, 2005.

HWANG, Á. D. Lexicografia: dos primórdios à nova lexicografia. In: HWANG, Á. D.; NADIN, O. L. N. (org.) *Linguagens em interação III: Estudos do Léxico*. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-45.

IRIARTE SANROMÁN, Á. *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmemas*. 2001. 441f. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada) – Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2001.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (org.). *História, região e identidades*. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

JACKSON, H. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.

KASAMA, D. Y. *Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros*. 2015. 207f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

KRIEGER, M. G. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução (UFSC)*, v. 18, p. 235-252, 2006a.

KRIEGER, M. G. Tipologias de dicionários: registro de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio (UNISINOS)*, v. 04, p. 141-147, 2006b.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007. p. 295-309.

KRIEGER, M. G. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

KRIEGER, M. G. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a Lexicografia. In: *Confluência*. Rio de Janeiro, n. 46, 2014.

KRIEGER, M. G.; WELKER, H. A. Questões de lexicografia pedagógica. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 103-113, 2011.

KRIEGER, M. G. *et al.* O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418>. Acesso em: 12 jul. 2022.

KWARY, D. A. Adaptive Hypermedia and User-Oriented Data for On-line Dictionaries: A Case Study on an English Dictionary of Finance for Indonesian Students. *International Journal of Lexicography*, Oxford, v. 25, n. 1, p. 30-49, 2011.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392p.

L'ACCADEMIA OGGI. *Accademia Della Crusca*. 2011. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/storia/6981>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LA 9^e EDITION. *Académie française*. 2009. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/le-dictionnaire/la-9e-edition>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LADEIRA, A. P. *Processamento de linguagem natural: caracterização da produção científica dos pesquisadores brasileiro*. 2010. 259f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

LANDAU, S. I. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. 2. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 477 p.

LARA, L. F. Sociolinguística del diccionario del español de México. *International Journal of the Sociology of Language (Berlin)*, n. 96, p. 19-34, 1992.

LARA, L. F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2004. p. 133-152.

LARA, L. F. *Curso de lexicologia*. México. D.F. El Colegio de Mexico, 2006.

LEFFA, V. J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, n. 18, p. 319-340, 2006.

LE GUERN. Le « Dictionnaire » de Trevoux (1704). *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, n. 35, p. 51-68, 1983. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1983_num_35_1_2402. Acesso em: 15 jun. 2022.

LENDL, A. Dicionários eletrônicos online: um estudo dos aspectos multimodais. *Hipertextos Revista Digital*, v. 20, n. 1, p. 160-178, 2019.

LEW, R.; DE SCHRYVER, G.-M. Dictionary users in the digital revolution. *International Journal of Lexicography*, v. 27, n. 4, 2014, p. 341-359.

LIMA, I. S. Luís Maria da Silva Pinto e o Dicionário da Língua Brasileira (Ouro Preto, 1832). *Humanas*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 33-67, 2006.

MAPURUNGA, J. R. S.; MATOS, T. G. R. Um grupo focal para a análise psicanalítica das representações sociais do politicamente correto. In: SILVA, M. C. A. (org.). *As Ciências da Vida frente ao Contexto Contemporâneo* 3. 1. ed. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020, v. 3, p. 189-197. Disponível em: <file:///C:/Users/Bertonha/Downloads/b0fb6121b69010e98ab3c39c354e23b398655f00.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.

MARANHÃO, S. M. *O registro de arabismos nos dicionários Novo Aurélio Século XXI, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e DICMAXI MICHAËLIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. 2011. 375 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

EDO MARZÁ, N. Lexicografía Especializada y Lenguajes de Especialidad: Fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. *Linguística* [online], v. 27, n. 1, p. 98-135, 2012.

MATTOSO CAMARA JR. J. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1964a.

MATTOSO CAMARA JR. J. *Princípios de Lingüística Geral*. Como Introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964b.

MATTOSO CAMARA JR. J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MAZIÈRE, F. *Les marques de fabrique. Marquage et marques de domaine dans les dictionnaires classiques, du Furetière aux Trévoux*. Lexique 9: les marques d'usage dans les dictionnaires (XVIIe-XVIIIe siècles). GLATIGNY, M. (ed.). PUL, 1990, p. 89-111.

MOLINA GARCÍA, D. *Fraseología Bilingüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Editorial Comares, 2006.

MORAES, A. C. *A utilização de dicionários de língua portuguesa em salas de aula do ensino fundamental*. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

MORAIS E SILVA, A. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portuguesa-recompilado-dos-vocabularios-impressos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MOREIRA, G. L. *O uso do dicionário monolíngue na sala de aula: uma ferramenta para compreensão leitora em língua espanhola por alunos avançados de espanhol/LE*. 2009. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.

MUÑOZ NÚÑEZ, M. D. *La polisemia léxica*. Cádiz: Universidad de Cádiz. 1999.

MURAKAWA, C. A. A. Tradição lexicográfica em língua portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume I. 2. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001. p. 153-159.

NASCENTES, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943 [1967]. 4v.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/55663019/diccionario-etimologico-da-lingua-portuguesa-de-antenor-nascentes/47>. Acesso em: 30 jun. 2022.

NASCIMENTO, I. P. S. Marcas de uso em dicionários dialetais brasileiros do século XX. *Revista Philologus*, v. 27, n. 79 Supl., p. 787-801, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2021.

NOMDEDEU RULL, A. Bases para la sistematización de los niveles y registros en un diccionario pragmático. In: GARCÉS GÓMEZ, M. P. (org.). *Lexicografía teórica y aplicada*. Coruña, Universidade da Coruña, 2014. [Anexo da *Revista de Lexicografía*, n. 26, p. 275-290.]

NUNES, J. H. Levantamento bibliográfico de dicionários brasileiros de língua portuguesa: uma interpretação discursiva. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*. 1978, Campinas, v. XXXIII, p. 805-810, 2004.

NUNES, J. H. As palavras, o espaço e a língua: o vocabulário pernambucano. In: *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 12, p. 43-56, 2006a.

NUNES, J. H. Nomenclatura de dicionário e redução da hiperlíngua brasileira. *Histoire Épistémologie Langage* (imprimé), v. 28, n. 2, p. 63-84, 2006b.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: Análise e História do Século XVI ao XIX*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006c. v. 1. 254p.

NUNES, J. H. A invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, v. 5, n. 2, p. 159-172, 2013.

NUNES, J. H.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. M. Discurso e urbanidade: o documentário e o dicionário no espaço da cidade. In: *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, v. 5, n. 1, p. 85-93, 2008.

OLIVEIRA, R. A.; NADIN, O. L. Seleção e análise de contextos de uso em corpora de língua espanhola: reflexões sobre candidatos a exemplos lexicográficos. *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v. 4, n. 2, 2018. p. 281-301. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/viewFile/11844/7785>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ORLANDI, E. P. Discursive lexicography. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.97-114, 2000.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Itens lexicais tabus: “usá-los ou não. Eis a questão”. *Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)*, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. *Oxford learner's dictionaries*. Disponível em: <http://www.oed.com/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PARREIRA, M. C. S. *Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês - português e português - francês*. 2002. 266 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

PARREIRA, M. C. S. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007. p. 283-294.

PARREIRA, M. C.; SCHINELO, R. F. Vocábulos triviais do português brasileiro: da oralidade ao dicionário. In: V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2017, Lecce-It. De volta ao futuro da língua portuguesa. *Atas do V SIMELP*. Lecce, Itália: Università del Salento, 2017. v. 1. p. 1013-1026. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17844/15201>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PEREIRA, L. M. S. O dicionário na era digital: o uso de dicionários eletrônicos nas aulas de Língua Inglesa. *São Cristóvão (SE)*, v. 17, n. 3, p. 110-121, set./dez. 2017.

PEREIRA, R. R. Estrutura Lexicográfica. In: PEREIRA, R. R. *O dicionário pedagógico e a homonímia: em busca de parâmetros didáticos*. 2018. 209f. Tese (Doutorado em Linguística e

Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. Brasileirismos e regionalismos. *ALFA*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 109-120, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046>. Acesso em: 27 fev. 2022.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê*. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

PONTES, A. L. *Multimodalidade em Dicionários Escolares*. Ciências do Léxico Vol. V. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2010.

PORTO DAPENA, J. Á. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Gredos, 2002.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso: Ensaio sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: Queiróz, 1984.

PRETI, D. Dicionários de gíria. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199>. Acesso em: 14 mar. 2022.

PRETI, D. (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

PUENTE GUTIÉRREZ, R. Las marcas en Lexicografía: la marca de materia “Agricultura en el Diccionario de la Lengua de la Real Academia”. *Boletín de la Real Academia Española*, v. 80, n. 280, p. 309-332, 2000.

QUEMADA, B. *Lexicology and lexicography*. In Current Trends in Linguistics (vol. LX) ed. by T.A. Sebeok et al. The Hague: Mouton, 1972.

RAE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA DE LA LENGUA. *Sítio Web de la Real Academia Española de la Lengua*. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

RANGEL, E. O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (org.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 37-60.

RANGEL, E. O.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

REY, A. Typologie génétique des dictionnaires. In: REY-DEBOVE, J. (ed.). *Langages*, 5^e année, n. 19, 1970. La lexicographie. p. 48-68. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1970_num_5_19_2591. Acesso em: 27 fev. 2022.

REY, A. *Le lexique: images et modèles: du dictionnaire à le lexicologie*. Paris : Armand Colin, 1977.

REY, A. *De l'artisanat des dictionnaires à une science du mot: images et modèles*, Paris, Armand Colin, 2008.

REY-DEBOVE, J. Le domaine du dictionnaire. In: REY-DEBOVE, J. (ed.). *Language* v. 19, p. 3-34, 1970a.

REY-DEBOVE, J. Les limites de l'application de la linguistique à la lexicographie (dictionnaires de langue monolingues). *Babel*, v. 14, n. 1, p. 25-29, 1970b.

REY-DEBOVE, J. *Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. The Hague, Paris, Mouton, 1971.

REY-DEBOVE, J. Léxico e Dicionário. *Alfa*. São Paulo, 28 (supl.), p. 45-69, 1984.

REY-DEBOVE, J. Typologie des dictionnaires généraux monolingues de la langue actuelle. *Quaderni del CIRSIL*, v. 4, 2005. Disponível em: www.lingue.unibo.it/cirsil. Acesso em: 05 maio 2022.

RIBOLDI, A. *Tabu, preconceito, gay, lésbica, homofobia, metrossexual*. 2012. Disponível em: http://www1.prefpoa.com.br/pwcidadao/default.php?reg=84&p_secao=158. Acesso em: 05 maio 2022.

RODRIGUES PEREIRA, R.; ZACARIAS, R. A. S.; NADIN O. L. Léxico, ensino e suas interfaces. *REVISTA GTLEX*, v. 5, p. 6-22, 2019.

RODRÍGUEZ BARCIA, S. *Diccionario y sociedad*. Saabrücken, Alemanha: Editorial Académica Española, 2011.

RODRÍGUEZ BARCIA, S. *Introducción a la Lexicografía*. Madrid: Síntesis, 2016.

RODRIGUEZ DÍEZ, B. Las marcas en los diccionarios generales de lengua. *Estudios humanísticos. Filología*, n. 25, 2003, p. 139-157.

ROSSI, M. *Autonymie et monstration du signe dans les dictionnaires pour enfants*. In: Actes du colloque International Le fait autonymique dans les langues et les discours, Syled (Systèmes, langues, énonciation et discursivité). Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3). 2000.

RUNDELL, M. Stop the presses: the end of printed dictionary. *Macmillan Dictionary Blog*, 5 nov. 2012. Disponível em: <http://www.macmillandictionaryblog.com/bye-printdictionary>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RUNDELL, M. Redefining the dictionary: From print to digital. *Kernerman Dictionary News*, Tel Aviv, n. 21, p. 5-7, July 2013. Disponível em: <http://kdictionaries.com/kdn/kdn21.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SANTAMARÍA PÉREZ, M. I. *Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.

SAMANIEGO FERNÁNDEZ, E.; CABELLO DE ALBA, B. P. Conclusions: ten key issues in e-Lexicography for the future. In: FUERTES-OLIVERA, P. A.; BERGENHOLTZ, H. (ed.). *e-Lexicography: The Internet, Digital Initiatives and Lexicography*. London: Continuum, p. 305-311, 2011.

SANTIAGO, M. S. *Análises contrastivas de microestruturas em dicionários escolares*. Pesquisas em Discurso Pedagógico (on-line), v. 2012, p. 1-14, 2012.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. *Minidicionário livre da língua portuguesa*. Hedra Educação, 2011.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. (Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1970 [1916].

SEABRA, C. T. C.; WELKER, H. A. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (org.) *Dicionários na teoria e na prática como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 29-37.

SECO, M. *La lengua coloquial: ‘entre visillos’*. El comentario de textos. Madrid: Castalia, 1985.

SECO, M. *Estudios de Lexicografía Española*. 2. ed. aumentada y revisada. Madrid: Gredos, 2003.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. O.; SILVA, B. C. D. (org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Volume 9. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006. p. 13-44.

SILVA, M. C. P.; SCHINELO, R. F. Entre a fala e a escrita: o lugar dos vocábulos “triviais” da Língua Portuguesa. In: SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. (org.). *Léxico: investigação e ensino*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Dialogarts, 2014. p. 176-194.

SILVA, M. L.; SANTIAGO, M. S. Análise de verbetes em dicionários escolares do tipo 3 do programa nacional do livro didático. *Iniciação Científica (CESUMAR)*, v. 20, n. 2, p. 209-219, 2018.

SILVA PINTO, L. M. *Diccionario da lingua brasileira*. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. 1832. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SOUSA, A. G. F. *Com a palavra o consulente: as relações entre imagem e texto em verbetes ilustrados*. Fortaleza, 2014. 209f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2014.

SOUTO, M. C.; PASCUAL, J. I. P. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003. p. 53-78.

STREHLER, R. G. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. 1997. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 1997.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume I. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p. 171-180.

STREHLER, R. G. A variação diatópica em dicionários, práticas divergentes em francês e português. *Almanaque CIFEFIL*, v. XVI, p. 156-171, 2012.

STREHLER, R. G. A marca ‘POP’ em dicionários de língua portuguesa. *Lusorama*, v. 99-100, novembro de 2014, p. 103-119.

TARP, S. Lexicografia de aprendizes. In: XATARA, C.; HUMBLÉ, P. (org.). *Cadernos de Tradução*. Tradução e lexicografia pedagógica. PGET n. 18. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006, p. 295-317.

TARP, S. Pedagogical Lexicography: Towards a New and Strict Typology Corresponding to the Present State-of-the-Art. *Lexikos*, Stellenbosch, v. 21, p. 217-231, 2011. Disponível em: <https://lexikos.journals.ac.za/pub/article/view/44>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TAVARES, E. Q. *A construção discursiva da identidade nordestina em dicionários de língua portuguesa: uma análise arqueológica*. 2021. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, PB, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21622/1/EmiliaQuerinoTavares_Dissert.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

TEIXEIRA, J. S.-P. Palavra. *Logos-Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, v. 3, p. 1314-1320, Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991, s. v. palavra.

VILARINHO, M. M. O. Marcas de uso: estudo e proposta. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, Campinas, p. 375-396, mai./ago. 2017.

VILELA, M. *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

VOCABOLARIO DEGLI ACCADEMICI DELLA CRUSCA. *Lessicografia della Crusca in rete*. <http://www.lessicografia.it/ricerca.jsp>. Acesso em: 15 jun. 2022.

VOCABULARIO PORTUGUÊS E LATINO. *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/?page_number=6#dic-viewer. Acesso em: 15 jun. 2022.

VOCABULARIO PORTUGUÊS E LATINO. *Biblioteca Nacional de Portugal*. Disponível em <http://purl.pt/14265/4>. Acesso em: 15 jun. 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. 1 ed. 4 reimp. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

WELKER, H. A. *Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2003.

WELKER, H. A. Marcas de uso. In: WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 130-149.

WELKER, H. A. Breve histórico da Metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*, Revista do Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, n. 19, jul-dez. 2006. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/matraca/matraca19/matraca19a04.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

WELKER, H. A. *Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica*. Brasília: Editora Thesaurus, 2008a.

WELKER, H. A. Sobre o uso de dicionários. In: CELSUL 2008 (8º Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul), 2008, Porto Alegre. *Anais do 8º Encontro do CELSUL*, 2008b. p. 1-17.

WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982a. p. 21-94.

WERNER, R. La unidad léxica y el lema. In: HAENSCH, G. et al. *La Lexicografía: de la Linguística teórica a la Lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982b. p. 188-232.

XATARA, C. M. *Dicionário de expressões idiomáticas francês-português/português-francês. Idioma*, 21. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro. UERJ, 2001, p. 19-22. Disponível em: http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a03.pdf. Acesso: 18 jun. 2022.

XATARA, C. M. Projetos em Lexicografia Bilíngüe. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (org.). *Língua Portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 123-132.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica em Lexicografia e Lexicologia*. São José do Rio Preto, 2009. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Lexicografia) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ZAVAGLIA, C. *Análise da homonímia no português: tratamento semântico com vistas a procedimentos computacionais*. 2002. 373f. Tomo 1. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.

ZAVAGLIA, C. *Dicionários Infantis: uma análise de suas microestruturas*. São José do Rio Preto, 2010, 107f. Relatório de estágio de pós-doutoramento. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, SP, 2010. Disponível em: http://claudiazavaglia.com/Formacao_files/2010_dicionarios_infantis_zavaglia_PD.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

ZAVAGLIA, C. *Anais do SILEL*. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.

ZAVAGLIA, C. O “proibido” em dicionários. In: ALVES, I. M.; GANANÇA, J. H. L. (org.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Volume VI. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. p. 9-18.

ZAVAGLIA, C. Os dicionários brasileiros e o palavrício. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 35, p. 1-20, 2019.

ZAVAGLIA, C. *História da Lexicografia*. 25 jan. 2021. Apresentação em Power Point.

ZAVAGLIA, C. Sexismo em dicionários brasileiros. In: MOREIRA, G. L.; COSTA, L. A.; ALVES, I. M. (org.). *Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 127-150.

ZAVAGLIA, C.; NADIN, O. L. Lexicografia Pedagógica. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 12, p. 1921-1933, 2018.

ZGUSTA, L. *Manual of lexicography*. The Hague / Paris: Academia, Mouton, 1971.

ZGUSTA, L. The Role of Dictionaries in the Genesis and Development of the Standard. In: HAUSSMAN, F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, H. E.; ZGUSTA, L. (ed.). *Dictionaries: An International Encyclopedia of Lexicography*, v 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 70-79.

DICIONÁRIOS DO CORPUS

AULETE, C. Aulete Digital. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2021.

BIDERMAN, M. T. C. *Dicionário ilustrado de português*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BORBA, F. S. *Palavrinha viva: dicionário ilustrado da língua portuguesa*. Curitiba: Piá, 2011.

BORBA, F. S.; LONGO, B. N. O.; NEVES, M. H. M.; BAZZOLI, M. B.; IGNÁCIO, S. E. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2004. 1470p

BRAGA, R. C. E.; MAGALHÃES, M. A. F. *Fala Brasil! Dicionário ilustrado da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio ilustrado*. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. (versão eletrônica)

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GEIGER, P. (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HOUAISS, A. (org.); VILLAR, M. S. (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. UOL: Editora Objetiva, 2021. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0. Acesso em: 05 dez. 2021.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaelis).

SARAIVA, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. G. *Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010.

ANEXO I – Verbetes para o levantamento inicial da pesquisa

A seguir, temos 18 entradas selecionadas para o início do estudo, cujas marcas de uso foram evidenciadas em quadros dos capítulos 3 e 5 com vistas às análises desta tese.¹⁷⁹

Entrada “abacaxi”

Dicionário	Definição
FB	<i>sm</i> 1. O abacaxi é uma fruta de casca bem grossa e com folhas pontudas e duras que ficam no alto da fruta. Sua polpa é amarela e tem um perfume agradável. O abacaxi é o fruto do abacaxizeiro. <i>Comeram abacaxi no lanche.</i> 2. informal Um problema difícil de resolver é um abacaxi . <i>Só aparece abacaxi para eu resolver!</i> (p. 15)
DAI	substantivo masculino 1. Planta que dá um fruto grande, de casca grossa e áspera, amarelada. 2. Esse fruto. 3. Coisa difícil e trabalhosa: <i>Que abacaxi! Não sei como vamos resolver isto!</i> (p. 7)
PV	S masc 1 Fruto de polpa branca ou amarelada, cheirosa, envolvida por uma casca grossa em forma de cone ou arredondada e curta, terminando por uma coroa espinhosa. 2 problema complicado e trabalhoso: <i>Montar aquele quebra-cabeças foi realmente um abacaxi.</i> (p. 9)
DIP	<i>s masc.</i> 1. fruta grande de casca grossa e áspera, que dá em planta de folhas alongadas e cheias de espinhos. <i>No Brasil há uma grande produção de abacaxi, especialmente nos estados mais quentes.</i> 2. problema; coisa difícil de fazer, de resolver. <i>O diretor viu-se com um grande abacaxi nas mãos.</i> (p. 13)
AUjr	<i>subst. masc.</i> 1. planta que dá uma fruta (infrutescência) grande, carnosa, comestível, amarelada, de casca escamosa, que tem no alto uma espécie de coroa de folhas duras; ananás. 2. esse fruto; ananás. 3. Popular coisa trabalhosa, complicada. descascar um abacaxi Popular resolver situação complicada, difícil. (p. 33)
SJ	<i>sm</i> 1. Planta nativa do Brasil e cultivada em climas quentes (<i>O pé de abacaxi também pode ser chamado de abacaxizeiro.</i>); 2. fruto de polpa amarela e doce, com casca grossa e coroa de espinhos (<i>A palavra “abacaxi” vem do tupi iwaka’ti: iwa = fruta + ka’ti = que exala perfume</i>); 3. <i>pop</i> situação complicada ou aborrecida (<i>Enfrentar uma prova sem ter estudado é um abacaxi.</i>). (p. 1)
HOc	<i>s.m.</i> 1 planta terrestre da família das bromeliáceas, nativa do Brasil, que traz uma coroa de folhas com beirada espinhosa sobre seus frutos comestíveis, que chegam a 15 cm 2 o fruto dessa planta 3 <i>fig infm</i> problema, complicação. (p. 1)
NAu	Bras. sm. 1. Planta bromeliácea (<i>Ananas comosus</i>), nativa do Brasil, de casca grossa e espinhenta e fruto muito suculento 2. O fruto dessa planta; ANANÁS (2) 3. Pop. Situação ou coisa que encerram complicações ou que podem trazer efeitos desastrosos: <i>resolver um abacaxi.</i> 4. Fig. Pej. Alcinha que se dava depreciativamente aos portugueses 5. Coisa ou pessoa chata, desagradável 6. PE AL Pessoa que dança desajeitadamente [F.: Do tupi <i>iwaka’ti</i> .] Descascar um abacaxi. 1 Bras. Gír. Resolver problema ou enfrentar situação difícil ou desagradável. (p. 1)
MI	abacaxi ¹ <i>sm</i> 1 Bot Variedade das espécies silvestres do gênero Ananás (<i>Ananas sativus</i>). 2 Fruto dessa planta, grande e escamoso, de sulcos simétricos e forma cônica, muito aromático e saboroso. 3 ant Alcinha dos portugueses no Rio de Janeiro. 4 Mau dançador, desajeitado, pesado. 5 gír Mil Granada de mão. 6 gír Tudo quanto é indesejável, inútil, perigoso, prejudicial etc. <i>A.-bravo:</i> o mesmo que <i>abacaxi-de-tingir</i> . <i>A.-de-tingir, Bot:</i> planta bromeliácea que fornece uma tinta amarela, empregada em tinturaria (<i>Aechmea tinctoria</i>); gravatá-branco. <i>A.-silvestre, Bot:</i> o mesmo que <i>abacaxi-de-tingir</i> . <i>Descascar o abacaxi, pop:</i> resolver problema difícil ou desagradável. abacaxi ² <i>adj m+f Ethnol</i> Relativo aos Abacaxis, tribo das margens do rio Abacaxis. <i>s m+f</i> Indígena dessa tribo (p. 2)
DUPC	Sm 1 infrutescência composta por bagas carnosos grudadas umas às outras formando uma polpa branca ou amarelada, aromática e suculenta, envolvida por uma casca grossa de sucros simétricos e em forma cônica ou arredondada e curta, terminando por uma coroa espinhosa 2 abacaxizeiro: <i>Feriu-se numa folha de abacaxi.</i> 3 (Coloq) tudo o que é indesejável e perigoso; coisa complicada e trabalhosa: <i>O ministro afirmou estar assumindo um abacaxi muito grande.</i> (p. 1)

¹⁷⁹ Os verbetes não estão transcritos na íntegra, sendo adaptados a partir dos dicionários de nosso corpus; aqui, constam as definições e suas marcas de uso nas acepções.

AU	Substantivo masculino 1. Bras. Angol. Bot. Planta bromeliácea (<i>Ananas sativus</i>), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. [Sin. (bras.): <i>ananá</i> , <i>ananás</i> , <i>ananaseiro</i> , <i>nanás</i> , <i>nanaseiro</i> , <i>abacaxi-branco</i> , <i>aberas</i> .] 2. A infrutescência comestível do abacaxi; ananá, ananás, nanás. 3. Bras. Gír. Coisa trabalhosa, complicada, embrulhada, intrincada: <i>Antes de viajar, teve vários abacaxis para resolver</i> . 4. Bras. Gír. Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata: <i>Aquele romance é um abacaxi</i> ; “Dois meses depois, ela telefona, em pânico: ‘Vou ser mãe!’ Do outro lado da linha, Sandoval explode: ‘Que abacaxi!’ E, então, começa a evitar a pequena.” (Nélson Rodrigues, <i>100 Contos Escolhidos. A Vida como Ela É</i> , II, pp. 57-58). 5. Bras. V. <i>galego</i> (4). 6. Bras. PE AL Dançador pesado, desajeitado. Descascar um abacaxi. Pop. 1. Resolver uma dificuldade, um problema. 2. Sair-se de uma embrulhada, de uma situação desagradável, maçante.
HO	substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 Rubrica: angiospermas. planta terrestre (<i>Ananas comosus</i>) da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, de folhas lineares com bordos espinhosos, idênticas às da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 15 cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananaseiro, nanaseiro, naná, nanás, pita 1.1 Rubrica: angiospermas. infrutescência carnosa e comestível dessa planta; abacaxi-branco, aberas, ananá, ananás, naná, nanás, pita 2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: angiospermas. design. comum às plantas de diversas fam. que se assemelham ao abacaxi, seja pelo aspecto da planta ou da infrutescência 3 Derivação: sentido figurado. Uso: informal. trabalho complicado; coisa intrincada; problema 4 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado. coisa ou pessoa maçante, desagradável 5 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. m.q. galego ('português') □ substantivo de dois gêneros Rubrica: etnologia. 6 indígena pertencente ao grupo dos abacaxis □ adjetivo de dois gêneros Rubrica: etnologia. 7 relativo a abacaxi (acp. 6) ou aos abacaxis □ abacaxis □ substantivo masculino plural Rubrica: etnologia. 8 grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava o território entre os rios Tapajós e Madeira AM descascar um a. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1 resolver um problema difícil ou extenuante 2 desvencilhar-se de uma incumbência ou situação desagradável
CAv	Bras. sm. 1. Planta bromeliácea (<i>Ananas comosus</i>), nativa do Brasil, de casca grossa e espinhenta e fruto muito succulento 2. O fruto dessa planta; ANANÁS (2) 3. Pop. Situação ou coisa que encerram complicações ou que podem trazer efeitos desastrosos: <i>resolver um abacaxi</i> . 4. Fig. Pej. Alcinha que se dava depreciativamente aos portugueses 5. Coisa ou pessoa chata, desagradável 6. PE AL Pessoa que dança desajeitadamente [F.: Do tupi <i>iwaka'ti</i> .] Descascar um abacaxi. 1 Bras. Gír. Resolver problema ou enfrentar situação difícil ou desagradável.
HOv	substantivo masculino B 1 [ANGIOS] planta terrestre (<i>Ananas comosus</i>) da fam. das bromeliáceas, de folhas lineares com bordos espinhosos, idênticas às da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 20cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananaseiro, ananás-selvagem, ananás-silvestre, nanaseiro, naná, nanás, pita 1.1 [ANGIOS] infrutescência carnosa e comestível dessa planta; abacaxi-branco, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananás-selvagem, ananás-silvestre, naná, nanás, pita 2 <i>p.ext.</i> ; [ANGIOS] design. comum às plantas de diversas fam. que se assemelham ao abacaxi, seja pelo aspecto da planta ou da infrutescência 3 (<i>sXX</i>) <i>fig.</i> ; <i>infrm.</i> trabalho complicado, difícil de ser feito; coisa intrincada; problema 4 <i>p.ext.</i> , <i>fig.</i> o que é desagradável, aborrecido 5 (1911) <i>fig.</i> ; <i>pej.</i> m.q. galego (no sentido de 'português') 6 (1913) <i>fig.</i> ; PE, AL pessoa que dança mal, de maneira desajeitada e pesada substantivo de dois gêneros [ETNOL] 7 indígena pertencente ao grupo dos abacaxis adjetivo de dois gêneros 8 relativo a abacaxi (acp. 7) ou aos abacaxis (indígenas) abacaxis: substantivo masculino plural [ETNOL] (c1698) grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava o território entre os rios Tapajós e Madeira AM  etnm.br.: Abacaxi.

Entrada “abafado”

Dicionário	Definição
FB	---
DAI	adjetivo 1. Diz-se de lugar quente, sem ventilação: <i>Abriu a janela porque a sala estava abafada</i> . 2. Diz-se de som baixo, difícil de ouvir: <i>Contou o segredo com uma voz abafada</i> . (p. 7)
PV	---

DIP	<i>adj.</i> quente, com pouco ar. <i>A sala estava muito <u>abafada</u> e mamãe pediu para abrirem as janelas.</i> (p. 13)
AUjr	<i>adj.</i> 1. sufocante, irrespirável; abafadiço. 2. contido, reprimido: <i>soluços abafados</i> . 3. que não se divulgou: <i>O escândalo foi <u>abafado</u></i> . 4. surdo (2) <i>som <u>abafado</u></i> . (p. 34)
SJ	<i>adj</i> 1. Sufocante, em que se respira mal (<i>O cinema estava abafado porque o ar-condicionado quebrou.</i>); 2. oculto, encoberto (<i>Casos abafados foram descobertos pela imprensa.</i>); 3. dominado (<i>Saiu a notícia sobre a rebelião abafada.</i>). <i>Bras pop</i> 4. muito atarefado (<i>Ele está abafado com as provas e os trabalhos da escola.</i>) (p. 1)
HOc	<i>adj</i> 1 coberto para manter o calor 2 em que não se pode respirar; sufocante ➡ arejado, ventilado 3 p.ext. muito agasalhado 4 p.ext. não divulgado, ocultado 5 p.ext. diz-se de som fraco, amortecido 6 infm muito ocupado (p. 1)
NAu	<i>a</i> 1 que abafa, em que há pouca ventilação (diz-se) de lugar, ambiente etc.) “O Quinquim, queixando-se de doente, passou a dormir sozinho, no quarto do oratório, que por ser mais <u>abafado</u> menos mal lhe causava ao reumatismo.” (Manoel de Oliveira Paiva, <i>Dona Guidinha do poço</i>) 2 diz-se de lugar, situação, momento etc. em que o ar está pesado e o calor sufocante; abafadiço: “O Veloso, ao baralhar, parava, bufando, como oprimido: - Está <u>abafado</u> ... ainda temos trovoadas!” (Eça de Queirós, <i>A Cidade e as Serras</i>) 3 impróprio para a respiração (ar <u>abafado</u>) 4 que não sou forte, pouco ressonante (passos <u>abafados</u> ; ruído <u>abafado</u>) 5 que se tenta disfarçar ou ocultar (diz-se de soluço, risada etc.) 6 com dificuldade para respirar; sufocado 7 <i>Fig</i> sobrecarregado de trabalho; atarefado: <i>Ando muito <u>abafado</u>, sem tempo para nada.</i> 8 <i>Fig</i> impedido de ser divulgado, de vir a público (diz-se de caso, escândalo): <i>Ela é a protagonista daquele escândalo <u>abafado</u>.</i> 9 <i>Bras Pop</i> furtado, surrupiado 10 <i>Bras Pop</i> apanhado de surpresa 11 <i>PE</i> contrariado, encolerizado, zangado 12 <i>P. us.</i> coberto de roupas para se preservar do frio; agasalhado: <i>Tinha o pescoço <u>abafado</u> com um cachecol.</i> 13 diz-se de vinho cujo processo de fermentação é interrompido pelo adição de álcool de uvas ou ácido sulfuroso, ou por ambos os processos sm 14 o vinho obtido dessa forma. (p. 2)
MI	<i>adj</i> 1 coberto, tapado 2 dificilmente respirável: <i>ar abafado</i> 3 diz-se do calor abafadiço; bochornoso: <i>noite abafada</i> ; <i>roupa abafada</i> 4 mal ventilado: <i>quarto abafado</i> 5 contido, reprimido: <i>grito abafado</i> 6 amortecido: <i>som abafado</i> 7 oculto, encoberto: <i>delitos abafados</i> 8 <i>pop</i> contrariado, aflito, agoniado 9 extremamente ocupado 10 oprimido. <i>Antôn</i> (acepção 7): <i>descoberto, revelado.</i> (p. 3)
DUPC	Adj 1 muito quente: <i>Fazia calor, a sala estava abafada.</i> 2 sufocante: <i>O calor abafado estava quase insuportável.</i> 3 contido; reprimido: <i>Ouviam-se da sala os gemidos abafados da mulher.</i> 4 ansioso; aflito: <i>Helena continua abafada com os problemas domésticos.</i> (p. 1)
AU	Adjetivo. 1. Pesado, sufocante, abafante, abafadiço, abafador: <i>atmosfera <u>abafada</u></i> . 2. Em que se respira mal; irrespirável, abafadiço: <i>sala <u>abafada</u></i> . 3. Privado do ar; sufocado, oprimido, asfixiado. 4. Contido, reprimido, sufocado: <i>soluços <u>abafados</u></i> . 5. Enroupado, agasalhado, para evitar o frio. 6. Disfarçado, dissimulado, velado: <i>riso <u>abafado</u></i> . 7. Que não se divulgou, não veio a público: <i>escândalo <u>abafado</u></i> . 8. De pouca ressonância; surdo, sumido: <i>voz <u>abafada</u></i> . 9. Oprimido pela angústia; apertado, esmagado: <i>Sente o coração <u>abafado</u></i> . 10. <i>Bras. Pop.</i> Extremamente ocupado; abarbadado. 11. <i>Bras. Pop.</i> Agoniado, ansioso, aflito. 12. <i>Bras. PE Pop.</i> Zangado, irritado. ~ V. <i>vinho</i> —
HO	adjetivo que se abafou 1 coberto para manter o calor; tapado 2 em que mal se pode respirar Ex.: <i>banheiro a.</i> 3 que não consegue ou é impedido de respirar; sufocado, asfixiado Ex.: <i>estava se sentindo a.</i> 4 Derivação: por extensão de sentido. em que a má ventilação e/ou o calor excessivo prejudicam a respiração ou causam desconforto Exs.: <i>floresta a. manhã a.; verão a.</i> 5 Derivação: por extensão de sentido. enroupado ou agasalhado em excesso Ex.: <i>sentia-se a. naquelas roupas</i> 6 Derivação: por extensão de sentido. morto por asfixia; sufocado Ex.: <i>não resistiu, a. pela almofada</i> 7 Derivação: por metáfora. que se reprime ou dissimula Ex.: <i>choro a.</i> 8 Derivação: por metáfora. impedido de desenvolver-se ou de ter prosseguimento Ex.: <i>denúncia a.</i> 9 Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. que foi roubado, furtado 10 Derivação: por metáfora. abrandado, fraco, amortecido (diz-se de som) Ex.: <i>um saxofone a. fez o resto do solo</i> 11 Derivação: por metáfora. que esmoreceu; desanimado Ex.: <i>não conseguia reanimar aquele desejo a.</i> 12 Derivação: por metáfora. que foi suplantado 13 Derivação: por metáfora. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. cheio de aflição, de agonia; oprimido Ex.: <i>a. por problemas insolúveis</i> 14 Derivação: por metáfora. Regionalismo: Pernambuco. Uso: informal. dominado por forte comoção; encolerizado Ex.: <i>a. pelo ódio</i>
CAv	<i>a.</i> 1. Que abafa, em que há pouca ventilação (diz-se de lugar, ambiente etc.): “O Quinquim, queixando-se de doente, passou a dormir sozinho, no quarto do oratório, que por ser mais <u>abafado</u> menos mal lhe causava ao reumatismo.” (Manoel de Oliveira Paiva, <i>Dona Guidinha</i>

	do poço)) 2. Diz-se de lugar, situação, momento etc. em que o ar está pesado e o calor sufocante; ABAFADIÇO: "O Veloso, ao baralhar, parava, bufando, como oprimido: -- Está abafado... Ainda temos trovoadas!" (Eça de Queiroz, <i>A cidade e as serras</i>) 3. Impróprio para a respiração (ar abafado) 4. Que não soa forte, pouco ressonante (passos abafados; ruído abafado) 5. Que se tenta disfarçar ou ocultar (diz-se de soluço, risada etc.). 6. Com dificuldade para respirar; SUFOCADO 7. Fig. Sobrecarregado de trabalho; ATAREFADO: <i>Ando muito abafado, sem tempo para nada.</i> 8. Fig. Impedido de ser divulgado, de vir a público (diz-se de caso, escândalo): <i>Ela é a protagonista daquele escândalo abafado.</i> 9. Bras. Pop. Furtado, surrupiado 10. Bras. Pop. Apanhado de surpresa 11. PE Contrariado, encolerizado, zangado 12. P.us. Coberto de roupas para se preservar do frio; AGASALHADO: <i>Tinha o pescoço abafado com um cachecol.</i> 13. Diz-se de vinho cujo processo de fermentação é interrompido pelo adição de álcool de uvas ou ácido sulfuroso, ou por ambos os processos sm. 14. O vinho obtido dessa forma [F.: Part. de <i>abafar</i>.]
HOv	adjetivo que se abafou 1 coberto para manter o calor; tapado 2 que não consegue ou é impedido de respirar; sufocado, asfixiado <i>«estava se sentindo a.»</i> 3 p.ext. em que a má ventilação e/ou o calor excessivo prejudicam a respiração ou causam desconforto (diz-se de lugar, de tempo, de estação do ano etc.). <i>«floresta a., manhã a., verão a.»</i> 4 p.ext. enroucado ou agasalhado em excesso <i>«sentia-se a. naquelas roupas»</i> 5 p.ext. morto por asfixia; sufocado <i>«não resistiu, a. pela almofada»</i> 6 p.metf. que se reprime ou contém; contido <i>«choro a.»</i> 7 p.metf. que dissimula ou disfarça <i>«o riso a. custou-lhe uma repreensão»</i> 8 p.metf. impedido de desenvolver-se ou de ter prosseguimento <i>«denúncia a.»</i> 9 p.metf. que não foi divulgado; ocultado <i>«casos a. vieram à tona»</i> 10 p.ext.; <i>infrm.</i> que foi roubado, furtado <i>«a seção de achados do correio está cheia de carteiras a.»</i> 11 p.metf. abrandado, fraco, amortecido (diz-se de som) <i>«um saxofone a. fez o resto do solo»</i> 12 p.metf. que esmoreceu; desanimado <i>«não conseguia reanimar aquele desejo a.»</i> 13 p.metf. que foi suplantado <i>«a vitória a. pelo rival»</i> 14 p.ext.; B; <i>infrm.</i> oprimido por sensação dolorosa <i>«estava a. pelo trabalho»</i> 15 p.metf.; B; <i>infrm.</i> cheio de aflição, de agonia <i>«homem a. por problemas insolúveis»</i> 16 (1885) p.metf.; PE; <i>infrm.</i> dominado por forte comoção; encolerizado <i>«a. pelo ódio»</i> 17 MAR apertado contra a verga, para não fazer bolso (no sentido de 'bojo') [diz-se de vela] 18 MAR desfeito (diz-se de bolso ocasionado pelo vento na vela) adjetivo e substantivo masculino ENOL; P 19 diz-se de ou vinho mais ou menos doce e de alto teor alcoólico, obtido por beneficiação com aguardente vínica.

Entrada "bafo"

Dicionário	Definição
FB	sm 1. <i>informal</i> O seu bafo é o ar que sai da sua boca quando você respira. <i>Embacei o vidro com o meu bafo.</i> Sinônimo: <i>hálito</i>. 2. <i>informal</i> Bafo é também o cheiro ruim que sai da boca de alguém. <i>Tinha um bafo horrível de cigarro.</i> Sinônimo (de 2): <i>mau hálito</i>. 3. O bafo é um jogo no qual os jogadores batem a mão sobre uma pilha de figurinhas, tentando virá-las. (p. 51)
DAI	substantivo masculino Ar que sai dos pulmões e passa pela boca. (p. 59)
PV	S masc 1 Cheiro desagradável: <i>Deu uma gargalhada com bafo de bolo azedo.</i> 2 respiração: <i>Quase senti o bafo da onça no meu pescoço.</i> (p. 47)
DIP	---
AUjr	bafo¹ <i>subst. masc.</i> ar exalado dos pulmões. bafo² <i>subst. masc.</i> <i>Brasileirismo</i> jogo em que se bate com a palma da mão em concha contra figurinhas dispostas em superfície plana, para revirá-las (p. 126)
SJ	sm 1. Ar que sai dos pulmões durante a respiração; hálito (<i>Embaçou o vidro do carro com seu bafo e desenhou com o dedo um coração.</i>); 2. <i>gír</i> mau hálito (<i>Depois de comer pizza de alho, ninguém aguentava o seu bafo.</i>); 3. calor (<i>Queimou a boca com o bafo que saiu do pastel.</i>); 4. Bras jogo cujo objetivo é virar o maior número possível de figurinhas batendo nelas com a mão em forma de concha. bafo de onça ou bafo de tigre sm 1. hálito com cheiro forte de bebida alcoólica (<i>De longe dava para sentir o bafo de onça do Benedito.</i>); adj. 2 <i>gên</i>. 2. <i>por ext</i> pessoa alcoolizada; bêbado (<i>Todo mundo sabe que o Benedito é um bafo de onça.</i>). (p. 103)
HOc	s.m. 1 ar expirado dos pulmões ➤ inspiração 2 hálito contaminado por outro odor (<i>estar com b. de cigarro</i>) 3 leve sopro 4 <i>infrm</i> conversa fiada, mentira ➤ verdade. b. de onça loc. subst. mau hálito. (p. 107)
NAu	sm. 1. Ar que sai dos pulmões pela boca; BAFEJO; HÁLITO; SOPRO; EXPIRAÇÃO 2. Bras. <i>Gír</i>. Hálito, ar que sai pela boca, impregnado de outro odor; esp. mau hálito: <i>Senti</i>

	seu bafo de cerveja. 3. Bras. Gír. Palavreado com que se alardeiam qualidades que de fato não se tem; conversa fiada; BAZÓFIA; BRAVATA 4. Bras. Pop. Afirmação ou relato falsos; MENTIRA; CASCATA 5. Fig. Sopro, jato de ar ou de vapor; BAFORADA: "...a boca do cânion da Serra Geral cospe um bafo gelado sobre a cidade..." (, Revista Época, 24/04/2000)) 6. Fig. Ar, odor ou outra emanção que provém de algo, como num sopro: "A calçada refletia por debaixo das calças dos transeuntes o seu bafo quente..." (Stanislaw Ponte Preta, Conto de Natal)) 7. Pop. Cul. Vapor em que se cozem certos alimentos: <i>camarões cozidos no bafo</i> 8. Imaginação criadora; ALENTO; INSPIRAÇÃO [F.: De or. onomatopaica. Hom./Par.: <i>bafô</i> (sm.), <i>bafo</i> (fl. de <i>bafar</i>)] Bafo de boca 1 Gír. Lorota, mentira, bravata. Bafo de onça/de tigre 1 Gír. Mau hálito. 2 Hálito com forte cheiro de bebida alcoólica. (p. 191)
MI	sm 1 hálito 2 sopro brando e quente 3 vapor de chaleira e de outros utensílios de cozinha 4 bacejo, favor, proteção 5 abrigo 6 fanfarronada. <i>b-de-onça</i>: hálito de alcoólatra (p. 284)
DUPC	Sm 1 mormaço; ar: <i>Aquele bafo da tarde murchava as folhas das plantas</i>. 2 calor; quentura: <i>Abriu a janela e sentiu o bafo do verão</i>. 3 cheiro desagradável: <i>O barrigudo exalava um bafo estranho</i>. 4 hálito: <i>O exame do bafo indica se o paciente tem úlcera</i> [Ab]. 5 (Coloq) papo; conversa: <i>Que bafo é esse, seu mano? Vá cantar noutra freguesia</i>. 6 sinal; sopro: <i>Sentiu de perto o bafo terrível da morte</i>. (p. 153)
AU	bafo¹ Substantivo masculino. 1. Ar exalado dos pulmões; hálito. [Sin. (fig.), nesta acepç.: <i>bafagem</i>.] 2. Fig. V. <i>bafejo</i> (2). 3. Abrigo, conchego, aconchego. 4. V. <i>alento</i> (4). 5. Bras. Gír. Conversa fiada; bazófia, gabolice, prosa; bafo de boca: "Quando eles fizeram aí essa revolução e falaram tudo aquilo, que iam salvar o País, que iam prender tudo que era safado, que isso, que aquilo, eu cheguei a ter uma esperançazinha. Palavra de honra! Mas logo depois eu vi que era tudo bafo." (Stanislaw Ponte Preta, <i>Febeapá</i> 2, p. 105.) Bafo de boca. V. <i>bafo</i>¹(5). Bafo de onça. Bras. Gír. Hálito fétido; halitose; bafo de tigre. Bafo de tigre. Bras. Gír. V. <i>bafo de onça</i> bafo² Substantivo masculino. 1. Bras. V. <i>bafo-bafo</i>
HO	substantivo masculino 1 ar expirado dos pulmões 2 ar que sai da boca, com seu cheiro peculiar; hálito 2.1 hálito contaminado de outro odor Ex.: <i>estar com b. de cigarro</i> 3 sopro brando e tépido Ex.: <i>o b. suave do vento da manhã</i> 4 Derivação: sentido figurado. sopro criador; inspiração 5 Derivação: sentido figurado. m.q. <i>bafejo</i> ('sorte') 6 Derivação: sentido figurado. proteção, amparo; favor Ex.: <i>o jovem político contava com o b. dos poderosos</i> • b. de boca Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1 conversa fiada, mentira 1.1 bazófia, bravata, jactância • b. de onça ou de tigre Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1 mau hálito 1.1 Derivação: frequentemente. odor forte de bebida alcoólica no hálito
CAv	sm. 1. Ar que sai dos pulmões pela boca; BAFEJO; HÁLITO; SOPRO; EXPIRAÇÃO 2. Bras. Gír. Hálito, ar que sai pela boca, impregnado de outro odor; esp. mau hálito: <i>Senti seu bafo de cerveja</i>. 3. Bras. Gír. Palavreado com que se alardeiam qualidades que de fato não se tem; conversa fiada; BAZÓFIA; BRAVATA 4. Bras. Pop. Afirmação ou relato falsos; MENTIRA; CASCATA 5. Fig. Sopro, jato de ar ou de vapor; BAFORADA: "...a boca do cânion da Serra Geral cospe um bafo gelado sobre a cidade..." (, Revista Época, 24/04/2000)) 6. Fig. Ar, odor ou outra emanção que provém de algo, como num sopro: "A calçada refletia por debaixo das calças dos transeuntes o seu bafo quente..." (Stanislaw Ponte Preta, Conto de Natal)) 7. Pop. Cul. Vapor em que se cozem certos alimentos: <i>camarões cozidos no bafo</i> 8. Imaginação criadora; ALENTO; INSPIRAÇÃO [F.: De or. onomatopaica. Hom./Par.: <i>bafô</i> (sm.), <i>bafo</i> (fl. de <i>bafar</i>)] Bafo de boca 1 Gír. Lorota, mentira, bravata. Bafo de onça/de tigre 1 Gír. Mau hálito. 2 Hálito com forte cheiro de bebida alcoólica.
HOv	substantivo masculino 1 ar expirado dos pulmões 2 ar que sai da boca, com seu cheiro peculiar; hálito 2.1 hálito contaminado de outro odor <estar com b. de cigarro> 3 sopro brando e tépido <o b. suave do vento da manhã> 4 fig. sopro criador; inspiração 5 fig. m.q. bafejo (no sentido de 'sorte') 6 fig. proteção, amparo; favor <o jovem político contava com o b. dos poderosos>

Entrada "boneca"

Dicionário	Definição
FB	sf 1. Uma boneca é um brinquedo que lembra a forma de uma mulher ou de uma menina. <i>Vamos brincar de boneca?</i> 2. figurado Chamamos de boneca a menina ou a mulher considerada bonita ou bem-arrumada <i>Taís ficou uma boneca com aquele vestido</i>. (p. 66)
DAI	substantivo feminino 1. Brinquedo que imita um bebê, uma criança, ou uma mulher: <i>Ana gosta de brincar com boneca</i>. 2. Menina bonita: <i>Lia é uma boneca</i>. (p. 73)
PV	S fem brinquedo de criança que imita uma forma feminina: <i>Lúcia deixou a boneca debaixo da jabuticabiera</i>. (p. 59)

DIP	<i>s fem.</i> brinquedo que representa um nenê, criança ou adulto. A <i>boneca</i> pode ser feita de plástico, de pano ou de louça. No Natal a menina ganhou uma linda <i>boneca</i> . (p. 47)
AUjr	<i>subst. fem.</i> 1. brinquedo que é uma representação da forma humana feminina. 2. <i>Brasileirismo</i> A espiga de milho ainda em formação. (p. 150)
SJ	<i>sf</i> 1. brinquedo que representa a figura feminina em tamanho reduzido; 2. <i>fig</i> moça bonita (<i>Aquela garota é uma boneca.</i>); 3. saquinho de pano recheado de algodão, usado para envernizar madeira, polir metais etc. (<i>Aplicado suavemente com uma boneca, o verniz penetra nos poros da madeira.</i>); 4. <i>pej</i> homossexual masculino (<i>Ele se irritou quando o chamaram de boneca, porque era evidente o preconceito.</i>) (p. 139)
HOc	<i>s.f.</i> 1 objeto que representa a figura feminina, ger. us. como brinquedo 2 moça atraente 3 <i>infrm</i> homem afeminado 4 projeto gráfico de livro ou revista 5 trouxinha de pano (com tempero ou outra substância) us. em culinária ou tarefas domésticas 6 <i>gráf</i> modelo experimental de uma publicação (livro, revista etc.) 7 <i>B pej</i> homossexual masculino (p. 133)
NAu	<i>sf.</i> 1. Figura tridimensional que representa uma mulher ou criança, us. como brinquedo infantil, objeto de decoração ou para outros fins. 2. <i>Fig.</i> Mulher ou menina bonita ou bem arrumada. 3. Chumaço de algodão envolto em tecido e amarrado, us. para espalhar substância líquida (óleo, verniz, tinta etc.) sobre uma superfície. 4. <i>Bras.</i> Espiga de milho ainda nova, em formação. 5. <i>Art.gr.</i> Projeto gráfico em forma brochura de uma publicação, us. para demonstrar como se apresentará quando impressa; BONECO 6. <i>Bras.</i> <i>Pej.</i> Homem efeminado. 7. <i>Bras.</i> <i>Gír.</i> Travesti. 8. <i>Cons.</i> Ressalto em parede de alvenaria, no qual se encaixam os marcos de portas e janelas 9. <i>Arm.</i> Espécie de bucha de madeira com que se veda cano de arma de fogo para evitar que nele penetre umidade 10. <i>Cons.</i> Reforço na parte inferior central de viga para aumentar-lhe a resistência à flexão sob peso 11. Peça junto à boleia de coches, carruagens etc., na qual se prendem rédeas e tirantes dos cavalos. (p. 233)
MI	<i>sf</i> 1 brinquedo de criança, especialmente de menina, que representa, geralmente em ponto pequeno, um ser humano, quase sempre uma criança, feito de massa de papel, celuloide, pano, louça etc. 2 mulher bela 3 mulher muito enfeitada e pouco animada 4 embrulho de algodão ou trapos, que se embebe numa substância solúvel, para envernizar 5 espiga de milho antes de granar 6 grampo móvel que se adapta aos tornos mecânicos e que prende a madeira ou metal durante o trabalho 7 peça de ferro, na boleia dos carros à qual se prendem os tirantes 8 rolha de madeira que se põe na boca das armas para livrar da umidade ou interior do cano 9 <i>Folc</i> figura com a qual se representa uma criatura humana e que é usada na magia simpática; o que se lhe fizer aparecerá no corpo da pessoa representada 10 enfeite da madrinha de tropa de cavaleiros ou muars 11 parte final da rédea campeira destinada a fazer peso, para não cair do pescoço do animal. Compensa o peso das argolas, biqueira etc. 12 <i>Tip</i> projeto gráfico de jornal, revista, livro ou qualquer outro trabalho gráfico de mais de duas páginas destinado a ser impresso; esquema de paginação e diagramação 13 <i>pop</i> travesti masculino <i>sf/pl</i> 1 <i>Arquit</i> chapuzes que se pregam ao meio das escoras principais dos simples 2 <i>Náut</i> madeiros que, no convés, servem de apoio às antenas sobressalentes avante do mastro grande. <i>B. dos dedos</i> : falanges digitais. (p. 345)
DUPC	<i>Sf</i> 1 brinquedo de criança feito de trapo, louça, plástico, etc., que imita uma forma feminina: <i>Fomos visitar uma fábrica de bonecas.</i> 2 mulher bonita: <i>Laurita é uma boneca.</i> 3 (<i>Coloq</i>) homem efeminado; homossexual 4 espiga (de milho) ainda em formação: <i>Sem chuva as bonecas não desenvolvem os grãos.</i> 5 saquinho de pano contendo substância (anil, açúcar, pó, etc.) que se quer adicionar a alguma coisa (água para alvejar roupa, comida, objeto a polir ou móvel a envernizar). (p. 193)
AU	Substantivo feminino. 1. Figura de trapo, louça, madeira, plástico, etc., que imita uma forma feminina e serve como brinquedo de criança ou enfeite. [Sin. (fam.): <i>nena</i> .] 2. Fig. Mulher excessivamente enfeitada e/ou de corpo pequeno e benfeito. 3. Mulher charmosa e bonita. 4. Encad. Pequeno chumaço de algodão envolvido em pano, usado para envernizar, passar óleo no couro das encadernações antes da douração, entintar gravura para tiragem em cores, etc. 5. Peça de ferro, vertical, na boleia dos carros. 6. Peça de madeira para resguardar internamente o cano das espingardas. 7. Bras. A espiga de milho ainda em formação. 8. Bras. Chapuz que se prega nas escoras dos cimbres dos arcos. 9. Bras. Art. Gráf. Boneco (5). 10. Bras. Pequena trouxa ou saquinho de pano, para uso doméstico, dentro do qual se coloca o anil, ou especiarias, ou temperos, ou cinzas, etc., de acordo com o fim a que se destina, como, p. ex., clarear a roupa lavada, adicionar gosto a uma iguaria, etc., sem deixar resíduos naquilo em que foi usado. 11. Bras. Pej. Efeminado (6). 12. Bras. Fam. Palavra que se diz a quem dá notícia já sobrejamente conhecida, e às vezes acompanhada de gesto de arrepanhar alguma parte da roupa e mostrá-la ao interlocutor. 13. Constr. Saliência de alvenaria, nas paredes internas, onde são fixados os marcos das portas. ~ V. <i>bonecas</i> .

HO	substantivo feminino 1 representação tridimensional de um corpo humano feminino, infantil ou adulto, feita de pano, porcelana, borracha etc. 2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: costura. m.q. manequim 3 Derivação: por analogia. mulher fisicamente atraente 4 Derivação: por analogia. mulher jovem, de baixa estatura, muito enfeitada 5 Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo. homossexual do sexo masculino 6 saquinho de pano, atado com cordel, contendo a substância (temperos, anil, pó etc.) que se deseja adicionar ou aplicar a determinada coisa (comida, roupa a ser alvejada etc.) 7 Regionalismo: Brasil. peça vertical fixada na boleia de carruagens e afins, onde se prendem os tirantes das bestas 8 Rubrica: adorno. Regionalismo: Brasil. m.q. mamucaba ('borla de rede') 9 Rubrica: agricultura. Regionalismo: Brasil. espiga de milho antes de criar grão 10 Rubrica: alvenaria. Regionalismo: Rio de Janeiro. ressalto na alvenaria de parede perpendicular ao vão de porta ou janela, feito para completar a requadrção e o guarnecimento deste vão 11 Rubrica: construção. reforço justaposto à parte central e inferior de viga ou frechal, sustentado por duas mãos-francesas 12 Rubrica: armamento. espécie de rolha de madeira com que se fecha a boca das armas de fogo 13 Rubrica: engenharia mecânica. cada uma das peças metálicas móveis us., nos tornos, para fixar o objeto que se vai trabalhar 14 Rubrica: artes gráficas. Regionalismo: Brasil. projeto gráfico de uma publicação que visa definir as características (diagramação, tipo de papel, encadernação etc.) que deverá ter o produto impresso; leiaute
CAv	sf. 1. Figura tridimensional que representa uma mulher ou criança, us. como brinquedo infantil, objeto de decoração ou para outros fins. 2. Fig. Mulher ou menina bonita ou bem arrumada. 3. Chumaço de algodão envolto em tecido e amarrado, us. para espalhar substância líquida (óleo, verniz, tinta etc.) sobre uma superfície. 4. Bras. Espiga de milho ainda nova, em formação. 5. Art.gr. Projeto gráfico em forma brochura de uma publicação, us. para demonstrar como se apresentará quando impressa; BONECO 6. Bras. Pej. Homem efeminado. 7. Bras. Gír. Travesti. 8. Cons. Ressalto em parede de alvenaria, no qual se encaixam os marcos de portas e janelas 9. Arm. Espécie de bucha de madeira com que se veda cano de arma de fogo para evitar que nele penetre umidade 10. Cons. Reforço na parte inferior central de viga para aumentar-lhe a resistência à flexão sob peso 11. Peça junto à boleia de coches, carruagens etc., na qual se prendem rédeas e tirantes dos cavalos.
HOv	substantivo feminino 1 representação tridimensional, de tamanhos diversos, de um corpo humano feminino, infantil ou adulto, feito de diversos materiais (pano, porcelana, borracha etc.), us. em geral como brinquedo, mas tb. como elemento decorativo etc. 2 p.ext.; COST m.q. manequim 3 p.ana. criança ou moça fisicamente atraente 4 p.ana. mulher jovem, de baixa estatura, muito enfeitada e artificial 5 p.ana.; B; pej. homossexual do sexo masculino 6 (1871) saquinho de pano, atado com cordel, contendo a substância (temperos, anil, pó etc.) que se deseja adicionar ou aplicar a determinada coisa (comida, roupa a ser alvejada, móvel a ser polido etc.), evitando-se, desta forma, o contato direto da substância com aquilo em que é aplicada 7 B peça vertical fixada na boleia das carruagens e afins, onde se prendem os tirantes das bestas 8 B parte terminal da rédea campeira, mais pesada, para evitar que caia do pescoço do animal 9 (1875-1888) B espiga de milho ainda com estames presos aos grãos 9.1 AGR; B espiga de milho antes de criar grão 10 GO cabeça de palha de milho 11 GO; infrm. m.q. ¹capitão (no sentido de 'bocado de comida') 12 ADRN; B enfeite da madrinha da tropa de cavaleiros ou muars 13 ADRN; B m.q. mamucaba (no sentido de 'borla de rede') 14 (1957) ALV; RJ ressalto de alvenaria feito para completar a requadrção e o guarnecimento do vão de uma porta ou janela, situado junto a uma parede perpendicular à qual esse ressalto pertence 15 ARM espécie de rolha de madeira com que se fecha a boca das armas de fogo, para proteger da umidade a sua alma 16 (1867) CONSTR reforço que se apõe na parte central e inferior de viga ou frechal, sustentado por duas mãos-francesas, para que ela ou ele resista melhor à flexão e/ou para impedir a sua deformação 17 ENG.MEC cada uma das peças metálicas móveis que, nos tornos, se usam para fixar o objeto que se vai trabalhar e transmitir-lhe o seu movimento giratório 18 GEOL concreção calcária que aparece no <i>loess</i>, e que, por vezes, lembra uma boneca (acp. 1) 19 GRÁF; B projeto gráfico de uma publicação (livro, revista, folheto, jornal etc.) que visa definir as características (diagramação, tipo de papel, encadernação etc.) que deverá ter o produto impresso; leiaute, maquete (P)  f. menos us.: <i>boneco</i> 20 MAR; ant. madeiro colocado próximo à enora (no sentido de 'abertura') do mastro, e paralelamente a este, por onde passam cabos de manobra e escotas.

Entrada “boneco”

Dicionário	Definição
FB	<i>sm</i> 1. um boneco é um brinquedo que lembra a forma de um homem, um menino ou um animal. <i>Eu tenho vários bonequinhos de dinossauros.</i> 2. teatro um boneco é um objeto que lembra a forma de pessoas ou de animais e que parece se mexer por conta própria quando é movimentado pelas pessoas através de fios, varetas ou com as mãos. <i>A apresentação de teatro de bonecos tinha marionetes e fantoches.</i> (p. 66)
DAI	<i>substantivo masculino</i> 1. brinquedo que imita um menino. (p. 73)
PV	S masc 1 brinquedo que imita uma forma masculina: <i>Perto dele estava um boneco preto de louça.</i> 2 representação de figura humana, geralmente maior que o comum: <i>Faziam enormes bonecos de neve.</i> (p. 59)
DIP	<i>s masc</i> Figura de pano, louça, plástico, etc., que imita um ser humano. <i>Todas as crianças gostam de apresentações com bonecos.</i> (p. 47)
AUjr	<i>subst. masc.</i> 1. boneca (1), mas que imita a forma masculina. 2. infantil desenho de homem ou animal. (p. 150)
SJ	---
HOc	<i>s.m.</i> 1 objeto que representa a figura masculina, ger. usado como brinquedo 2 informal pessoa facilmente influenciável. b. de engonço loc. subst. boneco articulado; fantoche; marionete. (p. 133)
NAu	<i>sm.1.</i> Figura tridimensional que representa um homem ou menino, ou um animal, us. como brinquedo infantil, objeto de decoração ou para outros fins. 2. Fig. Pessoa cujos movimentos lembram os de um boneco de engonço 3. Fig. P.ext. Pessoa que se deixa dominar ou influenciar por outrem; FANTOCHE; TÍTERE 4. Desenho, estampa ou gravura de figura humana, esp., ou animal. 5. Figura desenhada por cartunista, quadrinista ou ilustrador, representando um personagem 6. Art.gr. O mesmo que boneca (3). 7. Fig. Pej. Homem que se esmera no vestir, que exagera nos cuidados com a aparência física 8. Joc. Jorn. Fotografia de pessoa de frente, em <i>close-up</i> ou com meio corpo enquadrado, publicada em jornal, revista ou outro órgão jornalístico [F.: De or. contrv.] Boneco de engonço 1 Teat. Boneco articulado, movido a cordel ou quando nele se dá corda. (p. 233)
MI	<i>sm</i> 1 figura de rapaz ou homem, o equivalente masculino de boneca, para brinquedo de crianças. 2 manequim 3 homem ridiculamente respeitado e que só cuida em parecer bonito. 4 em artes gráficas, modelo para confecção de livro, álbum, catálogo ou folheto. 5 no jornalismo, retrato de protagonista de fatos policiais. 6 Folc imitação de um manipanso usada nas cavalhadas para ser espetada. 7 homem sem fibra, pusilânime, incapaz de dirigir-se. <i>B. de engonço:</i> o que se move quando puxado por um cordel ou quando lhe dão corda; fantoche, títere (p. 345)
DUPC	Sf 1 fantoche; marionete: <i>um processo para dar animação a bonecos de massa</i> 2 desenho, estampa ou gravura representando homens ou animais 3 figura gigante que representa a pessoas ilustres, usada em certos eventos, como caçada: <i>Na passeata carregavam um boneco representando o político vestido de presidiário.</i> 4 versão provisória e não impressa de uma obra ou documento: <i>O novelista apresentou a editora um boneco de sua próxima novela.</i> (p. 194)
AU	Substantivo masculino. 1. Figura de trapo, louça, madeira, plástico, etc., que imita uma forma masculina e serve como brinquedo de criança ou enfeite. 2. Inf. Desenho ou estampa que representa homens ou animais. 3. Fig. Peralvilho, peralta, janota. 4. Fig. V. <i>fantoche</i> (3). 5. Art. Gráf. Volume constituído ger. de folhas em branco que se utiliza para dar ideia do aspecto que terá uma publicação quando impressa, com relação a formato, espessura, acabamento, disposição dos cadernos, tipo de papel, etc.; boneca. 6. Gír. Entre repórteres, retrato de protagonista de fatos policiais. 7. Bras. Gír. Homem charmoso, bonito. 8. Bras. Pop. V. <i>degas</i> (1). Boneco de alcorça. Coisa ou pessoa muito delicada, bela, encantadora. [Tb. se diz apenas <i>alcorça</i> .] Boneco de engonço. 1. Boneco (1) com articulações, que se move ao ser puxado por um cordel, ou quando se lhe dá corda. 2. V. <i>fantoche</i> (2)
HO	<i>substantivo masculino</i> 1 figura similar à boneca ('representação'), reproduzindo indivíduo do sexo masculino 2 desenho, estampa ou gravura representando homens ou animais 3 <i>Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.</i> indivíduo facilmente manipulado e influenciado por outrem; fantoche 4 <i>Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil.</i> homem fisicamente atraente 5 <i>Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo.</i> indivíduo vestido com exagerado apuro 6 <i>Rubrica: artes gráficas.</i> menos us. que <i>boneca</i> 7 <i>Regionalismo: Brasil. Uso: informal.</i> us. como <i>indeterminador de pessoa</i> Ex.: <i>e o b. aqui não vai ter vez?</i>
CAv	<i>sm.1.</i> Figura tridimensional que representa um homem ou menino, ou um animal, us. como brinquedo infantil, objeto de decoração ou para outros fins. 2. Fig. Pessoa cujos movimentos lembram os de um boneco de engonço 3. Fig. P.ext. Pessoa que se deixa dominar ou influenciar

	por outrem; FANTOCHE; TÍTERE 4. Desenho, estampa ou gravura de figura humana, esp., ou animal. 5. Figura desenhada por cartunista, quadrinista ou ilustrador, representando um personagem 6. Art.gr. O mesmo que boneca (3). 7. Fig. Pej. Homem que se esmera no vestir, que exagera nos cuidados com a aparência física 8. Joc. Jorn. Fotografia de pessoa de frente, em <i>close-up</i> ou com meio corpo enquadrado, publicada em jornal, revista ou outro órgão jornalístico [F.: De or. contrv.] Boneco de engonço 1 Teat. Boneco articulado, movido a cordel ou quando nele se dá corda.
HOv	substantivo masculino 1 figura similar à boneca (no sentido de 'representação'), reproduzindo indivíduo do sexo masculino, infantil ou adulto, <i>us.</i> como brinquedo, para fins de publicidade etc. 2 ornamento de porcelana, gesso etc., representando a figura humana; bibelô, estatueta 3 desenho, estampa ou gravura representando homens ou animais 3.1 personagem de um cartunista 4 <i>fig.</i> pessoa com movimentos maquinais, à maneira de um boneco de engonço 5 <i>p.ext.</i> , <i>fig.</i> indivíduo facilmente manipulado e influenciado por outrem 6 <i>fig.</i> ; <i>B</i> homem fisicamente atraente 7 <i>fig.</i> ; <i>pej</i> indivíduo vestido com exagerado apuro 8 (1911) <i>GRÁF</i> menos <i>us.</i> que boneca 9 <i>JOR</i> ; <i>B</i> ; <i>infrm.</i> , <i>joc.</i> fotografia de indivíduo, <i>ger.</i> focalizado de frente, em <i>close-up</i> ou a meio corpo, publicada em matéria jornalística 10 <i>B</i> ; <i>infrm.</i> <i>us.</i> como <i>indeterminador de pessoa</i> «e o b. aqui não vai ter vez?»

Entrada “borrar”

Dicionário	Definição
FB	---
DAI	---
PV	---
DIP	---
AUjr	<i>verbo trans. dir.</i> 1. sujar em borrões. 2. riscar, rabiscar. 3. pintar de maneira grosseira. <i>Pronominal e intrans.</i> 4. <i>Popular</i> defecar. (p. 152)
SJ	---
HOc	<i>v. t.d., int e pron. infm</i> 1 sujar(-se) com borrão; manchar(-se) <i>t.d e pron. gros.</i> sujar(-se) com fezes <i>t.d. p.ext.</i> 3 rabiscar, riscar (algo escrito) <i>pron. fig. gros.</i> 4 ter medo; apavorar-se (p. 135)
NAu	<i>v. 1. Pop.</i> Sujar(-se), manchar(-se). [td. : (seguido ou não de indicação de modo): <i>Borraram a toalha (com molho); Borrou -se de tinta.</i>] [int. : A pintura <i>borrou.</i>] 2. Riscar (o que se escreveu). [td. : Na prova, procure não <i>borrar</i> as respostas.] 3. Fig. Pintar mal em, fazer pintura tosca em. [td. : <i>Borrava</i> telas e ainda se achava um artista.] 4. Pop. Fig. Defecar [int. : <i>Perdeu o controle e borrou -se todo.</i>] 5. Gír. Fig. Ficar aterrorizado, em pânico. [int.: (seguido de indicação de causa): <i>Borrou -se de susto.</i>] 6. Tornar indistinto, obscurecer. [td. : <i>As lágrimas borravam sua visão.</i>] 7. Fazer borrão ou rascunho de (algo) para depois executá-lo em definitivo (em artes plásticas, literatura) etc. [td.: <i>Borrar um quadro/um conto/um poema</i>] 8. Lus. Rabiscar, fazer grafitos em (muros etc.); pichar [td.] 9. Pej. Escrever textos banais, medíocres [td.: <i>Esse escritor borrou uns poeminhas e foi só</i>] 10. Pej. Fazer pinturas, gravuras etc. de má qualidade [td. : <i>Não é um pintor, borra uns quadros de vez em quando</i>] [f.: <i>borra</i> + -ar ² . Hom./Par.: <i>borro</i> (fl.), <i>borro</i> (sm.); <i>borra</i> (s) (fl.), <i>borra</i> (sf. e s2g.[e pl.])] (p. 235)
MI	<i>vtd</i> 1 manchar com borrões ou nódulos de tinta <i>vtd</i> 2 riscar (o escrito), para tornar ininteligíveis as palavras que se escreveram <i>vtd</i> 3 pintar mal <i>vtd</i> e <i>vpr</i> 4 sujar(-se) <i>vtd</i> e <i>vpr</i> 5 emporcalhar(-se) com matérias fecais <i>vint</i> 6 defecar. <i>B. a pintura:</i> torná-la indistinta, alastrando ou espalhando as tintas frescas, umas sobre as outras. <i>B. papel:</i> escrever coisas inúteis ou sem nenhum mérito literário. (p. 349)
DUPC	Vt 1 manchar com borrões; sujar: <i>Ela chorou e borrou toda a maquiagem. Fique quieta uns minutos para não borrar as unhas.</i> 2 manchar moralmente; macular: <i>Aquelas declarações vieram borrar a memória do morto.</i> 3 anular: – <i>Por razões históricas, não devemos borrar as diferenças, disse o secretário.</i> Vi 4 manchar-se de borrões: <i>Essa cartolina não serve, borra muito.</i> [Pron] 5 (Coloq) defecar: <i>Com o susto, o garoto borrou-se todo.</i> (p. 196)
AU	Verbo transitivo direto. 1. Deitar borrões em; sujar; enodoar. 2. Riscar (o escrito) para torná-lo ininteligível; rabiscar. 3. Pintar grosseiramente. 4. Chulo Sujar com fezes; defecar em. Verbo intransitivo. 5. Chulo V. <i>defecar</i> (5). Verbo pronominal. 6. Chulo V. <i>defecar</i> (6). 7. Chulo Ficar apavorado; morrer de medo. [Pres. ind.: <i>borro, borras, borra</i> , etc. Cf. <i>borro</i> (ô), <i>borra</i> (ô) e pl. <i>borras</i> (ô).]
HO	verbo transitivo direto, intransitivo e pronominal 1 Uso: informal. sujar(-se) com borra, borrão ou qualquer matéria maculante; manchar(-se) Exs.: <i>borrou o desenho com nanquim; a pintura</i>

	borrou(-se) transitivo direto e pronominal 2 Derivação: por metáfora. sujar(-se) moralmente; manchar a (própria) reputação Exs.: <i>a acusação borrou sua imagem</i>; <i>b.-se com um escândalo</i> transitivo direto e pronominal 3 Uso: informal. sujar(-se) de matéria fecal Exs.: <i>b. as cuecas</i>; <i>b.-se sem querer</i> transitivo direto 4 Derivação: por extensão de sentido (da acp. 1). riscar sobre o que se escreveu; rabiscar Ex.: <i>b. a assinatura</i> pronominal 5 Derivação: sentido figurado. Uso: informal. ter medo; estar apavorado Ex.: <i>borra-se com a perspectiva de ser despedido</i> transitivo direto 6 Derivação: por metáfora. apagar, obscurecer Ex.: <i>b. a memória de um tirano</i> transitivo direto e intransitivo 7 Derivação: por metáfora. Uso: pejorativo. pintar mal Ex.: <i>borra (uns quadros) por hobby</i> transitivo direto 8 Rubrica: artes plásticas, literatura. rascunhar, fazer borrão de (algo), para mais tarde eventualmente aprimorá-lo Ex.: <i>b. um conto</i> intransitivo 9 Uso: tabuísmo. m.q. defecar
CAv	v. 1. Pop. Sujar(-se), manchar(-se). [td.: (seguido ou não de indicação de modo): <i>Borraram a toalha (com molho)</i>; <i>Borrou -se de tinta</i>.] [int.: <i>A pintura borrou</i>.] 2. Riscar (o que se escreveu). [td.: <i>Na prova, procure não <u>borrar</u> as respostas</i>.] 3. Fig. Pintar mal em, fazer pintura tosca em. [td.: <i>Borrava telas e ainda se achava um artista</i>.] 4. Pop. Fig. Defecar [int.: <i>Perdeu o controle e <u>borrou</u> -se todo</i>.] 5. Gír. Fig. Ficar aterrorizado, em pânico. [int.: (seguido de indicação de causa): <i>Borrou -se de susto</i>.] 6. Tornar indistinto, obscurecer. [td.: <i>As lágrimas <u>borravam</u> sua visão</i>.] 7. Fazer borrão ou rascunho de (algo) para depois executá-lo em definitivo (em artes plásticas, literatura) etc. [td.: <i>Borrar um quadro/um conto/um poema</i>] 8. Lus. Rabiscar, fazer grafitos em (muros etc.); pichar [td.] 9. Pej. Escrever textos banais, mediocres [td.: <i>Esse escritor <u>borrou</u> uns poeminhas e foi só</i>] 10. Pej. Fazer pinturas, gravuras etc. de má qualidade [td.: <i>Não é um pintor, <u>borra</u> uns quadros de vez em quando</i>] [f.: <i>borra</i> + -ar². Hom./Par.: <i>borro</i> (fl.), <i>borro</i> (sm.); <i>borra</i> (s) (fl.), <i>borra</i> (sf. e s2g.[e pl.])]
HOv	verbo 1 [t.d.int. e pron.; infm.] sujar(-se) com borra ou borrão; manchar(-se) <<i>borrou o desenho com nanquim</i>> <<i>a pintura borrou</i>> <<i>as crianças borraram-se com guache</i>> 1.1 [t.d. e pron.; p.ext.; infm.] sujar(-se) com qualquer matéria maculante <<i>borrou a toalha com vinho</i>> <<i>borrou-se todo de macarrão</i>> 1.2 [t.d. e pron.; p.metf.] sujar(-se) moralmente; manchar a própria reputação <<i>ter sido acusado de corrupção borrou sua imagem</i>> <<i>acabou por se b. com aquela declaração</i>> 1.3 [t.d. e pron.; infm.] sujar(-se) de matéria fecal <<i>b. as cuecas</i>> <<i>b.-se sem querer</i>> 2 [pron.; fig.; infm.] ter medo; estar apavorado <<i>está-se borrand com a perspectiva de ser despedido</i>> 3 [t.d.; p.ext.(da acp. 1)] riscar sobre o que se escreveu de modo a não mais poder ser lido; apagar <<i>b. a assinatura num manifesto</i>> 4 [t.d.; p.metf.] apagar, obscurecer <<i>b. a memória de um tirano</i>> 5 [t.d.] estragar com um borrão; fazer um borrão <<i>borrou o quadro ao transportá-lo com a tinta fresca</i>> 6 [t.d.int.; p.metf.; pej.] pintar mal <<i>esse não pinta, borra</i>> <<i>não é pintor, só borra uns quadros por hobby</i>> 7 [t.d.; ART.PLÁST, LIT] rascunhar, fazer borrão de (algo), para mais tarde eventualmente aprimorá-lo <<i>b. uma estatueta</i>> <<i>b. umas paisagens</i>> <<i>b. um conto</i>> 8 [t.d.; fig.; pej.] produzir (texto sem importância) 9 [t.d.; P] escrever, fazer grafitos em (parede, muro); pichar <<i>os candidatos serão multados se borrarem os muros</i>> 10 [int.; tab. m.q.] defecar.

Entrada “cagar”

Dicionário	Definição
FB	---
DAI	---
PV	---
DIP	---
AUjr	<i>verbo intrans. e pronominal</i> Chulo Veja <i>defecar</i> (2 e 3) [conjugação: <i>largar</i>] (p. 152)
SJ	<i>vi vulg</i> 1. Expelir fezes, defecar; <i>vp</i> 2. sujar-se com as próprias fezes; 3. <i>fig</i> apavorar-se (Com a turbulência do avião, cagou-se de medo.); <i>vti</i> 4. <i>fig vulg</i> não dar importância para algo (Os alienados estão cagando para o que acontece no mundo...); 5. fazer mal algo (Aquele grupo cagou o trabalho de Física.). <i>V conjug rogar.</i> (p. 160)
HOc	<i>v. int.</i> 1 expelir fezes; defecar <i>t.d. e pron.</i> 2 (prep. <i>de</i>) sujar(-se); emporcalhar(-se) < <i>c.-se de tinta</i> > <i>t.i. fig B</i> 3 (prep. <i>para</i>) não dar importância a; desprezar. <i>pron.</i> 4 sujar-se de fezes; borrar-se. (p. 150)
NAu	<i>tabu v.</i> 1. Expelir fezes pelo ânus; DEFECAR; EVACUAR [int.] 2. Tornar(-se) imundo (com fezes ou não); SUJAR(-SE) [td.: <i>Cagou -se com graxa</i> : "...a tal da mala de pau quebrou <u>cagando</u> o chão com uma gosma de gesso." (Antonio Callado, <i>Reflexos do baile</i>)] 3. Fig. Expressar, lançar (ordens, regras, opiniões etc.) com arrogância. [td.] 4. Fig. Ter medo, ficar apavorado, acovardar-se; BORRAR-SE [int.: <i>O supeito <u>cagou</u> -se todo ao ser interrogado</i> .] 5. Bras. Fig. Não dar

	importância a. [tr. + para: <i>Ele (se) caga para críticas infundadas.</i>] 6. Bras. Fig. Fazer mal, sem capricho (trabalho, tarefa etc.). [td. : <i>Ele cagou todo o desenho.</i>] 7. Pôr a perder, fazer malograr, estragar, arruinar [td. : <i>Depois de quase pronto, as últimas pinceladas cagaram o quadro todo.</i>] [tr. + com : <i>O acordo estava quase costurado, mas o discurso dele cagou com tudo.</i>] 8. Sair-se mal, fracassar, malograr [int. : <i>Não estudou para a prova e não deu outra: cagou-se.</i>] 9. Fig. Dar muita sorte. [int.] [F.: Do lat. <i>cacare</i> , de formação expressiva.] Cagar e andar 1 Não ligar a mínima (para algo), não dar a menor importância (a algo) Cagar para 1 Não dar a menor importância a (p. 259)
MI	<i>ch vint 1</i> defecar <i>vtd 2</i> expelir pelo ânus <i>vpr 3</i> emporcalhar-se <i>vpr 4</i> ter desprezo a qualquer coisa. <i>Cagar na retranca, gir:</i> fracassar feio. (p. 386)
DUPC	Vi (Ch) defecar (p. 217)
AU	Verbo intransitivo. Chulo 1. V. <i>defecar</i> (5). 2. Dar sorte. Verbo transitivo direto. 3. Fam. Pop. Dizer; soltar, com fanfarrice, pacholice ou leviandade: <i>cagar regras; cagar lorotas</i> ; “e Justiniano bravateando na calçada, <i>cagando</i> goma.” (Fran Martins, <i>Dois de Ouros</i> , p. 15). Verbo transitivo indireto. 4. Fam. Pop. Não dar atenção; não ligar importância: <i>O rapaz caga para os conselhos do amigo</i> . Verbo pronominal. 5. V. <i>defecar</i> (6): “berrava, <i>cagando-se</i> de medo e raiva.” (Adalberon Cavalcanti Lins, <i>Curral Novo</i> , p. 30). 6. Sentir cagaço. [Conjug.: v. <i>largar</i> . Part.: <i>cagado</i> . Cf. <i>cágado</i>]
HO	verbo Uso: informal ou tabuísmo. intransitivo 1 expelir fezes; defecar transitivo direto e pronominal 2 sujar(-se), emporcalhar(-se) Exs.: <i>c. a roupa; c.-se de tinta</i> pronominal 3 sentir muito medo; borrar-se, acovardar-se Ex.: <i>na hora do assalto, cagou-se</i> transitivo direto e transitivo indireto 4 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. fazer (algo) atamancadamente Ex.: <i>cagou (com) a pintura da sala toda</i> transitivo indireto 5 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. não dar importância a; desprezar Ex.: <i>cagava para o patrão</i>
CAv	<i>tabu v. 1.</i> Expelir fezes pelo ânus; DEFECAR; EVACUAR [int.] 2. Tornar(-se) imundo (com fezes ou não); SUJAR(-SE) [td.: <i>Cagou -se com graxa: "...a tal da mala de pau quebrou cagando o chão com uma gosma de gesso."</i> (Antonio Callado, <i>Reflexos do baile</i>)] 3. Fig. Expressar, lançar (ordens, regras, opiniões etc.) com arrogância. [td.] 4. Fig. Ter medo, ficar apavorado, acovardar-se; BORRAR-SE [int.: <i>O supeito cagou -se todo ao ser interrogado.</i>] 5. Bras. Fig. Não dar importância a. [tr. + para: <i>Ele (se) caga para críticas infundadas.</i>] 6. Bras. Fig. Fazer mal, sem capricho (trabalho, tarefa etc.). [td. : <i>Ele cagou todo o desenho.</i>] 7. Pôr a perder, fazer malograr, estragar, arruinar [td. : <i>Depois de quase pronto, as últimas pinceladas cagaram o quadro todo.</i>] [tr. + com : <i>O acordo estava quase costurado, mas o discurso dele cagou com tudo.</i>] 8. Sair-se mal, fracassar, malograr [int. : <i>Não estudou para a prova e não deu outra: cagou-se.</i>] 9. Fig. Dar muita sorte. [int.] [F.: Do lat. <i>cacare</i> , de formação expressiva.] Cagar e andar 1 Não ligar a mínima (para algo), não dar a menor importância (a algo) Cagar para 1 Não dar a menor importância a
HOv	verbo [infrm.] ou [tab.] 1 [int.] expelir fezes; defecar 2 [t.d.bit.] e [pron.] (prep.: de); [p.ana.] fazer ficar ou ficar sujo; sujar(-se), emporcalhar(-se) <c. a roupa (de lama)> <c.-se de tinta> 3 [pron.] sentir muito medo; borrar-se, acovardar-se <arrotava coragem, mas cagou-se todo na hora do assalto> 4 [t.d.] e [t.i.] (prep.: com); [fig.; B] confundir; baralhar <bastou ele pôr a mão no trabalho para c. (com) tudo> 5 [t.d.] e [t.i.] (prep.: com); [fig.; B] alterar (um sucesso, um processo, um fato) contra o interesse ou as conveniências de alguém <quando íamos penetrar na festa, o porteiro apareceu e cagou (com) o plano> 6 [t.d.] e [t.i.] (prep.: com); [fig.; B] fazer ou concluir às pressas e sem cuidado <cagou (com) a pintura da sala toda> 7 [t.i.] (prep.: em, para); [fig.; B] não dar importância a; desprezar <cagava para o patrão> <cagamos para cinema> <cagava em todos eles> 8 [t.i.] (prep.: em) proferir ofensas; insultar <cagou no garçom que roubou na conta> 9 [pron.; fig.; B] sair-se mal; foder-se <quem se cagou foi ele, quem mandou mentir?>

Entrada “criança”

Dicionário	Definição
FB	<i>sf 1.</i> Uma criança é um ser humano que ainda não chegou à adolescência. <i>Três crianças se feriram no acidente, entre elas um bebê de apenas um mês.</i> <i>sf 2.</i> Criança pode ser o mesmo que <i>filho</i> ou <i>filha</i> . <i>Tive duas crianças no meu primeiro casamento.</i> 2. <i>adjetivo 2g</i> Alguém é criança quando ainda é muito jovem ou quando se comporta como se fosse criança. <i>Você é criança demais! Não pode ouvir a palavra cocô que já começa a dar risadinhas!</i> (p. 115)
DAI	substantivo feminino Ser humano desde o nascimento até a adolescência. (p. 134)
PV	S fem 1 Ser humano de pouca idade. Adj 2 novo; de pouca idade: <i>Dina me acompanha desde criança.</i> (p. 47)

DIP	<i>s fem. 1. menino ou menina que está no período da infância. As crianças não podem ficar sem escola. 2. pessoa infantil, que age como criança mesmo não sendo uma. Embora seja um adulto, às vezes João tem atitudes de criança. (p. 85)</i>
AUjr	<i>subst. fem. 1. ser humano de pouca idade, menino ou menina. 2. Figurado pessoa ingênua, infantil. (p. 265)</i>
SJ	<i>sf 1. Ser humano no período da infância; adj 2 gên e sf 2. fig diz-se de ou pessoa ingênua, infantil (Deixe de ser criança e tome uma atitude! Cristiano é uma criança, confia em todo mundo...). (p. 271)</i>
HOc	<i>s.f. 1 bebê 2 ser humano antes de ser adulto adj. 2g. s.f. 3 que(m) age de maneira não madura. COL criança. (p. 246)</i>
NAu	<i>sf. 1. Ser humano, menino ou menina, com idade infantil, entre o nascimento e o início da puberdade 2. Fig. Pessoa ainda não adulta, ou muito jovem [Pode ser termo amistosamente jocoso, como referência a alguém mais jovem do que quem o usa: Você só tem quarenta anos? Mas é uma criança!] 3. Fig. Pessoa ingênua, inexperiente, infantil: Ele é uma criança, acredita em tudo que lhe dizem. 4. Cria, filho: Casaram há pouco tempo, mas já têm duas crianças.: a criança da vaca 5. Gír. Fut. Em gíria de locutores de futebol, a bola: Matou a criança no peito e chutou. a2g. 6. Fig. Diz-se de pessoa ingênua, inexperiente, infantil: Arranjou um namorado muito criança. [Antôn.: adulto, maduro.] [F.: criar + -ança, ou do lat. creantia. Ideia de 'criança', usar pref. ped (o)- e puer (i)-.] Criança de peito 1 A que ainda mama. Criança grande Joc. Adulto de comportamento infantil (ingênuo, imaturo, crédulo etc.). (p. 416)</i>
MI	<i>sf 1 ser humano no período da infância; menino ou menina 2 pessoa que se entretém com coisas pueris ou não trata os negócios com seriedade. c. de peito: a que ainda mama. c.-problema: criança de difícil orientação pedagógica, em razão de desequilíbrio das funções neuropsíquicas devido a fatores hereditários ou desajustamento social ou familiar. Pl: crianças-problema. (p. 608)</i>
DUPC	<i>Sf 1 ser humano de pouca idade: Milhares de crianças estão sendo submetidas a trabalhos pesados. 2 filho: As mães levavam as crianças para a vacinação. Adj 3 de pouca idade; novo: Lembre-se de que você não é mais criança. 4 infantil; imaturo: Não seja criança, assuma suas responsabilidades! (p. 359)</i>
AU	<i>Substantivo feminino. 1. Ser humano de pouca idade, menino ou menina. [Sin.: párvulo e (lus.) puto.] 2. Pessoa ingênua, infantil: Não desconfia de nada, é uma criança. 3. Ant. Criação, educação. Criança de peito. A que ainda mama; menino do peito</i>
HO	<i>substantivo feminino 1 ser humano na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade 2 filho, rebento; cria Ex.: já tem duas c., agora está grávida de novo 3 Diacronismo: antigo. m.q. criação ('educação') □ adjetivo de dois gêneros e substantivo feminino Regionalismo: Brasil. 4 que ou aquele que age infantilmente ou se comporta com ingenuidade, sendo já maduro Exs.: o namorado dela é muito c.; é uma verdadeira c., não tem nenhuma malícia • c. de peito aquela que ainda está sendo amamentada; menino de peito</i>
CAv	<i>sf. 1. Ser humano, menino ou menina, com idade infantil, entre o nascimento e o início da puberdade 2. Fig. Pessoa ainda não adulta, ou muito jovem [Pode ser termo amistosamente jocoso, como referência a alguém mais jovem do que quem o usa: Você só tem quarenta anos? Mas é uma criança!] 3. Fig. Pessoa ingênua, inexperiente, infantil: Ele é uma criança, acredita em tudo que lhe dizem. 4. Cria, filho: Casaram há pouco tempo, mas já têm duas crianças.: a criança da vaca 5. Gír. Fut. Em gíria de locutores de futebol, a bola: Matou a criança no peito e chutou. a2g. 6. Fig. Diz-se de pessoa ingênua, inexperiente, infantil: Arranjou um namorado muito criança. [Antôn.: adulto, maduro.] [F.: criar + -ança, ou do lat. creantia. Ideia de 'criança', usar pref. ped (o)- e puer (i)-.] Criança de peito 1 A que ainda mama. Criança grande 1 Joc. Adulto de comportamento infantil (ingênuo, imaturo, crédulo etc.). 2</i>
HOv	<i>substantivo feminino 1 ser humano que se encontra na fase da infância, indivíduo que se encontra na fase que vai do nascimento à puberdade 2 p.ext. ser humano que não é adulto, pessoa jovem <ainda não fez 18 anos, é uma c.> 3 filho, rebento; cria <já tem duas c., agora está grávida de novo> 4 B; infm. para os pais ou parentes mais idosos, o filho, seja em que idade for <o casal de idosos contava apenas com o apoio de suas eternas c.> 5 FUTB; B; infm. bola, pelota <travou a c. e chutou> 6 (sXIV) p.ana.(da acp. 1); P cria de animal 7 ant. m.q. criação (no sentido de 'educação') 8 P; ant. criação de animais <c. de abelhas> adjetivo de dois gêneros e substantivo feminino B 9 que ou aquele que age infantilmente; que ou quem, sendo já maduro, se comporta com ingenuidade ou age de maneira imatura <o namorado dela é muito c.> <é uma verdadeira c., não tem nenhuma malícia></i>

Entrada “dicionário”

Dicionário	Definição
FB	<i>sm</i> 1. Um dicionário é um livro (ou um CD-ROM, um <i>website</i> etc.) que apresenta palavras em ordem alfabética, dá os significados delas e fornece informações como sinônimos antônimos e abreviaturas. <i>Nos dicionários, é comum usar as letras sm para indicar que uma palavra é um substantivo masculino.</i> 2. Um dicionário bilíngue é aquele que apresenta palavras de uma língua e dá o significado delas em outra. <i>Se você olhar num dicionário bilíngue espanhol-português, vai descobrir que entonces significa então em português.</i> Um dicionário eletrônico é aquele em que as palavras e seus significados não estão em um livro de papel, mas sim em um CD-ROM, um <i>website</i> ou qualquer outro meio eletrônico. <i>Num dicionário eletrônico, podemos usar a ordem alfabética ou digitar a palavra que queremos achar.</i> (p. 133)
DAI	substantivo masculino 1. Livro que contém a relação das palavras de uma língua, arrumadas em ordem alfabética com o seu significado. 2. Livro que contém a relação das palavras de uma língua, e o seu significado traduzido para outra: <i>Tenho um dicionário inglês-português.</i> (p. 162)
PV	S masc obra que contém uma lista de vocábulos de uma língua, dispostos por ordem alfabética, com suas definições ou seus equivalentes e principais propriedades, na mesma língua ou em outra. (p. 132)
DIP	<i>s masc.</i> conjunto de palavras e expressões de uma língua, geralmente em ordem alfabética, com informações sobre o significado das palavras, seu uso na língua e dados gramaticais a respeito delas. <i>Existem vários tipos de dicionários. A professora pediu aos alunos que comprassem um dicionário inglês-português, português-inglês.</i> (p. 100)
AUj r	<i>subst. masc.</i> 1. conjunto de vocábulos de uma língua ou de termos próprios de uma ciência ou arte, dispostos alfabeticamente, e com os respectivos significados, ou a sua versão em outra língua; léxico. 2. obra ou livro que o consigna, ou um exemplar de uma dessas obras: “Para todas as coisas: <u>dicionário</u> / Para que fiquem prontas: paciência” (Nando Reis, na canção <i>Diariamente</i>). [sinônimo (<i>brasileirismo</i> e <i>popular</i>) de 2: <i>pai dos burros</i>.] (p. 323)
SJ	<i>sm</i> 1. obra que registra palavras e se organiza em verbetes em ordem alfabética (<i>Existem dicionários de uma só língua, que descrevem o significado, e dicionários bilíngues, que oferecem equivalências em outras línguas.</i>); 2. obra que reúne determinada categoria de palavras, acompanhando-as das devidas explicações (<i>dicionário de informática; dicionário de verbos e regimes; dicionário de economia</i>). 3. fig todas as palavras conhecidas ou usadas; vocabulário (<i>Ele disse que “nunca” é uma palavra que não consta do seu dicionário, porque ninguém sabe o que fará no futuro.</i>) (p. 329)
HO c	<i>s.m.</i> listagem, ger. em ordem alfabética, das palavras e expressões de uma língua ou um assunto com seus respectivos significados ou sua equivalência em outro idioma. (p. 302)
NA u	<i>sm.</i> 1. Obra que reúne, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (<u>dicionário</u> de cinema / de inglês) 2. O conjunto das palavras ou termos reunidos nessa obra 3. Livro ou outro suporte que contém tais informações (<u>dicionário</u> eletrônico). 4. Pessoa de extensos conhecimentos; dicionário ambulante [F.: Do lat.medv. <i>dictionarium</i>. Cf.: <i>glossário</i>] Dicionário analógico 1 Lex. Aquele que apresenta as palavras em grupos que têm em comum certa afinidade de significados, ou de usos, ou de contextos de uso; dicionário de ideia afins; dicionário ideológico. Dicionário bilíngue 1 Lex. Aquele que apresenta os significados de palavras de uma língua em uma outra língua. Dicionário de ideias afins 1 Lex. Ver <i>Dicionário analógico</i>. Dicionário eletrônico 1 Inf. Versão de dicionário criada para ser us. em computador, com várias modalidades de acesso e de pesquisa das palavras. Dicionário enciclopédico 1 Lex. Obra de referência que usa a técnica dos dicionários para dar (também) informações enciclopédicas sobre nomes comuns e nomes próprios, tais como as de caráter histórico, geográfico, científico, cultural etc. 🐼 Um dos fatores mais diferenciadores do ser humano é sua imensa (quando comprada à das outras espécies) capacidade de se comunicar e de trocar, armazenar e resgatar informações (ou seja, de construir e transmitir conhecimento). Isso advém, por sua vez, de sua capacidade de apreender, processar e utilizar um sistema praticamente inesgotável de signos que representam os significados das coisas que percebe, e cuja combinação estruturada representa ideias, conceitos, descrições baseados nessas coisas, sejam elas concretas ou abstratas. Esses signos de linguagem, comunicados através do aparelho fonador ou de sua representação gráfica, são as palavras, e suas estruturas lógicas que formam significados são as frases, e o tipo de linguagem que eles constituem é uma língua, ou idioma. A eficácia da língua como sistema de comunicação e armazenamento de informações, em forma de mensagens, exige sintonia entre o emissor e o receptor dessas mensagens, ou seja, os significados dos signos (palavras) e da estrutura lógica em que estão montados para formarem ideias, conceitos etc., devem ser os mesmos para emissor e receptor, ou não

	haverá comunicação, nem formação ou resgate de conhecimento. O eixo, a referência nesse processo de comunicação é o acervo das palavras com todos os seus significados possíveis e das informações necessárias para determinar os contextos de cada significado e a forma de montar as estruturas lógicas em que eles formarão ideias, mensagens, conhecimento. Esse acervo é o dicionário, conjunto das palavras de uma língua com seus significados e informações necessárias e suficientes para seu uso nos vários contextos em que se aplicam. (p. 495)
MI	sm Coleção de vocábulos de uma língua, de uma ciência ou arte, dispostos em ordem alfabética, com o seu significado ou equivalente na mesma ou em outra língua. <i>Sin: léxico, vocabulário, glossário. D. vivo: indivíduo muito erudito ou de grande memória.</i> (p. 719)
DU PC	Sm 1 obra que contém, parcial ou totalmente, os vocábulos de uma língua, dispostos por ordem alfabética, com seu significado e principais traços, na mesma língua ou em outra (p. 437)
AU	Substantivo masculino. 1. Conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua. 2. Obra ou livro que os consigna: “Para todas as coisas: <u>dicionário</u> / Para que fiquem prontas: paciência” (Nando Reis, na canção <i>Diariamente</i>). [Sin. (pop.), nesta acepç.: <i>desmancha-dúvidas, pai dos burros, tira-teimas.</i>] 3. Exemplar de uma dessas obras. 4. Dicionário vivo. [Cf. <i>dicionario</i> , do v. <i>dicionariar.</i>] Dicionário de dados. Inform. Documento originado no projeto conceitual de um sistema de informações, e que define nomes, significados, domínios e outras características específicas dos itens que constituirão o banco de dados do sistema (21). Dicionário eletrônico. Inform. Modalidade eletrônica de dicionário (2). Dicionário vivo. V. <i>enciclopédia</i> (3). [Tb. se diz apenas <i>dicionário</i>]
HO	substantivo masculino 1 Rubrica: lexicologia. compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. <i>Exs.: d. de sinônimos e antônimos; d. analógico 2</i> Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: lexicologia. compilação de alguns dos vocábulos empr. por um indivíduo (p.ex., um escritor), um grupo de indivíduos, ou us. numa época, num movimento etc., ou ainda de informações ou referências sobre qualquer tema ou ramo do conhecimento; glossário, vocabulário <i>Exs.: d. de Os Lusíadas; d. do açúcar 3</i> Derivação: por metonímia. Rubrica: bibliologia. livro, ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual etc., que contém tais compilações <i>Ex.: d. eletrônico 4</i> Derivação: sentido figurado. pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social etc. <i>Ex.: a arte cristã foi durante séculos o d. das crenças e costumes do Ocidente</i>
CA v	sm. 1. Obra que reúne, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (<u>dicionário</u> de cinema / de inglês) 2. O conjunto das palavras ou termos reunidos nessa obra 3. Livro ou outro suporte que contém tais informações (<u>dicionário</u> eletrônico). 4. Pessoa de extensos conhecimentos; dicionário ambulante [F.: Do lat.medv. <i>dictionarium</i> . Cf.: <i>glossário</i>] Dicionário analógico 1 Lex. Aquele que apresenta as palavras em grupos que têm em comum certa afinidade de significados, ou de usos, ou de contextos de uso; dicionário de ideia afins; dicionário ideológico. Dicionário bilíngue 1 Lex. Aquele que apresenta os significados de palavras de uma língua em uma outra língua. Dicionário de ideias afins 1 Lex. Ver <i>Dicionário analógico</i> . Dicionário eletrônico 1 Inf. Versão de dicionário criada para ser us. em computador, com várias modalidades de acesso e de pesquisa das palavras. Dicionário enciclopédico 1 Lex. Obra de referência que usa a técnica dos dicionários para dar (também) informações enciclopédicas sobre nomes comuns e nomes próprios, tais como as de caráter histórico, geográfico, científico, cultural etc. 📖 Um dos fatores mais diferenciadores do ser humano é sua imensa (quando comprada à das outras espécies) capacidade de se comunicar e de trocar, armazenar e resgatar informações (ou seja, de construir e transmitir conhecimento). Isso advém, por sua vez, de sua capacidade de apreender, processar e utilizar um sistema praticamente inesgotável de signos que representam os significados das coisas que percebe, e cuja combinação estruturada representa ideias, conceitos, descrições baseados nessas coisas, sejam elas concretas ou abstratas. Esses signos de linguagem, comunicados através do aparelho fonador ou de sua representação gráfica, são as palavras, e suas estruturas lógicas que formam significados são as frases, e o tipo de linguagem que eles constituem é uma língua, ou idioma. A eficácia da língua como sistema de comunicação e armazenamento de informações, em forma de mensagens, exige sintonia entre o emissor e o receptor dessas mensagens, ou seja, os significados dos signos (palavras) e da estrutura lógica em que estão montados para formarem ideias, conceitos etc., devem ser os mesmos para emissor e receptor, ou não haverá comunicação, nem formação ou resgate de conhecimento. O eixo, a referência nesse processo de comunicação é o acervo das palavras com todos os seus significados possíveis e das informações necessárias para determinar os contextos de cada significado e a forma de montar as estruturas lógicas

	em que eles formarão ideias, mensagens, conhecimento. Esse acervo é o dicionário, conjunto das palavras de uma língua com seus significados e informações necessárias e suficientes para seu uso nos vários contextos em que se aplicam.
HO v	substantivo masculino 1 <i>LEX</i> compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencionada, ger. alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.] 2 <i>p.ext.</i> ; <i>LEX</i> compilação de alguns dos vocábulos <i>empr.</i> por um indivíduo (p.ex., um escritor), um grupo de indivíduos, ou <i>us.</i> numa época, num movimento etc.; glossário, vocabulário <i>«D. de Os Lusíadas» «D. da Escravidão» «D. da Linguagem do Vaqueiro»</i> 3 <i>p.ext.</i> conjunto de opiniões pessoais enunciadas segundo a ordenação alfabética de uma lista de palavras que fazem de entrada (como num dicionário de língua) <i>«Dicionário Filosófico, de Voltaire»</i> 4 <i>p.ext.</i> ; <i>LEX</i> compilação de informações ou referências sobre qualquer tema ou ramo de conhecimento (p.ex., determinada área do fazer ou do saber humano) cujos itens vêm organizados em ordem alfabética; glossário, vocabulário <i>«D. do Açúcar» «D. de Marcenaria»</i> 5 <i>p.met.</i> ; <i>BIBL</i> livro, sob forma impressa ou eletrônica, ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual etc., que contenha tais compilações 6 <i>p.ext.</i> série de unidades léxicas memorizadas numa máquina de traduzir 7 <i>p.metf.</i> ou <i>p.met.</i> pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos; dicionário ambulante, enciclopédia viva 8 <i>p.metf.</i> repositório de informações de ordem cultural, social etc. <i>«a arte cristã foi durante séculos o d. das crenças e costumes do Ocidente» «ser um d. humano»</i>

Entrada “família”

Dicionário	Definição
FB	1 A sua família são os adultos responsáveis por você e pelas outras crianças que moram na sua casa. 2 Também chamados de família o conjunto dos parentes de alguém, como avós, tios, primos ou sobrinhos, mesmo que cada um mora numa casa diferente.
DAI	1 O núcleo familiar formado principalmente pelo pai, pela mãe e pelos filhos. 2 Conjunto de pessoas ligadas por parentesco. 3 Classificação que reúne grupos de animais ou de plantas.
PV	1 grupo de pessoas que têm parentesco. 2 grupo que é composto por pai e/ou mãe e seus filhos. 3 grupo de elementos que têm uma propriedade comum; classe.
DIP	1 Comunidade constituída por pais e filhos. 2 Grupo de pessoas que são parentes.
AUjr	1 Pessoas aparentadas que, em geral, vivem na mesma casa, em particular o pai, a mãe e os filhos. 2 Pessoas do mesmo sangue. 3 origem, ascendência. 4 <i>Ciências naturais</i> reunião de gêneros.
SJ	1 grupo de pessoas ligadas por parentesco; casamento ou adoção; 2 grupo de coisas que apresentam qualidades comuns; 3 <i>Biol</i> classificação científica de organismos animais e vegetais, formada por vários gêneros com características comuns; 4 <i>Ling</i> grupo de palavras com a mesma raiz; 5 <i>Ling</i> conjunto de línguas de mesma origem.
HOcon	1 grupo de pessoas, formado esp. por pai, mãe e filho(s), que vivem sob o mesmo teto 2 grupo de pessoas ligadas entre si pelo casamento ou qualquer parentesco 3 <i>fig</i> grupo de pessoas unidas por crenças, interesses ou origem comum 4 <i>fig</i> grupo de seres ou coisas com características comuns 5 na classificação dos seres vivos, categoria que agrupa um ou mais gêneros ou tribos, relacionados segundo a história da evolução e distintos dos outros por características marcantes.
NAu	1 grupo de pessoas que têm parentesco próximo entre si (esp. pai, mãe e filhos) e que vivem na mesma residência, seu lar. 2 grupo de pessoas que têm relações de parentesco, inclusive as adquiridas (por casamento, adoção etc.) 3 grupo de pessoas que se originam dos mesmos ascendentes 4 <i>Biol</i> uma das classificações científicas dos organismos animais, vegetais ou minerais, constituída por vários gêneros que possuem muitas características comuns 5 grupo de pessoas que têm afinidade entre elas por manterem interesses, funções, objetivos etc. comuns 6 <i>Ling</i> conjunto de vocábulos que têm a mesma origem 7 <i>Ling</i> grupo de línguas que derivam de um tronco comum 8 grupo de coisas que têm características comuns 9 <i>Art gr</i> conjunto de tipos que apresentam as mesmas características básicas de desenho 10 <i>Quím</i> Ver <i>grupo</i> 11 <i>Soc</i> grupo de indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros ou por descendência comum ou por adoção. (p. 640)

MI	1 conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem 2 pessoas do mesmo sangue, que vivem ou não em comum 3 descendência, linhagem 4 o pai, a mãe e os filhos. 5 sectários de um sistema 6 <i>Hist nat</i> grupo sistemático, divisão principal de uma ordem, constituído de um ou mais gêneros vegetais ou animais e em que todos os organismos, que a ele pertencem, se ligam por caracteres comuns 7 <i>Quím</i> grupo de elementos caracterizados por uma propriedade comum como valência, solubilidade dos sais, reações químicas etc. 8 <i>Sociol</i> instituição social básica que compreende um ou mais homens vivendo maritalmente com uma ou mais mulheres, os descendentes vivos, e, às vezes, e outros parentes ou agregados 9 <i>Tip</i> conjunto dos caracteres cujo desenho, independentemente do corpo, apresenta as mesmas características fundamentais, podendo apenas variar na forma e na inclinação dos traços ou na largura relativa das Letras 10 <i>Apic</i> o mesmo que <i>enxame</i> , acepção 11 <i>Geol</i> grupo de rochas da mesma composição geral mineralógica e química 12 <i>Miner</i> grupo de minerais da mesma composição geral química. (p. 936)
DUPC	1 grupo de pessoas aparentadas que vivem sob o mesmo teto 2 filhos 3 grupo de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem 4 grupo de pessoas que têm o mesmo credo, as mesmas convicções ou interesses, etc. 5 grupo de elementos caracterizados por uma propriedade comum; categoria; classe 6 divisão principal de uma ordem, constituída de um ou mais gêneros vegetais ou animais 7 pessoas ligadas pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção. (p. 595)
AU	1. Pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 2. Pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança. 3. Ascendência, linhagem, estirpe. 4. Biol. Categoria taxonômica compreendida entre a ordem e o gênero. [V. <i>grupos taxonômicos</i> .] 5. P. ext. Grupo de indivíduos que professam o mesmo credo, têm os mesmos interesses, a mesma profissão, são do mesmo lugar de origem, etc. 6. Fig. Categoria, classe. 7. E. Ling. Conjunto de vocábulos que têm a mesma raiz (10 e 11); família de palavras, família léxica. [Em português, p. ex., cada um dos seguintes grupos pertence a uma família: (a) <i>povoar, populismo e republiqueta</i> ; (b) <i>falar, falador, falatório</i> .] 8. E. Ling. Conjunto de línguas que derivam de uma língua ancestral comum; família linguística. 9. Genét. Conjunto de gêneros afins. 10. Quím. Grupo (3). 11. Sociol. Núcleo constituído pela união entre dois indivíduos e pelos filhos nascidos ou agregados a partir dessa união. 12. Sociol. Unidade espiritual constituída pelas gerações descendentes de um mesmo tronco, e fundada, pois, na consanguinidade. 13. Sociol. Grupo formado por indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes dum tronco ancestral comum e estranhos admitidos por adoção. 14. Tip. Conjunto de tipos que apresentam o mesmo desenho básico, malgrado variações de corpo, inclinação, largura, etc. Ex.: Bodoni, Didot e Helvética. 15. Bras. MG MT RS Filho ou filha.
HO	1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos) 2 grupo de pessoas com ancestralidade comum 3 pessoas ligadas por casamento, filiação ou adoção 3.1 Derivação: sentido figurado. grupo de pessoas unidas por convicções ou interesses ou providas de um mesmo lugar 3.2 grupo de coisas que apresentam propriedades ou características comuns 4 Rubrica: biologia. categoria que compreende um ou mais gêneros ou tribos com origem filogenética comum e distintos de outros gêneros ou tribos por características marcantes 5 Rubrica: artes gráficas. conjunto de tipos cujo desenho apresenta as mesmas características básicas 6 Rubrica: química. m.q. grupo.
CAv	1. Grupo de pessoas que têm parentesco próximo entre si (esp. pai, mãe e filhos) e que vivem na mesma residência, seu lar 2. Grupo de pessoas que têm relações de parentesco, inclusive as adquiridas (por casamento, adoção etc.) 3. Grupo de pessoas que se originam dos mesmos ascendentes; DESCENDÊNCIA; LINHAGEM 4. Biol. Uma das classificações científicas dos organismos animais, vegetais ou minerais, constituída por vários gêneros que possuem muitas características comuns (<i>família</i> das leguminosas) 5. Grupo de pessoas que têm afinidade entre elas por manterem interesses, funções, objetivos etc. comuns (<i>família</i> militar, <i>família</i> vascaína) 6. Ling. Conjunto de vocábulos que têm a mesma origem (<i>família</i> de palavras) 7. Ling. Grupo de línguas que derivam de um tronco comum (<i>família</i> indo-europeia) 8. Grupo de coisas que têm características comuns: <i>Esse material é da família dos metais</i> . 9. Art.gr. Conjunto de tipos que apresentam as mesmas características básicas de desenho 10. Quím. Ver grupo 11. Soc. Grupo de indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros ou por descendência comum ou por adoção.
HOv	1 núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que ger. compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável 1.1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos) 1.2 grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco 1.3 pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pela

	adoção 2 <i>fig.</i> grupo de pessoas unidas por mesmas convicções ou interesses ou que provêm de um mesmo lugar <i><uma f. espiritual> <a f. mineira></i> 3 grupo de coisas que apresentam propriedades ou características comuns <i><porcelana chinesa da f. verde></i> 4 <i>bio</i> categoria que compreende um ou mais gêneros ou tribos com origem filogenética comum e distintos de outros gêneros ou tribos por características marcantes [Na hierarquia de uma classificação taxonômica, está situada abaixo da <i>ordem</i> e acima da <i>tribo</i> ou do <i>gênero</i> .] 5 <i>gráf</i> conjunto de tipos que apresentam em seu desenho as mesmas características básicas 6 <i>mat</i> conjunto de curvas ou superfícies indexadas por um ou mais parâmetros 7 <i>quím m.q.</i> grupo cf. <i>tabela periódica</i> 8 <i>MG, PR, RS, MT; infm.</i> filho ou filha (entre as pessoas do interior) <i><Isidora tem seis f. em casa></i>
--	---

Entrada “galera”

Dicionário	Definição
FB	---
DAI	substantivo feminino Os amigos; a turma: <i>Esta é a fotografia da minha galera.</i> (p. 245)
PV	S fem 1 Grupo de amigos; turma: <i>A galera da escola fez uma festa.</i> 2 conjunto de torcedores de um clube esportivo; torcida: <i>Histórias de futebol fazem alegria da galera.</i> Uso informal. (p. 210)
DIP	---
AUjr	galera ¹ <i>subst. fem.</i> Antigo navio movido a remos e a velas, de três mastros. galera ² <i>subst. fem.</i> <i>Brasileirismo Popular</i> 1. grupo de torcedores. 2. turma de amigos ou de conhecidos: <i>A galera veio em peso.</i> (p. 454)
SJ	<i>sf</i> 1. Mar Antiga embarcação a vela, comprida e estreita, com dois ou três mastros, usada para o transporte de mercadorias ou para guerra (“ <i>A velha e gloriosa corveta - que pena! - já nem sequer lembrava o mesmo navio d’outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto</i> ”, O bom crioulo, Adolfo Caminha.); 2. antigo carro de transporte de bombeiros; 3. <i>gír</i> grupo de pessoas, sobretudo de amigos (“ <i>Aumenta o som eu quero ouvir / O grito da galera / Hoje é dia de rodeio / Solte sua emoção</i> ”, O grito da galera, Rionegro e Solimões.); 4. <i>gír</i> Fut grupo de torcedores das arquibancadas (<i>Terminada a partida, o artilheiro jogou sua camisa para a galera.</i>). (p. 492)
HOc	<i>s.f.</i> 1 antiga embarcação de guerra; galé 2 <i>Br infm</i> qualquer grupo afim; turma. (p. 465)
NAu	galera ¹ (<i>ga.le.ra</i>) <i>sf.</i> 1. Ant. Mar. Navio a vela de três mastros redondos, cada um destes com dois mastaréus. 2. Antq. Antigo navio de guerra; GALÉ ➡ 3. Forno de uma fundição. 4. Antq. Carro que transportava bombeiros em casos de incêndio. [F.: Do cat. <i>galera</i> .] galera ² (<i>ga.le.ra</i>) Bras. 1. Conjunto dos torcedores numa competição esportiva, esp. o futebol. 2. P.ext. Qualquer grupo de pessoas, ger. jovens, reunidas em torno de alguma atividade: <i>A galera dos surfistas.</i> [F.: Posv. corruptela apocopada de ‘galeria’.] (p. 695)
MI	galera ¹ <i>sf</i> 1 Náut ant barco de guerra, a remos e a vela, largo e baixo, movido por galeotes e usado até o século XVIII 2 Náut embarcação mercante de três mastros armados à redonda 3 Metal forno comprido e próprio para fundir 4 carroça grande de quatro rodas 5 carroça de incêndios para transporte de bombeiros. galera ² <i>sf pop</i> 1 o conjunto de pessoas que aplaude e incentiva um grupo em competição; torcida 2 conjunto de amigos, turma. (p. 1008)
DUPC	galera ¹ Sf antiga embarcação comprida e estreita, de vela e remos, com dois ou três mastros galera ² Sf (Coloq) 1 coletividade adeptos de um clube esportivo; torcida: <i>O desempenho do time decepcionou a galera.</i> 2 grupo de espectadores; público: <i>Durante o show, o cantor empolgou a galera.</i> 3 grupo de amigos; turma: <i>Ao abrir os olhos na UTI, viu pela porta a galera lá fora.</i> De galeria (6). (p. 662)
AU	galera ¹ Substantivo feminino. 1. Ant. Galé (1): “defrontaram [os cartagineses] uma frota romana composta de <i>galeras</i> de alto bordo e cinco bancos de remadores” (Aquilino Ribeiro, <i>Os Avós dos Nossos Avós</i> , p. 80). 2. Antigo navio à vela, de mastreação constituída de gurupés e três mastros de brigue, envergando ou não, além das velas redondas e de proa, velas latinas quadrangulares. Raramente existiram galeras com 4 e 5 mastros. 3. Carroça para transporte de bombeiros, em serviço de incêndio. 4. Forno de fundição. galera ² Substantivo feminino. Bras. 1. V. <i>torcida</i> ¹ (2). 2. V. <i>turma</i> ¹ (7).
HO	substantivo feminino 1 Rubrica: termo de marinha. antiga embarcação de guerra; galé 2 Rubrica: termo de marinha. navio de vela, ger. de três mastros redondos com dois mastaréus em cada um 3 Rubrica: futebol. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. grupo de torcedores das gerais e arquibancadas 4 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. qualquer grupo afim; o pessoal, o grupo, a roda de amigos Exs.: <i>a g. de Ipanema; a g. da ecologia</i>

	5 forno de fundição 6 Diacronismo: obsoleto. carroça para transporte de bombeiros em serviço de incêndio 7 Rubrica: carcinologia. Regionalismo: Brasil. m.q. tamarutaca
CAv	galera ¹ (ga.le.ra) sf. 1. Ant. Mar. Navio a vela de três mastros redondos, cada um destes com dois mastaréus. 2. Antq. Antigo navio de guerra; GALÉ 3. Forno de uma fundição. 4. Antq. Carro que transportava bombeiros em casos de incêndio. [F.: Do cat. <i>galera</i> .] galera ² (ga.le.ra) Bras. 1. Conjunto dos torcedores numa competição esportiva, esp. o futebol. 2. P.ext. Qualquer grupo de pessoas, ger. jovens, reunidas em torno de alguma atividade: <i>A galera dos surfistas</i> . [F.: Posv. corruptela apocopada de 'galeria'.]
HOv	substantivo feminino 1 MAR antiga embarcação de guerra; galé 2 MAR navio de vela, ger. de três mastros redondos com dois mastaréus em cada um 3 (1986) FUTB ; B ; infrm. grupo de torcedores das gerais e arquibancadas 4 (1986) p.ext. ; B ; infrm. qualquer grupo afim; o pessoal, o grupo, a roda de amigos <i>«a g. de Ipanema» «a g. da ecologia»</i> 5 forno de fundição 6 obsl. carroça para transporte de bombeiros em serviço de incêndio 7 CARC ; B m.q. tamarutaca

Entrada “galho”

Dicionário	Definição
FB	sm Os galhos são as partes de madeira mais finas que começam no tronco da árvore. <i>O vento agitava os galhos da mangueira</i> . Sinônimo: <i>ramo</i> (p. 193)
DAI	---
PV	S masc ramo de planta: <i>Nos galhos do pinheiro nasceram folhas novas</i> (p. 210)
DIP	s masc. parte de uma árvore que cresce do tronco e onde nascem as folhas, as flores e os frutos. <i>Um galho daquela árvore está invadindo o quintal do vizinho</i> . quebrar o galho : resolver um problema; vencer um obstáculo favorecendo alguém. ver árvore . (p. 144)
AUjr	subst. masc. 1. ramo (1). 2. <i>Ciências naturais</i> galhada (2). quebrar um galho <i>Brasileirismo Popular</i> resolver ou ajudar a resolver um problema, uma dificuldade. (p. 455)
SJ	sm 1. Bot ramificação do caule das árvores e arbustos; ramo. 2. Zool Mq galhada (acep 2). dar galho : provocar dificuldades, problemas. quebrar um galho : resolver um problema de maneira provisória (<i>Sei que você não é técnico em informática, mas pode quebrar um galho e me ajudar a reinstalar os programas?</i>). (p. 493)
HOc	s.m. 1 ramo de árvore ou arbusto 2 B infm biscate 3 B infm confusão, briga <o vizinho briguento causou um g. danado> 4 B infm situação difícil <ter que enfrentar um g.> COL galhaç, galhada, galharia. quebrar um g. loc. vs. B infm ajudar a resolver uma dificuldade. (p. 465)
NAu	sm. 1. Bot. Parte ou subparte do caule das árvores, arbustos e outros vegetais 2. Essa porção da planta, quando separada do caule. 3. Anat. Zool. Chifre (2). 4. Bras. Pop. Trabalho extra: <i>Tinha naquele serviço apenas um galho</i> . 5. Bras. Gír. Situação complicada, problemática: <i>Aquela queda foi um galho que não esperava</i> . 6. Gír. Confusão, discórdia, briga: <i>Sair antes da hora acaba dando galho</i> . 7. Gír. Relação amorosa fora do casamento; CASO; CACHO: <i>Teve um galho com a enfermeira</i> . [F.: Do lat. vulg. <i>galleus</i> .] Balançar o galho da roseira 1 AL Tabu Peidar. Botar o galho dentro 1 Bras. Pop. Retrair-se, não se manifestar, ficar quieto. Dar (um) galho 1 Bras. Gír. Causar dificuldades, trazer aborrecimento. Quebrar um galho 1 Bras. Gír. Ajudar a resolver um problema. (p. 695)
MI	sm 1 ramo de árvore 2 parte do ramo que fica ligada ao tronco, depois de partido o ramo; esgalho 3 cacho, escádea 4 chifre dos ruminantes 5 pop emprego, ou ocupação subsidiária 6 pop ligação amorosa ilícita 7 pop barulho, briga. <i>Dar galho, gír:</i> dar barulho, briga; trazer dificuldade. <i>Pular de galho em galho:</i> não parar num lugar; não ter estabilidade. <i>Quebrar o galho, gír:</i> resolver uma situação difícil. (p. 1009)
DUPC	Sm [Co] 1 ramo de planta: <i>luzinhas coloridas nos galhos da pitangueira</i> [Ab] 2 (Coloq) dificuldade; problema: <i>Mas não tem galho, eu vou ajudar você</i> . 3 subdivisão; ramificação: <i>O pagode não é um galho secundário da música brasileira</i> . cada macaco no seu g. cada um deve ocupar-se do que entende ou do que lhe diz respeito. (p. 663)
AU	Substantivo masculino. 1. Ramo (1). 2. A parte do ramo que fica presa ao caule depois de partido o ramo. 3. Chifre de ruminantes. 4. Bras. Gír. V. bico ¹ (13). 5. Bras. Gír. Dificuldade; complicação: <i>Esta página está cheia de galhos</i> . 6. Bras. Gír. V. caso (7). 7. Bras. MG Barulho, briga. ~ V. <i>galhos</i> Balançar o galho da roseira . Bras. AL Chulo Peidar, soltar-se. Botar o galho (pra) dentro . Bras. Chulo Acovardar-se, fazendo-se de desentendido, diante de alguém ou de algo (situação desfavorável, etc.); pôr o galho (pra) dentro. Dar (um) galho . Bras. Gír. Trazer dificuldades, complicações, aborrecimentos. De galho. Por meio de um galho: <i>Há plantas que pegam de galho</i> . Pôr o galho (pra) dentro. Chulo Botar o galho (pra) dentro . Quebrar (o/um) galho

	Bras. Gír. Resolver ou ajudar a resolver uma dificuldade. Serrar o galho em que está sentado. V. <i>atirar no próprio pé</i> .
HO	substantivo masculino 1 divisão ou subdivisão do caule das árvores e dos arbustos 2 toco que fica no caule depois de partido o ramo 3 esse ramo partido, desprendido da árvore 4 Rubrica: anatomia zoológica. m.q. ¹ cornio ('apêndice ósseo') 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. emprego ou ocupação secundária ou não regular; biscate 6 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. complicação, confusão; briga Exs.: teremos de enfrentar esse galho; sua carta deu um tremendo g. no jornal; a intriga do vizinho deu um g. danado 7 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. relação extraconjugal; caso □ galhos □ substantivo masculino plural Regionalismo: Brasil. 8 conjunto de riachos que se reúnem, nas cabeceiras, para formar um rio • botar o g. dentro Regionalismo: Brasil. Uso: informal. acautelar-se; pôr as barbas de molho 2 não reagir; acovardar-se Ex.: ao ver polícia, o machão botou o g. dentro • quebrar (um) g. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. ajudar a resolver algo, ainda que precária e/ou provisoriamente Ex.: enquanto o amigo esteve doente, quebrou um galho no seu emprego
CAv	sm. 1. Bot. Parte ou subparte do caule das árvores, arbustos e outros vegetais 2. Essa porção da planta, quando separada do caule. 3. Anat. Zool. Chifre (2). 4. Bras. Pop. Trabalho extra: <i>Tinha naquele serviço apenas um galho.</i> 5. Bras. Gír. Situação complicada, problemática: <i>Aquela queda foi um galho que não esperava.</i> 6. Gír. Confusão, discórdia, briga: <i>Sair antes da hora acaba dando galho.</i> 7. Gír. Relação amorosa fora do casamento; CASO; CACHO: <i>Teve um galho com a enfermeira.</i> [F.: Do lat. vulg. <i>galleus</i> .] Balançar o galho da roseira 1 AL Tabu Peidar. Botar o galho dentro 1 Bras. Pop. Retrair-se, não se manifestar, ficar quieto. Dar (um) galho 1 Bras. Gír. Causar dificuldades, trazer aborrecimento. Quebrar um galho 1 Bras. Gír. Ajudar a resolver um problema.
HOv	substantivo masculino 1 divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos 2 toco que fica no caule depois de partido o ramo 3 esse ramo partido, desprendido da árvore 4 [ANAT. ZOO] m.q. ¹ cornio (no sentido de 'apêndice ósseo') 5 [B; infrm.] emprego ou ocupação subsidiária; biscate 6 [B; infrm.] situação difícil; complicação <i>«há um g. que teremos que enfrentar»</i> 7 [B; infrm.] falta de entendimento; confusão, briga <i>«aquele recado do vizinho provocou um g. danado»</i> 8 [B; infrm.] relação extraconjugal <i>«há anos tem um g. com a secretária»</i> galhos: substantivo masculino plural [B] conjunto de riachos que, nas cabeceiras, se reúnem para formar um rio.

Entrada "parasita"

Dicionário	Definição
FB	Um animal ou uma planta é um parasita quando vive dentro ou sobre outro ser vivo e retira dele as substâncias de que precisa para se alimentar. sm: <i>Vermes como a lombriga e a tênia são parasitas que vivem no intestino de algumas pessoas.</i> adjetivo: <i>O pulgão é um inseto parasita que suga a seiva das plantas.</i> (p. 308)
DAI	adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino O mesmo que parasito . (p. 364)
PV	S masc 1 Animal que vive nos intestinos do homem ou dos animais verme: <i>A perda de peso e a diarreia do menino eram causadas por um parasita.</i> S 2 Animal que vive da seiva de vegetais: <i>Um parasita atacou a plantação.</i> 3 vegetal que se nutre da seiva do outro: <i>É errado pensar que a orquídea seja uma parasita.</i> Adj 4 diz-se do vegetal que se nutre da seiva de outro ou do animal que se nutre da seiva de um vegetal: <i>Você conhece alguma planta parasita?</i> (p. 314)
DIP	adj. 2g. que se alimenta de outros indivíduos da mesma espécie; que vive na dependência de outros. <i>As plantas parasitas vivem no tronco de outras árvores.</i> masc. e fem.: parasita. Obs.: pode ser usado como substantivo: <i>Um tipo de parasita pode viver no intestino do homem.</i> (p. 225)
AUjr	parasita subst. masc. e adj. 2 gên. Veja parasito . parasito subst. masc. 1. Ciências naturais Organismo que, pelo menos numa fase de seu desenvolvimento, vive no interior de outro ser vivo, seu hospedeiro. 2. Ciências naturais Animal que se nutre de sangue, etc., de outro, ou vegetal que se nutre de seiva de outro. 3. Figurado Aquele que não trabalha, que vive à custa alheia. adj. 4. que nasce ou cresce noutros corpos organizados. 5. Figurado que vive à custa alheia. (p. 658)
SJ	adj 2 gên e sm 1. Biol diz-se de ou o organismo que vive à custa de outro em algum momento de sua existência (<i>Algumas plantas parasitas, como a erva-de-passarinho, só são eliminadas quando removidas de cima da planta em que estão se desenvolvendo. Os parasitas prejudicam seus hospedeiros mas não os levam à morte, pois precisam deles para sobreviver.</i>); 2 fig que ou quem se aproveita ou vive à custa dos outros (<i>Os hóspedes parasitas não se mexem nem para tirar o próprio prato da mesa. Os parasitas da classe sempre querem colocar seus nomes nos trabalhos de grupo Sem terem feito nada.</i>) Var na acep 1 parasito . (p. 838)

HOc	parasita adj. 2g. s.m. ou parasito adj. s.m. Bio (organismo) que vive associado a outro do qual se beneficia e ao qual causa dano 2 p.ext. pej. (indivíduo) que vive à custa dos outros. (p. 700)
NAu	s2g. 1. Biol. Organismo que vive de ou em outro organismo. 2. Indivíduo que vive à custa de outrem a2g. 3. Biol. Diz-se de parasita (1). 4. Que vive à custa de outrem [F.: Do lat. <i>parasitus</i> , <i>i</i> (< gr. <i>parásitos</i> , <i>os</i> , <i>on</i>), pelo fr. <i>parasite</i> , 'aquele que come à custa de pessoa rica'. Tb. (menos us.): <i>parasito</i> . Hom./Par.: <i>parasita</i> (a2g.sm.), <i>parasita</i> (fl. de <i>parasitar</i>).] (p. 1027)
MI	adj + sm O mesmo e mais comum que <i>parasito</i> . sf Bot Nome comum de plantas e flores orquídeas, embora não sejam elas parasitos. sm Ornit Outro nome pelo qual é conhecido o chupim. P.-de-samambaiçu: planta orquídea (<i>Zigopetalum maxillare</i>). (p. 1553)
DUPC	Sm 1 organismo que, pelo menos uma fase de seu desenvolvimento, se aloja em outro organismo, dito hospedeiro, do qual obtém nutrientes; animal que vive da seiva de vegetais: <i>O jardineiro tirava os parasitas a ponta de faca.</i> 2 animal que vive nos intestinos do homem ou dos animais; verme: <i>Essa doença é causada por um parasita.</i> Sf 3 vegetal que se nutre da seiva do outro: <i>A parasita chega a estrangular o tronco ao qual se agarra.</i> S 4 pessoa que não trabalha, habituada a viver à custa alheia: <i>É um parasita e um preguiçoso.</i> 5 funcionário que vive à custa do Estado: <i>Ele é, tecnicamente, um parasita social.</i> Adj 6 que vive à custa alheia: <i>Nobre parasita é pior que pobre parasita.</i> 7 que interfere; que perturba: <i>A observação da emissão atmosférica tinha o objetivo de eliminar a radiação parasita oriunda da atmosfera.</i> 8 que se nutre da seiva de outro: <i>Observava detalhes de folhagens parasitas.</i> (p. 1027)
AU	parasita Substantivo masculino. Adjetivo de dois gêneros. 1. V. <i>parasito</i> parasito Substantivo masculino. 1. Organismo que, pelo menos em uma fase de seu desenvolvimento, se encontra ligado à superfície ou ao interior de outro organismo, dito hospedeiro, do qual obtém a totalidade ou parte de seus nutrientes. 2. Indivíduo que não trabalha, habituado a viver, ou que vive, à custa alheia. [Sin., nesta acepç.: <i>comedor</i> , <i>esponja</i> e (bras.) <i>gaudério</i> , <i>godero</i> , <i>gandulo</i> , <i>pançudo</i> , <i>papa-jantares</i> , <i>zangão</i> , <i>zângano</i> .] 3. Zool. V. <i>chupim</i> (1). Adjetivo. 4. Que nasce ou cresce em outros corpos organizados. 5. Que vive à custa alheia; arrimadiço, pançudo. [A f. de maior uso é <i>parasita</i> .] ~ V. <i>janicéfalo</i> .
HO	adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino 1 Rubrica: biologia. diz-se de ou organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano 2 Uso: pejorativo. diz-se de ou indivíduo que vive à custa alheia por pura exploração ou preguiça 3 Rubrica: medicina. diz-se de gêmeo que tira seu sustento de outro quase normal substantivo masculino Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. 4 m.q. chupim (Molothus bonariensis)
CAv	s2g. 1. Biol. Organismo que vive de ou em outro organismo. 2. Indivíduo que vive à custa de outrem a2g. 3. Biol. Diz-se de parasita (1). 4. Que vive à custa de outrem [F.: Do lat. <i>parasitus</i> , <i>i</i> (< gr. <i>parásitos</i> , <i>os</i> , <i>on</i>), pelo fr. <i>parasite</i> , 'aquele que come à custa de pessoa rica'. Tb. (menos us.): <i>parasito</i> . Hom./Par.: <i>parasita</i> (a2g.sm.), <i>parasita</i> (fl. de <i>parasitar</i>).]
HOv	adjetivo e substantivo de dois gêneros pej. 1 diz-se de ou indivíduo que vive à custa alheia por pura exploração ou preguiça; parasito adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino (1819) 2 ECO diz-se de ou organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano cf. hemiparasita (BIO) 3 MED diz-se de gêmeo que tira seu sustento de outro quase normal cf. autosito (TERAT) substantivo masculino ORN; B 4 (1911) m.q. <i>chupim (Molothus bonariensis)</i> .

Entrada “pintar”

Dicionário	Definição
FB	verbo 1. td Pintar é colocar tinta sobre uma superfície para cobri-la com uma ou mais cores. <i>Vou pintar as paredes da cozinha.</i> 2. td Pintar também é cobrir de cor usando lápis ou outro material que não a tinta. <i>Copie o desenho no caderno e pinte as bolinhas de azul.</i> Sinônimo (de 2): <i>colorir.</i> 3. Você pinta quando cria imagens numa superfície usando tinta. <i>intr: O artista pintou por muitos anos, mas agora só desenha.</i> td: Pinte um dragão na porta do quarto. 4. td figurado Você pinta algo quando o descreve com palavras. <i>A notícia pintou uma realidade diferente da que vivemos na comunidade.</i> 5. pr Uma pessoa se pinta quando coloca maquiagem. <i>Só me pinto quando vou a festas informar.</i> 6. ti informal Algo ou alguém pinta em um lugar quando chega lá. <i>Vê se você pinta lá em casa mais tarde!</i> 7. intr informal Pintar também é acontecer algo inesperado. <i>Pintou uma chance legal para mim.</i> Alguém pinta o sete quando faz muita bagunça ou se diverte muito. <i>As crianças brincaram, correram, enfiaram, pintaram o sete.</i> (p. 324)
DAI	verbo 1. Cobrir com tinta: <i>Pintou a casa de branco.</i> 2. Representar figuras, imagens, etc., por meio de traços, cores, combinações de cores: <i>Entrou para uma escola de arte para aprender a pintar; Este artista pinta belas paisagens.</i> 3. Ter profissão de pintor: <i>Pinta para ganhar a vida.</i>

	4. Representar por meio da escrita; descrever: <i>Este romance <u>pinta</u> a vida no século passado.</i> (p. 381)
PV	Vt 1 Fazer um desenho ou um retrato por meio de traços, usando cores: <i>Tarsila do Amaral <u>pintou</u> elementos que identificam o Brasil.</i> 2 cobrir de tinta; colorir: <i>Ele <u>pintou</u> a parede.</i> 3 usar maquiagem: <i>A moça está se <u>pintando</u>.</i> Vi 4 surgir; aparecer: <i>Assim que <u>pintou</u> a oportunidade, Ivo entrou no time.</i> 5 exercer a arte da pintura: <i>Van Gogh começou a <u>pintar</u> aos 27 anos.</i> pintar o sete fazer travessuras ou coisas extraordinárias: <i>Esse gato <u>pinta o sete</u>.</i> (p. 327)
DIP	v. 1. cobrir uma superfície com tinta. <i>Papai mandou <u>pintar</u> a casa de amarelo.</i> 2. representar (pessoas, animais, paisagens, etc.) por meio de linhas, cores e formas, usando pincel e tintas. <i>Leonardo da Vinci <u>pintou</u> a Mona Lisa.</i> 3. usar maquiagem. <i>As moças vão <u>pintar-se</u> para a festa.</i> pintar e bordar: criar confusão; abusar no comportamento. pintar o sete: fazer bagunça (p. 237)
AUjr	verbo trans. dir. 1. Representar por traços ou cores. 2. Recobrir de tinta. 3. Executar por meio de pintura. Intrans. 4. Exercer a profissão de pintor. 5. <i>Brasileirismo</i> Mostrar-se promissor. 6. <i>Brasileirismo</i> Fazer travessuras. 7. <i>Brasileirismo</i> Gíria Aparecer em algum lugar: <i>Faz tempo que não <u>pinta</u> aqui.</i> Pronominal 8. Maquiar (2). pintar e bordar <i>Brasileirismo</i> Popular Fazer travessuras, diabruras, ou coisas extravagantes; pintar. (p. 684)
SJ	vtd e vi 1. representar por meio de desenho, pintura etc. (<i>Em 1937, Pablo Picasso pintou sua mais famosa obra, o mural “Guernica”, representando o bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica por aviões alemães. Além de pintar, Picasso também esculpia.</i>); vtd 2. cobrir de tinta (<i>Resolveu pintar as paredes do quarto de azul.</i>); 3. tingir (cabelos, barba etc.) (<i>As pessoas pintam os cabelos para esconder os cabelos brancos ou para mudar visual.</i>); vi 4. <i>Bras pop</i> aparecer, surgir (<i>Assim que a oportunidade pintou, Paulo convidou Patrícia para sair.</i>); vtd e vp 5. maquiar(-se) (<i>Pintou os olhos com sombra violeta. Penélope prefere se pintar sem ajuda das amigas.</i>). V conjug amar. pintar e bordar: fazer travessuras ou o que der vontade (<i>O gato filhote pintou e bordou nos poucos minutos em que ficou sozinho na casa: desfiou o tecido do sofá, pegou o peixe do aquário e derrubou a escultura da estante.</i>) (p. 884)
HOc	v. t.d. 1 representar (figuras, imagens etc.) com traços, cores 2 cobrir com tinta 3 dar cores a; colorir 4 p.ext. descrever, retratar int. 5 entregar-se à arte da pintura 6 ser pintor profissional 7 começar a surgir, ger. ao longe <o barco pintou no horizonte> ➡ no horizonte é circunstância que funciona como complemento 8 tornar-se visível; aparecer ➡ sumir 9 B gír. comparecer, ir a um lugar <se der ela vai p. no bar> ➡ no bar é circunstância que funciona como complemento 10 B gír. acontecer, ocorrer <se ele aparece, pinta confusão> 11 B gír. dar indícios de ser (bom ou mau); mostrar-se <o projeto está pintando muito bem> 12 exceder-se em brincadeiras ou diversões t.d. e pron. 13 maquiar(-se). (p. 727)
NAu	v. 1. Representar ou retratar por meio de traços e cores [td.: <i>Pintar um quadro</i>] [int.: <i>Ele <u>pinta</u> muito bem</i>] 2. Cobrir de tinta [td. : <i><u>Pintou</u> a parede da sala</i>] 3. Aplicar maquiagem (em) [td. : <i><u>Pintou</u> os lábios: Ela se <u>pinta</u> com discrição</i>] 4. Fig. Retratar, figurar de certa maneira [td.: <i>Ele <u>pinta</u> a vida como se fosse um mar de rosas</i>] 5. Bras. Pop. Aparecer ou acontecer, ocorrer, surgir [int. : <i><u>Pintou</u> uma oportunidade de emprego</i>] [td.: <i>Neste bar <u>pintam</u> umas garotas bonitas.: Em festa de embalo sempre <u>pinta</u> uma briga.</i>] 6. Bras. Fazer travessuras [int.: <i>Os meninos <u>pintaram</u> durante a excursão</i>] 7. Representar por escrito; escrever [td.: <i>Alencar <u>pintava</u> os cenários de suas histórias em estilo elevado</i>] 8. Começar a mudar para branco (a cor dos cabelos) [int.: <i>Seus cabelos começaram a <u>pintar</u> antes dos 40</i>] 9. Usar de astúcia para burlar, iludir [td.] 10. Pop. Começar a aparecer, aos poucos ou de repente [int.: <i>O carro da polícia <u>pintou</u> na entrada da rua</i>] 11. Bras. Pop. Conter boas perspectivas; apresentar boas possibilidades [int.: <i>Esse filme está <u>pintando</u> para o Oscar</i>] 12. Descrever ou retratar (alguém ou algo) com palavras [tdp. : <i><u>Pintam</u> esse rapaz como um monstro</i>] 13. Aplicar tintas no corpo, ger. para fins festivos ou ritualísticos [td.: <i><u>Pintaram</u> os índios para a apresentação da dança</i>] 14. Tornar-se claro, visível [ta.: <i>A felicidade <u>pintava</u> em seu rosto</i>] 15. Brincar ou divertir-se com muito empenho, muita energia [int.: <i>Os meninos <u>pintaram</u> sem parar durante a festa</i>] 16. RS Entrar em processo de engorda (o gado invernado) [int.] 17. Bras. Pop. Dar a impressão de que vai se tornar (alguma coisa de apreciável) [tp. : <i>Essa moça está <u>pintando</u> como a atriz ideal para o papel</i>] 18. Demonstrar eficiência; ser bom (um remédio) [td.] [F.: do lat. *pinctare. Hom./Par.: <i>pinta</i> (s) (fl), <i>pinta</i> (sf. e pl.); <i>pinto</i> (fl.), <i>pinto</i> (sm.). Ant. ger.: <i>despintar</i>] A/ao pintar 1 Na ocasião propícia, ideal. Pintar e bordar 1 Bras. Fam. Fazer (alguém) o que quer, aproveitando situação vantajosa, circunstância adequada etc.: <i>Neste carnaval vou <u>pintar e bordar</u>.</i> (p. 1068)
MI	vtd 1 Cobrir com tinta; dar cor a; colorir: <i>Pintar a parede.</i> vtd 2 Executar ou representar por meio da pintura: <i>Pintar uma paisagem, pintar um quadro.</i> vint 3 Dedicar-se à pintura: <i>Ele é magistral,</i>

	quando <i>pinta</i> vint 4 Começar a colorir-se: <i>A fruta já pinta</i>. vtd 5 Cobrir de figuras: <i>Pintar uma abóbada, pintar um teto</i>. vtd 6 Descrever: <i>Este escritor pintou bem os costumes do seu povo</i>. vpr 7 Aplicar tintas ou cremes no rosto: <i>Nem todas as mulheres se pintam</i>. vpr 8 Tingir a barba ou o cabelo: <i>Ele costuma pintar-se</i>. vint 9 Começar a ter cabelos brancos: <i>Sua cabeça já pinta</i>. vpr 10 Manifestar-se por sinais exteriores: <i>Dúvidas e receios pintavam-se-lhe no rosto</i>. vtd 11 Conceber: <i>Pinte uma coisa qualquer na imaginação</i>. vint 12 Exceder-se em diversões; pandegar: <i>Como pintam estes rapazes!</i> vint 13 Reg (Rio Grande do Sul) Dar mostra de que está começando a engordar (o gado invernado). vpr 14 Representar ao vivo pela escrita ou pela palavra: <i>Pintam-no como dotado de grande inteligência e raras virtudes</i>. vti e vint 15 <i>gír</i> Aparecer: <i>Pintou uma oportunidade de mudar de emprego, e aproveitei</i>. vtd 16 <i>Inform</i> Num programa gráfico, preencher uma forma gráfica com uma cor. <i>Pintar a letra</i>: apurar ou retocar os caracteres depois de traçados pela pena no papel. <i>Pintar a manta</i>: <i>V pintar o sete</i>; desmandar-se; divertir-se à grande. <i>Pintar a manta a</i>: fazer irritar, fazer subir a serra. <i>Pintar a saracura</i>: <i>V pintar a manta e pintar o sete</i>. <i>Pintar bem</i>: ter bons princípios ou dar esperanças de bom êxito (um empreendimento ou negócio qualquer). <i>Pintar o caneco, pintar o caramujo</i>: <i>V pintar o sete</i>. <i>Pintar o demônio</i>: <i>V fazer o demônio</i>: fazer barulho. <i>Pintar o diabo, pintar o caneco, pintar o padre</i>: o mesmo que pintar o sete. <i>Pintar o sete</i>: exceder-se; fazer diabruras ou desatinos; fazer coisas extraordinárias; divertir-se à grande; assetear. <i>O diabo não é tão feio como o pintam</i>: as coisas não são tão ruins como parecem ou como se diz serem. <i>Vir a pintar</i>: vir a calhar; vir na ocasião oportuna. (p. 1622)
DUPC	Vt 1 representar em cores; figurar em cores num quadro ou tela: <i>Ela só pinta animais silvestres</i>. 2 compor um quadro colorido: <i>Entre outros trabalhos, pintou afrescos para igrejas</i>. 3 cobrir com uma ou mais camadas de tinta: <i>Pintaram toda loja</i>. 4 colorir; cobrir de esmalte: <i>pintar as unhas</i> 5 colorir para enfeitar; aplicar cosméticos coloridos em; maquiar: <i>Pintou a boca outra vez antes de sair</i>. 6 descrever: <i>pintar a situação da casa</i> 7 cobrir de figuras: <i>Adoro pintar aparelhos de jantar com motivos de frutas e flores (Coloq)</i> 8 descrever; retratar em palavras: <i>Mas Bartolomeu Dias nos pintou o Cabo Verde como um paraíso</i>. 9 apresentar-se: <i>Na reunião havia um desconhecido que se pintou como especialista em emblemática</i>. Vi 10 fazer ou exercitar pintura: <i>Ficou séria e recomeçou a pintar</i>. 11 ficar grisalho: <i>Aos quarenta anos, seus cabelos já começavam a pintar</i>. (Coloq) 12 surgir; começar a aparecer: <i>Naquela época já estava pintando a mania de lanchonetes</i>. 13 exceder-se em brincadeiras ou diversões: <i>E vocês, garotos, sempre pintando?</i> p. o caneco / o sete / o diabo (i) fazer estrepolias ou travessuras; farrear em exagero: <i>Ela pinta o sete e ninguém diz nada!</i> (ii) fazer de tudo: <i>O moço pintou o diabo com as cartas, antes do jogo. Como os adversários ainda não o conheciam, pintou os canecos em todas as partidas</i>. p. e bordar (i) fazer diabruras: <i>Ninguém podia com o moleque, que pintava e bordava até na frente dos pais</i>. (ii) fazer de tudo: <i>Em vez de passar o dia no isolamento, a turma pinta e borda, em atividades que vão do artesanato à cozinha</i> (p. 1075)
AU	Verbo transitivo direto. 1. Representar por traços ou cores; figurar: <i>pintar uma paisagem</i>; “<i>Pintou [o Grão-Vasco] , numa adega, um Baco pançudo escachado numa pipa.</i>” (José Vieira, <i>Sol de Portugal</i>, p. 73). 2. Recobrir de tinta; colorir; cobrir de cor: <i>pintar uma parede</i>. 3. Executar por meio de pintura: <i>pintar um painel</i>. 4. Cobrir de figuras, mediante pintura: <i>Miguel Ângelo pintou o teto da Capela Sistina</i>. 5. Dar colorido a; colorir: <i>As hortênsias pintaram as ruas da cidade serrana</i>. 6. Representar por escrito; escrever, grafar: “Pessoas de posição e escritores, como Rebelo da Silva e Camilo, dizem <i>angorá</i>, com acento tônico na última sílaba e <i>pintando</i>, na escrita, um acento agudo em cima do <i>a</i> dessa última sílaba!” (Mário Barreto, <i>De Gramática e de Linguagem</i>, I, p. 202.) 7. Descrever, por escrito ou oralmente, de maneira minuciosa e fiel; retratar: <i>Eça de Queirós pinta excelentemente as suas personagens</i>. 8. Enganar com astúcia a; iludir; lograr, burlar, embaçar. 9. Bras. Dar mostras de ter (algo) ocultamente ou em potência: <i>Aquela chapada pinta lavra de ouro; Esta festa pinta briga</i>. Verbo transitivo indireto. 10. V. <i>pintar o sete</i>. Verbo intransitivo. 11. Tomar cor; começar a colorir-se: <i>O pêssego pintou cedo</i>. 12. Começar a encanecer: <i>Seus cabelos pintaram muito cedo</i>. 13. Começar a encanecer, a ficar de cabelos brancos: “Negro quando <i>pinta</i> tem três vezes trinta” (prov.). 14. Surgir ou começar a surgir: <i>O navio pinta ao longe</i>. 15. Praticar a arte ou exercer a profissão de pintor: “Deixando tudo, posição, família, negócios prósperos, Gauguin deseja <i>pintar</i>, e parte para Taiti, nos mares do sul.” (Santa Rosa, <i>Roteiro de Arte</i>, p. 19.) 16. Saber pintar; ser capaz de o fazer. 17. Bras. Dar (um terreno) indícios de riqueza aurífera. 18. Bras. Dar sinais de boa produção, de boa atuação; mostrar-se promissor; prometer. 19. Bras. Dar indícios de ser bom ou mau, vantajoso ou desvantajoso, etc.; cheirar: <i>O seu negócio está pintando bem, mas o meu pinta pessimamente; Os entendimentos entre as duas potências estão pintando mal</i>. 20. Bras. <i>Gír</i>. Comparecer a algum lugar; aparecer: <i>O Geraldo não pintou por aqui hoje</i>. 21. Bras. RS Dar mostra (o gado invernado)

	de que está principiando a engordar: <i>O fazendeiro vendeu a boiada antes de <u>pintar</u></i>. 22. Bras. V. <i>pintar o sete</i>. 23. Manifestar-se, apresentar-se, surgir, aparecer: “<u>Pintou</u> uma chance legal / Um lance lá na capital / Nem tem que ter ginásio / Meu amor.” (Chico Buarque de Holanda e Roberto Menescal, na canção <i>Bye bye Brasil</i>.) Verbo transobjetivo. 24. Fazer a descrição; descrever: “Fala-se tanto no Rio!... <u>Pintam</u>-no tão grande, tão bonito, que o pobre provinciano, ao chegar aqui, logo sofre uma terrível decepção!” (Aluísio Azevedo, <i>Casa de Pensão</i>, p. 95.) Verbo transobjetivo indireto. 25. Fazer a descrição; descrever: “que fora ela que a enganara, a <u>pintar</u>-lhe muito alegre a vida daquele inferno onde se via presa.” (Camilo Castelo Branco, <i>História e Sentimentalismo</i>, p. 227). 26. Representar mentalmente; representar, figurar, imaginar, conceber: <i>Heráclito <u>pintava</u> a matéria como fogo</i>. Verbo pronominal. 27. Aplicar cosméticos no rosto; maquiar-se: <i>Já no antigo Egito as mulheres <u>se pintavam</u></i>; “As mulheres <u>se pintam</u> que parecem mascaradas” (José Carlos Cavalcanti Borges, <i>Padrão G</i>, p. 22). 28. Pintar o corpo e o rosto com tintas, em geral para fins guerreiros ou festivos (os indígenas). 29. Tornar-se evidente; patentear-se, revelar-se, manifestar-se, estampar-se: <i><u>Pinta-se</u>-lhe no rosto o sofrimento</i>. 30. Dar ares de; parecer: <i>O rapaz <u>pinta-se</u>-me inteligente e estudioso</i>. 31. Prestar-se às mil maravilhas; ser ótimo, excelente: <i>O homem <u>pinta-se</u> para a função</i>. 32. Fazer bem, ser bom (um remédio). Pintar e bordar. Bras. Fam. 1. V. <i>pintar o sete</i> (1). “Conceição escarrapacha na cadeira e solta os meninos, eles <u>pintam</u> e <u>bordam</u> e mexem em tudo, ela não move uma palha.” (Adélia Prado, <i>Os Componentes da Banda</i>, p. 62.) 2. Deitar e rolar (1). Ao pintar. Na melhor ocasião; no momento propício. A pintar. Como convém; em condições ideais: “Para um passeio matinal a cavalo, o Engenho Velho era bairro <u>a pintar</u>, com suas casuarinas sombreando as chácaras e cochichando segredos” (Miécio Tati, <i>O Mundo de Machado de Assis</i>, p. 43).
HO	verbo transitivo direto 1 representar por meio de traços, cores, combinações de cores Exs.: <i>p. uma moça</i>; <i>p. uma paisagem</i> transitivo direto 2 realizar obra artística de pintura Ex.: <i>p. um quadro</i> transitivo direto 3 cobrir de figuras ou de combinações de cores por meio da arte da pintura Ex.: <i>o artista pintou a cúpula da igreja</i> intransitivo 4 saber pintar; ter capacidade ou talento para exercer a arte da pintura Ex.: <i>esse artista não engana, ele pinta mesmo</i> intransitivo 5 entregar-se à arte de pintar Ex.: <i>foi um artista que começou a p. cedo</i> transitivo direto 6 cobrir com uma ou mais camadas de tinta Ex.: <i>p. paredes</i> transitivo direto 7 tornar colorido; colorir Ex.: <i>os novos jardins pintaram o centro da cidade</i> intransitivo 8 adquirir cor, amadurecimento; começar a tornar-se colorido, maduro Ex.: <i>as goiabas pintaram antes do tempo</i> intransitivo 9 começar a embranquecer; apresentar os primeiros sinais de encanecimento Ex.: <i>os cabelos do irmão mais velho pintaram tardiamente</i> transitivo direto 10 representar ou descrever com precisão por meio da escrita ou da comunicação oral; escrever, narrar Ex.: <i>o escritor pintou toda a realidade humana daquela aldeia</i> transitivo direto 11 induzir a logro por meio de artimanhas, de astúcias; burlar intransitivo 12 começar a aparecer, ger. ao longe Ex.: <i>um barquinho pintou no horizonte</i> intransitivo 13 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. surgir mais ou menos ao acaso; aparecer, apresentar-se Exs.: <i>amanhã talvez eu pinte em sua casa</i>; <i>pintou uma oportunidade de trabalho</i> intransitivo 14 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. dar indícios de ser ou de vir a ser (bom ou mau); encerrar perspectivas (boas ou más) Ex.: <i>seu novo projeto começou mal, mas o do irmão pinta muito bem</i> transitivo direto predicativo 15 retratar (alguém ou algo) por meio de palavras Ex.: <i>pintam-no tão bonito que todos se impressionam</i> transitivo direto e pronominal 16 aplicar(-se) produtos de cosmética no rosto Exs.: <i>o maquiador pintou o rosto da atriz</i>; <i>pintou-se toda para encontrar o namorado</i> transitivo direto e pronominal 16.1 pintar(-se) qualquer parte do corpo, esp. para fins festivos ou ritualísticos Exs.: <i>o pajé pintou os guerreiros para a cerimônia</i>; <i>os indígenas pintavam-se antes do ritual de sacrifício</i> pronominal 17 tornar-se patente; revelar-se Ex.: <i>pintava-se a lascívia em seu olhar</i> pronominal 18 transmitir aparência de; parecer Ex.: <i>a garota pinta-se como ótima intérprete</i> intransitivo 19 exceder-se em brincadeiras ou diversões Ex.: <i>os meninos pintavam demais</i> • p. e bordar Uso: informal. fazer diabruras ou coisas extraordinárias; pintar a manta Ex.: <i>pintou e bordou durante a festa</i>
CAv	v. 1. Representar ou retratar por meio de traços e cores [td.: <i>Pintar um quadro</i>] [int.: <i>Ele pinta muito bem</i>] 2. Cobrir de tinta [td. : <i>Pintou a parede da sala</i>] 3. Aplicar maquiagem (em) [td. : <i>Pintou os lábios: Ela se pinta com discrição</i>] 4. Fig. Retratar, figurar de certa maneira [td.: <i>Ele pinta a vida como se fosse um mar de rosas</i>] 5. Bras. Pop. Aparecer ou acontecer, ocorrer, surgir [int. : <i>Pintou uma oportunidade de emprego</i>] [td.: <i>Neste bar pintam umas garotas bonitas. Em festa de embalo sempre pinta uma briga.</i>] 6. Bras. Fazer travessuras [int.: <i>Os meninos pintaram durante a excursão</i>] 7. Representar por escrito; escrever [td.: <i>Alencar pintava os cenários de suas histórias em estilo elevado</i>] 8. Começar a mudar para branco (a cor dos cabelos) [int.: <i>Seus cabelos começaram a pintar antes dos 40</i>] 9. Usar de astúcia para burlar, iludir [td.] 10. Pop. Começar a aparecer, aos poucos ou de

	repente [int.: <i>O carro da polícia pintou na entrada da rua</i>] 11. Bras. Pop. Conter boas perspectivas; apresentar boas possibilidades [int.: <i>Esse filme está pintando para o Oscar</i>] 12. Descrever ou retratar (alguém ou algo) com palavras [tdp.: <i>Pintam esse rapaz como um monstro</i>] 13. Aplicar tintas no corpo, ger. para fins festivos ou ritualísticos [td.: <i>Pintaram os índios para a apresentação da dança</i>] 14. Tornar-se claro, visível [ta.: <i>A felicidade pintava em seu rosto</i>] 15. Brincar ou divertir-se com muito empenho, muita energia [int.: <i>Os meninos pintaram sem parar durante a festa</i>] 16. RS Entrar em processo de engorda (o gado invernado) [int.] 17. Bras. Pop. Dar a impressão de que vai se tornar (alguma coisa de apreciável) [tp.: <i>Essa moça está pintando como a atriz ideal para o papel</i>] 18. Demonstrar eficiência; ser bom (um remédio) [td.] [F.: do lat. *pinctare. Hom./Par.: pinta (s) (fl), pinta (sf. e pl.); pinto (fl.), pinto (sm.). Ant. ger.: despintar] A/ao pintar 1 Na ocasião propícia, ideal. Pintar e bordar 1 Bras. Fam. Fazer (alguém) o que quer, aproveitando situação vantajosa, circunstância adequada etc.: <i>Neste carnaval vou pintar e bordar.</i>
HOv	verbo 1 t.d. representar (figuras, imagens etc.) por meio de traços, cores, combinações de cores <p. uma moça> <p. uma paisagem> 2 t.d. realizar obra artística de pintura <p. um quadro> 3 t.d. cobrir de figuras ou de combinações de cores por meio da arte da pintura <o artista pintou a cúpula da igreja> 3.1 t.d. e pron. pintar(-se) qualquer parte do corpo, esp. para fins festivos ou ritualísticos <o pajé pintou os guerreiros para a cerimônia> <os indígenas pintavam-se antes do ritual de sacrifício> 3.2 t.d. e pron. aplicar(-se) produtos de cosmética no rosto <o maquiador pintou o rosto da moça para o baile> <pintou-se toda para encontrar o namorado> 4 int. saber pintar; ter capacidade ou talento para exercer a arte da pintura <esse artista não engana, ele pinta mesmo> 5 int. entregar-se à arte de pintar <foi um artista que começou a p. cedo> 6 t.d. cobrir com uma ou mais camadas de tinta <p. paredes> 7 t.d. tornar colorido; colorir <os novos jardins pintaram o centro da cidade> 8 int. adquirir cor, amadurecimento; começar a tornar-se colorido, maduro <as goiabas pintaram antes do tempo> 9 int. começar a embranquecer; apresentar os primeiros sinais de embranquecimento <os cabelos do irmão mais velho pintaram tardiamente> 10 t.d. representar ou descrever com precisão por meio da escrita ou da comunicação oral; escrever, narrar <o escritor pintou toda a realidade humana daquela aldeia> <o orador pintou a maldade que jazia no coração do réu> 11 t.d. induzir a logro por meio de artimanhas, de astúcias; burlar 12 int. começar a aparecer, ger. ao longe <um barquinho pintou no horizonte> 13 t.d.; p.ext. tornar-se visível, perceptível; aparecer, surgir <neste mato pintam cobras> 14 (1911) int.; GAR; B apresentar (um terreno, um sítio) sinais inequívocos de riqueza aurífera 14.1 (déc.1960) int.; B; infm. dar indícios de ser ou de vir a ser (bom ou mau); encerrar perspectivas (boas ou más) <seu novo projeto começou mal, mas o do irmão pinta muito bem> 14.2 (déc.1960) int.; B; infm. surgir mais ou menos ao acaso; aparecer, comparecer, apresentar-se <logo no começo do jogo pintou uma oportunidade de gol> <amanhã talvez eu pinte em sua casa> 15 (déc.1960) t.d.; p.metf.; B; infm. tornar-se realidade no tempo e no espaço; tornar-se factual; ocorrer, acontecer <nesse tipo de festejo sempre pinta confusão> 16 int.; RS começar a engordar (o gado invernado) <naquele dia, o vaqueiro percebeu que o gado começava a p.> 17 t.d.pred. retratar (alguém ou algo) por meio de palavras <pintam-no tão bonito que todos se impressionam> 18 bit. (prep.: para) fazer a descrição de <pintou-lhe a vida alegre daquela região> 19 t.d. pred. figurar ou imaginar (algo) de uma certa maneira <pintava a vida como um jogo de perdas e ganhos> 20 pron. (prep.: em) tornar-se patente; revelar-se <pintava-se o sofrimento em seu olhar> 21 pron. transmitir aparência de; parecer <a garota pinta-se como ótima intérprete> 22 pron. (prep.: para) servir perfeitamente; ser ideal <o novo ator pinta-se para o papel> 23 int. exceder-se em brincadeiras ou diversões <os meninos pintavam demais> 24 pron. fazer bem, ser eficiente (um remédio)

Entrada “pinto”

Dicionário	Definição
FB	sm 1. Um pinto é um filhote de galinha bem novinho. Os pintinhos piavam baixinho debaixo da lâmpada na gaiola. Voz do pintinho: piado. 2. informal A palavra pinto também é usada no lugar de pênis, um órgão sexual masculino. O médico disse para lavar o pintinho do neném com cuidado. (p. 324)
DAI	substantivo masculino Filhote de galinha ainda novo. (p. 381)
PV	S masc filhotes da galinha: <i>Havia sumido um pinto do galinheiro.</i> (p. 327)
DIP	---

AUjr	<i>subst. masc.</i> Filhote de galinha ainda novo. ser pinto <i>Brasileirismo</i> ser fácil; <i>Esse problema de matemática é pinto.</i> (p. 684)
SJ	<i>sm</i> 1. filhote de galinha nas primeiras semanas após sair do ovo; 2. <i>pop</i> pênis (p. 884)
HOc	<i>s.m.</i> 1 filhote de galinha. ser p. loc. vs B <i>infrm</i> não oferecer dificuldade < <i>correr 200m é p.</i> >. (p. 727)
NAu	<i>sm. 1.</i> Filhote de galinha novo; PINTAINHO [NOTA: Col.: <i>ninhada, pintarada.</i>] 2. <i>Pop.</i> Criança pequena 3. <i>Fam.</i> O pênis. 4. <i>Ict.</i> Cação atlântico da fam. dos ciliorrinídeos (<i>Scyliorhinus haeckelii</i>), de dorso marrom com nove manchas escuras transversais, ventre amarelado, de pequeno porte e lento nos movimentos; CAÇÃO-GATA; CAÇÃO-PINTO; PINTADINHO 5. <i>Lus. Econ.</i> Antiga moeda portuguesa. [F.: De or. posv. onom. Hom./Par.: <i>pinto</i> (sm.), <i>pinto</i> (fl. de pintar).] Comer como pinto e cagar como pato 1 <i>Bras. Joc. Tabu.</i> Ganhar pouco e gastar muito. Como um pinto (pelado) 1 Muito molhado, encharcado. Fazer pinto 1 <i>N.E.</i> Surrupiar (ger. empregado doméstico) das compras feitas para o empregador. Ser pinto 1 <i>Bras.</i> Ser (tarefa, trabalho etc.) fácil; ser canja: <i>Nadar 10 piscinas? Isso é pinto.</i> 2 Não ser páreo na comparação com algo ou alguém: <i>O calor do verão passado foi pinto, comparado com o deste ano.</i> (p. 1068)
MI	<i>sm</i> 1 frangote, franguinho 2 <i>gír</i> criança 3 <i>Ictiol</i> espécie de cação; pintadinho, gata (<i>Catullus haeckelii</i>) 4 <i>pop</i> o pênis. <i>P.-bravo</i> <i>V</i> <i>codornização</i> . <i>P.-calçudo</i> : a) o que tem plumagem nas patas; b) <i>fam</i> : menino cujas calças aderem às pernas; c) rapazote que começa a usar calças compridas. <i>P. d'água</i> : frango d'água. <i>P. pelado, Folc</i> : elemento de literatura oral e de superstição; entre sobrenatural endiabrado, capaz de grandes façanhas: engole rios, feras, zomba de pessoas etc. <i>Estar como um pinto</i> : estar completamente molhado, ensopado. <i>Fazer pinto, Reg</i> (Nordeste): furtar (o criado) nas compras diárias. <i>Ser pinto</i> : a) ser novato, principiante; b) ser indivíduo inferior, que não vale nada na ordem das coisas. <i>Ser pinto saindo do ovo</i> : ser criança. (p. 1623)
DUPC	Sm 1 filhote da galinha ainda bem novo; frango recém-nascido (<i>Coloq</i>) 2 coisa muito pequena, insignificante: <i>Perto do que aconteceu ontem na festa da Cotinha, isso aí é pinto.</i> (<i>Ch</i>) 3 pênis. (p. 1075)
AU	Substantivo masculino. 1. Zool. Filhote da galinha ainda novo; franguinho. [Cf. <i>pintainho.</i>] 2. Zool. <i>V. cação-pinto.</i> 3. Ant. Certa moeda portuguesa. 4. <i>Gír.</i> Criança (1). 5. Chulo O pênis. Comer como pinto e cagar como pato. <i>Bras.</i> Ganhar pouco e gastar muito. Como um pinto. Inteiramente a pingar, de tão molhado; num pinto: <i>Pegou chuva grossa, e ficou como um pinto.</i> Fazer pinto. <i>Bras. N.E.</i> Fazer (empregado doméstico, por via de regra) pequenos furtos nas compras diárias. Num pinto. Como um pinto: <i>Pegou um toró brabo, está num pinto.</i> Ser pinto. <i>Bras. 1.</i> Não oferecer nenhuma dificuldade ou obstáculo; não constituir problema; ser muito fácil: <i>Andar 50km para ele é pinto.</i> 2. Ser ou valer muito pouco, quase nada: <i>Por mais que Paulo saiba matemática, para o Fernando ele é pinto.</i> [Sin. ger.: <i>ser canja, ser sopa.</i>]
HO	substantivo masculino 1 filhote de galinha em seus primeiros dias 2 <i>Uso: informal.</i> criança pequena 3 <i>Uso: informal.</i> pênis 4 <i>Rubrica: ictiologia.</i> m.q. cação-pinto (<i>Scyliorhinus haeckelii</i>) • como um p. completamente molhado; encharcado • ser p. <i>Regionalismo: Brasil. Uso: informal.</i> 1 não oferecer grande dificuldade; ser sopa 2 ter pouco valor, não valer quase nada (esp. quando comparado a alguém ou algo de grande qualidade) <i>Ex.: perto de Pixinguinha aquele músico é p.</i>
CAv	<i>sm. 1.</i> Filhote de galinha novo; PINTAINHO [NOTA: Col.: <i>ninhada, pintarada.</i>] 2. <i>Pop.</i> Criança pequena 3. <i>Fam.</i> O pênis. 4. <i>Ict.</i> Cação atlântico da fam. dos ciliorrinídeos (<i>Scyliorhinus haeckelii</i>), de dorso marrom com nove manchas escuras transversais, ventre amarelado, de pequeno porte e lento nos movimentos; CAÇÃO-GATA; CAÇÃO-PINTO; PINTADINHO 5. <i>Lus. Econ.</i> Antiga moeda portuguesa. [F.: De or. posv. onom. Hom./Par.: <i>pinto</i> (sm.), <i>pinto</i> (fl. de pintar).] Comer como pinto e cagar como pato 1 <i>Bras. Joc. Tabu.</i> Ganhar pouco e gastar muito. Como um pinto (pelado) 1 Muito molhado, encharcado. Fazer pinto 1 <i>N.E.</i> Surrupiar (ger. empregado doméstico) das compras feitas para o empregador. Ser pinto 1 <i>Bras.</i> Ser (tarefa, trabalho etc.) fácil; ser canja: <i>Nadar 10 piscinas? Isso é pinto.</i> 2 Não ser páreo na comparação com algo ou alguém: <i>O calor do verão passado foi pinto, comparado com o deste ano.</i>
HOv	substantivo masculino 1 filhote da galinha recém-nato 2 <i>p.ana.</i> ; <i>infrm.</i> criança pequena, menino ou menina 3 <i>infrm.</i> , <i>euf.</i> m.q. pênis 4 <i>ICT</i> m.q. cação-pinto (<i>Scyliorhinus haeckelii</i>) 5 (1813) <i>NUMS</i> antiga moeda portuguesa, o cruzado novo.

Entrada “pipa”

Dicionário	Definição
FB	<i>sf</i> 1. A pipa é um brinquedo que voa preso a uma linha quando é levantado pelo vento. As pipas costumam ser feitas com papel ou plástico preso a uma armação leve. <i>Fiz uma pipa com bambu e papel de seda.</i> Sinônimos: <i>papagaio, pandorga.</i> 2. Uma pipa é um recipiente usado para guardar líquidos. <i>O vinho foi guardado numa pipa de madeira.</i> (p. 324)
DAI	substantivo feminino 1. Recipiente arredondado, para conter líquidos: <i>uma pipa de vinho.</i> 2. Brinquedo que é uma armação de varetas leves coberta com papel fino, que se põe para subir com o vento: <i>Eduardo adora soltar pipas.</i> (p. 381)
PV	S fem 1 vasilha arredondada, de madeira, para guardar líquidos; barril: <i>Na loja havia algumas pipas cheias de vinho.</i> 2 armação de madeira leve coberta de papel, de formatos variados, que se equilibra no ar, atada a uma linha; papagaio: <i>Empinaram pipas que voaram pelos céus por um tempão.</i> (p. 327)
DIP	<i>s fem.</i> 1. vasilha grande de madeira. <i>As pipas de vinho são guardadas num ambiente frio.</i> 2. papagaio de papel. <i>Os garotos soltavam suas pipas coloridas.</i> (p. 237)
AUjr	<i>subst. fem.</i> 1. Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos; barrica. 2. <i>Brasileirismo</i> Veja <i>papagaio</i> (3). (p. 684)
SJ	<i>sf</i> 1. recipiente de madeira, de corpo redondo e robusto, usado para armazenar líquidos (<i>A adega continha várias pipas de carvalho repletas de vinho.</i>); 2. <i>pop</i> pessoa baixa e gorda; 3. <i>Bras Mq papagaio</i> (acep 3). (p. 885)
HOc	<i>s.f.</i> 1 barril de madeira us. esp. para armazenar vinho 2 brinquedo formado por uma armação leve de varetas, recoberta de papel fino e presa a uma linha, que se empina no ar; papagaio. (p. 727)
NAu	<i>sf.</i> 1. Vasilha bojuda, de madeira, com capacidade para 420 litros, us. esp. para vinho. 2. <i>Bras. Lud.</i> Armação composta por duas varetas cruzadas e recobertas por um papel fino, formando ger. um losango que contém em uma das pontas uma linha que facilita sua estabilidade quando posta em movimento para planar 3. <i>Joc. Pop.</i> Pessoa gorda e baixa 4. <i>Joc. Pop.</i> Pessoa que bebe demais; BEBERRÃO; ÉBRIO 5. <i>Antq.</i> Antiga medida de capacidade equivalente a 4,972 hectolitros 6. <i>Bras.</i> O volume de água contido no tanque do carro-pipa (pipa d'água) [F.: De um lat. vulg. * <i>pipa</i> , deriv. de <i>pipare</i> 'piar'.] (p. 1068-69)
MI	<i>sf</i> 1 Grande vasilha de madeira, aproximadamente cilíndrica, bojuda, para vinho e outros líquidos. 2 Quantidade de 21 a 25 almudes. 3 Tipo de cachimbo. 4 <i>pop</i> Pessoa gorda e baixa. 5 <i>pop</i> beerrão. 6 espécie de papagaio de papel. 7 <i>Zool</i> gênero (<i>Pipa</i>) típico da família dos Pipídeos, no qual se incluem anfíbios anuros sem língua (aglossos) e com dedos das pernas posteriores ligados por uma membrana: <i>Pipa pipa</i> é uma espécie da Amazônia; <i>Hemipipa carvalhoi</i> , do Nordeste. <i>Vinho da mesma pipa:</i> diz-se de pessoas com os mesmos defeitos ou vícios. (p. 1624)
DUPC	Sf 1 recipiente bojudo de madeira para líquidos, especialmente vinho; barril: <i>Na adega mal cabia a pipa de vinho italiano deitada sobre dois cavaletes.</i> 2 espécie de cachimbo: <i>acender a pipa</i> 3 armação de varetas de bambu recoberta de papel fino e com cauda de papel, que flutua no ar, papagaio (2): <i>Um dos meninos está empinando uma pipa.</i> (p. 1075)
AU	<i>pipa</i> ¹ [Do lat. vulg. * <i>pipa</i> , ‘flautinha’ (< <i>pipare</i> , ‘piar’).] Substantivo feminino. 1. Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos. 2. Antiga unidade de medida de capacidade para líquidos equivalente a 15 almudes, i. e., 4,972 hectolitros. 3. <i>Pop.</i> Pessoa baixa e gorda. 4. <i>Bras. Pop. V.</i> <i>ébrio</i> (8). 5. <i>Bras. V.</i> <i>papagaio</i> (5). <i>pipa</i> ² [Do tax. <i>Pipa</i> .] Substantivo feminino. <i>Zool.</i> 1. Gênero de anfíbios pipídeos. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a <i>Pipa pipa</i> (v. sapo-arú). 3. Qualquer espécime desse gênero.
HO	¹ <i>pipa</i> substantivo feminino 1 recipiente bojudo de madeira, para líquidos, esp. vinhos 2 Regionalismo: Brasil. Uso: informal, jocoso. pessoa gorda e de baixa estatura 3 antiga unidade de medida para líquidos equivalente a 4,972 hectolitros 4 Rubrica: ludologia. m.q. papagaio ('brinquedo') 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. pessoa que bebe em excesso; beerrão, ébrio ² <i>pipa</i> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. design. comum a diversos anfíbios anuros aquáticos, do gên. <i>Pipa</i> , da fam. dos pipídeos, encontrados do Panamá ao Norte e Centro da América do Sul, de coloração marrom-escura, corpo achatado, cabeça triangular, olhos pequenos e negros, destituídos de pálpebras, e dedos com papilas sensórias, que auxiliam na busca de presas [As fêmeas incubam os ovos em pequenas cavidades situadas no dorso.]
CAv	<i>sf.</i> 1. Vasilha bojuda, de madeira, com capacidade para 420 litros, us. esp. para vinho. 2. <i>Bras. Lud.</i> Armação composta por duas varetas cruzadas e recobertas por um papel fino, formando ger. um losango que contém em uma das pontas uma linha que facilita sua estabilidade quando posta em movimento para planar 3. <i>Joc. Pop.</i> Pessoa gorda e baixa 4. <i>Joc. Pop.</i> Pessoa que bebe demais; BEBERRÃO; ÉBRIO 5. <i>Antq.</i> Antiga medida de capacidade equivalente a

	4,972 hectolitros 6. Bras. O volume de água contido no tanque do carro-pipa (pipa d'água) [F.: De um lat. vulg. * <i>pipa</i> , deriv. de <i>pipare</i> 'piar'.]
HOv	¹ pipa substantivo feminino 1 recipiente bojudo de madeira, para líquidos, esp. vinhos 2 <i>B; infirm., joc.</i> pessoa gorda e de baixa estatura 3 antiga unidade de medida para líquidos equivalente a 4,972 hectolitros 4 <i>LUD</i> m.q. papagaio (no sentido de 'brinquedo') 5 <i>B infirm.</i> pessoa que bebe em excesso; bebedor, ébrio ² pipa substantivo feminino <i>HERP</i> design. comum a diversos anfíbios anuros aquáticos, do gên. <i>Pipa</i> , da fam. dos pipídeos, encontrados do Panamá ao norte e centro da América do Sul, de coloração marrom-escuro, corpo achatado, cabeça triangular, olhos pequenos e negros, destituídos de pálpebras e dedos com papilas sensórias, que auxiliam na busca de presas [As fêmeas incubam os ovos em pequenas cavidades situadas no dorso.] ➡ cf. <i>aru</i>

Entrada “povo”

Dicionário	Definição
FB	<i>sm</i> 1. O povo de um lugar é o conjunto das pessoas que moram nesse lugar. <i>O povo de Recife foi às ruas para comemorar o carnaval.</i> Sinônimo: <i>população</i> . 2. Um povo é um grupo de pessoas que compartilham a cultura, a língua ou a religião, ainda que não vivam no mesmo lugar. <i>O povo judeu foi perseguido em vários países durante a Segunda Guerra Mundial.</i> 3. Dizemos que uma pessoa é do povo quando as suas condições de vida ou os seus costumes são semelhantes aos da maioria da população de um lugar. <i>Ele é um homem bem simples, gente do povo.</i> Pronúncia: povo (leia ô). Plural: povos (ó). (p. 335)
DAI	substantivo masculino 1. Conjunto de pessoas que habitam um mesmo país e falam a mesma língua, têm os mesmos costumes, as mesmas tradições, etc.; <i>Amo o meu povo e a minha pátria.</i> 2. Os habitantes de uma região: <i>O povo nordestino é muito comunicativo.</i> 3. Aglomeração de pessoas; multidão: <i>O povo reuniu-se na praça para ouvir o presidente.</i> [Plural: povos (pó)]. (p. 392)
PV	S fem 1 conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm os mesmos costumes, uma história e tradições comuns; nação: <i>Existe uma grande influência africana nos costumes do povo brasileiro.</i> 2 o conjunto de pessoas que habitam uma nação: <i>Na democracia atual é o povo quem escolhe seus representantes.</i> 3 os habitantes de uma localidade ou região: <i>O povo mineiro se destaca pela gentileza.</i> Plural: p[ó]vos (p. 340)
DIP	<i>s masc.</i> 1. Grupo de indivíduos que têm a mesma cultura, as mesmas tradições, os mesmos costumes e falam a mesma língua. <i>Há muitos povos indígenas que habitam o interior do Brasil.</i> 2. Grande número de pessoas, multidão. <i>O povo saiu às ruas para ver o papa.</i> 3. Habitantes de um lugar ou de uma região. <i>No nordeste, o povo sofre com a seca.</i> Obs.: pl. [ó]. (p. 244)
AUjr	<i>subst. masc.</i> 1. Conjunto de indivíduos que falam (em regra) a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns. 2. Os habitantes duma localidade ou região; povoação. 3. Aglomeração de gente; multidão. [Plural: povos (ó)]. (p. 700)
SJ	<i>sm</i> 1. filh conjunto de pessoas que habitam o mesmo país, região etc. (<i>povo brasileiro; povo nordestino; povo mineiro</i>); 2. conjunto de pessoas que partilham uma mesma cultura, que habitem um mesmo lugar ou não (<i>povo muçulmano; povo judeu; povo cigano</i>); 3. conjunto dos cidadãos em relação aos seus governantes (<i>O povo precisa acompanhar o mandato daqueles que eleger, para não reeleger políticos corruptos ou ineficientes.</i>); 4. grande número de pessoas; multidão (<i>No show, enfiou-se no meio do povo e conseguiu chegar perto do palco.</i>); 5. conjunto dos cidadãos pobres (<i>Ele é um esnobe que só frequenta lugares muito caros pois não gosta de se misturar com o povo.</i>) (p. 913)
HOc	<i>s.m.</i> 1 grupo de indivíduos que formam uma nação ou vivem numa mesma região <o p. brasileiro> <o p. judeu> <o p. nordestino> 2 conjunto de pessoas da classe menos favorecida; plebe 3 aglomerado de pessoas; multidão. (p. 747)
NAu	sm. 1. Conjunto de pessoas que vivem num mesmo país e que estão sujeitas às mesmas leis (<i>povo brasileiro</i>). 2. Os habitantes de uma localidade ou região: <i>Povo de Minas Gerais.</i> 3. Conjunto de pessoas que não necessariamente habitam o mesmo país ou região mas que são ligadas por laços culturais, linguísticos etc. (<i>povo cigano</i>). 4. Grande número de pessoas: <i>O povo lotou o pequeno estádio.</i> 5. O conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre. 6. <i>Fig.</i> O conjunto de pessoas que pertencem à mesma família ou à mesma casa: <i>Gosto de ficar em casa, cercado pelo meu povo.</i> 7. <i>Pop.</i> Grupo de pessoas, gente, turma: <i>O povo chegou cedo para o churrasco.</i> smpl. 8. As nações, os países: <i>Os povos civilizados são contra a guerra.</i> 9. Os seres humanos, as pessoas: <i>Desejava que os povos fossem como irmãos.</i> [F.: Do lat. <i>populus</i> , i. Ideia de 'povo': <i>dem(o)-</i> (democracia), <i>popul-</i> (populismo).] Povos naturais 1 Antq. Designação

	dada a povos considerados pouco civilizados, sem desenvolvimento da organização social ou com poucos recursos tecnológicos (como se estivessem mais próximos da ' natureza' do que os povos ditos civilizados). Povos primitivos 1 Etnol. Ver <i>Povos naturais</i> . (p. 1095)
MI	sm 1 conjunto de pessoas que constituem uma tribo, uma raça ou nação: <i>povo brasileiro</i> 2 conjunto de habitantes de um país, de uma região, cidade, vila ou aldeia 3 Sociol sociedade composta de diversos grupos locais, ocupando território delimitado e cônica da semelhança existente entre seus membros pela homogeneidade cultural 4 pequena povoação 5 as pessoas menos notáveis e menos privilegiadas de uma nação ou localidade; a plebe 6 grande número; quantidade 7 família: <i>Como vai o seu povo?</i> sm pl As nações Aum pej: <i>povaréu</i> . Dim pej: <i>poviléu</i> e <i>povoléu</i> . P. da Lira: grêmio de capadócios ou capoeiras serenatistas. P. de Deus: o povo escolhido; o povo judeu. P. natural: o mesmo que povo primitivo. P. primitivo, Sociol: o que forma sociedade isolada, semicivilizada, quando comparada com as civilizações urbanas industrializadas da atualidade. (p. 1678)
DUPC	Sm 1 conjunto de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes, interesses semelhantes, história e tradições comuns, habitando geralmente uma mesma região; nação: <i>Era o povo do Brasil desejando ser livre</i> . 2 conjunto de pessoas que habitam uma localidade ou região: <i>O meu avô mandava no povo do Pilar</i> . 3 conjunto de pessoas ligadas por uma origem, independentemente do local de residência: <i>o povo judeu</i> 4 grupo de pessoas; gente: <i>No alpendre, o povo conversava</i> . 5 o conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas; plebe: <i>Nem todos amam o povo apenas nos discursos das vésperas de eleições</i> . 6 conjunto de cidadãos, excluída a elite dirigente: <i>O governo precisa respeitar mais a vontade do povo</i> . 7 família: <i>O povo de seu marido era gente de muito bom juízo</i> . Pl pló]vos . (p. 1104)
AU	Substantivo masculino. 1. Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns. [Cf., nesta acepç., <i>nação</i> (1).] 2. Os habitantes de uma localidade ou região: <i>É alegre o povo do Rio</i> . 3. V. <i>povoado</i> (2): “Combinara na fazenda dormir num pequeno povo, a três léguas de Cacimbas.” (José Vieira, <i>Vida e Aventura de Pedro Malasarte</i> , pp. 279-280.) 4. Aglomeração de gente; multidão: <i>O povo, enfurecido, quase linchou o malfeitor</i> . 5. O conjunto das pessoas que constituem o corpo de uma nação, que se submetem às mesmas leis: <i>governo do povo, para o povo, pelo povo</i> ; “A praça! A praça é do povo / Como o céu é do condor” (Castro Alves, <i>Obra Completa</i> , p. 352). 6. O conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas; plebe: <i>O povo de Paris tomou a Bastilha em 1789</i> . 7. V. <i>ralé</i> (1). 8. Fig. Grande número; quantidade. 9. Bras. A família: <i>Meu povo é todo do Ceará</i> . 10. Bras. P. ext. As pessoas que nos cercam; os colegas, os amigos, os companheiros; gente: — <i>Meu povo é ordeiro, dona — explicou o que parecia ser o chefe do grupo</i> . [Pl.: povos (ó); aum.: <i>povaréu</i> (q. v.), dim. deprec.: <i>poviléu, povoléu</i> .] ~ V. <i>povos</i> . Povos naturais. Etnol. Povos ou sociedades que têm pouco desenvolvimento técnico e/ou meios reduzidos para dominar a natureza; povos primitivos, sociedades primitivas. Povos primitivos. Etnol. V. <i>povos naturais</i> .
HO	substantivo masculino 1 conjunto de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns Exs.: <i>o p. brasileiro; o p. russo</i> 2 conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade 3 conjunto de indivíduos de uma mesma região, cidade, vila ou aldeia Exs.: <i>o p. de Petrópolis; o p. nordestino</i> 4 conjunto de pessoas que não habitam o mesmo país, mas que estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço Exs.: <i>o p. judeu; o p. cigano</i> 5 conjunto dos cidadãos de um país em relação aos governantes Ex.: <i>o p. elege os governantes</i> 6 conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre; plebe 7 multidão de pessoas Ex.: <i>o que aquele p. está fazendo na praça?</i> 8 pequena povoação; lugarejo, aldeia, vila 9 a gente de casa; a família 10 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. turma, gente Ex.: <i>o p. ainda não chegou para a festa?</i>
CAv	sm. 1. Conjunto de pessoas que vivem num mesmo país e que estão sujeitas às mesmas leis (<i>povo brasileiro</i>). 2. Os habitantes de uma localidade ou região: <i>Povo de Minas Gerais</i> . 3. Conjunto de pessoas que não necessariamente habitam o mesmo país ou região mas que são ligadas por laços culturais, linguísticos etc. (<i>povo cigano</i>). 4. Grande número de pessoas: <i>O povo lotou o pequeno estádio</i> . 5. O conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre. 6. Fig. O conjunto de pessoas que pertencem à mesma família ou à mesma casa: <i>Gosto de ficar em casa, cercado pelo meu povo</i> . 7. Pop. Grupo de pessoas, gente, turma: <i>O povo chegou cedo para o churrasco</i> . smpl. 8. As nações, os países: <i>Os povos civilizados são contra a guerra</i> . 9. Os seres humanos, as pessoas: <i>Desejava que os povos fossem como irmãos</i> . [F.: Do lat. <i>populus</i> , i. Ideia de 'povo': <i>dem(o)-</i> (democracia), <i>popul-</i> (populismo).] Povos naturais 1 Antq. Designação dada a povos considerados pouco civilizados, sem desenvolvimento da organização social ou com poucos recursos tecnológicos (como se estivessem mais próximos da ' natureza' do que os povos ditos civilizados). Povos primitivos 1 Etnol. Ver <i>Povos naturais</i> .

HOv	substantivo masculino 1 conjunto de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns <o p. brasileiro> <o p. russo> 2 conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território; nação, sociedade 3 conjunto de indivíduos de uma mesma região, cidade, vila ou aldeia <o p. de Petrópolis> <o p. nordestino> 4 conjunto de indivíduos de uma mesma ou de várias nacionalidades, agrupados num mesmo Estado <o p. suíço> <o p. hindu> 5 conjunto de pessoas que não habitam o mesmo país, mas que estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço <o p. cigano> <o p. judeu> 6 conjunto dos cidadãos de um país em relação aos governantes <o p. eleger os governantes> 7 conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre, à classe operária; plebe 8 conjunto dos cidadãos de um país, excluindo-se os dirigentes e a elite econômica 9 (sXIV) multidão de pessoas <que p. é aquele ali na praça?> 10 fig. grande número, grande quantidade (de algo) 11 ant. terceiro estado da nação, antes da Revolução Francesa (clero, nobreza e povo) 12 lugarejo, aldeia, vila, pequena povoação 13 a gente de casa; a família <tem saudades do seu p.> 14 B; infm. turma, gente <o p. ainda não chegou para a festa?> povos : substantivo masculino plural 1 as nações <tal fato será repudiado pelos p. civilizados> 2 os seres humanos, a humanidade <tudo foi feito pela amizade dos p.>
-----	---

Entrada “traçar”

Dicionário	Definição
FB	---
DAI	verbo 1. Fazer ou representar por meio de traços: <i>Tracei</i> uma figura que lembrava um gato. 2. Projetar, delinear: <i>Gostava de traçar planos para o futuro.</i> (p. 484)
PV	Vt 1 representar por meio de traços; desenhar: <i>Trace</i> um círculo no seu caderno. 2 imaginar alguma atividade; elaborar: <i>Já estamos traçando planos para as férias.</i> (p. 428)
DIP	v. 1. fazer traços. <i>O menino traçou o quadrado usando a régua.</i> sinônimo: desenhar. 2. fazer planos ou projetos. <i>A garota traçava muitos planos para o futuro.</i> sinônimo: planejar, projetar. (p. 300)
AUjr	verbo trans. dir. 1. fazer ou representar por meio de traços [veja traço (1)]. 2. descrever (3). 3. projetar, delinear, tracejar. 4. marcar, delimitar. 5. pôr de través; cruzar. [conjugação: laçar]. (p. 866)
SJ	vtd 1. desenhar fazendo traços (<i>Na aula de geometria, aprendemos a traçar figuras usando o compasso, a régua e o esquadro.</i>); 2. fazer um projeto, esboço ou planejamento (<i>Começaram a traçar os planos da viagem dois meses antes das férias.</i>); 3. delimitar ou destacar as principais características de algo (<i>Logo na primeira consulta, a psicóloga traçou o perfil do paciente.</i>); 4. pop comer, em geral com pressa (<i>Traçou toda a lasanha em menos de quinze minutos!</i>) V conjugar. (p. 1188)
HOc	v. t.d. 1 descrever; desenhar traços; riscar <t. uma curva, uma reta> 2 representar por traços; desenhar <o avião traçou um arco no céu> 3 fazer traços em; pauta; riscar <t. uma folha> 4 pôr marca, demarcação em; assinalar <t. limites de um terreno> desmarcar 5 desenhar os contornos de; esboçar <t. a planta do prédio> 6 compor o retrato, a imagem, a trajetória de <t. o perfil de um bandido> 7 descrever, expor <t. a situação da firma> 8 projetar, planejar <t. meios de vencer> <t. um plano> 9 pôr de través, a tiracolo; cruzar <t. o colar, as pernas>. (p. 918)
NAu	traçar¹ v. 1. Fazer (riscos, traços) no papel; desenhar: <i>Traçar linhas geométricas</i> 2. Imaginar, conceber (plano, estratégia etc.); PLANEJAR 3. Fazer uma descrição de; CHARACTERIZAR: <i>Traçou o perfil do candidato</i> 4. Tornar explícitos (limites, fronteiras etc.); DEMARCAR [td. : <i>Após dois dias de vigens traçou um mapa da região</i>] 5. Percorrer em linha reta ou curva (uma distância): <i>O bumerangue traçou uma grande curva e voltou ao ponto de partida</i> 6. Representar por meio de escrita: <i>Traçou apenas algumas linhas para o filho distante</i> 7. Conceber, projetar: <i>Traçou o roteiro da viagem</i> 8. Pôr de través; cruzar: <i>A moça traçou a faixa de miss com muita elegância</i> [F.: Do lat. *tractiare < lat. tractus, a, um, part. pass. do v. lat. trahere, 'tirar, puxar etc.' Hom./Par.: traça (fl.), traça (sf.); traças (fl.), traças (pl. do sf.); traço (fl.), traço (sm.).] traçar² 1. Roer, corroer pano, papel (nesta acep., o suj. ger. é traça, larva de mariposa). 2. Pop. Comer com grande apetite. [td. : <i>Traçou o acarajé enlevado.</i>] 3. Fig. Causar aflição, angústia a; AFLIGIR; CONSUMIR [td.] 4. Bras. Vulg. Transar com; COPULAR [td. : <i>Mal chegou à cidade, traçou a garota.</i>] 5. Ser roído (por traças) a ponto de fragmentar-se ou desfazer-se. [int. : <i>A blusa traçou (-se) no armário.</i>] [F.: traç(a)¹ + -ar².] traçar³ 1. Misturar (três substâncias, ingredientes); TERÇAR [td.: <i>Traçar cachaça com bitter.</i>] [F.: Alter. de terçar.]

	traçar⁴ 1. Fazer em pedaços; ESPATIFAR 2. Bras. Serrar toras em sentido transversal. 3. Bras. P.ext. Serrar um tronco em toros. [F.: Do espn. <i>tronzar</i> , 'fazer em pedaços'.] (p. 1350)
MI	traçar ¹ vtd 1 delinear, representar por meio de traços: <i>Os cartógrafos traçam rios e estradas nos mapas. Com o lápis traçada figuras sobre o papel.</i> vtd 2 desenhar traços: <i>Traçar uma reta.</i> vtd 3 fazer as linhas de: <i>traçar um arco, traçar um desenho.</i> vtd 4 dar traços em; riscar: <i>traçar um papel.</i> vtd 5 pôr a tiracolo, pôr de través, trazer à tiracolo; cruzar: <i>traçar o xale. Os congressistas tratavam faixas distintivas. Sobre os ombros o ator traçava manto escarlate.</i> vtd 6 assinar, demarcar, marcar: <i>traçar fronteiras.</i> vtd 7 projetar na mente; imaginar: <i>Traçara um meio de acabar com o rival.</i> vtd 8 delinear, projetar: <i>traçar uma empresa.</i> vtd 9 determinar, mandar, ordenar: <i>traçou que todos terminassem seus afazeres dentro de três horas.</i> vtd 10 decidir, determinar-se a resolver: <i>Tracei enfrentar a situação.</i> vtd 11 armar, preparar, promover: <i>Traçar uma campanha cívica.</i> vtd 12 maquinar, tramar: <i>traçara uma conspiração, uma cilada, um golpe.</i> vtd 13 compor, escrever, expor: <i>Traçar um elogio biográfico, traçar um panegírico.</i> vtd 14 esboçar: <i>traçou uma obra arquitetônica.</i> vtd 15 escrever: <i>traçou apenas algumas palavras.</i> vtd 16 partir em pedaços, partir pelo meio; dilacerar, estraçalhar: <i>A locomotiva traçou o pobre bezerro.</i> vpr 17 assentar, escolher estabelecer para si: <i>Taçamo-nos diretrizes evangélicas “...desequilíbrio que não foi suficiente para...” desviá-los dos caminhos que se traçaram”</i> (Fernando de Azevedo). (p. 2092) traçar ² si: vtd 1 cortar, roer (diz-se da traça que corta, rói o pano, o papel etc.). vint e vpr 2 cortar-se (o pano, o papel etc.) roídos pela traça: “O pano traçou, o papel traçou-se” (Laud Freire). vtd 3 afligir, consumir, gastar, ralar: Preocupações penosas traçam a vida humana que não as possa superar. (p. 2093)
DUPC	Vt 1 representar por meio de traços; desenhar: <i>traçar uma reta</i> 2 elaborar; projetar: <i>traçar um plano</i> 3 marcar; demarcar: <i>traçar os limites da propriedade</i> 4 compor, formar: <i>O analista vai traçando o seu perfil psicológico.</i> 5 indicar: <i>Um mapa traça a trajetória do avião.</i> 6 combinar; tratar: <i>Taçaram encontrar-se à noite (Coloq)</i> 7 tocar: <i>Zeca traça uma toada ao violão.</i> 8 comer ou beber: <i>Vamos traçar um rango? (Ch)</i> 9 copular com. (p. 1370)
AU	Verbo transitivo direto. 1. Fazer ou representar por meio de traços [v. <i>traço</i> ¹ (2)] : “muros altos, onde de dia os moleques se divertiam <u>traçando</u> calungas e sinais obscenos.” (Gilberto Freire, <i>Assombrações do Recife Velho</i> , p. 50). 2. Descrever (3). 3. Dar traços [v. <i>traço</i> ¹ (2)] em; pautar, riscar: <i>traçar a cartolina.</i> 4. Descrever, expor: <i>Na conferência traçou a situação da empresa.</i> 5. Esboçar, delinear, projetar: <i>Costumam os jovens traçar planos irrealizáveis.</i> 6. Marcar, demarcar, delimitar: <i>traçar fronteiras.</i> 7. Determinar-se a; determinar, resolver, decidir: <i>Traçou viajar imediatamente.</i> 8. Armar, tramar, maquinar: <i>Taçaram uma conspiração.</i> 9. Supor, presumir, conjecturar. 10. Escrever, compor: <i>Traçou 10 laudas elogiosas;</i> “ <i>Traço</i> estas linhas preguiçosamente” (Gilca da Costa Melo Machado, <i>Mulher Nua</i> , p. 53). 11. Maç. Escrever ou redigir qualquer documento maçônico. 12. Pôr de través; pôr a tiracolo; cruzar: “Quando Felícia apareceu, <u>traçando</u> o xale, persignou-se e soprou a lamparina.” (Coelho Neto, <i>Turbilhão</i> , p. 154); “para em frente da escadaria do Tesouro, <u>traça</u> e destracha a capa espanhola” (Augusto Meyer, <i>No Tempo da Flor</i> , p. 14). 13. Bras. Serrar transversalmente (uma tora). [Conjug.: v. <i>laçar</i> .]
HO	¹ traçar verbo transitivo direto 1 fazer ou representar por meio de traços Ex.: <i>t. uma curva, uma reta</i> transitivo direto 2 riscar traços em; pautar Ex.: <i>t. uma folha de papel</i> transitivo direto 3 descrever (uma linha) de acordo com o movimento feito por um corpo que se desloca Ex.: <i>a ave, voando, traçou um arco</i> transitivo direto 4 colocar marca(s) em; assinalar Ex.: <i>t. os limites de um terreno</i> transitivo direto 5 fazer esboço de; esboçar Ex.: <i>t. a planta de uma construção</i> transitivo direto 6 compor o retrato, a imagem, a trajetória de Ex.: <i>traçou o perfil psicológico do escritor</i> transitivo direto 7 representar por meio de caracteres ou escrita; escrever Ex.: <i>t. as linhas de uma carta</i> transitivo direto 8 conceber (plano, projeto etc.); delinear, projetar Ex.: <i>t. uma rota de fuga</i> transitivo direto 9 urdir (trama); maquinar Ex.: <i>traçou um plano diabólico</i> transitivo direto 10 pôr de través; pôr ou trazer posto a tiracolo; cruzar, atravessar Ex.: <i>t. o xale sobre os ombros</i> ² traçar verbo transitivo direto 1 cortar, roer, corroer (falando-se da ¹ traça) intransitivo e pronominal 2 ser atacado pela ¹ traça; cortar-se (pano, papel etc.) Exs.: <i>o uniforme traçou(-se) com o tempo; alguns dos livros taçaram(-se)</i> transitivo direto 3 Derivação: sentido figurado. causar aflição a; consumir Ex.: <i>as preocupações taçaram-lhe a vida</i> ³ traçar verbo transitivo direto 1 mesclar (três substâncias, elementos etc.); misturar, terçar bitransitivo 1.1 efetuar mistura entre (substâncias diferentes); terçar Exs.: <i>t. leite com café; t. cachaça com vermute</i> ⁴ traçar verbo transitivo direto 1 partir em pedaços ou pelo meio; espatifar transitivo direto 2 Regionalismo: Brasil. serrar transversalmente (sobretudo falando-se de toras, madeira em bruto etc.) transitivo direto 2.1 Regionalismo: Brasil. serrar (um tronco) em toros

CAv	traçar¹ v. 1. Fazer (riscos, traços) no papel; desenhar: <i>Traçar linhas geométricas</i> 2. Imaginar, conceber (plano, estratégia etc.); PLANEJAR 3. Fazer uma descrição de; CHARACTERIZAR: <i>Traçou o perfil do candidato</i> 4. Tornar explícitos (limites, fronteiras etc.); DEMARCAR [td. : <i>Após dois dias de vigens traçou um mapa da região</i>] 5. Percorrer em linha reta ou curva (uma distância): <i>O bumerangue traçou uma grande curva e voltou ao ponto de partida</i> 6. Representar por meio de escrita: <i>Traçou apenas algumas linhas para o filho distante</i> 7. Conceber, projetar: <i>Traçou o roteiro da viagem</i> 8. Pôr de través; cruzar: <i>A moça traçou a faixa de miss com muita elegância</i> [F.: Do lat. *tractiare < lat. tractus, a, um, part. pass. do v. lat. trahere, 'tirar, puxar etc.' Hom./Par.: traça (fl.), traça (sf.); traças (fl.), traças (pl. do sf.); traço (fl.), traço (sm.).] traçar² 1. Roer, corroer pano, papel (nesta acp., o suj. ger. é traça, larva de mariposa). 2. Pop. Comer com grande apetite. [td. : <i>Traçou o acarajé enlevado.</i>] 3. Fig. Causar aflição, angústia a; AFLIGIR; CONSUMIR [td.] 4. Bras. Vulg. Transar com; COPULAR [td. : <i>Mal chegou à cidade, traçou a garota.</i>] 5. Ser roído (por traças) a ponto de fragmentar-se ou desfazer-se. [int. : <i>A blusa t traçou (-se) no armário.</i>] [F.: traç(a)¹ + -ar².] traçar³ 1. Misturar (três substâncias, ingredientes); TERÇAR [td.: <i>Traçar cachaça com bitter.</i>] [F.: Alter. de terçar.] traçar⁴ 1. Fazer em pedaços; ESPATIFAR 2. Bras. Serrar toras em sentido transversal. 3. Bras. P.ext. Serrar um tronco em toros. [F.: Do espn. tronzar, 'fazer em pedaços'.]
HOv	¹traçar verbo 1 [t.d.bit.] (prep.: em, sobre) descrever, desenhar traços <t. uma curva> <t. uma reta sobre o papel> 2 [t.d.bit.] (prep.: em, sobre) fazer ou representar por meio de traços <a ave traçou um arco em seu voo> <com o dedo ia traçando figuras (na areia)> 3 [t.d.] dar traços em; pautar, riscar <t. uma folha de papel> 4 [t.d.] deixar (bala, projétil, obus etc.) trajetória de luz visível em <balas traçavam os ares na noite> 5 [t.d.] colocar marca, demarcação; assinalar <t. os limites de um terreno> 6 [t.d.] fazer esboço de; esboçar <t. a planta de uma construção> 7 [t.d.] compor, por meio de diversos meios de expressão, o retrato, a imagem, a trajetória de (alguém ou algo) <traçou o perfil psicológico do escritor> 8 [t.d.] representar por meio de caracteres ou escrita; escrever <t. as linhas de uma carta> 9 [t.d.]; P sublinhar por baixo de palavra, frase, número etc. (para chamar a atenção do leitor sobre sua importância); grifar <traçava com lápis vermelho os erros dos alunos> 10 [t.d.] pôr em evidência; exhibir, expor <traçou resumidamente a situação da firma> 11 (1554-1599) [t.d.] projetar na mente; imaginar <traçou meios de eliminar o inimigo> 12 (1858) [t.d.] conceber (plano, projeto etc.); delinear, projetar <t. uma rota de fuga> 13 [t.d.] pedir ou exigir que se cumpra (algo); determinar, mandar, ordenar <traçou que o empregado limpasse o jardim> 14 [bit.] (prep.: a) pôr em execução; promover <a polícia traçou uma guerra contínua aos traficantes> 15 [t.d.] urdir uma trama; maquinar <traçou um plano diabólico> 16 [t.d.] pôr de través; pôr a tiracolo; trazer posto a tiracolo; cruzar, atravessar <t. a capa> <t. a faixa presidencial> <t. a perna ao sentar-se> ²traçar verbo 1 [t.d.] cortar, roer, corroer (falando-se da ¹traça) 2 [int. e pron.] ser atacado pela ¹traça; cortar-se (pano, papel etc.) <o uniforme traçou(-se) com o tempo> <alguns dos livros traçaram(-se)> 3 [t.d.]; fig. causar aflição a; consumir <as preocupações traçaram-lhe a vida> ³traçar verbo 1 [t.d.] mesclar (três substâncias, elementos etc.); misturar, terçar 1.1 [bit.] (prep.: com) efetuar mistura entre (substâncias diferentes); terçar <t. leite com café> <t. cachaça com vermute> ⁴traçar verbo 1 [t.d.] partir em pedaços ou pelo meio; espatifar 2 [t.d.]; B serrar transversalmente (sobretudo falando-se de toras, madeira em bruto etc.) 2.1 [t.d.]; B serrar (um tronco) em toros.

ANEXO II – Verbetes contendo nossa proposta de inserção da marcação dupla

abacaxi s. masc. 1. Fruta grande de casca grossa e áspera, que dá em planta de folhas alongadas e cheias de espinhos. *No Brasil há uma grande produção de abacaxi, especialmente nos estados mais quentes.* 2. 🗨️ <informal/flora> Problema; coisa difícil de fazer, de resolver. *O diretor viu-se com um grande abacaxi nas mãos.*

apodrecer v. 1. Ficar podre; estragar-se. *As laranjas apodreciam no chão.* 2. 🗨️ <informal/figurado> Esperar por um longo período de tempo. *Apodreceu no exílio¹⁸⁰.*

artigo¹ subst. masc. 1. Qualquer mercadoria de uma loja. *Esta casa comercial só vende artigos de caça e pesca.* 2. 🗨️ <termo/jornalismo> Texto escrito em um jornal ou revista. *A revista publicou um excelente artigo sobre o problema do desemprego.*
artigo² subst. masc. 🗨️ <termo/gramática> Palavra que vem antes do substantivo. *Os artigos são: a, as, o, os, um, uns, uma, umas.*

bafo¹ subst. masc. ar exalado dos pulmões. *Talvez, por fumar há tanto tempo, não tenha a exata noção de como pode ser desagradável ter alguém espalhando esse bafo tóxico no ambiente¹⁸¹.*
bafo² subst. masc. 🗨️ <popular/infância> jogo em que se bate com a palma da mão em concha contra figurinhas dispostas em superfície plana, para revirá-las. *Existem outros vídeos no youtube de crianças/jogadores ensinando seus movimentos e regras no jogo do Bafo¹⁸².*
bafo³ subst. masc. 🗨️ <popular/corpo> mau hálito. *Estar com bafo de cigarro¹⁸³.*
bafo⁴ subst. masc. 1. 🗨️ <popular/figurado> conversa fiada. *“Quando eles fizeram aí essa revolução e falaram tudo aquilo, que iam salvar o País, que iam prender tudo que era safado, que isso, que aquilo, eu cheguei a ter uma esperançazinha. Palavra de honra! Mas logo depois eu vi que era tudo bafo.” (Stanislaw Ponte Preta, Febeapá 2, p. 105)¹⁸⁴.* 2. 🗨️ <popular/aumentativo> (“bafão”) notícia sem investigação comprovada; fofoca. *Samuel morre em Cara e Coragem? Anita traz à tona bafão do caso de ‘Clarice’¹⁸⁵.*

baiano s. masc. 1. Quem nasce na Bahia (estado brasileiro da região nordeste). *Os baianos são um povo muito festivo.* 2. 🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa originária do norte e nordeste do Brasil. *O cara pintou o carro de verde-limão com estampas cor de rosa só para chamar atenção. É um baiano mesmo¹⁸⁶.*
Obs.: pode ser usado como adjetivo: comida *baiana*.

baleia s. fem. 1. Animal mamífero, maior da Terra, muito grande que vive no mar. *Infelizmente ainda estão praticando a pesca da baleia em vários lugares.* 2. 🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa acima do peso. *A cantora denunciou o internauta que disse que ela parecia uma baleia orca¹⁸⁷.*

¹⁸⁰ Frase-exemplo retirada de HO.

¹⁸¹ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/regulamentacao-da-nova-lei-antifumo-causa-divergencia-entre-goianos-22358/>.

¹⁸² Frase-exemplo retirada do site: <https://www.jogostradicionais.org/bafo>.

¹⁸³ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁸⁴ Frase-exemplo retirada do AU.

¹⁸⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/samuel-morre-em-cara-e-coragem-anita-traz-tons-bafao-do-caso-de-clarice-83777>.

¹⁸⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/25/definicao-de-baiano-gera-polemica-na-internet-e-influencers-rebatem-a-gente-chama-atencao-na-pesquisa-literatura-cultura-e-musica.ghml>.

¹⁸⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/preta-gil-denuncia-ofensa-nas-redes-sociais-e-conta-de-internauta-e-excluida-06102019>.

bolo s. masc. 1. Comida doce que é feita de farinha, açúcar e ovos. *O **bolo** de chocolate está delicioso.* 2. Uma soma de dinheiro feita com base nas apostas de várias pessoas. *Ganhei o **bolo** das apostas entre meus amigos.* 3. 🗨️ <informal/figurado> ausência de alguém em evento. *Deu **bolo** na namorada*¹⁸⁸. Obs.: o aumentativo *bolão* é usado com sentido 2.

boneca s. fem. 1. Brinquedo que representa um nenê, criança ou adulto. *A **boneca** pode ser feita de plástico, de pano ou de louça. No Natal a menina ganhou uma linda **boneca**.* 2. 🗨️ <informal/elogio> Menina bonita, bem arrumada e de belo aspecto facial. *“Essa menina é uma **boneca**”*¹⁸⁹. 3. 🗨️ <pejorativo/ofensa> Mulher que sofre assédio em ambientes públicos. *Aquela garota é uma **boneca***¹⁹⁰. 4. 🗨️ <pejorativo/ofensa> homem efeminado. *Ele se irritou quando o chamaram de **boneca**, porque era evidente o preconceito*¹⁹¹.

boneco s. masc. 1. Figura de pano, louça, plástico, etc., que imita um ser humano. *Todas as crianças gostam de apresentações com **bonecos**.* 2. 🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa ingênua facilmente influenciável. *Vamos depor esse cara que foi um **boneco** nas mãos dos inimigos de Eurico*¹⁹².

borrar verbo trans. dir. 1. sujar em borrões. ***Borrou** o desenho com nanquim*¹⁹³. 2. riscar, rabiscar. ***Borrar** a assinatura*¹⁹⁴. 3. pintar de maneira grosseira. Pronominal e intrans. ***Borra** (uns quadros) por hobby*¹⁹⁵. 4. 🗨️ <vulgar/figurado> defecar. *Perdeu o controle e **borrou-se** todo*¹⁹⁶. 5. 🗨️ <tabu/figurado> cagar. *Imagem pra fazer qualquer anti **borrar** as calças*¹⁹⁷.

burro subst. masc. 1. 🗨️ <popular/fauna> Animal quadrúpede que tem orelhas compridas e crina curta. *O **burro** carregou toda carga de algodão.* 2. 🗨️ <pejorativo/xingamento> Xingamento que se faz a uma pessoa a quem se considera com pouca ou sem inteligência. *“Fui chamado de covarde, imbecil, **burro**, falaram que eu não sei nada sobre a vida, que eu preciso aprender. Por que eu não posso falar o que eu penso? Por que, ao dizer o que eu penso, eu sou xingado?”, questionou ele em seguida*¹⁹⁸. 3. 🗨️ <termo/diminutivo> (*‘burrinho’*) Peça de veículos motorizados que aspira líquidos e comprime ar e óleo. *Se seu mecânico disser que há um problema no **burrinho** de freio do seu carro, não é a capacidade intelectual só componente comprometida. É ele quem faz o freio atuar nos sistemas a tambor (geralmente nas rodas de trás)*¹⁹⁹. **burro de carga**: pessoa a quem se atribui acesso de trabalho. **pra burro**: muito, em grande quantidade. **fem.:** besta, mula. Obs.: pode ser usado como adjetivo: pessoa *burra*.

¹⁸⁸ Frase-exemplo retirada de HO.

¹⁸⁹ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.areavip.com.br/famosos/melinda-rouba-cena-em-foto-compartilhada-por-thais-ferroza/>.

¹⁹⁰ Frase-exemplo retirada de SJ.

¹⁹¹ Frase-exemplo retirada de SJ.

¹⁹² Frase-exemplo retirada do site: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-vasco/platb/2009/01/23/sem-injecao-na-testa/>.

¹⁹³ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁹⁴ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁹⁵ Frase-exemplo retirada do HO.

¹⁹⁶ Frase-exemplo retirada do CAV.

¹⁹⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/bate-papo-da-torcida/955244/imagem-pra-fazer-qualquer-anti-borrar-as-calcas>.

¹⁹⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://br.bolavip.com/entretenimento/Tiago-Leifert-se-defende-de-criticas-apos-declaracao-polemica-Por-que-eu-nao-posso-falar-o-que-eu-penso-20220607-0118.html>.

¹⁹⁹ Frase-exemplo retirada do site: <https://extra.globo.com/noticias/carros-e-motos/virabrequim-trambulador-conheca-alguns-componentes-do-seu-carro-13329884.html>.

cagar verbo intrans. e pronominal 🗣️👤 <tabu/figurado> defecar. “Quando penso que não dá pra piorar, vai alguém e caga no ônibus...”, disse um usuário²⁰⁰.

ceroulas subst. fem. pl. 🗨️ <antigo/vestuário> Peça de vestuário masculino que cobre o ventre, coxas e pernas, e usada por baixo das calças. *A linha com a assinatura do jogador chega às lojas em fevereiro com ceroulas entre outros tipos de roupa de baixo*²⁰¹.

chimarrão s. masc. 🗨️ <brasiliense/culinária> Bebida sem açúcar feita com água fervendo e mate. O gaúcho costuma tomar chimarrão.

chimpanzé s. masc. 🗨️ <informal/fauna> Mamífero primata, que é um tipo de macaco; é encontrado geralmente na África. Alimenta-se de frutas e gosta de bananas. Tem braços longos e o corpo muito peludo. *O chimpanzé é um animal inteligente e pode ser treinado para fazer muitas coisas. ver mamífero, primatas. Obs.: variante: chipanzé.*

comitiva subst. fem. 1. Gente que acompanha, que vai em companhia de outra(s); séquito, companhia. *Criminosos atacam comitiva de Cláudio Castro e baleiam segurança em Macaé*²⁰². 2. 🗨️ <informal/rural> grupo de peões que conduz o gado pelas estradas do país. *Comitiva de peões conduzindo animais de um lugar para outro, uma das tradições mais antigas do nosso país, estão desaparecendo graças ao transporte motorizado.*²⁰³

criança s. fem. 1. Menino ou menina que está no período da infância. *As crianças não podem ficar sem escola.* 2. Pessoa infantil, que age como criança mesmo não sendo uma. *Embora seja um adulto, às vezes João tem atitudes de criança.* 3. 🗣️👤 <pejorativo/ofensa> Pessoa ingênua enganada facilmente. *Cristiano é uma criança, confia em todo mundo*²⁰⁴.

cursinho subst. masc. 🗨️ <termo/diminutivo> Curso pré-vestibular de curta duração. *UFMS abre 500 vagas para cursinho preparatório para vestibular; veja como se inscrever*²⁰⁵.

dragão subst. masc.. 🗨️ <cultura/mitologia> 1. Animal imaginário, geralmente representado com cauda de serpente, garras e asas. [plural: dragões.] *Em homenagem à Páscoa e ao aniversário de dez anos da estreia de Game of Thrones, a joalheria russa Fabergé, especializada em ovos colecionáveis, criou um exclusivo ovo de dragão inspirado na trama da personagem de Emilia Clarke, Daenerys Targaryen.*²⁰⁶ 2. 🗣️👤 <pejorativo/ofensa> Pessoa muito feia. *Foi criticada por uma internauta e chamada de “dragão de feia” na noite da última segunda-feira (11).*²⁰⁷

²⁰⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://bhaz.com.br/noticias/bh/passageira-encontra-coco-em-onibus-do-move-em-belo-horizonte/>.

²⁰¹ Frase-exemplo retirada do site: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/983925-linha-de-cuecas-de-david-beckham-tera-ceroulas.shtml>.

²⁰² Frase-exemplo retirada do site: <https://eurio.com.br/noticia/36215/criminosos-atacam-comitiva-de-claudio-castro-e-baleiam-seguranca-em-macaee.html>.

²⁰³ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/01/fazenda-no-pantanal-mantem-tradicao-de-tocar-gado-em-comitiva.html>.

²⁰⁴ Frase-exemplo retirada do SJ.

²⁰⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/06/18/ufms-abre-500-vagas-para-cursinho-preparatorio-para-vestibular-veja-como-se-inscrever.ghtml>.

²⁰⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://veja.abril.com.br/cultura/ovo-de-dragao-comemorativo-de-game-of-thrones-e-avaliado-em-r-12-milhoes/#:~:text=Em%20homenagem%20%C3%A0%20P%C3%A1scoa%20e,de%20Emilia%20Clarke%2C%20Daenerys%20Targaryen.>

²⁰⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/mc-mirella-e-chamada-de-dragao-de-feia-em-rede-social-e-rebate-seguidora-49274>.

droga subst. fem. 1. △ <termo/medicina> Substância usada para tratar ou curar doenças e para aliviar a dor. As **drogas** são vendidas em farmácias. **sinônimo:** remédio. 2. △ <popular/medicina> Substância que age no sistema nervoso e pode tornar-se um vício perigoso para quem a toma. *O uso da **droga** pode prejudicar a saúde de uma pessoa.* 3. ♥ <popular/figurado> Coisa de pouco valor, de baixa qualidade. *Este filme é uma **droga**!*

e-mail s. masc. △ <estrangeirismo/internet> 1. Correio eletrônico. *Quando aprendeu a usar o **e-mail**, vovó passou a me escrever todos os dias.* 2. Mensagem de correio eletrônico. *Recebi um **e-mail** com notícias e uma foto da minha amiga. Titan ganha as primeiras posições no relatório de verão de 2022 da G2 para produtos de **e-mail**.*²⁰⁸ **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *imêil*.²⁰⁹

favela s. fem. △ <pejorativo/urbano> Conjunto de barracos ou casas em más condições habitado por pessoas pobres, onde não há geralmente esgoto e água encanada. *O incêndio destruiu a **favela**, mas nenhum morador ficou ferido.*

ficção subst. fem. 1. Aquilo que é criado pela imaginação. *A Emília dos livros de Monteiro Lobato é uma personagem de **ficção**.* 2. △ <arte/literatura> Obra escrita ou filmada que conta histórias de personagens inventadas. *Diego gosta mais de ler livros sobre personagens reais da história do que **ficção**.* **pl.:** ficções.

flor s. fem. 1. Órgão de reprodução das plantas; geralmente é colorida e cheirosa e serve também para enfeitar. *A rosa é uma **flor**.* 2. Objeto ou enfeite que representa uma flor. *Ela usava um vestido de **flores**.* 3. ♥ <informal/elogio> Alguém ou algo que é bonito, amável, de belo aspecto. *Gabriela é uma **flor** de menina.* **pl.:** flores.

furo subst. fem. 1. Pequena abertura; buraco. *O cigarro aceso fez um **furo** na calça de João.* 2. △ <termo/jornalismo> Notícia inesperada divulgada com prioridade antes do conhecimento de outrem. *Câncer de Putin. Cirurgia realizada em abril. **Furo** da Newsweek*²¹⁰.

galera¹ subst. fem. Antigo navio movido a remos e a velas, de três mastros. *“defrontaram [os cartagineses] uma frota romana composta de **galeras** de alto bordo e cinco bancos de remadores” (Aquilino Ribeiro, Os Avós dos Nossos Avós, p. 80)*²¹¹.

galera² subst. fem. 1. △ <popular/urbano> grupo de torcedores. 2. turma de amigos ou de conhecidos. *A **galera** veio em peso.*

galho s. masc. 1. Parte de uma árvore que cresce do tronco e onde nascem as folhas, as flores e os frutos. *Um **galho** daquela árvore está invadindo o quintal do vizinho. quebrar o galho:* resolver um problema; vencer um obstáculo favorecendo alguém. 2. △ <informal/figurado> trabalho temporário. *Eu estava quebrando um **galho** como manicura, mas já viu manicura de pobre, né... nem fazia R \$ 30,00 por semana*²¹². ver **árvore**.

²⁰⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.bemparana.com.br/noticia/titan-ganha-as-primeiras-posicoes-no-relatorio-de-verao-de-2022-da-g2-para-produtos-de-e-mail-277330#.YruCQf3MLIU>.

²⁰⁹ Transcrição fonética: *i mejl*.

²¹⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://noticias.uol.com.br/colunas/walter-maierovitch/2022/06/05/cancer-de-putin-cirurgia-realizada-em-abril-furo-da-newsweek.htm>.

²¹¹ Frase-exemplo retirada do AU.

²¹² Frase-exemplo retirada do site: <http://www.jornalcontato.com.br/288/cultura/index.htm>.

gordo *adj.* 1. Que tem grande quantidade de gordura no organismo; que tem muito peso. *João precisa fazer regime rigoroso com um médico porque está gordo demais.* 2. 🗨️🗨️ <pejorativo/ofensa> pessoa acima do peso. *Uma supervisora da empresa em que trabalhava o chamava de "gordo fedorento" e outros nomes que o incomodavam*²¹³. 3. 🗨️ <pejorativo/diminutivo> modo atenuado que algumas pessoas usam para se referir a uma pessoa acima do peso. *Bolsonaro diz a influenciador que 'não seria difícil' acertar tiro em 'gordinho'*²¹⁴. **antônimo:** magro.

hebreu *s. masc.* △ <popular/religião> 1. Povo que habitava antigamente a Palestina, ou Terra Santa, atual Estado de Israel. *Os judeus são descendentes dos antigos hebreus.* 2. Língua falada em Israel que é derivada do hebreu antigo. Grande parte da Bíblia foi escrita em hebraico. **fem.:** hebreia. **Obs.:** variante: *hebraico*.

idiota *adj.* 2g. 🗨️🗨️ <pejorativo/xingamento> Bobo, tolo. *Este rapaz é um idiota, faz brincadeiras desagradáveis o tempo todo. É uma coisa idiota ficar aqui esperando.* **masc. e fem.:** *idiota*.

impeachment *s. masc.* △ <estrangeirismo/política> Impedimento de continuar governando. *Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente brasileiro que sofreu impeachment.* **Obs.:** palavra inglesa incorporada à língua portuguesa e pronunciada *impíchment*.²¹⁵

jabuticaba *s. fem.* △ <brasiliense/flora> Pequena fruta preta, redonda e brilhante, que tem em seu interior uma polpa branca doce, envolvendo um caroço grande. *A jabuticaba é nativa do Brasil.*

kung fu *loc. s.* △ <estrangeirismo/esporte> Expressão que dá nome a vários estilos de artes marciais de origem chinesa, ou seja lutas que podem ser usadas na guerra ou na defesa pessoal. *Segundo contam as lendas, o kung fu foi inspirado nos movimentos dos animais.* **Obs.:** locução substantiva de origem chinesa que é pronunciada *cunfu*.²¹⁶

lobisomem *s. masc.* △ <cultura/mitologia> Segundo a crença popular, homem que se transforma em lobo. *Dizem que o delegado virava lobisomem em noite de Lua cheia.* **pl.:** *lobisomens*.

mala *s. fem.* 1. Objeto de couro, plástico ou outro material, usado geralmente para guardar e transportar roupas. *Fez a mala, entrou no carro e partiu em férias.* 2. 🗨️🗨️ <popular/figurado> pessoa desagradável. *Tentamos procurar a fonte de todos os personagens malas de 'Espelho da Vida', mas eram tantos que a gente acabou ficando com uma lista de cinco mesmo*²¹⁷.

motoboy *s. masc.* △ <estrangeirismo/trabalho> Pessoa que trabalha com motocicleta transportando documentos, mercadorias, alimentos, etc. *O motoboy acabou de entregar as pizzas.* **Obs.:** palavra criada no Brasil com “moto” (de motocicleta) e “boy” (do inglês “garoto”, “moço”); é pronunciada *motobói*.

²¹³ Frase-exemplo retirada do site: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/26/processos-trabalhistas-contra-gordofobia.htm>.

²¹⁴ Frase-exemplo retirada do site: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/07/bolsonaro-diz-a-influenciador-que-nao-seria-dificil-acertar-tiro-em-gordinho.ghtml>.

²¹⁵ Transcrição fonética: *im'pit/mənt*.

²¹⁶ Transcrição fonética: *koŋ fu*.

²¹⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://claudia.abril.com.br/famosos/os-5-personagens-mais-malas-de-espelho-da-vida/>.

nádega s. fem. 1. Cada uma das partes cheias do traseiro das pessoas que fica no alto da coxa. *O bebê está com as **nádegas** de fora porque tirou a fralda. É melhor você tomar injeção nas **nádegas**, porque dói menos.* 2.  <popular/corpo> bumbum, bunda. *As americanas têm uma nova obsessão: o bumbum brasileiro. Segundo dados divulgados pela revista do "The New York Times", em 2021, foram feitos 61.387 aumentos de **nádegas***²¹⁸.

origami s. masc.  <cultura/exterior> Arte de dobrar pedaços de papel para formar animais, objetos, flores, etc. *O **origami** é uma arte japonesa muito antiga.* **Obs.:** palavra japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada *origâmi*.

parasita adj. 2g. 1. que se alimenta de outros indivíduos da mesma espécie; que vive na dependência de outros. *As plantas **parasitas** vivem no tronco de outras árvores.* **masc. e fem.: parasita.** 2.  <pejorativo/ofensa> indivíduo que vive às custas de outras pessoas. *É um **parasita** e um preguiçoso*²¹⁹. **Obs.:** pode ser usado como substantivo: *Um tipo de **parasita** pode viver no intestino do homem.*

pintar v. 1. cobrir uma superfície com tinta. *Papai mandou **pintar** a casa de amarelo.* 2. representar (pessoas, animais, paisagens, etc.) por meio de linhas, cores e formas, usando pincel e tintas. *Leonardo da Vinci **pintou** a Mona Lisa.* 3. usar maquiagem. *As moças vão **pintar-se** para a festa.* 4.  <informal/figurado> aparecer. *Assim que a oportunidade **pintou**, Paulo convidou Patrícia para sair*²²⁰. **pintar e bordar:** criar confusão; abusar no comportamento. **pintar o sete:** fazer bagunça.

pinto subst. masc. 1. Filhote de galinha ainda novo. **ser pinto**  <informal/figurado> ser fácil; *Esse problema de matemática é **pinto**.* 2.  <popular/infância> Criança bem jovem. *Ele é o **pinto** da nossa família*²²¹. 3.  <vulgar/figurado> Pênis. *O participante do BBB 22 deixou o pênis à mostra enquanto dormia ao lado de Vinicius Fernandes. "Por que o **pinto** do Eliezer estava para fora da cueca?", questionou uma internauta após ver a cena*²²².

pipa s. fem. 1.  <termo/enologia> vasilha grande de madeira. *As **pipas** de vinho são guardadas num ambiente frio.* 2.  <popular/infância> papagaio de papel. *Os garotos soltavam suas **pipas** coloridas.*

quilo s. masc.  <termo/matemática> Unidade de medida de peso que corresponde a mil gramas. *Mamãe comprou um **quilo** de açúcar.* **Obs.:** abreviado como kg.

RG  <termo/jurídico> Abreviatura de “registro geral”; documento de identidade que todo brasileiro deve ter. *Para tirar meu **RG** precisei de duas fotos.*

saci s. masc.  <cultura/folclore> Personagem do folclore brasileiro conhecido por fazer brincadeiras com os viajantes. O saci é um menino negro, que salta sobre uma perna só, usa cachimbo e capuz vermelho. *Queremos que as crianças brasileiras saibam que o **Saci** e o Boto, por exemplo, podem ser tão legais quanto o Homem-Aranha e o Batman*²²³. **Obs.:** é conhecido também como saci-pererê.

²¹⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2022/05/bumbum-brasileiro-vira-obsessao-entre-americanas.ghtml>.

²¹⁹ Frase-exemplo retirada do DUCP.

²²⁰ Frase-exemplo retirada do SJ.

²²¹ Frase-exemplo elaborada pelo autor.

²²² Frase-exemplo retirada do site: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/bbb-22-eliezer-deixa-penis-mostra-enquanto-dorme-com-vyni-e-choca-web-76117>.

²²³ Frase-exemplo retirada do site: <https://estacaonerd.com/alem-da-lenda-filme-ganha-nova-data-de-estreia-nos-cinemas-confira/>.

sexo subst. masc. 1. Conjunto de órgãos que diferenciam o macho e a fêmea e possuem características e funções próprias na reprodução da espécie. *A mulher teve gêmeos; uma criança do sexo masculino e outra do sexo feminino.* 2.  <popular/comportamento> Relação corporal íntima entre pessoas. *Cena de sexo quebra a regra de exposição e nudez em k-dramas.*²²⁴

tabela s. fem. 1. Quadro em que se faz uma relação (de números, nomes, etc.). *Ana conferiu o preço na tabela e escolheu um quilo de frutas.* 2.  <termo/matемática> estrutura que contém cálculos *Com a divulgação e comparação entre a tabela do governo estadual e a da Alesc/Sinte (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina), houve divergências entre os representantes sobre diversos aspectos.*²²⁵ 3.  <termo/esporte> relação de jogos previstos em um campeonato. *VNL 2022 FEMININO: Quando é o próximo jogo do Brasil? Veja onde assistir BRASIL X CHINA, horário, classificação e a tabela de jogos do Brasil na Liga das Nações de Vôlei.*²²⁶ 4.  <termo/esporte> peça utilizada no basquete. *O modelo Air Jordan 1 ficou conhecido pelo episódio em que o astro da NBA quebrou uma tabela ao enterrar a bola.*²²⁷ 5.  <termo/ciência> estrutura indicativa dos elementos químicos. *Cientistas querem criar tabela periódica da inteligência animal.*²²⁸ **fazer tabela:** no futebol, mandar a bola de um jogador para o outro.

traçar v. 1. fazer traços. *O menino traçou o quadrado usando a régua.* **sinônimo:** desenhar. 2. fazer planos ou projetos. *A garota traçava muitos planos para o futuro.* **sinônimo:** planejar, projetar. 3.  <informal/figurado> comer com muito apetite. *Traçou o acarajé enlevado*²²⁹.

unicórnio subst. masc. 1.  <cultura/mitologia> Animal fabuloso representado com corpo de cavalo e um só chifre no meio da testa. *O espécime tinha uma estrutura rígida na cabeça, como um capacete, composto por camadas de queratina. Por conta disso, recebeu o nome de Discokeryx xiezhi, uma homenagem ao xiezhi, criatura da mitologia chinesa parecida com um unicórnio.*²³⁰ 2.  <termo/trabalho> Empresa emergente avaliada pelo mercado em mais de \$ 1 bilhão (dólares americanos). *Facily: Entenda como empresa foi de 'unicórnio' a demissões em massa*²³¹.

vagabundo adj. 1. Que é de má qualidade. *Estas camisetas são muito vagabundas.* 2.  <pejorativo/xingamento> Que não faz nada, não trabalha. *Aquele menino vagabundo não estuda.* **sinônimo:** vadio, irresponsável. **antônimo:** trabalhador, responsável. (p. 309)

vesgo adj.  <pejorativo/ofensa> Que tem um ou os dois olhos voltados na direção do nariz. *Beto era vesgo e precisava usar óculos.*

²²⁴ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-164139/>.

²²⁵ Frase-exemplo retirada do site: <https://ndmais.com.br/educacao/entenda-por-que-reajuste-do-salario-de-professores-em-sc-virou-polemica/>.

²²⁶ Frase-exemplo retirada do site: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2022/06/15033236-vnl-2022-feminino-quando-e-o-proximo-jogo-do-brasil-veja-onde-assistir-brasil-x-china-horario-classificacao-e-a-tabela-de-jogos-do-brasil-na-liga-das-nacoes-de-volei.html>.

²²⁷ Frase-exemplo retirada do site: <https://forbes.com.br/colunas/2020/08/novo-recorde-tenis-usado-por-michael-jordan-e-leiloado-por-us-615-mil/>.

²²⁸ Frase-exemplo retirada do site: <https://super.abril.com.br/ciencia/cientistas-querem-criar-tabela-periodica-da-inteligencia-animal/>.

²²⁹ Retirado de CAV.

²³⁰ Frase-exemplo retirada do site: <https://gizmodo.uol.com.br/fossil-de-unicornio-chines-pode-explicar-surgimento-do-pescoco-da-girafa/>.

²³¹ Frase-exemplo retirada do site: <https://www.suno.com.br/noticias/facily-startup-unicornio-demissoes-massa/>.

watt s. masc. △ <termo/ciência> Unidade de medida de energia que serve, por exemplo, para indicar a potência das lâmpadas. *Uma lâmpada econômica de 15 watts pode produzir a mesma quantidade de luz que uma lâmpada incandescente de 60 watts.* pl.: **watts**. **Obs.:** símbolo W.

xixi s. masc. △ <popular/corpo> Urina. *Mamãe trocou o nenê porque ele havia feito o xixi.* **Obs.:** palavra usada normalmente na linguagem familiar.

yakisoba s. masc. △ <estrangeirismo/exterior> Prato criado pelos japoneses, que leva macarrão, legumes, carne de vaca e/ou frango, e um molho de soja chamado *shoyu*. *Hoje se vende yakisoba até na rua.* pl.: **yakisobas**. **Obs.:** palavra de origem japonesa incorporada à língua portuguesa no Brasil e pronunciada iaquissôba.

zebra s. fem. **1.** Animal mamífero, nativo da África, que tem listras pretas sobre fundo branco. *Ontem, nasceu um filhote de zebra no zoológico da cidade.* **2.** △ <informal/figurado> resultado imprevisto. *Zebra no clássico. Pela situação atual dos dois times a vitória do Joinville em cima do Avaí, por 1 a 0, em Florianópolis, pode ser considerado um resultado imprevisto²³². ver mamífero.*

²³² Frase-exemplo retirada do site: <https://amp.futebolinterior.com.br/serie-b-atletico-go-derruba-o-vasco-ultimo-invicto-e-nautico-atropela-o-parana/>.

ANEXO III – Entradas selecionadas para destacar acepções com marcas de uso²³³

entrada	FB	DA I	P V	DI P	AUjr	SJ	HO c	NAu	MI	DUP C	AU	HO	CAv	HOv
abacaxi	IN	Ø	Ø	Ø	POP	POP	IN	POP PEJ PE AL	Bot ant mil GÍR	COL	GÍR Bras. PE AL Angol Bot	Bras. angios. IN PEJ	POP PEJ PE AL	Bras. angios IN PEJ PE AL
abafado	---	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	IN	Fig. Bras. POP PE	POP	Ø	Bras. POP PE	Bras. IN PE	Fig. Bras. POP PE	Bras. IN PE mar
bafo	IN	Ø	Ø	X	Bras.	GÍR Bras .	IN	Bras GÍR Fig. POP cul	Ø	Ø	Bras GÍR Fig.	Fig.	Bras GÍR Fig. POP cul	Fig.
boneca	Fig.	Ø	Ø	Ø	Bras.	Fig. PEJ	IN gr Bras PEJ	Fig. Bras. art.gr PEJ GÍR const. arm.	folc. tip. arqu. naut. POP	COL	Fig. encad . Bras. art.gr const. PEJ FAM	cost. agr. alv. Bras.R J const. art.gr eng.m. PEJ	Fig. art.gr joc jorn PEJ	cost. agr. alv. adr Bras. RJ GO const. art.gr eng.m geo mar PEJ
criança	Ø	Ø	Ø	Ø	Fig.	Fig.	Ø	Fig. GÍR fut	Ø	Ø	Ant	Ant region. Bras.	Fig. GÍR fut	IN Bras. fut lus Ant
dicionário	info rm	Ø	Ø	Ø	Ø	fig	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	lex. bibl. fig.	Ø	lex. bibl.
família	Ø	Ø	Ø	Ø	Ciên. nat	Biol Ling	Fig	Biol. Ling. Art. gr Quím Soc.	Hist. nat Quím. Soc. Tip. Apic. Geol. Miner.	Ø	Biol. Fig Ling. Genet Quím Soc. Tip. Bras. MG MT RS	Fig Biol Art.gr Quím	Biol Ling Art.gr . Quím Soc.	IN fig bio gráf quím mat MG PR RS MT
galera	---	Ø	IN	---	Bras. POP	GÍR mar. fut.	IN	Bras GÍR	POP	COL	Bras	IN Bras obso mar	Bras ant mar antq	IN Bras obso crus mar fut
galho	Ø	Ø	Ø	Ø	ciênc . nat	bot. zoo.	Bras IN	bot. anat zoo Bras POP GÍR	POP	COL	Bras GÍR MG	anat zoo IN Bras	bot. anat zoo Bras POP GÍR	anat zoo IN Bras
parasita	Ø	Ø	Ø	Ø	ciên. nat fig.	biol fig	biol PEJ	biol	bot	Ø	Ø	biol PEJ med Bras	biol	PEJ ecol med orn Bras
pintar	fig IN	Ø	Ø	Ø	Bras GÍR	Bras POP	Bras GÍR	Bras POP	RS GÍR inform	COL	Bras GÍR RS	Bras IN	fig Bras	Bras gar

²³³ As marcas de uso utilizadas neste Quadro foram abreviadas pelo autor desta tese em função do espaço restrito interno, eventualmente, podem corresponder a alguma(s) marca(s) utilizada(s) pelos lexicógrafos responsáveis pelas obras do *corpus*.

								GIR fig					POP RS	RS infor m
pinto	IN	Ø	Ø	---	Bras	POP	Bras IN	FAM POP Lus econ	GIR POP	COL CH	zoo ant GIR CH	IN ict	FAM POP ict Lus econ	IN eufem ict nums
pipa	Ø	Ø	Ø	Ø	Bras	Bras POP	Ø	Bras lud joc antq POP	POP zoo	Ø	Bras POP	Bras lud joc IN	Bras lud joc POP antq	Bras lud joc IN
povo	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	fig POP	fig POP	Sociol	Ø	fig Bras.	IN	fig POP	fig Bras. IN ant
traçar	---	Ø	Ø	Ø	Ø	POP	Ø	fig. Bras. CH	Ø	CH	Bras. POP FAM	fig. Bras.	fig Bras POP VU	fig Bras Lus

Fonte: Elaborado pelo autor.

A lista de abreviaturas abaixo corresponde àquelas adotadas durante nossas análises para nos referirmos às marcas de uso encontradas no *corpus*. Elas estão reunidas no Quadro deste Anexo.

Aç: Açores
aer: aeronáutica, termo
aeronáutico
Afr: africano
Ag: Angola
Agr: agricultura
Al: Alentejo
alim: alimentação,
alimento(s)
An: antigo, antiquado
Anat: Anatomia, anatomia
geral
Angi: angiospermas.
Ag: Artes gráficas
Ap: Artes plásticas
arc: arcaísmo
arq: arquitetura
art: artesanato
ArV: Arqueologia Verbal
B: Brasil, brasileirismo
BA: Bahia
Bot: Boânica
CE: Ceará
Cn: Ciências naturais
cn: construção naval
cul: culinária
CV: Cabo Verde (Ilha Brava)
Dç: dança
dec: decoração
des: desusado
ec: economia

ef: eufemismo
ento: entologia
etn: etnografia
esp: esportes
Fig: figurado
Fut: futebol
G: Geografia
GB: Guiné-Bissau
Geol: Geologia
Geom: Geomorfologia
gloss: glossônimo
GO: Goiás
Gro: grosseiro
H: história
hip: hipologia
ict: ictiologia
IM: Ilha da Madeira
jor: jornalismo, editoração
lit: Literatura
lud: ludologia
Lus: lusitanismo
MA: Maranhão
Mar.G: Marinha de Guerra
Mar: Marinha
Med: medicina
met: meteorologia
MG: Minas Gerais
mil: militar
mús: música
N: Norte
náu: Náutica

núm: número
numi: numismática
NE: Nordeste
Obs: obsoleto
orn: ornitologia
P: política
PE: Pernambuco
PI: Piauí
Port: Portugal
Pol: política
piro: pirotecnia
psc: pesca
quí: Química
Reg: Regionalismo
restr: restritivo
RJ: Rio de Janeiro
RS: Rio Grande do Sul
S: Sul
SE: Sergipe
TcT: Tecnologia Têxtil,
indústria têxtil
tip: tipografia
tip: tipografia
tl: têxtil (indústria)
tupi: Tupi
ves: alfaiataria, chapelaria,
costura, vestuário
Z: Zoologia, anatomia
zoológica, mastozologia